HISTORIA
DE
SANTAREM
EDIFICADA.

HISTORIA DE SANTAREM EDIFICADA,

QUE DÁ NOTICIA DA SUA FUNDAÇAÕ, e das couzas mais notaveis nella ſuccedidas.

A SABER,

Das fundaçoens de todas as ſuas Igrejas, aſſim das Paroquias, como dos Conventos, e Ermidas, dos prodigioſos Milagres ali ſuccedidos, das Reliquias que em ſi encerra, das vidas de varios Santos, e Beatos, e de muytas peſſoas dignas de memoria, aſſim em virtudes, como em letras, e armas, todas naturaes de Santarem, e de tudo o que toca ao ſeu Termo, e Comarca, do que ſe ſegue dar muitas noticias de todo o Reyno.

PRIMEIRA PARTE,

COMPOSTA PELO PADRE

IGNACIO DA PIEDADE E VASCONCELLOS,

Conego ſecular da ſagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, Definidor actual na meſma Congregaçaõ, e natural da Villa de Santarem.

Dada à luz por hum curioſo amante da ditta Villa.

LISBOA OCCIDENTAL,

ANNO DE M. DCC. XXXX.

Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-ſe a Primeira, e Segunda Parte na Logea de Jozè Franciſco Mendes, a diante da Igreja da Magdalena, e na de Antonio da Coſta defronte da Igreja da Boa-Hora.

A'
GLORIOSA PADROEIRA
Da Villa de Santarem,
A
PRODIGIOSA
SANTA IRIA.

GLoriosa Santa. Com grãde instãcia està sempre o merecimẽto persuadindo retribuições a quem recebe beneficios; cujas vozes lizongeaõ huma vontade, que dezeja publicar-se

 deve-

devedora. A obrigaçaõ que ſe conſtitue no animo daquelles que recebem favores, he hum fiel deſpertador que lhe grita aos ouvidos para ſe naõ retardar a ſatiſfaçaõ. Eu, q́ dezejo ſer agradecido ſem tropeço de ingratidoens, reverente a voſſos pès ſolicito conheceres o meu rendimento, acreditando-o na execuçaõ, com que agora no prèlo o faço manifeſto.

A Hiſtoria de Santarem Edificada *exponho hoje à luz publica por meyo da eſtampa, hindo nella de companhia o zelo da Patria, e a devoçaõ q́ me obriga a eſta Dedicatoria; porque ſendo eu filho de huma taõ illuſtre Mãe, qual he eſta Villa; e Vòs, ò Prodigioſa Santa, ſendo della inclyta Padroeira, eſquecimento fora ſem deſculpa, naõ vos conſagrar eſtas primicias da minha penna, para ſe acreditarem com o azilo de taõ Soberana Protectora, e ſe defenderem debaixo do voſſo ampáro de toda a calumnia. Huma das mayores culpas de que ſe póde arguir a natureza*

huma-

humana, he a ingratidaõ; porque naõ reconhecer as dividas, fas os homens como irracionais ſemelhantes aos brutos: e por eu naõ incorrer em taõ prejudicial delicto, vos buſco, naõ ſó obrigado, mas affectuoſo com a dedicaçaõ deſta Obra, que tanto toca ao credito da Voſſa juriſdicçaõ. He eſta, Soberana Santa, ſoccorreres aos naturaes da meſma Villa; pois eſcolheſtes Vòs as agoas do ſeo Tejo para voſſo jazigo, que por ſuperior impulſo, tendes debaixo dellas o voſſo ſagrado corpo, bem como precioſa perola na concha de voſſo Angelico tumulo: e porque os prodigioſiſſimos milagres que alli obraſtes, e ſempre eſtais obrando, protegendo a voſſa eſcolhida Scalabitana com o eſpecial valimento que tendes com Deos; por todos eſtes motivos naõ podia buſcar outra protecçaõ; e parece que de juſtiça eſtais obrigada a defender eſte livro da mordacidade dos zoilos, tendo Vòs tanta parte nelle pelos memoraveis pro-

gressos das vossas maravilhas. Dignai-vos pois, miraculosa IRIA, de aceitar esta minha offerta, que naõ só he minha, mas muito vossa. E para que da liçaõ deste livro, que recorda as memorias de tantos prodigios da Divina graça, dos exemplos das maravilhosas vidas de tantos Santos, e Bemaventurados, que desta Villa caminháraõ com santissimas obras para a Celeste Patria, espero, que a todas as pessoas, que isto lerem, lhes alcanceis, ó Prodigiosa Santa, de Deos os auxilios, para que todas emendem as vidas, e permaneçaõ em santos costumes, e que rogueis por mim a Deos em quanto me durar esta vida, para que na eterna vos veja sempre. Amen.

Vosso humilde Servo

O P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos.

A

A QUEM LER.

DEpois de grandes dezejos, e dilatadas esperanças, sahe à luz a Historia de Santarem, para dar com ella satisfaçaõ a muitas pessoas, que assim mo persuadíraõ. Bem sey Leitor (com qualquer que sejas fallo) que sempre hirà este Livro exposto à mordacidade dos criticos; e tambem naõ ignoro, que poucos, ou nenhuns Escritores que escrevem semelhantes obras, se livraõ de tropeçarem nos reparos, que ordinariamente fazem os murmuradores, a que vulgarmente chamaõ Zoilos: pois huns reprovaõ o estilo, outros as materias; e muitas vezes antes destas se terem visto no livro, antes de se examinar a frase, jà se condena o Author. Mas he isto costume taõ inveterado, que jà delle se queixou S. Jeronymo; nem foy bastante defensa ser elle o Doutor Maximo da Igreja, para ficar livre de censuras, naõ pouco temerarias, que para naõ condenar-lhe hum livro, bastava ler na primeira folha o seu nome. Diz o Santo: *Accedunt invidorum studia, qui omne quod scribimus, reprehendendum putant.* Nesta consideraçaõ me detive algum tempo, e esta foy a causa porque retardei em satisfazer as sobreditas instancias, que me precisavaõ a que sahisse com este Volume, representando-o no publico theatro da estampa. Com final deliberaçaõ me determinei a satisfazer

D. Hier. ad Domionẽ, & Rogatianum &c.

zer eſtas perſuaſoens, e aſſim o fiz; porque recordando as palavras de S. Jeronymo, nem pertendo por eſta obra adquirir applauſos, nem ſer por ella vituperado: *Nec affectamus laudes hominum, nec vituperationes expaveſcimus.* Naõ duvido porèm, que neſte livro acharà o leitor ignorante muito que reprovar; o que for prudente uſarà da diſſimulaçaõ, e naõ do rigor da critica: e o douto (que commumente naõ he licencioſo) bem poderà ſaber qual ſeria a emenda para melhor o approvar. Penſáõ he eſta de quem ſe expoem a eſcrever as ſuas obras, para as entregar nas mãos de tanta variedade de juizos: grandeza he de Deos, que deo os entendimentos aos homens com tanta variedade, e diverſidade de limitaçoens; e ainda em todos os ſentidos lhe aſſemilhou os diſcurſos dos entendimentos nas vontades das potencias; pois vemos univerſalmente, que em hum jardim de varias flores, que he para a viſta, e para o olfato ornato pompoſo da natureza, nem a todos lhe agradaõ todas as flores, nem em hum pomar todos os pomos.

D. Hier. in præfat. in libr. Eſth.

O que ſuppoſto, pelas razoens ſobreditas, ſempre neſte livro alguem achará alguma flor de que ſe agrade, para a converter em fruto de devoçaõ, e algum pomo taõ goſtoſo, que por elle louve ao ſeo Creador, que he o fim para que eſcrevemos. Naõ perſuado neſte Prologo aos que lerem o livro, que colhaõ nelle flores de elegantes periodos, mas digo, que bem pódem delle recolher nas refórmas das vidas, os frutos dos ſantos exemplos que em ſi encerra. Nelle

com

com ſingelo fio, deixey livremente correr a penna, para com mais clareza expreſſar a verdade, que he a alma da hiſtoria, fugindo de enfeitar conceitos, eſtilo que anda reprovado na praxe dos Hiſtoriadores. Jà em outra idade muito differente da em que agora me vejo, dezejava eu fazerte eſte meſmo offerecimento que agora faço, porèm ſe quizeres ſaber o motivo deſta tardança, tendo noticias da minha vida, pódes entender, que gaſtey quaſi toda em diverſas occupaçoens de exercicios religioſos, e juntamente applicando-me à liçaõ, e eſtudo dos livros, q̃ he a melhor fruiçaõ da mocidade. Agora, que me conſidero naquelles annos em que o meſmo S. Jeronymo diz, ſe colhem os ſazonados frutos dos eſtudos de toda a vida paſſada: *Senectus veterum ſtudiorum fructus dulciſſimus carpit.* Tambem delles te quero fazer participante neſta offerta, ainda q̃ pelo eſtilo os aches frutos agreſtes.

D. Hier. in quad. Ep. ad Nepom.

Aqui acharàs neſta Hiſtoria de Santarem muitas, e diverſas noticias em que qualquer peſſoa póde exercitar o genio, inſtruindo com utilidade a ſua applicaçaõ; porque, ſe como confeſſaõ os Criticos, antigos e modernos, he a Hiſtoria meſtra da vida, por ſer couſa verdadeira (que iſſo quer dizer a Hiſtoria) acharàs neſta hum certiſſimo nivèl das melhores acçoens humanas, aonde cada hum póde por ellas regular os ſeus bem intencionados progreſſos: ſeguindo as virtudes nos bons exemplos, e apartarſe dos vicios. Os que quizerem ſeguir o verdadeiro caminho do Ceo, aqui tem outros tantos eſpelhos, quantos

tos ſaõ as maravilhoſas vidas dos Santos, e Bem-aventurados, que em ſeus lugares ſe referem. Os que ſeguirem as letras, e Univerſidades, tem perfeitos modelos para idearem os melhores projectos para os acertos. Os Militares, q̃ nas guerras ſe quizerem fazer famoſos pelas armas, tambem acharàm genuino eſtimulo cõ que poderaõ conſeguir grandes emprezas. Os prudentes attencioſos, aqui veraõ os diſcretos termos das corteſanìas, nos diverſos axiômas dos mais politicos Heróes do Mundo, em que ſe ſouberaõ haver com brioſos lances os naturaes de Santarem. Ultimamente aqui terà qualquer leitor que admirar notaveis cazos, ſuccedidos nas antiguidades deſte Reyno: fundaçoens de famoſos Conventos, e de Igrejas: os paſmoſos milagres, e reliquias, que de tudo he venturoſo cofre a meſma miraculoſa Scalabitana.

Para compor eſta Obra revolvi com grande trabalho muitos Cartorios da meſma Villa, vendo os authenticos, que ſaõ as melhores teſtemunhas, e os textos mais fieis para o credito de ſemelhantes obras; e com elles ajuſtey a verdade: e he ſem dúvida, que nelles achey muitas couzas, que naõ dizem com outros relatórios de algumas deſtas noticias que correm impreſſas em opuſculos de eſcritores graves; do que venho a entender, que alguns deſtes eſcreveraõ ſem primeiro verem os ditos Cartorios, ou por ſeguirem a outros mal informados, ou por ſe fiarem na fé das tradiçoens; que eſtas muitas vezes o vulgo as gloſa muito àlem da ſua pure-

pureza. Por todas as reviſtas deſtas couzas paſſey, naõ como hoſpede, porque o amor da patria ſempre infunde nos coraçoens hum naõ ſey que de propenſaõ, para lhe inquirir com bons dezejos a certeza das ſuas excellencias. Niſto trabalhey com as forças da minha capacidade. Se neſta obra achares, ò Leytor (qualquer que ſejas) alguma couza digna de louvor, a Deos o pòdes dever, que ſó elle he o que dà os bons acertos: e quando deſcobrires materia que mereça vituperio, dà graças ao meſmo Senhor, por te dar melhor entendimento; e faze muito por te aproveitar delle para te ſalvares.

VALE.

PROTESTO DO AUTHOR.

POr quanto neſte livro tambem ſe trata de varios Servos de Deos, que vivèraõ, e morrèraõ com fama de grande virtude, e ſantidade, e ſe referem alguns milagres que pelos ſeus merecimentos quereria o meſmo Senhor obrar; e ſe manifeſtaõ outros Voroens illuſtres, que deraõ a vida pela noſſa Santa Fé: por tudo proteſto naõ terem outra alguma authoridade, mais que puramente aquella que he humana, nem ſe lhe devè outro credito, ſenaõ o que merecem os archivos, e Authores donde eſtas memorias ſe tiráraõ, nem ſe devem ter como approvadas pela Santa Sê Apoſtolica, ſalvo o que ſe diz de Santos canonizados, ou Beatificados pela Igreja, a cujo ſentir rectiſſimo me ſogeito como fiel, e verdadeiro filho da meſma Santa Madre Igreja de Roma.

LICEN-

LICENÇAS DA CONGREGAÇAŌ.

Approvaçaō do M. R. P. M. Ignacio de de S. Antonio, Lente jubilado na Sagrada Theologia.

REVERENDISSIMO P. GERAL.

POr ordem, e mandado de V. Reverendiſſima vi com toda a attençaō o livro intitulado *Hiſtoria de Santarem Edificada*; o qual pertende dar ao prèlo ſeu Author o R. P. Prègador Ignacio da Piedade Conego deſta Congregaçaō do Evangeliſta, e Difinidor da meſma. E ſendo os perceitos de V. R.ᵐᵃ acrèdores de toda a obſervancia, eſte foy para mim de incomparavel eſtimaçaō, pelo grande goſto que tive de o ler, e pelas eſtimaveis noticias que ſó delle cheguei a alcançar.

Com juſtiſſima razaō o intitula *Santarem Edificada*; porque melhor edifica huma diſcreta penna eſcrevendo, do que os mais peritos Artifices obrando; porque as obras mais heroicas deſtes, ficaō ſugeitas às ruinas, e inclemencias dos tempos; e os raſgos daquella ficaō ſubſiſtindo para eterna lembrança, que ſe o fatal deſcuido dos antepaſſados deſtruio, e ſepultou entre as cin-

zas da antiguidade as illuſtres e honradas noticias que para o credito da naçaõ Portugueza, e gloria daquella illuſtre Villa deviaõ eſtamparſe em laminas de bronze para eterna memoria; eſte grato Filho de taõ honorifica Patria, com ſeu efficaz zelo, e incançavel trabalho, naõ ſó reſuſcita os creditos de taõ illuſtre Mãy; mas de novo a edifica pertendendo ſair à luz com ſuas excellencias, que por muitos ſeculos, em as trevas do eſquecimento eſtiveraõ ſepultadas.

Nenhuma Monarquia conſeguio maiores creditos, e applauſos do que Roma, em quanto ſeus Naturais, e Alumnos a exornáraõ com ſeus eſcritos; mas tanto que eſtas acçoens ſe ſuſpendèraõ, logo as glorias de Roma ſe acabáraõ, como lamenta Luſio, trat. 12. Eſdras por ſer exacto e cuidadoſo Chroniſta do Teſtamento velho, ſe fes acredor dos predicados de reſtaurador de Jeruſalem, e de ſeu Templo; por dar com ſeus eſcritos nova vida a ſuas memorias, que o eſquecimento tinha ſepultadas; e por eſta razaõ com o excelſo predicado de Nehemias o appelidáraõ, que ſe interpreta Conſolador.

Naõ me detenho mais em os bem merecidos applauſos do Author, por naõ offender a ſua exemplar, e religioſa modeſtia; mas para excelſo credito, e gloria ſua lhe baſta a univerſal aceitaçaõ, e applauſo de outro Tomo, com que jà ſahio à luz intitulado *Artefactos Symetriacos, e Geometricos*, que ſuppoſto as materias ſaõ diverſas, a applicaçaõ, e diſvélo foy o meſmo; enſinando os acertos com que ſe deve edificar; e agora

gora deixando para a poſteridade o meyo com que as obras heroicas devem permanecer, para cujos effeitos naõ houveraõ memorias que naõ viſſe, nem noticias que naõ examinaſſe. Finalmente he taõ util eſta obra, que ſerve de glorioſo credito a ſeu Author; ſendo o meſmo Author heroico credito da meſma obra; como em ſemelhante caſo decantou Ouvenio: *Hoc opus Authorem laudat, & Author opus*, e aſſim he em tudo, e por tudo louvavel; naõ ſó por abundante de taõ eſtimaveis noticias, mas tãbem por ſer izenta de affectaçoens, como ſe vè da clareza da fraze, e lizura do eſtillo.

E como naõ offende a Fé Catholica; e com as doutrinas perſuade os bons coſtumes; e tambem naõ encontra às leys da Congregaçaõ, e obſervancia religioſa, me parece que o Author ſe fas digno da licença que pede; e V. R.[ma] mandarà o que for ſervido. S. Bento de Xabregas em 20 de Dezembro de 1737.

Ignacio de Santo Antonio.

Appro-

Approvaçaõ do M. R. P. M. Pedro do Sacramento Lente jubilado na mesma Sagrada Theologia.

REVERENDISSIMO P. GERAL.

VI, e gostosamente revi o livro de que trata a petiçaõ, intitulado: *Historia de Santarem Edificada*, composto pelo muito R. P. Ignacio da Piedade, Conego, e Definidor actual desta Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista; e nelle acho, e admiro aquella taõ nobre, taõ illustre, e taõ esclarecida, como antiga Villa de Santarem taõ bem edificada, que nesta sua Historia melhor que com a vista se daõ a conhecer os nobilissimos, e em tudo régios primordios da sua fundaçaõ, e protentosa erecçaõ, e fabrica de todos os seus religiosissimos Conventos, Igrejas, e mais sumptuosos Edificios, com taõ varia e agradavel vastidaõ de noticias, que com grande erudiçaõ se estendem a todo o seo Termo, e Comarca, as notaveis maravilhas, prodigiosos, e estupendos milagres, que nella se obràraõ, e ainda athè o presente com assombro se admíraõ, os insignes, e taõ dignamente famigerados Varoens, que nella se creáraõ, e florecèraõ, sendo àlem dos termos de inveja abalizados em virtudes, letras, e armas, Obra verdadeiramente digna de hum filho, que a huma taõ illustre, como fecunda Patria, dà, e sabe dar a mayor gloria, naõ só com o universal applauso que conseguio

com

com o ſeo taõ curioſo, como util volume novamente dado à luz publica com o titulo de *Arteactos Symetriacos, e Geometricos*; mas tambem com eſte taõ diſcreto, como erudito livro, em que manifeſta ſobre humas taõ precioſas, como luzidas pedras a ſua temporal, e eſpiritual edificaçaõ, eternizando-lhe com a pertendida luz da eſtampa huma taõ grande gloria, que ſe dilatarà por todo o Orbe nas azas da fama: e tendo jà eſte livro a merecida approvaçaõ de meo Meſtre o M. R. P. M. Ignacio de Santo Antonio, qualquer outra cenſura, ainda que laudatória, era ſuperflua, como em ſemelhante caſo julgou doutamente S. Maximo, Humil. 2. de Nativit. S. Euſebii: *Ad laudes addidiſſe, aliquid decerpſiſſe eſt*: e ſó me reſta o expreſſar, que em tudo, e por tudo me confórmo com o parecer de hũ taõ grande, e douto Meſtre, porque tudo quanto ſe eſtà vendo neſte livro he para mayor exaltaçaõ da Santa Fè, com toda a conformidade aos decretos de Sagrados Concilios, e com louvavel execuçaõ das inviolaveis leys dos bons coſtumes, fazendo-ſe aſſim digno de ſair à luz publica: eſte o meo ſentir. V. Reverendiſſima mandarà o que for ſervido. Santo Eloy de Lisboa Oriental em 25 de Janeiro de 1738.

Pedro do Sacramento.

DAmos licença para ſe imprimir o livo de que trata a petiçaõ pelo que nos toca, viſtas as approvaçoens. Lisboa Oriental S. Bento de Xabregas, 26 de Janeiro de 1738.

Theodoſio de Santa Martha.

LI-

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Manoel Coelho, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI por ordem de V. Eminencia o livro intitulado *Historia de Santarem Edificada*; composto pelo Reverendissimo P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos Conego secular da Sagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, Definidor actual na mesma Congregaçaõ; e sendo a liçaõ dos livros para mim do mayor gosto, esta o foy do mayor agrado, pelo vasto das noticias, que o seu Author adquirio para abono da sua Patria. Muitos tem sido os que escrevéraõ da fundaçaõ de Santarem; mas escrevendo muitos; o Author deste livro, me parece póde dar liçaõ a todos. Todos escrevéraõ, fundados, ou no que lerão; ou no que ouvírão; o Author deste livro todo o seu fundamento he pelo que vio; e se algumas noticias excedem aos seos annos, segue aos Authores mais verdadeiros; não contém cousa alguma contra nossa Santa Fè, ou bons costumes, e me parece digno da licença que pede. V. Eminencia mandarà o que for servido. S. Domingos de Lisboa 12 de Junho de 1738.

Fr. Manoel Coelho.

Vista

Vista a informaçaõ, póde-se imprimir o livro intitulado: *Historia de Santarem Edificada*, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 17 de Junho de 1738.

Alancastre. Silva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Prègador Geral Fr. Joaõ Pacheco.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Li com summa attençaõ, e intimo gosto este livro intitulado: *Historia de Santarem Edificada*; composto pelo M. R. P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos, Conego secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, e nella actualmente Definidor; e naõ achei nelle couza alguma, que seja contra a Fè e bons costumes, nem possa escandalizar, nem soar mal aos pios e catholicos ouvidos: antes tenho por sem dúvida, que todos os que lerem esta Historia, sentiràõ, e julgaràõ della, o que sentio de outra o Profeta Oseas no c. 14: *Memoriale ejus, sicut vinum Libani*; pois se a doçura daquelle vinho era tal, qual com razaõ ponderáraõ os Santos Padres, esta mesma doçura se acha nesta Historia. Toda ella he hum prado deleitoso, e proveitoso pela di-

versidade, e variedade de memorias que contém; e se ao vinho do Monte Libano chamou S. Jeronimo vinho misturado com o Thimiama, que se compunha de varias confeiçoens odoriferas; o mesmo póde facilmente discorrer desta Historia todo o juizo.

Todo o emprego do Author se cifrou em dar plena noticia dos gloriosos principios, e progressos de sua illustre Patria, donde se infere, que a noticia taõ exacta precedéraõ grandes, e mais que ordinarias diligencias. E se pareceo singular destreza encerrar toda a Iliada de Homero no concavo de huma noz, quanto mayor foy recolher tantas memorias antigas, e modernas no corpo deste livro? Sinceramente confesso, que me deixa admirado ver neste livro huma relaçaõ de varios cazos, prodigios, e successos com huma superior destreza, e facilidade abreviados em taõ curto volume. Sempre foy admiraçaõ para os entendidos a invençaõ dos Mapas; porque como disse Justo Lipsio, poem em huma maõ, e à vista dos olhos todo o Orbe com suas povoaçoens, máres, e terras, elevaçones, e distancias: *In promptu, & in una manu, & sub uno oculorum ictu*; e admiraçaõ naõ menor deve causar este Epitome, ou novo Mapa da notavel Villa de Santarem; pois em volume taõ breve comprehende tudo, quanto succedeo para a fundaçaõ desta Villa, para a sua ampliaçaõ, para a gloria dos seos Heroes, para o desvanecimento dos seos naturaes, para a nobreza dos seos Edificios, para a erecçaõ dos seos Conventos, Paroquias, e

Ermi-

Ermidas, para o raro dos ſeus milagres; para à conveniencia, e divertimento dos que nella habitaõ, por ella paſſaõ, e nella ſe hoſpedaõ; em fim para recreio dos patricios, e eſtranhos: offerecendo ao leitor o paſſado, e o preſente, para que daqui por diante poſſaõ todos ſer anciaõs nella, e em todo o Portugal; pois como diſſe Cicero, eſcrevendo a Heronio a noticia das couſas antigas fas aos moços velhos, e contentarſe com ſaber ſómente o que paſſou, depois de naſcermos, he ſempre de meninos: *Nihil earum rerum ſcire, quæ antequam naſcereris, facta ſunt, hoc eſt ſemper puerorum,*

Eſtà eſta Obra taõ trabalhada, como o moſtraõ as ſuas margens cheias de Authores tantos, e taõ fielmente allegados, que naõ farà dúvida à inteira noticia dos verdadeiros principios deſta Villa, das façanhas, e proezas de varios inſignes em virtudes, letras, e armas. O eſtilo he ſincero, a eleiçaõ famoſa, eſcolhendo o mais certo do duvidoſo, ſeguindo os Authores de mais credito, conciliando com brandura os ſeus encontros, tratando com modeſtia aos que em alguma couſa ſe arrojaõ, apurando a verdade, como taõ importante para a Hiſtoria, que ſem ella lhe chamou Polibio *corpo ſem olhos.* Por eſta razaõ aconſelhava Plinio o mais moço a Canino Rufo, agradado de certa obra ſua, que ſahiſſe à luz com ella: *Cum denegetur diu vivere, relinquamus aliquid, quo nos vixiſſe teſtemur:* depois de lhe ter dito: *Effinge, & excude quod ſit perpetuo tuum.* E como jà o Author ſahio com os ſeus *Artefactos*

 Sym-

Symmitriacos, *e Geometricos* à luz, parece razaõ, que continue em dar à luz outras obras, em que a ſua louvavel curioſidade ſe occupa; para que ſe diga com Beroaldo: *Qui non ſibi, ſed etiam poſteris vixiſſe creditur.* Eſte he o meu parecer, ſalvo &c. Lisboa Oriental, Convento de N. Senhora da Graça. 18 de Agoſto de 1738.

O Prègador Geral Fr. Joaõ Pacheco.

VIſta a informaçaõ póde-ſe imprimir, e depois de impreſſo tornarà. Lisboa Oriental e de Agoſto 25 de 1738.

Cunha.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Lucas de S. Catharina da Ordem dos Prègadores Chroniſta da meſma Ordem Qualificador do S. Officio, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

SENHOR.

LEndo eſta Hiſtoria da Villa por antonomaſia a notavel do Reyno, tenho admirado o quanto ſeu grande Hiſtoriador acertou em tomala por aſſumpto, no bem que no ſeu deſempenho, lhe imitou o epitecto. Aſſim o confirma

firma na indagaçaõ veridica, e elegancia hiſtorica, em que lhe adianta nas verdades de antiga, os nobres timbres da antiguidade illuſtrada; duplicando-lhe agora ſobre as glorias de ſe lhe proteſtar filho, as igualmente eſtimaveis de lhe eſtabelecer o credito; e fica deſempenhada huma grande correſpondencia, q̃ ſe a mãy o alimentou para luſtre da Hiſtoria, o filho a hiſtoriou para emprego da Fama. Quem aſſim ſoube grangear as ſuas vozes, naõ podia cahir no erro de tropeçar em materia, que pareceſſe indecente ao Real ſerviço de V. Mageſtade, e aſſim me parece digno o Autor da licença que pede. V. Mageſtade ordenarà o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental em 28 de Agoſto de 1738.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e deſpois de impreſſo tornarà à Meſa para ſe conferir, e taxar, que ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental, 9 de Setembro de 1738.

Pereira. *Cardeal.*

Vas de Carvalho. *Coelho.*

Eſtes

EStes livros eſtaõ confórmes com o Original. Lisboa Occidental, e Congregaçaõ do Oratorio. 17 de Março de 1740.

Jozè Troyano.

VIſto eſtarem confórmes com o Original, pòdem correr. Lisboa Occidental, 18 de Março de 1740.

Alancaſtre. Teyxeira. Soares. Abreu.

VIſto eſtarem confórmes com o Original, pòdem correr. Lisboa Oriental, 18 de Março de 1740.

Sylva Pedrozo.

QUe poſſaõ correr, e taxaõ em mil e duzentos cada tomo. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1740.

Pereira. Teyxeira.

CAR-

CARTA

Do M. R. P. M. Fr. Filippe de Santo Agoſtinho, Religioſo de S. Franciſco dos Obſervantes da Provincia de Portugal, para o Author do meſmo livro.

M. R. P. M. IGNACIO DA PIEDADE.

TIVE a ventura de ver o livro de que V. P. fas mimo à luz do prèlo; e por divida da minha obrigaçaõ, devo pagarme tanto deſta viſta, que o menor tributo he eſte meu obſequio: o mais he fazerme V. P. digno deſte eſtimavel theſouro; que ſendo ſeu, he hũ livro todo ſellado com ſete miſteriosos ſellos, pelas ſete diverſidades de homens, que nelle haõ de conhecerſe: em Vandalos, Suevos, Turdulos, Godos, Mouros, Eſpanhoes, e Portuguezes; todos habitantes do Eſcalabitano Continente: por ſer terra taõ antiga, que neſtas conhecidas differenças, deixou contar os annos a milhares, onde encobrio ſummas grandezas, pelo que faltavaõ jà as meſmas memorias.

Neſta Hiſtoria venceo V. P. muitos impoſſiveis com a ſua bem aparada penna, em moſtrar nas noticias de Santarem a certeza da verdade, a ſua opiniaõ provada, a payxaõ vencida, e as dúvidas desfeitas, que tudo naõ he taõ difficultoſo a quem eſcreve ultimo; como o podia ſer a

V.

V. P. por Author primeiro de ſemelhante Obra: ficando-lhe dobrado o credito de naõ faltar a alguma condiçaõ das que padecem taõ grandes difficuldades.

Salamaõ entre os ſabios, Creſſo entre os ricos, Mario entre os fórtes, leváraõ a todos a palma depois de terem todos as coroas pela ſua preſidencia, ainda as mayores primaſias: e a primaſia, e preſidencia, que V. P. leva, e tem entre todos por ſer primeiro de ſemelhante livro, fas a Salamaõ menos ſabio, a Creſſo menos rico, e a Mario menos fórte: moſtrando ao preſente tempo o ſeu animo, ſendo ſegundo para conſeguir taõ invencivel emprego: a ſua riqueza bem manifeſta, na copioſa abundancia de taõ creſcida noticia; e a ſua ſciencia bem provada, porque ſó a Deos, que ſabe tudo póde ſer o preterito cabalmente preſente: naõ digo para V. P. ter neſte impoſſivel eſte renome; mas para lograr os primeiros tres timbres; por ſer ſciente, por ſer abundante, e por ſer de animo fórte.

De tres dias que Lazaro eſteve na ſepultura, o mais que tirou foy ſó a ſua corrupçaõ; e ſenaõ fora empenhado o meſmo Deos, em o moſtrar vivo aos olhos dos que aſſim o julgavaõ jà depois de morto ſepultado: a meſma pedra, que cobrio a ſua vida, havia amortecer tambem as ſuas memorias: porèm Deos com a ſua voz, com os ſeus paſſos, e com as ſuas diligencias, quiſnos dar exemplo, que, do que eraõ memorias jà ſepultadas, fes noticias de huma vida certa: ſendo igual o trabalho, e o prodigio: porque o

prodi-

prodigio mayor que hà no mundo, he vencer à corrupçaõ do tempo, ainda do eſpaço de tres dias, quanto mais de annos a milhares; onde as ſette Naçoens differentes, que prehenchem eſte livro, naõ ſe achaõ em outros eſcritos; mas ſim ſervindo-lhe ſó de ſellos, em que recolhem manifeſtos nomes para ſelarſe; ſem haver jà pedra de ſepultura, que ſe levante; para que as ſuas memorias, ainda de todos reſuſcitem; ainda que eſtavaõ mortas, ſepultadas, e eſquecidas; ſem haver voz, paſſos, ou empenhos, que baſtaſſem para a ſua corrupçaõ ſer reſuſcitavel; e ſe Chriſto Senhor Noſſo reſuſcitou hum morto por ſer ſeu amigo, huma figura vejo aqui deſte exemplo: o amor de V. P. para Santarem, e ſeus habitadores (por evitar taõ ſanto documento) lhe deu nova vida, e lhe reſuſcitou as mais illuſtres memorias, incluindo-ſe nellas vidas taõ ſantas.

Tem a Religiaõ de V. P. e a minha uniformidade: por iſſo eſtes cultos em tanto affecto ſe communicaõ; eu devo, como filho do Serafim humano, dedicar ao filho da Aguia eſtes rendimentos; he ſabido, q̃ o Serafim ſervio no Throno, e a Aguia ſervio no Carro; como tudo he ſervir a Deos, todo eſte ſervir he reinar: ſem haver na ſua differença mayoria, que faça inferioridade nas peſſoas.

Noto ſim, que Franciſco meo Padre, e meo Soberano chega ao Throno por grande, e naõ paſſa deſſe lugar por humilde por ſe contentar com a ſua ſorte, e o Evangeliſta como tem outra figura de Aguia, a mayor vo-o ſe eleva, quan-

do ſobe a o peito de Chriſto; talves por beber os ſegredos naquelle Divino Coraçaõ: logo pois ſó póde eſcrever com mais ſciencia, ou com mais ventura, quem por filho da quella Aguia recebeo em ſeu peito a verdade de ſer Evangeliſta.

Muito proprio lhe vem a V. P. que por eſcritos, e por obras ſuas, tudo verifica com claras figuras; a que parece dar tanta alma pelas ſuas fórmas, que fazendo a Fidias grande inveja, deixa a Origenes mayor emulaçaõ. E paſſar V. P. do dizer ao formar, naõ ſó he fazer hũ Apocalipſe deſtes milagres; mas he repetir hum milagre muitas vezes, que Deos fes por hum ſó unico homem.

Diſſe toda a Santiſſima Trindade: que haviaõ fazer o homem, e logo que promettèraõ por decreto ſeu eſte compoſto, fes Deos huma ſó Imagem, em que vinculou toda a perfeiçaõ: logo que heide eu dizer, vendo que naõ hà imagem perfeita ſem ſer obra de V. P. como ſe tomára por ſua conta todo o barro, que ſobejou de Adam no Campo Damaſceno: ao meſmo paſſo, que enche o mundo de livros: huns de máquinas, outros de noticias; para nada fugir, ou da ſua maõ, ou da ſua penna: ſem dúvida, ou tem luz do Ceo para os empregos, ou me deixa entender, que he como os Anjos no exercicio; pois nos dà diſtinctos actos para a comprehenſaõ; e comprehende muitos empregos, ſendo hum ſingular individuo: privilegio taõ Angelico, que he ſó do Evangeliſta, pelos enigmas da

ſua

ſua penna ; e parece, que de V. P. pelo que diz, e pelo que fas.

Naõ tem que criminar o mundo, nem os entendidos eſte pouco, que expreſſo do ſeu merecimento : aceite V. P. o mais que calo ; porque o mayor affecto ſempre foy o do coraçaõ; nelle deixo eſcritas as ſuas virtudes morais para o meu exemplo ; a ſua vida para a imitaçaõ da mayor refórma ; o ſeu credito para eſtimulo do mais avultado merecimento : pois he certo, que empregando taõ bem o tempo, háde dobrar-ſe o ſeu eſpirito no trabalho de tanta execuçaõ, que tambem julgo penitencia riguroſa eſte cativeiro de dias para os gaſtar em taõ ſuperiores obras.

Só ſette dias gaſtou Deos em todas eſtas grandes fabricas da creaçaõ do Univerſo, e deſcançou no fim delles ; naõ por alivio do trabalho, mas por conſumaçaõ do ſeu exercicio. E he tal V. P. que aſſim, que conclue huma grande Obra, logo emprende outra mais creſcida ; duvido ſe toma as noutes para ſeu deſcanço, quem gaſta todos os dias neſtas eſpirituais emprezas.

Naõ digo que tem V. P. muitas vidas porque lhe vejo hum ſó corpo em ſua propria fórma, mas pareceme, que o ſeu corpo, tem mais mãos, que as cõmuas, porque lhe contemplo ſahirem dellas incomprehenſiveis maravilhas. O que poſſo affirmar he, que vive huma vida de muitos Heroes, no que vence das grandezas dos tempos, a differentes emprezas applicado ; e ſó me parece hum, em muitos reproduſido.

Houve hum Cicero para a eloquencia, hou-

ve hum Solon para a juſtiça, houve hum Archimedes para as máquinas, houve hum Fabio para as doçuras; e ſe tudo vemos excedido pela peſſoa de V. P. direy com muita verdade, que vimos em todos eſtes ſinco homens ſó os ſinco dedos deſte Gigante de ſciencias. Foy providencia criar-ſe em taõ grande Caſa, como a em que V. P. aſſiſte do grande Evangeliſta: porque naõ caberia em menos a ſua peſſoa, paraque eſtava jà perviſta mais eſta grandeza. Viva nas memorias, que naõ hà de morrer na fama, ainda que pague o tributo univerſal da natureza, e quando ſe vir com Deos, de quem hade ter o premio, que merece o ſeu eſpirito; lembrelhe, que vim aos ſeos pès reverente para lhe beijar as mãos; que aſſim obraõ; conhecendo eu, que o menor culto he deſte humilde, que venera as ſuas obras, e a ſua peſſoa, que muito eſtima.

Deos guarde a V. P.

Fr. Filippe de Santo Agoſtinho.

CAR-

CARTA

Ao mesmo Author.

M. R. P. M. IGNACIO DA PIEDADE.

GRandes avanços teve o meu gosto; e grandes lucros a minha capacidade quando li o livro intitulado: *Historia de Santarem Edificada*, que V. P. me remeteo, e de que V. P. he Author; tudo devo à grandeza do seu animo, que sem olhar para os defeitos do meu juizo, pôs só em pratica os effeitos da sua generosidade, antecipandome a fortuna de ver esta obra, antes do prèlo a mostrar ao publico. Olhou V. P. para a pobreza da minha sciencia, naõ para a desprezar, como avarento, mas para a enriquecer, como liberal, com os caracteres de sua elegancia, de que se fórma o corpo deste livro; favor he este, que nunca bastantemente poderey agradecer; porèm se bastaõ as confissoens de obrigado, para satisfazer às leys de agradecido, confesso a minha obrigaçaõ, ainda que impossibilitado, para desempenhar o meu formal agradecimento.

He V. P. em esta obra Escritor de sua illustre Patria, digo dos progressos da notavel Villa de Santarem, e o primeiro (segundo me lembro) que tratou singularmente dos diversos estados,

dos, notaveis prodigios, e memoraveis antiguidades daquella Villa.

Alguns Cenſores de obras ſemelhantes, julgaõ affectadas as excellencias que alguns Authores eſcrevéraõ das ſuas Patrias; por ter (dizem elles) o amor proprio forças para adiantar o affecto à verdade; porèm he taõ diverſo o meu conceito, que nas particularidades de cada terra, ou de cada Reyno, julgo mais ſinceras, as noticias eſcritas pelos nacionais, ou pelos patricios, do que relatadas pelos eſtrangeiros. Fundo eſta producçaõ do meu diſcurſo em varias experiencias, e em as meſmas regras, em que ſe eſtribaõ os que ſaõ de contrario parecer; porque ſe elles julgaõ, que o amor da Patria póde fazer mais avultadas, as acçoens glorioſas della, do que na realidade foraõ, o deſaffecto, que qualquer eſtrangeiro tem a tudo, o que naõ he a ſua Patria, ou o ſeu Reyno, póde fazer diminuir da verdade as meſmas acçoens, tanto, quanto as podia fazer ſubir o amor do Patricio; e naõ ficaõ mais duvidoſas as eſcritas pelos nacionais, por exceſſivas, do que as que eſcrevem os eſtrangeiros por diminutas.

Além de que: eſcreve o eſtrangeiro, ſem temor, o que ſabe, e o que quer, do Paíz eſtranho; porque em o ſeu ſer tem a ſua deſculpa, e entraõ os eſtranhos com carta de ſeguro a ſer delinquentes da verdade, que dizem ignoráraõ por eſtrangeiros. O que eſcreve da ſua Patria; porque ella he ſua, e elle he della, examina com efficaz, e madura ponderaçaõ no centro da antiguidade a realidade das acçoens, a verdade da

exiſten-

existencia, e as authenticas dos successos (como V. P. fes) para se livrar das censuras dos nacionais; porque o escritor que falla da patria, por ser patricio, tem em qualquer falta a mayor culpa.

Tambem he certo, que nunca ao estranho he taõ facil o chegar com os toques da penna ao coraçaõ da verdade em semelhantes materias. Com grande exacçaõ se escrevem em França as memorias de Travaoux; porèm em aquella obra tenho encontrado crassissimos erros, em muitos particulares, que acontecéraõ neste Reyno; huns talvez, porque a distancia corrompeo as noticias: outros, porque aquelles Academicos entendéraõ, que as acçoens heroicas eraõ só para a sua naçaõ; e por estas causas escurecéraõ, e diminuíraõ os gloriosos successos de Portugal, de Castella, de Alemanha, e de outras naçoens, estando aliàs escritas por diversos Authores da mayor fé, e authenticadas muitas com o Tratado de Utrecht, outras com o Congresso de Cambray, e outras com a Dieta de Ratisbona; pois se no seculo presente escrevéraõ os Estrangeiros humas taõ recomendadas memorias desta sorte, como escreveria da notavel antiguidade de Santarem hum estranho, ou ainda hum, que naõ fosse seu patricio.

Escreveo hum dos mayores engenhos deste seculo, hũ copiozissimo Vocabulario, e doutissimo Diccionario historico da nossa lingua; atè aonde a efficaz curiosidade daquelle grãde engenho, póde conduzir a sua vista, e as suas observações,

tudo

tudo ſe acha eſcrito com a mayor pureza; porèm o que eſcreveo por noticias menos fieis, ainda que muito recomendadas, padeceo muitas incoherencias, de tal ſórte, que mudárao as noticias eſtranhas, o que ſó póde fazer o Diluvio universſal; porque na Provincia de Tràs os montes, encontro Serras demarcadas onde nunca eſtiverao, e na Provincia do Minho, Valles, e Fontes, onde nunca exiſtírao; o que nao havia ſer aſſim, ſe aquelle ſábio Varao foſſe filho de qualquer deſtas Provincias.

Do eſtado, e fórma de governo das Provincias unidas eſcrevérao, Guillaume Templo, Monſieur Baſnage, Monſieur Seclere, todos Francezes: eſcrevèrao tambem, Onflow Burrish, com o titulo de *Batavia Illuſtrata*, Guichardin, Sanglet du Freſnoy, Box Hornius, com o titulo de *Theatrum Urbium Holandiæ*, e Bleuw, com o titulo de *Theatrum Urbium Belgicæ*, eſtes Inglezes, e Alemaens, nenhum delles deixa de eſtar cheyo de erros, convencidos pelos Editos, Leys, e Geografia de Olanda, e ſó o que eſcreveo Monſieur Franciſco Miguel Janiçon Olandez, com o titulo de *Eſtado Preſente da Rèpublica das Provincias Unidas*, he exacto.

Nao repito mais paridades, aſſim porque nao o permitte a esfera de huma carta, como porque ſao ſuperfluas as provas à evidencia; e ſendo para mim (e entendo que para todos) de grande valor eſte livro, merece toda a eſtimaçao por ſerem memorias da Villa de Santarem eſcritas por hum patricio ſeu, e tao ſériamente exacto como V. P.

Athè

Athè aqui ſaley na eſtimaçaõ do livro, agora entro a reflectir nos créditos de V. P. como ſeu Author, e ſer eſta ponderaçaõ depois daquella, pareceme que naõ he defeito; porque aſſim como o melhor meyo que hà para conhecer a Deos, he o de principiar pela viſta da arquitectura das ſuas obras, moſtrada àquelles a quem a ignorancia impede o verdadeiro conhecimento da fé; aſſim para eu poder dizer alguma couſa com conhecimento de V. P. era preciſo olhar primeiro para as ſuas obras (que tambem em outro volume que V. P. à pouco, deu à luz, ſaõ de notavel architectura) conhecendo por eſtas obras a grandeza do ſeu talento.

He V. P. o primeiro que *ex profeſſo* eſcreveo a *Hiſtoria da Villa de Santarem*, e por menor acçaõ que eſta, vejo na antiguidade gentilica dar o attributo de divindade a muitos homens. Foy Andemiaõ o primeiro que eſcreveo, ainda que confuſamente, o inconſtante giro da Lua, e por eſta primaſia mereceo creditos de divindade, e affirmarſe que tinha amoroſas correſpondencias com aquelle Planeta, a quem adoravaõ por Diana. Foy Prometheo o primeiro que deſcobrio o fogo virtual, que ſe encerra nas pedras, com offenſa de Jupiter a quem pertencia aquella obra como Deos do fogo, e por eſte invento mereceo adoraçoens de divino, e ſer oraculo daquella gente; em eſta obra fes V. P. mais que Andemiaõ; porque ſe eſte ſoube deſcrever o giro que a Lua fes em hum anno obſervado occularmente: V. P. eſcreveo o giro de tantos ſecu-

los da antiguidade daquella Villa atè o eſtado preſente; Andemiaõ eſcreveo o que prezenciou, e V. P. eſcreve o que naõ vio; obſervou Andemiaõ com liberdade as mudanças da Lua, V. P. eſcreveo com pureza, o diſtrito, as authenticas, e as fieis noticias das mudanças, que o tempo fes naquella Villa, e ſua circunferencia.

Tambem tem V. P. feito mais que Prometheo; porque ſe eſte tirou o fogo de huma pedra, V. P. tirou luzes de tantas ſombras, com igual (ſenaõ mayor) primazia. Para Prometheo tirar fogo da pedra, baſtou tocalla com outra da meſma natureza; mas para V. P. tirar das ſombras da antiguidade tantas luzes, quantas reſplandecem em eſte livro, naõ baſtou tocar a ſuperficie das noticias; mas foy precizo chegarlhe ao coraçaõ no centro da eſcura antiguidade, porque naõ baſtou o tocallas para as deſcrever a penna; porque vejo neſta obra, que foy preciſo muytas vezes a V. P. conciliar com grande trabalho as noticias, ſem offenſa dos ſucceſſos.

Ultimamente em duas columnas, huma de pedra para reſiſtir à agoa, outra de barro, para naõ a desfazer o fogo, eſcreveo Adam em breves caracteres, as ſette artes liberaes, e a primeira hiſtoria do mundo, porque entendeo, que ſó aquella dureza poderia conſervar o eſcrito a pezar da violencia do tempo; porém foy tal a efficacia de V. P. que naõ ſó ſe valeo dos caracteres, que as pedras

dras conſervavaõ , mas em a fragilidade do papel ſoube deſcobrir , contra o conceito de Adam , os precioſos theſouros da antiguidade , atè entaõ ocultos nas trevas da ignorancia , e he tal eſta primazia , que baſtava para credito de V. P. ſó o intentalla.

Naõ faço elogios ao livro , porque baſta verſe na primeira folha delle , que he V. P. o ſeu Author , para ſe conhecer a ſua grandeza ; naõ tributo louvores a V. P. Porque reconheço naõ poder baſtantemente louvar a quem eſcreveo hum tal livro , e o que ſó poſſo dizer he : que para conhecer a grandeza deſte livro , baſta ſaberſe quem he o ſeu Author ; e para ſe admirar o doutiſſimo engenho do Author , baſta verſe eſte livro.

Deos guarde a V. P. muitos annos.
Benavente 7. de Janeiro de 1738.

Efficaz venerador de V. P.

O Doutor Jozè de Lima Pinheiro e Aragaõ.

EM LOUVOR
DO M. R. P. M. IGNACIO DA PIEDADE.
Dando à eſtampa a Hiſtoria de Santarem, ſua patria.

De hum Conego da meſma Congregaçaõ.

SONETO.

NO alto cume da Villa hoje illuſtrada,
Pelo ſábio primor da tua Hiſtoria
A fama pára; e deſde alli notoria
Tua ſciencia fas douta, e elevada:
Do ſonoro clarim vay trasladada
A' etherea regiaõ tua memoria;
E o Tejo em quanto paſſa, a meſma gloria
Nas aureas ondas leva retratada.
Voa a fama, e outras terras mais diſcorre;
O ar aos outros Ceos ſe communica,
E no mar, a corrente o Tejo encerra,
Com elles igualmente Ignacio corre
Voa, penetra, e divulgada fica
Tua gloria nos Ceos, no Mar, na Terra.

Deſ-

Deſcobrio o Author para a ſua Hiſtoria antigas noticias, e quaſi eſquecidas memorias.

DO MESMO AUTHOR.

SONETO.

DEſcobres,douto Ignacio,em tua Hiſto- (ria
De antigas tradições, ſérie taõ rara,
Que ſe algum tempo o Letheo ſe queixára,
Fora quando lhe uſurpas tal victoria:
O deſpojo dos annos, e a memoria
Que o fugitivo Nume jà eſtragára,
Teu eſtudo ſagàs hoje repára
Templo eregindo à tua, e à patria gloria;
Nas que apenas ſe vèm reliquias pobres,
Cinzas da fama, luzes as mais dignas,
Uſano indágas, e feliz deſcobres;
Nellas perpetuo à gloria te deſtinas,
Que ſó podiaõ teos intentos nobres
Fundar eternidade nas ruinas.

EM LOUVOR
DO M. R. P. M. IGNACIO DA PIEDADE E VASCONCELOS:

Author do livro: *Historia de Santarem Edificada &c.*

De hum Corista da mesma Congregaçaõ.

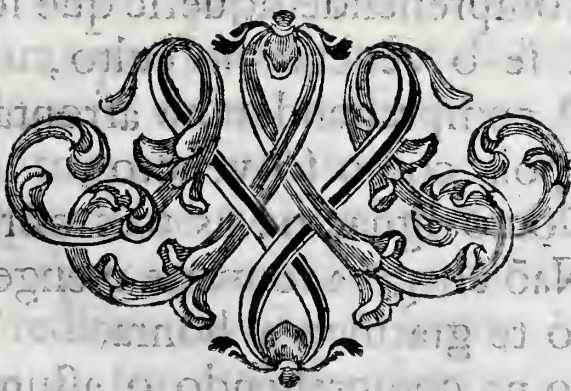
SONETO I.

REligioso Heróe, este Volume,
Que da lembrança o archivo deixa exhausto,
He hum altar do Culto, obsequio, e fausto
Com que a fama immortal te adora Nume:
Nelle brilha a noticia, claro lume,
Sem que do tempo a apague sopro infausto,
E sendo a aceitaçaõ grato holocausto,
A gloria que resulta he teu perfume.
He esta acçaõ misterio, cujo objecto
Desengana a quem diz, que naõ se chama
Em a Patria o Varaõ heróe discreto;
Porque sendo este livro quem te aclama,
Se logra a Santarem por epithéto
Tua Patria he altar da tua fama.

SO-

SONETO II.

ESte livro publica em grata hiſtoria
Noticias que eſcondeo a antiguidade ,
Cauſando a Santarem perpetuidade
Conſeguindo ao Author perpetua gloria.
Naõ perecer nas ſombras , tranſitoria ,
A' penna deſte Heróe deve a verdade ,
Porque aqui ſopra as cinzas com que a idade
Amortecèra o lume da memoria.
De Santarem o antigo fundamento
Coberto eſtava jà com o pô das ruinas
Adonde o ſepultára o eſquecimento.
Bateo Ignacio as azas aquilinas
E levantando as cinzas com o alento
moſtra ao mundo noticias peregrinas.

DO

DO MESMO AUTHOR.

ROMANCE.

ESTes humildes conceitos,
Que aqui minha penna fórma,
Se bem que partos do affecto,
Que os inſpira, e que os abona,
Mais do que cultos louvores
Saõ fieis gratulatorias;
Mais ſaõ expreſſoens ſincèras,
Do que aclamaçoens heróicas.
Quem gratifica venera
Comprehende aquelle que louva,
E ſe o venèrar he culto,
O comprehender he afronta.
Eu, pois como ſó venero,
Douto Ignacio, as tuas obras,
Naõ chego a louvarte o engenho,
Só te gratifico a honra.
Como na comprehendo o aſſumpto,
Naõ te louvo, porque fora
Abaterte a elevaçaõ
pelos meyos de antepola

Con-

Contento-me com renderte
Huma confiſſaõ que involva
As graças que ao beneficio
Te rende attenta a memoria.
Confeſſo pois, ſabio heroe,
Que a teo livro he devedora
A verdade da evidencia
Que com teos eſcritos cobra.
A mais antiga noticia
Pela tua induſtria, agora
Renaſce a nova luz viva,
Da cinza que a cobrio morta.
O meſmo Lethes attento
Nelle parece, que arroja
Quantas noticias tragára,
Quantas afogára hiſtorias.
No quadro deſte volume,
Pincel tua penna retoca,
Com as cores da noticia
do tempo paſſado a cópia.
Por mais que voou a idade,
E ainda que o tempo corra,
Para que attento os calcules
Hum e outro te ajoelha.
Feliz tu, oh Santarem,
Que deſde hoje glorióſa,
Porque immortal te eternizas
Creditos de Fénis logras.
Quem te fes famoſo theatro
Donde repreſenta a Hiſtoria
As façanhas de Mavorte,
As emprezas de Bolona.

Naõ póde communicarte
O privilegio, que contra
A dura pensaõ do tempo
As leys do olvido derroga.
Ignacio sim, porque aqui
Discretamente colóca
Nos templos da eternidade
Teo nome e tuas memorias.
Teos marmores, teos padroens
A que o Lethes naõ perdoa
Quando o tempo os disfigura
A sua penna os renova.
Esta de Ignacio a empreza,
Que quanto mais gloriosa
Apparece à admiraçaõ,
A' expressaõ se remonta.
Mas nem porisso carece
De eterno louvor, que a gloria
Quando das acçoens redunda
Por si mesma se pregoa.
Indiscreta vaidade
Seria o contar as forças
Do rayo, ao ver, que abrazado
Tudo ao seo furor se postra.
Quando a sua mesma furia
Testemunho de si propria
Os hypérboles mais raros
Na execuçaõ abóna.
Emprego inutil seria
Louvar o numero às tochas
Com que o Ceo celebra o Occaso
Do astro a quem Clice adora.

Pois

Pois ao luzirem eſtrellas
Por ſi fórmaõ huma ſomma
Para cuja explicaçaõ
Toda a Arithmética he pouca.
Da meſma ſorte eſte livro
Naõ neceſſita mais honra,
Que cada letra lhe adquire,
Cada conceito lhe fórma.
Igual louvor ao da empreza
A Ignacio ſe proporciona,
Porque todo ſe comprehende
Em ſer Author de tal obra.
Compôs o Divino Author
Eſſe caderno, que conſta
De tanto prodigio eſcrito
Em onze celeſtes folhas,
E nelle ſaõ as Eſtrellas
Aſtros juntamente, e bocas,
Que com lingoas de eſplendores
Publicaõ do Author a gloria.
Seja pois tambem de Ignacio
Eſte livro decoroſa
Exageraçaõ do quanto
Seo engenho ſe remonta.
Outro louvor naõ mendiga
O que a ſi dà ſó lhe ſobra,
Porque os heróes nas acçoens
Tem o louvor das peſſoas.
A cauſa diſtingue o effeito,
O impulſo acredita a força,
Do trovaõ ſe infere o rayo
Da tempeſtade a derrota.

Desta pois heróica empreza
Sem que outra razaõ se imponha
Infiraõ quem he Ignacio:
E sirva tambem de gloria.
Que por mais, que o clarim gema
Da fama, do applauso a trompa
Sempre para tanto assumpto
Seraõ suas vozes roucas.

IN-

INDEX DOS CAPITULOS

Que ſe contèm neſta primeira parte.

LIVRO PRIMEIRO.

no

LIVRO SEGUNDO.

ta

HISTORIA DE SANTAREM EDIFICADA.

LIVRO PRIMEIRO

Das Noticias de ſuas Antiguidades.

CAPITULO I.

Em que ſe expoem o principio, e Fundaçaõ deſta Villa.

ESCREVO as noticias de Scalabicaſtro, as maravilhas de Santarèm, porque os factos, que ſaõ dignos de ſe fazerem ao mundo lembrados, correm mais ſeguros nos eſcritos, q̃ nas tradiçoens. Divide-ſe a empreza, que pertendo relatar neſta eſcritura em aſſumptos taõ altos, que excedem a toda a grandeza da fama, a todo

 o poſſi-

o possivel da heroicidade; pois levantando-se hũs sobre a esféra da natureza humana, elevaõ-se outros em assombrosos portentos da grandeza Divina. E sem duvida, fora duvidosa a sua individual narraçaõ na humildade da minha penna, se a materia naõ fora com tanta vastidaõ patente, aindaque inclue muitas antiguidades, que muita parte dellas terà usurpado o tempo às mesmas memorias, pelos repetidos transitos dos seculos. Mas confiado nos especiaes papeis, que para isto vou adquirindo, com o mais verosimil, e pureza da verdade, dou principio a esta nova, e particular Historia. E para assentarmos com mais seguro termo este principio das antigas memorias que vou escrevendo, começando pela fundaçaõ de Santarem, forçosamente primeiro heide tocar a entrada de Ulysses em Lisboa, e depois discorreremos a nossa emprehendida materia, sem truncar o fio da sua formalidade.

Destruida, e abrazada Troya, em cuja lamentavel tragèdia fez Ulysses hum dos principaes papeis, que inventou a Grega tirania, a pesar da lastimosa Dardania: materia que deu largo assumpto aos mais agudos, e bem concertados plectros, tendo entre todos primeiro lugar o da cithara de Homero Pae da Poezia Grega na sua Odissea. Querendo este astuto Capitaõ restituirse à sua patria, que era Itaca, Ilha de Grecia no mar Jonio, à qual depois chamàraõ *Valle de Compare*: deixando jà reduzida a cinzas aquella nobreza, que

que tinha ſido ao mundo pompoſo ornato entre as mais populoſas Cidades; no tempo q̃ do principio do mundo paſſavaõ quatro mil e vinte annos. Derrotado o ſeu navio com os mais da ſua armada, impellidos dos ventos, com repetidos naufragios, em ſucceſſivas peregrinaçoens, cruzou o Mediterraneo, embocou o Eſtreito de Gibraltar, ſahio pelo mar Herculeo ao Occeano, e torneando as prayas Luſitanas oppozſe às correntes do Tejo, e entrou por ellas dentro, aonde achou na amenidade do Paiz, gracioſo aſſento para o ſeu deſcanço; experimentando jà naquelle porto, contra os rigores dos naufragios as favoraveis eſperanças da ventura: pois naquelle delicioſo ſitio achou Ulyſſes, e toda a ſua companhia proſperos recreyos, para ſuavizar as fatigadas lidas, dos infortunios que no mar tinhaõ experimentado.

Vaſc. lib. 1. cap. 10.

Nicol. Cœli in Chron.

Acháraõ eſtes naufragantes Gregos, grande extenſaõ no ameno dos campos, porèm pouco cultivados da gente, que ſó tinhaõ huma limitada povoaçaõ de poucas caſas em que habitavaõ alguns Luſitanos: ſendo edificada por Eliſa filho de Javan, neto de Japhet, e biſneto de Noè, 3259 annos antes da vinda de Chriſto Senhor N. ao mundo. Do qual Eliſa querem alguns Eſcritores, tomaſſe toda eſta Provincia o nome de *Luſitana*, e depois *Luſitania*. Foy Lisboa amplificada, e reedificada paſſados novecentos annos depois deſta primeira fundaçaõ, pelo meſmo Ulyſſes de

Solino c. 26. Plinio lib. 4. cap. 22.

que vamos fallando. Portados os Gregos em terra, e já nella aſſiſtentes, fundou logo Ulyſſes hũ grandioſo Templo à Deoſa Minerva, que delle achamos duplicadas noticias nas difuſas elegancias dos Hiſtoriadores. Mandou erguer reforçados muros, levantar fortiſſimas torres, dando juntamente nome à nova, e grande povoação, o qual nome ficou dirivado do ſeu Reformador, chamando-lhe *Ulyſſea*, e depois ſe corrompeo o vocabulo em *Ulyſſipo*; e pelos muitos ſeculos que ſe lhe ſeguiraõ ſe corrompeo mais em Lisboa.

Strab. in Geog. lib. 3.

Homer. in Odiſſea, & Illiad. lib. 3.

Aſclepiades lib. de Turd

Eſtando aſſim os Gregos divertidos com as laborioſas emprezas daquellas operaçoens; havia neſte tempo em Portugal hum Rey, que o dominava, chamado *Gorgoris*, famoſo Portuguez, filho de Palatuo (como alguns Eſcritores affirmaõ) o qual Rey correndo os annos da creaçaõ do Mundo 2789, ſe acclamou ſenhor das Heſpanhas: e mais que ao nome de *Gorgoris* lhe introduziraõ o de *Melicula*, pela induſtria que teve de ſer o primeiro que tirou liquido o mel aos enxames das abelhas; peloque foy bem diſtinto dos mais Reys da deſcendencia de Tubal em eſta noſſa Luſitania; achando neſte meſmo invento o cetro para dominar taõ nobres, e dilatadas Provincias, quaes eraõ aquellas que hoje contamos em toda Heſpanha ſendo Corte, e cabeça de toda a Monarchia o noſſo Portugal, aonde reinou ſettenta e quatro annos.

Caſtilho Hiſtor. dos Godos lib. 1. diſcurſ. 2. fol. 17.

Sabendo Gorgoris, que dentro em ſua caſa, ou

ou no centro do ſeu proprio dominio, havia gente eſtranha, e que na terra que era ſua fabricavaõ aquelles edificios ſem recorrerem primeiro à ſua ſuperioridade: para atalhar no principio o mal, que depois lhe podeſſe ſervir de maior danno; ajuntou a gente militar da ſua Luſitania, formando campal exercito em tanta copia, que em ſom de batalha, com peſada ordem foi buſcando a Ulyſſes; no qual achou o noſſo Gorgoris, em lugar de dura reſiſtencia como inimigo, brandas caricias, generoſas acçoens em copioſas dàdivas, nos refreſcos, que com larga liberalidade o prezenteava, (que para conciliar amizades ſaõ eſtes termos, ſobre boas palavras, os que mais purificaõ as melhores elegancias:) dizendo-lhe com atractivas razoens, o quanto lhe poderia ſervir de proveito a ſua aſſiſtencia nas ſuas terras. Foi eſte termo em Ulyſſes taõ bem conſiderado, q̃ com elle ſe recolheo Gorgoris taõ ſatisfeito, e brando, quanto tinha ſahido para a contenda colerico competidor.

Laymũ Ant. Luſit. lib. 1.

Reconciliados por eſte principio em paz, e tranquillidade ſerena, entendeo Gorgoris, que na amizade de Ulyſſes, tinha em a ſua Monarquia hum illuſtre peregrino, que eſtava debaixo do ſeu poder, como ſeu vaſſallo; do qual voava jà nas azas da fama o heroico pregaõ que lhe inculcava a ſcientifica diſpoſiçaõ no militar, e o natural esforço na valentia. Peloque tanto abraçou Gorgoris a amizade de Ulyſſes, que alèm de o hoſ-

hospedar com repetidos divertimentos, lhe deu sua filha Calipso para lhe assistir, e se divertir em graciosas praticas com ella, (alguns Escritores dizem absolutamente, que lha deu para sua companheira) mostrando nesta acçaõ a singeleza com que ampliava a sua demonstraçaõ nas vèras da boa amizade: sem entender que Ulysses, como homem, podesse cahir, e romper os laços daquella lei, que ata o nobre vinculo da generosa fidelidade; enlaçando-se Gorgoris primeiro na idèa menos discursiva, sem advertir a razaõ por onde lhe podia resultar hum indecoroso trato na liberdade que deu a sua filha. Pois a especial graça, formosura, e discriçaõ com que a natureza dotou a Princeza Calipso, foraõ para Ulysses agrados taõ atractivos, que o obrigàraõ a manchar aquella fé que devia ter com quem lhe tinha feito tantos beneficios. Porque dos illicitos actos que teve com a mesma Princeza, concebeo ella ao nosso Abidis, que neste primeiro Capitulo desta Historia he o seu principal assumpto. Sabido jà por ElRey Gorgoris o aleivoso, e deshonesto successo de sua filha, rompeo com furiosa ira de sua arrezoada queixa, guerra contra Ulysses, indo com hũ poderoso exercito sobre Lisboa. E depois de sanguinolentas batalhas, cahindo Ulysses na razaõ, que lhe arguia o aggravo, levantou as ancoras aos seos navios, e cortando as ondas do Occeano, se foi para Itacas, deixando nos braços da ingratidaõ,

entre-

entregue a ſaudoſos ſuſpiros, aquelle fino amor, que deu tanto que ſentir a Ulyſſea, e lamentou toda a Luſitania.

Naõ faltaõ Hiſtoriadores, que ſeguem em algumas couſas deſta materia o contrario do que eu aqui eſcrevo, dizendo huns, q̃ Calipſo concebèra ſeu filho Abidis, de hum galhardo mancebo, que amoroſamente a paſſeava, outros, que de hum atrevido criado ſeu: outros, que de ſeu proprio Pae. Dúvidas ſaõ eſtas taõ remotas, que difficultoſamente ſe poderàõ explicar com individual certeza, por virem de muito longe as noticias deſta antiguidade: mas ſe me naõ negarem, que Gorgoris concedeo a ſua filha Calipſo, que aſſiſtiſſe a Ulyſſes, ou que lha deu para ſua companheira, no que concordaõ quaſi todos os Poetas antigos, e Hiſtoriadores, fazendo huns, e outros os ſeus amores taõ celebrados: veroſimil he, que de Ulyſſes concebeſſe Calipſo ſeu filho Abidis: pois naõ conſta que Gorgoris tiveſſe outra filha, nem ha noticia, q̃ Ulyſſes amaſſe com extremo outra mulher Princeza, com ſemelhante nome.

Homero Odiſ.

Chronic. da Arrab. p. 1. lib. 4. c. 24. pag. 694.

Andr. de Reſend. in quadã eleg. de Olyſſip. Civit.

Retirado Ulyſſes para a ſua patria, de donde naõ tornou mais à Luſitania, ficou Calipſo com muita parte dos Gregos, ſenhoreando Lisboa como em praça fechada, porque Ulyſſes jà tinha dado o ultimo fim aos fortiſſimos muros, que a defendiaõ; e chegado o tempo em que ſahio ao mundo Abidis, logo em poucos dias de

ſeu

ſeu naſcimento teve poder ſeu Avo Gorgoris para o haver às maõs, e por naõ ver nelle hum continuo pezar, que foſſe relativo da ſua deſhonra; com accelerada paixaõ, ſeguindo mais a parte da tirania, que a da compayxaõ, mandou lançar aquella innocencia inculpavel entre cavernoſas penhas, para que foſſe mimoſo paſto às voracidades das feras. Porèm como Abidis (ao que nos parece) eſtava pelo Ceo decretado para edificar hum Paraiſo na terra, qual he hoje a nobre Villa de Santarem, pois havia encerrar em ſi tantos prodigios, huns obrados pelas creaturas, outros pela maõ altiſſima do Creador (o que em ſeos lugares largamente diremos) ſempre haveria para Gorgoris obſtaculo que lhe impediſſe as ſuas inhumanas determinaçoens: porque achou Abidis a humana attençaõ nos brutos, que naõ tinha achado na racionalidade dos homens. E como Gorgoris logo que o inviou a lançar nas brenhas mudaſſe de parecer, mudoulhe tambem o martirio metendo-o em huma ceſta, em a qual o entregou às correntes do rio Tejo. Porèm guiada a innocencia pelo ſeo deſtino, oppoſta alli a ventura à impiedade, as meſmas agoas lhe deraõ ſeguro porto nas praias de Santarem, que em aquelle tempo faziaõ firmes alicerces a huns embrenhados montes, os quais depois ſe viraõ coroados em povoaçaõ populoſa, da melhor nobreza do mundo: em cujas brenhas entaõ achou o tenro Infante em huma Cer-

Celi. in Monaſt.

Laimũ. lib. 1.

Caſtil. Hiſto. dos Godos diſcurſo 2. fol. 17.

Cerva agreſte (por diſpoſiçaõ ſuperior) hum maternal abrigo, o que naõ achou em quem de muito perto lhe corria o meſmo ſangue pelas veas; porq̃ a Cerva lhe deu vida, ſuſtentando-o cõ o nevado ſanguineo alimento de ſeus peitos.

Depois deſta grande fatalidade do mundo, correndo os annos, e creſcido Abidis, andava vagando por aquelles montes, em cujas reconditas covas eraõ as cameras, ou gabinetes deſte occulto Principe. E como nellas ſe criou, a ellas ſe retirava fugitivo, quando em aquelles matos algum caçador, ou outro qualquer homem encontrava. A incerteza, que hà no modo da transfiguraçaõ de Abidis, levado dos matos à prezença de ſua mãe Calipſo nos poem o juizo em dúvida; porque fallaõ niſto com variedade os Eſcritores antigos. Manoel de Faria e Souſa no ſeu Epitome das Hiſtorias Portuguezas: diz, que Calipſo, dominando em Lisboa os Gregos, ella os mandára para que com ſeu filho Abidis edificaſſem Santarem. E ſendo iſto aſſim, parece que naõ foy mandado apanhar aos montes por ordem de ſeu Avo Gorgoris, pois eſtava Abidis por eſta noticia na companhia de ſua mãe; e daqui ſe póde entender, que ella ſeria a que o mandaſſe buſcar por qualquer modo que pudeſſe ſer. Outros nos querem perſuadir a entendermos, que jà neſte tempo ſeria Gorgoris morto, ou ainda que foſſe vivo, naõ eſtaria ſua filha na ſua graça, que pelas razoens referidas haveria

Faria Epitome p. 1. cap. 30.

grande divisaõ entre o poder do Pae, e o da filha, e aqui he a maior dúvida para se naõ dar opiniaõ algũa por segura. Outros dizem, (e he a que melhor me parece,) q̃ Gorgoris tendo as noticias que davaõ os caçadores, para saber que individuo era aquelle, lhe mandára fazer montaria, e o prezionáraõ em laços, e levado à sua prezença, conheceo que era seu neto, por hum sinal que no corpo lhe víra, e que o estimou muito, fazendo-o successor do seu Reino; o que se fas verosimil por aquella razaõ de ser elle mesmo o q̃ o tinha mandado lançar naquella charneca, e ter tempo nesta occaziaõ, e na outra quando o lançou às agoas na sesta, de lhe reparar no grande sinal que no corpo tinha, por onde foy conhecido. Mas fosse o cazo segundo qualquer destas opiniões, sempre se collige, (confórme o melhor sentido que achamos nos Escritores das antiguidades) que Abidis foy restituido ultimamente ao dominio de sua mãe Calipso; e que ella o policiou com tanto cuidado, e maternal affecto, que chegou a ser Principe de taõ alta esfera de juizo, que quasi a todo o mundo deu bem ordenadas leys.

Chegado Abidis aos annos 2863 do principio do mundo, depois que se vio com perfeito conhecimento das couzas naturaes, entre o humano uzo dos homens, chegando em breve idade ao cume da melhor policia daquelles tempos; vendo-se Rey, e Senhor, naõ só do que he hoje

Por-

Portugal, mas de tudo o que he Heſpanha, quiz moſtrar aos homens, que a dignidade do Cetro lhe naõ ſepultava a lembrança do toſco berço em que ſe criára, e donde dera os primeiros paſſos da vida para ſahir com tanta ventura: reconhecendo o quanto devia àquella terra, que lhe deu o ſuſtento na infancia de ſeos primeiros annos. Começou com todo o deſvello empenhando ſeu règio poder em fazer aquelle meſmo lugar, domicilio de homens, o que athè entaõ era habitaçaõ de féras; dando logo àquella nova povoaçaõ, que quiz para cabeça, e Corte de ſua Monarquia, o nome de *Eſca Abidis*, que era o meſmo que manjar, ou iguaria de Abidis. Pois a dilicia do ſeu Paiz, o ſalutifero dos ares, e das agoas com a fertilidade das terras, tudo convidava paraque em breve tempo ſe viſſe o ſeu populoſo com grandes ventagẽs às maiores Povoaçoens que naquelle tempo havia em a noſſa Luſitania. Foy Abidis muito ſabio, amou a juſtiça, naõ faltava cuidadoſo em conceder o que era util para o bem de ſeus vaſſallos, accreſcentou mais ſallas nos concelhos, e chancelarias; e venceo varias batalhas para ſegurar o ſeu Imperio contra muitas naçoens, que à força de armas o queriaõ deſpojar deſte Reino. Foy vigeſimoſexto Rey de toda Heſpanha depois do diluvio geral por ſucceſſaõ continuada de Tubal. E reinando trinta e ſinco annos, acabou a vida com honroſos troféos.

Epiſcop. Geru. lib. 1.

Laymũ l. 1.

Pomp. Mel. lib. 3.

Caſtilho Hiſtor. dos Godos lib. 1. diſcurſo decimo fol. 57.

CAPITULO II.

Da descripçaõ do sitio da Villa de Santarem.

EM distancia da Cidade de Lisboa Corte de Portugal, quatorze legoas pelo Tejo acima, que corre quasi de Norte a Sul, na Provincia da Estremadura, està situada esta muito nobre, e sempre leal Villa de Santarem, levantada em eminente estancia, cuja soberba elevaçaõ montuosa se estriba na margem do mesmo rio, de donde leva a maior parte de seu povoado quasi à esféra das nuvens; que parece a natureza assim a compôs, para que dalli os seos fertilissimos campos a reconheçaõ por Imperadora de todo o seu vegetativo. Sete montes fazem firmes hombros ao assento desta Villa, que tem o mais alto della em huma planicie bem composta, e terraplenada; e bem parece que naõ devia ter menos bazes para sua firmeza que sete montes, porque em cada hum delles, se póde entender, que sustenta huma maravilha do mundo, e naõ só do mundo, mas portentosas maravilhas do Ceo, riquissimos thesouros nos prodigiosos milagres, que em si guarda, de que bem se pòde jactar Santarem a todo o Christianismo, ser destas riquissimas joyas envejado cofre do melhor Santuario. Desta preciosidade participa com o seu dominio a Diocese de Lisboa Oriental, por

por ſe comprehender dentro do ſeu Arcebiſpado, q̃ hoje vemos dividido do da Baſilica Occidental, cujo pompoſo ornato, com a liberal grandeza da Mageſtade, illuſtra todo o Reyno, e Deos he venerado com o Divino culto q̃ lhe he divido.

A eſte pois, Promontorio Sacro, pela parte do Oriente, com prateadas agoas lhe beija os pès o ſuave, e ſereno Tejo, ſervindo-lhe a ſua viſta de criſtalino eſpelho em que ſe retrataõ as veneraveis memorias de ſuas honroſas antiguidades; fazendo-lhe com a ſua continuada corrente extençoſa cava, e fiel defenſivo; pois tantas vezes impedio os paſſos àquelles exercitos, que por diverſos tempos com fórma guerreira, intentàraõ a ſua expugnaçaõ: como nos conſta das bem recebidas tradiçoens, e nòs o lemos nas antiguidades, memorias irrefragaveis de venerandos Eſcritores. Neſtes campos tranſtaganos, com ſom marcial, tantas vezes ſe brandíraõ as lanças Africanas, e em mais diſtancia de antiguidade, tremolàraõ as bandeiras dos Celtas, dos Alânos, dos Suévos, e mais naçoens eſtrangeiras, que anciòſos de ſe apoderarem de hum Paiz taõ dezejado do mundo, pelo nobre ornato da ſua povoaçaõ, pelo ſaudavel dos ſeus ares, pela honorifica grandeza do ſeu ſitio, e pela fertil amenidade de ſeus dilatados campos, ſempre viraõ aquelles combatentes aventureiros, fruſtrados os ſeos intentados vencimentos, pela guarda que o rio fas à Villa.

Tem

Tem esta nobre povoaçaõ o seu principal assento no mais alto sitio, a que chamaõ *Marvilla*, que sempre foy cercado de muros, e de qualquer lado, que se queira entrar para dentro, se hade subir primeiro huma de nove calçadas, as quais todas para este destrito se encaminhaõ. Pela parte do rio Tejo lhes fas a natureza por seis calçadas (destas nove) franca a entrada, para a eminencia da Villa. A huma lhe daõ o nome de *Santa Clara*, que começa a levantarse da povoaçaõ da ribeira, e se acaba no Mosteiro das Religiosas Claras, e o Convento de S. Francisco de Religiosos Observantes. A segunda calçada he a da *Atamarma*, nome que se lhe corrompeo de *Tumarma*, o qual ficou do tempo dos Mouros, q̃ na sua lingoa Arabiga he o mesmo, que dizermos nòs *agoas amargosas*; e ainda hoje se lhe vè alli hũa fonte desta mesma agoa. A terceira he a que chamaõ de *Santiago*, que està na Igreja Parochial deste Santo; tem o seu principio na Igreja de Santa Iria situada na mesma ribeira, e do seu adro sobe muito empinada acabando a sua sobida na porta de Alcaçova, que antigamente era a do Castello da Villa. A quarta he a que começa a sobir da povoaçaõ de Alfange, tambem situada junto à praya do rio, e elevando-se para a parte do Norte, vai parar no adro do Convento dos Religiosos de S. Agostinho. A quinta he a de nossa Senhora de Vallada, ou Madre de Deos, que tem o seu princi-

pio

pio tambem na margem do Tejo, aonde eſtaõ as *Omnias*, delicioſos pomares, que tem toda a variedade de fruta, que por eſta razaõ lhe deraõ eſte nome; e ſobindo contra o Norte, entra na Villa pela rua chamada do *Pereiro*. A ſexta, e ultima calçada, das ſeis que advertimos, q̃ ſobem da parte do rio, he a da fonte da Junqueira; a qual tendo o ſeu principio nas meſmas *Omnias*, ſobe contra o Noroeſte athè o lugar de S. Lazaro, e dahi dobrando a eſtrada ao Nordeſte, entra na Villa pela porta de Manços.

Tem mais eſta Villa pela parte do Poente, e Norte tres calçadas, que ajuſtaõ a conta das nove referidas; e todas ſobindo ſe encaminhaõ para dentro dos muros da meſma Villa. Huma dellas he a do *Sitio*, aſſim chamada, por finalizar a ſua ſobida junto ao Convento de Religioſos da terceira Ordem do Patriarca S. Franciſco; a cujo Moſteiro dà o vulgo eſte nome de *Sitio*, e o porq̃ lhe daõ eſte nome o diremos em ſeu lugar, quando fallarmos do meſmo Moſteiro. A ſegunda deſtas tres, he a calçada de S. Domingos, porque tambem acaba a ſua ſobida no Convento de Religioſos deſte Santo. A terceira he a que chamaõ *da Senhora do Monte*, por ter huma grandioſa Ermida, aonde ſe venera a Imagem da meſma Sacratiſſima Virgem com eſte titulo. Que deſta miraculoſa Imagem, Ermida, e Conventos em ſeus lugares daremos cabais noticias. Todas eſtas calçadas ſobem por encoſtas

de

de grandes, e profundos valles, cujas concavidades por todo o circuíto desta Terra a fizeraõ sempre inexpugnavel; porque os fortalecidos muros, que toda a cercavaõ, quasi por todos os lados, ficáraõ eminentes aos valles.

Tambem por outo portas dà esta Villa entrada a seu fortalecido corpo no alto a que chamaõ *Marvilla*. He a primeira a da *Atamarma*, por onde entrou a redempçaõ desta Terra cõtra a infidelidade dos Mouros, vencida pelo sempre poderoso braço de nosso primeiro, e felicissimo Rey D. Affonso Henriques; em cujo arco desta porta se vê firmada huma Capella com a Imagem de Nossa Senhora da Victoria. He a segunda porta a de *Leiria*, a qual jà naõ existe com a sua formalidade antiga, ainda que se lhe conserva sempre o mesmo nome. Tinha por cima huma Ermida da Senhora de Guadalupe; e em hum nicho ao sobir da escada, a Senhora da Piedade, que hoje persevéra com devotissima admiraçaõ do Povo, pela maravilha do seu milagre; cuja veneranda Imagem no mesmo lugar a possuem agora com decente culto, e primorosa Igreja, os Padres Agostinhos descalços, por mercê delRey D. Pedro o Segundo, sendo a primeira fundaçaõ desta Igreja delRey D. Affonso o Sexto. A terceira he a porta de *Manços*, em que se venera a Senhora do Bom sucesso. Na de Vallada a Ermida sobre a mesma porta, que guarda em si sobre sumptuoso altar a Imagem da Senho-

Senhora Madre de Deos. E conformandonos cõ as mais antigas noticias das noſſas Chronicas, e conſtantes tradiçoens, todas eſtas Imagens foraõ collocadas ſobre eſtas quatro portas, por mandado do piedoſo Rey D. Affonſo Henriques, quãdo ganhou eſta Villa aos Mouros, à força do ſeu invencivel braço, e dos dos ſeos valeroſos Portuguezes.

As outras quatro portas, que ajuſtaõ eſta noſſa conta de outo, naõ tem Ermidas por cima; he huma dellas a que ſahe da calçada de Santiago, junto à que fechava o Caſtello, que hoje chamamos *Alcaçova*. A outra he a que chamaõ a *Porta do Sol*, no meſmo Caſtello; a qual fica ſobre hum eminente deſpenhadeiro, que cahe ſobre o Tejo; e alli juſtiçavaõ os Mouros os ſeus crimi- noſos, lançando-os no rio. Tem eſta porta para a parte do Sul huma eſtreita calçada muito empinada, que deſce ao lugar de Alfange, e por ella ſer toda em voltas, como couſa colebrina, lhe déraõ os Arábes a eſte lugar o nome de *Alhance*, que era o meſmo, que chamarlhe *Cobra*; porque as peſſoas, que por eſta calçada ſobiaõ para o Caſtello, hiaõ fazendo as voltas torcidas que faz a cobra quando anda: mas deſpois dos Mouros, corruto o vocabulo de *Alhance*, ficou com o nome que tem hoje de *Alfange*. A outra porta he a que antigamente chamàraõ de S. Gens, por entrar por ella eſte Santo para prégar neſta Terra a verdadeira doutrina do Evangelho

Marinho de Azev. Antiguid. de Liſboa livro 3. cap. 18. pag. 26.

de Christo, e hà boas opinioens que dizem alli padeceo seu martirio no tempo dos Romanos, quando era sua colonia Santarem com o nome de *Scalabicastro*, e titulo de *Præsidium Julium*. Despois lhe chamáraõ a esta porta o *Postigo de Santo Estevaõ*, por ter a sua entrada para a Parochial Igreja deste Santo, q̃ perdeo tambem este titulo com o do *Santissimo Milagre*, despois de encerrar em si a quella maravilha dos milagres, a Hostia consagrada, em a qual se vê visivelmente a Carne, e Sangue de Christo Senhor N. o que especificamente diremos em seu lugar, quando fallarmos da dita Igreja. A outra porta, e ultima, he a que està fronteira ao Poente: naõ lhe achàmos nome antigo, e só em nossos tempos lhe chamaõ o *Postigo de Dona Margarida*; a qual senhora era mãe de Dona Francisca de Tavora, e Castro, q̃ cazou com o primeiro Conde de Unhaõ Fernaõ Telles de Menezes da Silveira, e mulher de D. Martinho Affonso de Castro, Vice-Rey que foy da India. E por assistir esta senhora muitos annos em humas suas casas, que estaõ junto àquella porta da Villa, lhe ficou o vulgo chamando o *Postigo de Dona Margarida*; que antigamente em todas as terras grandes, que eraõ fechadas, era uzo chamarem às portas *Postigos*.

Historia dos Godos, livr. 1. discurs. 2. fol. 18.

CAPI-

CAPITULO III.

Em que se prosegue a mesma materia do passado.

ENcerraõ dentro em si os muros desta Villa (que he em cima no bairro a que daõ o nome de *Marvilla*) a principal, e mayor parte do seu populoso; e tudo isto, que antigamente era fechado, se vê hoje por muitas partes que tem grandes aberturas: (pouca desculpa poderàõ ter os naturaes, ou Governadores desta Rèpublica, se os arguissem de taõ grande descuido.) Foraõ estes grandiosos muros, obra dos Romanos; e despois os Godos lhes deraõ novas forças com fórtes baluartes. Os Mouros, q̃ despois se seguíraõ a possuilla com Abiecri Mouro destimido, e della Governador, pelos annos do Nascimento de Christo 1093, durando o dominio do seu governo trinta e quatro; terraplenáraõ as ante-muralhas, que olhaõ para a parte do Poente, com o trabalho dos Christãos cativos; aos quaes mandavaõ carregar a terra às costas; levantando com o suor da Christandade Lusitana eminentes atalayas, e fechâraõ barbacans com ante-muros: que tambem por esta parte lhe ficou a Villa inexpugnavel com a industria humana, o que pelas outras era só proprio ornato da natureza, pelos concavos valles que

fazem formidavel a eminencia àquellas muralhas: pois saõ os despenhadeiros em semelhantes lugares, os primeiros defensores que naturalmente rebatem os assaltos aos inimigos.

Logra esta Villa de Santarem em si, por todo o seu circuito, treze Freguesias, e quatorze Conventos: onze de Religiosos, e tres de Freiras, que àlem de grandes palacios, e nobres familias que nella hà, o grande numero de Ecclesiasticos a faz mais illustre, e grandiosa. No bairro de Marvilla existem dentro dos muros outo Freguesias, e seis Conventos, sinco de Religiosos, e hum de Religiosas Capuchas, as quais ainda naõ tem verdadeira clausura, e só estaõ sujeitas à Mesa da terceira Ordem do Patriarca S. Francisco dos Padres da Observancia. Os sinco Conventos que saõ de Religiosos, he o primeiro o do Patriarca Santo Agostinho: o segundo dos PP. Arrabidos: o terceiro dos PP. Marianos: o quarto he o famoso Collegio dos PP. da Companhia: e o quinto o dos Descalços de S. Agostinho. Das outo Freguesias he a primeira a Collegiada de S. Maria de Alcaçova. Nossa Senhora de Marvilla, S. Estevaõ, o Salvador do Mũdo, S. Nicolao, S. Martinho, S. Juliaõ, e S. Lourenço: Estas Igrejas Parochiais, e as dos Conventos, saõ as que existem dentro dos ditos muros do bairro de Marvilla: e fóra deste bairro, e dos seos muros, em que se comprehendem os distritos da Ribeira, Alfange, e mais circuito da Villa pela

parte

parte de fóra ; eſtaõ ſituados mais outo Conventos que fazem a noſſa conta de quatorze. E principiando pela parte do Noroeſte correndo para o Norte, o primeiro he o dos Padres Terceiros de S. Franciſco : o ſegundo que logo ſe lhe ſegue he o das Religioſas Dominicas chamadas as *Donas* : o terceiro he o dos Padres Dominicos : o quarto o dos Padres da Santiſſima Trindade : o quinto o de S. Franciſco da Provincia Obſervante : o ſexto he o Real Convento de Santa Clara : o ſettimo, que fica para a parte do Nordeſte he o dos Padres de S. Bento. E daqui para a parte do Norte pelos olivaes dentro pouco mais de hum quarto de legoa, eſtà hum Collegio dos ditos Padres Terceiros de S. Franciſco, com o titulo da glorioſa Santa Catharina Virgem, e Martyr. E com eſtes outo Conventos, que exiſtem fóra dos muros, e os ſeis que eſtaõ dentro delles, fazem o dito numero de quatorze. No diſtrito da Ribeira, e Alfange, que tudo he Santarem, em lugares apartados no andar do Tejo, exiſtem as ſinco Fregueſias, que ſaõ as ſeguintes : S. Mattheos, Santa Cruz, Santa Iria, Santiago, e S. Joaõ Evangeliſta em Alfange, que com as outo que eſtaõ dentro dos muros em Marvilla ſaõ treze Fregueſias, Santarem logra em toda a ſua grande Povoaçaõ. E de todas ellas, e dos Conventos que eſtaõ ſituados nos ſeos diſtritos, quando chegarmos a ſeos lugares neſta eſcritura, daremos eſpeciaes noticias de tudo o que lhe tocar.

He

He favorecida esta Villa de ares salutiferos, porque no alto della, que he a principal povoaçaõ em Marvilla, està sempre gozando dos ventos, que mais se accommodaõ para a conservaçaõ da vida. E pela causa da mesma altura resulta à vista hum aggregado de delicias; pois olhando para a parre do Norte, se vê aquelle deleitoso, e ameno valle, que chamaõ *Assacaya*, o qual principia na planicie da Ribeira, na frescura da celebrada fonte de Palhais, de donde continua hũa larga, e espaçosa estrada por espaço de meia legoa, com a frondosa perspectiva de enlaçados arvoredos, que na mesma estrada de huma, e outra parte correm parelhas, as frutas das arvores, com as verduras das hortas. Tem muitas fontes nativas, q̃ com suas liquidas correntes todos os dias em successivas horas cõ suas cristalinas agoas daõ novo alento a todo o genero de plantas, animando-lhe sempre a alma do seu vegetativo. Para a mesma parte do Norte, se continuaõ as vinhas de Alvisquer, que em todo o Veràõ he hũ ameno jardim para o agrado dos olhos, e delicia para o gosto, nas singulares uvas que a natureza daquella terra alli produz: he este territorio das vinhas em fórma quadrangular, tendo por qualquer lado hum quarto de legoa; e entre pomares, e vinhas se naõ vê interpolaçaõ de alguma outra terra sem fruto, fazendo tudo a distancia de quasi huma legoa.

Daqui para a parte do Oriente està o rocio, que

que os naturaes desta Villa chamaõ de *Alvisquer*, e o vulgo, *Campo de Santarem*, o qual tem huma grande legoa de comprido, e em algumas partes mais de meya de largo. Principia logo na mesma planicie da ribeira à ponte de Palhaes, e acaba ao pè do primeiro monte da boa vista, e barrocas da Rainha. He a sua terra admiravel na producçaõ das semẽteiras: nella se daõ gostosissimos meloens, e melancias, copiosos milhos, e todo o genero de graõ que se lhe lança, o torna a dar excellente. Do lugar de Alfange para a parte do Sul, junto ao Tejo, ainda menos de hum quarto de legoa, estaõ outros pomares, e hortas tudo fechado, a que chamaõ as *Omnias*, que este nome mesmo declara bem o copioso do seu significado, pois tem em si com abundancia, toda a variedade de admiraveis frutas, e hortaliças: fazendo huma cousa, e outra na vista de quem passa pelo rio, hum bem concertado ramalhete de todas as flores.

Desta mesma estancia das *Omnias*, levando a vista para donde o Tejo encaminha sua corrente a Lisboa, se seguem as vinhas de Vallada, e Galega, que tudo està mistico, tem quasi huma legoa de comprido, e meya de largo, continuando-se as vinhas, e dilatados campos, em que se fazem grandiosissimas seáras. Para a parte do meyo dia, que corre quasi de Norte a Sul, àlem do Tejo, se està vendo o grande campo, q̃ chamaõ *Monçaõ*, cuja dilatada campina parece que poem

poem o ultimo termo à vifta, quando do mais alto da Villa fe quer comprehender a fua grandeza. Sempre eftes fertiliffimos campos foraõ taõ celebrados nas memorias das antiguidades, pela creaçaõ de todo o genero de gados, e ligeireza dos feus cavallos; que deraõ motivo a dizerem alguns Efcritores, que as egoas que nelles fe criavaõ, concebiaõ os filhos dos ventos. Mas o que alguns tem dito com mais acerto, e verdade, pois nòs o temos vifto com a experiencia he, q̃ bafta o tempo de fette femanas para fe lançarem nelle as femẽtes, e colherem-fe em perfeito graõ. Tambem da parte do Poente, que corre do Sul ao Norte, fe continuaõ logo da Villa innumeraveis olivaes, que a cercaõ por toda efta parte, dilatando-fe por outeiros, e valles; entre os quaes eftaõ fituadas muitas hortas, e quintas de regallos, com copiofos rendimentos; eftendendo-fe affim tudo ifto, naõ fó ao feu Termo, mas a toda a Comarca. Saõ as armas defta nobre, e populofa Villa de Santarem, em efcudo, huma torre com tres baluartes em triangulo, fobre agoas, e na porta da torre firmadas as reaes quinas de Portugal. E para fabermos o grande numero de peffoas, que hoje tem em fi efta Villa, feria muito difficultofo darlhe conta certa; porèm fabemos, e o temos averiguado pelos affentos dos livros de todos os Parocos, das confiffoens da Quarefma, nefte anno de mil fetecentos e trinta e feis, que tem fó os bairros de Marvilla, Ribei-

ra,

ra, e Alfange, dous mil cento, e vinte, e dous viſinhos.

CAPITULO IV.

Como diverſas Naçoens ſenhoreárão eſta Villa de Santarem, e como foy tirada do poder dos Mouros por El-Rey D. Affonſo Henriques.

PElos annos do Mundo 2898, morto Abidis, houve hum grande intervallo de tempo ſem Rey na Luſitania, que durou quatrocentos, e quarenta, e ſete annos: ſendo diſto motivo aquella memoravel ſeca, que cauzou tanta eſterilidade em Portugal, e Caſtella, naõ chovendo vinte, e ſeis annos. Principiou aos dous mil novecentos, e ſeſſenta, e tres. Com o nome de *Eſca Abidis*, ſenhoreàraõ eſta terra varias naçoens do mundo, ſendo a primeira (depois dos Godos) os Celtas de naçaõ Francezes, que ſe miſturáraõ com os meſmos Gregos, os quais com as memorias do ſeu Capitaõ Ulyſſes, e governo de Calipſo, mal lhe parecia deixar hum Reyno, em o qual no ſeu principio tiveraõ os ſeos antepaſſados tanta parte, vivendo como naturais delle. E porque os Celtas entráraõ na Luſitania com grande poder nas armas, os Gregos por ſe naõ porem no perigo de perderem toda

Caſtilho Hiſtoria dos Godos livro 1. diſcurſo decimo fol. 57.

a Provincia, ſe conciliáraõ com elles vivendo todos juntos ſem a incomodidade da guerra.

Foy a entrada dos Celtas na Luſitania antes da vinda do Salvador do mundo 308 annos, e correndo os meſmos deſpois diſto cento, e vinte, os Finices entráraõ em Portugal, e naõ podendo debaixo de cavilaçaõ ardiloſa ſenhorear Santarem, atraveſſáraõ as terras do Alẽtejo, continuando as do Algarve athè ao Promontorio Sacro, chamado hoje o *Cabo de S. Vicente*, pelo ſagrado depoſito que teve do corpo deſte glorioſo Santo Martyr. Porèm os Celtas ſahindo de Santarem (que era a terra donde mais habitavaõ, por ſer entaõ como cabeça deſta Monarquia, e donde havia a mayor força) com as armas nas mãos, os naõ deixáraõ fazer muita aſſiſtencia neſtas Provincias; contentando-ſe os Finices ſó de levarem os oſſos de Hercules, que naquelle Promontorio jaziaõ havia muitos annos, em grandioſo ſepulchro, levando-os para Cadis. Depois junto ao Naſcimento de Chriſto, os Romanos ſe fizeraõ, à força de armas, ſenhores da mayor parte deſta Luſitania; Conquiſta a que veyo em peſſoa o Emperador Julio Cezar, que deu o nome a Santarem de *Præſidium Julium*, por aſſiſtir nella o mais do tempo que cà eſteve. Eſte meſmo Emperador ſe honrou com ella quanto pode, porq̃ a fez Colonia, e Convento juridico; dando aos ſeos moradores mais nobres os meſmos privilegios, que gozavaõ os primeiros fidalgos

Faria Epit. das Hiſtor. Portug. cap. 3. num. 18.

Ci-

Cidadãos de Roma: adiantando-os os outros Emperadores, que lhe ſuccederaõ, fazendo-os Monicipes, que era eſte titulo ainda de mais honra, pois logràraõ eſtes as mayores graças, e izenções que tinhaõ as illuſtriſſimas familias Romanas.

Neſta terra de Santarem ſe publicou primeiro, como cabeça, e a mais illuſtre Rèpublica de toda a Eſpanha, aquelle bem ſabido Edito do Emperador Auguſto de que falla o Evangeliſta S. Lucas (inſtituido em Tarragona) ſobre a diſcripçaõ do Univerſo, em que mandava ſe regiſtraſſem as peſſoas cabeças de familias, pagando certa moeda de prata, a qual de huma parte tinha hum roſtro de huma figura humana, e da outra hum botàõ de roſa meyo aberto. Achàraõ-ſe naquelle tempo (pelas juſtas contas que ſe fizeraõ) dentro em Portugal, aliſtadas ſinco milhoens, ſeiſcentas, e oitenta mil peſſoas, que eraõ cabeças de familias; ſendo entaõ Corte, e dominante de tudo iſto, eſta nobre Villa de Santarem; e pelos annos de Chriſto 400, entrou em Portugal Attaces Rey dos Alanos com poderoſo exercito, e intentou ſenhorear Santarem, ou Eſca Abidis (por ſer entaõ o ſeu proprio nome,) mas como os Romanos a tinhaõ jà toda fechada com fortalecidos muros, retiràraõ-ſe depoes de varios combates, conhecendo ultimamente o perigo da ſua difficultoſa empreza. Foraõ a Coimbra, (que antigamente foy no ſeu principio edificada por Hercules filho de Oziris Rey do Egipto,) e

Poblacion general de Eſpaña c. 22. fol. 124.

destruindo-lhe muita parte da sua povoaçaõ pela resistencia que alli lhe fizeraõ os Romanos, tomáraõ posse della por estes annos referidos: e o mesmo Rey Attaces a reedificou pondo-a quasi no mesmo estado em que hoje vemos aquella Cidade. Passados mais alguns annos chegáraõ a esta Lusitania os Suecos com seu Rey Hermenerico, trazendo exercito poderosissimo com grande numero de Soldados valerosos, e como senaõ houvesse no mundo facçaõ de mayor empenho para lustre das armas nas emprezas militares, vieraõ a Santarem para a conquistarem aonde incessantemente por muitos dias a tiveraõ posta de sitio, porèm desenganados jà de conseguirem a sua expugnaçaõ, deixando esta empreza, encamináraõ a sua marcha para Coimbra. E como invejosos de verem os Alanos senhores daquella Cidade (os quaes a tinhaõ senhoreado à força de armas) combateram-se huma, e outra naçaõ taõ excessivamente valerosos, sendo taõ rigurosas as suas hostilidades, que só se acabou a contenda por meyo do cazamento de Cindazuda filha de Hermenerico com ElRey Attaces, ficando por estes desposorios todos em boa paz.

O Ceo aberto na terra livro 2. cap. 38. pag. 516.

Athè aqui naõ perdeo esta Villa de Santarem o seu primeiro nome de *Esca Abidis*: mas reinando jà nella os Godos no tempo delRey Recesvintho, correndo os annos depois de redimido o mundo 653, lhe chamáraõ estes *Calabicastro*, por diminutivo syncope de Escalabicastro. E o no-

Chronic. da Arrab. Part. 1. lib. 4. cap. 24.

nome de *Santarem* com que hoje nomeamos efta Villa, fe lhe deu defpois de eftar junto a ella no Tejo, o bemaventurado corpo de Santa Iria, que foy o feu martyrio nos ultimos annos do reynado do mefmo Recefvintho na mefma era referida, como efpecialmente diremos em feu lugar; feguiofe fer fenhoreada dos Mouros, paffando os annos do Nafcimento do Salvador do mundo 715, defpois dos Godos viverem nella mais de trezentos annos, e foy conquiftada aos Barbaros por D. Affonfo Sexto Rey de Leaõ, no tempo em que feu Irmaõ D. Sancho, com pouca razaõ lhe tinha ufurpado o Reyno, o qual por fua morte fe lhe reftituhio, pois fempre era herdeiro da Coroa de Caftella, e naquelle tempo tambem de Portugal; entrando o feu poder nefta Villa a vinte e hum de Abril no anno de 1093, exiftindo nella a fua poffe dezafete annos, porque no de 1110 a redufio ElRey Cyro ao feu dominio, pela infelicidade da falta de mantimentos, que opprimiaõ aos fitiados: e foy o mais poderofo exercito que viraõ contra fi os Efpanhoes, ficando Santarem outra vez no poder do infiel jugo Mauritano.

Foy libertada em hum Sabbado, outo de Mayo no anno de 1147, e naõ como alguns Efcrittores erradamente efcreveraõ, fazendo fer o dia defta tomada de Santarem em Settembro, quando fe celebra a Fefta da Dedicaçaõ de S. Miguel. Defta opiniaõ errada foy hum delles Eftevaõ

Estevaõ de Garivay Chronista Castelhano, o qual diz, que ElRey D. Affonso Henriques para ganhar Santarem, começou a jornada de Coimbra em Mayo, e acabou em Settembro, sem declarar qual era a Festa de S. Miguel, se a que se faz a outo de Mayo do Apparecimento deste Anjo, ou a da sua Dedicaçaõ a vinte e nove de Settembro. O que bem se està vendo ser isto apócrifo; porque todos os annos vemos, que a outo de Mayo vay o Senado desta Villa com Procissaõ à Ermida deste Anjo, que està em Alcaçova (obra do mesmo Rey D. Affonso Henriques) em cujo dia na mesma Ermida se prèga hum Sermaõ com as circunstancias da maravilhosa victoria, que este venturoso Rey teve tomando neste dia esta Villa aos Mouros. E Duarte Nunes de Leaõ, Author de crèdito, pelo muito que indagou estas couzas, reprova o Author referido, e mais alguns nossos Escrittores: porque diz, que ElRey partio de Coimbra huma segunda feira, que foraõ dous de Mayo, em que foy dormir a Alfafar, e na terça foy dormir a Cornodellas, e na quarta à Aldea das Pegas, e na quinta à Serrra de Albardos, e na sexta feira em amanhecendo foy à mata de Pernes, e à noute aos olivaes de Santarem, e ao sabbado de madrugada, que eraõ outo dias do mesmo mez, escalou, e tomou a Villa. Estas saõ as formaes palavras deste Author: e só onde entendo que se enganou, foy na conta dos dias, porque na

Duarte Nunes Chron. del-Rey D. Affonf. Hẽriq. fol. 39.

segun-

ſegunda feira em que ElRey partio de Coimbra, eraõ tres do meſmo mez de Mayo, e naõ dous. Da meſma opiniaõ pela noſſa parte he o Licenciado George Cardozo no ſeu Agiologio Luſitano: em o qual diz, que he falſa aquella memoria de Alcobaça, allegada por Brito, e Brandaõ, e apurou a noſſa verdade com huma teſtemunha taõ certa, que a naõ achámos mais verdadeira, e he a copia deſta verdade humas letras, que eſtaõ abertas em pedras, e eu as tenho lido algumas vezes no frontespicio da meſma Ermida em Alcaçova aos pès da eſtátua daquelle Rey, que he feita tambem de pedra muito antiga, o qual letreiro he o ſeguinte:

Cardoz. Agiol. Luſit. Cometar. 8. de Maio tomo 3. folh. 127.

ElRey Dom Affonſo Henriques, que eſta terra tomou aos Mouros em dia de S. Miguel outo de Mayo de 1147.

Neſte dia referido, em que era chegado o anno de mil cento e quarenta e ſete, chegou tambem com elle a felicidade de ſe ver Santarem libertada de taõ peſtifera ſeita, pelo invencivel braço do noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques, a quem jà naquelle tempo naõ era novidade eſtranha vencer as mayores emprezas das armas, pelo augmento da Chriſtandade. E ainda que naõ ſeja couza nova para os curioſos Leitores, que leràõ nas difuſas elegancias de alguns Eſcrittores, a glorioſa victoria que os Portuguezes generoſamente alcançáraõ na expugnaçaõ deſta Villa, proprio he aqui da noſſa Hiſtoria diſ-

corrermos

corrermos com individual narraçaõ o ſucceſſo deſta maravilhoſa empreza.

Deſpois que ElRey reſtaurou a Cidade de Leiria do poder de Iſmar poderoſo Rey Mouro, como D. Affonſo ſempre andava dezejoſo de empregar ſeu esforçado animo, em fazer mais ſerviços a Deos, continuando guerra aos inimigos de noſſa Santa Fè, para a extender em todas as terras de ſua Conquiſta. Vio, que era Santarem, a que mais lhe levava os olhos, aſſim por ſer naquelle tempo a principal, e mayor Povoaçaõ da Luſitania, como pela ſua fortaleza, que era quaſi inexpugnavel, com as fórtes muralhas, que toda a fechavaõ. Eſtando ElRey em Coimbra com anancioſa idéa neſtes penſamentos, cõmunicou-os aos Fidalgos do ſeu Conſelho, por dezafogar dos impulſos do coraçaõ hum animo taõ grande, que nelle meſmo naõ cabia. Achou ElRey nos Fidalgos racionaveis repugnancias, pela perigoſa difficuldade da empreza, mas naõ nos animos, e no devido reſpeito, como valeroſos Portuguezes, e fieis Vaſſalos (porque nelles ſempre andáraõ de companhia o valor, e a obediencia a ſeu Monarca) dizendolhe, que para taõ fortificada Praça eraõ elles combatentes poucos, e os ſitiados muitos em demaziado numero. Alèm diſto, que era a terra inexpugnavel pelo aſſento em que eſtava, e ſer fechada com taõ fórtes muros. Deraõlhe eſtas, e outras razoens taõ concludentes, que por

por algũ tempo fizeraõ focegar ElRey dos intentos com que eftava. Mas como os perpetuos affaltos, q̃ os Mouros de Santarem davaõ nas terras dos Portuguezes, inquietáraõ a ElRey de tal forte o animo, q̃ deliberadamente fe expoz a naõ dar conta das fuas ultimas refoluçoens aos que eraõ de parecer contrario, para o que fiado fó no fegredo, prudencia, e fciencia militar de Mem Moniz de Gandarey, neto de Egas Moniz, que foy Ayo do mefmo Rey D. Affonfo Henriques, o mandou para que da fua parte affentaffe pazes com os Mouros de Santarem; e que por efte caminho, viffe por dentro com individual miudeza o lugar mais facil por donde melhor fe poderiaõ efcalar os muros.

Com efta ordem foy Mem Moniz a Santarem ajuftar pazes com os Mouros: regiftrou com prudencia toda a Praça, empregando a vifta com efpecial reparo nos lugares menos difficultofos para o affalto; e voltando a Coimbra deu conta de tudo a ElRey, dizendolhe com animo de esforçado Cavalleiro, que fuppofto a Praça era bem fechada com fortalecidos muros, mayor fortaleza reconhecia elle na força, e valor dos Portuguezes: e mais quando eftes viaõ na companhia de feu Rey hum braço taõ coftumado a fer vencedor, que logo feos primeiros golpes eraõ verdadeiros annuncios de fuas victorias. E tanto lhe facilitou a entrada na Villa, que lhe deu fua palavra de fer elle o que havia de arvo-

rar a ſua real bandeira ſobre os muros de Santarem, e quebrar por dentro com ſuas proprias mãos as fechaduras das portas, porque abrindo-as, queria ter elle à gloria de ſer o primeiro, que nas mãos lhe entregaſſe o troféo da meſma victoria, q̃ tanto confiava em o natural esforço de ſeu Monarca. Muito eſtimou ElRey eſtas noticias, ſabendo, que naõ eraõ ditas por quem ſó lhe fallaſſe à vontade, pois ſempre tinha experimentado na peſſoa de Mem Moniz juizo taõ maduro, como o tinhaõ moſtrado os exemplos nos valeroſos feitos das ſuas heroicas acçoens, em todas as occaſioens de guerra, que com elle ſe achára; moſtrando ſempre valor, e ſciencia para prever as mais acertadas diſpoſiçoens da guerra.

Paſſados alguns dias para eſtas determinaçoens, chamou ElRey os principaes da Corte à ſua prezença, Capitães deſtros nas armas, que ainda que poucos, ſeus generoſos animos os faziaõ mais numeroſos pelos multiplicados golpes que coſtumavaõ abrir com as ſuas eſpadas, em cujas folhas, com o ſangue Mauritano, tantas vezes leváraõ nellas eſcritas as acclamações dos ſeos triunfos: e neſta occaſiaõ ſe reveſtíraõ logo de humas reſoluçoens taõ unifórmes, que de todos, o menos dezejo, era o de venderem as vidas bem caras pela honra de Deos, e de ſeu Rey.

Deſtes valeroſos Soldados, a mayor parte era

era de Coimbra, peloque refere Fr. Bernardo de Brito na sua Chronica de Cister, allegando o testemunho do mesmo Rey D. Affonso, a qual declaraçaõ diz, que està no Real Convento de Alcobaça, no fim de hum livro que tem as obras de S. Fulgencio, de quem tirou tudo, o que alli foy escrevendo. E estando ElRey preparado daquillo, que precizamente lhe era necessario, se partio de Coimbra para Santarem sem estrondos de guerra, levando comsigo Fernaõ Peres, e outros Fidalgos de sua casa com os de Coimbra, e os Cavalleiros Templarios: confiando muito nas oraçoens de S. Theotonio, Prior que entaõ era do Convento de Santa Cruz de Coimbra, com quem pouco tempo antes se tinha confessado. E porque naõ houvesse sospeita da sua determinaçaõ foy por caminhos que naõ eraõ seguidos: indo a primeira noute dormir a Alfafar; e fazendo outra jornada a Dornelles, a hi chegou D. Pedro Affonso (Irmaõ do mesmo Rey) que o tinha mandado chamar a entre o Douro, e Minho; do qual festejou ElRey muito a sua vinda, pelo grande amor que lhe tinha, e por ser esforçado Cavalleiro para huma empreza taõ grande, como era a que jà tinha entre mãos. Aqui em Dornelles deu ElRey conta dos seos intentos a seu Irmaõ, e àquelles Fidalgos Portuguezes q̃ comsigo trazia, fazendo com elles conselho; e assentàraõ que fosse hum delles em nome delRey D. Affonso levantar pazes aos Mouros de Santarem,

Chronic. de Cister p. 1. cap. 28. n. 162.

como era estillo, publicarlhe guerra tres dias antes de se dar principio à batalha, por naõ parecer aleivozia; e pelo Manifesto do proprio Rey, diz Fr. Bernardo de Brito, que foy Martim Mohab, e mais dous companheiros àquella importante diligencia.

Chronic. de Cister. livro 3. cap. 28. num. 162.

Depois estando ElRey no lugar de Aldegas, chegou Martim Mohab, e seus companheiros em huma quarta feira, que era a daquella propria semana em que partíraõ de Coimbra, jà depois de declarar guerra aos Mouros; e na quinta feira despois da meya noute foraõ fazer alto na serra de Albardos. A hi ao romper da madrugada foy ElRey praticando com seu Irmaõ Dom Pedro, declarandolhe bem a difficultosa empreza a que hia, intimandolhe, q̃ só na Providencia de Deos levava suas esperanças. Disselhe D. Pedro, que em França corria a fama universal dos milagres maravilhosos, que em semelhantes cazos fazia o P. Fr. Bernardo Fundador de Claraval, os quaes milagres elle vira huns, e ouvira outros: persuadindo-o muito, que confiasse, e se encomendasse em os merecimentos daquelle grande Servo de Deos, para alcançar o que tanto dezejava.

Naquelle mesmo lugar, a estas palavras de D. Pedro Affonso, com intima devoçaõ, levantou ElRey os olhos ao Ceo, e com enternecidas vozes, fes solemnissimo voto a Deos, que se pelos merecimentos daquelle Servo seu Fr. Ber-

Monarchia Lusitana 3. part liv. 10. cap. 22. fol. 162. vers.

Bernardo lhe deſſe a victoria de tomar Santarem aos Mouros, elle prometia fazer naquellas partes hum Convento para a Ordem daquelle meſmo Santo; e darlhe todas as terras que dalli diſtaſſem ao mar: com a ſegurança, que nem elle, nem ſeos Succeſſores as pudeſſem dar, nem dotar a outrem; ſendo tudo ſempre para o meſmo Convento, como com effeito aſſim o fes logo deſpois da victoria; dotandolhe todo o referido. E foy iſto aos ſeis dias do mez de Mayo, em quinta feira; correndo os annos deſpois do Naſcimento de Chriſto de mil cento e quarenta e ſete, como jà fica declarado neſte meſmo Capitulo. E partindo daqui ElRey por caminhos occultos, andou toda a noute ſeguinte athè chegar ao alto do monte de Pernez, amanhecendolhe à ſexta feira neſte meſmo monte. E porque ſe via jà perto de Santarem diſtancia de tres legoas (com pouca differença) entaõ deſcobrio a toda a ſua Companhia o fim paraque os levava com tanto ſegredo. E conformandonos com o Manifeſto, que o proprio Rey (deſpois de todo o ſuccedido) mandou eſcrever em Santa Cruz de Coimbra, referido jà por Brito, que fica allegado, he ſem dúvida (pelas mais noticias que temos) que neſte meſmo monte junto ao lugar de Pernez, fes ElRey hũa pratica aos ſeos Portuguezes, digna de immortal memoria, a qual com pouca differença de palavras, foy na fórma ſeguinte.

Bem

Bem ſey companheiros meos, e leaes Soldados Portuguezes, que muito bem ſabeis vòs (à cuſta de voſſos trabalhos) as mercès, que de Deos temos recebido, nas grandes emprezas de que pelo meſmo Senhor dos Exercitos temos triunfado contra os inimigos de noſſa Santiſſima Fé. He chegado o tempo, em que eſtamos quaſi à viſta do obſtaculo que provoca à noſſa afronta. Hà bem pouco tempo, que com voſſos proprios olhos tendes viſto os opprobrios que padeceo Coimbra (que de muitos de vòs he patria) voſſas fazendas, e todo o meu Reyno. Tambem ſey (e vòs o naõ ignorais) que de Santarem, em cuja Comarca eſtamos, ſahe a mayor força dos Barbaros, dando aſſaltos às noſſas terras. Naõ creſça mais com a noſſa paciencia o ſeu atrevimento: e eſtas ſuas repetidas ouzadias jà paſſaõ a ſer injurioſo eſcandalo ao credito de noſſas victorias. Para remedio deſtes inſultos, podia eu convocar todas as forças de meu Exercito; e tenho por certeza me offereceriaõ os meos Soldados as vidas athè as entregarem à morte. A mayor parte deſte Reyno de Portugal jà he filho de noſſos triunfos, criado o temos jà para nòs no ſeu primeiro berço, ſuſtentemolo ſem deſcuido com as mãos nas eſpadas, para q̃ os noſſos vindouros o logrem robuſto; que elle em todo o tempo nos farà acredores das mais illuſtres memorias. Para eſta heroica empreza naõ quiz eu eſcolher outros mais que a vòs; pois das voſſas peſſoas a experiencia me tem moſtrado, que correm unifórmes parelhas, a lealdade, e o valor, e por iſſo ſó de vòs, mais que de outrem, fio meos penſamentos, como daquelles que muito dezejaõ tomar à ſua conta entrarem nos mayores perigos por defenderem

fenderem a minha honra. Credeme meos valeroſos Soldados, que taõ facil me parece a empreza, que na voſſa companhia determino começar, que pela tardança do dia ſeguinte ſe me reprezentaõ os dias annos, e os minutos dilatadas horas, dezejando reduzir tudo a hum breve momento, pelo exceſſivo goſto que me acompanha eſta alma; quando reconheço em voſſos generoſos peitos eſtarem (neſte particular) os dezejos taõ vivos como os meos: eſpero com firmeza executallos, como ſe me vira jà triunfante no meyo de Santarem. Confeſſo-vos valeroſos companheiros, que ſem duvida creyo, que à muitos tempos anda a fortuna buſcando occaſioens de nos fazer mais famoſos, e a ventura proſpera chegando-nos a mayores honras. Naõ duvido, que a deſigualdade que hà de Mouros naquella Praça, aos Portuguezes que aqui eſtamos, he grande; porèm aqui naõ ſe deve avaliar o partido pelo numero, mas ſim pelo valor, pela diſciplina, e pela virtude. Mayor poder he o noſſo, que o daquelles inimigos; pois contra elles tambem pelejaõ os reflexos do preterito, na fama de noſſas executadas victorias. E mais, que difficuldade poderà haver em tirarmos as vidas àquelles infieis, a quem o pezado ſonno da noute lhe terà ſepultado o acordo, paraque com grande confuſaõ, ſem a promptidaõ das armas ſenaõ poſſaõ reparar dos noſſos golpes. Entre eſtas lembranças que vos faço, a que mais encarecidamente vos encomendo he, que naõ perdoeis a nenhum eſtado, nem a qualquer idade; cortem voſſas eſpadas tenras idades, florecentes, e carregados annos, de hum, e outro ſexo, ainda que peçaõ miſericordia a voſſos braços victorioſos. Reviſtaõ-ſe

eſſes

esses coraçoens de ferezas, pelo augmento da Christandade: e porque temos a Deos da nossa parte, qualquer de vòs poderà vencer, e desbaratar grande numero de seos contrarios. De hoje por diante, creyo sem dúvida, se estaõ fazendo conventuaes deprecaçoens no Convento de Santa Cruz, a cujos Conegos descobri, antes da minha partida, os intentos, e fim della. E tambem entendo, que o mesmo se està fazendo em Conventos mais remotos; e assim o Ecclesiastico, como o Povo Catholico, todo roga por nòs ao Senhor. Peleijay, peleijay animosos Soldados, pela liberdade, e quietaçaõ de vossos filhos, e netos, que igualmente com cada hum de vòs me haveis de achar sempre o primeiro nos mayores perigos: e naõ poderà haver alguem, que por caminho algum me possa apartar, nem em vida, nem em morte de vossa companhia.

Com grande attençaõ, e silencio foy ouvida de todos os Soldados esta practica delRey; e ainda que todos mostrassem summo gosto de entrarem na empreza, e se offerecessem com especial alvoroço, a cumprirem todo o Régio mandado com deprecadas razoens: acordáraõ a ElRey o quanto mal acertado lhe parecia, entrar sua Real Pessoa no conflicto da batalha; pelo arriscado perigo a que se expunha; rogandolhe, com obedientes termos, que ficasse a donde melhor conveniente fosse, e os deixasse a elles hir com seu Irmaõ D. Pedro, que sem se afastarem hum átomo dos seus preceitos, fariaõ o que pelo seu Rey lhe era encomendado; porque se fosse adversa

Brand. Monarc. 3. part. liv. 10. cap. 23. fol. 163.

versa a fortuna com elles, e se perdessem, ficando sem as vidas, naõ se perderia muito. Porèm que correndo perigo a Pessoa Real, era universal a perda, e para elles ficaria huma perpetua infamia. Agradecendo ElRey quanto era possivel, este amor, lhes disse com ultimo desengano; que certamente naõ determinava sahir de Santarem vivo, se a naõ deixasse por sua. A este final termo da sua real vontade, sem se pronunciarem mais razoens, começáraõ logo aquelles leais Portuguezes com animoso cuidado, a dispor tudo o que convinha para a tal expugnaçaõ: aos quais mandou ElRey, q̃ naquelle mesmo dia de sexta feira, se fizessem doze escadas. E para tudo se acertar cõ boa direcçaõ, deu por ordem se escolhessem cento e vinte Soldados, paraque na subida para os muros, coubessem dez a cada huma; porque ao mesmo tempo que o primeiro subisse, se achassem logo em cima do muro nove com elle, e que continuassem a subir os mais. E que no mais alto dos muros arvorassem com presteza a sua bandeira, para que com a vista della, se acrescentasse aos combatentes a fortaleza do animo, e aos inimigos serveria de espelho pavoroso, para lhe diminuir a confiança, na confusaõ da defensa.

CAPITULO V.

Como a ElRey D. Affonſo Henriques, e a ſeus Portuguezes lhe apparecèraõ alguũs ſinaes, que ſe entende ſer aviſo do Ceo para animar os coraçoẽs dos Chriſtãos na batalha. E de como o meſmo Rey entrou, e venceo, tomando eſta terra de Santarem aos Mouros.

DEterminado o que fica dito neſte Capitulo paſſado, ElRey com os ſeos Portuguezes, diſpuzeraõ tudo o que convinha com boa ordem para a jornada, deixando a bagagem com os criados embrenhados na mata de Pernes: e na meſma ſexta feira montando todos em ſeus cavallos, chegáraõ aos olivaes de Santarem, tendo jà vencido muita parte da noute; e pelo mayor curſo das horas da meſma noute, ſe chegàraõ mais perto da Villa à parte do Norte, por baixo donde hoje eſtà hum Convento do Patriarcha S. Bento, que fica agora eſta baixa por cima do principio das hortas da Afaçaya. Dalli eſtando quietos, ouviaõ as vellas, ou vigias dos Mouros, quando huns a outros fallavaõ. Neſte lugar eſtiveraõ os Portuguezes apeados a mayor parte da noute, com os cavallos pelas redeas, praticando cõ vozes baixas, recebendo de ſeu Rey as ordens

dens do que haviaõ de fazer. A eſtas horas, que jà eraõ proximas veſperas ao tempo do que ſe intentava executar naquella empreza; ſegundo podemos entender, quiz Deos Senhor Noſſo que eſta terra, que athè entaõ era domicilio de Barbaros, e que tanta oppreſſaõ davaõ à Igreja Catholica, ficaſſe dalli para ſempre ſendo fiel depoſitaria de tantas maravilhas da graça, quantas ſaõ as reliquias milagroſas, que em ſi encerra; foy ſervido o meſmo Senhor, animar os Chriſtãos para vencerem, com hum prodigioſo ſinal que lhes moſtrou no Ceo, o qual ſe vio entaõ na fórma que aqui diremos.

Eſtando (aſſim como eſtà dito) os Portuguezes naquelle lugar, viraõ, que de repente appareceo no ar hum eſtranho ſinal, com a forma de huma eſtrella muito inflamada, deſigual às mais na grandeza: a qual por hum grande eſpaço de tempo eſteve parada, allumiando muita parte da terra; e ſem acelerado curſo, foy caminhando vagaroſa da parte do Noroeſte, ſeguindo a carreira para o Tejo contra o mar, athè que a perdèraõ de viſta. Era eſte ſinal taõ extraordinario pelas ſuas circunſtancias, que claramente ſe via naõ ſer acaſo, e couſa ordinaria, mas ſim demonſtraçaõ do Ceo, mandada pela Divina Providencia, a favor do proſpero fim que naquella empreza havia a Chriſtandade alcançar contra a maldita ſeita daquelles Barbaros: que por eſte conhecimento, logo ElRey

D. Affonso assim o persuadio aos seos, dizendo: A'vante, soldados, e companheiros meos, naõ haja quem se acovarde, q̃ o Ceo nos aviza com estes prognosticos, de ser com a Divina graça, nossa a victoria. Porèm naõ foy só este sinal, para os Mouros preságio dos seos infortunios, e por donde só prognosticassem suas desventuras; porque no mesmo dia em que ElRey D. Affonso lhes mandou quebrar as pazes, que foraõ tres dias antes do sabbado, na quarta feira, a horas do meyo dia, appareceo em Santarem no ar, hum espantoso cometa, taõ formidavel à vista, que a sua figura era huma horrendissima Serpente, formada à feiçaõ de hum touro, o qual desde a cabeça athè o fim da cauda lançava de si lavaredas de ardente fogo, taõ medonhas, e tristes, que cauzou grande pasmo aos Mouros de Santarem, quebrandolhes os animos de atemorizados; porque os mais sábios delles, em seos agouros fizeraõ daquillo prognosticos, de que teria aquella terra novo Rey, que a havia de governar côm outras leys muito dessemelhantes das que athè entaõ tinha; dividindo-se cadahora huns, e outros em varios pareceres. Mas em quanto os Mouros se occupaõ em fazer este prognostico, tornemos ao lugar adonde deixàmos o nosso Rey, que a hi està esperando que a noute desça para o quarto da Alva, tempo em que o sono costuma ser mais pezado aos sentidos dos mortais.

Par-

Partio dalli ElRey com os ſeos Soldados; deixando os criados com cavallos naquelle lugar. Cruzáraõ a pês o caminho do olival de Montirás, e deſcendo ao valle, q̃ fica entre a calçada de S. Clara, e a da Atamarma, foraõ pelo valle acima cõ grãde ſilencio, indo adiante Mem Moniz, q̃ muito bem ſabia as melhores paragens para a entrada, e logo ElRey ſeguindolhe os paſſos. Porèm aqui ſe lhe deſvaneceo (por ſeu bom acordo) o fio q̃ levavaõ direito ao lugar do muro a que queriaõ ſubir: pois a hi víraõ duas vellas em theátros feitos de novo; os quais vigias ſe eſtavaõ eſpertando hũ a outro; e víraõ mais, q̃ a ronda dos Mouros andava por cima do muro, requerendo às vellas que naõ dormiſſem, e que vigiaſſem. Os Portuguezes ſe deixàraõ eſtar quietos, lançados de bruços em terra, entre huma ſeára de paõ que alli eſtava, athè entenderem, que as vigias todas eſtariaõ dormindo.

Deſpois diſto, a pouco eſpaço de tempo, abalou Mem Moniz com os que o ſeguiaõ, indo muito pezarozo do que tinha viſto, e ouvido. Chegouſe ao pè da muralha (que ſuppoſto os exames que tenho feito para eſcrever a certeza deſte lugar, foy entre a porta da Atamarma, e a ſubida das figueiras, junto adonde hoje eſtaõ humas cazas de Joaõ Palha Botelho na Mouraria.) E trepando Mem Moniz por hum telhado de hum oleiro, que eſtava contiguo à muralha, paſſou à meſma muràlha a encaminhar huma eſ-

cada

cada sobre huma hastea della. E como a escada se naõ sosteve bem no muro, correo pela hastea a baixo, e deu naquelle telhado fazendo hũ grande estrondo, que por este grande rumor cuidáraõ os nossos serem sentidos das vellas. Abaixouse Mem Moniz, escutando se ouvia dentro algum ruido, e naõ o sentindo, fes que se puzesse a escada aos hombros de hum soldado, moço robusto, que estava alli embaixo com os mais, do qual naõ achámos noticia certa do seu nome, que o merecia ter grande na perpetuidade dos seculos; mas fazendo-se bom discurso nesta materia, seria aquelle soldado, a quem Fr. Bernardo de Brito chama *Mogeime*; do qual diz, que foy o primeiro que sobio pela escada, tendo-a primeiro Mem Moniz aos hombros: porèm entendo se devia aqui enganar este grande Escritor, ou fes pouca diligencia por apurar desta circunstancia a verdade; porque Duarte Nunes de Leaõ neste ponto diz: que Mem Moniz fez assentar curvo hum mancebo, em o qual por cima delle pôs a escada mais entregue ao muro, e logo que por ella sobio levantou a bandeira real, sobindo ao mesmo tempo mais dous, seguindo-se despois os mais. Do que se póde entender, que este soldado, a quem estes Authores nomeaõ por mancebo, e Fr. Bernardo o gaba de robusto entre os outros Portuguezes, sempre se deve inferir, que como mais forçoso, firmou a escada em seos hombros para os mais sobirem, e se dar principio

Brito Chronica de Cist. livr. 3. fol. 165.

Duart. Nunes, Chron. del-Rey D. Affons. Hẽriques f. 38.

cipio

cipio a taõ grande façanha, q̃ foy o tal *Mogeime*.

Eſtando neſta fórma a eſcada na propria altura do muro; tanto que por ella ſobio Mem Moniz, e pôs ſeos pès firmes em a muralha; com os dous mais que o ſeguíraõ, levantou a bandeira real: a eſte tempo que eſtavaõ em cima ſós eſtres tres, acordáraõ as vellas, perguntando huma dellas (ainda com voz dormente) quem eraõ os que alli eſtavaõ: Mem Moniz lhe reſpondeo na lingua Arabiga, que elle era dos que andavaõ rondando, que lhe fallaſſe alli fóra pois era couza de importancia: o Mouro deſceo mais abaixo ao muro, logo Mem Moniz com muita preça o matou, e cortandolhe a cabeça a lançou em baixo aos noſſos para teſtemunha verdadeira do bom ſucceſſo, que eſperavaõ. Neſte tempo a outra vella, que reconheceo eraõ Chriſtãos os que aquillo faziaõ, em altas vozes começou a bradar dizendo: *Nacerani*, *Nacerani*, que he o meſmo que dizer: *Chriſtãos*, *Chriſtãos*; e quando jà em cima eſtavaõ dez, acodíraõ correndo, os Mouros da ronda àquellas alteradas vozes, e topando com os noſſos, a hi de parte a parte, com as eſpadas nas mãos houve rigoroſa peleija. Mem Moniz de cima peleijando, valeroſamente animava aos ſeos, invocando com grande voz o noſſo Protector San-Tiago, dizendo: Soccorro, ſoccorro, morraõ eſtes infieis, que aqui eſtà El-Rey D. Affonſo. ElRey cà embaixo ao pè da muralha bradando, dizia aos de cima: valor

Por-

Portuguezes, matem, matem, todos à espada, que jà chegou a total ruina desses inimigos da Santissima Fè de meu Senhor JESU Christo; cortay sem piedade, animo, aqui està o vosso Rey D. Affonso; San-Tiago Patraõ do povo Catholico, Virgem MARIA advogada nossa, soccorrey aos vossos Christãos.

Nesta occasiaõ jà era muito grande o confuso estrondo da vozaria, cõ os échos dos gritos q̃ os Mouros articulavaõ, os quaes ainda embaraçados da prizaõ do sono, sem os urgentes reparos dos vestidos, se achavaõ em mayores confusoens. Alli logo sentíraõ os inimigos o horror do mayor espectaculo; porque por duas escadas sobiaõ cadavez mais dos nossos, que punhaõ em terra a fio de cutello, quantos Mouros lhe cahiaõ nas mãos. E como ElRey vio de fóra taõ grande revolta, para soccorrer com promptidaõ aos que estavaõ dentro, e naõ podessem os Mouros sahir com sillada por outra banda; mandou a seu Irmaõ D. Pedro Affonso, com os que lhe cabiaõ, à volta para a parte do Poente, e que occupassem a porta de Leiria, pois a hi naõ eraõ os muros taõ fórtes por natureza, mas só pela industria (como jà fica dito no Capitulo segundo da descripçaõ desta terra.) A Gonçalo Gonçalves mandou, que fosse para a maõ esquerda com os seos occupar a porta da Atamarma: e porque via que era lugar de mais pendor, e perigo, foy o proprio Rey logo para alli, levando a gente que ficava

com

com elle, mas de dentro o ſempre valeroſo Mem Moniz, lembrando-ſe da promeſſa que tinha feito em Coimbra a ElRey, de lhe abrir por dentro as portas daquella Praça, acodio a ellas, e mais ſinco companheiros, fazendo todo o poſſivel por lhe quebrar as fechaduras, o que finalmente fes com hum machado, ou maſſo de ferro que lhe lançárao de fóra. Aberta a porta, entrou ElRey cõ os ſeos Soldados; e alli jà de dentro, pôs logo os joelhos em terra, e as mãos levantadas ao Ceo, deprecou com huma breve oraçaõ à Divina Omnipotencia, para do meſmo Deos alcançar mais glorioſo troféo, e o fim da victoria, pois aſſim o entendia jà daquelle bom principio: e levantando-ſe, empunhou a eſpada, dizendo aos ſeos: Eya valeroſos ſoldados Portuguezes, naõ fique Mouro com vida; aqui tendes o voſſo Rey, e companheiro, naõ ſó para teſtemunha das façanhas que neſta occaſiaõ obrares, mas para exemplo do muito que eſtais obrigados a executar contra os inimigos da Igreja.

Fr. Anton. Brand. Monarch. Luſitan. 3.part. livro 10 cap. 23. fol. 164. verſ.

Ditas eſtas palavras com que mais ſe reveſtio o animo nos coraçoens dos Portuguezes, acodio logo ElRey à Praça da Villa, adonde ouvia grãdes gritos, que os Mouros davaõ, confundidos cõ os eſtrondos das armas; a hi achou ſeu Irmaõ D. Pedro, executando portentoſas maravilhas de valor, com hum eſquadraõ de Mouros; e chegando ElRey aos contrarios pela retaguarda, fizeraõ nelles terrivel carniceria, com aſſombroſo

eſtrago: diſtinguindo-ſe ſempre o real impulſo daquella invencivel eſpada tantas vezes banhada no ſangue Agareno; que das ſuas inauditas proezas ficáraõ ſempre as noſſas memorias (com admiraçaõ) ſuffocando a lembrança de outro qualquer heroe, a quanto lhe podia publicar o mais alto clarim da fama. Neſte confuſo terrivel laberintho, ſó ſe ouviaõ lamentos em deſentoadas vozes; via-ſe a terra tinta de ſangue, e juncada de corpos jà cadáveres, que cortavaõ as eſpadas Portuguezas: acreſcentando a eſte horroroſo eſtrago, mayor terror as trevas da noute; as quais revolviaõ em ſubitas aflicçoens no juizo dos Mouros indifferentes penſamentos, para a determinaçaõ de algum acerto.

Neſte conflicto, os Mouros mais nobres (que ſó jà tratavaõ de ſalvar as vidas) vendo-ſe no fim de ſuas proſperidades, e talves entendendo ſe lhe cumpria alli o prognoſtico de ter Santarem novo Principe, ſe foraõ retirando a toda a preſſa para o fórte de Alfange; que naõ ſeria difficultoſo eſcaparem naquella occaſiaõ, fortificando-ſe nelle, ſe ElRey D. Affonſo, que com o penſamento lançava os olhos a tudo o que convinha, lhe naõ ſeguira os paſſos com tanta preſſa, que juntamente com elles ſe meteo pela porta da fortaleza, levando comſigo D. Pedro ſeu Irmaõ, Gonçalo Gonçalves, D. Pedro Paez, ſeu Alferes mòr, e D. Gonçalo de Souza. Os quais com os fios dos luzentes ferros cortavaõ ſem temor a-

quellas

quellas barbaras vidas. E para que dalli naõ sahissem alguns com ellas, ou fossem soccorridos de fóra, sempre guardavaõ os nossos a porta. Porèm como os Mouros eraõ muitos, naõ hà dúvida que corria ElRey perigo, se lhe naõ acodisse Lourenço Viegas com bastantes Soldadados, que com a entrada delles se acabou aquella peleja, deixando a fortaleza privada de defensores, e só occupada de corpos mortos, sumergidos, e sepultados em o mar de seu proprio sangue.

A este mesmo tempo andava Mem Moniz, que muito bem sabia nesta terra para donde havia de encaminhar os passos, com sessenta Soldados seus companheiros, fazendo estranhas proezas em armas; pois entrando pelas mayores casas da terra, com a espada levava as vidas, a quantas creaturas se lhe oppunhaõ à vista. O Alcaide Abzechri Governador athè alli desta Villa, vendose jà sem esperanças de a poder defender, espavorido com grande mágoa do lastimoso estrago, com que sentia acabar os seos defensores, tratou de salvar a vida, na ligeireza de hum cavallo; levando comsigo huns poucos de Mouros nobres, com os quais sahio com cautela, correndo pelo Postigo de Santo Estevaõ; que confórme as tradiçoens antigas, este foy o motivo dos nossos ficarem chamando a esta porta o *Postigo da Carreira*: e fogindo a toda a pressa, encaminhou os ligeiros passos para Sevilha, adonde estava o seu Rey Mouro chamado *Albaraque*, o qual estando na

 torre

torre, que chamaõ do *Ouro*, ou para divertirse na espaçosa vista dos campos, que dalli se descobrem; ou por esperar cuidadoso, algum mào, ou bom aviso que lhe podesse vir de Santarem; vio que ao longe vinhaõ huns poucos de Cavalleiros, como a quem ainda o medo da mesma morte lhe dava azas para escaparem com vidas, pela pressa com que corriaõ. Disse logo o Rey para huns Mouros graves que com elle estavaõ, que se lhe assustava o coraçaõ parecendolhe que era aquelle Abzechri Alcaide de Santarem, o qual deixaria a terra perdida, ou quasi em termos de se render aos Christãos: e para fazer juizo de qual destas cousas poderia ser, disse, que se ao passar de hum rio, que naquelle caminho estava, dessem de beber aos cavallos em que vinhaõ montados, era hum sinal certo de ficar Santarem pelos Portuguezes, porèm se passassem o rio correndo, naõ lhe faria dúvida que vinhaõ pedir socorro. E porque chegados os Cavalleiros ao rio deraõ de beber aos Cavallos, ficando alli detidos, logo ElRey se retirou da torre, e se foy lamentar a sua desgraça, como quem perdia muito em huma Praça de tanta importancia.

E porque o mais que aqui se passou em Sevilha jà serà exceder o preceito da nossa Historia, deixemos a Albaraque em Sevilha tomando o seu nojo, e tornemos a Santarem, adonde o nosso victorioso Rey D. Affonso Henriques, e seos valerosos Portuguezes (com imperiosos sem-

blantes)

blantes) pizaõ as ruas de Efcalabicaftro por cima dos barbaros corpos jà fem vidas; quando a aurora do dia lhe fazia mais patente aos olhos, no eftrago daquelles cadaveres as acclamaçoens triunfantes, que gloriofamente merecèraõ pelo heroico impulfo de feos invenciveis braços: ficando logo o noffo invicto Rey fenhor da terra, e confumada a victoria pela Chriftandade; do que todos alli davaõ graças a Deos Senhor dos exercitos, pela eftranha mercè que lhes fizera, pois ainda naõ acabavaõ de crer a portentofa façanha a que tinhaõ dado fim por fuas proprias mãos. E como fe a cada hum por fi fó, lhe coubera a honra daquella victoriofa empreza, faudando-fe huns a outros, pois naõ perdèraõ hum fó Soldado, fe davaõ os parabens, defafogando em abraços o grande gofto, e alegria que fentiaõ em feos coraçoens.

CAPITULO VI.

De como Albaraque Rey Mouro, intentou reftaurar efta Villa de Santarem, querendo-a pôr de fitio com grãde exercito: como os Mouros foraõ desbaratados pelos Portuguezes delRey D. Affonfo Henriques. E como o mefmo Rey por efta victoria deu principio a inftituir a Cavallaria da Ala.

DEfpois da maravilhofa victoria que differmos no Capitulo, que acabàmos de efcrever, paffados defouto annos, tendo ElRey D. Affonfo

Affonſo Henriques outenta e ſeis de idade, eſtando em Santarem em tranquillidade ſerena; pois eſta idade lhe naõ dava jà tanto lugar a inquietar os Mouros, como o fazia nos verdes annos da ſua mocidade: e pela razaõ de ter maltratada huma perna naõ podia montar acavallo (como em ſeu lugar tocaremos,) Albaraque Rey de Sevilha, entendendo que o tempo lhe moſtrava proſpera a occaſiaõ de tomar vingança das muitas deſtruiçoens que nas ſuas terras lhe tinhaõ feito os Portuguezes; veyo com hum numeroſo exercito de Mouros Africanos, e Andaluzes, fazendo grande eſtrago pelas terras do Alentejo, pondo a ferro, e fogo quanto achavaõ nos campos, e povoados, naõ perdoando a couſa viva. Chegáraõ eſtas noticias a Santarem, que as traziaõ os que encomendando as vidas aos pès fogiaõ à morte. Diſto entendeo ElRey D. Affonſo, que aquelles inimigos deſpois de fazerem os damnoſos inſultos nas noſſas terras, ſe tornariaõ a recolher nas ſuas. Mandou pôr em marcial fórma os ſeos Soldados para o ſocorro, e defenſa dos ſeus povos, que impediſſem a liberdade aos Mouros, os quaes como olhàraõ ſempre com temor as armas Portuguezas (bem à cuſta do ſeu damno) lhes naõ deixaſſe liberdade para mais ouzadias. Porèm deſte penſamento o deſvaneceo outra noticia, que agravou mais o cuidado delRey D. Affonſo, e era a nova do exceſſivo numero de Barbaros; os quais vinhaõ cobrindo

os cam-

os campos com acelerado paſſo, fazendo-ſe na volta de Santarem, paraque dentro na Villa tomaſſem a ElRey deſapercebido do repentino aſſalto, achando-o ſem gente de guerra, nem mantimentos que baſtaſſem para perſeverarem dentro os Portuguezes conſtantes na defenſa, a todo o tempo do cerco; conſtrangendo aſſim a D. Affonſo a dar-ſe por vencido, ou a vencelo à força das armas Mauritanas.

Vendo ElRey pela evidente certeza deſtas noticias, que os Mouros jà eſtimavaõ em taõ pouco o ſeu temeroſo reſpeito, que chegavaõ a porlhe cerco no centro do ſeu Reyno; convertendo eſta mágoa em brioſa colera, mandou a Lourenço Viegas, fidalgo illuſtre, deſtimido nas armas, e ſcientiſſimo no Militar, que com toda a gente de cavallo que lhe pareceſſe, ſe puzeſſe em campo fóra dos muros da Villa, e que com boa diſpoſiçaõ impediſſe aos Mouros fazerem o arrayal junto a Santarem, mas em tanta diſtancia, que ficaſſe baſtante campo para ſe dar batalha, e ſe formar exercito com largueza, que ſuppóſtas as diligencias que fiz neſta terra pelas tradiçoens antigas, foy eſte lugar donde ſe deu o primeiro choque, no rocio de Alviſquer, a donde hoje chamaõ os *Valadinhos.* Lourenço Viegas logo com breviſſima promptidaõ fes montar a cavallo noventa deſtimidos Soldados; e levou juntamente mil e outocentos Infantes, ſendo os mais delles béſteiros. E quando ſahio da

da Villa, deixou hum recado ao famoso Mem Moniz seu Irmaõ, o qual era Capitaõ da guarda delRey, que se de cima da Villa o visse em grande perigo, o socorresse com hum terço de Soldados de cavallo. Sahio Lourenço Viegas com a gente referida, e foy-se pôr de emboscadá dentro em huns olivaes, junto a donde agora se vém os pomares da Asacaya à parte do Norte, esperando que chegassem os inimigos.

Chegados os primeiros batalhoens dos Mouros, os investio com tanta furia Lourenço Viegas ferindo-os com taõ grandes golpes, que logo a vanguarda dos inimigos foy desbaratada: e houve tal revolta nelles de temor, que entendendo vir ElRey D. Affonso com mais exercito, se puzeraõ por bastante terra em retirada, ficando na realidade jà os nossos, senhores da victoria. A este tempo reparou Albaraque na pouca gente Portugueza que lhe hia dando caça com toda a força, virando-se adiante dos seos, com palavras injuriosas os descompoz, e requereo em tal fórma, que os precisou a voltarem sobre os nossos, todos os Barbaros daquelle exercito, com tal impeto, que Lourenço Viegas se foy pauzadamente retirando com brioso concerto, trazendo sempre a vanguarda com o rostro à dos contrarios; e pelejando com boa ordem se foy recolhendo pelo meyo da nossa infantaria, que para isso se lhe abrio em dous lados, e despois se tornou logo a fechar, desparando os mesmos

mos Infantes ſobre os inimigos hum chuveiro de ſetas taõ rijamente, que baſtou para lhe rebater a furia, e naõ ſeguirem os noſſos de cavallo. Neſte tempo ElRey Albaraque que vio parar a ſua vanguarda, e que eſta temeo a taõ pouco numero de Chriſtãos, apertando as eſporas ao cavallo, como dezeſperado, ſe meteo pela noſſa vanguarda, cahindo com tal impeto ſobre os noſſos, que o valeroſo Capitaõ Viegas, prevendo alguma ſua deſgraça, mandou tocar a recolher, hindoſe chegando para o pè da Villa com a gloria (q̃ naõ foy pouca) de naõ perder hum ſó Soldado; deixando no campo muitos dos inimigos ſem vidas, e trazendo comſigo cativos vinte e dous Mouros.

Jà Lourenço Viegas entrava em Santarem, quando ſe encontrou com ſeu Irmaõ Mem Moniz, que vinha em ſeu ſocorro, com hum eſquadraõ de gentis, e valeroſos Soldados. Naõ quiz Lourenço Viegas deixar de experimentar as novas forças que lhe engroſſava o ſeu partido, como quem ainda eſtava ſequioſo de embeber mais a eſpada no ſangue Mauritano: e voltando ao campo, eſteve frente aos Mouros athè a noute, ſem eſtes ſe determinarem ſahirlhe a combate; e vendo que naõ lhe ſahiaõ, nem occupavaõ o campo que o noſſo Rey queria para a batalha, entrou pela Villa dentro taõ cheyo de merecimentos, como invejado pelos heroicos progreſſos de ſuas acçoens. ElRey o recebeo com o lou-

vor que lhe devia, e taõ exceſſivamente honroſo, como quem jà naõ tinha com que lhe fazer mais mercès. E como nas valeroſas acçoens de Lourenço Viegas viſſe ElRey que tinha ſocego o ſeu animo, e os Soldados exemplo, o fes Meſtre de Campo General do ſeu Exercito, porque o ſeu merecimento jà naõ cabia em outro qualquer poſto: pois elle (Rey) pela ſua idade, e por naõ eſtar jà em termos de montar acavallo deſpois que em Badajòs foy preſioneiro pelas mãos de ſeu genro ElRey de Leaõ D. Fernando, e ter a hi quebrado huma perna (deſgraça por donde lhe veyo a prizaõ.) E por naõ dar motivo a quebrar o juramento que entaõ fizera de hir às ſuas Cortes de Caſtella, eſtando capàs de montar acavallo, naõ podia aqui fazer o que em outras batalhas coſtumava.

Ao dia ſeguinte appareceo Albaraque com o ſeu exercito acampado contra a parte Occidental, fronteiro ao Tejo, adonde fes grande perda nas vinhas, olivaes, e pomares, arrancando-lhe as arvores para fazer melhor terrapleno ao ſeu arrayal, e ficar livre de algumas emboſcadas: mas naõ lhe baſtou eſta induſtria, paraque os noſſos de noute lhe naõ arrancaſſem humas poucas de bandeiras que tinhaõ arvoradas, com perda de muitos Mouros que ficáraõ mortos, metendo-as pelos muros dentro, para que os Barbaros bem conheceſſem que em todas as horas triunfavaõ as armas Portuguezas: ainda que todas eſtas perdas

eraõ

eraõ pequenas medindo-se pelo grande numero de Mouros que o exercito inimigo trazia. Com varios, e duvidosos pensamentos estava o nosso Rey D. Affonso, vacilante nas ordens que havia de dar para taõ importante facçaõ; pois por huma parte se via cercado com hum taõ grande exercito, como era o daquelle Barbaro inimigo; e por outra, reconhecia o pouco numero de gente de guerra que tinha, para em campo aberto dar batalha aos Mouros: quando lhe chegou hum aviso, que vinha caminhando com grande pressa pelas terras do Alentejo seu genro ElRey de Leaõ D. Fernando trazendo poderoso exercito Castelhano, e fazendose na volta de Santarem. Entendeo D. Affonso, que como naõ tinha cumprido o juramento que fes de hir às suas Cortes reconhecendo-lhe vassalagem, se viria vingar delle, ajudando-se com os Mouros; e fazendo no juizo ser certo este discurso, se determinou dar logo batalha aos Mouros com essa pouca gente que tinha, antes que o exercito Leonez chegasse a unirse com o Mauritano. Albaraque presumindo vir ElRey de Leaõ em favor dos Christãos, sabendo jà que ElRey D. Affonso sem demora alguma lhe dava batalha, tambem com alvoroço se apressou para o mesmo, tendo por certo ser sua a victoria.

Logo aquella noute seguinte, mandou ElRey pôr em boa ordem todas as couzas que tocavaõ à boa disposiçaõ da guerra; e recolhido

em huma ſua Capella, proſtrado diante de huma Imagem do Archanjo S. Miguel, lhe rogou com copioſas lagrimas, pedindo-lhe, e dizendo-lhe, que por ſua interceſſaõ eſperava lhe alcançaſſe da Miſericordia Divina a victoria contra ſeos inimigos. Ao outro dia logo que amanheceo, confeſſouſe, commungou o Diviniſſimo SACRAMENTO da Euchariſtia; e ſoando jà os guerreiros inſtrumentos, mandou abrir as portas da Villa, por donde logo ſahio Lourenço Viegas, levando a vanguarda; ſeguindo-ſe a ella Mem Moniz com o mais groſſo do exercito: e ultimamente na retaguarda o Magnanimo Rey D. Affonſo, acompanhado dos melhores Cavalleiros, e principal nobreza do ſeu Reyno. Hia o venerando Rey ſobre hum carro, pelo qual tiravaõ dous ſoberbos, e fermoſos cavallos, guarnecido todo o carro das melhores armas que inventáraõ as leys de Minerva para os horrores de Marte, e as ferocidades de Belona; entre as quais hiaõ aquellas veneraveis cans com taõ alegre aſpecto, como quem jà entrava triunfando, porque jà ſahia a batalhar; cõmunicando aſſim aos animos Portuguezes tanta confiança nos progreſſos das armas, que o melhor Soldado tinha por mais grato partido fazer menos cazo da vida, empenhando-a pela victoria de ſeu Monarca.

Deſceo o noſſo exercito ao campo, fazendoſe taõ ſenhor delle, que mais parecia patentear ao inimigo o deſprezo de vencelo, que na in-

certeza

cerreza da victoria com receyo respeitalo. Os Barbaros vendo no concerto dos Christãos o animo com que para elles caminhavaõ, destacáraõ sahindolhe ao encontro; e batendo-se ambas as vanguardas, deraõ principio à mais assombrosa peleja, que em Hespanha athè alli víraõ os homens. Os Mouros com o valor na confiança de se verem com excessivo numero dos seos, investiaõ com confiada ouzadia: os nossos porque eraõ poucos, multiplicavaõ nos sobejo dos golpes, a parte q̃ lhe faltava no numero das espadas: estando de huma, e outra parte nesta terrivel contenda, em grande dúvida o vencimento. Porèm como se foy prolongando o tempo da batalha, vendo-se aquelles inimigos quasi desbaratados pelos Christãos, puxáraõ por outro esquadraõ que tinhaõ de rezerva, introduzindo-o de socorro. O famoso Mem Moniz, que àlerta estava vendo estas couzas, abalou para elle com o grosso do nosso exercito, fazendo taõ venturosa impressaõ nos inimigos, que ElRey Albaraque se precizou a aventurar sua pessoa, pelejando a todo o perigo: e como era valente Capitaõ, e os Mouros que com elle estavaõ a melhor gente do seu exercito, pôs em grande oppressaõ aos Portuguezes, que quasi lhe hia descompondo a fórma, e impedindo-lhe o campo. ElRey D. Affonso, que jà a este tempo lhe naõ sofria o coraçaõ deixar de empunhar as armas, entrou com a retaguarda

da adonde tinha a melhor gente Portugueza: e tal foy o conflicto neste encontro, e taõ ligeiros se abriaõ os profundos golpes, que por elles, pulsando os alentos, veloz entrava a morte arrebatando as vidas; pois se viaõ huns, e outros com forças taõ apertadas, que entre humas, e outras, naõ se divizava parte por donde sahisse a victoria. E carregando huma companhia de Mouros para onde estava a nossa bandeira real, matáraõ ao que a tinha nas mãos, e quasi que a tinhaõ usurpada, senaõ acodíraõ a ella com toda a força os Cavalleiros da guarda delRey D. Affonso; o qual saltou logo fóra do carro em que estava, e posto apè esquecido de seos carregados annos, igualando as fòrças da velhice, às da mais florente idade, começou a fazer tal estrago nas Africanas armas, que logo deu principio ao mais ditoso dia que jà mais víraõ os exercitos de toda a Christandade. E tanto q̃ os Cavalleiros delRey o víraõ metido em taõ grande perigo, todos se lançáraõ fóra dos cavallos, e com os pès firmes na terra, fizeraõ tamanho estrago nos Barbaros, que vizivelmente, pela parte donde ElRey pelejava, se vio enfraquecida a dos Mouros; os quaes voltando as costas, com ligeireza, fogiaõ daquella voadora espada, que como rayo do Ceo os cortava sem reparo: mas nem só os Mouros a viaõ, porque o proprio venturoso Rey D. Affonso reparando à parte da sua maõ direita, via junto de si

(no ar)

(no ar) hum braço, o qual pela declaraçaõ do Eſtatuto, que o meſmo Rey fes quãdo inſtituhio (a eſte reſpeito) a Cavallaria, e Ordem da Ala, por eſte triunfo que o Ceo lhe concedeo, ſe verifica ſer na fórma que aqui eſcreveremos.

Na Chronica de Ciſter fas diſto memoria ſeu Author Fr. Bernardo de Brito, que a meſma inſtituiçaõ trasladou em Alcobaça, em Latim, e em Portuguez; e nòs aqui lhe eſcrevemos o principal, que he preciſo à noſſa hiſtoria, principiando o Latim na fórma ſeguinte: *In Dei nomine, Sancti Michaelis Archangeli, & Sancti Angeli Cuſtodis &c.* E paſſando mais palavras diz ElRey. Eſtando eu em Santarem, veyo contra mim Albaraque Rey de Sevilha cõ taõ grande copia de Soldados, que cobriaõ com ſua multidaõ as terras de meu Reyno, e aſſentou ſeu arrayal junto da Villa, onde eu eſtava encerrado com alguns poucos dos meos, eſperando novo ſocorro: no qual tempo me chegou hũ correyo com novas, que ElRey de Leaõ meu ſobrinho, entrava em meu Reyno. E porque entre nòs havia ſoſpeitas de aggravo, temime delle, crendo que vinha em favor de meos contrarios: pelo qual reſpeito determiney dar batalha a ElRey Albaraque, antes que chegaſſe; e mandey prevenir gente, e pola em ordem para o dia ſeguinte. E eu poſto em oraçaõ, roguey ao meu Anjo, o qual Deos por ſua miſericordia me deu por defenſor, e companheiro, e o Bemaventurado Archanjo S. Miguel

Brit. Chronica de Ciſter, livro 5. fol. 329.

guel, que viessem em meu socorro, e me livrassem das mãos de meos inimigos, como na verdade aconteceo; porque como na guerra fosse o meu guiaõ quazi ganhado de meos inimigos, eu saltey do carro em que hia, para o defender; e como neste aperto pelejasse apè (couza digna de admiraçaõ) eisque vi junto de mim peccador, hum braço que pelejava, e me favorecia, o qual, segundo meos olhos pudéraõ julgar, andava armado, e o remate delle cobriaõ humas azas como de Anjo. O corpo que o governava naõ vi, nem outra pessoa alguma, posto que muitos Mouros vissem a maõ, como despois de cativos contáraõ alguns delles. Vendo eu a maõ, esforçado dentro em mim, arremeti aos inimigos, e eisque cahiaõ à minha ilharga mil, e dez mil à minha maõ direita, sem me tocar a mim nem hum só golpe. Ficou meu adversario vencido, e nòs gozámos de seos despojos, e vimos prostrada nos campos de Santarem aquella maõ valerosa, que tanto nos perseguia, e cantámos louvor a nosso Deos, e Senhor por sua bondade; e por sua eterna misericordia.

Isto he o que Fr. Bernardo de Brito tras trasladado na sua Chronica de Cister, aonde affirma ser tirado do proprio original, como aqui apontámos, e se póde ver na mesma Chronica, pelo que fica allegado assima na marge: mas continuando nòs nesta escritura o fio, e consumo da batalha, ElRey D. Affonso naquelle perigoso con-

conflicto, vendo-se acompanhado daquelle celeste braço, entendeo firmemente, q̃ era o Anjo da sua Guarda, ou o Archanjo S. Miguel a quem tinha deprecado para o favorecer naquella oppressaõ, e empreza taõ difficultosa. E como o socorria taõ fórte braço, acabou de ficar o campo pelos Portuguezes, e inteiramente senhores delle, adonde Albaraque deixou sem as vidas a melhor, e mais poderosa gente que tinha em seu dominio; deixando juntamente as mayores riquezas de seos thesouros; e tambem se deixára sem vida, se quando vio o seu exercito perdido, a naõ salvára fugindo em hum cavallo. Recolheo ElRey o saco do campo, que era riquissimo, repartio-o pelos seos Soldados, porque grandes premios merecia o seu valor, e fidelidade.

Naõ estava ainda bem acabado de recolher o despojo, quando o nosso valeroso Rey jà tratava de formar novamente os seos esquadroens para a segunda batalha, que esperava dar a El-Rey de Leaõ seu genro: porèm D. Fernando, que naõ vinha a outro fim mais que a socorrer seu sogro, sabendo o sucesso feliz com que triunfára, lhe mandou dar os parabens da victoria, dizendo-lhe, que pois lha dera Deos sem lhe ser necessario o seu socorro, naõ passava dalli para diante, mas que visse o que queria delle, porque sempre estimaria socorrelo com todo o seu exercito, e pessoa. Este termo taõ politico, e

bem ordenado delRey D. Fernando, imprimio no animo delRey D. Affonso taõ generoso agradecimento, vendo a determinaçaõ com que o Leonez vinha (ainda que a realidade da tençaõ do Castelhano fique ao arbitrio dos pios Leitores) que àlem das grandes mercès que D. Affonso fez aos Embaixadores Castelhanos, lhes mandou hum grande mimo de fermosos cavallos, com os melhores Mouros que na batalha ficáraõ cativos, e juntamente a tenda delRey de Sevilha com todo o seu precioso, que era riquissimo: intimando-lhe, que em todas as occasioens o acharia como amigo agradecido.

Foy esta Batalha, e cerco de Santarem no anno de 1167, e naõ no de 1181, como quer Duarte Nunes de Leaõ nas Chronicas reformadas dos Reys, o que parece ser erro, porque sendo esta Villa tomada aos Mouros na era de 1147, como se certifica do letreiro que està no frontespicio da Ermida de S. Miguel desta mesma Villa que jà fica dito; e consta das Constituiçoens, e assentos em Alcobaça, do tempo em que ElRey D. Affonso Henriques instituio a militar Ordem da Ala, que por estes mesmos assentos se sabe, que esta Ordem foy instituida vinte annos depois daquella maravilhosa tomada, e se prova, q̃ quem a quarenta acrescenta vinte fazem sessenta; o que por estas bem concordadas noticias, com clareza fica certa a era de 1167, tempo em que foy este cerco de Santarem

Leaõ Chronic. delRey D. Affonso Henriq. fol. 50.

tarem, como ſe póde ver tambem no Agiologio Luſitano de George Cardoſo, no Commentario a outo de Mayo.

Georg. Cardoſ. Agiol. fol. 127. tomo 3.

CAPITULO VII.

Em que ſe relata o ultimo combate que teve eſta Villa de Santarem, acometida por Miramolim Rey e Senhor de Marrocos, e mais outros Reys Mouros.

NAõ foy ſó o combate que acima fica eſcrito, a ultima oppreſſaõ que Santarem experimentou de ſe ver com o cerco dos Mouros, dos quais os Portuguezes triunfáraõ, como agora acabàmos de eſcrever: mas ainda teve ſegundo aſſalto das meſmas armas Africanas. Porque Aben Jacob Miramolim, ſenhor de Marrocos, ſentindo com grande pezar os triunfos das armas Portuguezas; vendo com profunda mágoa, que eſtas hiaõ acabando de render todas as ſuas terras, que ainda neſta Luſitania logravaõ (com bem ſuſto) os da ſua ſeita: ſe deliberou com final reſoluçaõ, vir em peſſoa com poderoſiſſimo exercito, reſtaurar as meſmas terras que os ſeos tinhaõ perdido; e incorporarſe com Albaraque; que como eſte tinha ſahido rigoroſamente caſtigado do noſſo ferro nos campos eſcalabitanos, fervoroſamente ajun-

tou toda a gente que dominava, para que com as armas nas mãos se incorporassem com o exercito do Miramolim, e com os dos mais Reys Africanos (que entre todos eraõ treze) paraque de huma vez restaurassem Santarem, tomando-a aos Christãos; entendendo, que o que no outro cerco fora desacerto do governo militar, agora com a sciencia, e reforma de taõ dobradas forças tinha por infallivel a victoria.

Chegados aquelles Reys às nossas terras de Portugal trazendo formidaveis exercitos, e unidos com o de Albaraque Rey de Sevilha todos em hum corpo, vieraõ marchando pelos campos do Alentejo. E como querem alguns Authores com Duarte Nunes de Leaõ, passaraõ o Tejo em dia de S. Joaõ Bautista: neste mesmo dia deraõ assalto ao Castello de Torres-Novas, o qual destruíraõ pondo-o por terra: e em huma segunda feira fizeraõ o arrayal em hum monte chamado de *Pompeyo*, e hoje corrupto o vocabulo se diz *Alpompe*. E na terça chegaraõ à *Redinha*, que agora chamaõ as *Barrocas da Redinha*, e o vulgo diz *da Rainha*, junto ao Lugar de Val-de-Figueira. E na quarta se ajuntou todo aquelle Mourismo na horta Lagôa, que està perto do Lugar de Alcanhoens. E na quinta feira a dez de Julho, ao romper da manhã abalou o Miramolim, levando toda a gente athè Santarẽ adonde estava o Infante D. Sancho, filho legitimo herdeiro do nosso venturoso Rey D. Affonso Henriques, ao qual

Leaõ, Chron del-Rey D. Affonſ. Henr. fol. 53.

Brandaõ, Monarchia Lusit. p. 3. lib. 11. folhas 262.

naõ

naõ ſó por primogenito lhe veyo a poſſeſſam do Reyno, mas tambem pela natureza do eſclarecido ſangue lhe herdou o meſmo valor. E ſabendo eſte Principe da arrogancia com que Miramolim vinha talando as povoaçoens Portuguezas, que elle (D. Sancho) jà governava por mandado de ſeu Pay D. Affonſo; entendeo, q̃ querer o Barbaro tomar Santarèm havia de ſer o ſeu principal intento, por buſcar a vingança onde Albaraque tinha perdida a honra, pois os Portuguezes deſta terra (com injuria das armas Africanas) tantas vezes tinhaõ triunfado das ſuas intentadas violencias. E por ſe naõ achar D. Sancho com Soldados que baſtaſſem para ſe defender da furia de tanto numero de Barbaros, que naõ cabiaõ nos campos, guarneceo as muralhas com poucos defenſores, mandou derribar algumas caſas, que eſtavaõ fóra dos muros, e entulhar com cubas aquellas entradas q̃ ſeriaõ mais capazes para a Villa ſer acometida: e juntamente por cima deſtes lugares mandou formar palanques donde melhor podeſſe ver o deſignio dos combatentes, e donde defendendo-ſe, ao meſmo tempo podeſſe reſiſtir. Concertadas eſtas couzas como melhor ſe podèraõ obrar, repartio os Soldados pelos palanques, e o meſmo Infante ſe poz adonde entendeo, que ſeria mayor a força do combate.

Chegou Miramolim ao pè da Villa, e ſabendo que o Infante com brioſa conſtancia, e ſoce-

socegado animo, o esperava guerreiro naquelle lugar, aonde tinha os seus escolhidos. Vendo o Africano que encontrava alli menos respeitada a sua arrogancia, se mostrou taõ offendido, como quem se considerava jà das armas Portuguezas desprezado. Mandou tocar marciaes sons nas trombetas e caixas, começáraõ os Mouros a combater, e foy taõ rija a peleja, que ambas as partes sentíraõ bastante perda de mortos, e feridos, athè que a sombra da noute por aquelle dia lhe apartou a temorosa contenda. Durou esta sinco dias, porque como os Mouros eraõ muitos em demazia renovavaõ cadavez mais o numero aos esquadroens, engroçandolhe as forças, e pelejavaõ desde que a manhã rompia, athè que sepultado o Sol os deixava em silencio. Voáraõ as novas do combate athè Coimbra, onde estava por entaõ ElRey D. Affonso; o qual sabendo o grande perigo em que seu filho estava, marchou logo com a gente, que em breve tempo pode ajuntar, e com velozes passos correo as estradas athè Santarem, sem lhe fazer embaraço àquella pressa os noventa annos que entaõ tinha de idade. Naõ deixáraõ os Mouros de continuar a peleja, cada vez com mais impeto, ainda que muito bem souberaõ da vinda do socorro Christaõ. Ao quinto dia do combate rompeo a força dos Barbaros por algumas partes o forte, ou palanque em que estava o Infante, aonde ficáraõ mortos, e feridos muitos dos Christãos; e como alli

alli pelejava o Infante como valeroſo Soldado, tambem ficou com os mais acreſcentando a ſeu régio ſangue o perpetuo luſtre daquellas honradas feridas, porque algumas recebeo com valeroſa conſtancia. Porèm os Portuguezes ainda tendo tamanho deſtroço, pelejavaõ com tanto valor, que naõ foraõ aquelle dia dos inimigos entrados; mas jà ſe viaõ em tal extremo na força da bataria inimiga, que quaſi deſamparando o lugar, determinavaõ fazer retirada para o Caſtello de Alcaçova.

A eſte tempo que os Mouros eſtavaõ com a ventagẽ (juſtamente vanglorioſa) de terem naquella eſtancia feridos, e mortos algũs dos Chriſtãos, ahi ſe lhe voltou a ſcena em deſmayo, vendo, que jà a elles chegava (em hum corrocim) aquelle veneravel Atlante, e fórte defenſor da verdadeira Fé de Chriſto, ElRey D. Affonſo Henriques, de cuja poderoſa ſoberania, recebérão aquelles Barbaros (com a ſua viſta) tal temor, que ſó em lhe pôr os olhos, foraõ viſtos deſampararem os quarteis, e deſamparados de ſeos proprios animos, corrèraõ fugindo pela campanha, com tanta furia, como quem no evidente perigo da morte, o muito correr ſó he remedio para ſalvar a vida; tomando a vereda pelos olivais dentro para a parte do meyo dia; e acampáraõ o arrayal adonde chamaõ *Monte de Abbade.* Saudados, pay e filho, ſem darem quartel ao tempo, montou o Infante acavallo com os princi-

principaes da sua Corte, levando em boa ordem a Infantaria; e juntos com ElRey, e os seos, foraõ sobre os Mouros a *Monte de Abbade*, que dista da Villa hum quarto de légoa, aonde tanto cortáraõ nelles, que naõ se perdendo golpe, acabavaõ de morrer os corpos afogados em os rios de sangue que delles mesmos sahia. Entre elles ficàraõ alli mortos alguns daquelles Reys infieis; e Miramolim regetado com feridas mortais; dadas pela maõ do nosso Infante, e querendo furioso passar o Tejo, nelle acabou de todo a vida.

Triunfantes as armas Portuguezas; ElRey, e o Infante mandàraõ recolher o arrayal do inimigo, em que achàraõ grandes riquezas nos despojos, achando muita prata, e ouro, grande numero de cavallos, e camelos, com muitas preciosidades, ficando muitos Mouros cativos. Assim aquelles Principes de gloriosa memoria triunfando, entráraõ pela Villa dentro, aonde deraõ muitas graças ao Senhor dos exercitos, por taõ altas mercès que lhes tinha feito. Esta batalha em *Monte de Abbade* foy a que pôs o ultimo termo a esta Villa de Santarem a naõ ter mais assaltos dos Mouros, athè hoje em dia que isto escrevemos: sendo este combate na era de 1185, como quer Manoel de Faria e Sousa no Epitome das Historias Portuguezas: ainda que Duarte Nunes de Leaõ o traz no anno de 1184.

Faria, Epitome f. 179.

Duarte Nunes Chronica delRey D. Affonso Henriq. fol. 53.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Como ElRey D. Affonſo Henriques depois que teve ſegura eſta Villa dos aſſaltos dos Mouros, frequentou nella o Culto Divino. Deſcreve-ſe a Real Collegiada de Santa Maria de Alcaçova.

ADmiravel he Deos nas virtudes dos ſeos Santos, e ſempre ſeja bemdito pelas obras das ſuas ſantiſſimas dádivas; pois nos quiz dar neſta terra hum paraizo de deleites, hum delicioſo jardim de ſuaviſſimas flores do Ceo, para a devoçaõ da Chriſtandade recolher dellas odoriferos frutos da Gloria Celeſtial. Porque acabado o tempo em que Santarem ſe achava com a abominavel peſtifera ſeita de Mafoma; vendo-ſe entaõ os Templos que jà foraõ conſagrados para a refórma Chriſtã, convertidos nos eſtragos das Meſquitas dos Mouros, publicos theátros em que aquelles Barbaros reprezentavaõ a ſua errada Ley, e profana doutrina contra a verdade do Santiſſimo Evangelho de Chriſto. Foy o meſmo Senhor ſervido por meyo de ſeu incanſavel Servo D. Affonſo Henriques, que eſte meſmo lugar que ſe vio ultrajado nos inſultos da Barbaridade, foſſe jà agora perduravel depoſito de tantas maravilhas, productos inacceſſiveis da ſua Divina Graça.

E como piamente entendemos da vida deſte

Santo Rey, que para alcançar as victorias contra os infieis, sempre o acompanhava o poder de Deos, e a protecçaõ da sempre Virgem MARIA de quem era especial devoto; vendo-se obrigado de taõ Divinos favores, mandou levantar em seu tempo, cento e cincoenta Templos, todos de fabrica sumptuosa, pela magnificencia com que os fazia levantar, com rendas grandiosas q̃ logo offerecia, e lhes segurava: instituindo juntamente varias Ordens Militares; paraque assim pervalecesse a Fè Catholica, segurando-a os militares com as armas nas campanhas, e os Sacerdotes nas Igrejas com os Divinos Sacrificios. E porque toda a tomada desta Villa o acompanháraõ aquelles famosos Cavalleiros Templarios, logo em agradecimento da boa companhia que lhe fizeraõ, lhes fez o piedoso Rey doaçaõ de todo o Ecclesiastico desta terra de Santarem, por satisfazer ao Régio voto que no caminho lhe tinha feito, se Deos lhe deixasse conseguir a victoria contra seus adversarios: do que hà escritura authentica nos livros das Ordens da Torre do Tombo, e tambem da Meza da Consciencia; como o tras escrito o Licenciado George Cardoso no Agiologio Lusitano. Porèm naõ possuíraõ aquelles Cavalleiros por muito tempo as rendas das Igrejas desta Villa; porque depois tomada Lisboa aos Mouros, e nella constituido Bispo, o qual foy o virtuoso Varaõ D. Gilberto, de naçaõ Inglez, hum dos Sacerdotes mais graves que

Faria, Epitom. das Historias Portuguezas p. 3. cap. 2. folhas 179.

Torre do Tombo liv. das Ordens militar. fol. 62.

Cardoso, Agiolog. 11. de Mayo folhas 190. p. 3.

D. Rodrigo da Cunha Histor. Ecclesiastic. p. 2. c. 1. f. 69.

que vieraõ naquella misteriosa armada, que ajudou a tomar Lisboa; e sendo este Bispo sagrado pelo Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, estando jà de posse daquella Diocesi, no anno de 1149, sabendo que aquellas rendas das Igrejas de Santarem eraõ de seu patrimonio, as demandou com grande cuidado, e finalmente, remetido o pleito à Sè Apostolica, em Roma se julgou a favor do dito Bispo D. Gilberto. E como aos Templarios lhes parecesse muito mal largarem a posse que tinhaõ, tomou ElRey por sua conta compolos, dandolhes rendas da sua fazenda Real. Entre estas mercès, foy principal a do Castello de Ceras, em o Bispado de Coimbra, com os seus rendimentos, e jurisdiçaõ de todo aquelle distrito; como consta tambem de outra escritura, que se acha nos livros das Ordens, na Meza da Consciencia, e Torre do Tombo. E estando disto possuidores estes Militares Cavalleiros, edificáraõ a Villa de Tomar, por naõ acharem commodidade para reedificarem a Cidade chamada *Nabancia*, que estava demolida pelos Mouros; patria da nossa bemaventurada Padroeira de Santarem, Santa Iria, de cuja virtude, e milagres daremos em seu lugar extensas noticias.

Brand. part. 3. capit. 24. pag. 169.

O que temos por couza certa, e infallivel, no que toca à fundaçaõ da real Collegiada de Alcaçova, he ser erigida pelos Templarios; e ser a mais antiga, ou das mais antigas Igrejas desta Villa; porèm o tempo certo em que foy fun-

 dada

dada naõ me foy possivel com individual certeza averigualo; porque só se achou no seu Cartorio a repartiçaõ que fes o Prior D. Pedro Annes, com os seos Conegos das rendas que tinha, no tempo em que reynava ElRey D. Sancho o primeiro, anno de 1181; e no de 1214, foy confirmada esta divisaõ por ElRey D. Affonso o terceiro: e desta maneira persistio na mesma fórma athè o primeiro anno do reynado delRey D. Diniz a nove de Março na era de 1318, anno de Christo 1280; o qual Rey deu o Padroado desta Igreja a hum seu Medico Clerigo muito rico, chamado *Mestre Pedro Chanceler*, sendo collado nella pelo Cabido, por comissaõ que para isto teve do Bispo D. Mattheus, o qual entaõ estava rezidente na Curia Romana. E porque este Mestre Pedro criou em seu devoto animo, muita affeiçaõ a esta Igreja de Alcaçova em Santarem, e vendo a grande devoçaõ que a ella tinhaõ os Reys de Portugal, pois em aquelles tempos sempre assistiaõ de morada nesta Villa, servindolhe esta Igreja de sua Capella Real, que entaõ moravaõ junto a ella, o dito Padroeiro por meyo do referido Bispo, alcançou ordem do Summo Pontifice para a sublimar, e pôr no estado emque hoje se està vendo; dandolhe com beneplacito dos Reys, muitas rendas, e boas terras. Destas se sustentaõ dezasete Conegos, tres Dignidades, que saõ, Chantre, Mestre Escola, e Thesoureiro mòr; e quatro meyos Conegos: de mais desta

ta conta, tem hum Prior para adminiſtrar os Sacramentos aos Freguezes; o qual he do habito de Aviz, lugar que ſempre anda na peſſoa do Sacriſtaõ mòr do Convento deſta Ordem; cujo poder para eſtas rendas, e Conegos prebendados veyo cõmetido a dous Biſpos que deraõ o Breve à execuçaõ; os quais foraõ o de Coimbra, chamado *Dom Aymerico*, e o de Evora *Dom Durando*. E peloque conſta do livro quarto dos beneficios da Sè de Lisboa, a folhas vinte, foy feita eſta execuçaõ no primeiro de Novembro de mil duzentos e outenta.

Tambem o que nos conſta agora com certeza he, que eſta Igreja de Santa Maria de Alcaçova, àlem de ſer eregida pelos Templarios ſete annos deſpois deſta terra ſer tomada aos Mouros, foy juntamente edificada por mandado do Meſtre Dom Hugo, como o eſtamos lendo no letreiro, que eſtà no fronteſpicio por cima da porta principal, o qual diz as palavras ſeguintes: *Anno ab Incarnatione* 1154, *& ab Urbe iſta capta* 7. *Regnante Domino Alfonſo Rege, Comitis Henrici filio, & uxore ejus Regina Mafalda, hæc Eccl. fundata eſt in honorem S. Mariæ Virginis & Matris Chriſti, à Militibus Templi Hieroſolomitani, juſſu Magiſtri Hugonis: Petro Arnaldo curam ædificii gerente. Animæ eorũ requieſcant in pace. Amen.*

Neſta Igreja, que he ſagrada, ſe celebra a ſua Dedicaçaõ duplex da primeira claſſe, com ſeu Outavario, a trinta de Agoſto. Tem eſta Real

Colle-

Collegiada cincoenta visinhos freguezes, e anexas a si tres Ermidas, que saõ, S. Pedro, S. Miguel, e Nossa Senhora da Conceyçaõ, as quais todas tres estaõ dentro no destrito de Alcaçova, e tinha mais duas das quais se acha ainda a memoria no Cartorio desta Collegiada. Era huma a dos Apostolos, q̃ està hoje convertida em Convento dos PP. do Patriarca S. Bento, no Alto de Montiràs. E outra q̃ antigamente existia no fim do chaõ da feira para a parte do Norte, com o titulo da Senhora da Oliveira, onde agora se vè o Convento da Ordem dos Prègadores. Logra mais a posse de tres Igrejas Parochiais, q̃ aprezẽtaõ os ditos Conegos; huma he a de Santa Cruz, outra a de Santa Iria, ambas sitas na ribeira desta Villa, e a outra he a de S. Joaõ em Alfange; das quais Igrejas em seus lugares daremos mais largas noticias.

He esta Igreja de Alcaçova, de mediana estatura na sua fórma; compoemse a fabrica da sua architetura por dentro de tres naves com a do corpo; tem as columnas da ordem Toscana, as quais chegaõ a meya altura das naves dos lados; e dos capiteis, e arcos athè aos frechais do tecto no seu corpo, que he em meya canna de madeira apainelada, he de parede com azulejo antigo, e tambem todos os pès direitos da mesma Igreja.

A Capella mayor està bem proporcionada com o seu corpo. Acompanhaõ o seu arco da

fron-

taria duas columnas, às quais chamaõ os Archi-tectos *Atticurgas*, que tem a vista só de huma face, porque como aquellas columnas a que chamaõ *Aticas*, saõ quadradas sem diminuiçaõ (como eu jà escrevi no livro que compuz intitulado *Artefactos Symmetriacos, e Geometricos*) estas Atticurgas mostraõ o mesmo feitio, mas naõ se lhe vê, nem tem mais que huma face, tendo esta de vão, ou de saida da parede huma maõ travessa, respeitando porèm à largura, e altura da colũna, porque assim terà mais ou menos de saida. Estas columnas pois que digo nesta Igreja, que acompanhaõ o arco da Capella mayor, vaõ do primeiro terço que sobe da sua vasa, astriadas athè acima aos capiteis, os quais saõ Corinthios, que naõ he defeito nestas castas de columnas, ou sejaõ Atticas, ou Atticurgas, poremlhe quaisquer capiteis das sinco ordens gerais, naõ sendo porèm da ordem Toscana, e tem estas nesta Igreja por cima deste arco fixadas as obras que se seguem à ordem Corinthia, muito bem obradas. Esta Capella mayor tem huma tribuna de madeira entalhada de folhagem levantada ao moderno, toda dourada. He esta Capella de abobeda com as cintas que fechaõ toda a meya canna de pedras muy bem lavradas; e os pès direitos da mesma Capella tambem todos da mesma pedraria lavrada. Na parede que fica da parte do Evangelho, està embebida huma sepultura de marmore, em a qual està sepultado Rodrigo Af-

fonso

fonſo filho baſtardo delRey D. Affonſo terceiro, Prior que foy deſta Igreja, falleceo a dez de Setembro no anno de mil trezentos e dous.

Tem eſta Capella mayor hũa fermoſa Imagem da Mãy de Deos, com a invocaçaõ de Santa Maria de Alcaçova; he de vulto, ſendo toda de eſcultura eſtofada; a ſua altura he de ſete palmos e meyo, e tem o Menino Deos nos braços. Antigamente ſe conſervava neſte meſmo lugar aonde eſtà hoje a Senhora (que deu o nome a eſta Collegiada) outra Imagem da meſma Virgem com o titulo da *Aſſumpçaõ*, a qual logo que eſta Igreja ſe fundou, a remeteo S. Bernardo de Claraval ao noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques, como joya de inexplicavel eſtimaçaõ; o qual Rey a collocou neſta Igreja com devotiſſima reverencia, dandolhe precioſos ornatos para a ſua Capella, a cuja Imagem recorriaõ ſempre todas as Peſſoas Reais com reverente culto, e devoçaõ para alcançarem o que de Deos queriaõ, que por ſeu patrocinio experimentavaõ prodigios do Ceo. Naõ ſey ſe eſta prodigioſa Senhora, fóra daquelle ſeu ſanto lugar, quererà fazer os meſmos milagres: e na verdade he couza digna de láſtima, que ſendo aquella Imagem por tantos titulos miſterioſa, ſer tal a incuria de quem querque foſſe, que a deixaſſem levar deſta ſua ſanta Caſa ſem à tantos annos naõ tornar mais a ella, que conforme anda eſcrito no Agiologio Luſitano a 11. de

Cardoſo Agiolog. Luſitano.

de Mayo tom. 3. no Cōmentario letra b. folhas 190, onde ſe lè, que eſta Senhora eſtà em Lisboa em hum Oratorio da familia dos Peixotos Cirnes. E o Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria no ſeu Santuario Mariano, diſto fas memoria com as formais palavras: No tempo em que Domingos Ribeiro Cirne foy Prior daquella Igreja com o achaque de que a Senhora antiga de Alcaçova, que a ElRey D. Affonſo havia mandado de Claraval o glorioſo Abbade S. Bernardo, eſtava jà mal tratada do tempo (ſendo verdadeiramente para enriquecer com eſta Joya, a Caſa de ſeos Parentes) mandou fazer outra Imagem nova de madeira ricamente eſtofada, de eſtatura de outo palmos, que tem ao Menino Deos nos braços olhando para o povo, e ambas de rara fermoſura. Eſta collocou no Altar, e recolheo a primeira, em que os Conegos, e Dignidades daquella Igreja naõ fizeraõ o reparo que deviaõ fazer, levados ſem dúvida da fermoſura da nova Imagem, e aſſim ſe defraudou com aquelle engano aquella Igreja deſta Joya, que por dádiva de S. Bernardo ſe devia eternizar com ſumma veneraçaõ, e tambem por ſer os amores do Santo Rey D. Affonſo Henriques. Iſto he o que achámos eſcrito (àlem das tradiçoens) para naõ ſer eu ſó o que devo eſtranhar a ſem razaõ deſta deſordem.

Fr. Agoſtinho de Santa Mar. Santuario Mariano.

As mais Capellas, que dentro em ſi tem eſta Igreja, ſaõ quatro; as duas que eſtaõ nos lados

da Capella mayor, tem os seus vãos em bastante distancia retraidos para dentro; a que fica à maõ direita quando saimos da mayor, he dedicada ao Santo Christo pobre, e tem esta Imagem sinco palmos e meyo. A outra que fica à maõ esquerda, que està correspondente a esta do Santo Christo, he a do SANTISSIMO SACRAMENTO, que naõ tem Imagem alguma de vulto, e sò hum painel no espaldar do seu retábulo, em que se vè admiravelmente pintado o lugar do Castello de Emaús, em que Christo Senhor Nosso depois da sua gloriosa Resurreiçaõ, na mesa aó partir do paõ, se deu a conhecer aos dous Discipulos. E logo junto a esta Capella na parede da Igreja està outra, dedicada à Senhora da Encarnaçaõ, cuja Imagem, que he de vulto com as mãos levantadas, tem de altura seis palmos e meyo, e he estofada. Esta Capella està pouco retraida para dentro, ficando quasi à face; tem o seu frontespicio da ordem Jonica com bem proporcionadas columnas de marmore, com todas as partes que pertencem à mesma ordem. Na outra parede fronteira a esta Capella junto à do Santo Christo pobre, està outra dedicada à Senhora da Vida, tambem he de vulto estofada, com o Menino Deos pela maõ, e a sua altura he pouco mais de sinco palmos. Tem esta Capella de fundo para dentro mais vão, que as tres mencionadas, e he tambem ornada no seu arco, e retábulo da mesma ordem Jonica, tudo de boa pedra marmore.

Junto

Junto à porta travessa desta Igreja para a claustra se conserva ainda hoje ao principio da escada por onde se sobe para o Coro, huma sepultura na parede, da qual se vè só huma pedra quadrada em quatro palmos, com huma inscripçaõ de letras antigas, as quais nos daõ as noticias em linguagem Latina, que alli se sepultou Mendo Affonso, santo Cavalleiro, dos mais esclarecidos Varoens deste Reyno naquelles tempos. Porèm de que familia fosse naõ se pode athè agora descobrir. As letras que estaõ gravadas na dita pedra do seu sepulchro, saõ as seguintes: *Anno Dominicæ Incarnationis* MCCXXXVI. *Era* MCCLXXIIII. 5. *idus Maii piæ recordationis Mendus Alphonsus, orphanorum pater, viduarum judex, defensor Ecclesiæ, & amator, ac pius hospitum hospitalis feliciter migravit ad Dominum. Anima ejus requiescat in pace. Amen. Vivat cum Christo, tumulo qui clauditur isto.* Quer dizer este letreiro, que no anno da Encarnaçaõ do Senhor 1236, era de Cesar 1274 a 11 de Mayo, Mendo Affonso de pia recordaçaõ, pay dos orfaõs, juis das viuvas, defensor da Igreja, amador, e pio agazalhador dos hospedes, felizmente passou para o Senhor, sua alma descance em paz. Amen. Viva com Christo, o que jaz nesta sepultura.

Estas noticias saõ as que dentro no Templo pudemos achar, pois nesta Igreja tudo eu vi, e examiney pessoalmente, revendo juntamente os Escritores, que desta Collegiada escrevèraõ. E

confesso que me naõ sofre a paciencia deixar em silencio a pouca razaõ com que o P. Fr. Agostinho de Santa Maria da esclarecida Ordem de S. Agostinho dos Descalços, diz no seu Santuario Mariano liv. 2. tit. 10. fol. 287, que nesta Igreja estaõ sepultados ElRey D. Affonso o terceiro, e seos Pays D. Affonso o segundo, e a Rainha D. Urraca, que senaõ fora o contrario couza taõ clara e sabida, algum cuidado me dera buscar estas noticias. E paraque os curiosos menos doutos, que lerem aquella memoria, e esta com que a impugno (que para os sabios nesta materia naõ hà que advertir) possaõ conhecer a certeza de ser apócrifo aquelle descuido noticiado por este Author, quando naõ hà outro algum que tal diga, saybaõ, que ElRey D. Affonso o terceiro falleceo em Lisboa a 20. de Março, no anno de 1279, foy logo sepultado na Igreja de S.Domingos da mesma Cidade, que elle de novo tinha fundado (ainda que seu irmaõ D. Sancho II. lhe tinha dado o principio, e acabado o Convento) e despois passados dez annos, reinando seu filho ElRey D. Diniz, lhe trasladou o corpo ao régio Convento de Alcobaça, aonde tambem jaz sua segunda mulher a Rainha D. Beatriz. E seu Pay D. Affonso o segundo, falleceo em Coimbra a seis de Dezembro no anno de 1233, que logo foy sepultado no mesmo Convento de Alcobaça.

Antigamente neste dito Convento estava o seu

ſeu corpo, e o da Rainha D. Urraca ſua mulher em huma Capella, que eſte Rey em ſua vida mandou fazer em ſepultura de pedra chãa, e depois desfazendo-ſe aquella Capella por mandado de D. George de Mello, Abbade entaõ daquelle Real Moſteiro (que para iſſo teve licença) ſe trasladou ſeu corpo, e o da Rainha D. Urraca ſua mulher, para a Capella de S. Vicente, aonde hoje nos noſſos tempos jazem. He iſto couza taõ ſabida, q̃ naõ carece de allegar muitos Authores, que ſe allegaſſemos todos, ſeriaõ quantos eſcrevèraõ deſtas memorias.

Silva, Poblacion General de Eſpaña Genealog. fol. 229.

Faria no Epitom. part. 3. cap. 6. fol. 193. e 205.

Logrou eſta Real Collegiada tantos favores das peſſoas dos Reys deſte Reyno, e tanto a enriquecèraõ de bens patrimoniaes, que me parece acertado (para que ſe manifeſte taõ piedoſa devoçaõ) trasladar aqui fielmente huma carta com que ElRey D. Affonſo III. (ainda no meſmo tempo do Biſpo D. Mattheus) lhe confirmou, e acreſcentou os dizimos, que ElRey D. Affonſo Henriques lhe tinha dado; cuja carta trasladada de Latim em Portuguez, he na fórma ſeguinte. -- *Em nome de Chriſto, e ſua graça. Saibaõ quantos a preſente virem, que eu Affonſo por graça de Deos Rey de Portugal, juntamente com minha mulher a Rainha D. Brites, filha do Illuſtre Rey de Caſtella, e Leaõ, e com noſſos filhos, e filhas, o Infante D. Diniz, noſſo primogenito, e herdeiro, o Infante D. Affonſo, e as Infantes D. Branca, e D. Sancha; lembrandome, e reconhecendo, como meu Treſavò de feliz*

Duart. Nunes, Chronica delRey D. Affõſ II. e III. fol. 70. e 106.

liz recordaçaõ, ElRey D. Affonſo tomou Santarem aos Mouros, com o favor de Deos os lançou della, e como ahi meſmo fes edificar huma nobre Igreja, que ſe chama Santa Maria de Alcaçova, *em honra de Deos, e de ſua Sacratiſſima Mãy, e por amor, e devoçaõ da meſma Mãy de Deos, fes caſa para ſi, e para ſeos ſucceſſores, junto della, e para que melhor ſervida foſſe, e ſe celebraſſem nella com mayor authoridade os Officios Divinos, lhe conſignou, e doou todos os dizimos de ſeos reguengos, que de entaõ para cà poſſue pacificamente a dita Igreja, dezejando eu outroſim, que as eſcrituras, e doaçoens pias de meos antepaſſados permaneçaõ, e ſe guardem inviolavelmente dou, e concedo à ſobredita Igreja, os meſmos dizimos, e quero, e ordeno, que todas as minhas quintas, e propriedades que ora tenho, ou ao diante eu, ou meos Succeſſores tivermos em Santarem, e em ſeu termo, e de todas as lizirias, que eſtaõ dentro do Tejo, ou na ribeira do Tejo, as quais eu agora de novo fiz abrir, e lavrar, ou daqui em diante forem abertas, e cultivadas, haja os dizimos a ſobredita Igreja em paz, e para ſempre, aſſim da minha parte, como de meos Succeſſores. E ſe algum de meos Parentes, como eſtranho, intentar vir contra eſta doaçaõ, de meos Pays, e minha, naõ lhe ſeja licito, e ſó pelo intentar encorra na ira de Deos, e de ſua Santiſſima Mãy, e minha maldiçaõ para ſempre; e todos os que a guardarem inteira, e illeza hajaõ a bençaõ de Deos, e de ſua Santiſſima Mãy, e minha para ſempre. Em teſtemunho do qual fiz ſellar a preſente Carta com meu Sello de chumbo. Dada em Lisboa a 25 de Agoſto. ElRey o mandou*

dou, *Joaõ Vicente a fes*, *era* MCCCII *annos de Christo* MCCLXII.

O Cabido desta Collegiada, he administrador de huma Capella a qual instituio o Chantre Diogo Rebello Berberia; aos vinte de Settembro de 1633; com obrigaçaõ de huma Missa quotidiana, por esmola de sessenta reis cada huma. Tem mais esta Igreja junto à porta principal duas sepulturas razas, as quais tem abertos nas lages os seguintes letreiros: o primeiro diz assim por estas formais palavras: -- *Esta sepultura he de Fernaõ Rodrigues*, *e de seos herdeiros.* E o segundo diz: -- *Sepultura do Lecenciado Fr. Manoel de Sousa*, *Paroco que foy desta Igreja*: *pede huma Ave Maria.*

E no Adro estaõ duas pedras sepulcrais, com as inscripções que se seguem; a que està da parte direita, tem as letras que logo aqui abaixo vaõ copiadas.

D. M.
M. ANTONI. M. F.
GAL. LVPI. OLI
SIPONENSIS
H. S. E.

O que se póde entēder das letras desta inscripçaõ he assim: as duas que estaõ por cima, D. M. querem dizer: -- *Memoria consagrada aos Deoses dos defuntos*; e as outras logo abaixo dizem: -- *Aqui està sepultado Marco Antonio natural de Lisboa*, *filho de*

de Marco Lobo da Tribu Galeria. E he seguida esta opiniaõ de antiquarios leitores das letras Romanas, como adverte Marinho de Azevedo nas Antiguidades de Lisboa, allegando a Rezende àcerca das letras, que os antigos muitas vezes uzavaõ naõ as porem dobradas; e aqui està o I simplesmente como se foraõ dous, o que se vê em o nome ANTONI, que devendo tambem estar em nominativo, parece estar em genitivo sem o segundo I, que pertence ao segundo cazo deste nome. E tambem se póde inferir desta inscripçaõ, que no tempo dos Romanos, era nobre a Familia dos Lobos: e juntamente estas sepulturas naõ deixaõ de nos dar argumento para entendermos, que antes dos Mouros, e Portuguezes jà aqui haveria Templo levantado; e naõ que o edificáraõ os Templarios, e só o deviaõ reedificar.

Marinho de Azeved lib. 3. cap. 5. folhas 222.

D. M.

Q. ANTONI. M. F.
CAI. CELERI
OLESIPONENSI.

Quer dizer a inscripçaõ desta segunda sepultura que està da parte esquerda: -- *Memoria consagrada aos Deoses dos mortos*: e as outras letras dizem: -- *Quinto Antonio Militar Soldado, filho de Cayo Perfeito Natural de Lisboa.* Desta Igreja saõ Commendadores os Condes de Unhaõ, e o que hoje vi-

ve

ve Rodrigo Telles de Menezes a mandou reformar agora em noſſo tempo, porque ameaçava ruina, guarnecendo-a por dentro com toda a perfeiçaõ poſſivel. Principiouſe a obra no anno de 1715, e acabouſe no de 1724. A 16 dias de Julho ſe paſſou o coro para a Ermida de S. Miguel, e a 9 de Julho tornou para a meſma Igreja.

Eſta Collegiada de Santa Maria de Alcaçova, tem o Prior, que he do abito da Ordem de Avíz, lugar que ſempre anda na peſſoa do Sacriſtaõ mòr do Convento deſta Ordem, como conſta do livro das Difiniçoens da meſma Religiaõ ao titulo quinto folhas 130. verſ. em que ſe lè o parrafo ſeguinte.

Alèm deſtas dignidades houve ſempre na Ordem a de Sacriſtaõ mòr; que por haver mais de outenta annos que ſe naõ celebrou Capitulo Geral, naõ eſtà de prezente provida: e querendo nòs prover de modo que os Capitulos geraes ao diante ſe façaõ na fórma dos Eſtatutos, e que eſta dignidade ſe conſerve, e perpetue na Ordem: Ordenamos, e difinimos, q̃ o Priorado da Igreja de Alcaçova da Villa de Santarem, ande daqui em diante unido em perpetuo a eſta dignidade de Sacriſtaõ mòr, por ſer eſta Igreja de muita authoridade, e ter renda competente para o Freire que for nella provido ſe ſuſtentar como convèm à dignidade. E poſtoque vulgarmente ſe intitula com o nome de *Vigairo*: difinimos, que daqui em diante, aſſim nas Proviſoens que ſe fizerem,

zerem do Provimento della, como em todas as mais couzas, assim publicas, como particulares se intitule com o nome de Prior, assim, e da maneira, que em todos os mais da Ordem està em uzo: e que naõ possa daqui em diante ser nella provida pessoa alguma, que naõ tenha grào de Doutor, ou Licenciado na sagrada Theologia, ou em Direito Canonico, ou pelo menos seja Bacharel corrente em qualquer destas sciencias, e que tenha vinte e hum annos de abito. E como antes deste tempo era a aprezentaçaõ de Vigairo desta Collegiada do Padroado Real, ElRey D. Joaõ primeiro deste nome, meteo esta aprezentaçaõ na Ordem de Aviz, para o que impetrou hum Breve do Papa Bonifacio IX. cujo Breve se declara em outro que està no Cartorio da mesma Collegiada de Santa Maria de Alcaçova vindo à instancia do Comendador Ayres de Sousa, e junto a huma sentença assignada pelo Infante D. George, filho delRey D. Joaõ o segundo, como Graõ Mestre da Ordem, onde se ventila a porçaõ, ou congrua que hade ter o dito Vigairo, o qual Breve em Latim principia na fórma seguinte: -- *Leo Episcopus servus servorum Dei dilecto filio moderno Magistro militiæ de Aviz salutem, & Apostolicam benedictionem. Suam nobis dilectus filius Aries de Sousa sæcularis, & Collegiatæ Ecclesiæ Sanctæ Mariæ de Alcaçova oppidi de Santarem &c.* Feito este Breve do Papa Leaõ no quarto anno de seu Pontificado em quatro das Kalendas de Dezembro de 1516.

E ulti-

E ultimamente ſe julgou ter o dito Vigario, ou Prior (como a ſua Ordem declara) a meſma renda que tem cada hum dos Conegos da meſma Collegiada , que he a que agora logra.

CAPITULO IX.

Da Collegiada de Santa Maria de Marvilla; declara-ſe a dúvida de ſeu principio , e como hoje exiſte.

O Principio certo deſta Igreja de noſſa Senhora de Marvilla tambem naõ he facil dizerſe com certeza , porque naõ ſe póde achar noticia individual , que confirme o anno da ſua fundaçaõ: porèm entendeſe com boa conjectura , que aſſim como a Igreja de Santa Maria de Alcaçova foy fundada , ou reedificada pelos Cavalleiros Templarios pela data que lhes fes o piedoſo Rey D. Affonſo Henriques quando tomou eſta Villa de Santarem aos Mouros , dandolhe as rendas do Eccleſiaſtico della pelo acompanharem naquella grande facçaõ (o que jà eſcrevemos no Capitulo precedente) aſſim ſe deve crer , que os meſmos Templarios fundáraõ juntamente eſta dita Igreja de noſſa Senhora de Marvilla , pois naõ hà outra noticia em as noſſas hiſtorias, e tradiçoens que nos digaõ o contrario. E como as rendas deſtas Igrejas de Santarem tornáraõ logo ao primeiro Biſpo de Lisboa D. Gilberto no anno de 1149 , quando o meſmo Rey

deu àquelles Cavalleiros o Castello de Ceras em recompensa destas Igrejas que deixavaõ, he certo que o dito Bispo porque era muito zeloso do culto Divino, e grande reformador do clero, fes, que à imitaçaõ da Igreja de Santa Maria de Alcaçova, houvesse tambem nesta de S. Maria de Marvilla Clerigos Conegos, que rezassem no coro o Officio Divino, e que tivessem Paroço, ou Vigario, paraque administrasse os Sacramentos aos do povo seus freguezes. Nesta fórma existio esta Parochia sendo sempre da aprezentaçaõ (como he hoje) dos Bispos, ou Arcebispos de Lisboa, despois de Dom Gilberto, athè o anno de 1244, sendo Bispo da mesma Cidade D. Ayres Vasques, o qual tinha sido Conego Regrante da Religiosissima Ordem de Santo Agostinho. Diz o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na sua Historia Ecclesiastica, que aos vinte e sinco de Novembro no anno de 1244, estando em Santarem o Bispo D. Ayres, tendo-se ajustado com o Cabido da sua Sè, e juntamente com os Conegos da Collegiada de nossa Senhora de Marvilla, que eraõ graves pessoas, a fim de se levantar aquella Igreja de Marvilla, em melhor fórma de Collegiada, paraque os Conegos della vivessem em commum, e comessem em hum refeitorio, se fes a seguinte Escritura, que aqui vay copiada em Latim, como consta do Cartorio da mesma Igreja, e a tras a mesma Historia Ecclesiastica.

D. Rodrigo da Cunh. Histor. Ecclesiast. p. 2. cap. 48. fol. 168.

In Nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen. Cum homines ſint mortales, & labilis eorum ſit memoria, & ut facta mortalium, immortalia conſerventur, ſolent in ſcriptis redigi ad poſteritatis memoriam cõmendandam. Sciant igitur, relatione præſentium litterarum, omnes præſentes literas inſpecturi, quod dominus Ayres Valaſci Epiſcopus Ulisbonenſ. cum conſenſu capituli ſui, & Canonici Sanctæ Mariæ de Marvilla Sanctaranenſi Sugerius Petri, Ferdinandus Suarii, Martinus Alvares, Magiſter Durandus, Petrus Baſſinus, Vincentius Joannis, Petrus Francus, Michael Joannes: conſiderantes utilitatem ejuſdem Eccleſiæ, & honorem ſtatuerunt ad ſervitium ipſius Eccleſiæ, certum numerum præbendarum videlicet, ut in ipſa Eccleſia ſint decem præbendæ, & novem Canonici, qui ſingulas habeant præbendas, & de iſtis novem Canonicis unus aſſumatur in perpetuum Vicarium, qui curam habeat animarum, & pro labore ſuo duplicem habeat præbendam, & extra iſtum numerum ſemper ſint quinque minores porciones, quarum tres, adæquentur uni præbendæ, & aliæ duæ, alii præbendæ ſimiliter, quæ prout viſum fuerit, ipſis Canonicis, & Epiſcopo conferantur quinque clericis ſervitoribus Eccleſiæ, ut ipſa Eccleſia per hoc plures habeat ſervitores, & inter ſupradictos Canonicos, & Epiſcopum omnis proventus Eccleſiæ dividatur hoc modo, videlicet quod de omnibus, quæ loco decimæ datæ fuerint à minimo uſque ad maximum, & mortuoris, quos & quæ Eccleſia Sanctæ Mariæ de Marvilla percipit, & eſt in poſterum perceptura, dictus Epiſcopus, & ſucceſſores ſui habeant duas partes, & dicti Canonici, & ſuc-

& successores eorum habeant tertiam partem: reliquos vero proventus à minimo usque ad maximum, divident per medium, videlicet, oblationes, anniversaria, & mandas Canonicorum, quæ à descendentibus, eis mandantur, vel ratione sepulturæ, vel ut exeant super eorum sepulchra, exceptis trecesimis, quos eisdem clericis integrè perpetuo concedimus.

Omnes autẽ possessiones, sive hæreditates, quas Ecclesia Sanctæ Mariæ de Marvilla in præsentiarum habet, & est in posterum habitura, supradictus Episcopus, & successores sui, & supradicti Canonici, & successores eorum, dividant per medium, aut fructus, vel reditus earundem. Exceptis tendis, quas nunc habet Ecclesia Sanctæ Mariæ de Marvilla, quas dictus Episcopus, & successores sui debent habere, & supra dicti Canonici, & successores eorum debent habere domos, sive casas, quas nunc Ecclesia Sanctæ Mariæ de Marvilla possidet, ut in eis semper simul in refectorio comedant; & faciant quidquid utilitati suæ viderint expedire. Debent etiam præbendæ in eadem Ecclesia per ipsos Canonicos conferri, & per Episcopũ Ulisbonens. idem autem Canonici debent Episcopo Ulisbonensi dare unam procurationem, vel sex marabitinos in auro cum ad visitandum venerit annuatim. Insuper fuit positum, & firmatum, ut clericus decedens ad persolvendum debita, si aliter non habeat unde persolvat, per unum annũ integrum suam recipiat præbendam, si autem debita non habuerit, vel aliter habuerit unde solvat, fructus annalis suæ præbendæ, in domibus, vineis, aut prædiis, ad opus sui perpetui anniversarii in eadem Ecclesia relinquendi convertantur.

Si

Si quis autem de prædictis Canonicis in regno, vel extra regnum adhærere voluerit studio literali, suam per tres annos integros ibidem existens, recipiat præbendam, petita licentia ab Episcopo, & Canonicis obtenta. Episcopus autem, & Canonici pro qualitate temporis, & personæ in danda licentia postulanti, debent se exhibere favorabiles, & benignos. Hæc autem partitio, sive divisio, fuit jurata à supradicto Episcopo, & supradictis Canonicis, cum numero subscripto, & Sigillis eorum sigillita, & à successoribus eorum prædicta divisio, & numerus debet jurari, ut firma in perpetuum habeatur. Actum apud Sanctaren, sexto Kalend. Decemb. anno Domini millesimo ducentesimo quadragesimo quarto.

Desta Escritura, que he grande, o que nos importa dizer della em portuguez, saõ as seguintes verbas: — Saybaõ todos os que virem as prezentes letras, que D. Ayres Vasques Bispo, com consentimento de seu Cabido, e os Conegos de Santa Maria de Marvilla de Santarem, a saber, Soeiro Pires, Fernando Soares, Martinho Alvares, o Mestre Durando, Pedro Bassino, Vicente Joaõ, Pedro Franco, e Miguel Joaõ; considerando ser em mayor honra, e proveito da mesma Igreja, ordenáraõ, e determináraõ certo numero de prebendas para melhor serviço da dita Igreja, a saber, dez prebendas, e nove Conegos prebendados, e que destes nove Conegos, fosse eleito hum delles em Vigario perpetuo, que tivesse à sua conta a cura das almas, e que por este trabalho tivesse dobrada prebenda, e que fó-

fa

ra disto haveria sinco Clerigos pelos quaes se repartissem duas destas prebendas; huma a tres delles, e outra a dous, para que melhor assim se servisse a Igreja.

Outro sim, que todas as rendas se dividiriaõ em tal fórma, que do que fossem dizimos, ou como dizimos, se repartiriaõ em tres partes, duas para o Bispo, huma para os Conegos, e o mais que naõ for isto, assim offertas, e outras couzas que os defuntos deixassem aos Conegos, ou dos enterros, ou dos responsos, os quaes se ouvessem de dizer sobre as suas sepulturas, tirando a trigesima parte, que seria sempre para os Conegos se dividiriaõ pelo meyo; como tudo o mais que a dita Igreja tivesse por qualquer modo que fosse; todas as herdades, e possessoens que a Igreja de Santa Maria de Marvilla tem ao presente, ou ouver ao futuro o sobredito Bispo, e seus successores; e os sobreditos Conegos, e seos successores repartiràõ irmãmente pelo meyo; porèm as rendas, que ao presente tinha a dita Igreja, ficariaõ para o Bispo. E que os ditos Conegos, e seus successores ficariaõ com as cazas, que jà ao presente possuhia a dita Igreja, para nellas viverem, e comerem todos juntos em refeitorio, ou para o que melhor lhes parecesse q̃ saõ duas proprias, que os Conegos seriaõ obrigados a dar hum jantar ao Bispo, ou em lugar disto seis maravediz de ouro, quando os fosse visitar.

Outro sim, que qualquer daquelles Clerigos, que

que morreſſem com dividas, e naõ tiveſſem com que as pagar, ſe retiveſſe por eſpaço de hum anno a ſua prebenda, para ſe ſatisfazer a divida. E no caſo que naõ tiveſſe dividas, ou tiveſſe com que as pagar, entaõ dos frutos deſſa prebenda ſe gaſtaſſem em comprar fazenda, da qual ſe pagaſſe o ſeu anniverſario perpetuo. E declara mais a eſcritura, que ſe algum deſtes Conegos quizeſſe eſtudar neſte Reyno, ou fóra delle, ſempre por tres annos venceria os frutos da ſua prebenda, tendo para iſſo licença do Biſpo, e Conegos, os quais naõ duvidariaõ em lha dar confórme a occaſiaõ do tempo, e o reſpeito da peſſoa. Eſta eſcritura, ou carta, foy formada, e ſellada com todos os ſellos, e nomes de todos os Conegos, os quaes juráraõ de ſempre a cumprirem. Dada em Santarem aos 25. de Novembro de 1244 annos.

Iſto he o de que conſta a verdade deſta eſcritura, da qual ſe entende, que o Biſpo D. Ayres Vaſques, naõ foy o que de novo inſtituio eſta Igreja de Santa Maria de Marvilla em Santarem Collegiada, mas que ſómente a reformou, como adverte o Padre D. Nicolao de Santa Maria, na ſua Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, pois a meſma eſcritura nomea outo Conegos, que jà eraõ da meſma Collegiada, os quais com o Biſpo D. Ayres a reformáraõ em melhor modo, e nella inſtituiraõ mayor numero de Miniſtros para melhor ſervi-

Chron. dos Coneg. Regrantes liv. 5. p. 1. cap. 12.

ſerviço de Deos; e juntamente ordenáraõ de novo, que viveſſem em cõmum aquelles Conegos, comendo todos em refeitorio, e morando nas cazas da meſma Igreja como Religioſos. E deſta meſma eſcritura ſe deve entender a força que fas para podermos crer que a inſtituiçaõ deſta Igreja em Collegiada tendo Conegos, que ſeria no tempo do primeiro Biſpo de Lisboa D. Gilberto, exiſtindo o noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques, fundando-a à imitaçaõ da de Santa Maria de Alcaçova, pois nos conſta pelo que lemos em as noſſas Hiſtorias, que eſte piedoſo Rey naquelle tempo edificou tanto numero de Templos.

Eſta Igreja, que he verdadeiramente Templo pela ſua grandeza, compoem-ſe de tres naves, tem de comprimento athè à Capella mayor cento e ſincoenta e nove palmos portuguezes, e de largura ſetenta e quatro; a Capella mayor de fundo tem vinte e quatro e meyo, a nave do meyo que fas o principal corpo, tem de altura ſeſſenta e outo, que he do pavimento athè onde principia o tecto deſte ſeu corpo, e as naves dos lados tem de altura o ſeu pè direito ſincoenta e dous palmos, e meyo quarto. Suſtenta-ſe eſte edificio por dentro em doze columnas de pedra marmore, ficando ſeis a cada nave, e tem cada huma dellas de altura com vaſa, e capitel trinta e ſinco palmos e meyo, e de groſſura pela parte inferior na ſua circunferẽcia doze palmos, e tem

os

os capiteis Jonicos com as ſuas volutas todas retorcadas; nas paredes dos lados tem eſta Igreja ſeis freſtas por banda, as quais tem de altura vinte palmos, por todas as partes athè o tecto (o qual he de madeira lavrada obra Gotica) ſendo o azulejo de xadrez ao antigo, e guarnecida de aſſentos de pedra por ambos os lados. Tres portas fechaõ eſta Igreja, a principal olha para o Poente, cujo portico he de pedraria lavrada guarnecida de enlaçados feſtoens, que bem moſtraõ a ſua antiguidade ſendo obra Gotica; e as duas dos lados he obra mais moderna correſpondentes huma à outra, ficando huma ao Sul, outra ao Norte.

A Capella mayor he de abobeda toda enlaçada com cintas de pedra com varios fechos, que as prendem em lavores, os quais tem gravavadas as armas do venturoſo Rey D. Manoel, com o ſinal, e padraõ de que elle fora o que mandára reedificar, e aperfeiçoar eſte magnifico Templo; tambem conſta por documentos antigos em hum Alvarà do meſmo Rey, e por hũ rol de contas, que o dito ſenhor mandou tomar por hum dos Vereadores deſta Villa, pelo qual ſe entende, que elle mandou reedificar de novo eſta Igreja na fórma q̃ hoje exiſte, que he mayor na ſua grandeza do que foy antigamente. He a tribuna da Capella mayor de boa talha, ſendo a madeira de bordo em folhages com as colũnas Salamonicas em conchas retorcidas com a guar-

niçaõ por sima de folhas ao moderno, porèm ainda naõ està dourada. Tem hum painel que lhe tapa a frente do sepulchro, sendo este da Assumpçaõ da Virgem Senhora nossa, o qual painel he de admiravel, e fina pintura, em cujo lugar logo adiante do painel se acha collocada de vulto a Senhora das Maravilhas, que deu o titulo a esta Igreja, e he esta Imagem de taõ grande altura, que excede muito à mais avultada mulher, cujos primeiros golpes foraõ dados com a mayor industria da perfeiçaõ da arte; e desta Senhora com mais especialidade adiante fallaremos nesta escritura.

Tem mais esta Igreja duas Capellas, e dous altares collaterais: a Capella que està à parte da Epistola, he do SANTISSIMO SACRAMENTO, e a da parte do Evangelho, he dedicada hoje ao Senhor JESUS do Terço, e ambas estas Capellas saõ fundas para dentro. Os dous altares collaterais ficaõ à face em sua correspondencia, hum entre a Capella mayor, e a do Santissimo, e outro entre a mayor, e a do Senhor JESUS: o da parte do Evangelho he dedicado ao Menino Deos, ou a JESU MARIA JOZE, como se mostra das tres Imagens que tem de vulto: o da parte da Epistola he de Nossa Senhora dos Prazeres, Imagem que antigamente foy de muita devoçaõ, ainda que hoje està mais esquecida. Esta gloriosa Imagem da Senhora, athè ao tempo que isto escrevemos era de roca e vestidos, mas jà agora està

tà toda feita de madeira ricamente eſtofada, porèm o roſto, e as mãos ſaõ da meſma que era de veſtir; que o eſcultor admiravelmente lhe embutio, e lhe proporcionou, com os cabellos abertos na meſma eſcultura, e tem ſeis palmos de altura.

Preciſo he neſte Capitulo darmos noticia da Senhora do Altar mayor, que jà diſſemos eſtà na boca da tribuna; he de corpo agigantado, a qual Senhora deu o nome a eſta Igreja chamada antigamente das Maravilhas, pelos notaveis prodigios que fazia; e do nome *Maravilhas*, ficou corrupto o vocabulo em *Marvilla*. Depois que o venturoſo Rey D. Affonſo Henriques tomou eſta terra de Santarem aos Mouros, tendo o glorioſo Abbade S. Bernardo a certeza por illuſtraçaõ ſuperior, de que eſte noſſo Rey D. Affonſo determinava fazerlhe neſte Reyno de Portugal hum Moſteiro pela glorioſa victoria que havia de alcançar dos Mouros (como o fes em Alcobaça) tratou logo o Santo Abbade em Claraval de eleger os Monges q̃ havia de mandar para eſta nova Abbadia. E como viſſe na peſſoa do Padre Ranulfo, e na do Irmaõ converſo Deſiderio, que ambos eraõ de aprovadas virtudes, e conhecida ſantidade, os enviou a eſte Reyno com cartas a ElRey D. Affonſo Henriques, para darem principio à nova Caza de Deos: e juntamente com as cartas lhe entregarem logo duas Imagens, que o ſeu Abbade lhe man-

Agiologio Luſitan. fol. 607 tom. 2. let. fol.

mandava, para as collocar nas novas Igrejas q̃ em Santarem erigia, que assim o viemos a entender das varias escrituras que temos lido, e antigas tradiçoes de boas pessoas a quem o ouvimos, que eraõ duas as Imagens da Virgem MARIA Senhora Nossa vindas de Claraval, e trazidas pelos ditos santos Monges, tendo primeiro esta Senhora (que o mesmo Rey collocou em Marvilla) o titulo da Assumpçaõ. Esta gloriosa Imagem com este titulo existio muitos annos nesta Igreja de Marvilla; porèm sabemos por alguns antiquarios naturaes, que foy levada desta Igreja ao lugar de Alcanhoens, para huma Ermida de huma quinta, a qual era da familia dos Carvalhaes, naturais desta mesma Villa de Santarem, e lá tem a invocaçaõ da Senhora dos Pinosinhos; mas naõ nos consta com individuaçaõ o tempo, nem a pessoa que para aquelle lugar trasladou esta Sacrosanta Imagem, nem o motivo porque lá lhe deraõ este titulo dos Pinosinhos, e só se sabe, que nesta Igreja de Marvilla houve antigamente hum Prior da familia destes mesmos Carvalhaes desta Villa, do qual se póde presumir, que faria o mesmo que fes o outro de Alcaçova, que jà fica dito no Capitulo 7. em que descrevemos a Igreja de Santa Maria de Alcaçova usurpando taõ rica Joya para fazer della morgado à descendencia de seos parentes; e em lugar daquella Senhora da Assumpçaõ mandaria fazer de novo esta Imagem que vemos

mos hoje nesta Igreja de Marvilla na sua Capella mayor a quem a devoçaõ dos fieis deu o nome da Senhora das Maravilhas, pela brevidade com que os socorria nas suas tribulaçoens.

CAPITULO X.

Em que se dà noticia das graças que a Santidade de Benedicto XIII. concedeo à Irmandade do Senhor JESUS dos Terços nesta Igreja de Nossa Senhora de Marvilla.

CORrendo os annos do Nascimẽto de Christo Senhor Nosso, em o de 1727, foy erecta a Irmandade, e Confraria do Senhor JESUS dos Terços, com o titulo da *Congregaçaõ dos Pobres*, na Parochial Igreja de Nossa Senhora de Marvilla da Villa de Santarem, e no mesmo anno se aprovou pelo seu Prelado, e Cabido do Arcebispado Oriental de Lisboa, a quem se sogeitou a dita Congregaçaõ; e o dito Prelado como Prior desta Igreja fes mercè à dita Congregaçaõ da Capella em que o Senhor està collocado, e em veneraçaõ desta Sacratissima Imagem, a Meza, e a mais Irmandade, logo despois desta graça mandou fazer na sua Capella huma magnifica tribuna de talha, que logo mandou dourar, e pintar com o melhor primor da arte.

Esta Irmandade fes logo Compromisso, que se aprovou com dezasete capitulos, e jà quando estes

eſtes ſe fizeraõ, e aprováraõ tinha a dita Congregaçaõ recorrido ao Papa Benedicto XIII. no anno de 1726. para que lhe enriqueceſſe a dita Irmandade, e Congregaçaõ de graças do theſouro da Igreja, as quaes todas lhes foraõ concedidas: ſendo a primeira, ſer eſte Altar do Senhor JESUS previlegiado, para que nos dias das ſegundas feiras, e no dia da Commemoraçaõ dos defuntos, ou em qualquer dos dias do ſeu Outavario, qualquer Sacerdote ſecular, ou regular q̃ celebrar no dito Altar Miſſa de defuntos pela alma de qualquer fiel chriſtaõ, homem, ou mulher, que forem Confrades da meſma Congregaçaõ, que morrerem em graça com Deos, e unida a Deos na caridade, paſſando deſta vida preſente, eſſa meſma alma conſiga indulgencia por modo de ſuffragio do theſouro da Igreja; de tal ſorte, que pelos merecimentos de Noſſo Senhor JESUS Chriſto, e da Bemaventurada ſempre Virgem MARIA, e de todos os Santos que a ſocorraõ, e livrem das penas do Purgatorio.

Concedeo mais o meſmo Santo Papa Benedicto XIII. a toda a peſſoa, aſſim homem, como mulher, no primeiro dia da ſua entrada na dita Confraria, ou Congregaçaõ, Indulgencia plenaria, com tanto, que no dito dia confeſſados, e arrependidos de ſuas culpas recebaõ o SANTISSIMO SACRAMENTO da Euchariſtia. E a todos os ditos Confrades, aſſim homẽs,

como

como mulheres, que no artigo da morte verdadeiramente confeſſados, e cõmungados, ou ao menos verdadeiramente contritos, quando naõ poſſaõ confeſſar-ſe, invocando o Santiſſimo Nome de JESUS com a boca, e naõ podendo com a boca, ſó com o coraçaõ, ſe lhe concede Indulgencia plenaria, e remiſſaõ de todos os ſeos peccados.

Tambem ſe concedeo aos meſmos Confrades, aſſim homens, como mulheres, Indulgencia plenaria; e aſſim mais ſinco Jubileos no anno: o primeiro he no dia da Feſta principal, que he no de S. Silveſtre quando ſe acaba o anno: o ſegundo no dia do Santiſſimo Nome de JESUS, na Dominga deſpois do dia da Epifania, que entaõ ſe fas alli eſta Feſta: o terceiro a tres de Mayo dia da Invençaõ da Santa Cruz: o quarto a quinze de Agoſto dia da Aſſumpçaõ da Virgem Noſſa Senhora, orago que he da meſma Igreja: o quinto a quatorze de Settembro dia da Exaltaçaõ da Santa Cruz. Eſtes Jubileos ſaõ para todos os Confrades, que confeſſados, e cõmungados devotamente viſitarem a dita Capella do Senhor JESUS dos Terços, deſde as primeiras Veſperas athè o Sol poſto do meſmo dia, e ahi orárem, e rogarem a Deos devotamente pela paz, e concordia entre os Principes Chriſtãos, e extirpaçaõ das hereſias, e Exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, ganhaõ Indulgencia plenaria, e remiſſaõ de todos os ſeos peccados, e ſete annos

de perdaõ, e outras tantas quarentenas de Indulgencias: e mais se lhe concede, que todas as vezes, que na tal Igreja, ou Capella assistirem às Missas, e Officios Divinos, que na mesma Igreja se celebrarem, como tambem se assistirem às congregaçoens publicas, ou particulares da dita Confraria em quaesquer partes q̃ se fizerem, ou derem hospicio aos pobres, ou fizerem, e procurarem paz entre os inimigos, ou accompanharem os corpos de seos Irmãos à sepultura, ou acompanharem as Procissoens, e terços do Senhor, ou o SANTISSIMO SACRAMENTO quando for visitar os enfermos, e se estando impedidos, ouvindo tocar os sinos rezarem o Terço em caza, ou rezarem sinco Padre Nossos, e sinco Ave Marias pelas almas dos defuntos, e defuntas da dita Confraria, por todas as vezes que fizerem quaesquer das couzas sobreditas (diz o Breve) lhes concedemos, e relaxamos sessenta dias de penitencias que lhes forem impostas.

Concede mais o Breve a esta Confraria cem dias de Indulgencia, e remissaõ de todos os peccados a todos os fieis Christãos, assim homens, como mulheres, que nesta Igreja, ou Capella do Senhor todos os Sabbados, e em todos os dias das festas da Immaculada sempre Virgem MARIA devotamente cantarem, ou rezarem as Ladainhas da mesma Senhora, ou estando ahi presentes orarem, e pedirem a Deos com devoçaõ pela paz, e concordia dos Principes Christãos,

extirpa-

extirpaçaõ das heresias, e exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, por qualquer vez que assim assistirem, ganhaõ as graças sobreditas. Na mesma Capella do Senhor JESUS dos Terços, instituio Antonio de Mattos Ferreira, e sua mulher Jozefa Maria, huma Capella de Missa quotidiana pelas almas delles Instituidores, ditas estas Missas na mesma Capella, e as dos Domingos, e dias Santos na Ermida de Nossa Senhora da Vitoria sita às portas da Atamarma, com obrigaçaõ aos Capellães, que forem da dita Capella, de levarem o Senhor dos Terços, para o que os ditos instituidores deraõ tres mil cruzados, que se puzeraõ a razaõ de juro; paraque com o rendimento de hum conto de reis, que saõ sincoenta mil reis para o Capellaõ, e o rendimento de duzentos mil reis, que saõ dez mil reis para a fabrica da dita Capella.

Esta Capella foy instituida aos vinte dias do mes de Junho do anno de mil setecentos e vinte e sete. Os Irmãos, q entraõ nesta Congregaçaõ, ou Confraria, assim homens, como mulheres, entraõ com a esmola com que cada hum póde, as mais obrigaçoens que tem, he de hum vintem cada pessoa, o qual dinheiro he para as Missas, e suffragios de cada Irmaõ defunto: tem hoje cada Irmaõ sincoenta para sessenta Missas de corpo presente, conforme o numero dos Irmãos, e hum Nocturno, e acompanhamento da Irmandade, e Padres da dita Igreja: tem hum Officio

geral em cada anno: huma Capella de Missas todas as segundas feiras do anno, que he privilegiado na mesma Capella por vivos, e defuntos.

Tem mais esta Capella por obrigaçaõ da Irmandade confórme o Compromisso, de elegerem dous Irmãos enfermeiros, e duas Irmãs enfermeiras, para visitarem os Irmaõs, e Irmãs enfermas, paraque os que forem pobres, a Irmandade os possa socorrer com o preciso.

CAPITULO XI.

Em que se proseguem as mais noticias desta Igreja de Nossa Senhora de Marvilla.

NA Capella da parte da Epistola correspondente à do Senhor JESUS dos Terços, aonde està o tabernaculo do SANTISSIMO SACRAMENTO; erigio hà cem annos o Doutor Paulo de Pedrosa Meirelles, Prior que foy desta Igreja, e de S. Nicolao desta Villa, e Vigario Geral deste Arcediagado, huma Capella com Missa quotidiana, deixando por administradores della os Priores desta Igreja, e mandou fazer sepultura para si, e para seos administradores; e na parede da mesma Capella da parte da Epistola mandou gravar em boa pedra as suas armas de que uzava, que saõ dos Pedrosas, e Meirelles, com letras abertas na mesma pedra, que dizem, que elle dotou esta Capella, cujas letras

tras aqui vaõ copiadas: -- *Esta Capella do* SANTISSIMO SACRAMENTO *he do Doutor Paulo de Pedrosa Meirelles Desembargador do Arcebispado de Lisboa, Vigario Geral desta Villa, e Vigario desta Igreja, e a fes, e dotou para nella se enterrar, e seu pay, e mãy, e herdeiros com Capellaõ, e Missa quotidiana, e duas lampadas acezas continuamente por sua conta, e da Igreja, na fórma de seus contratos, falleceo a 27 de Novembro de 1663, sendo Prior de S. Nicolao. Tem Capellaõ de Missa quotidiana com quarenta mil reis cada anno.*

Sobre a antiguidade desta Igreja, e a de Santa Maria de Alcaçova, houve antigamente grandes contendas, mas por papeis, e tradiçoens se provou, que esta Igreja de Marvilla naõ era menos antiga, que a de Santa Maria de Alcaçova, e se fes huma concordata entre huns, e outros Padres, que nenhuma destas duas Igrejas se intitulasse Matriz, nem podesse hir nas Procissoens huma sem outra, e que saisse a do Corpo de Deos hum anno de Marvilla, outro de Alcaçova, indo nas Procissoens os de Alcaçova à maõ direita, e os de Marvilla à esquerda no fim das alas, e que qualquer das Igrejas, q̃ quebrasse esta concordata pagasse à outra quarenta mil reis; e assim se observa athè o presente tempo, em que estamos, e para mais clareza, e ser isto notorio a toda a pessoa, em huma columna desta Igreja junto à porta travessa da parte da praça, estaõ abertas na pedra da mesma columna as seguintes letras: -- *No Cartorio desta Igreja, e no de*

Cosme

Cosme Pacheco Escrivaõ da Legacia, e nas notas de Manoel de Freitas Tabaliaõ, e de Antonio Dias França Notario Apostolico, està o contrato, e sentença da ordem das Procissoens, e das mais precedencias, que esta Igreja tem com a Collegiada de Alcaçova, por serem as principais, tudo feito no anno de 1629.

Nesta Igreja de Marvilla, vemos que se fazem todas aquellas funçoens, que se costumaõ fazer nas principaes das terras, porque esta reparte os Santos Oleos, naõ sò para todas as mais desta Villa, mas tambem para todo o Arcediagado; nella se recebem os prezos do Aljube convencidos em seos pleitiados desposorios, e se desobrigaõ do preceito annual os viandantes, que no tempo da Quaresma se achaõ sem ubi certo.

Solemniza-se a Festa do orago desta Igreja a quinze de Agosto, que he o dia de Nossa Senhora da Assumpçaõ, e na vespera com assistencia do Senado da Camera, se fas huma devotissima Procissaõ, que representa o Transito da Senhora, Emperatriz dos Anjos, e despois de se ter prègado o Sermaõ à vista da Senhora morta no esquife, nesta tarde vay a Procissaõ à Ermida de Nossa Senhora do Monte, que he annexa à Igreja do Salvador acompanhada de todo o Clero, das justiças Ecclesiasticas, e as Communidades das Religioens; e no outro dia que se segue de manhãa vaõ buscar a Senhora gloriosa com a mesma solemnidade para esta I-

greja

greja, em cuja Festa se canta Missa, e se prèga hum Sermaõ com a assistencia do Senado.

Tambem nesta Igreja se prèga todos os Domingos do anno, observando-se ainda a determinaçaõ do Senhor Rey D. Affonso o terceiro, o qual Senhor ordenava, que em todas as Igrejas Parochiais houvesse prèdicas annuaes nestes dias, prègando os Padres de S. Francisco hum mes, e outro mes os de S. Domingos, mas destruindo-se este santo costume nas mais Igrejas, esta de Nossa Senhora de Marvilla observa ainda agora este Real Decreto.

Hà nesta Igreja todas as tardes da semana leitura de Moral, cujo Leitor he da Veneravel Ordem dos Prègadores, e os Senhores Arcebispos da Sè Oriental pagaõ, naõ só os Sermoens, mas tambem a congrua desta cadeira, de cujas noticias fas memoria o P. Esperança na Chronica da observante regra de S. Francisco; e tambem consta da mesma Chronica haver antigamente nesta terra huma ceremonia, a qual naquelle tempo quizeraõ os nossos Reys, que a fizessem os Padres desta Igreja de Marvilla, e era, que no Domingo de Ramos se benziaõ as palmas fóra da Villa, e acabadas de benzer vinhaõ em Procissaõ para esta Igreja; e no tempo del-Rey D. Affonso terceiro, mandou o mesmo Senhor aos Padres da dita Igreja, q̃ as fossem benzer aos alpendres do Convento de S. Francisco, ceremonia que alli se uzou, e fes muitos tempos,

Esperança, Chron. dos Francisc. 1. part. cap. 1.

mas

mas naõ consta da Chronica, nem de outros documentos dos papeis da Igreja porque se deixou de uzar. No Cartorio desta Igreja está hum contrato feito com o Parocho, e Beneficiados della, em que só assistaõ seis Beneficiados, e hum Vigario; ao qual se lhe dà hoje o titulo de Prior, e rende este Priorado quinhentos athè seiscentos mil reis, e cada hum dos Beneficios cem mil reis, e se dividem as rendas na fórma seguinte. Levaõ os Senhores Arcebispos duas terças, e a terceira se divide em dez raçoens, o Prior leva quatro, e em tudo o mais se divide assim. Tambem se guarda no mesmo Cartorio huma sentença, pela qual se manda, que se façaõ nesta dita Igreja as Exequias dos nossos Reys de Portugal; e no anno de 1573 fes ElRey D. Sebastiaõ nesta Igreja de Marvilla Capitulo Geral da Ordem de Christo.

CAPITULO XII.

De varias sepulturas que estaõ nesta Igreja de Marvilla, e das obrigaçoens de Capellas, das suas instituiçoens, e seos Administradores.

NEsta Igreja pela nave que fica da parte da Epistola, estaõ em sepulturas razas com letras abertas nas campas as Inscripçoens seguintes.

Sepultura de Antonio Montez Cid, e de sua mulher

lher Vicencia Frois de Macedo, e de ſeos herdeiros, a qual falleceo em 28 de Novembro de 1686.

Sepultura de Joaõ Antunnes, e de ſua mulher, e herdeiros.

Sepultura de Pedro das Neves, e de ſeos herdeiros.

Eſta Sepultura he de Anna George mulher de Domingos Fernandes, e de ſeos herdeiros.

Eſta Sepultura he de Duarte Lopes, e de Maria Gonçalves ſua mulher primeira, na qual ſe naõ poderà enterrar outra peſſoa alguma, e do teſtamento conſtarà a obrigaçaõ que deixa pelas almas de ambos.

Sepultura de Antonio Teixeira, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Antonio de Siqueira, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Silverio Delgado, e de ſua mulher Simoa Soares, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Luis de Moura, e de ſeos herdeiros.

Eſta Sepultura he de Joaõ da Coſta, que Deos tem, e de ſua mulher Anna Fernandes, e de ſeos herdeiros, falleceo a 26 de Mayo de 1558, e de ſeu neto Joaõ da Coſta Furtado, falleceo a 30 de Dezembro de 1638.

Eſtas ſepulturas que aqui ſe ſeguem, ſaõ as que eſtaõ no cruzeiro deſta Igreja, e aſſim eſtas, como as da nave, q̃ acima eſcrevemos, vaõ aqui copiadas pelas formais palavras dos ſeos originais.

 Sepul-

Sepultura do Licenciado Henrique Nunes, Medico de Sua Mageſtade, e de ſeos herdeiros.

Sepultura do Licenciado Rafael do Quental, Cavalleiro de San-Tiago. Franciſco de Almeida Sigano, a quem ElRey deu tença quotidiana, e o nomeou Capitaõ por ſerviços antes, e deſpois da ſua acclamaçaõ, comprou eſta ſepultura para ſi, e ſeos herdeiros; morreo a 28 de Settembro de 1649.

Eſta Sepultura he de Diogo Affonſo, Beneficiado que foy neſta Igreja, e de Sebaſtiaõ Affonſo ſeu ſobrinho, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Joaõ de Abreu, e de ſua mulher Leonor Ribeira, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Franciſco Gameiro de Barros, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e de ſua mulher Felippa da Silva, e de ſeos herdeiros, falleceo no anno de 1682.

Sepultura de Gaſpar Henriques, e de ſua mulher Iſabel Fragoſa Nogueira, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Duarte Luis, e de ſua mulher Violante Henriques, e de ſeos herdeiros.

As Capellas que tem obrigaçaõ neſta Igreja de Noſſa Senhora de Marvilla ſaõ as ſeguintes, das quaes ſe declara o dia, mez, e anno das ſuas inſtituiçoens, cujos titulos ſaõ eſtes:

A 12 de Mayo de 1689, inſtituio huma Capella neſta Igreja de Santa Maria de Marvilla Miguel de Figueira, e ſua mulher, com obrigaçaõ de vinte Miſſas de Natal, por eſmola de

1500,

1500 reis, e he administrador desta dita Capella Manoel Vieira Soares.

A trinta de Janeiro de 1481, instituio nesta Igreja Martim Pires Vieira, huma Capella com obrigaçaõ de vinte e quatro Missas rezadas por esmola de 1200 reis, sendo administrador Luis Pires Carreira.

Nesta Igreja instituio hum Morgado, e Capella Dona Violante Soares, com obrigaçaõ de tres Missas cada semana com responso sobre a sua sepultura, por esmola de 7800 reis, porèm naõ se póde achar o tempo em que se instituio, e só se achou ser administrador Antonio Sodrè Pereira das Coberturas.

A 7 de Settembro de 1681, instituio nesta Igreja Garcia da Costa, huma Capella com obrigaçaõ de vinte e sinco Missas rezadas, de esmola costumada, da qual Capella foy administrador Fernaõ Dias Franco, morador em Lisboa.

A 20 de Julho de 1670, instituio Brites da Costa huma Capella nesta Igreja, de que he administrador Jozè Ferreira Cabral, com obrigaçaõ de seis Missas rezadas por cada hum anno, de esmola costumada.

CAPITULO XIII.

Das Igrejas, ou Ermidas, que saõ annexas a esta Igreja de Nossa Senhora de Marvilla.

ESta Igreja tem hũa annexa duas legoas fóra desta Villa, a qual fica álem do Tejo, com o titulo do ESPIRITO SANTO, està sita em hum lugar que chamaõ *Vàl de Cavallos*, assiste nella hum Cura annual apresentado pelos Priores desta Igreja de Marvilla, da qual Freguesia naõ damos aqui mais noticias, por naõ pertencer ao ponto principal da nossa Historia. Tem mais annexas as seguintes Ermidas no destrito desta Villa, que saõ as seguintes: a Ermida de S. Lazaro, a de S. Roque, a de Santo Antaõ, a de Nossa Senhora da Victoria, e a de S. Christovaõ, e dellas iremos dizendo as verdadeiras noticias, que pudèmos descobrir.

Fóra de huma porta das desta Villa chamada a de *Manços*, em distancia de duzentos e sessenta passos, aonde antigamente chamavaõ a *Carreira*, e hoje *S. Lazaro*, està hum cerco fechado com huma grande porta de cantaria em fórma de arco por onde se entra, e dentro tem sincoenta e dous moradores: no meyo deste cerco està huma Ermida, a qual pelo seu artefacto mostra ser muito antiga, tem tres altares com o da Capella mayor aonde està collocada huma Imagem

de

de S. Lazaro, que he o orago desta Igreja; està no meyo do retabolo, e tem vestiduras Episcopaes, sendo de quatro palmos de altura feito de pedra, escultura que mostra ser antiquissima: nos dous Altares colaterais, em hum està a Imagem de Nossa Senhora, e no outro, que està da parte do Evangelho, a de Santa Martha, que he de vestir, e tem tres palmos de altura, sendo Imagem de muitos prodigios, pelos que se tem visto fazer a quem devotamente a ella recorre, e se vale de sua protecçaõ. O corpo desta Ermida tem trinta e hum pès de comprido athè ao arco da Capella mayor, que mostra ser obra mais moderna, todo de cantaria lavrada, e tem de largura vinte e tres pès: a Capella mayor tem quatorze pès de fundo, e doze e meyo de largura. Tem duas portas, huma travessa, e outra principal, esta mostra ser obra Gotica, porque tem muitos floroens enlaçados com os feitios que uzavaõ naquelle tempo, ficando esta porta fronteira ao meyo dia, e a travessa ao Sul. Acompanha-se esta Ermida pela parte de fóra de huma columnata, que corre desde todo o seu frontespicio athè ao fim do lado da Epistola, em cujo meyo fica a porta travessa: as columnas saõ entre todas dezasete, formadas igualmente da ordem Toscana; e na Dominga de Lazaro se canta Missa ao Santo, e de tarde com assistencia do Provedor da Misericordia, e mais Irmãos da Meza se fas hum Sermaõ em louvor do mesmo Santo,

to, com o titulo de *Lazaro Mendigo*, porem o Santo està vestido de Pontifical.

Entrando-se pela porta deste cerco, ao lado esquerdo està o Hospital dos Lazaros, que corre desde o principio do cerco, athè o fim da Ermida, que tem seos quartos apartados, em que vivem os Mercieiros incuraveis, os quais pela pia caridade da santa Caza da Misericordia saõ aceitos nelle, e na sua entrada, que se fecha em fórma de clausura emsima da porta tem o letreiro seguinte: -- *Hospital dos Gafos, foy reedificado anno de* 1680: -- Os Lazaros deste Hospital naõ tem numero certo, e ao presente tempo em que estamos, saõ sette os que alli assistem.

Nenhuma noticia pudemos achar, nem hà memoria de quem erigio este Hospital antes de vir para este sitio, por ser muito antiga a sua erecçaõ, a qual se sabe foy em hum monte fóra da Villa, onde està huma Ermida com o mesmo titulo de Nossa Senhora do Monte, e ahi he sabido, que estavaõ os Gafos, e por ficarem em aquelle lugar alto da parte do Norte, os Padres Dominicos (que ficavaõ defronte) e os moradores desta Villa supplicáraõ ao Senhor Rey D. Diniz, que lhe mudasse o dito Hospital, porque como ficava ao Norte fazia muito danno à Villa; e attendendo o dito Senhor à supplica dos seos vassallos, mandou homens de boa consciencia, que buscassem sitio accomodado aonde podessem estar os Gafos, paraque os moradores

desta

desta Villa naõ tivessem aquelle receyo. Escolhèraõ este sitio onde hoje estaõ, o qual era hum campo das Freiras Donas, e hum olival da Cōmenda de Santo Antaõ, sendo tudo avaliado em duzentas e dez libras, que o dito Senhor Rey D. Diniz pagou de sua real fazenda; o que consta de hum Alvarà do dito Senhor, passado no anno de 1291 a doze de Dezembro, o qual Alvarà anda junto ao tombo do mesmo Hospital de letra Gotica em pergaminho.

Tambem sabemos, que dentro neste cerco de S. Lazaro, morava hum Bispo, cujas cazas ainda hoje alli existem, e se chamaõ pelas tradiçoens de pessoas antigas *as cazas do Bispo*; o qual deixou Missa quotidiana, que todos os dias se diz pela sua alma nesta mesma Ermida de S. Lazaro, e juntamente deixou renda para a cura, e sustento dos Gafos deste Hospital, que tudo corre hoje por conta da administraçaõ da Misericordia: porèm nem do nome deste Bispo, nem do titulo do seu Bispado achámos memoria. Foy este Hospital antigamente administrado pelos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, occupaçaõ, que nos mayores Hospitais deste Reyno, ElRey D. Joaõ o terceiro lhes deu, pela muita caridade que nelles via terem com a pobreza; sendo isto no tempo em que jà estavaõ todos os Hospitais desta Villa annexos, e unidos ao principal, que he o de JESU Christo (delle faremos larga memoria em seu lugar) e destas unioens

dos

dos Hospitais, e o serem administrados pelos Conegos Evangelistas, se prova com hũa Bulla Pontificia, que alcançou este mesmo Senhor, a qual està no Cartorio do Convento de Santo Eloy de Lisboa, e o Padre Mestre Francisco de Santa Maria no *Céo aberto na Terra* a folhas 276 athè 285 fas larga memoria destas noticias.

Francisc. de Santa Maria o Ceo Aberto livro 1.

Defronte deste Hospital de S. Lazaro està a Ermida do Bemaventurado S. Roque, mas naõ se sabe o tempo, nem quem a erigio, presume-se que seria por voto feito pelos moradores desta Villa na occasiaõ em que houve peste, como assim se fes em a Cidade de Lisboa ao mesmo Sãto. He esta Ermida sumptuosa, e de agradavel fermosura, tem tres Altares, no principal (que he o da Capella mayor) està a Imagem do dito Santo de vulto, quasi de outo palmos de altura, e he a sua escultura taõ perfeita, que admira a todo o escultor, e pessoas curiosas que a vém; e foy esta sacrosanta Imagem de tanta devoçaõ para os Reynos estrangeiros, que de Castella, e França a vinhaõ venerar em tanto concurso, e oblaçoens dos seos devotos Romeiros, que para haver de receberem as esmolas que se lhe offertavaõ todas as semanas, assistia hum Beneficiado da dita Igreja de Nossa Senhora de Marvilla, e hum Vereador com hum bofete nesta Ermida alternativamente, para receberem as ditas esmolas; e consta isto de hum papel antigo, que està no Cartorio da mesma Igreja de Marvilla, o

qual

qual papel foy escrito no anno de 1480, porèm està hoje esta devoçaõ extinta, e só no dia deste Santo concorre o povo desta Villa a veneralo.

Tem esta Ermida dous Altares collaterais, o da parte do Evangelho tem hum quadro com a pintura de hum Crucifixo, e da parte da Epistola huma soberana pintura de Nossa Senhora das Angustias, de cuja maravilha se deixa a idea duvidosa, se o pincel foy manejado por impulso humano, ou Angelico. He esta piedosa Senhora taõ milagrosa, que bem publicaõ os troféos que existem na parede, as vencidas molestias, e destruidas tribulaçoens, que pelo seu patrocinio alcançaõ os seos devotos, visitando-a muitas vezes, principalmente nas sextas feiras da Quaresma, para com Deos os proteger, e amparar. A formatura desta Ermida, que he forrada de madeira, consta das medidas seguintes. Tem o seu corpo da porta principal (que està fronteira ao Sul) athè o arco que entra para a Capella mayor, quarenta e seis pès, e de largura vinte e sete; a Capella mayor do seu arco athê ao espaldar, por detràs do Altar, tem vinte pès, e de largura dezasete. Tambem tem pela parte de fóra ao lado da Epistola, aonde està a porta travessa, hum passeyo cuberto em fórma de collumnata, cujas columnas saõ dez, formadas da ordem Toscana.

Junto a esta Ermida de S. Roque, mais chegada para a Villa, està outra de Santo Antaõ,

que hoje naõ tem culto; he obra muito antiga, toda de abobeda com hum arco de pedra que lhe reparte a Capella, e naõ se deixa conhecer, se em algum tempo teria mais de hum Altar, pois era muito limitada por pequena. Desta Ermida hà memoria, que fora de hum pequeno Convento de Conegos Regulares de Santo Agostinho dos de França, e de sinco Conventos que estes Padres tiveraõ neste Reyno de Portugal, foy este o terceiro; mas serà precizo aqui tocarmos algumas noticias destes Religiosos Varões, e o motivo de sua extinçaõ nas nossas terras.

Estes Religiosos, que tiveraõ o seu principio no Reyno de França, no anno de 1095, em hum lugar chamado *Mota* no Bispado de Viena, governando entaõ a Barca de S. Pedro o Santo Padre Gregorio VII. tomáraõ por seu Padroeiro ao glorioso Abbade Santo Antaõ. Estes bons Religiosos tinhaõ por instituto exercitarem a virtude de curar os enfermos, que saõ abrazados do fogo da erysipela, que he o achaque a que chamaõ *Fogo de Santo Antaõ*, para o que edificáraõ hum Hospital naquelle distrito, e por mais partes daquelle Reyno fundáraõ Hospitais, e Mosteiros com o titulo de Santo Antaõ, athè que a Sè Apostolica lhe concedeo confirmaçaõ desta sua Ordem, debaixo da Regra de Santo Agostinho, com o nome, e titulo de *Conegos de Santo Antaõ*, como consta de huma Bulla do Papa Innocencio VIII, da qual fas men-

çaõ

çaõ o Padre D. Nicolao de Santa Maria na sua Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho deste Reyno; passada esta Bulla no anno de 1297, e começa pelas palavras seguintes: -- *Quodque in eodem Monasterio Sancti Antonii, & Hospitali, ac membris ejusdem Beati Augustini Regula servaretur, & secundum eam dicti Abbas, & Canonici perpetuo vivere tenerentur &c.* O habito destes Religiosos consta de tunica, murça, e barrete tudo preto, e no peito huma Cruz pequena cosida no mesmo habito, na fórma em que ainda hoje a trazem nas capas brancas os Confrades de Santo Antaõ em Lisboa. Neste nosso Reyno de Portugal tiveraõ estes Religiosos Conegos sinco Mosteiros: o primeiro estava em Benespera no Bispado da Guarda, q̃ era cabeça dos mais junto à ribeira de Teixeira: o segundo foy o de Santo Antaõ o velho, sito ao pè do Castello da Cidade de Lisboa, o qual he agora dos Padres Eremitas de Santo Agostinho, que foy primeiro fundado pelos annos de 1400, e tinhaõ hum Hospital no sitio, que corre das portas de Santo Antaõ athè o Convento da Annunciada: o terceiro foy este aonde està esta dita Ermida na Villa de Santarem: o quarto era o de Santo Antaõ de Aveleira: o quinto, e ultimo he o de S. Domingos de Besteiros no Bispado de Viseu, q̃ hà muitos annos foraõ extintos todos, e só nos ficáraõ estes vestigios, para lhe desentranharmos as noticias do que foraõ.

Q ii O mo-

O motivo principal que houve para se extinguir esta Ordem em Portugal, foy chegar a tempo de cahir no poder de Cõmendatarios; reduziraõ-se estes Mosteiros a huma Cõmenda que ElRey D. Manoel deu a hum seu fidalgo chamado Ruy Lopes, por concessaõ do Papa Julio II, anno de 1510, que tratou mais de lhe gastar as rendas, que da conservaçaõ dos Religiosos, motivo porq̃ se foraõ extinguindo pouco a pouco; e vagando ultimamente esta Cõmenda de Santo Antaõ, ElRey D. Joaõ o terceiro fes mercè della aos Padres da Companhia, quando começáraõ a florecer neste Reyno, ficando a renda destes Conventos, ou desta Cõmenda unida ao famoso Collegio dos Padres da Companhia de Coimbra, por Breve Apostolico do Papa Julio III, passado no anno de 1550, pela qual possessaõ no chamado hoje Collegio de Santo Antaõ do pè do Castello de Lisboa, foy a primeira Caza que os ditos Padres da Companhia tiveraõ em Portugal, da qual tomáraõ posse no anno de 1542.

A Ermida de Nossa Senhora da Victoria fica situada da Igreja de Marvilla para a parte do Nordeste, sincoenta passos, aonde chamaõ a *Porta da Atamarma*, e està edificada por cima desta mesma porta, a qual he por onde entrou ElRey D. Affonso Henriques, quando tomou esta Villa aos Mouros. Entendese por tradiçaõ verisimil, que esta Ermida foy obra que mandou fazer

zer aquelle meſmo Rey para perpetuo agradecimento da glorioſa victoria, que por meyo da Virgem Sacratiſſima alcançou, e por taõ grande favor daõ àquella Senhora eſte titulo da *Victoria*. Eſtà eſta Senhora collocada no meyo do Altar defronte de huma grande janella que tem a meſma Ermida, em tal fórma, que a mayor parte dos viſinhos que moraõ por aquella calçada acima, das ſuas janellas a eſtaõ vendo, para lhe deprecárem, e lhe rezarem as ſuas devoçoens. Eſta Sacroſanta Imagem he de veſtir, ſendo de roca, tem ſeis palmos de altura, com as mãos levantadas. A Ermida vay prolongada à feiçaõ da muralha da Villa em que eſtà fundada; tem a ſua entrada pela parte do Evangelho, que ſe ſobe da rua por huma eſcada em voltas. Defronte deſta entrada para a parte da Epiſtola eſtà huma tribuna em fórma de coro, aonde todos os Sabbados ſe canta a Ladainha da meſma Senhora, e debaixo deſte coro eſtà a ſacriſtia.

Fóra deſta porta da Atamarma, na meſma calçada, que ſe continúa pelo caminho da Ribeira, em diſtancia de quarenta e ſinco paſſos (com pouca differença) eſtà a Ermida de S. Chriſtovaõ com huma horta, e pomar, que vay em deſcida por huma grande barroca, cuja fazenda foy cabeça de hum morgado, que inſtituio antigamente hum fidalgo chamado Dom Gayaõ de Noronha, em cuja Ermida ſe mandou enterrar, deixando nella Miſſa quotidiana pela ſua alma, que ſem-

sempre se lhe diz: da qual Capella deixou à Misericordia desta Villa a administraçaõ, com a clausula que se fizesse da sua fazenda no Hospital desta Villa huma caza para se agazalharem passageiros naõ sendo mais de tres, com seos leitos, e camas: e como a possessaõ deste morgado passou aos Condes de Arcos, sendo o possuidor da illustrissima caza dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira, deixáraõ de todo arruinar a dita Ermida hà poucos annos; e vendo o Prior da Igreja de Marvilla D. Martinho Dique (a quem Esta Ermida he annexa) que totalmente se naõ cuidava na reedificaçaõ della, tirou o Santo para a sua Igreja, aonde hoje està, cuja Imagem he de pedra muito antiga, mas de muita devoçaõ, pois se està vendo que concorrem a ella os devotos que naõ pódem comer, offerecendolhe paõ feito em merendeiras, devoçaõ, q̃ o povo sempre uzou naquella Ermida com este Santo.

CAPITULO XIV.

Em que se descreve a fundaçaõ, e noticias memoraveis do Convento de Santo Agostinho desta Villa de Santarem, que existe no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvilla.

NEste Capitulo em que descrevemos a fundaçaõ, e memorias do Convento de Santo Agostinho desta Villa de Santarem, naõ só segui-

feguimos as noticias que lemos na Chronica do Padre Meftre Fr. Antonio da Purificaçaõ, Chronifta da efclarecida Ordem dos Padres Eremitas do gloriofo Patriarca Santo Agoftinho; mas tambem por ellas nos governámos, principalmente pelos pergaminhos, e efcrituras, originaes que defcobrimos no Cartorio do mefmo Convento defta Villa, as quais noticias muitas dellas naõ tras a dita Chronica; e feguindo as memorias que fe achaõ naquelle Cartorio, no livro novo do tombo do mefmo Convento, a folhas quatorze, em que eftaõ apuradas as verdades deftas antiguidades, diremos aqui de tudo a fua principal fuftancia.

Correndo a era de Cefar de mil quatrocentos e quatorze annos, e no do Nafcimento de Chrifto mil trezentos e fetenta e feis: governando a Igreja de Deos o Papa Gregorio XI, e efte Reyno de Portugal ElRey D. Fernando: entràraõ nefta Villa aos doze do mez de Mayo, o Padre Fr. Joaõ de Torres, Doutor em a fagrada Theologia, e Prior do Convento de Santo Agoftinho da Cidade de Lisboa: Fr. Lourenço de San-Tiago, Fr. Affonfo Martins, e Fr. Joaõ Vicente, todos Religiofos da mefma Ordem; affiftindo nefte tempo em Santarem huns Senhores das principais familias defte Reyno, quaes eraõ D. Joaõ Affonfo Tello de Menezes Conde de Ourèm, e a Condeffa Dona Guiomar de Villa-lobos fua mulher, bifneta que era del-

Rey

Rey D. Sancho de Castella, e o Conde seu marido tio da Rainha Dona Leonor Telles, irmãa de seu pay Martim Affonso Tello de Menezes (preclarissimo ascendente da Illustrissima Caza de Villa Real.) Estes Senhores, que eraõ muito devotos do glorioso Padre Santo Agostinho, tinhaõ jà chamado aos sobreditos Padres, offerecendolhe os seos Paços, e cazas pertencentes a elles, em que moravaõ, para nelles fundarem hum Convento àquella Religiaõ, pois viaõ que em hum Povo taõ nobre como he o de Santarem naõ tinhaõ caza; e com animo taõ pio, e liberal lhe fizeraõ esta offerta, que naõ só lhe fundáraõ o Convento, mas tambem lho dotáraõ com rendas taõ copiosas, que largamente podessem sustentar quarenta Religiosos, introduzindo logo aquelles mesmos Religiosos em suas proprias cazas, para darem principio àquella pia, e devota erecçaõ. E havida jà licença do dito Summo Pontifice Gregorio XI, a qual se passou em Avinhaõ no segundo anno do seu Pontificado, e o consentimento delRey D. Fernando, e do Bispo de Lisboa D. Agapito Colôna, tomàraõ os ditos Padres posse das cazas no anno de Christo de 1376, formando logo em huma das sallas hum modo de Igreja; e nas outras cazas em que assistia o Mestre Pedro das Leys, que todas eraõ do dito Conde de Ourèm, fizeraõ aposentos, e officinas, paraque em quanto senaõ fazia o novo Convento, se podessem acomodar, e servir.

Passa-

Paſſados poucos dias depois deſta accomodaçaõ, alli em prezença do Tabaliaõ Vaſco Martins, e de outras muitas peſſoas, leo o Padre Fr. Joaõ de Torres hum privilegio do ſobredito Papa Gregorio XI, em que concedia aos Padres Eremitas de Santo Agoſtinho, q̄ podeſſem ſem contradiçaõ de peſſoa alguma, edificar nos Reynos de Caſtella, Leaõ, e Portugal, mais ſinco Conventos da ſua Ordem, à qual o dito Conde Ourém diſſe que dava as meſmas cazas, para nellas edificarem Convento; e logo elle lançou no primeiro alicerſe que ſe abria huma pedra, e outra ſeu filho primogenito D. Affonſo Conde de Barcellos, e o dito Fr. Joaõ de Torres fes levantar Altar, entoando com os mais Religioſos o Hymno *Veni Sancte Spiritus*, lançando agoa benta nos circunſtantes. Cantáraõ Miſſa com a ſolemnidade poſſivel, a qual celebrou o Padre Fr. Lourenço de San-Tiago, e no fim della aceitou o dito Padre a offerta, como he coſtume em ſemelhantes occaſioens, ſem que em todo eſte acto houveſſe dúvida, ou contradiçaõ de peſſoa alguma. E tudo iſto he a verdade, a qual paſſou por fé o ſobredito Tabaliaõ Vaſco Martins com hum inſtrumento, que ſe conſerva no Cartorio daquelle Convento, no livro dos pergaminhos a folhas 20., a qual ſe reduzio depois com outro mais a publica fórma por Provizaõ delRey D. Pedro II, e eſtà no livro nono, a folhas quatorze.

Quando ſe deu principio à fundaçaõ deſte Convento lançando-ſe a primeira pedra, foy em huma ſegunda feira aos dezaſeis dias do mez de Abril de 1380. O lugar em que eſta obra ſe fabricou, he em hum ſitio alto quaſi fronteiro ao Naſcente, entre a calçada que vay para Alfange, e o chafariz delRey: e como aquelle lugar era limitado, por occupar ſó as cazas em que aſſiſtia o Meſtre Pedro das Leys, e naõ o Palacio em que eſtavaõ os Condes fundadores, para mayor extenſaõ, e ſe alargar mais o terreno do Convento, compràraõ elles ditos Condes fundadores a 22 de Junho de 1378, humas cazas a Vaſco Peres de Camões, que ficavaõ junto às obras do Moſteiro; como conſta da meſma eſcritura deſta venda que eſtà no Cartorio daquelle Convento, no livro dos pergaminhos a folhas 31, feita aos 21 de Dezembro da era de 1418, anno de Chriſto de 1380.

O primeiro Prelado deſte Convento foy o Padre Fr. Lourenço de San-Tiago, tendo alguns Religioſos ſubditos, que aſſim foraõ vivendo em fórma de Communidade, ainda com limitaçaõ de apoſentos na primeira accomodaçaõ, que foraõ tres annos, outo mezes, e quatorze dias; e como os fundadores viſſem, que por falta de poſſes aquelles Religioſos naõ tratavaõ de adiantar o Moſteiro, compadecidos daquella pobreza, com liberal vontade, e generoſo animo lhe continuàraõ as obras, e lhe fizeraõ

doàçaõ de varias fazendas, e cazas, cuja doàçaõ ſe acha no meſmo Cartorio no livro ſegundo dos pergaminhos, a folhas 16, e a copia eſtà no livro novo dos traslados a fol. 171, e no livro primeiro dos papeis eſtà a folhas 610. Com que vem a ter eſte Convento da ſua fundaçaõ athè o tempo preſente em que eſcrevemos eſta Hiſtoria, trezentos e cincoenta e outo annos, porque foy erecto no de mil trezentos e ſetenta e ſeis annos, e nòs eſtamos no de mil ſetecentos e trinta e quatro; e ſendo iſto couza taõ verdadeira, que naõ padece dùvida alguma; naõ ſe pòde dizer, que naõ teve muita razaõ o Padre Meſtre Fr. Antonio da Purificaçaõ Author da Chronica da eſclarecida Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, quando ſe queixou na ſegunda parte da ſua Chronica livr. 7. tit. 3. §. 1. pag. 233. contra o Author, ou Reformador da Hiſtoria Eccleſiaſtica deſte Arcebiſpado de Lisboa, o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, que ſe enganou em dizer na ſegunda parte da ſua meſma Hiſtoria Eccleſiaſtica cap. 31. no fim do numero quinto, pois naõ deu mais que cem annos de antiguidade (pouco mais ou menos) a eſte dito Convento, que certamente ſua Illuſtriſſima ſe enganou, porque da fundaçaõ deſte Convento, athè que eſcreveo a ſegunda parte da ſua Hiſtoria Eccleſiaſtica, naõ houve menos diſtancia q̃ de duzentos e ſeſſenta e ſeis annos; pois do tempo da dita erecçaõ ao anno mil ſeiſcentos e quarenta e dous, que

Fr. Anton. da Purificaçaõ Chron. de S. Agoſt.

D. Rodrigo da Cunha Hiſtor. Eccleſiaſtic.

que he a era em que imprimio a dita ſegunda parte da ſua Hiſtoria, vay certa a noſſa conta dos annos de 266.

CAPITULO XV.

Em que ſe deſcreve a Igreja de Santo Agoſtinho deſta Villa, e os Epitafios de algumas ſepulturas que nella ha.

NO ſitio que temos dito, olhando para a parte do Norte, eſtà o fronteſpicio deſta Igreja; he todo o ſeu ornato guarnecido de obra Moiſaica, tendo no meyo hum eſpelho periférico, ou circular, tecido da meſma obra, que vendo-ſe ſer ſó de huma pedra, a ſua grandeza motiva admiraçaõ a toda a idea, precizando-a a querer occupar a comprehenſaõ no labеrintho de ſeos enlaçados ramos: he o portico todo de enroladas columnas reſaltadas em meyo relevo, ſendo as que fechaõ a porta, em volta aguda, q̃ aindaque ſeja por eſte antigo eſtillo, a fazem mageſtoſa. Deſta porta ſe entra para a Igreja deſcendo por quatorze degráos de pedraria, com ſuas guardas nos lados tambem de pedra; compoem-ſe eſte Templo, que he de notavel grandeza, de doze columnas, ſeis em cada nave, as quais ſaõ athè aos ſeos capiteis todas de pedraria repartida em reſaltos, ſeguindo a meſma obra, que jà diſſemos do portico; tem o ſeu pavimento

vimento (que todo he igual nas tres naves) desde a parede da porta principal, athè à entrada do cruzeiro, cento e trinta e tres pès, e a largura de parede a parede, entrando as tres naves, tem sessenta e seis pès; o comprimento do cruzeiro tem outros sessenta e seis, e de largura trinta e tres; e a Capella mayor tem de comprido desde a sua entrada athè ao espaldar, quarenta e dous pès, e de largura trinta e dous.

Compoem-se mais o ornato desta Igreja, de seis Capellas, entrando neste numero a mayor, que he bastantemente espaçosa, e clara pelas duas grandes frestas que tem abertas quasi athè o tecto, ficando huma de cada banda, fronteiras ambas ao Altar; naõ tem tribuna, mas tem hum retabolo de frizos dourados, aonde estaõ pintados varios Santos da mesma Ordem, sendo as pinturas finissimas; o tecto desta Capella he de abobeda, acompanhada de cintas de pedra, que a enlaçaõ toda, e bem lavradas. No pavimento, bem no meyo da Capella està huma sepultura pouco levantada, a qual he dos Condes de Ourèm fundadores de todo o Convento, cujo Epitafio he na fórma seguinte: = *Aqui jàs o muito nobre, e virtuoso Senhor D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourem, e a muito nobre, e virtuosa Senhora Condessa Dona Guiomar de Villa-lobos, bisneta DelRey D. Sancho de Castella, sua mulher: os quaes edificáraõ, e dotáraõ este Mosteiro.*

A Capella Collateral, que fica da mayor, à parte

parte do Evangelho, naõ està à face, mas retrahida para dentro, he dedicada ao Santo Crucifixo, cuja Imagem tem nove palmos de altura, e de huma, e outra parte, ao pé da Cruz, estaõ as Imagens da Virgem Nossa Senhora, e S. Joaõ Evangelista, todas de vulto, e da mesma estatura. Nesta Capella se vém duas sepulturas, as quaes estaõ metidas em dous arcos na grossura das paredes: na que fica da parte do Evangelho se lé este Epitafio: = *Aqui jàs Dona Leonor de Menezes, filha de D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourèm, e da Condessa Dona Guiomar, que edificáraõ este Mosteiro; a qual foy mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, primeiro Condestabre de Portugal, e houve della quatro filhos: D. Joaõ, D. Fernando, Dona Isabel, e Dona Guiomar. Esta Senhora Dona Guiomar mandou fazer esta sepultura a sua Madre.*

A outra Capella Collateral, q̃ fica da mayor à parte da Epistola, he correspondente à do Santo Crucifixo; e dedicada a Nossa Senhora da Vida, tem outra sepultura no seu pavimento, com o seguinte Epitafio: = *Aqui jàs o muito magnifico Illustre Senhor D. Affonso de Vasconcellos de Menezes Conde, e senhor de Penella, o qual foy bisneto do Infante D. Joaõ, que era filho legitimo delRey D. Pedro de Portugal. E assim naõ menos de virtudes, que de taõ real linhagem, de todo esse tempo que viveo fes taes, e taõ assinados serviços aos Reys de Portugal, e ao mesmo Reyno, que nenhum*

acrescen-

acreſcentamento de mayor eſtado poderà ſatisfazer a ſeos grandes merecimentos. Viveo trinta e nove annos, e ſinouſe o primeiro dia do mes de Novembro, era de 489; e a muito magnifica Senhora Dona Iſabel da Silva Condeſſa de Penella ſua mulher, eſcolheo tambem para ſi eſta meſma ſepultura: que naõ ſem cauſa foy huma ſó a elles ambos na morte, aos quaes foy ſempre ſó huma vontade na vida, vivendo.

Neſta meſma Capella da Senhora da Vida, eſtà outra ſepultura com o letreiro que ſe ſegue: = *Sob eſta ſepultura jàs a oſſada do corpo de Dona Maria da Sylva, que foy mulher de Joaõ Freire de Andrada, ſenhor de Bobadella, e outros Lugares. Foy filha de D. Affonſo de Vaſconcellos de Menezes, e de Dona Iſabel da Sylva, Conde, e Condeſſa, que foraõ da Villa de Penella; cujos corpos jazem neſta Capella; falleceo na Villa de Thomar a 12 dias de Agoſto de 1525.* E todas eſtas inſcripçoens ſobreditas tem ſeos eſcudos de armas em relevo, das familias q̃ nellas eſtaõ ſepultadas.

Outra ſepultura grande raza ſe vê neſta Capella, com eſte Epitafio: = *Aqui jàs Pedralvares Cabral, e ſua mulher Dona Iſabel de Caſtro, cuja he eſta Capella; a qual, depois de morto ſeu marido, foy Camereira mòr da Senhora Infante Dona Maria, filha delRey D. Joaõ o terceiro deſte nome.* E neſta Capella eſtà outro letreiro ſem ter mais que a ſeguinte inſcripçaõ: = *Aqui jàs Dona Violante, mulher que foy de D. Affonſo de Noronha.*

No

No fim do cruzeiro, ſaindo da Capella mayor para o lado do Evangelho; eſtà a Capella, que he dedicada a S. Nicolao de Tolentino, a qual he eſpaçoſa, com hum retabolo feito de boa pedra obrado pela ordem Corinthia, ſem ter defeito algum da meſma arte: tem hũ painel grande, que enche todo o vão do meſmo retabolo, de huma maravilhoſa pintura deſte meſmo Santo, o qual eſtà de joelhos com os braços abertos em cruz diante de hum Crucifixo, e alli logo adiante; por cima da banqueta do Altar eſtà a Imagem deſte Santo de vulto bem eſtofado, tem ſete palmos de altura; e ao lado direito no meſmo Altar eſtà a Imagem de Santo Thomàs de Villa-Nova, e correſpondente no lado eſquerdo a Imagem de S. Guilherme, tendo cada huma deſtas duas Imagens, com pouca differença, tres palmos e meyo de alto. No meyo do pavimento deſta Capella, ſe vê huma campa, ou pedra de ſepultura bem lavrada ſem inſcripçaõ alguma, a qual he porta de hũ craneiro, que occupa por baixo toda a Capella, e ſó na parede da parte do Evangelho na altura de huma lança eſtà hum grande letreiro de letras modernas com hum eſcudo de armas levantado em mais de meyo relevo, cuja inſcripçaõ he na fórma ſeguinte: = *Eſta Capella he de D. Julianes da Coſta do Concelho de Eſtado dos Reys D. Felippe ſegundo e terceiro deſte nome, e ſeu Governador, e Capitaõ da Cidade de Ceuta, e Prezidente da Camera da Cidade de Lisboa, no tempo*

em

em que nella houve grande peste, e a governou com mero, e misto imperio, sem nunca della se sahir; e despois foy Prezidente do Desembargo do Paço quatro annos e meyo; e de Dona Margarida de Noronha sua unica mulher, e de seos herdeiros; ambos a dotáraõ para nella se lhe dizer Missa quotidiana, e Officio de nove liçoens em cada hum anno. Falleceo na era de seis de Mayo. Estas saõ as formais palavras, que expressa a inscripçaõ, porèm o anno do tempo em que isto alli se collocou naõ consta, porque naõ tem mais numero algum.

Defronte desta Capella de S. Nicolao de Tolentino, no mesmo cruzeiro fazendo-lhe na formalidade da Architectura igual correspondencia, està a de Santa Rita primorosamente ornada, e taõ enrequecida de adornos, como bem merece huma Santa, que dos mesmos impossiveis talha lustrosas gallas a seos merecimentos, sacrificando nos coraçoens dos seos devotos pródigas liberalidades em obsequiosos dispendios; e porque esta Capella nos nossos dias se compôs na fórma em que hoje se vè, tocaremos algumas circunstancias, que para isto houve.

Esta Capella em que hoje está collocada a Imagem da gloriosa Santa Rita, era hum lugar nesta Igreja, que só o occupava huma grande, e magestosa sepultura portatil de pedra bem lavrada, com duas figuras de vulto entalhadas na tampa da mesma sepultura (da qual adiante daremos mais largas noticias.) Em quanto naõ deraõ pro-

prio lugar a esta Santa, estava na Capella do Santo Crucifixo; e vendo os seos devotos seculares moradores no distrito deste Convento, q̃ aquelle Altar era improprio para Santa Rita: movidos com devota generosidade, buscárão ao Padre Fr. Antonio das Chagas, Superior que então era do dito Convento, e governava só naquelle tempo em que o Padre Prior Fr. Jozè de Ataide se tinha auzentado para no Convento da Graça de Lisboa celebrar com os mais o seu Capitulo Provincial. Com o dito Padre se ajustárão de fazer no topo do cruzeiro da Igreja para a parte da Epistola huma Capella a esta Santa para sempre estar nella de morada, e dedicaremlha por caza sua para sempre. Porèm para este artefacto se conseguir representavãoselhe grandes difficuldades: a primeira era o tirarse dalli aquella grande sepultura; porque era o caixão de notavel grandeza, e só de huma pedra, excepto a tampa, e parecia hum impossivel as forças humanas arrojarem tão grande máquina: a segunda difficuldade se concebia na consideração de haver pouco dinheiro para conseguir huma obra como requeria a grandeza da Capella, que se eleva a toda a altura da Igreja; porèm como esta obra era de Santa Rita, as mesmas difficuldades se fizerão com suavidade possiveis.

Foy principio felice para se começar a obra, pedirem para ella pelas cazas da Villa, em Marvilla, Ribeira, e Alfange, e depois de terem juntos

juntos quinze mil cento e sessenta reis: com este dinheiro quizeraõ logo (primeiro q̃ tudo) mandar fazer o retabolo; porèm como o queriaõ fazer com a proporçaõ, que correspondesse à grandeza da Capella, e o dinheiro ainda era pouco, ficáraõ preplexos no que haviaõ de obrar: prometteo o Padre Fr. Antonio das Chagas, dar da sua bolça quatro moedas de quatro mil e outo centos reis, e com este acrescimo chamáraõ logo hum mestre entalhador, chamado Manoel Cardoso, com o qual ajustáraõ ultimamente fazerse o retabolo só em madeira, por vinte e seis moedas e meya, ainda que se fazia isto muito custoso a quem naõ tinha mais, que a quantia referida. Mas vencida esta difficuldade com mais esmollas que se deraõ, seguiose outra naõ pequena, porque era precizo tirarse aquella grande sepultura, que estava naquelle mesmo lugar, no meyo da Capella; cuja arca inteiriça tem de comprido quatorze palmos craveiros, e de largura sette e meyo, e de altura nove. Nesta sepultura foraõ enterrados os corpos de D. Pedro de Menezes, Conde que foy de Viana, e neto dos fundadores deste Convento, e sua mulher Dona Beatriz Coutinha, cujos retratos estaõ esculpidos na tampa do mesmo caixaõ, e tem nove palmos de comprido, e para se arrojar para fóra, e ter menos pezo, tirouse a tampa, e se achou inteiro o corpo desta Senhora Dona Beatriz, e todas as vestiduras em que estava amorta-

lhada, incurrutas, e taõ ſans, que parecia, que naquella hora lhas tinhaõ veſtidas, havendo mais de trezentos annos, que alli foy ſepultada. Eſte corpo eſteve patente em huma Capella da Igreja mais de outo dias, em quanto ſe paſſou a ſepultura para debaixo do coro aonde hoje eſtà, e ſe trasladou a vinte e hũ de Mayo do anno de 1725, que ſe abrio, e ſe pôs aonde eſtà, dando-ſe com eſta devoçaõ complemento à vontade deſtes fidalgos, pois tinhaõ diſpoſto em ſeu teſtamento, que aquella ſua ſepultura eſtiveſſe debaixo do coro para ſempre, e aquelle lugar em que athe eſte tempo eſtava, tinha por cima o coro antigo, do qual jà naõ havia veſtigio algum, e ſó ſe ſabe delle pela clauſula do teſtamento, que eſtà no Cartorio daquelle Moſteiro. Eſta ſepultura tem ſinco eſcudos de meyo relevo, em que ſe moſtraõ as armas, e braſoens deſtas familias do Conde, e da Condeſſa pelos lados, com a letra que diz = *Aleo* = aonde juntamente ſe lê o ſeguinte Epitafio: = *Aqui jàs o muito honrado, muy nobre, e muy fidalgo Senhor D. Pedro de Menezes, Conde que foy de Viana, o primeiro Capitaõ, e Governador que foy na Cidade de Ceuta Alferes mor do muito alto, muito poderoſo, e Excellente Senhor D. Duarte, pela graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves; ſenhor de Viana, ſenhor de Penella, Miranda, Alvito, Villa-nova, e neto que foy de D. Joaõ Affonſo Tello de Menezes, Conde que foy de Ourèm, e da Condeſſa Dona Guiomar de Ferreira ſua mulher, biſneta que*

foy

foy delRey D. Sancho de Castella, que este Mosteiro edificárão; o qual Conde D. Pedro na dita Cidade de Ceuta, huma só ves em Africa por Christaõs possuida, com muita descrição vinte e dous annos governou, e contra os Mouros, e infieis muy esforçadamente defendeo, e os conquistou por mar, e por terra, e fes afastar, e por força deixar grande parte dos termos della; aonde por sua defensaõ, e já dita Conquista fes muitas pelejas, em ellas sempre vencedor, e nunca vencido: de que a dita Cidade houve sempre em seu tempo gloria de vencimento; os Mouros temor, e os ditos Reynos grande louvor. Finouse em a dita Cidade a vinte e dous de Setembro, com seu proprio entender bom, e Catholico Christaõ; athè à morte muy esforçado Cavalleiro, a seu Rey natural muy verdadeiro fiel, e leal. Anno de nosso Senhor de 1437. Mandou comsigo lançar a Condessa Dona Beatriz Coutinha sua mulher. Sua Sepultura mandou fazer a muito honrada, muy nobre, muy honesta Dona Leonor de Menezes sua filha, mulher que foy do muito honrado, e nobre Senhor D. Fernando filho do Marquez de Villa Viçosa; a qual mandou com o dito seu Padre lançar a Condessa Dona Magdalena sua Madre, e assim jazem todos, nosso Seuhor Deos lhes queira perdoar. Amen.

Para se fazer esta obra da Capella de Santa Rita com tanta magnificencia, como hoje se està vendo, sendo o seu principio com tanta pobreza; he sem dúvida que nos fas conceber na idea hum juizo provavel de que tudo se conseguio por milagre da mesma Santa, pois fes mui-

tos

tos naquelles dias, e quasi em todos os està fazendo; o mais assinalado que naquella occasiaõ fes, foy, que na passagem daquella grande sepultura para o lugar aonde hoje està, rolou a tampa por cima da perna de hum homem dos que alli trabalhavaõ, e quando ao parecer dos circunstantes se reprezentava a mágoa de ficar a perna feita em pedaços, a viraõ logo saã; e sem lezaõ alguma; mas parece que assim quer Deos, que certamente entendamos, que os milagres de sua serva Santa Rita, saõ obrados pelos mayores impossiveis: e finalmente bem se vè que tambem foy naõ pequeno milagre tirarse de esmollas só dentro em Santarem para esta obra seiscentos noventa e tres mil cento e outenta reis; e naõ parando aqui os dispendios (que estes foraõ os de menos quantia) quiz Deos q̃ houvesse quem representou a sua Magestade, o Serenissimo Rey D. Joaõ o quinto, a carencia que havia para se aperfeiçoar esta boa obra, e o dito Senhor logo por sua real grandeza, e especial devoçaõ mandou acabar a Capella com a mayor perfeiçaõ que podia ser; gastando nella sinco mil cruzados. Mandou fazer o azulejo, que toma as paredes desde o pavimento athè o tecto todo de figuras em que se representaõ varios milagres desta Santa; vieraõ os milhores pintores da Corte para pintarem o tecto, e dourarem o retabolo, seguindo nelle a ordem Corinthia, que tudo està na ultima perfeiçaõ; e ficando sómente para se

pôr

pôr o painel do retabolo, chegou em fim o dia em que ElRey nosso Senhor o mandou assentar pelo mesmo Author que o pintou Ignacio Xavier, natural desta mesma Villa de Santarem, o qual tinha chegado de Roma destrissimo na arte da pintura, e neste que fes em o dito painel, formou Santa Rita em hum extasis diante de hum Crucifixo assistida de muitos Anjos. He a pintura desta Imagem de corpo agigantado, e a que està de vulto na banqueta em hum trono, tem sinco palmos e meyo de altura; e tambem deu o mesmo Senhor riquissimos ornamentos para o Altar.

Completa pois a perfeiçaõ desta Capella, para se publicar com applausos mais manifestos a grandeza dos milagres de Santa Rita, a treze de Mayo de 1727, se principiou huma novena à mesma Santa, havendo em todos os dias practica dos Religiosos do Convento, e no dia da Festa, que foy no da Ascençaõ de Christo, esteve o Sacramento do Altar exposto. Prègou de manhã o muito Reverendo Padre Prior daquella Caza Fr. Antonio da Piedade, e de tarde o Padre Mestre Fr. Jozè das Neves, que ambos com as elegancias de seos estillos, e bem fechados discursos, fizeraõ com geral applauzo coroar a obra de taõ illustres acçoens.

Em huma nave que fica da entrada desta Igreja à maõ direita està a Capella do Senhor dos Passos, a qual antigamente era só dedicada

à Santo

a Santo Alipio, cujo Santo està na mesma Capella à parte do Evangelho, e S. Francisco de Sales à da Epistola; e cada huma destas Imagens tem seis palmos de altura com pouca differença. He esta Capella funda para dentro em quadro, tem hum retabolo de madeira muito bem feito com as columnas lizas, e retorcidas tendo os capitèis Corinthios, e ainda naõ està dourada: e na tribuna està de morada todo o anno, a riquissima Imagem do Senhor JESUS dos Passos, e só vay desta Igreja para o Collegio da Companhia na quinta feira de tarde, vespera da terceira sexta feira da Quaresma, que neste mesmo dia sahe daquelle Collegio em huma devotissima Procissaõ pelas ruas da Villa, e recolhe-se à sua mesma Caza da Igreja de Santo Agostinho onde devotamente se prèga o Sermaõ do Calvario, cuja Imagem de estatura natural he devotissima, e perfeitamente obrada. He o arco por onde se entra para esta Capella arqueado de pontas de boa pedra, e com bem debuxados ramos em meyo relevo: tem o tecto de abobeda todo enredado de cintas de pedra, rematadas em varios fechos, que fazem à vista huma admiravel perspectiva.

Nesta mesma Capella da parte da Epistola na grossura da parede està hum arco, em o qual se vè hum cofre de pedra lavrada, e nelle se lè este letreiro: = *Aqui jàs o muito honrado Pero Rodrigues Porto Carreiro, Ayo que foy do Conde D. Henrique, Cavalleiro da Ordem de San-Tiago; e o muyto hon-*

honrado Gonçalo Gil Barboſa ſeu genro, Cavalleiro da Ordem de Chriſto; e aſſim o muito honrado ſeu filho Franciſco Barboſa; os quaes foraõ trasladados a eſta ſepultura no anno de 1532: iſto he o que diz a inſcripçaõ, cujas letras eſtaõ gravadas na pedra do dito cofre, porèm ſabemos, que eſta Capella a poſſue hoje Jozè de Payva deſta Villa, como herdeiro da familia dos Caſtanhedas.

A' entrada deſta Igreja debaixo do coro, à parte direita, ſe vê outra ſepultura dentro de hũ arco, que eſtà embebido na parede: he hum caixaõ de pedra, porèm naõ tem letra alguma por donde ſe poſſa ſaber quem alli foy enterrado, tem dez palmos de comprido, com ſua tampa tambem de pedra, e he ſem dúvida, que moſtra ſer aquelle ataude de peſſoa de diſtinçaõ, e ſó alli ao pè, levantado altura mais de hum covado, eſtà o feitio de huma tarima de pedras encaixadas humas nas outras, a qual he huma porta que cobre huma ſepultura larga, ou hum carneiro; e logo mais adiante perto diſto, para a parte da nave eſtà huma campa raza no chaõ com hum eſcudo de armas levantado em meyo relevo, que parece ter as meſmas armas, que eſtaõ ſobre o ataude do arco da parede, das quaes ſe póde entender que ſaõ dos appelidos Cabraes, e Coſtas. E a ſepultura que eſtà no chaõ raza, ſómente ſe lhe pôdem ler as ſeguintes letras: = *Sepultura de Dona Iſabel de Villa-lobos, mulher de Pedro de Sà, dotáraõ huma Capella com obrigaçaõ de*

Missas para sempre. E naõ tem o tempo, nem era em que isto se fes.

Todas as inscripçoens que assima ficaõ declaradas, no que toca aos sepulchros desta Igreja, saõ dignas de recordaveis memorias, pelo illustre sangue, e heroicos feitos das mais illustres familias deste Reyno, que alli estaõ sepultadas; e muitas mais sepulturas tem a Igreja no seu corpo, e naves com letreiros abertos em pedras razas, os quaes naõ vaõ aqui lançados por naõ ser esta escritura prolixa aos Leitores, em couzas de menos entidade: mas porque consta de huma clausula do testamento do fundador deste Mosteiro, em que manda, que por nenhũ cazo se enterrem no cruzeiro da mesma Igreja pessoas q̃ naõ sejaõ das mais nobres da Villa de Santarem; e algumas inscripçoens que se lèm neste cruzeiro em sepulturas razas saõ as seguintes.

Sepultura de Francisco Coelho, e de Dona Maria de Mendoça sua mulher, que falleceo a dez de Novembro de 1599.

Sepultura de Diogo do Valle da Silveira, e de sua mulher Felippa de Almeida, e seos descendentes, na qual està enterrado seu filho Antonio de Sousa, que falleceo em dezanove de Dezembro de 1663. Pede a devoçaõ costumada.

Sepultura do Doutor Francisco Dias Ferreira, Ouvidor do Crime da Caza da Supplicaçaõ, e de seos herdeiros.

Sepul-

Sepultura de Xisto Vieira, e de sua mulher, e herdeiros.

Sepultura de Ignes Lopes, e de seos herdeiros.

Esta Sepultura he de Giaõ Soares, filho de Valentim Soares de Mello, e de Isabel Mendes de Ritamt, que aqui jazem, e de Maria Pedrosa de Carvalho sua mulher, e de seos herdeiros.

Sepultura de Costodio de Abreu, e seus herdeiros.

Aqui jàs Antonio Pessoa, e mais sua mulher, e seus herdeiros.

Aqui jàs Dona Catharina de Brito, filha de Estevaõ Gago de Andrada, e de Dona Guiomar de Brito mulher de D. Paulo de Alarcaõ, falleceo a vinte e hum de Settembro de 1697.

Sepultura do Padre Antonio Ribeiro, Clerigo de Missa, o qual manda se lhe diga huma Missa rezada cada dia, e hum Officio de nove liçoens cada anno para sempre: a dezasete de Fevereiro de 1608.

CAPITULO XVI.

De como foy renovado o tecto desta Igreja de S. Agostinho desta Villa, e das mercearias que hà no mesmo Convento, com outras memorias a elle pertencentes.

GRande empenho he o que tem o inimigo cõmum de nossas almas, em perseguir aquellas, que com mais fervor se empregaõ em servir a Deos, porèm he o mesmo Se-

nhor taõ amigo dos ſeos ſervos, que preſiſtem em o amar, que fas com que delles fiquem os meſmos demonios perſeguidos, e porque naõ pareça que aqui nos afaſtamos do cingello fio da noſſa Hiſtoria, temos para prova deſta juſtificaçaõ, a propriedade de hum verdadeiro exemplo, que deſempenharà o ditto do meo conceito; o qual foy o motivo da refórma do tecto deſta Igreja, e ſuccedeo da maneira que agora diremos.

Servia antigamente a Deos neſte Convento hum Veneravel Religioſo da meſma Ordem, chamado Fr Martinho de Santarem (por ſer natural da meſma Villa lhe davaõ eſte appelido) de cuja virtude, e ſantidade tremiaõ os meſmos demonios, e pela grande inveja que lhe tinhaõ de o verem tanto na graça de Deos, lhe appareciaõ varias vezes em figuras eſpantoſamente terriveis, dandolhe horrendos gritos, proferindo que os deixaſſe, e naõ os perſeguiſſe. Iſto faziaõ mais ameudo, eſtando o Servo do Senhor no coro em oraçaõ ſó, ou eſtiveſſe com a Cõmunidade celebrando os Officios Divinos; e por algumas vezes faziaõ tal eſtrondo em toda a Igreja, que temiaõ os Religioſos cahiſſe, e os mataſſe a todos; mas naõ deixou de lhe ſair certo o diſcurſo que fizeraõ com eſte temor, porque paſſados poucos dias, ſe vio a abobeda da nave do meyo ameaçando ruina, e fendidas as paredes que a ſuſtentavaõ; as quais ſe foraõ abrindo

de dia

de dia em dia: atèque, por medo da ruina ſe ſerviaõ os Padres ſó das naves dos lados: e no anno de Chriſto noſſo Redemptor de 1548, veyo a abobeda de toda a nave do meyo ao chaõ.

Por eſte tempo reinava em Portugal D. Joaõ o terceiro, o qual Principe ſendo piiſſimo, era muito devoto do Patriarca Santo Agoſtinho, q̃ por conſequencia ſe julga o havia ſer da ſua Religiaõ; e porque ſoube deſta ruina, e da cauſa della, mandou logo, que à cuſta da ſua real fazenda, ſe fizeſſe huma nova abobeda pelo meſmo feitio daquella que tinha cahido; porèm ſendo advertido pelos Architectos, e Meſtres de obras, que jà as paredes naõ eſtavaõ capazes de ſuſtentar abobeda, porque do aballo que tinha padecido eſtavaõ pouco ſeguras para reſiſtirem a tanto pezo, mandou o Sereniſſimo Principe, que ſe fizeſſe o tecto de madeira bem lavrada toda pintada, e dourada, e adverte o Padre Frey Antonio da Purificaçaõ Chroniſta da meſma Ordem, fallando deſte cazo, que naõ ſó entaõ eſte tecto foy pintado, e dourado como elle o via, mas que por ſer eſta obra real eſtavaõ no meyo do meſmo tecto eſculpidas as armas do Reyno, ſem embargo de ſer a Igreja dos Condes de Ourem; e juntamente diz, que em todo eſte tecto eſtaõ pintados mais de mil Anjos, e mais de cem vezes o Santiſſimo Nome de JESUS, outras tantas o de Chriſto, e outras tantas

Chronic. de S. Agoſtinho part. 2. livro 7. fol. 242. §. 80.

tantas o de MARIA, para que afugentados os demonios dalli com este celestial antidoto, naõ houvessem de fazer outra vez o que em huma fizeraõ em odio do Servo de Deos Fr. Martinho; cujo transito foy no anno de Nosso Senhor JESUS Christo de 1483, e jàs sepultado no claustro deste Convento. Porèm podemos certamente daqui entender, que depois que o Padre Chronista vio, e escreveo isto, se devia fazer outra vez este tecto, porque o que hoje vemos he só hum forro de guarda pò, sem a madeira ter sombras de pintura, nem se verem alli as ditas armas do Reyno.

Nesta Igreja de Santo Agostinho hà sinco mercearias muito bem dotadas, que naõ sey se haverà outras milhores; foraõ instituidas para se darem a pessoas de obrigaçaõ da Excellentissima Marqueza Dona Leonor de Menezes, que nesta Igreja està enterrada, como jà fica dito, cuja Senhora as instituio, como consta do seu testamento, que està no archivo deste mesmo Convento. Estas mercearias tem a condiçaõ de se darem a homens, ou mulheres pobres, sendo ao menos pessoas obrigadas desta descendencia: os quaes Mercieiros saõ nomeados, e providos por votos deste Convento, do Prior de S. Domingos, do Guardiaõ de S. Francisco, e do Juis de fóra desta Villa; e sendo caso que estes quatro votos se empatem tem o Prior da Caza mais outro voto para poder desempatar a contenda.

Estes

Eſtes Mercieiros, e Mercieiras (confórme a vontade da Inſtituidora) naõ ſaõ obrigados a irem a eſta Igreja, mas em qualquer outra, ou ainda em ſuas cazas pódem cumprir com a ſua obrigaçaõ; que na verdade he privilegio taõ amplo, que naõ ſey ſe neſte Reyno o teràõ outros Mercieiros.

Neſte Convento pagou o tributo à morte o grande Servo de Deos Fr. Pedro Sanches, q̃ por outro ſobrenome, ſe chamava Fr. Pedro de Villa Viçoſa, por ſer natural daquella Villa. Eſte Santo Varaõ tomou o habito neſte Moſteiro onde viveo ſantamente, cuja oraçaõ era taõ agradavel a Deos, que quando eſtava nella, o acompanhavaõ muitos coros de Anjos, e como o refere a ſua Vida, aquelles Paraninfos Celeſtes lhe davaõ ſuaviſſimas muſicas em quanto ſe detinha a orar. O ſeu tranſito foy no anno do Salvador do mundo de 1566, e jàs enterrado no clauſtro deſte Convento.

Houve tambem aqui outro Varaõ Religioſo de grande penitencia, o qual foy o Veneravel Padre Fr. Gaſpar das Chagas, ſendo de acçoens taõ virtuoſas, que em toda a ſua vida ſempre ſe vio nelle huma humildade profunda, naõ ſó para com os ſeos Prelados, mas para com todo o proximo. O ſeu tranſito neſte Convento, foy no anno de Chriſto Senhor Noſſo de 1593, ſeu corpo pelos merecimentos de ſuas grandes virtudes foy ſepultado na Capella mayor da parte do Evangelho ao pè do presbiterio.

CA-

CAPITULO XVII.

Da-se noticia da Irmandade das almas, e da do Senhor dos Passos, que hà nesta Igreja de Santo Agostinho em Santarem.

A Irmandade das almas do fogo do Purgatorio, que existe nesta Igreja, foy erecta no anno de mil seiscentos e seis, tendo por seu advogado o bemaventurado S. Nicolao de Tolentino, dirigida ao seu Altar que hà na mesma Igreja. Foy concedido a esta nobre Irmandade hum Breve Pontificio, dado pela Santidade de Benedicto XIII, no primeiro anno do seu Pontificado, paraque este Altar fosse privilegiado, e pelas Missas que nelle se dissessem ficarem as almas dos Irmãos livres das penas do Purgatorio. Este Breve foy concedido em Roma a outo de Junho, anno de 1724, o qual começa na fórma seguinte: = *Omnium saluti paterna charitate intenti, sacra interdum loca specialibus indulgentiarum muneribus decoramus, ut inde fidelium defunctorum animæ, Domini nostri JESU Christi, ejusque sanctorum suffragia meritorum consequi, & illis adjutæ ex Purgatorii pœnis ad æternam salutem per Dei misericordiam perduci valeant. Volentes igitur Ecclesiam Fratrum Eremitarum Ordinis Sancti Augustini Villæ Santarem &c.* E o que quer dizer o mais Latim do

do Breve em Portuguez, he como se segue.

Querendo por tanto q̃ na Igreja dos Religiosos Eremitas da Ordem de Santo Agostinho da Villa de Santarem da Diocesi de Lisboa da parte Oriental, na qual Igreja se naõ acha outro Altar privilegiado, e nella esteja o de S. Nicolao de Tolentino, para se illustrar com este especial dom, com tanto, que na dita Igreja se celebrem todos os dias sette Missas; confiados na authoridade da misericordia de Deos Omnipotente, e dos Bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, que quando quer q̃ por algum Sacerdote secular, ou regular em o predicto Altar se celebrar Missa de defuntos no dia de todos os fieis finados, e em cada hum dos dias do seu Outavario, ou em huma feria de cada huma das semanas destinada pelo Ordinario, pela alma de qualquer fiel Christaõ, que desta vida partir em graça de Deos, essa alma alcance Indulgencia do thesouro da Igreja por modo de suffragio, de tal sorte, que suffragandolhes os merecimentos de Nosso Senhor JESU Christo, e da Beatissima Virgem MARIA, e de todos os Santos, concedemos, e mandamos, que fique livre das penas do Purgatorio.

E confórme o mandado do Compromisso desta Irmandade das almas, no capitulo terceiro, devem os Irmãos da meza fazer a sinco de Junho (que he dia em que fas annos a Canonizaçaõ de S. Nicolao de Tolentino) a sua festa que só consta de Missa cantada, e prègaçaõ, e no fim da mesma Missa diz, que haverà responso sobre o enterro dos Irmãos, que vem a ser em

 tóda

toda a nave da parte do Evangelho, e que em toda ella se naõ poderà enterrar outra pessoa, q̄ naõ seja Irmaõ, ou Irmã, em cujo acto assistiraõ os Irmãos, e a Cõmunidade do mesmo Convento; porèm vemos, que agora nestes annos só se fas alli a festa a este Santo no dia do seu transito, que he a dez de Settembro.

Nesta Igreja se guarda com devotissimo culto a perfeitissima Imagem do Senhor dos Passos, conservada por huma nobilissima Irmandade, a qual Imagem està com decente veneraçaõ collocada em huma Capella, que fica só na nave da parte da Epistola, da qual jà no capitulo acima escrevemos a perfeiçaõ do seu ornato. Esta Capella, que antigamente estava dedicada a Santo Alipio, era de hum fidalgo chamado Luis de Castanheda de Vasconcelos, que a rogos da Irmandade fes contrato com os Padres Agostinhos do dito Convento de Santarem, para o ministerio de ficar para sempre nella de morada aquella Imagem do Senhor dos Passos; para o que alcançáraõ Alvarà de confirmaçaõ por ElRey, sendo debaixo das clausulas contheudas na escritura que fizeraõ: e porque esta Capella era pertencente ao vinculo que instituíraõ Gonçalo Gil Barbosa, e sua mulher Mecia Mendes de Aguiar, de que o dito Luis de Castanheda era actual administrador: por mayor firmeza deste contrato, e senaõ poder mais arguir pelos futuros successores do dito vinculo, foy confirmado

por

por ElRey, como conſta da copia que eſtà lançada no Compromiſſo da meſma Irmandade; ficando porèm o uſo, e direito da dita Capella para ſe poderem ſepultar nella os ſucceſſores do dito Luis de Caſtanheda, ou ſejaõ por ſangue, ou por mercê delRey. Foy eſta confirmaçaõ feita em Lisboa a dezoito de Fevereiro, no anno de mil ſetecentos e doze, regiſtada na Chancellaria mòr da Corte, e Reyno, no livro dos officios, e mercès, a folhas ſincoenta e duas.

No Cartorio deſta veneranda Irmandade eſtà eſcrita huma memoria, que me parece naõ ſer improprio do noſſo aſſumpto, fazer aqui della tambem lembrança, em abono da pia devoçaõ, q̃ os Padres da eſclarecida Ordem do glorioſo Patriarca Santo Agoſtinho, tem em todas as terras deſte Reyno, com a ſua devotiſſima Prociſſaõ dos Paſſos. Antes que neſta Villa de Santarem tiveſſem os Padres da Companhia de JESU o ſeu Collegio, primeiro ſahia eſta Prociſſaõ de huma Ermida chamada dos *Innocentes*, e hoje a vemos recolhimento de virtuoſas donzellas, e como por ordem dos Padres de Santo Agoſtinho, que ſempre tiveraõ Breves Pontificios, para em qualquer lugar fazerem eſta Prociſſaõ, e elegerem donde ſahiſſe para ſe recolher no ſeu Convento, logo neſta Villa elegèraõ eſta Ermida dos Innocentes, donde ſahia alguns annos, porèm como era de pequena grandeza para tamanha funçaõ, por ordem dos meſmos Padres ſa-

hia do Espirito Santo por ser Igreja mayor, ainda que tambem he Ermida.

E como nestas Ermidas naõ havia Cõmunidades de Religiosos, que ajudassem aos ditos Padres nesta devota acçaõ, pedio a Religiaõ de Santo Agostinho aos Frades do Convento de S. Francisco desta Villa, deixassem sahir esta sua Procissaõ da sua Igreja, pois era grande, e com sua assistencia sahiria dalli com mais decente culto, como com effeito os Padres Franciscanos aceitàraõ a offerta, e da sua Igreja sahio muitos annos. Despois correndo o tempo em que os Padres da Companhia tinhaõ jà nesta Villa edificado o seu Collegio, por varias razoens particulares tratàraõ os ditos Padres Eremitas, e os Irmãos seculares de que sahisse a Procissaõ da Igreja dos Padres da Companhia. Oppuzeraõselhe os Religiosos de S. Francisco por estarem muitos annos nesta posse, do que resultou huma renhida demanda, e no anno de mil seiscentos e outenta e dous, se deu em Lisboa a ultima sentença pelos Padres Agostinhos, aos vinte e nove de Janeiro, como consta da mesma sentença, que està registada no livro desta santa Irmandade dos Passos de Christo, a folhas quarenta; sendo Escrivaõ da Meza Vasco Sodrè da Gama. E de entaõ athè hoje sae a dita Procissaõ do Collegio dos Padres da Companhia.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Da-ſe noticia da fundaçaõ, e exiſtencia do Convento de Noſſa Senhora de JESUS dos Religioſos da Terceira Ordem de S. Franciſco deſta Villa de Santarem.

FO'ra dos muros da Villa de Santarem, em diſtancia de ſettenta paſſos, quaſi ao Poente, no diſtrito da Fregueſia de Noſſa Senhora de Marvilla, eſtà ſituado o Convento dos Religioſos da Terceira Ordem de S. Franciſco, com o titulo de *Noſſa Senhora de JESUS*; cujo principio, e fundaçaõ aqui diremos com as noticias mais certas que pudemos achar no Cartorio do meſmo Convento, e por outros documentos manuſcriptos que deſcobrimos, naõ com pouco trabalho, porque deſta Religiaõ naõ hà ainda Chronica, nem em letra redonda ſe achaõ outras memorias deſta erecçaõ. Era pois antigamente o lugar em quc hoje eſtà fundado eſte Moſteiro, hũ Palacio da Mitra dos Arcebiſpos de Lisboa; e porque em certo tempo ſe ordio nelle huma conjuraçaõ, a qual ſe fes bem manifeſta pela violenta morte do Duque de Vizeu, executada nos Paços da Villa de Setuval, deſpois deſte caſo os Arcebiſpos que ao diante ſe ſeguíraõ, reſpeitando o decoro devido à Mageſtade del Rey Dom Joaõ ſegundo do nome, pela fealdade do crime, naõ

naõ quizeraõ habitar mais no dito Palacio; ficando só o tempo sendo executor de suas ruinas. Despois disto correndo os annos athè o de mil quinhentos e noventa e dous, o Illustrissimo D. Miguel de Castro Arcebispo, que entaõ era desta Diocesi, por petiçaõ q̃ os Padres da dita Terceira Ordem lhe fizeraõ, com o intento de se mudarem do Convento de Santa Catharina dos Olivais (sito meya legoa fóra de Santarem) para dentro da dita Villa, com licença dos Senhores do Senado della: o dito Senhor Arcebispo lhes concedeo a data daquelle seu Palacio, por despacho de dezaseis de Junho do dito anno; offerecendo-lhes espontaneamente, e dando-lhes aquelles seos Paços Episcopaes, pela Provizaõ seguinte, a qual aqui vay trasladada assim como està no Cartorio do mesmo Convento no livro do Tombo a folhas tres, e he a seguinte:

In quadam eremo non multum remota ab oppido de Santarem Ulisbonensis Diocesis extructa est Domus Regularis Fratrum Tertii Ordinis Sancti Francisci, & quia multi illius Fratres quotannis infirmantur, & curationis causa transmittuntur ad dictum oppidum ubi dicti Fratres domum ad hunc effectum conducunt, Archiepiscopus Ulisbonensis considerans hoc fieri cum maximo dictorum Fratrum in comodo uti per se ipsum commoditati, & dicti oppidi incolam speciali consolationi consuleret, quasdam edes ad suam mensam Episcopalem spectent extra muros dicti oppidi positas (valde ruinosas) & dictæ mensæ in nullo, vel parum utiles, quæ sine

ſine maximo ſumptu reparari non poterant, dicto Ordini ad effectum inibi domum regularem, ejuſque Ordinis pro uſu, & habitatione fratrum primo dictæ domus conſtrui facient donavit; ſupplicatur pro confirmatione de donationis, ac erectione domus regularis dicti Ordines in perfactis ædibus, necnon indulto quod Fratres primo dictæ domus poſſint ſe transferre ad prædictam domum erigendam cum omnibus bonis, & paramentis atque, & ſacra ſuppelectili in predicta domo exiſtente, 20 Junii. Archiepiſcopus. Archiepiſcopus Michael de Caſtro donans, & Sedi Apoſtolicæ ſupplicans, collectore hujus Regni Portugaliæ intercedente. Secretarius Menſæ regularium nomine confirmans. Eſta he a Provizaõ, que em Latim eſtà no livro do Tombo do meſmo Convento, e em ſumma o que quer dizer em Portuguez, he o ſeguinte.

,, Como a Provincia da Terceira Ordem de
,, S. Franciſco tenha hum Convento em hum
,, ermo da Dioceſi Ulisbonenſe, pouco remoto
,, da Villa de Santarem, e porque no dito Con-
,, vento todos os annos enfermaõ muitos de
,, ſeos moradores, e para haverem de ſe curar
,, ſaõ mandados para a dita Villa, onde os di-
,, tos Frades alugaõ huma caza para eſte effei-
,, to. O Senhor Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel
,, de Caſtro, conſiderando o incommodo dos
,, Religioſos, e a conſolaçaõ que os morado-
,, res deſta Villa recebiaõ em terem os Religio-
,, ſos nella aſſiſtentes, lhes doou os Paços Ar-
,, chiepiſcopaes que nella tinha a Mitra jà com

baſtan-

,, baſtante ruina, para haverem de fundar nel-
,, les hum Convento da ſua Ordem, e ſe muda-
,, rem do antigo de Santa Catharina com todos
,, os ſeos bens, e pertenças; e iſto com taõ mag-
,, nifica liberalidade, e pia devoçaõ, que naõ
,, foy precizo ſupplicaremlho muito os Reli-
,, gioſos, baſtou ſim conſiderar a neceſſidade,
,, para logo eſpontaneamente acodir com o re-
,, medio dandolhe o ſobredito Palacio; e ſup-
,, plicando à Sè Apoſtolica confirmaſſe eſta ſua
,, data, como ſe verà da ſupplica ſeguinte, que
,, aqui vay fielmente trasladada do meſmo La-
,, tim que eſtà no referido livro do Tombo, a
,, qual data confirmou a Santa Sè Apoſtolica
,, com todas as circunſtancias, e ſolemnidade,
,, intercedendo o Colleitor deſte Reyno de Por-
,, tugal, e o Secretario da meza dos Regulares,
,, confirmando com o ſeu nome.

Beatiſſime Pater, humilis, & devota creatura veſtra Michael Archiepiſcopus Ulisbonenſis provide conſiderans in quadam eremo ab oppido de Santarem Ulisbonenſis Dioceſis non multum remota, domum Fratrum Tertii Ordinis Sancti Franciſci extinctam reperiri; quotannis vero multorum ex Fratribus in dicta domo pro tempore commorantibus in morbos incidere, & curationis cauſa ad dictum oppidum conduſiis, ibi domo traſmitti conſueviſſent, & menſam Archiepiſcopalem Ulisbonenſis quaſdam ædes extra muros dicti oppidi poſſidere, eaſque valde ruinoſas, & propterea dictæ menſæ in nullo, vel parum utiles eſſe, ut ſine gravi ſumptu ad debi-

debitum ſtatum inſtaurari poſſint, & ſic illi dicto Ordini ad effectum erigendi, & inſtruendi ibi unam illis domum regularem concederetur, eoque Fratrum habitatio primæ dictæ domus trasferatur, & inde ipſos Fratres magnum commodum, & incolas dicti oppidi ſpiritualem conſolationem experturos, menſam vero ipſam nullam, vel minimum damnum paſſuram; & ideo his & aliis rationabilibus cauſis adductis acceptatis, tum juribus, & pertinentiis earum univerſis, prout, & quemadmodum ad dictam menſam ſpectabant dicto Ordini, ac devoto viro Ludovico de Figueiredo Provinciali Provinciæ in qua prima dicta domus conſiſtit, pro ipſo ordine acceptanti ad finem, & effectum, domum regularem ejuſdem Ordinis pro habitatione, & uſu Fratrum primo dicta domus conſtrui faciendi perpetuo conceſſit, & donavit prout in publicis deſuper confectis ſcripturis plenarie continetur.

Cum autem Pater Sancte conceſſio, & donatio hujuſmodi ex juſtis rationibus facta eſſe dignoſcatur, proindeque Michael Archiepiſcopus, & omnes prædicti plurimum cupiant illas pro firmiori earum ſubſiſtentia, & obſervatione inviolabili per Sanctitatem veſtram, & Sedem Apoſtolicam approbari, & confirmari, ac in dictis ædibus, earumque adjacentiis unam domum regularem dicti Ordinis ad effectum premiſſum erigi, & inſtitui, ac alte inſuper ut infra provideri; ſupplicat ergo humiliter eidem Sanctitati veſtræ Michael Archiepiſcopus, & omnes prædicti, quantum in præmiſſis opportet providens, eoſque ſpecialibus favoribus, & gratiis proſequens conceſſionis, & donationis prædictæ, ac deſuper

 con-

confectæ scripturæ, & in iis contenta quæcumque cum omnibus, & singulis inde sequutis, & sequens actum perpetuo approbare, & confirmare, ac illis perpetuum, ac inviolabile Apostolicæ firmitatis robur adjicere, omnesque, & singulæ, tam juris, quam facti, & solemnitatem de usu, jure vel consuetudine, aut aliter quomodolibet requisitarum, vel necessariarum, aut quævis aliæ quantunvis substantialiter deficiant: sequi desuper quomodolibet intervenerit supplicationi, concessioni, donationi, & scripturæ hujusmodi perpetuo validæ, & efficaci, per se, vel per suos plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, actam à Michaele Archiepiscopo prædicto, illiusque Superioribus, & Guardiano, & Conventu domus noviter instituendæ hujusmodi pro tempore existente, & quibusvis aliis, ad quos nunc quomodolibet spectat, & spectare, poterit in futurum perpetuo firmiter, & inviolabiliter observare, & ad implere debere, ab illisque nullo unquam tempore resilire, vel recedere possint. Irritumque decernimur, & nihilominus in prædictis ædibus postquam ad formam domus regularis instauratæ sint, si nondum sint, earumque adjacentis unam dicti ordinis domum regularem sub invocatione, Guardiano, & Conventui pertinentia, bene visa, & per eos eligenda, cum Ecclesia, campanali, campanis, refectorio, dormitorio, claustro, cæmeterio, hortis, hortalitiis, cellis, aliisque officinis, & membris solitis, & consuetis, ac necessariis, & opportunis pro proprio usu, & habitatione Guardiani, & competentis numeri Fratrum hujusmodi Ordinis, qui habitum profiteri aliarum domorum regularium gestari solitum suscipere, & professionem

fessionem per eosdem emitti consuetam emittere, ac usus, mores, & consuetudines, & instituta regularia ipsiusmet Ordinis servare, ac Divinis laudibus assistere debeant, & teneantur itidem perpetuo erigere, instituere, ac Guardiano, & Conventui, ut è prima dicta domo ad secundam dictam, sic pariter erectam, ac institutam una cum omnibus, & singulis proprietatibus redditibus, proventibus, juribus, observationibus, rebusque, & bonis universis ad primã dictam domum pertinentibus, & spectantibus: item paramenta, ornamenta, calicibus, vasis, libris, aliisque ad usum ordinatis Divino Cultui in prima dicta domo comparatis, totaque, & universa supellectilis sacra, & profana ibidem existens quandocumque illis bene visum fuerit se transferre, & postquam translati fuerint, ac pro tempore existente domus erectæ hujusmodi Guardiani, & Fratres, aliæque personæ, & Christi fidelibus eorum Ecclesiam pro tempore visitantibus omnibus, & singulis proventibus, facultatibus, libertatibus, immunitatibus, exemptionibus, prærogativis, praeminentiis, aut aliis concessionis indultis indulgere, aliisque favoribus, & gratiis universis, tam spiritualibus, quam temporalibus, aliisque domibus regularibus ipsius Ordinis, earumque Guardianis, Fratribus, ac personis, & Christi fidelibus eorum Ecclesiam visitantibus, & per viam simplicis cõmunicationis, vel alia quomodolibet concessione, & pro tempore concedere quibusque illæ, vel illi de usu, jure, consuetudine, vel privilegio, aut alia quomodolibet utantur, fruantur, puniantur, & gaudere, ac uti, frui, & gaudere possint, & poterunt quomodolibet in futurum.

Similiter, & pari firmitate, ac sine ulla prorsus differentia uti, frui, poterit, & gaudere possint libere, & licite, perpetuoque concedere, & gaudere; nullatenus quoque ac desuper confirmationis litteras de subreptionis, vel arreptionis vitio, aut nullitatis intendat, aut intentione Sanctitatis vestræ, vel quopiam alio deffectu notari, inpugnari, retractari, anullari, vel invalidari possint, sed illæ semper, & ad perpetuum valido, atque efficaces existere, & fore, suosque plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, sitque per quoscunque judices, & causarum Palatii Apostolici Auditores sublatam judicari debere, ita irritumque aliter judicetur ex speciali gratia. Non obstantibus præmissis, ac felicis recordationis Pauli secundi de rebus Ecclesiasticis non alienandis, ac Bonifacii octavi, qua cavetur, ut qui Ordinum mendicantium proffessores nova loca ad inhabitandum recipere præsumant absque Sedis Apostolicæ licentia speciali faciente plenam, & expressam de prohibitione hujusmodi mentionem, necnon Clementis quinti, & Julii secundi Romanorum Pontificum predecessorum vestrorum de Monasteriis, & domibus regularibus in forma motuum in illis expressum spatium contiguum, ab aliis Monasteriis, & domibus aliorum Ordinum de novo non erigendis, necnon de gratiis ad justarum numerum concedentis, aliisque quibusvis acceptis in Provincialibus, & Synodalibus, universalibusque Conciliis, editis specialibus, vel generalibus Constitutionibus, & ordinationibus, necnon prædicti Ordinis, ac primo dictæ domus Ordine statu, & juramento roboratis, privilegiis, & litteris Apostolicis, & illi ejusque Superioribus,

rioribus, & perſonis, & derogatororum derogatoriis, aliiſque efficationibus, efficaciſſimis, & inſolitis clauſulis irritantibuſque in genere, vel ſpecie, & motu proprio, & conſiſtorialiter, & aliter in contrarium fore quomodolibet conceſſum, quibus omnibus, & ſic & eorum tenoribus latiſſimè, & pleniſſimè, ac via ſpecialiter, & expreſſe derogare liceat, cœteriſque contrariis quibuſcumque conclauſulis approximatis, & cum pertinet ad rem, & effectum, & quod dictarum ſcripturarum, & inde ſequutorum quorumcunque tenorum veriores, ut habeantur pro expreſſis ſive in toto, vel in parte expreſſum ponitur in litteris, & de approbatione, confirmatione roboris adjectionem defectum ſuppletione necnon præcipua erectione, inſtitutione, conceſſione, indulto ſingulis decretis, aliiſque præmiſſis ut ſupra in forma gratioſa perpetuo, & ad perpetuam rei memoriam, & cum approbatione Villicum ex rerum deputatione, qui aſſiſtant facultatibuſque habeant citandi, & inhibendi, & ſuſpendendi contradictores invocato auxilio brachii ſæculari quantum opus ſit, non tamen trium præmiſſorum, quæ omnium, & aliorum quorumcunque quomodo licet contrariorum derogatione in litteris latiſſime exiſtens, & quod præmiſſorum, & ſingulorum, & denominatim qualiter nuncupatur, juvetur aliorumque mediorum maior, & verior ſpecificatio, & expreſſio fieri poſſit in litteris ſimul, vel ad partem, per breve hoc tuum, ſeu officium memoriæ, gratiæ, & expeditis. Collectori confirmatione. ⩴ E a iſto ſe ſeguia o ſinal do Colleitor com o ſeu Sello.

He em Portuguez o ſentido deſta Eſcritura, que

que aqui vay lançada em Latim traduzido ao pè da letra, que naõ póde deixar de ser extenso, pelas circunstancias do Breve, assim como está no referido livro do Tombo do dito Cartorio, dizendo a supplica do Illustrissimo D. Miguel de Castro na fórma que se segue.

,, Beatissimo Padre: Miguel Arcebispo de Lisboa humilde, e devota creatura vossa, prudentemente considerando, que em certo ermo, naõ muito distante da Villa de Santarem da Diocesi de Lisboa, se acha huma caza dos Frades da Terceira Ordem de S. Francisco quasi extincta; todos os annos porèm, muitos dos Frades habitadores na dita caza pelo discurso do tempo adoecem, e para se curarem saõ levados para a dita Villa, e ahi costumavaõ passarse para outras cazas, as quaes estaõ fóra dos muros da mesma Villa pertencentes à Meza Arcebispal de Lisboa, as quais estaõ muito arruinadas, e porisso para pouco, ou nada prestaõ à dita Meza, de tal sorte que sem grandes gastos senaõ pódem restaurar, e pôr no devido estado, e assim se concedaõ àquella dita Ordem, paraque com effeito se erija, e edifique alli huma caza regular para elles, e por essa causa a habitaçaõ dos Frades da primeira sobredita caza seja transferida, paraque dahi os mesmos Frades recebaõ grande proveito, e os habitadores da dita Villa haõ-de experimentar consolaçaõ espiritual, mas que

,, a Me-

,, a Meza nenhum damno há de padecer: por
,, tanto apontadas eſtas, e outras racionaveis
,, cauſas recebidas; aſſim direitos, e pertenças
,, univerſais dellas da meſma ſorte, e do meſ-
,, mo modo que pertenciaõ à dita Meza perpe-
,, tuamente ſe concedaõ à dita Ordem, e ao de-
,, voto varaõ Luis de Figueiredo Provincial da
,, Provincia, o qual em a primeira ſobredita
,, caza exiſte pela meſma Ordem aceitante para
,, effeito, e fim de fabricar huma caza regular
,, da meſma Ordem para habitaçaõ, e uſo dos
,, Frades do meſmo modo que ſe contèm nas
,, publicas eſcrituras aſſima feitas plenariamen-
,, te; porèm como quer, o Santo Padre, que a
,, conceſſaõ, e doaçaõ das meſmas cazas, ſe co-
,, nheça ſer feita com juſtas razoens, poriſſo Mi-
,, guel Arcebiſpo, e todos os mais ſobreditos
,, dezejaõ muito que ellas, para firmeza, e ſub-
,, ſiſtencia, e obſervancia inviolavel, ſejaõ ap-
,, provadas, e confirmadas por Voſſa Santida-
,, de, e pela Sè Apſtolica, e que nas ditas ca-
,, zas, e ſuas adjacencias permita, que ſe levan-
,, te, e inſtitúa huma caza regular da dita Or-
,, dem para eſte effeito.

,, Por tanto humildemente o meſmo Miguel
,, Arcebiſpo pede, e ſuplíca a Voſſa Santidade,
,, e todos os ſobreditos quanto he conveniente,
,, conſiderando, e vendo as premiſſas com fa-
,, vores eſpeciais, e graças da conceſſaõ, e doa-
,, çaõ ſobredita, e alèm diſto da eſcritura feita,
,, e nel-

,, e nellas contheudas aquellas , com todas , e
,, cada huma das que dahi ſe ſeguem , e ao
,, preſente acto approvar , e confirmar , e acreſ-
,, centar a ellas perpetua , e inviolavel força da
,, firmeza Apoſtolica , e todas , e a cada huma
,, aſſim de direito , como de facto , e do uzo ,
,, direito , ou coſtume das ſolemnidades, ou de
,, qualquer modo requiſitas , ou neceſſarias , e
,, outras quaeſquer, aindaque ſendo ſubſtanci-
,, ais faltem. Se alguns alem diſto de qualquer
,, modo ſe oppuzerem à ſupplica , conceſſaõ ,
,, doaçaõ , e a eſcritura do meſmo modo perpe-
,, tuamente valida, e efficaz per ſi, ou pelos ſeos
,, plenarios , e inteiros effeitos tenhaõ effeito , e
,, aſſim pelo dito Miguel Arcebiſpo aſſima no-
,, meado, e pelos Superiores della , e Guardiaõ,
,, e Convento da meſma caza novamente que
,, ſe hade fabricar pelo tempo preſente, e ou-
,, tros quaeſquer , aos quais agora de qualquer
,, modo pertenſa , e poſſa pertencer para o futu-
,, ro perpetuamente firme , e inviolavelmente
,, ſe deva obſervar, e cumprir; e que em nenhũ
,, tempo poſſaõ deixar , ou apartarſe, ou deſam-
,, parar por elles. Determinamos que ſeja irrito,
,, e com tudo iſſo nas ſobreditas cazas deſpois
,, que forem fabricadas em modo de caza regu-
,, lar ſe ainda naõ eſtaõ em modo de Convento
,, com ſuas pertenças , ſendo huma caza regular
r, da dita Ordem com invocaçaõ , bem viſtas as
,, couzas pertencentes ao Guardiaõ , e Conven-

,, to,

,, to, e por elles escolhidos, com Igreja, cam-
,, panario, sinos, refeitorio, dormitorio, clau-
,, stro, cimeterio, hortas, serca, sellas, e outras
,, officinas, e membros costumados, e necessa-
,, rios, e convenientes para proprio uzo, e ha-
,, bitaçaõ do Guardiaõ, e competente numero
,, de Frades da mesma Ordem, os quais tragaõ
,, hábito costumado a trazer nos outros Con-
,, ventos regulares, e que se faça pelos mesmos
,, a costumada profissaõ, e guardar os uzos, co-
,, stumes, e institutos regulares da mesma Or-
,, dem, e devaõ assistir aos Divinos louvores, e
,, tambem perpetuamente sejaõ obrigados a
,, edificar, e instituir a dita caza, e se transfira
,, totalmente para a segunda, assim igualmente
,, erigida, e instituida juntamente com todas, e
,, cada hũa das propriedades, rendas, e bens ad-
,, venticios, direitos, convençoens, e couzas
,, suas, e todos os bens que pertenciaõ à primei-
,, ra sobredita caza, e esperados: tambem os pa-
,, ramentos, ornamentos, calices, vasos, livros,
,, e outras couzas ordenadas para o uzo do Cul-
,, to Divino que tinhaõ na primeira caza, e to-
,, das as alfayas, assim sagradas, como profanas
,, ahi existentes de qualquer sorte que lhe pare-
,, cer, se transfiraõ, e despois que se transferi-
,, rem, e pelo tempo adiante desta mesma caza
,, novamente erigida, aos Guardiaens, e Fra-
,, des, e outras pessoas, e fieis Christãos, que pe-
,, lo tempo adiante visitarem a Igreja delles di-

,, tos Padres Terceiros, conceda a todos, e cada
,, hum em particular, as rendas, faculdades, li-
,, berdades, immunidades, exempçoens, prer-
,, rogativas, preeminencias, ou outros indultos
,, da concessaõ, e que lhe conceda os favores,
,, e graças universaes, assim espirituaes, como
,, temporaes, concedidas às outras cazas regu-
,, lares da mesma Ordem, e aos Guardiães, e
,, Frades dellas, e às pessoas, e fieis Christãos,
,, que visitarem as suas Igrejas, isto por modo
,, de cõmunicaçaõ, ou outra qualquer sorte de
,, concessaõ, e pelo tempo se conceder o que de
,, uzo, direito, costume, ou privilegio, ou de
,, outro modo uzem, e gozem, possuaõ, e pos-
,, saõ gozar, de qualquer sorte para o futuro.

,, Na mesma fórma, e com igual firmeza,
,, sem nenhuma total differença, que possaõ li-
,, vre, licita, e perpetuamente lhe conceda uzar,
,, gozar, e possuir; e alem disto, que de nenhũ
,, modo as letras de Vossa Santidade de confir-
,, maçaõ sejaõ notadas com vicio de surrepçaõ,
,, ou obrepçaõ, e que a copia naõ tenha em si
,, nullidade, ou outros defeitos que se possaõ
,, impugnar, retractar, anular, ou invalidar,
,, mas que ellas sempre, e perpetuamente sejaõ
,, validas, e efficaces, e que consigaõ os seos
,, plenarios, e inteiros effeitos, e os tenhaõ, e
,, sejaõ, e devaõ ser julgadas por quaesquer Jui-
,, zes das causas do Palacio Apostolico, e Au-
,, ditores, assim de outra sorte se julgue ser irri-

,, to

,, to por eſpecial graça. Naõ impedindo às pre-
,, miſſas Paulo II. de feliz memoria das couzas
,, Eccleſiaſticas, que ſenaõ haõ de alhear; e de
,, Bonifacio VIII, em que prohibe, que os Pro-
,, feſſores das ordens Mendicantes prezumaõ
,, receber novos lugares para habitar ſem eſpe-
,, cial licença da Sè Apoſtolica, fazendo ple-
,, na, e expreſſa mençaõ da meſma prohibiçaõ,
,, e tambem de Clemente V, e Julio II, Pontifi-
,, ces Romanos voſſos predeceſſores dos Moſ-
,, teiros, e Cazas Regulares em fórma de motos
,, expreſſos, ou eſpaço contiguo nelles, de ou-
,, tros Moſteiros, e Cazas de outras Ordens de
,, novo inſtituidas; e tambem das graças do que
,, concede ao numero das juſtas, e outras quaeſ-
,, quer couzas recebidas em os Provinciaes, e
,, Synodaes, e Concilios univerſaes, e eſpeciaes,
,, ou geraes Conſtituiçoens, e Ordenaçoens, e
,, tambem da ſobreditta Ordem, e primeira-
,, mente fortalecidas na Ordem, e eſtado da
,, meſma Caza, e juramento, e privilegios, e
,, letras Apoſtolicas, e a elles, e aos ſeus Supe-
,, riores, e peſſoas, e annulações das couzas an-
,, nuladas, e de outras efficacias, e efficaciſſi-
,, mas, e nas clauſulas coſtumadas irritantes,
,, aſſim em genero, como em eſpecie, e moto
,, proprio, e conſiſtoriais, e de outra ſorte que
,, ſejaõ em contrario concedido, as quaes cou-
,, zas, aſſim aos ſeos teores larga, e pleniſſima-
,, mente, eſpecialmente por caminho, e ex-

,, pressamente seja conveniente derogalas , e
,, assim as mais clauzulas quaesquer aproxima-
,, das: e como querque pertençaõ à causa, e ef-
,, feito , e que as ditas escrituras, e dahi quaes-
,, quer theores que seguirem sejaõ verdadeiros,
,, paraque se tenhaõ por expressos, ou em todo,
,, ou em parte se ponha expresso nas letras , e
,, para firmeza da approvaçaõ , e confirmaçaõ
,, acrescente o suplemento do defeito , e tam-
,, bem a principal ereçcaõ, instituiçaõ, conces-
,, saõ, indulto a cada hum dos decretos , e ou-
,, tras premissas , como assima em fórma gracio-
,, sa , perpetuamente , e para sempre , e com ap-
,, provaçaõ do Prelado, e deputaçaõ das cou-
,, zas , assistaõ aquelles que tem faculdade de
,, citar , e inhibir, e suspender aos contradito-
,, res , invocado para isto o auxilio do braço se-
,, cular, quando seja necessario , nem com tudo
,, das tres premissas , as quaes todas , e outras
,, quaesquer em contrario estaõ largamente nas
,, letras da derogaçaõ , e que a verdadeira es-
,, pecificaçaõ , e expressaõ das premissas, ou de
,, cada huma , e nomeadamente de qualquer
,, sorte q̃ se chame, se ajude, e procure o mayor
,, meyo que se possa fazer nas letras, ou em par-
,, te, por Breve vosso , ou officio expedido pa-
,, ra memoria, e graça. Foy confirmado pelo
,, Colleitor.

He sem dúvida para reparar bem, e se fa-
zer louvavel reflexaõ no muito que os Padres
da

da Terceira Ordem de S. Francifco devem à devotiffima alma daquelle grande Arcebifpo D. Miguel de Caftro; pois por efta fua Súpplica, que acabàmos de efcrever, feita à Santidade de Paulo V, no anno de mil feifcentos e quinze, vemos o generofo animo com que por todos os caminhos protegeo aquella Sagrada Religiaõ, naõ fó com a data graciofa do feu Palacio, em que fe moftrou fer feu acerrimo bemfeitor, mas fabemos pelas memorias que difto hà na mefma Ordem, que da fua bolça concorreo com muito difpendio para fe fabricar o dito Convento; ao qual fe deu principio no fim do mefmo anno de mil feifcentos e quinze; peloque, e por taõ amplos beneficios aquella pobreza Serafica devedora a tanta caridade; para memoria de feu agradecimento canta pela alma do mefmo Senhor Arcebifpo todos os Sabbados defpois de Prima hum refponfo no fim da Miffa de Noffa Senhora; o que athè hoje fe obferva por todos os Conventos da mefma Religiaõ.

No referido anno fe trasladáraõ os Padres Terceiros do antigo Convento de Santa Catharina dos Olivais, para o novo de Santarem, que jà eftava com dormitorio, e mais officinas neceffarias para o commodo dos Religiofos, e tinhaõ jà levantado altares, e ordenado coro em huma fala do dito Palacio para exercicio dos Officios Divinos. A efte tempo fe lhe oppuzeraõ as Religiofas do Convento de S. Domingos das

das Donas, com pretexto de que junto aos ſeos Conventos ſe naõ póde fundar Moſteiro de outra Ordem, allegando o Breve, que chamaõ das Cannas. Tiveraõ os Padres neſta demanda tres ſentenças a ſeu favor, e no fim do anno de mil ſeiſcentos e dezaſete, ſe cantou ſolemnemente neſte novo Convento a primeira Miſſa, que deſde entaõ podemos contar a ſua antiguidade.

CAPITULO XIX.

Em que ſe dà noticia da fundaçaõ da Igreja deſte Convento, e de algumas couzas dignas de memoria que nella hà.

DEpois de ſe acharem eſtas couzas do novo Convento na fórma q̃ temos dito, ſendo ainda couza limitada, quiz a Providencia Divina, que aſſim como eſte Convento teve hũ devoto Varaõ, que ſolidamente concorreſſe para ſe edificar, tiveſſe tambem huma devota Matrona que deſſe principio a edificarlhe hũa Igreja em tal fórma, e proporçaõ, que a formozura della foſſe cauſa de ſe extender o Convento a mayor grandeza, como hoje o eſtamos vendo. Eſta bemfeitora foy Joanna Coelha natural de Cabo Verde, Dona viuva de Fabiaõ de Andrade da Veiga, Capitaõ que foy de Cacheu, como conſta da Eſcritura feita em Lisboa na nota de Antonio Cabral Botelho, lançada no Tombo

bo do meſmo Convento de Santarem a folhas cento e vinte e nove, da qual conſta contratarſe a dita Joanna Coelha com o P. Provincial Fr. Manoel Botelho, e os Definidores da meſma Provincia da Terceira Ordem; para ella ficar ſempre ſendo Padroeira daquella Igreja com as condições que aqui diremos, aceitas tambem pelo Reverendo P. Fr. Fauſtino de Mello, Miniſtro q̃ naquelle tempo era do meſmo Convento, e os mais Religioſos da dita Caza, como conſta de hum inſtrumento feito por Antonio Pereira Tabeliaõ da meſma Villa, lançado no livro do Tombo daquelle Moſteiro a folhas cento e trinta e ſinco, e as condiçoens do ſobredito contrato ſaõ pelo theor ſeguinte.

A primeira condiçaõ he, que ella Joanna Coelha ſeria obrigada fazer à ſua cuſta a Capella mayor, o cruzeiro, e as duas Capellas delle de abobedas de alvenaria, com os arcos das tres Capellas de cantaria lavrada, confórme a planta q̃ eſtava delineada para ſe engrãdecer o Convẽto, de maneira que ficaſſe tudo perfeito, e acabado.

A ſegunda condiçaõ, que farà o retabolo da Capella mayor de boa madeira, e o darà pintado, e dourado, com duas Imagens de vulto; e deſta Capella mayor ficarà ſendo Padroeira para ſempre com todas as graças, e prerogativas das principais Capellas do Reyno, e no meyo della mandarà pôr a ſepultura em que ſe hà de enterrar com letreiro que declare, que nella eſtà enterrada

terrada expressando o dia, mez, e anno de seu fallecimento, e poderà pôr outro em huma pedra levantada na parede que declare, que ella a mandou fazer para sua sepultura, pois a dotou; e poderà pôr armas da sua geraçaõ, e familia no remate do retabolo, e arco da dita Capella mayor, as quaes em nenhum tempo se poderáõ tirar, nem os Padres consentiràõ se enterre nesta Capella pessoa alguma de qualquer condiçaõ, e qualidade que seja, salvo aquellas que ella nomear athè à sua morte.

A terceira condiçaõ, que serà obrigada a ornar a mesma Capella de todos os ornamentos necessarios para todos os tempos, a saber, branco de téla, vermelho, verde, roxo, e preto, panno de defuntos, capas de Asperges, vestimentas, dalmaticas, frontaes, panno de pulpito, e estante; os ornamentos de borcatel, damasco, e téla, cortinas de panno da India, ou da terra, branco, e azuis de Bertangil.

A quarta condiçaõ, que darà huma lámpada, caldeirinha, e seis castiçais grandes, dous cereais, tudo de prata, e outra lámpada com seis castiçais de arame.

A quinta, que serà obrigada a dar vinte mil reis de juro, ou foros ao Convento dos Padres, e que estes se naõ possaõ gastar, salvo no cruzeiro, ou Capella mayor. E mais seis alqueires de azeite de foro para a lámpada, que estarà sempre aceza.

A sex-

A ſexta, que ſe obrigarà a dar vinte e ſinco mil reis de juro, ou foros em cada hum anno para ſe lhe dizer Miſſa quotidiana pela ſua alma, e lhe cantarem hum Officio de nove liçoens no Outavario dos Santos, e cantaremſelhe mais quatro Miſſas nas quatro feſtas do anno, a ſaber, Natal, Reſurreiçaõ, Eſpirito Santo, e Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, ſatisfazendo com eſtas Miſſas as rezadas.

A ſetima, que poderà dar huma das Capellas do cruzeiro a quem lhe parecer, ſem mais obrigaçaõ que dotala com juro, ou foro de vinte e ſinco mil reis para huma Miſſa quotidiana. E eſtando aſſim eſtas condiçoens ajuſtadas, e lançadas por Eſcritura, ſe abriraõ os alicerces da Capella mayor aos vinte e quatro de Abril, anno de mil ſeiſcentos e trinta e quatro em dia de Noſſa Senhora dos Prazeres, e ſe acabou no de ſeiſcentos e corenta.

Acabada a Capella mayor, e cruzeiro, por ordem deſta ſua Padroeira no referido anno, fechouſe o arco do cruzeiro de pedra e cal, e ahi ſe fes huma porta que ſervia de entrada para eſte cruzeiro, que entaõ era ſó elle a Igreja, e aſſim eſteve athè o anno de 1719, que ſe principiou o corpo aos vinte e outo de Abril, ſendo Provincial da meſma Ordem o Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Jozè da Conceiçaõ Eſcotinho, e Miniſtro do meſmo Convento o Padre Prègador Fr. Sebaſtiaõ de S. Boaventura, ambos naturaes

desta Villa de Santarem; e se acabou no anno de 1722. Neste tempo se pôs na Capella junto ao pulpito que fica da parte do Evangelho, hum retabolo com a sagrada Imagem do Senhor dos Desamparados. E no anno de 1725 se cantou nelle a primeira Missa, e se lhe fes huma festa solemne com o SANTISSIMO SACRAMENTO exposto no lado da mesma Imagem. Prégou nesta festa de manhã o dito Padre Mestre Escotinho, e de tarde o Padre Fr. Francisco de Santa Teresa Pombo, a qual festa se continúa com grande devoçaõ todos os annos na Dominga depois da Exaltaçaõ da Cruz.

He esta Igreja de bastante grandeza: a Capella mayor naõ tem ainda tribuna daquellas que tem throno para dentro; mas tem hum retabolo de madeira dourado à face do espaldar com suas columnas repartidas por linhas rectas; e no meyo, como que fas boca de tribuna, tem hum painel de boa pintura, onde se representa estar o Menino Deos entre os Doutores no Templo de Jerusalem. Neste mesmo retabolo da parte do Evangelho està Nossa Senhora de JESUS de vestidos em roca, que tem de altura sete palmos, com o menino JESUS pela maõ, tem quasi quatro palmos de alto; a qual Imagem do Menino tambem he de vestir. Da parte da Epistola no mesmo retabolo està a Imagem de S. Francisco feita de escultura de madeira, com hum Crucifixo na maõ esquerda; e na direita humas disci-

plinas

plinhas; tem de altura ſete palmos e meyo.

No cruzeiro eſtaõ ſó duas Capellas fronteiras huma à outra, e ambas à face: a que eſtà da parte do Evangelho he dedicada a Santo Antonio, e tem Irmandade, como diremos em ſeu lugar, cujo Santo he de ſeis palmos de alto. A da parte da Epiſtola he dedicada a S. Caetano, e tem ſinco palmos de altura; e tambem ſe lhe fas no ſeu dia grande feſta, que he o ultimo da ſua Novena com Juizes, e Mordomos. A primeira Capella que ſe ſegue no corpo da Igreja da parte do Evangelho, he dedicada à Imagem de Chriſto Crucificado com o titulo do *Senhor dos Deſamparados*: da qual Imagem jà fizemos mençaõ, e ainda adiante havemos de dar mais individuais noticias, e tem ſeis palmos de alto. A outra Capella que ſe ſegue mais abaixo deſta, ainda naõ eſtà com todo o ſeu ornato, e ſó tem huma Imagem de S. Joaõ Bautiſta.

A outra mais abaixo da meſma parte, he dedicada a S. Luis Rey de França; eſtà toda muito bem pintada de architectura: e a Imagem do Santo he de pintura em hum painel que fica no meyo do ſeu retabolo.

A outra que ſe ſegue, que he a ultima deſta parte, he dedicada a Noſſa Senhora das Anguſtias, e tem pintada a ſua Imagem tambem no meyo do ſeu retabolo.

As mais Capellas que eſtaõ da parte da Epiſtola no meſmo corpo da Igreja, ſaõ as ſeguintes.

tes. A primeira he dedicada a JESUS, MARIA, JOZE', as quais Imagens estaõ no meyo do seu retabolo pintadas em hum painel. A segunda que se segue a esta da mesma parte da Epistola, he dedicada a Nossa Senhora da Conceiçaõ, com esta mesma Imagem, e tem tres palmos de altura feita de madeira. A outra abaixo desta he dedicada a Santa Anna. E a ultima he dedicada ao Senhor do Bom Fim, cuja Imagem he de pintura singularissima da grandeza do natural, e milagrosa, della daremos adiante mais larga noticia.

Esta Igreja he de huma só nave, toda de abobeda, assim o cruzeiro, Capella mayor, e o corpo com as suas Capellas, que saõ retrahidas para dentro, e naõ à face; tambem o coro he de abobeda abatida por cima da porta principal, admiravelmente pintado de architectura. O frontespicio he magestoso de cantaria com boas janellas: remata-se a sua fabrica nas duas torres dos sinos, ficandolhe hum espaçoso eirado, ou varanda entre ellas, com grades de pedra para fóra.

O Altat de Santo Antonio no cruzeiro desta Igreja està entregue à sua Irmandade, da qual saõ Juizes perpetuos os Senhores Condes de Unhaõ, cuja Irmandade teve principio no anno de 1651 em o Convento de S. Francisco da Observancia nesta Villa: que supposto que muitos annos antes, sempre os devotos celebrassem com

gran-

grandeza a festa, e dia deste Santo; a Irmandade principiou nesta era; porque nella se sojeitáraõ ao Ordinario, por termo feito nesta Villa pelo Escrivaõ do Ecclesiastico Francisco Gameiro, aos vinte e sete de Mayo de 1651, em virtude do qual lhe passou Provisaõ do Cabido Sede Vacante, em que lhe confirma o Compromisso de seis de Junho de 1651. Porèm como nas Procissoens de preces, que nesta terra se faziaõ, tivesse a Irmandade no mesmo anno encontros com os Religiosos do dito Convento de S. Francisco, por naõ consentirem que os Irmãos levassem a Imagem de Santo Antonio; mas sim a levávaõ os Padres, de que nascéraõ varias dissençoens, se determináraõ de universal consentimento da dita Irmandade, trasladala para este Convento de Nossa Senhora de JESUS, trazendo para elle o Compromisso, Guiaõ, e algumas couzas mais: havida primeiro licença do Cabido, que interpondo sua authoridade ordinaria, e decreto judicial lha deu, por Provisaõ de quinze de Julho de 1653, como consta do mesmo Compromisso a folhas 14, e se mudáraõ, sendo Juis da mesma Irmandade D. Rodrigo de Castro Télles, segundo Conde de Unhaõ, e Escrivaõ Christovaõ Couceiro; e os mais Irmãos da Meza, Tristaõ Nunes Infante, Antonio Botelho Palha, Antonio Varella de Anhaya, Joaõ Rebello Cerveira Giaõ de Soto, Simaõ Gonçalves: e Ministro do Convento o Reverendo

Padre

Padre Fr. Matthias da Resurreiçaõ. A qual Irmandade condecorou o Papa Innocencio decimo, concedendolhe as Indulgencias, que constaõ do seguinte Breve, que aqui vay escrito, e està lançado no livro do Tombo do mesmo Convento a folhas sessenta.

Innocencio Papa decimo, ad perpetuam rei memoriam. *Segundo nos foy proposto, que em a Igreja do Convento chamado* Nossa Senhora de JESUS *da Villa de Santarem da Diocesi de Lisboa, esteja canonicamente instituida huma pia, e devota Confraria, ou Irmandade dos Fieis Christãos, homens, e mulheres, os quaes se costumaõ exercitar em muitas obras de piedade, e caridade.*

Nòs paraque a dita Canfraria, e Irmandade cresça em mayores augmentos, pela authoridade, e misericordia de Deos todo Poderoso, e dos Bemaventurados Apostolos, S. Pedro, e S. Paulo, confiados, concedemos aos ditos Frades, e Irmãos, a todos, e a cada hum delles plenaria remissaõ de todos seos peccados, que contritos, e confessados entrarem na dita Confraria, e no mesmo dia receberem o SANTISSIMO SACRAMENTO da Eucharistia; e bem assim aos ditos Confrades, e Irmãos, que ao presente saõ, e ao diante forem, que contritos, e confessados, recebendo a Sagrada Communhaõ (se commodamente poder ser) ou pelo menos contritos no artigo da morte, devotamente do coraçaõ invocarem o Nome de JESUS se com a boca naõ puderem; e outrosim, aos mesmos Confrades, e Irmãos, que contritos, e confessados, havendo recebido a Sagra-

da

da Communhaõ, devotamente visitarem a Igreja, Capella, ou Oratorio no dia da festa principal da dita Confraria e Irmandade, das primeiras Vesperas atè o Sol posto do dia da dita festa de Santo Antonio, e ahi rezarem pela exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, e extirpaçaõ das heresias, paz, e concordia entre os Principes Christãos; e assim mais concedemos, e outorgamos aos Confrades, e Irmãos verdadeiramente arrependidos de seos peccados confessados, e recebida a Sagrada Communhaõ, que visitarem cada anno a dita Igreja, Capella, ou Oratorio de Santo Antonio nas quatro festas do anno; que seraõ nomeadas, e eleitas pelos ditos Irmãos, e approvadas pelo Ordinario no dia que visitarem a dita Capella, e orarem como fica dito, sete annos de perdaõ, e outras tantas quarentenas.

Finalmente, pela dita authoridade, e pelo theor das presentes misericordiosamente em o Senhor; relaxamos, e remetimos sessenta dias de penitencias impostas, ou de qualquer modo devidas para o diante aos mesmos Confrades contritos, todas as vezes que se acharem presentes aos Officios Divinos, e a outras Congregaçoens publicas, ou secretas da mesma Confraria, para effeito de alguma obra pia, ou acompanharem o SANTISSIMO SACRAMENTO quando se leva a algum enfermo, ou estando impedidos, ou ouvindo o sino para se levar o SENHOR, rezarem de joelhos hum Padre Nosso, e huma Ave Maria pelo mesmo enfermo, ou forem presentes às Procissoens, que se fazem por authoridade do Ordinario, ou aos enterros dos fieis defuntos, ou agazalharem aos pobres peregrinos, ou ensinarem aos ignorantes

rantes os Mandamentos da Ley de Deos, e que contèm a salvaçaõ, ou fizerem pazes entre inimigos, e discordes, ou rezarem sinco Padre Nossos, e sinco Ave Marias pelos Irmãos defuntos da dita Confraria; e por cada huma das ditas obras pias, fazemos a dita relaxaçaõ, e remissaõ das penitencias sobreditas de sessenta dias em a fórma costumada da Santa Madre Igreja de Roma, valendo as presentes pelos tempos futuros.

Queremos porèm, que se a dita Confraria estiver aggregada a alguma Confraria mayor, ou pelo tempo adiante se aggregar, ou por outra qualquer via se unir, para alcançar as Indulgencias della, ou dellas participar, ou por outro modo se instituir, as primeiras, ou quaesquer outras letras alcançadas àlém das presentes, sejaõ nullas, e de nenhum vigor, mas desse tempo totalmente eo ipso *sejaõ nullas; e se aos ditos Confrades pela razaõ das couzas acima ditas, ou por outra maneira estiver por nòs concedida alguma outra Indulgencia, que haja de durar perpetuamente, ou por tempo limitado certo, ou ainda naõ acabado, as mesmas presentes letras sejaõ de nenhum vigor, ou momento. Dado em Roma junto a Santa Maria Mayor,* sub annulo Piscatoris, *aos trinta dias do mes de Junho de* 1654, *anno decimo do nosso Pontificado. G. Gualterius, em lugar do ✠ Sello.* E na volta do dito Breve estava o Sello costumado de cera vermelha, e nella estampado o *annulo Piscatoris.*

E de como este Breve foy aceito, e declarado pela Dioceſi de Lisboa Oriental Sede-Vacante, se continúa o seguinte.

O qual

O qual Breve ſendo-nos, como dito he, apreſentado por parte dos Irmãos, e Confrades da dita Confraria, pedindo-nos o declaraſe-mos por bom, firme, e valioſamente verdadeiro, e deſſemos licença para ſe publicar; e viſto por nòs, pronunciamos por noſſo deſpacho, que ſe traduziſſe de Latim em Portuguez, por bem do qual noſſo deſpacho foy traduſido: e pela preſente authoridade Ordinaria approvamos o ditto Breve, e o declaramos por verdadeiro ao Povo, e fieis Chriſtãos com todas as clauſulas nelle por Sua Santidade declaradas. Dada em Lisboa ſob noſſo ſignal, e Sinete de noſſas armas de que em ſemelhantes uzamos. Aos onze dias de Junho de 1655. *Andrè da Coſta Delgado Notario Apoſtolico o eſcrevi. Biſpo de Targa. Publique-ſe. Biſpo. Cumpraſe. Pedroſa.*

Neſta meſma Igreja ſe conſerva com grande veneraçaõ na ſua Capella a Imagem do Senhor dos Deſemparados, de que jà fallámos; eſta Imagem eſteve em Altar proprio na Igreja velha do dito Convento, cujo lugar era onde hoje he a caza do *De profundis* junto ao refeitorio; a qual ameaçando ruina, trasladáraõ a Imagem para o Altar da portaria por naõ ter lugar competente na principiada Igreja; pois naõ tinha mais que tres Altares: mas logo que ſe acabou a Igreja, foy collocada nella com o titulo do Senhor dos Deſamparados no dito Altar.

O Senhor com o titulo do *Bom Fim*, que he huma das melhores pinturas, que ſe póde ver, eſtà pintado em hum painel com a proporçaõ na-

tural na ultima Capella desta Igreja da parte da Epistola; e esteve primeiro no remate da Capella mayor na Igreja do Convento de Nossa Senhora de JESUS dos Cardais de Lisboa, que he da mesma Ordem, e se tirou da dita Capella quando pelos annos de 1726 fizeraõ os Padres retabulo, e tribuna nova, e a trouxe para este Convento o Reverendo Padre Definidor actual Fr. Sebastiaõ de S. Boaventura, Capellaõ mòr da armada Real, pelos annos de 1729, e sendo segunda ves Ministro delle, a collocou no mesmo Altar em que està com o titulo do *Senhor do Bom Fim*, cujos obsequios mostrou o mesmo Senhor aceitar, desempenhando-se logo com portentos, e mercès; pelas quaes he tida esta Imagem perfeitissima na pintura, em grande veneraçaõ, assim dos Religiosos, como dos mais Catholicos desta Villa, e seos contornos, fazendolhe a sua Confraria, de que he Juis perpetuo Bento Antonio de Brito e Mello Provedor da Alfandega de Setuval, huma Novena, que acaba no penultimo dia do anno, e no ultimo se lhe fas a sua festa com toda a solemnidade, supposto que no tempo se tem variado alguns annos.

CAPI-

CAPITULO XX.

Em que se dà noticia de huma Ermida de Santa Maria Magdalena, que antigamente existia junto a este Convento do Sitio dos Padres Terceiros; e da Enfermaria que hoje tem os mesmos Padres no Hospital de JESU Christo desta Villa de Santarem.

JUnto a este Convento para a parte da Villa, estava huma antiquissima Ermida da gloriosa Santa Maria Magdalena, que era annexa à Igreja Parochial de Nossa Senhora de Marvilla. E como os Religiosos vissem, que estava jà muito arruinada, e com alguma indecencia por causa das ruinas que o tempo lhe tinha feito, fizeraõ petiçaõ ao Reverendo Prior, e mais Beneficiados da dita Igreja, para lhe largarem a sobredita Ermida, cuja petiçaõ està lançada no livro do Tombo do mesmo Convento a folhas 14, e o despacho a folhas 15, que he o seguinte:

Na fórma em que podemos, concedemos aos Supplicantes esta Ermida nossa annexa, por ser verdade tudo o que relataõ, e ser muito serviço de Nosso Senhor, e da mesma Santa. Peloque o Illustrissimo Senhor Arcebispo lhe póde conceder esta licença, com declaraçaõ que a dita Ermida assim no lugar em que està, como depois de a meterem dentro no seu Convento, e Igreja, ficarà sempre com natureza de nossa annexa; assim para

termos as offertas, como para dizermos as Missas que se mandarem dizer nas festas que fizerem os Mordomos da dita Santa; e levarmos a esmolla, que assim nos costumavaõ dar por hirmos capitular as Vesperas, e dizer as Missas das festas que os Mordomos faziaõ athè agora na dita Ermida. E assim pedimos tambem ao Illustrissimo Senhor Arcebispo conceda a licença que se pede, por entendermos ser muito serviço de Deos, e mayor decencia do Culto Divino: e se evitarem as indecencias que se fazem na dita Ermida. Em Cabido aos vinte e sete de Agosto de 1637, e de tudo daràõ os Supplicantes os papeis, e despachos, ou os traslados authenticos para se lançarem com as Escrituras no Cartorio desta nossa Igreja, Dia ut supra. O Prior Paulo Pedrosa Meyreles, e os Beneficiados, que todos assináraõ. Cuja petiçaõ, e despacho leváraõ os Religiosos ao Senhor Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que entaõ estava em Madrid, o qual por seu despacho de dez de Março de 1639, mandou, que o Senhor Bispo de Targa a propuzesse em Relaçaõ, cujo Acórdaõ foy, q̃ se entregasse ao Visitador do Arcebispado, para que na primeira visita, tomando conhecimento, com o seu parecer informasse; e entregue ao Visitador, deu a informaçaõ seguinte, a qual està no livro do Tombo a folhas 16.

Tirada exacta informaçaõ, vi a Ermida da Magdalena, que de todo està arruinada; e achey ser verdade tudo o que na petiçaõ se relata, e que convèm ao serviço de Deos dar o Illustrissimo Senhor Arcebispo a licença

licença q̃ pedem os Padres de Nossa Senhora de JESUS, precedendo as obrigaçoens, que o Reverendo Prior, e Beneficiados de Marvilla referem em sua licença. Santarem, doze de Settembro de 1640. Pedro Alvares da Costa. E sendo apresentada esta informaçaõ em Relaçaõ, acordáraõ, que se passasse Provisaõ em que declarassem as condiçoens com que o Prior, e Beneficiados consentiaõ, e que tornasse para se confirmar, cujo despacho se deu a vinte e sete de Novembro do mesmo anno, e se confirmou, de que tambem està o seu traslado no dito livro do Tombo, onde se vè que foy dada a confirmaçaõ em Lisboa a outo de Novembro de 1640.

A Imagem da Bemaventurada Santa Maria Magdalena, que estava nesta Ermida, he de barro, que mostra ser antiquissima, e despois que se desfes a Ermida a conduzíraõ os Padres para o Altar da sua portaria aonde esteve muitos annos: porèm despois que se acabou o cruzeiro da Igreja, a collocáraõ no Altar de Santo Antonio, que he o lugar em que hoje està, tem quatro palmos de altura, e està em pè encostada a hum penhasco, com o cotovelo do braço esquerdo sobre huma caveira; as mãos fechadas hũa na outra levadas acima à face esquerda, e o rostro levantado, como que està contemplando no Ceo. E como a este lugar onde estava a Ermida desta Santa, lhe chamavaõ antigamente o *Sitio da Magdalena*, ficou o Convento com o mesmo titulo.

Tam-

Tambem no Cartorio deste Convento se acha huma Provisaõ no livro do Tombo a folhas nove, em que ElRey o Senhor D. Joaõ o quarto, concedeo licença aos Religiosos, q̃ forem moradores neste Convento de JESUS do Sitio, no de Santa Catharina, e no da Erra para se curarem na Enfermaria do Hospital de Joaõ Affonso de Aguiar desta Villa; e juntamente lhe concedeo, e lhe confirmou todos os bens da Enfermaria, a saber: obras, roupas, moveis, e tudo o mais, que athè entaõ os Governadores do mesmo Hospital lhe haviaõ concedido, que he a raçaõ ao Enfermeiro mòr, e a seu companheiro. A qual Provisaõ aqui vay trasladada para mais firmeza da verdade.

Eu ElRey faço saber aos que esta Provisaõ virem, que havendo respeito ao que por sua petiçaõ me enviáraõ, o Ministro, e mais Religiosos do Convento de N. Senhora de JESUS da Villa de Santarem da Terceira Ordem de S. Francisco; e dezejando fazerlhes em tudo mercè, e esmolla. Hey por bem, e me praz de lha fazer, de que na mesma fórma, e modo em que athè agora se curàraõ os seus Religiosos do dito Convento de Santa Catharina, e do da Erra, todos da dita Ordem, na Enfermaria que fizeraõ no Hospital da dita Villa de Santarem, se possaõ curar, e curem daqui em diante; isto por o Provedor, e Irmãos da Misericordia da mesma Villa na informaçaõ que se lhe pedio (por terem a seu cargo a administraçaõ do dito Hospital) naõ contradizerem o dito requerimento, antes informando em seu

ſeu favor. Peloque lhes mando, e aos que depois delles ſervirem, que naõ impeſſaõ aos ditos Religioſos continuarem na poſſe em que eſtaõ de ſe curarem na dita Enfermaria que tem no dito Hoſpital, aſſim como athè agora fizeraõ, poſto que ſem Proviſaõ alguma; e que em tudo cumpraõ, e guardem eſta Proviſaõ muito inteiramente ſem dúvida alguma: a qual quero q̃ valha, como carta começada em meu nome por mim aſſinada, e paſſada pela Chancellaria; poſto que ſeu effeito dure mais de hum anno, ſem embargo da Ordenaçaõ em contrario. Manoel de Oliveira a fes em Lisboa a dezaſete de Janeiro de 1648. Marcos Rodrigues a fis eſcrever. REY. Eſta Proviſaõ foy paſſada pela Chancellaria, e aſſinada pelos Senhores deputados da Meza da Conſciencia, cujos ſignais ſaõ os que ſe ſeguem: ⊨ *Eſtevaõ Leitaõ de Meirelles*: ⊨ *Dom Leaõ de Noronha*: ⊨ *Andrè Franco*: ⊨ *Joaõ de Paiva de Albuquerque*: ⊨ *Miguel Maldonado.* Os da aceitaçaõ do Hoſpital pela Miſericordia ſaõ os ſeguintes: ⊨ *O Provedor Diogo de Saldanha Sande*: ⊨ *Diogo de Andrade Rebello*: ⊨ *Fr. Antonio do Rego Miniſtro.*

E porque athè alli naõ tinhaõ os enfermeiros companheiro q̃ os ajudaſſem, por cuja cauſa padeciaõ, e muitas vezes perigavaõ os doentes, fizeraõ os Padres petiçaõ ao Provedor, e mais Irmãos da Meza da Miſericordia, para lhes concederem companheiro ao Enfermeiro môr; o que lhe outorgáraõ em Meza de doze de Mayo de 1669. concedendolhe, que tendo tres doentes,

tes, ou mais, podesse ter o Enfermeiro mòr companheiro com reçaõ. O qual despacho lhe tinha assim jà dado ElRey Filippe IV. quãdo ainda era senhor deste Reyno de Portugal, por Provisaõ de sinco de Outubro, em o anno de 1623. E supposto naõ achámos clareza do tempo em que esta dita enfermaria se fizesse, naõ hà dúvida ser obra muito mais antiga, que a data da Provisaõ acima; porque jà era feita em dezaseis de Junho de 1592, como consta de hum despacho do Senhor D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa posto em huma petiçaõ, que os Religiosos lhes fizeraõ quando se quizeraõ mudar do Convento de Santa Catharina para esta Villa, como jà fica dito; na qual se trata jà da mesma Enfermaria: o que consta do Tombo a folhas tres; porém era taõ limitada, que lhes foy precizo fazerem-na mayor, dandolhe os Senhores da Misericordia, e Hospital muita parte da area, e compráraõ a Manoel Cordeiro, mestre pedreiro humas cazas cahidas com seu quintal, em que fizeraõ caza de convalescença, e cella para os enfermeiros: alugando as cazas que ficaõ por baixo, para com os rendimentos melhor poderem acodir aos enfermos, ornando o quintal com suas arvores, e ervas para utilidade, e recreyo dos convalescentes, e sendo a Escritura da compra feita em quinze de Mayo de 1686, em o governo do Padre Fr. Antonio da Cruz, Ministro Provincial, e Enfermeiro mòr o Padre Fr. Antonio

Antonio da Cruz Miniſtro Provincial, e Enfermeiro mòr o Padre Fr. Antonio da Victoria, ſe abrírão os alicerces deſta nova obra, lançandolhe a primeira pedra em huma ſegunda feira 2. de Junho de 1687, como conſta dos inſtrumentos authenticos da meſma Enfermaria. Continuou, e aperfeiçoou a dita obra o Padre Enfermeiro mór Fr. Joaõ Baptiſta neſtes noſſos annos, em que iſto eſcrevemos.

Neſte Convento de Noſſa Senhora de JESUS, do qual temos dado, com eſpecialidade, a noticia que pudemos achar na meſma caza; exiſte huma Irmandade dos Terceiros do glorioſo Patriarca S. Franciſco; cuja ſanta Congregaçaõ tem muitas graças, e Indulgencias que lucraõ os Irmãos da dita Ordem, por indulto dos Summos Pontifices. Tem Commiſſario que os governa, e lhes dà as inſtrucçoens neceſſarias ao ſeu aproveitamento eſpiritual, o qual Cõmiſſario ſempre he hum Religioſo grave, e douto daquella ſagrada Provincia. Tem hum Miniſtro ſecular, Vigario do Culto Divino, e hum Andador, que ſerve em tudo aquillo que lhe ordena a Meza no regimen da dita Ordem Terceira.

CAPITULO XXI.

Descrevem-se os principios, e motivos que houve para se fundar o Convento de S. Domingos das Donas, que existe no districto da Freguesia de Nossa Senhora de Marvilla desta Villa de Santarem.

QUe impenetraveis saõ os caminhos de Deos a toda a esfera do entendimento humano! Dous generos de caminhos abrio a Sabidoria Divina quando delineava o profundo abismo das suas operaçoens. Os primeiros sahem de Deos Creador para as creaturas. Os segundos vaõ dos homens para Deos: e estes saõ os caminhos que o mesmo Senhor quer que nós busquemos com a firmeza da nossa Fè. Pelos primeiros nenhuma creatura descobrio entrada. Os segundos, nem ainda os que caminhaõ para Deos, os conhecem bem. Todo o visivel he proprio objecto de nossos olhos; dos ouvidos qualquer som he perceptivel objecto ao seu sentido, assim como do entendimento todo o intelligivel he proporcionado, e natural objecto, pelo que a idéa lhe representa; e os olhos muitas vezes vèm o que o entendimento naõ alcança. Neste Capitulo se propoem à vista de nossos entendimentos, huma visaõ, ou hum objecto taõ celestial, que naõ bastaõ naturaes intel-

intelligencias para a comprehensaõ delle: o que daqui só firmissimamente podemos entender he, que quiz Deos pelo meyo de huma visaõ, que sua Serva Elvira Duranda vio ao Bemaventurado Fr. Gil, fosse principio glorioso de se fundar huma nova Caza, para que nella se lhe desse o Divino Culto, louvando a sua incomprehensivel grandeza, e infinita bondade: e fosse o primeiro Convento de Religiosas, que se erigisse nesta nobre Villa de Santarem; despertando assim nos coraçoens devotos, para que com este exemplo se fundassem os mais que hoje vemos nesta mesma Villa com tanta edificaçaõ da santa vida Religiosa. E foy o cazo da maneira seguinte:

Correndo os annos de 1246, com pouca differença, vivia no seu Convento de S. Domingos dos Frades desta Villa, o Bemaventurado S. Fr. Gil, no tempo que era Rey de Portugal D. Affonso terceiro, fazendo alli este grande Servo de Deos muitas penitencias, e o Altissimo Senhor obrando por elle portentosas maravilhas. Quando hum dia acabando de dizer Missa na Igreja deste Convento, foy logo para o coro da Capella mayor, que assim costumava sempre fazer, dar graças ao Senhor por tanta mercè, como era a que recebia naquelle Divinissimo pasto. Depois de gastar algum tempo em devotos colloquios, e saudosos suspiros, quiz-se retirar dalli a lugar menos publico, para desafo-

gar do coraçaõ os incendios do amor Divino em que se abrazava; encaminhou os passos para a sacristia. Achando-a fechada, e naõ podendo mais rezistir ao vehemente impulso de quem o esperava, assentouse junto da porta, e entregouse nos braços da disposiçaõ Divina, como quem naquelle espaço, nem em outros semilhantes era senhor de suas proprias acçoens. Começou logo a cahir em hum lethargo profundo, que era daquelles que Deos dà a seos amados; em premio da feliz herança que os espera. Estava neste tempo na Igreja huma virtuosa, e nobre Matrona natural da mesma Villa, chamada *Dona Elvira Duranda*, a qual frequentava esta Igreja, aonde sempre nella recebia os Santos Sacramentos. E como fosse por acaso, ou porque semilhantes couzas jà vem dispostas do Ceo, chegouse a huma rede, ou ralo de huma porta, que ficava defronte da outra da sacristia, e deu com os olhos no Santo Fr. Gil, que estava extático, e exhausto de sentidos. Applicou a vista bem Elvira, quando vio que descia huma columna sobre o Santo, a qual era de luz taõ clara, que excedia à do Sol, e ficar logo aquelle Bemaventurado todo penetrado della, vendolhe o venturoso corpo resplandecer como hum puro cristal transparente, lançando do rostro rayos; que ella por naõ achar semilhança mais propria os comparava aos de hum espelho, quando o Sol lhe fere o vidro. Com assombrosa novidade ficou Elvira

Psalm. 126.

absor-

absórta com taõ notavel maravilha. E porque semilhantes visoens só as deixa ver Deos a quem he servido, ou a quem para isso tem merecimentos, e ninguem impedia a Elvira a assistencia daquelle lugar, deixouse estar alli por espaço de duas horas para ver em que aquillo parava; assim o affirma a Historia Dominicana, declarando que ella mesma o dissera. Passado este tempo, vio que aquelle celeste fogo hia mingoando, e se extinguio de todo; e o Santo jà acordado dava huns suspiros taõ dolorosamente suaves, que pareciaõ arrancados de dentro da alma, ou que com saudosa violencia lhe sahiaõ do centro do coraçaõ, como quem perdia couza que lhe custa muito deixalla: e reparou, que quando elle se quiz hir daquelle lugar foy tomando a parede por arrimo, apalpandoa como quem ainda naõ tinha vista, nem os mais sentidos corporaes para se governar. Consta dos escritos que os Padres da mesma Ordem disto escrevèraõ naquelle tempo, que Elvira Duranda quando este cazo vio, gritou em voz alta, entendendo que o Santo se abrazava em hum verdadeiro fogo, e de tal sorte gritou, que acodio toda a Cõmunidade, de que foy testemunha o mesmo Padre que escreveo esta memoravel lembrança.

Histor. Dominican. 1. part. livr. 2. pag. 99.

Com esta pasmosa, e inexcrutavel visaõ, ficou aquella alma de Elvira perplexa, conhecendo com a vista do entendimento, que o que víra, naõ podia ser acaso mostrarselhe a seos olhos

mor-

mortais huma maravilha do Ceo taõ desuzada na terra. Começou logo a levantar seu espirito em contemplaçoens altissimas, pondo-se com final desengano a apartarse de todas as couzas do mundo, em tal fórma, que elle a naõ visse mais, e só soubesse della aquelle Senhor, que escreve os nomes de seos escolhidos no livro da vida. Abrazada nestes dezejos, tendo em pouco preço todas as couzas que estima a vaidade, amante da fermosura da virtude, ferida das settas do Divino amor, pizando valerosa, e resolutamente os bens que possuia, metendo debaixo dos pès todas as esperanças da terra, deu sobre ella os ultimos passos, e se meteo debaixo da mesma que pisára, sepulando-se em huma estreita, e subterranea casinha, que mandou fazer junto à Ermida de Nossa Senhora da Abóbeda, a qual estava situada aonde hoje existe o Convento da Santissima Trindade: sem ter mais entrada, nem porta alguma, nem janella, mas só huma fresta, ou séteira pequena para a dita Ermida, poronde a seu tempo recebia os santos Sacramentos da Igreja, e alguma porçaõ de alimento corporal, que lhe mandavaõ de fóra.

Enterrada em vida, esta valerosa, e virtuosa mulher, naõ pode largar nunca da memoria os eximios favores, que o seu Santo Fr. Gil de Deos recebia, nem deixar hum instante de se inflamar na devoçaõ da Caza em que Deos lhe deu o lume daquella superior luz para a entranhar na sua

alma

alma, e por eſte motivo ſe conſolava muito de ſe trajar com o hábito de S. Domingos, que voluntariamente ſó veſtio por affecto. Algumas vezes a viſitava o Santo Padre Fr. Gil fallandolhe pela dita freſta; o qual vendo o ſeu conſtante eſpirito, a animava, e encõmendava a Deos, dandolhe muitas graças de ver o muito que póde a mais fraca natureza, quando he ajudada do Divino Eſpirito: e tanto reconhecia eſte Santo Padre a grande virtude de Elvira, que quando della fallava aos ſeculares, era com tanto louvor, que pelas perpetuas penitencias que fazia enterrada viva, a nomeava por Santa. Eſtas, e outras palavras q̃ S. Fr. Gil dizia de Elvira, deſpertáraõ nos corações de outras nobres donzellas huma ſanta inveja, que logo duas ſe determináraõ com reſoluçoens finais a acompanhala, metendo-ſe com ella no meſmo lugar, e fazerem a meſma penitente vida. Depois deſtas duas ſe ſeguíraõ outras, e todas foraõ fazendo alli ſeos cubiculos ſeparados, veſtindo o meſmo hábito de S. Domingos, para em tudo imitarem a Elvira Duranda nos ſeos ſantos coſtumes, pois fora a primeira que ſe pôs naquelle eſtado para ſer modelo, e guia de ſuas ſantas reſoluçoens. Os Religioſos Dominicos por conta de S. Fr. Gil, lhe acodiaõ com a adminiſtraçaõ dos Santos Sacramentos, ainda que naõ tinhaõ deſta Ordem mais que a piedade com que aquelles Padres lhe aſſiſtiaõ; porèm naõ obſtante iſto ſer aſſim, e

naõ

naõ haver ainda em Santarem Convento de Religiosas, e vestirem aquelle hábito, daqui nasceo darlhe o povo naquelle tempo o nome de Freiras, como feliz annuncio do que na realidade havia de ser, ou porque naquellas eras naõ se impedia com tanto cuidado, e rigor como hoje se impedem semilhantes eleiçoens de hábitos, sem haver para isso primeiro as licenças necessarias.

Assim foraõ estas devotas mulheres continuando em santa vida religiosa, que sepultando-se para o mundo, só para Deos viviaõ; e em tanto augmento foy crescendo aquelle seu modo de viver em rigurosas penitencias, que todas as pessoas da Villa se compadeciaõ sabendo o constante espirito com que perseverávaõ em tanta aspereza: eraõ jà em numero dezanove, e como naõ cabiaõ todas em hum só aposento, tinhaõ formado com as cazinhas que alli fizeraõ huma rua subterranea, a qual ficava quasi toda debaixo da terra; e porque as ditas cazinhas estavaõ divididas, e postas em fileira, occupavaõ muito sitio, que se estendia da Ermida da Senhora da Abóbeda, athè o Convento que hoje he de S. Francisco dos Padres Observantes. Passados alguns annos, no de 1242, vieraõ estes Padres Menores para Santarem, e fundáraõ o seu Convento naquelle mesmo lugar, em que agora estaõ, entendendo, que aquellas Reclusas, ou emparedadas, naõ perseverassem, nem podessem formar

Esperança, Histor. Serafica, livr 4. part. 1. fol. 446.

mar Religiaõ, pois era principio ſem fundamento algum, aſſim tambem brevemente ſe deſvaneceria cahindo no ſeu meſmo principio. Porèm, vendo deſpois que iſto levava o caminho de ſe perpetuar, porque algumas que falleciaõ deixavaõ os ſeos cubiculos a parentas, ou a outras conhecidas em virtude, que logo os povoavaõ, e algumas os edificavaõ de novo: foraõ entendendo os Frades, que lhe naõ era conveniente ficarlhes diante das ſuas portas hum encerramento de mulheres, que jà viviaõ em cõmum, com fórma de Moſteiro. Para darem principio ao ſeu projecto, que era tirallas dalli, fallàraõ primeiro com os Padres de S. Domingos, pedindolhe por cortezia, e amizade quizeſſem tirar aquellas mulheres da viſinhança de Convento alheio, e polas junto a ſi, pois ellas traziaõ veſtido o ſeu hábito, e ſe governavaõ pela ſua obediencia. O Prelado do Convento da Religiaõ Dominica ſe defendeo com juſtas razoens, dizendo: que aquellas chamadas Freiras, naõ eraõ mais que humas emparedadas, que voluntariamente alli eſtavaõ recluſas, cada huma ſobre ſi, uſando daquella louvavel vida ſolitaria, e que naõ pertenciaõ à ſua Ordem; que ſó no eſpiritual lhe acodiaõ com os Sacramentos, como eraõ obrigados fazer a todas as mais peſſoas daquelle Povo, quando para iſſo os buſcavaõ. E que o hábito que ellas traziaõ era tomado por eleiçaõ propria, e naõ que Prelado algum da ſua Ordem

lho desse. Que se uzavaõ com ellas aquella caridade, era por ser gente que procedia com grande exemplo de virtude, sendo muitas dellas das melhores familias da Villa: e hum, e outro motivo as fazia naõ só dignas de favor, mas tambem de veneraçaõ; e pelas mesmas razoens as naõ deviaõ elles inquietar como bons filhos de S. Francisco, mas ainda com o mesmo amor da caridade ajudallas a conservar em taõ santa vida.

Naõ foraõ bastantes estas repostas taõ justificadas paraque os Padres Menores cedessem do seu intento; porque logo recorrèraõ à justiça para que as Emparedadas despejassem o sitio. Requeriaõ pela parte das Emparedadas a virtude, e a nobreza, juntamente com a posse em que estavaõ. Houve grande debate na demanda; e como ElRey D. Affonso o terceiro dezejasse muito ver aquillo em paz, e a contenda acabada, escreveo aos Geraes de huma, e outra Religiaõ para que aquella causa se definisse particularmente sem impulso de juizes seculares, por naõ cauzar algum escandalo ao Povo, decidindo-se por juizes arbitros: e correo a materia na mesma fórma que ElRey quiz. Nomeáraõse juizes confirmados por seos mayores. Houve graves juntas, e disputadas consultas; quiz ElRey por sua grandeza, e piedade acharse tambem com o seu voto ao dar da sentença como qualquer juis; e a dezasete do mes de Novembro de 1261, se senten-

ſentenciou a Cauſa, em a qual ſentença ſe fes o aſſento ſeguinte : *Que athè dia de Natal proximo foſſem os Frades de S. Domingos obrigados a fazer mudar as Fratriſſas* (tinha aſſim eſta palavra a ſentença, q̃ era eſcrita em Latim) *pois traziaõ o hábito Dominicáno, e que foſſem para onde ficaſſem apartadas do Convento de S. Franciſco; mas com a declaraçaõ, que ſe ellas por terem comprado aquelle ſitio pelo ſeu dinheiro, ou pelo direito que tinhaõ da poſſe quizeſſem nelle continuar, deſpiriaõ logo o hábito de S. Domingos, ficando ſem acçaõ de nomearem por morte os cubiculos em outras mulheres para o fim de ſeguirem nelles ſemilhante modo de vida: e por conſeguinte naõ receberiaõ daquelle dia adiante em ſua companhia outra mulher recluſa.* Publicada a ſentença, mandou logo El-Rey pendurar nella o Sello Real. Grande força tivera ſemilhante ſentença, ſenaõ fora dada contra o ſexo feminino, que em tais caſos ſe reveſtem de mais animo que todos os homens, ou por naõ conhecerem bem o poder da juſtiça Régia, ou por entenderem, q̃ naquella occaſiaõ teriaõ da ſua parte o poder da Miſericordia Divina; porque naõ deraõ pela ſentença julgada: mas antes della appellárao para Roma, ſabendo propor taõ bem a ſua queixa, que o Summo Pontifice Urbano quarto cometteo o conhecimento da cauſa ao Biſpo de Lisboa, em juizo do qual provárao as Emparedadas, que eraõ mais antigas naquelle ſitio que os Padres de S. Franciſco, e ſó por eſte fundamento ſe lhe julgou, e ficou

determinado, que por todo o tempo em que vivessem fossem alli conservadas na sua posse.

CAPITULO XXII.

Mudaõ em encerramento commum as Emparedadas o que era casa particular, ficando no mesmo terreno com a fórma de Mosteiro. Recrescem novas queixas dos Padres Menores; daõlhe os PP. Dominicos o seu sitio da Magdalena.

COm grande alvoroço festejáraõ as Emparedadas a sentença que se deu a seu favor, porèm ficáraõ reparando, naõ com pouco cuidado no ultimo ponto, que lhes ristringia naõ passar além das vidas daquellas que por entaõ existiaõ. Tratáraõ de hir logo cuidando no remedio da contrariedade, para que nos tempos vindouros podessem conseguir o seguro de ficarem sempre conservando aquelle seu modo de vida: o qual athè àquelle tempo estava bem recebido no Povo. Fizeraõ varios juizos sobre estes intentos, e tiráraõ delles o projecto de se reduzirem a viver juntas em fórma de Communidade, alcançando licença para clausura, e aceitarem noviças, pois por este caminho se punhaõ habilitadas para a Ordem Dominica as receber por Freiras suas, e depois a mesma Ordem as defenderia com melhores armas que as que tinhaõ na primeira contenda. Porèm com grandes dúvi-

das

das ſe viaõ no modo cõ que ſe haviaõ portar por entanto; porque da parte contraria jà eſtavaõ fabricando novos embargos arguindo na cauſa novas alteraçoens, com o diſgoſto q̃ tiveraõ os PP. Menores da proxima ſentença dada contra elles. Finalmente reſolveraõ-ſe as Emparedadas (naõ ſabemos ſe por conſelho de outrem) a apparecerem com as cazinhas que jà tinhaõ, em fórma de clauſura, mas de tal ſorte q̃ ſahiſſe iſto feito antes de ſer ſentido; e pelas noticias q̃ temos da meſam Ordem Dominica, foy como aqui diremos.

Deraõ primeiramente parte deſte ſeu deſenho a ſeos parentes, e porque alguns delles eraõ na Villa poderoſos e ricos, aos quaes parecia muito mal desfazerſe aquella Congregaçaõ de virtudes, preveníraõ occultamente tudo o que era neceſſario, aſſim de officiaes, e trabalhadores, como de todos os materiaes, e generos de petrechos. Eſta traça foy ordida com taõ bom ſucceſſo, q̃ anoutecendo hum dia encerramento particular, appareceo no outro em cõmum clauſura, ainda que foſſe ſómente na formalidade; e de emparedadas apparecéraõ aquellas almas livres das ſepulturas em que eſtavaõ enterradas, ficando juntas em Religioſa Communidade. E refere Fr. Luis de Souſa, que he a quem aqui mais ſeguimos na Hiſtoria de S. Domingos, as formais, e ſeguintes palavras: *Foy a ordem, que cercáraõ de taboado alto, e empinado pela banda de fóra as diſtancias que havia entre todas, e*

Hiſtor. Dominic. 1. p. livr. 5. cap. 21. fol. 279.

cada

cada huma das cellas; e no topo da rua junto do Oratorio que jà tinhaõ concertado, ficou huma só porta para serventia, e portaria cõmum, com sua campainha no alto della. Em quanto os carpinteiros andavaõ cerrando, e cercando, trabalhavaõ pedreiros abrindo as cellas em modo que ficassem desencerradas as Reclusas: e porque naõ faltasse alguma couza para representaçaõ de perfeito Mosteiro, abriraõ porta no Oratorio guarnecida logo de grades de ferro, que para isso jà as tinhaõ feitas, com sua cazinha de còro por dentro, compósta da mesma madeira confórme o tempo lhe deu lugar, para assistirem a celebrar os Officios Divinos. Feito tudo com pressa, e brevidade naõ cuidada, faltava só huma Cabeça que governasse, e a quem obedecessem todas. Como era ponto importante, tambem amanheceo Prioresa eleita, e obedecida, que foy Sancha Martins muy santa Matrona, como Religiosa de mayor idade.

Apparecendo esta nova transformaçaõ de repente, houve muito alvoroço na Villa, e porque eraõ favorecidas do Povo, foy vista a fabrica com geral contentamento, e notavel applauso. O anno certo desta mudança naõ o pudemos achar, mas pelo que se infere de algumas Escrituras he sem dúvida, que foy naõ poucos annos depois da visaõ que Elvira Duranda vio a S. Fr. Gil, a qual foy a causa do seu emparedamento, e esta foy no de 1246, e como este Santo morreo

reo no de 1265, como quer Fr. Luis de Soufa na mefma parte acima allegada, fempre feria a dita mudança àlem dos annos de 1266, porque fe vem a colligir das antigas noticias, que Elvira Duranda naõ declarára aquella vifaõ, fenaõ depois da morte do Santo; logo vivia ainda efta Serva de Deos depois de S. Fr. Gil fer fallecido; e quando fe fez efta mudança inferimos com bom fundamento, que jà ella tambem naõ vivia, porque fe ainda vivèra, eftava efta primeiro que Sancha Martins, e que as mais para fer a primeira Prelada, pois foy alli a Fundadora. Com que vimos a entender, que da referida vifaõ athè efta mudança de encerramento para Mofteiro, fe paffáraõ vinte annos, ou pouco mais. Em actos de Cõmunidade fe foraõ confervando dalli por diante, e augmentando pouco e pouco algumas imperfeiçoens da repentina obra; porèm pelo difcurfo do tempo crefcèraõ varias novidades, e foraõ o motivo de fe melhorarem, e ficar tudo em quietaçaõ pacifica, como a diante fe dirá.

Pouco contentes ficáraõ os Padres Menores de verem as máquinas que contra os feos intentos fe obráraõ, julgando que as Emparedadas na fua poffe eftavaõ mais corroboradas: bufcáraõ outro caminho, reprefentando a fua queixa ao Meftre Geral da Ordem de S. Domingos, e paffados mais alguns annos de controverfias, que fempre era inquietaçaõ das duas Religioens, fizeraõ-fe lembrados os Padres Dominicos, que

tinhaõ

tinhaõ de vago o ſitio da Magdalena, ſito fóra da Porta de Manços, aonde poſſuiaõ humas cazas antigas, e principiadas algumas officinas do tempo em que alli queriaõ edificar Convento, depois que deixáraõ Monteiràs, vindos de Monte Junto. E porque ſe viaõ jà obrigados a favorecer em tudo o que pudeſſem as Recluſas, e ellas trabalhaſſem por ficar com o ſeu hábito obrigando-ſe ao ſeu governo, e dominio, ſe reſolvéraõ darlhe (como de facto lhe deraõ) o dito ſitio da Magdalena em que de novo edificaſſem outro Moſteiro para aſſim de huma ves acabarem de desfazer tantas inquietaçoens; das quais ſe ſeguiaõ ao eſpirito da vida religioſa tantos inconvenientes. Determinado iſto aſſim, recebéraõ as boas mulheres a nova com grande alegria, naõ ficando os Padres de S. Franciſco menos goſtoſos, como tambem todo o Povo; porque os Padres Menores ſe conſideravaõ deſafrontados da viſinhança, que lhe impedia o deſafogo do Convento. Ellas por ſe verem livres de pleitos, e o Povo porque venerava muito a ſanta vida daquellas virtuoſas Servas de Deos, dezejandolhe a ſua quietaçaõ.

CAPITULO XXIII.

Mudaõ-se as Reclusas do lugar da Senhora da Abóbeda solemnemente, para o sitio da Magdalena; e da-se noticia de como se lhe introduzio o nome de Donas.

LOgo que se concertáraõ as cazas do sitio da Magdalena, e estando jà com alguma fórma de Mosteiro, que se fabricou com a brevidade possivel, se transplantáraõ para elle as Reclusas acompanhadas da Cõmunidade do Convento de S. Domingos, e do mais luzido Povo da Villa, applaudindo com grande alvoroço aquelle triunfo do Ceo Dominicâno. O numero das primitivas Religiosas que fizeraõ esta transmutaçaõ, foy o de vinte e duas, confórme as memorias que achou Fr. Luis de Sousa, donde tirou o que escreveo, e eraõ estas: Maria Domingues a Castelhana: Tareja Martins: Maria Martins Pereira: Estefania Bassinha: Maria Pires Bassinha: Catharina Pires: Maria Giraldes: Maria Garcia: Elvira Fernandes: Esteva Joaõ: Tareja Vicente: Maria Soeira: Elvira Páes: Maria Joaõ Pachárra: Garcia Martins: Maria Fernandes Batelaria: Ouroana Catanha: Mayor Valasques: Domingas Joaõ: Maria Paula: Tareja Affonso: D. Enxemna. Qual destas vinte e duas fosse a Prelada naõ hà

Dd certe-

certeza, e só se infere, que seria Maria Domingues, chamada a Castelhana, assim pela razaõ de estar ella nas mesmas memorias da Ordem tida por Santa, como por andar nellas nomeada em primeiro lugar: mas isto saõ só inferencias que sempre ficaõ duvidósas. O anno em que foy esta mudança para o Sitio da Magdalena, entendemos com certeza por successos sabidos, que foy do de 1280 para diante.

Tanto que se viraõ as Reclusas no seu novo, e proprio Convento, respiráraõ, alegrando-se muito, como quem tinha achado jà o socego que buscavaõ, entendendo ter esta gloria por premio das opressoens que recebèraõ nas contendas passadas. E juntamente tinhaõ em grande preço de seu gosto o novo lugar q̃ possuiaõ, por ter jà antes de o povoarem o titulo de S. Domingos, ao qual lhe acrescentou depois o Povo mais o das Donas, q̃ he o seu distintivo por onde realmente se conhece este Mosteiro. Varias interpretaçoens se tem dado nos nossos dias, e em todo o tempo sobre o dizer-se donde lhe vem o nome de Donas, que sempre athè hoje dà o vulgo às Religiosas deste Convento, o que curiosamente por naõ deixarmos em silencio esta circunstancia, tocaremos aqui de passagem a verdadeira, e ultima razaõ, que nos parece ser mais adequada, ainda que alguns Authores lhe daõ muitas etymologias diversas.

Havia jà antes das Emparedadas vírem para

este

eſte Convento tres Igrejas neſta Villa, com o titulo todas tres de S. Domingos, as quaes eraõ, a de Monteiràs na Ribeira aonde primeiro começáraõ os Padres Dominîcos a edificar Convento quando vieraõ de Monte Junto, cuja memoria largamẽte expenderemos em ſeu lugar, quando fallarmos nos Conventos que exiſtem no diſtrito da Freguefia do Salvador. A ſegunda he onde eſtà o Convento dos ditos Padres; e a terceira he eſta de S. Domingos das Donas. E para haver diſtinçaõ entre humas e outras, começou logo o Povo a nomear, huma S. Domingos de Monteiràs, outra S. Domingos dos Frades, porque na Ribeira jà naõ aſſiſtiaõ eſtes Padres, e a eſta do Sitio da Magdalena, depois que para ella vieraõ as Recluſas, lhe deraõ o cognome de S. Domingos das Donas, que he a palavra que aqui devemos declarar donde veyo. Muito anda hoje na praxe darem eſte nome *Donas* às mulheres viuvas, ou ſejaõ nobres, ou mecânicas; ſendo *Dóminas* no Latim, que he donde ſe diriva, o meſmo que dizer *Senhoras Donzellas*; e por eſte caminho naõ ſe póde iſto provar bem, por andar viciada univerſalmente a ſua ſignificaçaõ: mas ſabemos que em Roma, Cabeça do mundo, ſempre foraõ, e ſaõ tratadas as mulheres moças, e donzellas, principalmente as mais nobres, por eſte nome: ou por ſe dar mais eſtimaçaõ à mocidade pelo natural defeito que ſentimos na velhice, ou porque em toda a bem ordenada Rè-

 publica

publica, a nobreza he a que nella manda, e a governa. E principiando nas moças donzellas este titulo nos tempos antigos, foraõ os mais modernos applicando-o a todas as mulheres nobres, sem fazerem distinçaõ de idades.

Sendo pois este nome *Donas* dirivado de *Dóminas*, que inculca nobreza, por vir no seu principio de moças donzellas nobres, depois que se instituíraõ Conventos de Freiras, a ninguem com mais propriedade se devem attribuir estes dous titulos que às Religiosas delles. De nobres, porque da nobreza pela mayor parte se povoaõ os Mosteiros que se adornaõ da veneranda Republica feminil; ou porque servir a Deos he verdadeira nobreza. De donzellas, porque este estado, e idade he o que mais póde merecer veneraçaõ, quando por fogir do mundo (que he o que mais agrada ao Senhor delle) se metem na clausura, para se fazerem esposas de Christo, pois nenhuma mulher póde ter mayor nobreza. E bem entendido fica, que este titulo de *Donas*, que os naturaes de Santarem deraõ a estas suas Reclusas, ou Religiosas antes, e depois de recolhidas no novo Convento, o qual hoje conservaõ suas successoras, foy huma propria fráse da cortezia entre os que com respeito sabiaõ tratar a nobreza, e a virtude. E por onde mais se póde entender que com propriedade lhe assenta bem este titulo de *Donas*; he porque o mesmo Mestre Geral de toda a Ordem Dominicana,

câna, por dar proprio exemplo à virtude, quando as incorporou, e recebeo ao ſeu dominio, em todos os Breves Latinos que lhe expendeo, lhe chama *Dóminas*, que por eſte principio quando naõ houvera outros motivos taõ juſtificados, ſempre ficariaõ eſtas Religioſas poſſuindo eſpecialmente o nobre, e grave epitéto de *Donas*, para lhe ſer devida toda a veneraçaõ de Senhoras. Pois eraõ nobres pelos predicados de que as dotou a Divina Omnipotencia: naſcéraõ eſtimadas nas áras populares pelas nobrezas, e muito mais o foraõ pelas virtudes; ajuntoulhe a natureza no deſvello da fortuna, o deſempenho da graça, porque nellas admiravaõ todos com igual aſſombro os realces de ſeus voluntarios ſacrificios, nos holocauſtos do Divino amor em que ſe abrazavaõ. Deſprezáraõ as grandezas em que ſe eſtribaõ as vaidades para adorno da gentileza; derribáraõ a opulencia das riquezas, pizáraõ as galas, que apparentes enfeitaõ o mundo, e puzeraõ tudo aos pès de Chriſto ſeu Eſpoſo; de cuja bem ordenada conſonancia ſantamente ſuperáraõ com extremoſos eſpiritos nos agrados de Deos, que a efficacia de ſeos Divinos favores foſſem correlativos de ſeos illuſtres merecimentos.

CAPI-

CAPITULO XXIV.

Como as Reclusas moradoras já no Sitio da Magdalena, alcançárão Breve para serem Religiosas Professas da Ordem do Patriarca S. Domingos.

ACabadas as contendas dos Padres Menores, com a passagem que as virtuosas Reclusas fizerão para o novo Convento; tratárão ellas logo em pôr todo o cuidado no fim das suas mayores esperanças, que erão serem admittidas pela Ordem Dominica, à sua obediencia, governando-se pela sua protecção. E para o poderem conseguir forão fazendo as suas diligencias, mandando efficazes requerimentos aos Capitulos Geraes; o que com justificadas relaçoens fizerão, dando conta do estado do Mosteiro, dos seos apertados encerramentos, do estreito recolhimento, e dos religiosos costumes que observavão, e como nelles procedião. Finalmente, foy ouvido o seu requerimento, primeiro em hum Capitulo Geral, e no segundo se mandou, que se lhe concedesse a licença que pedião, porèm que não fosse ainda approvado senão em terceiro Capitulo: paraque pela dilação conhecessem os aceitantes a constancia, e firmeza com que as pertendentes buscavão a sua Ordem, e se examinasse largamente a devota tenção com que voluntariamente se sugeitavão a guar-

a guardar as apertadas leys da meſma Ordem.

Chegou ultimamente o principio do anno de 1287, em que eſtava jà publicado fazerſe Capitulo Geral na Cidade de Bordéos em França. Fizeraõ a elle logo as Recluſas o ſeu ultimo requerimento, e para perſuadirem cõ mais efficacia a piedade aos Capitulares, acordáraõ que ſeria circunſtancia muito efficàs, apparecer huma dellas no dito Capitulo, requerendo a cauſa de todas, pois aſſim era huma viva carta de toda aquella Communidade. Aſſim o fizeraõ, elegendo de entre ellas huma, chamada *Domingas Joaõ*, a qual jà era de repetidos, e antigos annos; mas ainda que velha, firme na inteireza da diſpoſiçaõ; na qual peſſoa ſe achavaõ dous felices predicados para o intento da facçaõ, que era virtude, e nobreza; porque eſta lhe ſegurava nos imperios de ſenhora, em toda a parte o reſpeito; aquella pelo amor Divino, lhe cõmunicava o valor para vencer taõ ſanta empreza. O Meſtre Geral da Ordem era Caſtelhano, para o qual ſe valéraõ as Recluſas de varias cartas dos principais fidalgos da Corte, buſcando nos ſeos favores abonada protecçaõ. O Senado de Santarem com grande empenho tambem quiz com heroico zelo, proteger o juſto requerimento, acreditando a ſanta menſageira com deprecativas cartas para o dito Padre Geral.

Chegado jà o ſaudavel, e ameno tempo da Primavera, deu principio a boa ſerva de Deos à ſua

à sua jornada, tendo taõ bom successo nella, q̃ alguns dias antes da Pascoa do Espirito Santo chegou a Bordéos; admirando aos Religiosos, e a toda a nobreza da terra a estranha Peregrina, e muito mais se edificáraõ quando souberaõ a gravidade do requerimento a que hia. Com resoluçaõ humilde, e discretas palavras chegou à prezença do Reverendissimo Padre Geral, apresentoulhe as cartas que levava, representandolhe em pouco espaço de tempo o intento da sua jornada, em cujo acto com affavel admiraçaõ rompeo a voz o Geral dizendo aquellas palavras escritas por S. Mattheos, que disse Christo à Cananea: *O' mulier magna est fides tua.* Foy logo o douto Prelado lendo as cartas dos Fidalgos da Corte Portugueza, os quais lhe davaõ as noticias das excellencias da Portadora, apadrinhandolhe juntamente a sua justa pertençaõ; e abrindo a do Senado de Santarem achou nella as seguintes letras, que em Latim principiavaõ da maneira seguinte: *Noverint universi præsentis scripti seriem inspecturi, quod nos, Pretor, Alvâsiles, & Concilium Santaranense &c.* E o que esta carta do Senado diz em Portuguez, he como se segue.

S. Mattheos cap. 15. Euang.

Saibaõ quantos o theor deste escrito virem, que nòs, o Corregedor, Alguasis, Concelho, e Camera de Santarem, por salvaçaõ de nossas almas, e serviço de Deos, e para honra desta nossa Villa, e em particular para augmento do Culto Divino pedimos, e rogamos ao Reverendo, e Religioso Senhor Fr. Munio Mestre

da

da Ordem dos Frades Prègadores ; ou ao Prior Provincial que for de Eſpanha , que haja por bem mandarnos Freiras da ſua Ordem às quaes queremos , e procuramos para ficarem moradoras deſta Villa , e fundarem nella hum Moſteiro , e para a obra delle com o Divino favor offerecemos dar ajuda com effeito , e boa diligencia. Em fé do qual mandámos ſellar eſtas letras com o Sello da Villa. Em Santarem aos dezanove antes das Kalendas de Janeiro da era de mil e trezentos e vinte e ſinco , que reſponde aos quatroze de Dezembro do anno de Chriſto de 1286.

Celebrouſe o Capitulo Geral no anno de 1287. Souberaõ todos os Religioſos Capitulares dos trabalhos das Recluſas , e do eſtado em que eſtavaõ : laſtimáraõſe das afflicçoens da menſageira. Requeriaõ por ella os annos, os bons coſtumes, e a gravidade da peſſoa. Julgouſe em acto de definitorio que o Moſteiro das Recluſas ficaſſe aceito pela Ordem, e incorporado em ſeu governo. Logo ſem eſperar mais dilaçaõ de dilicias , quiz o Geral honrar a heroica Portugueza lançandolhe da ſua maõ o ſeu ſanto hábito na Igreja do ſeu Convento de Bordéos , aſſiſtindo os Padres Capitulares , que eraõ os melhores , e mayores ſogeitos de todas as Provincias da Ordem Dominicâna. E para ſe fazer o acto ſolemniſſimo, aſſiſtio a elle a mayor nobreza daquella terra. Deu muitas graças a Deos eſta boa Serva , por alcançar taõ bom remate ao ſeu requerimento , e dezejando verſe jà em Santarem entre ſuas

Irmãs, apressou quanto pode o despacho dos papeis que eraõ necessarios, e recebendo a bençaõ do Padre Geral, e as respostas das cartas que lhe tinha levado, partio para Santarem com a Patente seguinte, que he o ultimo despacho com que foy aceito pela Ordem o dito Convento das Donas desta Villa, cuja Patente em Latim principia neste theor.

Noverint Universi præsentes litteras inspecturi, quod nos Frater Munio Magister Ordinis Fratrum Prædicatorum, licet indignus: Et Priores Provinciales &c. E a declaraçaõ de toda a Patente em Portuguez, he na fórma seguinte: = *Saybaõ quantos as presentes letras virem, que nòs Fr. Munio Mestre da Ordem dos Frades Prègadores, ainda que indigno: e os Priores Provinciaes das Provincias de França, Romania, Alemanha, Bohemia, Polonia, Grecia, Proença, Lombardia, Inglaterra, Ungria, e Dacia, todos Definidores do Capitulo Geral celebrado em Bordéos no anno do Senhor de* 1287, *acordámos agora, e houvemos por bem de ratificar, e com authoridade destas letras confirmar aquillo mesmo que jà estava por hum Capitulo Geral começado, e por outro aprovado, e julgado por conveniente e acertado, assim para augmento da Religiaõ, como para aproveitamento das almas, em quanto toca ao requerimento das nossas Irmãas moradoras no Mosteiro da Villa de Santarem, situado fóra dos muros, à porta que chamaõ de* Manços, *junto com a Ermida de Santa Maria Magdalena do Bispado de Lisboa: pelo qual pertendiaõ ser recebidas debaixo da admini-*

miniſtraçaõ da noſſa Ordem, e incorporadas nella. E em teſtemunho deſta confirmaçaõ, que aſſim fazemos, eu o ſobredito Meſtre de parecer, e beneplacito dos ditos Definidores, as preſentes letras ſis authorizar, e corroborar com noſſo Sello pendente. Dada em Bordéos no anno do Senhor, e no Capitulo Geral atras declarados. Aſſim mais ordenamos, queremos, e outorgamos, que nem a Prioreſſa, nem o Convento por ſi, nem todas as Freiras juntas em corpo de Communidade, nem cada huma por ſi, poſſaõ ſem licença do Meſtre da Ordem dar, ou doar, ou trocar couza alguma que paſſe do valor de ſinco libras da moeda Portugueza. O que entendemos aſſim de bens mòveis, como de rais; e aſſim dos que pertencem ao commum do Convento, como dos que as Donas, ou Soróres em particular poſſuem para ſuas carencias, por licença de ſeu Prior ou Vigario. E neſte caſo, que a nòs rezervamos, poderà tambem diſpenſar o Padre Provincial, ou qualquer outra peſſoa que noſſa communicaçaõ tiver.

Tendo Domingas Joaõ já recebida eſta Patente, que acabámos de eſcrever, deu logo Ordem a diſpor a ſua retirada, e porſe a caminho pelos meſmos paſſos poronde tinha hido; e como vinha com grande goſto do bom deſpacho que trazia, em breve tempo chegou a Santarem; e entrando no ſeu Convento das Donas, foy recebida das ſuas companheiras com aquelle alvoroço que daqui ſe poderà entender, e ſeria taõ invejada pelo ſacrificio que fes, como pela gloria do triunfo que alcançou, ſendo a primeira

professa daquella Communidade que recebeo o hábito das proprias mãos do mesmo M. Geral da Ordem. Mostrou logo Domingas Joaõ a todas huma carta que trazia do dito Prelado para o Padre Fr. Gonçalo Origiis, que estava morador no seu Convento de S. Domingos dos Frades da mesma Villa, em a qual dava poder ao dito Padre para o governo do novo Mosteiro, e professar as Religiosas delle; por cuja carta ficáraõ as Reclusas com novos dezejos, e grandes alvoroços de se verem brevemente no mesmo estado em que viaõ a sua companheira.

CAPITULO XXV.

Da-se a noticia de como o Padre Fr. Gonçalo Origiis da Ordem dos Prègadores teve licença do Capitulo Geral para professar as Reclusas do novo Convento, e estabelecerem a regular observancia.

COstumado foy sempre o Convento de S. Domingos dos Frades da Villa de Sãtarem em crear grandes Religiosos em virtudes, e letras: delles foy hum o Padre Gonçalo Origiis: era Religioso de mayor idade, a qual lhe authorizava o relevante do juizo, e a natureza com os exemplos de bons costumes lhe fazia a virtude manifesta. Na carta que lhe enviou o Padre Geral por Domingas Joaõ, lhe mandou, que tivesse o poder para governar as Freiras do

novo

novo Mosteiro com o titulo de Prior, a cujo lugar chamaõ hoje *Vigairaria.* E como para semilhante observancia he muito necessario haver na caza pessoas criadas nos berços das perfeitas leys, que continuem os bem ordenados exercicios religiosos; tambem para este effeito lhe mandou a ordem de trazer para alli duas Religiosas do Mosteiro de S. Felis de Chellas (que naquelle tempo era de Religiosas Dominicas) as quais pederia em seu nome à Prioressa: e dellas instituiria huma em Prioressa do dito novo Mosteiro, e logo lançaria o hábito de noviças a todas as Reclusas, e lhe faria as profissoens a seu tempo. Vieraõ logo as Religiosas do Convento de Chellas sem dilaçaõ alguma, que se chamavaõ, Dona Maria Mendes de Ansiaõ, e Dona Estevainha Bassinha, e foraõ com grande instancia pedidas pelas de Santarem; que naõ socegávaõ em quanto senaõ víaõ já entradas no seu anno de noviciado. Porèm naõ conseguíraõ a conclusaõ deste dezejo, porque naõ quiz Fr. Gonçalo Origiis, nem parecia bem, que se começasse nelle o rigor da observancia religiosa, em quanto tinha faltas o edificio para se constituir verdadeira, e proporcionada clausura. Com todo o cuidado se começou logo a trabalhar no que mais convinha, a fim de se aperfeiçoar o que estava jà principiado, e fazerse de novo o que era mais preciso.

Estando acabado o que foy necessario para regu-

regular claufura, vefpera de Pentecoftes no anno de 1290, confirmou o Padre Fr. Gonçalo Origiis em primeira Priorefla, a Madre Dona Maria Mendes de Anfiaõ. Começáraõ logo a correr todas as couzas do Mofteiro em perfeita, e regular obfervancia, guardando-fe à rifca as bem ordenadas Conftituiçoens, com notavel alegria das Religiofas, e de todo o povo da Villa. Conheceo-fe juntamente a grande caridade dos moradores daquella populofa rèpublica em lhe acodirem muitos com largas efmolas, naõ fó para ajuda do fuftento corporal, mas tambem paraque continuaffem as obras, e fe aperfeiçoaffe o edificio, fendo algumas das efmolas em bens de rais para perpetua renda. Havia na mefma Villa huma fenhora principal chamada *Dona Eftevainha Pires de Cafevel*, que della achámos graves noticias no mefmo Mofteiro, a qual fe affeiçoou tanto às ditas Religiofas, que tomou à fua conta mandarlhe fazer defde o fundamento a Igreja que hoje exifte, e foy taõ ambiciofa de fer ella fó a que fizeffe completa efta grande efmola, que por fallecer antes da Igreja fe acabar de todo, lhe deixou hum legado de quinhentas libras com que fe acabou, e fe pos na ultima perfeiçaõ; e por fer Dona Eftevainha fingular no difpendio defta obra, foy feu corpo enterrado na Capella mayor da mefma Igreja.

Tem a Capella mayor huma tribuna de talha moderna dourada, e na boca da mefma tribuna tem

tem em todo o tempo que ſe naõ expoem o Santiſſimo, hum painel que ſe repreſenta a Cea de Chriſto Senhor Noſſo com os Diſcipulos, que he huma admiravel pintura. Naõ tem mais eſta Igreja que duas Capellas fóra a mayor, das quais eſtà huma em cada lado do cruzeiro ambas correſpondentes à face, e tem dous coros ambos fronteiros à Capella mayor, hum fica igual com o pavimento da Igreja, e por cima deſte outro, que he aonde ſe canta, e reza o Canonico do Officio Divino. He hoje a Capella mayor deſta Igreja jazigo dos Excellentiſſimos Condes de Unhaõ, ſendo o aſcendente deſta illuſtriſſima familia que primeiro a poſſuio Manoel Télles de Menezes Commendador das Villas do Campo de Ourique da Ordem de San-Tiago, em cuja Capella nos lados das paredes eſtaõ dous caixoens de boa pedra com as inſcripçoens ſeguintes: o da parte do Evangelho diz aſſim: = *Dom Martim Affonſo de Caſtro, filho dos Condes de Monſanto, D. Antonio de Caſtro, e Dona Ignes Pimentel, General das Galès deſte Reyno, Vice-Rey da India, no anno de* 1604, *deſcercou Malàca do grande cerco que padecia dos Malayos, e Olandezes, em Mayo de* 1607. *Falleceo pouco depois na meſma Cidade de* 47 *annos. Dona Margarida de Távora mandou fazer eſte piedoſo depoſito a ſeos oſſos, e de ſeu filho D. Jorge Luis de Caſtro, que morreo nas guerras de Itália, e para ſeu jazigo perpetuo, e de ſeos deſcendentes no anno de* 1649. Sobre eſte Tumulo eſtà huma Cruz gravada, e

na

na parte que lhe serve de calvario se lèm estas letras: = *Domine JESU Christi Filii Dei vivi, pone Passionem, Crucem, mortem tuam, inter judicium tuum, & animam meam*, e da parte da Epistola o outro letreiro diz o seguinte: = *Sepultura de Fernaõ Télles da Silveira primeiro Conde de Unhaõ, que mandou reedificar esta Capella de seos Avòs, e de sua mulher Dona Francisca de Castro, filha de Dom Martim Affonso de Castro, e de Dona Margarida de Távora*. E sobre este Tumulo està a seguinte inscripçaõ: = *Salvator mundi salva nòs, qui per Crucem, & Sanguinem redimisti nos.*

CAPITULO XXVI.

Da-se a noticia de como os Padres Marianos da Provincia deste Reyno de Portugal fundáraõ neste Villa de Santarem o seu Convento.

ENtrando o anno de 1646, que no assumpto em que vamos foy anno felice para a Villa de Santarem, por lhe dar Deos mais a companhia de huma perfeitissima Religiaõ, q̄ como novo Sol allumiou esta Villa com os rayos de exemplares virtudes. Era isto no tempo que reinava em Portugal o felicissimo, e sempre invicto restaurador da patria D. Joaõ o quarto, tendo o regimen supremo da Igreja o Santissimo Padre Innocencio decimo, e sendo Provincial da santa Provincia Carmelitana reformada neste

Reyno

Reyno o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo D. Fr. Sebaſtiaõ da Conceiçaõ, eleito Arcebiſpo de Meliapôr. Neſta era permittio a Providencia Divina ſe viſſem compridos os ſantos dezejos, que para mayor gloria de Deos tinhaõ os venerandos Padres Carmelitas Deſcalços de fundarem hum Convento da ſua Ordem em Santarem. O meſmo dezejava toda a nobreza, e povo da meſma Villa, e para logo ter principio, com ſanta vontade, e generoſo animo ſe offerecéraõ para Padroeiras da pertendida fundaçaõ, as Excellentiſſimas Senhoras, Dona Magdalena de Lancaſtre Condeſſa de Fáro, e ſua Filha Dona Juliana Maria Duqueza de Caminha, cujas Senhoras na carreira de ſuas vidas emparelháraõ ſempre com o illuſtre do ſangue, a virtude de ſuas heroicas açcoens. Havidas as licenças neceſſarias em tudo o que ſe determinava fazer, partíraõ para eſta Villa, aonde chegáraõ dia de San-Tiago vinte e ſinco de Julho do referido anno, os Padres Fr. Alberto de Jeſus Maria: o Padre Fr. Miguel da Madre de Deos: o Padre Fr. Manoel da Cruz: o Padre Fr. Franciſco do Santiſſimo: o Padre Fr. Lourenço de Jeſus, e por Vigario da nova fundaçaõ, o Reverendo Padre Fr. Diogo de S. Jozè. Logo foy eſte Padre Vigario dar parte ao Excellentiſſimo Senhor Fernaõ Telles, primeiro Conde de Unhaõ da ſua chegada; e ajuſtando ambos o que ſe havia de obrar, o meſmo Senhor o proveo de tudo o neceſſario pa-

ra o decente ornato do Altar.

Disposto tudo na melhor fórma possivel, e brevidade que o tempo permittia, se foy o Padre Vigario recolher com os seos Religiosos nas cazas de seu sobrinho Diogo de Saldanha de Sande, sitas no largo que fica junto à Porta de Manços, distrito que he da Freguezia de S. Nicolao. Nas ditas cazas (que saõ grandiosas) e na grande sálla que fica em cima no fim da varanda, compuseraõ Igreja, ornando-a com os paramentos necessarios, e tomáraõ posse dizendo alli a primeira Missa o V. P. Fr. Miguel de S. Jeronimo, a cujo acto assistio o Senado da mesma Villa, o R. Vigario Geral, o Conde de Unhaõ, e toda a sua familia, Diogo de Saldanha, e a S. D. Catharina Pereira sua mulher, sendo esta acçaõ em o dia da gloriosa S. Anna a 26 de Julho do sobredito anno de 1646. Vivéraõ nestas cazas de Diogo de Saldanha os ditos Religiosos com grande edificaçaõ do Povo em santa vida, athè o anno de 1648, em que se mudáraõ para o sitio onde hoje vivem, o qual lugar se chamou sempre da *Pedreira*, sito no distrito da Freguesia de N. Senhora de Marvilla, que fica desta Igreja Matriz para a parte do Nordeste setenta passos, com pouca differença. Onde vencidas as difficuldades, que havia na venda das cazas de D. Fernaõ Mascarenhas Conde da Torre, e composto o mais q̃ tocava àquelle lugar com os Monges de S. Bernardo do Convento de Alcobaça, por ser prazo do

mesmo

meſmo Moſteiro, ſe fes a mudança do Santissimo Sacramento para o novo Convento huma terça feira, outo de Dezembro dia da Puriſſima, e Immaculada Conceiçaõ da Mãy de Deos do referido anno de 1648. Deraõ as Excellentiſſimas Senhoras Padroeiras dous mil cruzados para ajuda da compra das cazas, e ſitio, o qual dinheiro ſe offertou a tres de Agoſto de 1649, ficando todo aquelle circuito livre, e deſembaraçado para os Padres continuarem a operaçaõ do ſeu Convento.

Neſte referido ſitio da Pedreira começáraõ logo os PP. Marianos com ſumma applicaçaõ nas ditas cazas q̃ foraõ do Conde da Torre o ſeu novo Convento. E em quãto naõ tiveraõ poſſes para fundar de novo Igreja, a fizeraõ em huma loge comprida, a qual ornáraõ com muito aceyo; nella fizeraõ coro alto à entrada, e com toda a perfeiçaõ beneficiáraõ os Officios Divinos. Era por entaõ limitado o cõmodo de dormitorio, e cellas, porèm pelo tempo adiante, paſſando os annos, foraõ fabricando o Convento em tal fórma, que he hoje hum dos mayores que tem a ſua Provincia. Fica ſituado entre o Oriente, e o Norte, e poriſſo goza de ares ſalutiferos. O lugar em que tem o ſeu aſſento he eminente para a parte do Nordeſte a hum grande, e dilatado valle por onde ſe deſce para o Tejo, e a grande povoaçaõ, a que chamaõ *Ribeira*, correndo o Convento por cima das muralhas que fechavaõ

Santarem, e para a parte da Villa ao Noroeste, fica igual com o seu pavimento.

Logra-se deste Convento hum agradavel objecto à vista, porque dalli para a parte do Oriente se està vendo em distancia mais de huma légoa a Villa de Almeirim com todo o ameno de seos verdes, e dilatados campos, que tudo está entresachado em differentes lugares, cazaes, e quintas apraziveis. Vem-se tambem para a parte que fica entre o Norte, e o Nordeste, os deliciosos pomares da celebrada Asacaya com as vinhas de Alvisquer, e seu estendido campo, e juntamente se està comprehendendo com a vista quasi toda a povoaçaõ da Ribeira que lhe fica ao pè do monte com todos os seos edificios. Estando jà o corpo do Convento com as officinas necessarias para o commodo dos Religiosos, edificáraõ de novo sumptuosa Igreja, para cuja obra concorréraõ muitas pessoas devotas, que eraõ freguezes naquelle distrito de Nossa Senhora de Marvilla, a qual se acabou pelos annos de mil setecentos e sete. Celebrouse nella hum Triduo com notaveis festejos, e no dia em que se mudou o SANTISSIMO SACRAMENTO, se ordenou huma grande e vistosa Procissaõ com grande pompa. Tem esta Igreja a sua porta principal fronteira ao Poente, com o seu frontespicio, q̄ he fundado sobre tres arcos de pedraria lavrada, fazendo atrio coberto, sobre o qual fica o coro. He esta Igreja de mediana

diana eſtatura feita pela meſma medida, e riſco, das mais, que eſta Religiaõ tem em todas as da ſua Provincia, ſendo todo o tecto de abobeda de tijolo, de huma ſó nave, com as Capellas do corpo da Igreja metidas para dentro, e as collaterais à face. He o cruzeiro eſpaçoſo, e por extremo alegre, e claro com a Capella mayor, q̃ fas proporcionada cabeça ao corpo de todo o ſeu perfeito artefecto. E o numero de Religioſos, que ſempre coſtuma ter eſta Caza de morada, ſaõ trinta e ſinco com pouca differença: os quaes neſta Igreja continuamente de dia e noute ſe eſméraõ em dar decente culto a Deos, fazendo juntamente muito bem às almas daquelle povo nos pulpitos, e nos confeſſionarios.

HISTO-

HISTORIA
DE
SANTAREM EDIFICADA
LIVRO II.
Das Noticias de ſuas Antiguidades.
CAPITULO I.
Em que ſe dà noticia do que pertence à Igreja de Santo Eſtevaõ do Santiſſimo Milagre deſta Villa de Santarem.

ESTA Igreja, que he Paroquial, e dedicada ao Proto-Martyr S. Eſtevaõ, exiſte no mais alto ſitio de Santarem dentro dos muros que cercaõ a principal povoaçaõ deſta Villa, da parte do Sul confina com a Freguesſia de S. Juliaõ, ficandolhe a de S. Nicolaõ ao Norte. O anno da ſua erecçaõ, naõ o pudemos deſcobrir com individual certeza, porèm como ſe achou no

no Cartorio della hum pergaminho proceſſado no anno de 1240, onde ſe leo, que naquelle tempo jà o Paroco alli ſe intitulava Prior; e porque conſta do dito Cartorio, que eſta Igreja foy ſagrada em dezaſeis de Fevereiro de 1241, vemos que diſta da tomada deſta Villa aos Mouros pelo noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques noventa e quatro annos, por ſer ganhada no de mil cento e quarenta e ſette, como conſta do letreiro da Ermida de S. Miguel em Alcaçova, que jà fica referido no Cap. 4. do 1. livro deſta Hiſtoria. E como naquelle tempo da ſua ſagraçaõ jà era Paroquia com Prior, ſegue-ſe que com pouca differença ſeria erecta pelos annos de mil e duzentos.

Sempre foy do Padroado Real eſta Igreja, e da apreſentaçaõ das Sereniſſimas Rainhas deſte Reyno. Tem outo Beneficiados, que todos apreſenta o Prior della. Rende o Priorado com frutos certos, e incertos pouco mais de quatrocentos mil reis, de que paga à Igreja Patriarcal de Lisboa outenta de penſaõ annual, tendo tambem obrigaçaõ de ſatisfazer aos Sermoens que prègaõ alli pela Quareſma; e os Beneficios rendem cada hum delles ſetenta mil reis, com pouca differença.

He eſta Igreja de mediana grandeza, compoem-ſe por dentro a ſua formatura de tres naves, com ſinco columnas de cada lado, formadas pela ordem Toſcana em boa pedraria lavra-

da

da: o cruzeiro ſe divide em tres arcos de que naſcem as tres naves, tudo de boa cantaria, tendo eſtes arcos nas ſuas voltas, e nos ſeos ſeguintes eſculpidos nas meſmas pedras em meyo relevo, e mais de meyo relevo, meyos corpos de varias figuras, que he couza ſem dúvida para admirar toda a idéa que ſouber bem avaliar o primor da eſcultura. Tem ſó tres Altares que fazem eſta conta, o mayor, e os dous collaterais; no da parte do Evangelho ſe venera a Imagem de S. Eſtevaõ, e no da parte da Epiſtola a de S. Marçal, ambas de vulto, e bem proporcionadas.

O Altar mayor ſe adorna com huma tribuna de talha dourada, obra moderna, em cujo throno ſe conſerva de morada em hum perfeito Sacrario, aquelle portento das maravilhas, q̃ por antonomáſia neſte Reyno, ſe chama o *Santiſſimo Milagre*, que Deos obrou (quanto à noſſa intelligencia) para avivar a verdadeira Fè aos Catholicos, e confundir os Hereges, que barbaramente negaõ aquella Divina exiſtencia, eſtando alli viſivel aos noſſos olhos, a carne, e o ſangue de Chriſto Senhor Noſſo, para evidente confirmaçaõ da verdade. E paraque toda a peſſoa que entrar neſta Igreja conheça logo o riquiſſimo theſouro, que em ſi encerra, tem debuxado em quatro quadros (dous em cada nave) de boa pintura antiga, o maravilhoſo ſucceſſo deſte milagre. Em o primeiro, que eſtà na nave da parte do Evangelho, ſe vê, que a mulher que fes o

ſacrilego roubo eſtà recebendo da maõ do Sacerdote a ſacratiſſima Particula. No ſegundo quadro que eſtà na meſma nave, vay a ditta mulher com o Santiſſimo involto em a ſua beatilha, diviſandoſelhe na maõ com que lhe péga gotas de ſangue. No terceiro, que eſtà em a nave da Epiſtola ſe repreſenta eſtarem ſaindo os reſplandores da arca aonde eſtava o Divino Sol e muitos Serafins em aquelle meſmo lugar. O quarto que eſtà em a meſma nave conſta da Prociſſaõ com que ſolẽnemente ſe recolheo à Igreja eſte Santiſſimo Milagre; e por baixo do ſegundo quadro ſe acha hum letreiro gravado com letras de ouro em huma lamina de madeira, e he o ſeguinte: *Mandou dourar a Hiſtoria do Santiſſimo Milagre a grande Portugueza Maria Pinta de Gouvea, anno de* 1646. E tem eſta Igreja o ſeu coro em o lugar commum das outras, que he ſobre a entrada da porta principal, adornado, e guarnecido de huma admiravel pintura, couſa moderna dos noſſos tempos.

Foy a ſagraçaõ deſta Igreja a dezaſeis de Fevereiro no anno de 1241, pois conſta do ſeu Cartorio aonde ſe lê hum pergaminho com ſeu Sello pendente; do qual ſe naõ póde bem ler o nome do Biſpo que a ſagrou: e o que contèm o meſmo pergaminho em Latim he como ſe ſegue:

F. Dei miſeratione Regens Epiſcopus univerſis Chriſti fidelibus, ad quos litteræ pervenerint ſalutem in eo, qui eſt omnibus vera ſalus. Litteras venerabilis Ca-

pit.

pit. Ulisbonensis nos recepisse noveritis in hunc modum: Venerabili in Christo Patri & Domino. F. Dei gratia regenti Episcopo Capitulum Ulisbonense reverentiamus cum salute. P. Mendi, Clerici, & Parochiani Ecclesiæ Sancti Stephani Santariensis nobis suis litteris intimarunt quod vos ob reverentiam Beati Stephani vultis ipsam Ecclesiam consecrare; dummodo vobis super his à nobis licentia concedatur propter dominationem vestram duximus attentius deprecandam, quatenus si placet dictam Ecclesiam dignemini consecrare, & alias quæ reconciliatione indigent reconciliare, confirmandos crismate confirmare, & ad consecrationem venientibus indulgentiam concedere quam Paternitas vestra viderit expedire, ad alia etiamque ad opus Ecclesiarum occurrerent consecranda. Nos etiam ad hæc omnia facienda Paternitati vestræ licentiam tribuimus..... autem mandati nostri noveras consecrasse Ecclesiam supradictam Sancti Stephani anno ab Incarnatione Domini millesimo ducentesimo quadragesimo primo XIV. *Kalendas Martii concedimus omnibus venientibus ad ipsam Ecclesiam vere pœnitentibus, & confessis in ejus dedicatione sive anniversario quolibet, & in perpetuam* XL. *dies de debita sibi pœnitentia, & misericorditer relaxantes, & ut his omnibus supra scriptis adhibeant fidem plenariã nunc & semper cartam istam Sigilli nostri munimine roboratam, Priori prædictæ Ecclesiæ tradimus in testimonium veritati. Datam apud Santarem nonis Martii. Anno Domini* 1241.

Cum Sigillo ceræ rubræ, & ibi Sigillum Episcopi: S. E. *regens.*

O principal argumento que tirámos da leitura desta carta da dita sagraçaõ he, que foy sagrada a dezaseis de Fevereiro no anno de 1241, e que todos os fieis Christãos que visitarem esta Igreja no dia da sua Dedicaçaõ: *Vere pœnitentibus & confessis*, isto he verdadeiramente contritos, e confessados, ganhaõ quarenta dias de perdaõ das suas culpas, cada hum anno para sempre; e que este Breve se publicou em Santarem a sette de Março, sendo a letra *F.* que està no principio do Breve, letra inicial, entendida pelo nome do mesmo Bispo, que fes esta sagraçaõ, e naõ podemos dizer ainda com clareza este nome, porq̃ no titulo do pergaminho se naõ deixa bem conhecer; porèm no Sello pendente q̃ està no dito pergaminho se vè a effigie do Bispo; e em circulo as seguintes letras I. S. EPISCOPVS: REGENS.

CAPITULO II.

Da notavel maravilha da Hostia consagrada succedida nesta Igreja de Santo Estevaõ em Santarem.

SUpposto que muitos dos escritores com elegantes rethóricas, tem relatado o estupendo prodigio do Milagre que deu o segundo titulo a esta Igreja, proprio he desta nossa escritura referir a authentica historia que està no seu Cartorio, lançada em pergaminho na lingua Latina, em hum livro enquadernado com pasta de veludo verde, de cujas letras as verbas essenciais saõ as seguintes.

De-

Depois do Naſcimento de Chriſto Senhor Noſſo no anno de 1247, e naõ como mal informado eſcreveo Máriz, que ſupponho mandou ver, e naõ examinou per ſi proprio, na hiſtoria dos dous Milagres de Santarem a folhas 34 aonde diz, que eſte caſo ſuccedeo no anno de 1266, em cujo erro cahio tambem o Author dos Agiologios Luſitanos no primeiro tomo, letra *A.* no Commentario folhas 451, que o devia de ſeguir, e para a noſſa opiniaõ ſer mais certa, he mais verdadeira teſtemunha aquelle antigo pergaminho eſcrito no meſmo tempo em que Deos quiz fazer manifeſto eſte ſeu milagre.

Georg. Cardoſo 16. de Fevereiro.

Foy pois o caſo deſta maravilha, que reinando em Portugal por eſtes annos D. Affonſo o terceiro do nome, no anno referido morava neſta Fregueſia de Santo Eſtevaõ em huma rua eſtreita, que ainda hoje lhe chamaõ *das Eſteiras*, huma mulher de baixa esféra, a qual vendo-ſe desfavorecida de ſeu marido, que a tratava com muita aſpereza, e peloque ſe entende andaria mal encaminhado com outra. E como ella ſe via taõ deſconſolada, dezejava muito ter o amor, e graça de ſeu marido, para o que deſafogou hum dia a ſua queixa a huma ſua comadre, que era de naçaõ Hebrea, à qual revelou tudo o que neſte particular lhe dava tanto que ſentir. A diabólica judia com induſtrioſa maldade lhe diſſe, que ſe queria que ſeu marido lhe tiveſſe muito amor, e a trataſſe como ella queria, foſſe

à Igre-

à Igreja para commungar, e que ſem peſſoa alguma a ver, tiraſſe da boca a Particula, e a embrulhaſſe na ſua meſma beatilha, e trazendolha com todo o recato, ella lhe prometia, que dalli pordiante ſeu marido lhe deſſe boa vida, e a amaſſe com extremoſos carinhos.

Taõ ſimples, como temeraria, aquella triſte mulher levada dos enganos da outra, facilitoulhe a ſua ignorancia, que por aquelle caminho poderia achar o remedio a ſeu mal, foy à Igreja de Santo Eſtevaõ, que era ſua Freguesia, commungou nella a Divina Particula; e com ſacrilego atrevimento a tirou da boca, e a embrulhou na beatilha, e logo caminhando com acelerados paſſos, foy para entregar aquelle Sagrado Paõ dos Anjos nas mãos daquella inimiga da noſſa ſanta Fè. Porèm paſſando por huma traveſſa, que hoje eſtà tapada, aonde ſe vê na parede que cahe para a rua chamada *do Milagre*, huma Cruz de azulejo muito antiga, junto da qual eſtaõ humas figuras pintadas na meſma parede, que agora mal ſe percebem ſuas cores, cuja Cruz, e pintura ſe pos alli para memoria deſte eſtupendo caſo; como eſta mulher chegou àquelle lugar, quiz o meſmo Senhor, que por noſſo remedio foy ſervido limitar ſua immenſidade debaixo de hum breve compendio das eſpecies ſacramentaes, ſogeitando-ſe às noſſas irreverentes deſcortezias, mas neſta occaſiaõ (por inexcrutaveis ſegredos ſeos) fes manifeſto aquelle

le ſacrilego roubo, permittindo, que daquella ſagrada Hoſtia ſahiſſe ſeu precioſo Sangue taõ publicamente manifeſto, que correndo pelas dobras da beatilha que levava a mulher, deu motivo a ſer perguntada das peſſoas que a viraõ, dizendolhe, que feridas eraõ aquellas que vertiaõ tanto ſangue; ella entendendo, q̃ ſe continuaſſe outras ruas, ſeria mais manifeſto o ſeu execrando delicto, com perplexos paſſos rompeo os laços ao temor, e retrocedendo o caminho, ſe foy meter em ſua caza, aonde na pobre clauſura de huma toſca arca fechou taõ ſagrado depoſito, ficando indeterminada no que dalli por diante faria.

Chegou a noute, e a hora em que ſe recolhéraõ, mulher e marido, que dormiaõ na meſma caza em que eſtava a dita arca, e quando jà tinha paſſado o primeiro ſomno, acordou o marido (ignorante do que ſe tinha paſſado) vio a caza chea de clariſſimos reſplandores, com odoriferos cheiros; applicou a viſta para ſaber onde eſtava o manancial de taõ luzentes rayos, e conhecendo, que da arca procedia tudo, perguntou à mulher: que tinha alli encerrado. Ella porque jà naõ podia encobrir a ſua culpa, lhe diſſe todo o ſuccedido com as ſuas circunſtancias. Tanto que amanheceo foy o marido à Igreja, denunciou o que paſſára aos Clerigos, os quaes logo com elle convocáraõ a mayor parte do Povo da meſma Freguеſia, e todos juntos foraõ à

caza

caza aonde ſuccedeo o milagre, de cujo lugar, com pompoſa ſolemnidade foy trazido o Corpo de Deos para a dita Igreja, envolto na meſma beatilha, vendo-ſe nella o ſangue na propria fórma em que fora achado, o que tudo prezenciou aquelle Povo que alli eſtava.

Depois diſto deuſe ordem com toda a brevidade a purificar a arca de algum ſangue, que nella eſtava, o que ſe fes com cera, em que ſe embebeo o ſangue, e de que ſe fes a primeira Cuſtodia em que ſe adorou a Sagrada Particula. Mas naõ parárraõ ainda aqui os effeitos deſta maravilha, porque paſſados alguns annos, querendo o Paroco da dita Igreja moſtralo ao Povo, achou que eſtava a Sagrada Hoſtia recolhida em huma miraculoſa ambula criſtallina, cuja materia ſe fas incomprehenſivel aos mais peritos lapidarios, da qual invençaõ ficáraõ todas as peſſoas que alli preſentes eſtavaõ atónitas, e admiradas; pois naõ acháraõ na ambula, que he quaſi de fórma esférica, parte alguma por onde ſe lhe podeſſe introduzir no centro della a celeſtial Particula, ſenaõ ſendo por artificio Angelico. E o que ſe póde daqui entender he, que quiz o Senhor uzar neſte cazo da incomprehenſivel ſubtilidade de ſeu glorificado Corpo, penetrando aquelle criſtal, aſſim como o Sol fas nos corpos diáfanos.

Eſta maravilha ſe moſtra todos os annos aos fieis, que devotamente de toda a parte concor-

rem

rem à ſua Igreja, porèm em dias para iſſo determinados, os quais ſaõ os tres da Paſcoela; Sabbado, Domingo, e Segunda feira. Na Dominga do Bom Paſtor, e na primeira Outava do Natal, que he o dia do Orago deſta Paroquia, o glorioſo Proto-Martyr Santo Eſtevaõ; e naõ ſendo neſtes dias, ſó ſe moſtra a quem leva licença do Cabido da Sè Oriental de Lisboa.

Muitas maravilhas ſe tem viſto pelo diſcurſo dos annos, que tem obrado eſta Divina Particula, pois as temos viſto, e ouvido a peſſoas graves dignas de muito credito: a mais notavel he, que ſe tem repreſentado dentro daquella ambula aos olhos dos que a chegaõ a ver, varias figuras, confórme a devoçaõ de cada qual, porque huns diſſeraõ, q̃ víraõ alli dentro a Chriſto nos braços de ſua Mãy Santiſſima: outros, que ao meſmo Chriſto crucificado: outros, que coroado de eſpinhos: outros, que atado à columna, cujas repreſentaçoens deixáraõ varios Authores referidas em ſeus eſcritos.

Eſta Divina Particula ſe vè ſer pouco mayor das que hoje ſe daõ a commungar ao Povo; porèm he muito mais groſſa, vendo-ſe nella ter carne e ſangue, parte delle rubicundo, e parte mais denegrido, ſendo toda a mais fórma branca; e tambem ſe diviſaõ no fundo da ambula, diſtintas humas gotas de ſangue ao pé da Particula. Eſta miraculoſa ambula eſtà hoje engaſtada em huma perfeita Cuſtodia de prata doura-

da que terà a altura de dous palmos, em a qual ſe expoem aquelle Divino SACRAMENTO no meyo do cruzeiro da Igreja, nos dias que ſe moſtrà ao Povo.

No meſmo tempo em que ſuccedeo eſte milagre, houve grande controverſia no Povo deſta Villa, em requerimẽtos do lugar onde ſe poriaõ taõ grandes reliquias. Diziaõ huns, que naõ deviaõ eſtar na dita Igreja, mas que melhor ſeria, que eſtiveſſem nos Moſteiros dos Prègadores, e dos Frades Menores, que eraõ os dous Conventos que ſó naquelle tempo havia em Santarem, por ſerem os lugares mais decentes para alli ſe venerarem com melhor culto, e magnificencia as ſagradas reliquias. Outros requeriaõ, que na Igreja de Noſſa Senhora de Marvilla por ſer das Freguesias a Matriz, e ſer hum Templo muito grande, e mageſtoſo. Outros, que em a Collegiada de Alcaçova, por ſe officiarem nella com grande pompa os Officios Divinos. Porèm contra tudo iſto pervaleceo a razaõ que tinhaõ os Freguezes de Santo Eſtevaõ, por ſe ſaber que elles eraõ de vida mais exemplar de quantos moradores naquelle Povo entaõ havia, e naõ conſentíraõ, que a ſua Igreja foſſe privada de taõ grande dote, pois della quiz Deos que ſahiſſe aquelle prodigio para ſingular credito da noſſa ſanta Fè. E para que naõ ficaſſem os Religioſos de S. Domingos de todo izentos da poſſeſſaõ deſtas ſoberanas reliquia, pois por eſ-

te

te tempo tinhaõ naquella Villa grande opiniaõ de ſantidade, e ainda hoje a conſervaõ de muita virtude, lhe deraõ a ſanta beatilha, que conſervaõ encaixilhada em criſtal por onde ſe vè o ſangue muito freſco, e rubicundo: e juntamente duas bolinhas daquella ſagrada cera em que ſe recolheo o precioſo ſangue do tamanho de duas ervilhas, ficando na Igreja de Santo Eſtevaõ a mayor parte da cera em piramides de prata bem lavrada com aberturas no lavor, por onde a quem lhe aplica o olfato, exhalla hum celeſtial cheiro taõ incomprehenſivel e deſuzado, que parece fica privado de todos os ſentidos naõ ſó do corpo, mas ainda intellectuaes.

CAPITULO III.

Em que ſe dà noticia de duas Irmandades que hà neſta Igreja de Santo Eſtevaõ, a do Santiſſimo Milagre, e a do Senhor JESUS dos Terços, e mais algumas noticias que pertencem a eſta Igreja.

HE a Irmandade do Santiſſimo Milagre eſpecialiſſima na Villa de Santarem, naõ ſó por ſe compor, e ornar com a nobreza daquella Freguezia, mas tambem por ſe aliſtarem nella muitas peſſoas da meſma terra; e ainda grande parte deſta Eſtremadura, a quem a devoçaõ Catholica convida a participar de muitas indulgencias; e a ſua antiguidade bem tem moſ-

trado hà seculos os privilegios, e indultos que logra quem della se fas Irmaõ.

Conserva-se esta nobre Irmandade com seu Compromisso, que contèm vinte e tres Capitulos com estatutos louvaveis, e bom regimen; tudo concernente ao serviço de Deos. He aprovado pelo Illustrissimo Prelado deste Arcebispado Oriental de Lisboa. E participaõ os Irmãos todas as graças, e Indulgencias que foraõ concedidas à Irmandade do Santissimo Sacramento da mesma Sè Oriental; o que consta por authentico que se acha escrito em pergaminho no Cartorio da dita Igreja de Santo Estevaõ; e juntamente logra Indulgencia plenaria no dia em que entraõ por Irmãos, nas Festas do anno, e na hora da morte: as quaes Indulgencias lhe foraõ concedidas por Bulla Apostolica passada no anno de 1595, governando a Igreja o Papa Gregorio decimo-quarto no primeiro anno de seu Pontificado.

A Irmandade do Senhor JESUS do Terço instituiose na Capella que antigamente era dedicada ao glorioso S. Marçal, que fica da parte do Evangelho; porèm a devoçaõ dos freguezes, quando erigíraõ esta devota acçaõ, tiráraõ a Imagem deste Santo do throno em que estava, e collocáraõ alli huma devotissima Imagem de Christo Senhor nosso crucificado, e ficou dalli por diante a Capella com a invocaçaõ do *Senhor JESUS do Terço*, com esta Imagem sahem os Irmãos

às quar-

às quartas feiras de cada ſemana em Prociſſaõ cantando devotamente pelas ruas de noute o Terço de Noſſa Senhora, e todos os Domingos ſahem com a meſma Prociſſaõ entoando o Terço do Santissimo Sacramento.

Foy erecta eſta Irmandade no anno de 1729, e confirmada pelo Illuſtriſſimo Cabido em 23 de Julho do meſmo anno, como conſta do ſeu Compromiſſo; o qual tem vinte e dous Capitulos bem ajuſtados, para com devotas acçoens ſer bem regido o Divino Culto do meſmo Senhor. He o Altar deſta dita Capella privilegiado em as quintas feiras de cada ſemana por Breve Apoſtolico concedido à dita Irmandade pela Santidade do Papa Benedicto decimo-terceiro no anno de 1727. Tem os Irmãos quando entraõ, Indulgencia plenaria, a meſma no dia da ſua Feſta, que he em o dia de Santo Eſtevaõ, em todas as mais Feſtas do anno, e na hora da morte, por Breve Apoſtolico concedido pelo meſmo Papa Benedicto decimo-terceiro, no anno ſobredito de 1727.

O Prior, e Beneficiados deſta Igreja lograõ o privilegio de ſatisfazerem a reza do Officio Divino, rezando em todas as quintas feiras do anno, naõ ſendo impedidas com o Officio de nove liçoens, do Santissimo Sacramento; por conceſſaõ de huma carta do Eminentiſſimo Franciſco Maria Cardeal à Monte, da Congregaçaõ de Ritos, expedido no anno de 1622, e cometida

ao

ao Illustrissimo D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, que a declarou, e em virtude della concedeo o dito privilegio em tres de Outubro da sobredita era, que tudo isto consta dos documentos do Cartorio, e annualmente se observa nesta Igreja.

Na mesma Igreja se fas todos os annos hũ anniversario a 27 de Janeiro pelas almas delRey D. Affonso terceiro, e delRey D. Diniz seu filho; por cuja memoria se fas lembrada a veneraçaõ, que os Serenissimos Reys de Portugal sempre tiveraõ a esta Igreja. ElRey D. Affonso sexto mandou fazer nella huma magestosa Caza chamada a *Via-Sacra*, em a qual se mostra o Santissimo Milagre às pessoas particulares, que levaõ provisaõ com licença do Illustrissimo Prelado. Mandoua fazer este mesmo Senhor à custa de sua real fazenda, pois o diz hum padraõ em que està esculpido o seguinte letreiro:

O Serenissimo Rey D. Affonso sexto mandou fazer esta obra pelo Marquez de Marialva, dos seos Concelhos de Estado, e Guerra, Védor de sua fazenda, Governador das armas da Corte, e Cidade de Lisboa, de Cascaes, e das Comarcas da Estremadura. Correu com esta obra o Doutor Francisco Soares, sendo Provedor desta Comarca; e Dom Manoel de Castro Prior desta Igreja no anno de 1660.

CAPI-

CAPITULO IV.

Em que se fas memoria das Capellas de Missas quotidianas pertencentes a esta Igreja de Santo Estevaõ, e de algumas Sepulturas de pessoas nobres, que nellas jazem sepultadas.

HA nesta Igreja varias obrigaçoens de anniversarios, que naõ refiro por me parecer menos importante, e serà cousa prolixa aos leitores. Porèm naõ deixo de fazer aqui lembrança das inscripçoens das suas principais sepulturas, e das Capellas de Missas quotidianas que lhe pertencem, para memoria certa de quem lhe importar sabelo: e seja a primeira Capella a de Gonçalo Lourenço, Conego de Placencia, e Beneficiado desta Igreja aonde se lhe diz Missa quotidiana, mas naõ hà memoria de sua antiguidade, e só se acha no Cartorio desta Igreja huma compoziçaõ, que houve entre o Prior D. Fernando de Menezes, e mais Beneficiados com Nuno Alvares de Mariz Administrador da dita Capella, sobre o preço das Missas feita no anno de 1589.

Tem outra Capella de Missa quotidiana pela alma de Catharina Tosse, instituida por Dona Catharina, mulher que foy de Pedro Tosse, no anno de 1373, paga-se do rendimento de humas terras sitas no campo da Golegãa, e he só dos Beneficiados.

Ou-

Outra Capella de cento e vinte reis cada Missa pela alma de Maria de Oliveira Bolhaõ ; cuja esmola se tira da quantidade que render a quarta parte da sua fazenda, ficando à Caza da Misericordia desta Villa, que he sua administradora: e foy instituida pela mesma Maria de Oliveira Bolhaõ , no anno de 1658.

Hà outra Capella nesta Igreja de Missa quotidiana pela alma do Padre Manoel dos Santos, que manda se lhe digaõ em o Altar da parte da Epistola , que algum tempo foy dedicado a N. Senhora da Apresentaçaõ , fazendoselhe a Festa no seu dia ; de que he Administrador o Beneficiado mais velho da mesma Igreja: e he esta Capella dos Beneficiados, sendo instituida pelo mesmo dito Padre , no anno de 1695.

Tambem hà na mesma Igreja outra Capella de Missa quotidiana pela alma de Luis Borges da Silva , o qual deixou para ella quarenta mil reis , e quatro mil reis para a fabrica ; e a eleiçaõ de Capellaõ he do Prior , e dos dous Beneficiados mais velhos.

Tem mais outra Capella de seis Missas em cada semana , pela alma de Gregorio Veloso, de esmola de cem reis cada huma, de que he Administradora a Misericordia da mesma Villa; porem a antiguidade da sua instituiçaõ naõ se pode descobrir.

A primeira sepultura, que se vè logo à entrada da porta principal desta Igreja , tem hum padraõ

draõ com a inſcripçaõ ſeguinte: = *Aqui jàs Lourenço Gonçalves, Cavalleiro que deixou a quinta dos Chavoens à fabrica deſta Igreja, o qual eſtava fóra da porta enterrado, e paſſamo-lo aqui quando ſe fes a torre.*

Na nave da parte da Epiſtola eſtaõ no pavimento duas ſepulturas razas, com as inſcripçoens ſeguintes:

Sepultura perpetua de Franciſco Petis Aranha, e de ſua mulher Maria Ferreira de Siqueira, e de ſeos herdeiros.

Sepultura de Roque Garcia de Gondim, e de ſeos herdeiros: na qual jàs ſua Mãe, e Avò enterrados. Feita na era de 1623, pedem a todos hum Padre Noſſo, e huma Ave Maria: da geraçaõ dos Pantanas.

No cruzeiro deſta Igreja ſe lèm em varias ſepulturas as ſeguintes letras:

Sepultura de Gaſpar de Bulhaõ, e de ſua mulher Leonor de Oliveira, e de ſeos herdeiros. 1638.

Sepultura de Manoel Seixo Gayo, e de ſua mulher Simòa Ribeira Correa, e de ſeos Herdeiros: tem eſcudo de armas.

Sepultura do Padre Gil Affonſo Beneficiado deſta Igreja, que fes huma Capella de todos os ſeos bens, e deixou por Adminiſtradores o Juis, e Mordomos do Santiſſimo Milagre, e que a renda de toda a ſua fazenda ſe fizeſſe em quatro partes: as tres foſſem para Miſſas, e a quarta parte para cera do Santiſſimo Milagre, que os ditos Officiaes fizeſſem hum apontador, que apontaſſe as ditas Miſſas com juramento. Falleceo a 26 *de Julho de* 1548.

Sepultura dos Padres Francisco Gomes, Antonio Gomes, Manoel dos Santos, Beneficiados desta Igreja. 1686.

Sepultura de Antonio de Proença Prior de Nossa Senhora de Almoster, Beneficiado desta Igreja, e de seos sobrinhos.

Sepultura de Andrè Vàs, e de sua mulher Catharina Soares, e de seos filhos.

Aqui jàs Duarte Velho, Cavalleiro da Ordem de Aviz, e seos herdeiros. 1553.

Aqui jàs Andrè Pinto, e sua mulher Leonor de Macedo, e seu tio Miguel Pinto, cuja he perpetua, e de seos herdeiros.

Na Capella mayor estaõ quatro sepulturas com os letreiros que aqui se seguem.

Sepultura de D. Francisco Lobo da Silveira, Prior desta Igreja, em a qual jàs sua Irmã Dona Antonia de Zuniga, a qual falleceo a sinco de Novembro de 1637.

Sepultura do Doutor Luis da Silva de Brito, Prior que foy nesta Igreja, Protonotario Apostolico, Conego penitenciario na Sè de Evora, Vigario Geral, Provisor, e Governador muitas vezes no Arcebispado de Evora por espaço de vinte e seis annos. 1630: tem escudo de armas.

Esta Sepultura he de Christovaõ de Bovadilha que foy Prior desta Igreja. Falleceo ao Domingo, dez dias do mes de Novembro da era de 1527.

Sepultura perpetua do Doutor Luis Mendes de Macedo, Prior que foy desta Igreja, e Protonotario da Sè Apostolica: para elle sómente. Falleceo a trinta e hum de Julho de 1617.

CAPI-

CAPITULO V.

Em que se dà noticia do lugar onde succedeo o Santissimo Milagre da Hostia, o qual lugar existe no distrito desta Freguesia de Santo Estevaõ, convertido hoje em huma Ermida bem regular, e se fas mençaõ de outra pertencente ao mesmo Milagre.

NO mesmo lugar em que hoje se vè esta Ermida na rua chamada *das Esteiras*, sincoenta passos desta Igreja para a parte do meyo dia, estavaõ as cazas aonde morava aquella pobre mulher, quando cometteo o sacrilego roubo da consagrada Hostia do Santissimo Milagre. E sendo este lugar, para a nossa veneraçaõ, digno de logo se ter em custodia, e se ornar com custosas preciosidades; foy tal a incuria dos homens daquelle Povo, que inadvertidos do culto que requeria a devoçaõ catholica, a taõ grande maravilha, deixáraõ ficar as ditas cazas sem aquella attençaõ que mereciaõ, por espaço de mais de trezentos annos, athè que o tempo, que tudo consóme, as arruinou, e converteo em huns desamparados pardieiros. Porèm foy Deos servido, que no anno de 1654, Manoel dos Reys Tavares, homem graduado em medicina, mandou fazer à sua custa, naquelle mesmo lugar, huma bem proporcionada Ermida; a qual tem a sua fundaçaõ, e ornato da maneira seguinte.

He esta Ermida toda de abobeda de tijolo. Da porta athè ao arco da Capella mayor tem vinte e seis palmos e meyo, sendo esta abobeda apainelada no seu estuque, e os pès direitos das paredes em cada lado, fórmaõ dous arcos de alvenaria, ou duas pilastras, as quaes descançaõ em pedestaes de pedra lavradra quadrados. O arco da Capella mayor he de boa cantaria, e esta Capella fas o seu tecto em fórma de zimborio, repartido todo em quadros no mesmo estuque. No retabolo do Altar, que he hum só, està admiravelmente pintado o cazo do Milagre Santissimo, assim como succedeo naquella caza, o que jà fica dito no Capitulo segundo deste Livro, sendo a razaõ desta pintura o estar esta Ermida edificada no mesmo lugar em que succedeo aquella prodigiosa maravilha.

Està fabricado neste Altar, hum como Sacrario, em o qual se conserva huma Imagem de Christo crucificado, e juntamente huma ambula, ou globo de vidro, engastado em prata, com huma Cruz da mesma prata por remate, fazendo tudo a fórma piramidal. Neste globo de vidro, se divisa huma conta grande, que parece como algumas que se trazem ao pescoço, a qual mostra ser de pedra lustrada, sendo a sua côr vermelha com algumas manchas roxas: e a fórma desta conta he outavada. Esta se venera como reliquia, e tem o Paroco a chave do dito Sacrario, por se affirmar por tradiçaõ, que esta conta

ta

ta tinha no peſcoço a mulher q̃ cometteo aquelle deſacato à ſagrada Hoſtia do Santiſſimo Milagre: e ſe dizer que na meſma conta cahíra o precioſo Sangue.

Os fundadores deſta Ermida, Manoel dos Reys Tavares, e ſua mulher Margarida Ceſar de Almeida, inſtituírão nella hũa Capella de Miſſas no anno de 1684, as quais ſe dizem todas as ſemanas nas ſegundas feiras, nas quintas, e nas ſextas; cujo Adminiſtrador da meſma Capella, he hoje Manoel da Fonſeca morador no lugar da Cortiçada, termo deſta Villa de Santarem. Neſta Ermida, junto ao Altar da parte da Epiſtola, na parede, eſtà hum arco, e dentro no concavo delle, ſe vê ſobre dous leoens de pedra jaſpe, hum ſepulchro da meſma pedra embutida de outra preta, e vermelha, em cuja face eſtà o Epitafio ſeguinte:

Deſta caza onde Deos fes o Santiſſimo Milagre anno de 1266, *fizerão Igreja, o Lecenciado Manoel dos Reys Tavares, e Margarida Ceſar de Almeida, e a dotárão, e jazem debaixo do Altar della.*

Por ſer errada eſta era de 1266, que eſtà neſta ſepultura, entendo que foy a cauſa porque ſe enganárão os eſcritores, que ficão acima nomeados no Capitulo ſegundo, que aſſim eſcrevérão o numero dos annos em que ſuccedeo o Santiſſimo Milagre, julgando ſer aſſim pela inſcripção deſte tumulo, e não devião ver o authentico pergaminho

gaminho do Cartorio, que tras o tempo do Milagre em 1247, e o meſmo ſuccederia a quem mandou abrir eſte letreiro, fiando-ſe talves ſó na tradiçaõ do Povo, que muitas vezes andaõ nelle ſemelhantes memorias erradas.

Em diſtancia de trinta paſſos para a parte do Norte, da porta principal deſta Igreja de Santo Eſtevaõ do Santiſſimo Milagre, eſtà outra Ermida em huma varanda, ou jardim das cazas de Franciſco Homem de Magalhaens, peſſoa das principais deſta Villa, que ſuppoſto ſeja Capella particular de ſua caza, he digna de entrar a ſua noticia neſta memoria, por ter circunſtancias que pertencem à Hiſtoria do Santiſſimo Milagre. Tem eſta Ermida de comprimento pouco mais de trinta palmos, com o corpo, e Capella mayor, a qual tem ſua tribuna dourada com todo o aceyo; em que eſtà em ſeu throno huma perfeita Imagem de Noſſa Senhora com o titulo de *Monſerrate*, a quem a meſma Ermida he dedicada. Eſta Imagem he feita de barro, primoroſamente eſtofada com o Menino JESUS nos braços, eſtà aſſentada, e aſſim tem dous palmos de altura. No ſeu alpendre ſe acha hum quadro em que ſe vèm pintadas duas figuras, huma dellas moſtra ſer o retrato daquella mulher a quem ſuccedeo o caſo do Santiſſimo Milagre, e a outra alguma peſſoa do Povo, e por baixo hum letreiro na fórma ſeguinte:

No lugar em que eſtà eſta Ermida, ſe vio o ſangue

na

na beatilha em que a mulher trazia a Particula, que hoje he venerada pelo Santissimo Milagre. Reformou esta Ermida Thomàs Homem de Magalhaens.

E pela parte de fóra na mesma parede que fica sobranceira à rua publica; està aquella Cruz de azulejo bem antiga, da qual jà demos noticia no Capitulo segundo deste livro, que se diz foy plantada alli pela sobredita memoria deste maravilhoso successo.

CAPITULO VI.

Em que se dà noticia de mais algumas Ermidas, e couzas pertencentes a esta Igreja de Santo Estevaõ do Santissimo Milagre.

FOra desta Villa, em distancia de meya legoa para a parte do Sul, em Monte de Abbade, e junto à Fonte de Perna de Cabra; està situada a quinta de Joaõ Nogueira Cardoso de Araujo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Comissario da Meza da Consciencia: o qual fundou nella a Ermida de S. Joaõ Baptista no anno de 1732, em cujo anno, no dia do dito Santo se celebrou a primeira Missa. Prègou de manhã o Padre Ignacio da Piedade, Conego secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista; e de tarde o Padre Jozè Daça, Religioso da Companhia de JESUS.

Nesta Ermida estaõ collocadas as seguintes Ima-

Imagens: a de S. Joaõ Baptista, que he alli o Orago, a de S. Sebastiaõ, que ambas tem sinco palmos de altura, e no meyo do Altar em seu throno està collocada huma Imagem de Nossa Senhora dos Remedios, a qual tem palmo e meyo de altura. A Imagem de S. Joaõ tem feito alguns prodigiosos milagres nos moradores daquelle mesmo distrito, em cujo reconhecimento, e para memoria de seos prodigios, lhe tem offerecido cabeças, e pernas de cera, testemunhas, que supposto mudas, ainda estaõ publicando os grandes favores de que aquelle Povo lhe he devedor. A Ermida he de abobeda liza; tem dez asete pês no seu comprimento, e onze de largura: os seos pès direitos correm iguais athè o Altar, o qual se fórma em hum arco com suas impostas Toscanas.

Desta Villa de Santarem para a mesma parte do Sul, em distancia de duas legoas, està a deliciosa quinta dos Chavoens, que he do Excellentissimo Conde de Unhaõ, cuja grandeza de nobilissimo palacio, jardins, e fontes, bem o publica a fama. No páteo della edificáraõ os ascendentes desta illustrissima Familia huma regular Ermida annexa a esta Igreja de Santo Estevaõ do Santissimo Milagre, que dedicáraõ a N. Senhora das Angustias, Imagem de soberana pintura, em hum excellente retabolo, e taõ milagrosa, como testemunhaõ os repetidos prodigios, que Deos por sua intercessaõ tem obrado

em

em ſeos devotos, que nas ſuas tribulaçoens a ella recorrem; e alli todos os annos em os Sabbados da Quareſma, por mandado do Excellentiſſimo Conde, ſe prègaõ Sermoens, e ſe celebra Ladainha cantada à meſma Senhora.

A eſta Ermida, pelo verào concorrem muitos Catholicos em romaria; eſpecialmente em o ſegundo Domingo de Outubro, dia em que os moradores da Villa de Salvaterra, e de outras mais partes em grande concurſo todos os annos fazem huma Feſta à meſma Senhora em gratificaçaõ das muitas mercès que della recebem.

Eſta Fregueſia de que vamos fallando, tem dentro na Villa a eſte preſente tempo em que iſto eſcrevemos, cento e vinte e outo fogos, que conſtaõ de quatrocentas e ſetenta peſſoas de Sacramentos, e vinte e tres que naõ ſaõ de Sacramentos, que por todas fazem a conta de 502, e fóra da Villa nas quintas em Monte de Abbade, e Perna de Cabra, tem nove fogos, e na dos Chavoens, ſete, que por todos ſaõ dezaſeis, que conſtaõ de ſincoenta e duas peſſoas, com as quaes fazem o numero de 554, que agora ſe achaõ freguezes deſta Igreja Paroquial, pois eſte numero de peſſoas tirou com eſpecial diligencia, o Prior que hoje della he Paroco, Gregorio de Figueiredo Perdigaõ, neſte anno de 1735.

CAPITULO VII.

Em que se dà noticia de hum Recolhimento de Terceiras da Ordem do Patriarca S. Francisco, o qual existe dentro nesta Villa, no distrito desta Freguesia de Santo Estevaõ do Santissimo Milagre.

INclue em si esta Freguesia, dentro da Villa ao Sul desta Paroquial Igreja, em distancia de sincoenta passos (com pouca differença) o Recolhimento das Capuchas de Nossa Senhora dos Innocentes: do qual o seu sólio foy primeiro Hospital de meninos expostos, que do seu principio, e antiguidade aqui hiremos fazendo memoria. No anno de 1359, Santa Isabel Rainha de Portugal, e D. Martinho Bispo da Guarda, edificáraõ este Hospital, e grandiosamente o dotáraõ, ficando com a prerogativa de que huma Rainha santa foy a que lançou a primeira pedra no edificio: o que consta do livro do Tombo do Hospital de JESU Christo desta Villa de Santarem, a folhas 179, a cujo Hospital de JESUS se uniraõ por Bulla que pedio o Senhor Rey D. Joaõ o segundo ao Summo Pontifice Innocencio outavo, expedida no anno de 1485 em o segundo do seu Pontificado, e deste Hospital dos Innocentes, e dos mais daquelle Povo, de todos daremos largas noticias quando fallarmos da Freguesia de S. Nicolao. E porque naõ he alheyo

alheyo desta Historia authorizarse este Recolhimento que hoje existe, com a erecçaõ do lugar, dando noticia do seu principio, por constar do Compromisso que achámos ordenado pela Santa Rainha, e pelo dito Bispo: direy aqui a principal sustancia de que trata, por naõ trasladar hum Portuguez taõ antigo, e taõ extenso, que poderà cauzar fastio aos leitores; e começa a escritura do Compromisso com a formalidade seguinte:

Em nome de Deos amen: Porque he couza sabida, e certa compraz a Deos quando os homens que saõ sois feituras lhe saõ conhecedores do bem, e da mercè que el fas; porèm nòs Rainha D. Isabel, e Martinho Bispo da Guarda, pela mercè de Deos, e da Santa Igreja de Roma &c. E continuando abaixo vem a dizer, que em nenhuma outra couza podemos servir a Deos, como fazer bem às creaturas racionais, que elle creou para seu serviço. E entendendo que he bem empregada a esmola em aquelles q̃ naõ tem modo algum por onde possaõ ganhar para o seu sustento, nem tem parte donde vivaõ: determináraõ a Santa Rainha, e o dito Bispo, com beneplacito delRey D. Diniz, edificarem de novo hum Hospital na Villa de Santarem à porta de Leiria, dotando-o com grandeza; paraque deraõ suas herdades, as quaes eraõ vinhas, cazas, olivais, e outras possessoens que compráraõ a varios donos; e que do rendimento de tudo isto se tirassem sò dez alqueires de azeite em

cada hum anno, ou vinte em cada dous annos, para a Igreja de Santa Maria Dabbada do dito Bispado da Guarda, para allumiar nella quatro lámpadas; e que o Vigario della seria obrigado a mandalo buscar à custa da mesma Igreja. E que determinavaõ acrescentar alli mais renda para se criarem no mesmo Hospital meninos engeitados: e para dous Capellaens que cantassem para sempre huma Missa do dia, confórme fosse a reza delle, e outra de *Requiem* pelas almas de todos os bemfeitores deste Hospital, e pelo dito Rey D. Diniz. Outrosim, que a cada hum destes Capellaens se lhe desse cada anno para seu mantimento sincoenta libras; e que toda a mais renda deste Hospital se gastasse alli na criaçaõ dos meninos, e meninas engeitados: entendendo-se por estas crianças, aquellas que as mães as concebem nos actos criminosos, e se poem em risco de lhe perderem as almas, morrendo sem baptismo por naõ descobrirem os seos deshonestos procedimentos.

Diz mais o Compromisso, que a estes meninos, e meninas se lhe dem Mestres à custa do dito Hospital, para tudo aquillo que lhe for mais conveniente, tendo primeiro amas que bem os criem a seos peitos tambem à custa do Hospital, porque sendo bem ensinados, quando do Hospital sahirem com ordem de quem o governar, possaõ ter boa ventura. E para o governo delle, e ser bem regido, foy nomeado pela santa Rainha

nha, e pelo Bifpo da Guarda, o Concelho defta Villa. Porèm no cafo que em algum dia elle fe queira eximir diffo, o Bifpo de Lisboa tomaffe à fua conta aquelle governo, e lhe puzeffem peffoas que bem o regeffem por parte da pobreza, com zelo, e caridade. Mas como dito he, que o Concelho de Santarem tenha efta governança a feu cargo, lhe corra obrigaçaõ de pôr alli hum Hofpitaleiro, homem de boa vida, dandofelhe o que for conveniente para bem fe manter: o qual ferà obrigado de fazer criar os meninos, e meninas com boa educaçaõ.

Muitas mais circunftancias adverte o Compromiffo, que naõ importaõ muito à formalidade, e fingeleza da noffa Hiftoria. E ainda que nos podia fazer alguma dúvida dizer o Compromiffo que o dito Hofpital determinou fazerfe à porta de Leiria na mefma Villa de Santarem, e hoje vemos, que o Recolhimento das Capuchas, eftà fituado no principio da rua direita do Pereiro, que fica muita diftancia de hum lugar a outro, póde-fe entender com bom difcurfo, que como em aquelle tempo os Paços dos Reys, que hoje eftaõ convertidos em hum Collegio dos Padres da Companhia, fito àquella porta, que entaõ chamavaõ de *Leiria*, quereria a Santa Rainha, quando ordenou efte Compromiffo, que aquella obra que fazia com tanta caridade para bem das almas, e da pobreza, ficaffe mais perto da fua morada; e depois edificarfe aonde

agora

agora vemos este Recolhimento: pois athè hoje em nossos dias naõ perdeo o nome dos Innocentes; e o que mais o certifica he, que existio sempre alli o dito Hospital, com o ministerio de recolher, e criar os meninos engeitados, na fórma que acima temos dito, athè o tempo em que reinou ElRey D. Manoel.

Extinto finalmente este Hospital dos Innocentes para se incorporar ao de JESU Christo; conservouse sempre a sua Igreja annexa à de Santo Estevaõ do Santissimo Milagre: athè que anno de 1678, o Ministro, e mais Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco desta Villa, sita em o Convento dos Observantes, considerando ser muito do agrado de Deos, edificarem huma clausura secular de Terceiras; recorrèraõ à Serenissima Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, e ao Senhor Rey D. Pedro segundo, q̃ santa gloria hajaõ. Os quais Senhores lhe concedéraõ a dita Igreja, e sitio para se edificar o dito Recolhimento, sem prejuizo dos direitos Paroquiaes à de Santo Estevaõ; debaixo dos Estatutos, e numero de Terceiras, e rendas dadas ao Recolhimento, com pena de extinçaõ, alterada esta fórma, e que assim fosse sua creaçaõ, como consta do Alvarà do dito Senhor, de quinze de Julho do mesmo anno de 1678, registado no outavo livro da Camera desta Villa a folhas quarenta e outo.

Edificado neste anno acima referido o Recolhimento

lhimento, sahíraõ da Igreja de S. Francisco desta Villa em Procissaõ, o numero das Irmãs Terceiras para aquella nova, e santa Caza; aonde sacrificáraõ a Deos felizmente seos corações abrazados em o Divino amor. E quem naõ dirà que foraõ pela estrada real da gloria, por onde caminháraõ a se transplantar naquelle ceo Seráfico, tantas flores, cortadas do jardim de Christo: angelicas na pureza, e perpetuas rozas entre os suaves espinhos da voluntaria clausura, vivendo athè o presente tempo que isto escrevemos, na obediencia de nove Capitulos de Estatutos santissimos: peloque nos seja licito dizer de vidas taõ exemplares, que como boninas naquella encerrada florésta, sempre estaõ exhalando odorifero cheiro de virtudes, a todo o Povo desta Villa.

O numero destas virtuosas Terceiras, q̃ hoje vivem neste santo Recolhimento, he o de vinte e tres: as quaes rezaõ no coro o Officio Divino com tanta perfeiçaõ, que bem pódem servir de exemplo ao Convento mais religioso; tendo entre dia e noute duas horas e meya de Oraçaõ Mental, e dous quartos de Exercicio espiritual; hum antes de entrarem ao refeitorio, e outro depois. Jejuaõ quatro dias na semana, à segunda feira, à quarta, à sexta, e ao Sabbado. Voluntariamente sacrificaõ a Deos tres votos, aindaque simples; de Castidade, Pobreza, e Religiaõ; e naõ hà athè hoje memoria de que alguma sahisse

do

do Recolhimẽto, podendo-o fazer. E tem aproveitado tanto com estes santos exercicios no serviço de Deos, que na morte de quasi todas se tem visto mostras de santidade: em especial, nas Irmãas Hyeronima de S. Diogo, Anna da Conceiçaõ, Anna de S. Jozè, e Dona Marianna, q̃ com prodigios manifestos de suas virtudes, puzeraõ o termo final à vida santamente, como o testifica o P. Fr. Fernando da Soledade na sua Historia Seráfica da Provincia de Portugal, parte 5. livr. 5. Cap. 1.

Hist. Serafica da Provinc. de Portugal.

Este Recolhimento he da administraçaõ do Ministro, Cõmissario, e mais Irmãos da Meza da Veneravel Ordem Terceira do Glorioso Padre S. Francisco; como erectores, e doadores desta nova Caza de Deos, que se obrigáraõ ao sustento, e fábrica de sua Igreja. E porque he preciso dar aqui noticia da sua formatura, e ornato, serà da maneira seguinte.

He a Igreja de huma só nave sendo de mediana grandeza; tem tres Altares, o mayor (que tambem entra neste numero) com Sacrario em que està o Santissimo Sacramento de morada; e se orna todo o vão desta Capella com huma tribuna, e seu throno, tudo pintado de embutidos: no qual throno se expoem o Senhor em as festividades: para o que se tira provizaõ, e o mesmo se fas pelas Endoenças. Quotidianamente encobre a boca da tribuna hum painel de admiravel pintura, em que està primorosamente pintada

tada à Imagem de Noſſa Senhora dos Innocentes, S. Franciſco da parte direita recebendo da maõ da Senhora huma Cruz, e da parte eſquerda a Imagem da Rainha Santa Iſabel, recebendo da meſma Senhora huma coroa de eſpinhos, trocando-a pela de ouro, que a ſeos pès tem deſprezada. No meſmo Altar eſtaõ as Imagens, da Rainha Santa, e de S. Franciſco, ambas de primoroſa eſcultura.

O Altar collateral da parte do Evangelho he dedicado a Noſſa Senhora dos Innocentes, que tem a ſua Imagem de vulto veſtida. O collateral da parte da Epiſtola, he dedicado à Noſſa Senhora da Conceiçaõ, cuja Imagem ſe vê no meſmo Altar de boa eſcultura, e a de Santa Anna, que ſempre leva as attençoens a todas as peſſoas que nella reparaõ, pela graça que tem no eſtillo de ſua formoſura. A Igreja he apainellada com quadros de finiſſimas pinturas, tendo eſtes as molduras de boa talha, e no pavimento della eſtà huma ſepultura raza, em que ſe vê gravado o Epitafio ſeguinte:

Aqui jàs D. Leonor de Menezes, e Attahide, ſegunda Marqueza de Fronteira. Falleceo à 24 de Setembro de 1731.

Neſte Recolhimento de Noſſa Senhora dos Innocentes vivem eſtas virtuoſas recolhidas, na meſma fórma que jà temos dito. E para mais firmeza de ſua louvavel vida, e exemplares coſtumes, ſe querem agora nos noſſos tempos perpe-

tuar, com clausura, e profissaõ de votos solemnes, como as mais Religiosas de outros Conventos; para o que, a requerimento do Ministro, e Irmãos da terceira Ordem do Seráfico Padre S. Francisco desta Villa de Santarem, alcançáraõ hum Alvarà da Serenissima Rainha D. Marianna de Austria; o qual se lhe mandou passar em quinze de Julho de 1723, e se acha registado no livro da Misericordia desta Villa, no anno de 1726. E porque este lugar, que hoje he Recolhimento, foy fundaçaõ da Rainha Santa Isabel, para ser Hospital de meninos expostos, com a condiçaõ de nunca em tempo algum ser Convento de Freiras, ou Frades; por esta causa procuráraõ as Irmãs Capuchas o Alvarà, para lhe ficar o lugar em que estaõ, desempedido, e poderem nelle passar a vida perfeita, professando a primeira Regra de Santa Clara. A Rainha nossa Senhora lho concedeo, revogando a dita clausula, e que erigindo-se o tal Convento de Religiosas professas, apresentarà nelle sempre, e todas as Rainhas suas sucessoras, hum lugar de Religiosa sem dote algum, em reconhecimento do seu Padroado.

Depois deste Alvarà concedido, recorreo a Regente, e mais Irmãs Capuchas deste Recolhimento ao Ministro Geral Fr. Joaõ de Soto em 15 de Novembro de 1732, allegandolhe a sua fórma de vida; e que para mais perfeiçaõ della, honra, e gloria de Deos, queriaõ sogeitarse, e

render

render obediencia aos Miniſtros Provinciaes deſta ſua Provincia de Portugal, para em tudo as dirigirem, e governarem, quanto tocaſſe ao ſeu eſpirito, e perfeita obſervancia; para o que foy juntamente a informaçaõ do meſmo Provincial deſta Provincia Fr. Manoel de S. Caetano, o qual bem aceitou a conceſſaõ do ſeu Miniſtro Geral Fr. Joaõ de Soto, que lhe expedio ſua Patente, mandando, que o Provincial admitiſſe por ſi, e por ſeos ſucceſſores as Irmãs Capuchas de Noſſa Senhora dos Innocentes da Villa de Santarem, para que as governaſſe e viſitaſſe, e fizeſſe eleiçaõ de Superiora, e mais Officiais de tres em tres annos, como em os Conventos de Religioſas de ſua juriſdiçaõ, e as proveſſe de Confeſſor, e Padre eſpiritual que lhes aſſiſta, e adminiſtre os Santos Sacramentos, na conformidade que lhe pedíraõ no ſeu Memorial.

Foy eſta Patente do Miniſtro Geral propoſta em Definitorio dos Padres Obſervantes, e naõ tendo alguma contradiçaõ, a aceitáraõ, mandando que ſe executaſſe o ſeu mandado. Em obſervancia da dita Patente a confirmou o Reverendiſſimo Padre Provincial Fr. Manoel de S. Caetano na fórma ſeguinte: = *Pelas preſentes fazemos ſaber a voſſas mercès, que aceitamos a dita ſua obediencia, e ſogeiçaõ na fórma que expreſſaõ na ſua Súpplica, e noſſo Reverendiſſimo Padre Miniſtro Geral nos ordena na ſua Patente; e que em viſita havemos de executar em tudo as faculdades nella referidas: eſ-*

 perando

perando de vossas mercès huma grande espiritual conformidade em Deos, para em tudo quanto o mesmo Senhor nos inspirar, a bem do regimen, e governo espiritual desse Recolhimento, tudo para honra, e gloria do mesmo Senhor, e augmento da virtuosa, e exemplar vida de vossas mercès; e esta nossa Patente serà lida em plena Cõmunidade, e depois de trasladada em hum livro, que de registar nossas Patentes sirva, nos serà remetida com certidaõ de que foy lida. Dada neste nosso Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental, em 30 de Novembro de 1732.

E de toda esta fórma em que este Recolhimento hoje se acha, esperamos ver em nossos dias a confirmaçaõ do Summo Pontifice; sendô para augmentar nos coraçoens dos fieis Catholicos a mayor veneraçaõ da honra, e gloria de Deos.

CAPITULO VIII.

Em que se dà noticia da Paroquial Igreja de S. Martinho desta Villa de Santarem.

ESta Igreja està situada dentro dos muros desta Villa para a parte do Nordeste. O Orago della he o glorioso S. Martinho Bispo: he Templo que se fes todo de novo, e ainda athè o tempo em que estamos, naõ se celebraõ nelle os Officios Divinos, porque falta dar o ultimo complemẽto a algũas couzas, q̃ para

ra isso saõ necessarias. Neste mesmo sitio, e quasi no mesmo lugar, existia outra Igreja antiga, q̃ se demolio toda, por estar por todos os lados arruinada. Tinha a sua porta principal quasi ao Norte, e esta nova a tem para o meyo dia; era sagrada, porque as Cruzes que nas paredes tinha o declaravaõ; porèm naõ pudemos descobrir no seu Cartorio o tempo da sua fundaçaõ, nem Bulla de quando foy sagrada. Muito pouco temos que dever aos nossos bons Portuguezes antigos em materia de noticias; naõ os arguo porque fossem muito avarentos dellas, mas da sua pouca advertencia, e muita singelleza, pois com a sua bondade nos naõ deixáraõ assumptos para discorrermos, e louvarmos as suas catholicas acçoens. Para se dar principio a esta nova Igreja, se lançou a primeira pedra no alicerse a nove do mes de Mayo de 1716, e nesta pedra se abríraõ as mesmas letras que estaõ em cima no cunhal do frontespicio, ficando à maõ direita de quem sahe pela principal porta, cuja inscripçaõ he a seguinte:

Martino renovatum à partu Virginis almæ mille supernumerabis, mox quoque sæcula septem, bis quoque annos octo lapis hic monumenta relinquit, lucè nonà Maij, quæ sit memorabilis ævo.

Naõ he mais que de huma nave esta nova Igreja sendo toda de abobeda de tijolo, cujo tecto, e o da Capella mayor, se vê que estaõ admiravelmente pintados de boa architectura moderna.

He

He esta Igreja de mediana grandeza, tem boa proporçaõ na altura do seu pè direito: com o coro que joga de huma parede a outra sobre a porta principal, sendo proporcionado ao corpo da Igreja, naõ tem mais que dous Altares collaterais, e com o da Capella mayor saõ tres, a qual tem a tribuna de madeira de bordo lizo, e o throno, e Sacrario de folhagem entalhada, e o retabolo com quatro columnas retorcidas bem proporcionadas; pelo mesmo estillo he a talha dos collaterais, nos quais se haõ de collocar a seu tempo as Imagens que estavaõ nos mesmos da Igreja velha, que he huma a de Nossa Senhora dos Remedios, e outra de Nossa Senhora das Necessidades. O frontespicio he de boa pedraria lavrada com duas torres de sinos, iguais da mesma cantaria, e entre ellas corre huma varanda espaçosa. No meyo do pavimento da Capella mayor està huma sepultura, em cuja campa se lê o seguinte letreiro:

Aqui jàs o Padre Sebastiaõ dias Camelo, Prior que foy vinte e hum annos na Igreja de S. Lourenço, e Vigario desta, trinta e nove, pede pelo amor de christandade, hum Padre Nosso.

Tem mais outra sepultura, que estava na Igreja antiga, cuja campa naõ està ainda em seu proprio lugar, a qual tem parte das letras mal assinadas; e dellas o que pudemos copiar diz assim: *Sepultura do Mestre Mendo, que deixou quarenta e outo = ou renda em Monçaõ = aos Beneficiados in solidum.*

solidum. Tambem no adro junto da porta travesſa que fica para a parte do Norte, eſtà hum carneiro, que mandou fazer o Padre Manoel Dias da Coſta, Prior que foy deſta Igreja, em o qual eſtà enterrado, e ainda naõ tem inſcripçaõ na campa.

Conſta de papeis authenticos, e documentos antigos, os quais ſe achaõ no Archivo da meſma Igreja, que o Paroco della ſempre ſe intitulou Prior, ainda que eſte Beneficio ſe erigiſſe em Cõmenda, a qual ſe acha agora que iſto eſcrevemos, vaga, pela morte de Joaõ Pedro Saldanha Morgado de Oliveira; e nunca ficou ſuprimido eſte titulo de Prior, ainda que houve algumas contendas com os Proviſores que o impugnavaõ. Acha-ſe mais no meſmo Archivo a noticia, de que eſta Igreja foy no ſeu principio do Padroado Real, por doaçaõ que della fés o Sereniſſimo Rey D. Diniz aos Biſpos da Lisboa, ſendo primeiro Donatario naquelle tempo Dom Joaõ Martins Soalhãens, por eſte principio ainda hoje ſe acha por averiguar, ſe eſte Padroado deve ſeguir a natureza do ſeu primeiro ſer (ſendo entaõ Real) ou ſe agora deve ſer Eccleſiaſtico, e ſogeito às reſervas Apoſtolicas: porèm vemos neſtes tempos, que eſte chamado Priorado, ſe provê em concurſo da Sè Oriental de Lisboa. Tambem ſe achaõ no meſmo Archivo varias apreſentaçoens, em que muitos Priores proveràõ os Beneficios deſta Igreja, e ſe vê nellas que humas

ſurti-

ſurtíraõ effeito, outras naõ: mas regulando-nos pelo eſtado ultimo, ſe acha hum Provimento, que o Prior actual fes de hum Beneficio, o qual exiſte ſem controverſia com effeito, dando-ſe por interpretada aquella doaçaõ Régia, que nella ſe naõ comprehendéraõ os Beneficios de que ſe achavaõ padroeiros os Priores; e como donatarios da Coroa no uſo do Padroado, e naõ haver extenſaõ de graça com perjuizo de terceiro, que eraõ os Priores, a quem pertencia o provimento deſtes Beneficios. Eſtes em numero ſaõ quatro, os quaes cada hum delles rende pouco mais de duzentos mil reis, ſervindo o proprietario, e naõ o ſervindo, rendelhe cento e vinte. O Priorado uzualmente rende pouco menos de trezentos mil reis. Tem mais hum Theſoureiro que apreſenta o Prior *in ſolidum*; e tem ſeſſenta e dous viſinhos eſta Fregueſia.

As Ermidas que comprehende eſta Fregueſia de S. Martinho, e lhe ſaõ annexas, aſſim dentro na Villa, como fóra della, ſaõ tres. A primeira, he a de S. Joaõ Baptiſta, a qual eſtà ſituada doze paſſos em diſtancia deſta Matriz; ſempre ſe chamou eſta Ermida com o titulo de *S. Joaõ de Alporaõ*, cuja etimologia deſte appellido ſenaõ ſabe com certeza, e por iſſo naõ eſcrevo aqui couzas duvidoſas; talvez que foſſe corrupçaõ de Alcoràõ, nome que ſignifica o livro da Ley de Mafoma, em cujo Templo os Mouros a explicavaõ aos ſeos Barbaros; mas he tradiçaõ conſtan-

constante, que he a Igreja mais antiga desta Villa; e nas mesmas tradiçoens corrérão sempre as vozes, que foy obra dos Romanos, em cujo Templo davão cultos com gentilicas ceremonias ao Emperador Cesar Augusto, quando nesta terra assistia. E diz a mesma tradição com alguns Escritores, que neste Templo foy a primeira parte em que se publicou aquelle sabido Edito de que falla o Evangelista S. Lucas, mandado publicar pelo dito Emperador, sobre a discripção do Universo: *Ut describeretur universus Orbis*; por ser esta Villa naquelle tempo huma das Colonias aonde se mandou publicar.

Poblac. de España capit. 22. fol. 124.

Biblia Sacr. Euang. secundũ Lucam, cap. 2.

Esta Ermida he toda de cantaria lavrada por dentro e por fóra, debaixo athè acima ao tecto, que he de abobeda de tijolo, e de huma só nave. Tem huma torre, que mostra ser antiquissima, mistica com a mesma Ermida, fica à mão esquerda de quem entra pela porta principal, està da parte de fóra, he toda redonda feita de inxilharia, e he igual na sua circunferencia desde o chão athè ao fim de toda a sua altura, sem ter vão por dentro algum. He tradição, que servia esta torre no tempo dos Mouros de exporem della a todo o povo infiel a sua ley, ou convocarem dalli para lha explicárem. Este antiquissimo Templo he Commenda da veneravel Religião de Malta, e confórme se justifica, foy a primeira, ou das primeiras desta militar Ordem. Chamolhe Templo, porque excede com a sua grandeza os

limites de Ermida. Nella hà Capellaõ a quem paga o Cõmendador de Malta, que alli junto tem as suas cazas. No dia do seu Orago, que he o glorioso S. Joaõ Baptista, he grande o concurso de manhã, e de tarde aos cultos que se dedicaõ, e saõ devidos a taõ grande Santo, que se vê collocado no Altar mayor, e à parte do Evangelho està Nossa Senhora da Paz, que pertence a outro Altar, o qual està no corpo da Igreja; naõ tem outro, excepto o da Capella mayor: nelle se acha collocada por agora a Imagem de Nossa Senhora dos Remedios, que he da Igreja Matriz, aonde se reporà no seu Altar competente. Esta dita Imagem da Senhora da Paz, he de pedra com o Menino JESUS nos braços, e o mesmo Menino tem huma pombinha nas mãos. He tradiçaõ muito provavel, que esta gloriosa Imagem estava sobre huma porta que desta parte fechava a Villa, a qual era mystica, e ligada com a torre velha redonda, de que acima fallamos, e ainda nella se estaõ vendo sinais disso, o que nos póde servir de argumento, pois vemos que nas mais portas desta Villa, por cima dellas, ainda hoje se conservaõ Imagens antigas de Nossa Senhora com differentes titulos, e invocaçoens. Consta que esta Ermida he sagrada, pelas Cruzes pertencentes ao acto da sagraçaõ, as quais se lhe estaõ vendo pelas paredes no corpo da Igreja. Tem hum arco de pedra que divide a Capella mayor; e à parte esquerda da mesma Capella

mayor

mayor eſtà hum tumulo de pedra em fórma de caixaõ, que tem hum letreiro com as ſeguintes inſcripçoens:

Aqui eſtaõ os oſſos de Dom Affonſo de Portugal, filho delRey Dom Affonſo Henriques, que ſendo Graõ Meſtre da Religiaõ de S. Joaõ de Malta, renunciou a dignidade, e falleceo neſta Villa no anno de mil duzentos e ſete, logrando eſta Commenda que poſſue Dom Joaõ de Souſa, o qual mandou fazer eſte letreiro para memoria deſte Principe, na era de mil ſeis centos e ſincoenta e quatro annos.

Neſta Igreja ſe deſcobrem mais dous letreiros, hum defronte do que acima vay copiado, outro junto à pia da agoa benta à parte direita da porta principal, porèm ſaõ taõ antigos, e eſtaõ taõ gaſtados, que ſe fazem imperceptiveis os ſeos caracteres, que por eſte motivo naõ vaõ tambem aqui lançados.

A ſegunda Ermida annexa deſta Igreja Matriz de S. Martinho, he a do glorioſo Santo Ildefonſo, que pertence a adminiſtraçaõ della aos carpinteiros, e pedreiros deſta Villa. Tem Juis, Eſcrivaõ, e Mordomos, e nella fazem a ſua eleiçaõ, com dous Officios em dia do Apoſtolo S. Thomè. Conſta do livro do Tombo das fazendas, que ſe acha trasladado no Cartorio da Camera da meſma Villa, fazerem os Vereadores, e mais homens bons, doaçaõ della aos carpinteiros, aos quaes ſe uniraõ os pedreiros, e foy dada em o primeiro dia do mes de Abril de 1408. Eſ-

Mm ii ta

ta Ermida eſtava ſituada antigamente em huma rua que chamavaõ da *Judiaria*, por nella viverem os Judeos apartados dos que eraõ Chriſtãos; a qual rua hà muitos annos que a naõ hà; principiava defronte das cazas que ſaõ hoje do Conde de Obidos, e acabava, ou ſahia à rua donde eſtaõ as cazas dos Cõmendadores de S. Joaõ; a dita rua eſtà hoje convertida em quintais de varios donos. E no Archivo deſta Igreja de S. Martinho hà huma ſentença proferida contra os Judeos, para a contribuiçaõ de hum real de prata aos homens, e às viuvas meyo real, que eraõ obrigados a pagar à meſma Igreja, em reconhecimento de os admittir, e lhes dar em a dita rua para habitarem, e porque eſta Ermida de Santo Ildefonſo eſtava dentro no diſtrito daquella antiga rua chamada da *Judiaria*. No tempo em que eſtamos, ſerve eſta Ermida de Paroquia de S. Martinho, celebrando-ſe nella os Officios Divinos, pelo impedimẽto de naõ eſtar ainda a nova Matriz em termos de ſe trasladar para ella o SANTISSIMO SACRAMENTO da Euchariſtia, o que eſperamos terà effeito com brevidade.

He eſta Ermida muito mais pequena, que a referida de S. Joaõ de Alporaõ; he no ſeu tanto de planta regular, com ſua Capella mayor forrada de eſteira, e o forro do corpo, de quatro agoas, com ſeu coro por cima da porta principal proporcionado ao ſeu vão. No Altar mayor eſtà em hum Sacrario o SANTISSIMO SACRAMENTO de morada

rada por eſtes annos em que ſerve eſta Ermida de Paroquia. Da parte do Evangelho eſtà collocada a Imagem de Santo Ildefonſo, que he alli o Orago; e da parte da Epiſtola a Imagem de S. Jozè. A' parte direita deſta Capella mayor eſtà hum Altar em que tem Noſſa Senhora das Neceſſidades, e na parte do Evangelho eſtà o glorioſo S. Sebaſtiaõ, e da parte da Epiſtola a Senhora Santa Catharina, cujas tres Imagens pertencem à Matriz, que nella haõ de ſer collocadas, e reſtituidas ao tempo da trasladaçaõ do SANTISSIMO. Neſta Ermida ſempre ſe diſſe Miſſa nos Domingos, e dias ſantos aos viſinhos della. Tem hum nicho ſobre a porta principal em que eſtà a Imagem do meſmo Santo Ildefonſo, obrada em pedra.

Em diſtancia de hum quarto de legoa deſta Villa para a parte do Norte, eſtà ſituada a terceira e ultima Ermida das annexas a eſta Igreja de S. Martinho, a qual exiſte dentro em hũa quinta chamada do *Chafariz*, cuja quinta poſſue hoje Jozè de Souſa do Amaral. He dedicada a Noſſa Senhora da Boa-Hora, que tem a ſua Imagem de vulto collocada em hum throno no meyo da tribuna, e logo mais abaixo a do glorioſo Santo Antonio, e na banqueta do Altar da parte do Evangelho eſtà a Imagẽ do Principe dos Apoſtolos S. Pedro, e da Epiſtola, a de S. Joaõ Baptiſta, e dizem que todas eſtas Imagens ſaõ milagroſas. He eſta Ermida na ſua proporçaõ pequena; ſendo

do de abobeda de tijolo, azulejada de azulejo moderno athè meyas paredes, cercada com huma ſimalha de pedra lavrada, e tem hum retabolo de boa talha, obra moderna.

Pertence mais a eſta Matriz o Curato de N. Senhora da Conceiçaõ da Vargea, a qual Igreja fica diſtante deſta Villa para a parte do Norte pouco mais de huma legoa; e he da apreſentaçaõ *in ſolidum* dos Priores deſta Paroquia de S. Martinho, que apreſentaõ os Curas annualmente, e tiraõ ſua carta em virtude da meſma apreſentaçaõ.

Por papeis antigos que ſe achaõ no Cartorio deſta Matriz, conſta, que a ella como annexa pertencia, e como filial a Igreja de S. Vicente do Paul, que tem de ordinaria a quarta parte dos dizimos pertencentes a eſta Matriz; e era da apreſentaçaõ do Prior, e mais raçoeiros; e nos meſmos papeis do Cartorio ſe vê ſer na ſua origem Curada de S. Vicente pelos Beneficiados de S. Martinho, que por ſeu turno aſſiſtiaõ às ſemanas: e os Vigarios, ou Curas que ao depois ſe ſeguíraõ, ſempre reconheciaõ a eſta de S. Martinho por ſua Matriz; o que ſe mandou conſervar na poſſe da meſma Igreja de S. Vicente por algumas cartas dos noſſos Reys, cujos titulos, e letreiros vaõ aqui copiados pela maneira ſeguinte: *Carta delRey Dom Pedro, porque manda que ſe conſerve a carta delRey Dom Diniz ſeu Avô, e que o Prior de S. Martinho ſeja conſervado na poſſe da Igreja*

ja de S. Vicente. E outra diz assim: *Licença que pedia o Vigario de S. Vicente ao Prior, e Beneficiados de S. Martinho para renunciar a dita Vigairaria.* Seguese outro, cujo theor he o seguinte: *Carta del-Rey D. Diniz, que manda, que o Prior da sua Igreja de S. Martinho seja conservado na posse da Igreja de S. Vicente.* Outro titulo, cuja copia he a que se segue: *Manda o Bispo Dom João ao Vigario Geral, que faça restituir ao raçoeiro desta Igreja a Capella que trouxe do Vigario defunto de S. Vicente.*

Hoje se conserva esta Vigairaria de S. Vicente em Padroado Ecclesiastico, e por datas de Bullas Apostolicas, e renuncias existe há muitos tempos. O Paroco que hoje he actual, a levou por concurso, que se confirmou por Sua Santidade; e com este titulo se acha de posse, levando a quarta parte de todos os dizimos pertencentes à Cõmenda, e Beneficios: e das aves de penna leva tudo *in solidum* no distrito de S. Vicente, e S. Domingos de Val de Figueira; o que se lhe concedeo por titulo de perscripçaõ de quarenta annos que se lhe julgou por provada, com a circunstancia, que a quarta parte dos frutos fosse cobrar todos os annos do celleiro real no acto da partilha; e este he o estado ultimo em nosso tempo desta Igreja, e Beneficios della.

CAPI-

CAPITULO IX.

Em que se apontaõ mais algumas noticias pertencentes a esta Igreja de S. Martinho.

SIrvaõ tambem de objecto nestas memorias alguns Parocos, que florecèraõ nesta Igreja em virtudes e letras, e seja o primeiro dos que nos lembra, e temos frescas ainda as vozes nos clarins da sua fama, o Padre Doutor Manoel Dias da Costa, letrado de boa nota, Vigario Geral q̃ foy desta Villa, e Arcediagado athè o tempo que falleceo, cujo nome se conserva em hũ carneiro que deixou na dita Igreja para elle, e seos parentes, de que acima jà fizemos mençaõ. Seguio-se a este Paroco o Doutor Manoel de Andrade, pessoa de grande supposiçaõ formado em Theologia, o qual tinha sido Padre da Companhia, que depois entrou na posse deste Beneficio Paroquial por Bullas Apostolicas, com cujo titulo possuio esta Igreja huns poucos de annos, e fallecido foy enterrado nesta sua Igreja, e depois por se cumprirem as clausulas do seu testamento foraõ trasladados seos ossos para o Collegio da Companhia desta Villa, aonde estabeleceo huma Capella magestosa, com a invocaçaõ de N. Senhora do Soccorro: e foy bom Prègador. Succedeo a este Venerando Padre, o Paroco Sebastiaõ Dias Camelo, que sempre serà

em

em todo o louvor exemplar objecto a todos os que devem ser perfeitos ecclesiasticos. Foy primeiramente provido no Priorado da Igreja de S. Lourenço desta Villa, a qual possuio vinte e hum annos. Viraõ-se nelle acçoens taõ heroicas, que naõ sendo formado, servio a occupaçaõ de Vigario Geral da mesma Villa, e era proprietario do lugar de Chanceler, por provisaõ do Illustrissimo Arcebispo da Metropoli Oriental Dom Joaõ de Souza, e Visitador no termo da Villa de Torres-Vedras, no tempo do Eminentissimo Cardeal Arcebispo de Lisboa, e Capellaõ mor Dom Luiz de Souza, por provizaõ passada aos doze de Mayo de 1683. Tambem foy Commissario da Bulla da Santa Cruzada nesta Villa de Santarem, e seos districtos; e he sem duvida, que foy homem de grande exemplo, letras, noticias, e virtudes.

No districto desta Freguezia, trinta passos da Igreja Nova para a parte do Norte, està edificada huma altissima Torre, a qual parece que elevando-se com vaidozo termo, a exceder os limites dessa regiaõ aerea, soberba piza a esfèra terrestre em que nascèra. Esta se fórma de quatro lados iguaes, obrada de boa alvenaria, e só tem os angulos dos quatro cunhais de cantaria, que a fazem fortissima. He sabido com toda a certeza ser obra que mandou fazer o Senhor Rey Dom Manoel de gloriosa memoria: he fechada na sua ultima altura com huma abobeda em fór-

ma rotunda de meya laranja ; e por cima bem no centro da cupula està hum grande sino sostido por quatro varoens de ferro , que se estribaõ nos quatro angulos , ou cantos ; os quaes fazem o ultimo remate a toda a eminencia da mesma torre. Este grande sino he admiravel , naõ só pela grandeza , mas pela boa voz que tem ; serve de relogio , e governo das horas para toda a Villa , e tambem para os arrabaldes della , porque sôa muyto longe. Tem esta torre outro sino que he o que vulgarmente chamaõ de correr ; o qual se tòca por ordem das justiças,de noute a suas horas competentes , para a mesma justiça conservar o bom regimen da Villa. He esta torre da administraçaõ do Senado da dita Villa com salario taxado ao relojoeyro , que he data dos mesmos Senadores.

Comprehende mais esta Freguezia pela parte do Nordèste duas fontes nativas , huma dellas existe em hũ pomar, e horta , q̃ tudo fica em hũa eminente ladeira , mas com seos socalcos para as aguas regarem a hortaliça. Esta fonte naõ he muy caudelosa , porèm nunca se seca , e toda esta ladeira com tudo o que em si logra he pertencente às sumptuosas cazas dos Condes de Obidos , as quaes estaõ edificadas no mais alto chaõ de toda esta barroca , e confinaõ com a mesma Igreja de S. Martinho. Logo na primeira descida desta dita ladeira , se acha huma caza subterranea entre a frescura de algumas arvores ; a qual

he

he fabricada de abobeda de tijolo, couza que indica muyta antiguidade, e na entrada tem hũ nobre, e grandiofo portal de pedraria lavrada, com pilaftras todas almofadadas de boa cafta de pedra. Naõ temos defcuberto noticia individual do tempo em que foy edificada: algumas peffoas dizem que foy obra dos Arabes quando fenhoreàraõ efta Villa, porêm a fabrica do feo portico naõ nos dà finais diffo, porque as obras mouriſcas fempre vemos nellas naõ terem a regularidade defta, que he feguida em parte, com a ordem Tofcana, e em parte com a Dòrica, dás quais naõ fey que uzaffem em algum tempo os Arabes: o que a mim me parece fer mais provavel com o fentir de alguns curiofos antiquarios he, que efta caza a mandàraõ fazer antiguamente os mefmos Condes de Obidos para nella tomarem o frefco no tempo do Eftio; e affim deixo por defvanecida a primeira opiniaõ, a qual entendo que he fó fundada na lembrança de que os Mouros uzavaõ fazer cazas debaixo do chaõ, e nellas viviaõ, e daqui nafceria chamarem a efta (como hoje chamaõ) a caza dos Mouros.

A fegunda fonte tambem nativa, fe acha fituada em outra ladeira, ou barroca, que parte, e confina com a que fica referida, ambas ao nafcente, e efta ultima tambem he pouco copiofa a qual pertence a outro dono que tem as fuas cazas defronte do palacio dos Condes de Tarouca, a efta fonte fe lhe fabricou hum tanque de

tijolo perto do feo nafcimento, proporcionado à limitaçaõ da agua, que ferve de repreza para melhor fe regar a hortaliça. Naõ tem eftas duas fontes architectura que admire, mais que a ordinaria para fe aproveitarem, e fe naõ perderem as fuas agoas, pois naõ faõ muytas, mas fempre com o feo vagarofo curfo caminhaõ para a ribeira defta Villa bufcando o Rio Tejo.

Pela parte que fica entre o Oriente, e o Meyo dia confina o territorio defta Freguezia, com o diftricto de Alcaçova que antiguamente era o Caftello da Villa, o qual a induftria dos homens cercou de fortiffimos muros, e ainda hoje exiftem. Efte Caftello em algum tempo ficava apartado da Villa, ainda que com pouca diftancia, e hoje eftà toda a povoaçaõ quafi miftica. Para a parte do Noroèfte ao travès da calçada que vay para Alfange, temos noticias certas, que ali eftava huma ponte (e ainda agora daõ àquelle lugar efte nome) a qual era levadiça por onde fe paffava antes de fe entrar pela porta do Caftello; e ahi na parte mais alta, junto aonde eftaõ hoje humas cazas que faõ dos Peyxotos Silvas, Provedores das Lizirias, exiftia com a antiguidade das muralhas, huma torre que chamavaõ do Bufo, da qual nos differaõ peffoas veteranas, que ainda alcançàraõ a fua exiftencia, era por extremo taõ alta, que de cima dellaf e divifava o Caftello de Lisboa, e muyta parte da mefma Cidade fendo a diftancia de quatorze legoas. Efta grandiffima

ma torre que era digna de ſe conſervar pela ſua immenſa grandeza, e mayor ornato das antiguidades deſta Villa, foy toda demolida, e com a ſua cantaria ſe fabricou huma muralha em eſcarpa, raza por cima com o meſmo monte, ficando parte della fronteira ao Nordêſte, e parte ao Norte, com tres guritas, ou ſentinèllas redondas; cada huma dellas fixas nos bicos, ou angulos da meſma muralha.

CAPITULO X.

Em que ſe dà noticia da Parroquial Igreja de S. Nicolao deſta Villa de Santarem.

DEntro dos muros deſta Villa, no meyo della eſtà ſituada a fermoſa, e alegre Igreja de S. Nicolao Biſpo de Patara, nobre freguezia entre as mais deſte grande Povo. Eſtà aſſentuada com a porta principal para a parte do Poente, ſendo a ſua eſtatura de mediana grandeza. Divide-ſe por dentro em tres naves, tendo cada huma dellas quatro arcos, que ſe ſuſtentaõ em columnas da ordem Toſcana. A Capella mor tem tribuna de talha moderna, dourada; por cima da banqueta do Altar eſtaõ collocadas duas perfeitiſſimas Imagens de vulto; a da parte da Epiſtola he a do Orago da meſma Igreja o glorioſo S. Nicolao, e a da parte do Evangelho a de N. Senhora da Guia. Tem duas Capellas Col-

lateraes

lateraes fundas para dentro; a da parte do Evangelho, nella se vê a Imagem de Santa Anna a quem he dedicada, e a da parte da Epistola he dedicada ao SANTISSIMO SACRAMENTO aonde està continuamente em hum Sacrario. Tem no corpo da Igreja, ou nas paredes das naves, cinco Capellas todas tambem fundas para dentro; tres estaõ na parede à maõ direita entrando pela porta principal, e duas à esquerda: a primeira, que fica logo entrando pela porta à maõ direita he dedicada a JESUS crucificado: a segunda ao Menino JESUS; e a terceira a N. Senhora da Expectaçaõ. As duas que ficaõ à parte esquerda, a primei-he dedicada a S. Silvestre; e a segunda a N. Senhora da Conceyçaõ. He esta Igreja forrada por cima de boa madeira, assim o corpo, como as naves; e o coro por cima da porta principal industriosamente bem obrado. Contigua com esta mesma Igreja para a parte do Norte, se cõmunica por dentro huma Capella grande de abobeda com huma só nave, com seo Altar dedicado ao glorioso S. Pedro Apostolo, em a qual està a sua Imagem de vulto, e tem a sua porta para a rua chamada vulgarmente a de S. Nicolao. Entrando nesta Capella por esta sua porta principal da rua se vè no meyo da parede à maõ direita hum arco embebido na mesma parede com huma sepultura levantada, em a qual se lè hum letreiro que diz as seguintes palavras. = *Fernaõ Rodrigues Redondo, e Marinha Affonso sua mulher, cada anno tem* 1360. *Missas.*

Miſſas. = Da inſtituiçaõ deſta Capella fallaremos adiante individualmente.

Eſta Igreja padeceo hũ incendio pelo qual ſe reduzio a total ruina, e talvez ſeja eſte o motivo porque ſe naõ acha no ſeu cartorio a noticia da ſua primeira fundaçaõ; ou porque o fogo a ſepultaſſe em cinzas, ou pela dezordem que coſtumaõ cauzar ſemilhantes incidentes aonde ha fogos grandes como foraõ os que abrazàraõ eſta Igreja; que deſpois foy reedificada no anno de 1613. Porèm achàmos na maõ do Reverendo Prior o Padre Jozè de Sequeira (Paroco, que hoje he da meſma freguezia) hum treslado autentico da inſtituiçaõ da Capella de S. Pedro referida neſte Capitulo, e doaçaõ, e permuta feita cõ os teſtamenteiros de Fernaõ Rodrigues Redondo, e ſua mulher Marinha Affonſo, a qual inſtituiçaõ nos ſerve de muyto neſte Capitulo, naõ ſó pela noticia memoravel, mas para moſtrar o erro em que cahìraõ alguns Eſcritores menos bem informados neſte particular; e aſſim nos nomes dos teſtamenteiros, como em dizerem fora feita a promeſſa de Fernaõ Rodrigues Redondo com ſua mulher Marinha Affonſo. Hum dos Eſcritores foy o Padre Antonio Carvalho na Corografia Portugueza Tom. 2. fol. 46. Trat. 1. fallando da Comarca Cap. 8. na Villa de Arganil: aonde diz, que o Senhor Rey D. Affonſo IV. fizera a permuta do Padroado da Igreja de S. Nicolao de Santarem com as meſmas regalias, que nel-

la

la tinha, pelas de Arganil, e Pombeiro com os testamenteiros Fernaõ Lopes, e Francisco Nunes; o que he apochrypho, porque os testamenteiros se chamava hum, Mem Rodrigues de Vàsconcellos, e o outro Joaõ Nunes, pondo no lugar de testamenteiros a Fernaõ Lopes, que era Guarda-mòr da Torre do Tombo, a quem o Senhor Rey D. Manoel deu este emprego, despois da morte do Chronista mòr Ruy de Pina, e seo Filho Fernaõ de Pina, que lhe succedeo no mesmo emprego, do que fas mençaõ o eruditissimo Academico Real da Historia Portugueza Francisco Leitaõ Ferreira, na sua noticia universal, mas compendiosa, e dirigida só à Universidade de Coimbra.

O outro, que nos parece tambem ser erro, he do grande, e reverenciado Escritor o Conde D. Pedro no seu Nobiliario, que no titulo 4. folhas 231. diz que a permuta fora feita com a dita Marinha Affonso no anno de 1371. E supposto que acertou na era, quanto a dizer que a permuta fora feita com a dita Marinha Affonso, foy menos bem informado, porque do Alvarà, que està na maõ do dito Prior desta Igreja, tirado da Torre do Tombo, no anno de 1425. aos vinte dias do mez de Novembro, sendo Guarda mòr o Chronista Fernaõ Lopes, só consta, que o dito Rey D. Affonso IV. fizera a dita permuta com os ditos dous testamenteiros acima nomeados: e foy, que lhe deo pelos Padroados, Senhorios,

nhorios, e rendas de Arganil, e Pombeiro o Padroado da Igreja de S. Nicolao de Santarem, junto da qual edificàraõ a Capella de S. Pedro, aonde jà dissemos estaõ sepultados os ditos instituidores.

E por virtude desta doaçaõ, e permuta, que o dito Senhor Rey fes com os ditos testamenteiros, ficàraõ elles tendo em si o Padroado da dita Igreja, assim da mesma sórte, que o dito Senhor Rey a possuia, e ficàraõ sendo (como saõ) os Senhores Reys de Portugal Protectores, e defensores das suas regalias, e Padroado; por cuja protecçaõ lhe ficou applicada a tençaõ de hum dos Capellaens instituidos nesta Capella. Foy confirmada esta doaçaõ em Cabido pelo Bispo de Lisboa D. Joaõ, no anno de 1373. o que consta de hum papel autentico, que està no cartorio desta Igreja de S. Nicolao: ficando este Padroado por virtude desta permuta existindo athè hoje no Prior Capellaõ mòr, e mais Capellaens, com o uzo de Padroado secular, e protecçaõ Real.

Pelas razoens que ficaõ ditas, se intitula o Parroco desta Igreja Prior de S. Nicolao, e Capellaõ mòr das Capellas de S. Pedro. E quando vaga o Priorado para se eleger outro Prior, he a aprezentaçaõ dos ditos Capellaens de S. Pedro, prezentes, e rezidentes, que o elegem a mais votos em acto de eleiçaõ canonica, à qual saõ chamados logo que vaga, a som de campa tangida. Tem esta Igreja seis Beneficiados collados que

faõ da aprezentaçaõ do Prior juntamente com os mais Beneficiados, que assim consta do livro 3. dos Beneficios, que està no armario 2. do Archivo da Sê de Lisboa Oriental, a fol. 55. do mesmo livro. Tem o Parroco nos frutos do Priorado, e de Capellaõ mòr de S. Pedro de renda mais de quatro centos mil reis, em cada hum anno. E os Beneficiados, ordinariamente de frutos certos, e incertos teràõ pouco menos de outenta mil reis, tambem annualmente, e os jà ditos Capellaens de S. Pedro, que tambem saõ da aprezentaçaõ do Capellaõ mòr, e mais Capellaens do mesmo Santo, saõ eleitos da mesma sórte, e cõ a mesma solemnidade com que se costuma eleger Capellaõ mòr quando vaga; sendo a sua collaçaõ *in solidum* do Prior Capellaõ mòr, que nesta pòsse estaõ, e estiveraõ sempre. Terà de renda cada huma destas Capellanias, que saõ cinco em cada hum anno, sessenta mil reis com pouca diferença nos frutos certos, e incertos.

Consta o numero dos Parroquianos desta Igreja de S. Nicolao, que existem, e moraõ dentro na Villa de 264. fogos, em os quais se achaõ, que as pessoas mayores saõ 878. e menores 95. extra muros para a parte do Poente, no limite chamado o rego de manços, e fontainhas, que constaõ de quintas, ortas, e cazais, comprehende em si 109. fogos: delles as pessoas mayores saõ 336. e menores 58. No campo da lem do Tejo tambem tem Parroquianos, que constaõ de quin-

quintas, e cazais; e tem o numero de 67. fogos: as pessoas mayores saõ 165. e menores 58. a q̃ todos administraõ o Parroco desta Igreja os Sacramentos com hũ Cura, que aprezenta, a quem paga ordenado.

Nesta Igreja existem duas nobres Irmandades ambas approvadas pelo Ordinario, com seos Compromissos. Huma he do SANTISSIMO SACRAMENTO, que foy approvada no anno de 1632. a outra he a do Menino JESUS, instituida no anno de 1583. e confirmada no mesmo anno pelo Illustrimo Senhor D. George de Almeida Arcebispo de Lisboa a cinco de Julho. Tem esta Irmandade huma concessaõ das indulgencias innumeraveis que goza a Archiconfraria da Caridade de S. Jeronymo em Roma: cujas indulgencias concedeo o Papa Paulo V. por Bulla passada no anno de 1607. no segundo do seo Pontificado. A incorporaçaõ desta Irmandade do Menino JESUS, impetrou em Roma o seo Procurador o nobre Senhor Jozè Doria; e se concedeo por Bulla de Innocencio XI. passada em Roma a nove de Dezembro de 1686. no anno undecimo do seo Pontificado. A Capella em que està o Menino JESUS a comprou a sua Irmandade por 45U. reis. ao Prior, e Beneficiados desta Igreja, por escritura feita em trinta e hum de Outubro de 1719. pelo Tabaliaõ Theotonio da Fonseca, havendo vista o Ordinario.

CAPITULO XI.

Em que se dà noticia da erecçaõ, e existencia do Hospital da invocaçaõ de JESU Christo; sito dentro desta Villa de Santarem.

A Igreja deste grande, e fermoso Hospital da invocaçaõ de JESUS Christo, desta Villa, he annexa à Igreja de S. Nicolao, por estar dentro no limite da sua freguezia. He de huma só nave, e menos de mediana grandeza, obra antiga. Tem Sacrario no Altar mòr, onde se conserva o Divinissimo SACRAMENTO que se administra aos enfermos pelo Capellaõ do mesmo Hospital, que nelle diz Missa quotidiana. Tem mais dous Altares metidos nas paredes, mas quasi que ficaõ à face nos lados do corpo da Igreja. O da parte direita a quem entra pela porta, he dedicado à gloriosa Santa Anna, e o da parte esquerda a N. Senhora do Repouzo. Nos dous lados do Altar mòr estaõ dous padrões com os seguintes letreiros: da parte do Evangelho tem està inscripçaõ que diz:

Joaõ Affonso de Santarem do Concelho delRey D. Joaõ o I. fundou este Hospital de JESU Christo, anno de 1426. *e o dotou com toda a sua fazenda; com obrigaçaõ de duas Missas quotidianas por sua alma, e de seos Pays, e de sua mulher Iria Affonso; e de manter* 13. *mercieiros, e mais obrigaçoens*

ens de ſeo teſtamento: jàs ſepultado na Igreja de S. Nicolao deſta Villa na ſua Capella.

No outro padraõ que eſtà da parte da Epiſtola ſe lè o ſeguinte letreiro:

Sepultura de Pedro Eſcuro, do Concelho delRey D. Affonſo Henriques, a quem o dito Senhor para tomar eſta Villa aos Mouros, ſe encarregou a porta de Vallada, pela qual entrou, e por memoria ſe mandou enterrar junto della: e deſpois por haver inſtituido o Hoſpital do Reclamador, e Palmeiro, mandou ElRey D. Manoel tresladar ſeos oſſos a eſta Igreja donde tem Miſſa quotidiana.

Eſte Hoſpital foy inſtituido a 16. de Dezembro no anno de 1426.por Joaõ Affonſo de Santarem, natural deſta meſma Villa.Era eſte fidalgo do Cõcelho delRey D. Joaõ o I., e cazado com D. Iria Afonſo,Senhora da primeira nobreza do Reyno: Acompanhou ao dito Rey nas guerras, que deſpois da morte delRey D. Fernando ſe movèraõ contra ElRey D. Joaõ I. de Caſtella; ajudando Joaõ Affonſo ao ſeo Rey Portuguez, com a fazenda, armas, cavallos, e peſſoa; e como o Reyno por entaõ ſe achava diminuto nas rendas, pelas diviſoens que havia entre ElRey, e a Raynha D. Leonor Telles de Menezes (ſua cunhada) vendeo ſeos bens Joaõ Affonſo empregando o dinheiro nas deſpezas da ſua comitiva, e empreſtimo ao Rey para ſuſtentar as guerras que ſe terminàraõ com a memoravel batalha, e vitorioſo triunfo das armas Portuguezas nos campos

de

de Aljubarrota. Recolheu-se Joaõ Affonso para Santarem pobre, e com o patrimonio dispendido em serviço delRey; o qual querendolhe gratificar seos grandes serviços, e dar satisfaçaõ ao dinheiro emprestado; lhe fez doaçaõ de certas propriedades, confiscadas aos que nesta Villa seguiraõ a partes de Castella. Vendo-se Joaõ Affonso com as mesmas rendas do Fisco, taõ choradas dos que ficàraõ pobres, e de mais alguma pobreza da Villa; ordenou, e fes seo testamento em dezaseis de Dezembro de 1426. fazendo a instituiçaõ deste Hospital, que começa na fórma que aqui diremos.

Mando que nestas minhas cazas novas se faça hum Hospital pela minha alma, de meu Pay, e Mãy, e pela de minha mulher D. Iria Affonso; e por todos aquelles por quem sou obrigado rogar a Deos: o qual Hospital seja chamado de JESU Christo &c. Esta instituiçaõ confirmou o mesmo Rey D. Joaõ o I. no anno de 1461. Mas porque este Hospital era limitado em rendas para os doentes de huma Villa taõ populosa, e dilatado termo; quando ElRey D. Joaõ II. supplicou ao Papa Innocencio VIII. a uniaõ de todos os Hospitais de Lisboa em hum só; tambem meteo na supplica a annexaçaõ de todos os de Santarem a este de JESU Christo, que por concessaõ sua se incorporàraõ os mais, que adiante diremos a este Hospital, sendo expedida a Bulla no anno de 1485. E para dizermos com mais individuaçaõ, e clareza as noticias que do dito Hos-

Hoſpital ſe achaõ no Archivo do Convento de Santo Eloy de Lisboa, e nos livros manuſcritos do grande Eſcritor o Padre Meſtre George de S. Paulo, faremos aqui primeiro memoria dellas, e deſpois diremos as que hoje achamos no meſmo Hoſpital.

Primeiramente conſta do livro do Padre Meſtre George de S. Paulo em o ſeo Epilogo no Capitulo 54. fol. 143. fallando deſte Hoſpital (deſpois que ſe lhe uniraõ os mais da Villa) pelo original aſſento, que eſtà no Archivo de Santo Eloy, ſobre os encargos de quem governar o Hoſpital da Villa de Santarem diz, que corre por conta da ſua adminiſtraçaõ, ſatisfazendo às clauſulas do teſtamento, mandar dizer em cada hum anno, doze Capellas de Miſſas quotidianas, ſendo cincoenta e cinco cantadas com dous ſermoens; que em todas eſtas Capellas ſe diſpendia em dinheiro cento e ſetenta e nove mil e outo centos reis. Diz que ſe gaſtava em ordenados, e offertas mil nove centos e outenta alqueires de trigo, que a cento e ſeſſenta reis importa, trezentos e deſaſeis mil e outocentos reis. Diſpendia-ſe mais em ordenados ſeiscentos e ſeſſenta alqueires de cevada, que a outenta reis, importa cincoenta e dous mil e outocentos reis. Mais em ordenados a dinheiro, com officiais, e ſerventes, cento e nove mil e outocentos reis. Paga de azeite para as lampadas, e ordenados, quarenta e hum cantaros, a ſetecentos reis, importa vinte e

outo

outo mil e setecentos reis, que somada esta conta, vemse a saber, que dispendia o Hospital naquelle tempo seiscentos e outenta e seis mil e outocentos reis, 686U800. de encargos, sem a cura dos enfermos.

Consta do mesmo livro no Capitulo allegado que havia neste Hospital treze Mercieiros, e Mercieiras a quem se dava todo o necessario de comer, beber, vestir, e calçar, e cura em suas particulares enfermarias, com enfermeiro, e enfermeira que a cada hũ se dava de ordenado, quarenta e outo alqueires de trigo, outo varas de panno de linho, mil e outocentos reis para o calçado, e desouto reis por dia de conduto. Diz o mesmo Capitulo, que havia mais quinze Mercieiros do Hospital de Palhais, com ordenado de quinze alqueires de trigo a cada hum, com obrigaçaõ de hirem todos os primeiros Domingos do mez assistir a huma Missa cantada na Igreja de N. Senhora de Palhais; com seo Ermitaõ, o qual tinha de ordenado hum moyo de trigo, e seis cantaros de azeite, e mil e outocentos reis em dinheiro. Havia mais sete Mercieiras no Espirito Santo recolhidas, com ordenado de trinta alqueires de trigo, cinco de cevada, cantaro e meyo de azeite, e trezentos reis; e em suas enfermidades se curavaõ pelas despezas do dito Hospital. Que tinha hum Ermitaõ para tratar dellas, e compor a Igreja com o mesmo ordenado, e de mais mil e duzentos e sessenta reis. Daqui se vè que susten-

ſuſtentou ſempre eſte Hoſpital trinta e cinco Mercieiros, e Mercieiras. E para nòs ſabermos curioſamente o tempo que os Conegos da Congregaçaõ do Evãgeliſta adminiſtràraõ o governo deſte Hoſpital de JESU Chriſto deſta Villa de Santarem, proſegue o meſmo Capitulo dizendo. Que ElRey D. Joaõ o III. dezejando occupar os Padres da noſſa Congregaçaõ nas materias de mais confiança, e de mayor ſerviço de Deos, nos pedio com grandes inſtancias quizeſſemos aceitar o governo do Hoſpital de Liſboa, que logo por lhe fazermos a vontade, e ſer couza em que elle moſtrava ter tanto goſto, nos encarregàmos da ſua adminiſtraçaõ. Sabendo ElRey como os noſſos Religioſos procediaõ pontualmente no ſerviço de Deos em aquelle Hoſpital Real de todos os Santos, e como eraõ prudentes no governo, fieis no diſpender das ſuas rendas, e caritativos com os enfermos, pedio novamente à Congregaçaõ quizeſſe aceitar, e adminiſtrar o Hoſpital de Santarem, que ſe aceitou no Capitulo geral anno de 1531. e logo ſe elegeo Provedor o Padre Simaõ de S. Miguel, Almoxarife o Padre Franciſco de Santa Maria de Alcacer, e Mordomo o Padre Gaſpar dos Reys.

Governàraõ os Conegos da Congregaçaõ do Evangeliſta por duas vezes, e largos annos, eſte Hoſpital de JESU Chriſto: da primeira foy deſde o anno referido de 1531. atè o de 1566. e na ſegunda, do anno de 1597. atè o de 1607. ſendo

por todos estes tempos assistido por quatorze Provedores da mesma Congregação: e com tanto cuidado se occupavaõ para augmentar o bem da pobreza, que quando por justas causas renunciàraõ esta administraçaõ, naõ só se vio estar ali tudo bem ordenado, e opulento, mas para que se sayba a fidelidade daquelles Padres, achàmos agora no Archivo de Santo Eloy, hum livro de contas a fol. 244. feito pelo Almoxarife que entaõ era do dito Hospital, o Padre Francisco de S. Bento, pessoa de grandissima virtude, que na entrega que delle fez ao governo da Misericordia da mesma Villa, consta que entregou em dinheiro quatorze mil cruzados; e se vè no mesmo livro que naquelle tempo tinha o Hospital de renda dous contos, seiscentos e trinta e seis mil reis. E he muyto para se louvar, que o dito Padre Almoxarife entregasse dobrado dinheiro, do que entaõ tinha o Hospital de renda.

Tambem se nos offerece aqui, pois estamos na mesma materia, e naõ he fóra do assumpto deste Capitulo, tocarmos as razoens porque os Conegos do Evangelista (minha Congregaçaõ sagrada) se quizeraõ eximir da administraçaõ deste Hospital, e dos mais que diremos; porque no Cartorio do Convento de S. Bento de Xabregas se acha hum livro das memorias pertencentes a esta Religiaõ; o qual a fol. 259. Cap. 59. diz o que nos serve agora ao nosso intento. Bem conheciaõ as pessoas dezenteressadas, o zelo, cari-

caridade, e fiel vigilancia com que os Conegos de S. Joaõ Evangelista se haviaõ nos Hospitaes, que lhes foraõ entregues por ElRey D. Joaõ o III. porèm pervaleceo tanto a inveja dos pertendentes de seo governo, aquelles, que por justas causas foraõ excluidos pelo mesmo Rey, que de hum manejo de que faziaõ lucro, vingavaõ com imposturas menos verdadeiras, a falta das suas conveniencias. E achando estes a resoluçaõ facil na froxidaõ do Cardeal Infante governador, que pelos repetidos requerimentos, que lhe faziaõ, o puzeraõ na duvida do que faria neste particular; porque sabia a caridade, a limpeza, e abundancia nelles despendida pelos Padres. Mas assim como na luz do Sol, huns acreditaõ a vista, e outros a perdem: assim à vista das boas obras, a huns he exemplo, a outros escandalo. Muytos destes havia, que reinando nelles a cobiça, murmuravaõ daquelles Padres, fazendo a vontade à inveja, e cortando com aquellas lingoas, que saõ tezouras do inferno, o que devia ser louvado por bocas de ouro, e vozes de prata. Sabendo a Congregaçaõ as diligencias dos interessados na administraçaõ dos Hospitaes, de Lisboa, Santarem, e Monte mòr, mandou logo o Capitulo (que proximamente se celebrou) ao Reverendissimo Padre Geral Diogo da Resurreiçaõ, fosse fallar ao Cardeal Rey, que houvesse por bem, attendendo às causas que allegava, fosse servido como Principe taõ piedoso que

era, aliviar a sua Congregaçaõ, dos Hospitaes que ElRey D. Joaõ o III. lhe tinha entregue, pois os Religiosos que ella tinha eraõ poucos para satisfazerem as obrigaçoens do coro, dos pulpitos, e dos confissionarios. E ainda que com bastante repugnancia, o Cardeal aceitou as justas razoens, e a renuncia dos tres referidos Hospitaes, e os entregou às Misericordias. Sendo isto no anno de 1565. entrando a ser o primeiro Provedor deste Hospital de Santarem, Antonio do Cem fidalgo da caza de Sua Magestade, e Escrivaõ Ruy Dias Castello, em prezença do Corregedor Diogo Machado Cabral.

Foraõ os Provedores, e Irmaõs da Misericordia continuando cõ a administraçaõ deste Hospital atê o anno de 1597. em cujo meyo tempo se unio a Coroa de Portugal à de Castella; e despois sendo Rey deste Reyno Filippe prudente, a rogos do povo desta Villa, e ainda por instancias da mesma Irmandade, pedio o dito Rey à Cõgregaçaõ do Evangelista, pelas verdadeiras informaçoens que tinha, que por serviço de Deos quizesse aceitar segunda vez o governo do dito Hospital: o qual a Congregaçaõ aceitou no mesmo anno por provizaõ real, que foy a que aqui se segue tresladada fielmente do Original.

Eu ElRey, faço saber aos que esta Provizaõ virem, que pedindome os moradores de Santarem, e os Irmaõs da Misericordia da mesma Villa pelas razoens que para isso me apontàraõ, e me parecèraõ justas, e por

por outros juſtos reſpeitos, que a iſſo me moverão, mandey tratar com o Padre Geral, e Religioſos de S. João Evangeliſta quizeſſem encarregarſe deſta adminiſtração, que antes tiverão, e elles a aceitàrão por fazerem niſſo ſerviço a Deos, e a mim: pelo que havendo reſpeito ao bom procedimento dos Religioſos da dita Congregação na adminiſtração deſte Hoſpital, em todo o tempo, que o tiverão, e pela muyta confiança que tenho no que nella ſervirão a Deos, e cumprîrão inteiramente cõ as obrigaçoens do dito Hoſpital, hey por bem de entregar a adminiſtração delle aos ditos Religioſos, para q̃ ſe governe por aquelles q̃ para iſſo forem deputados &c. E mando ao Provedor da Comarca và logo com eſta Proviſão dar a poſſe do dito Hoſpital. 9. de Agoſto de 1597.

Continuàrão os Padres com eſta adminiſtração atè o anno de 1608. quando por novos emulos, ou procedidos da inveja, ou da ambição (que por não eſcandalizar alguns ouvidos não dizemos aqui o que achàmos eſcrito, e bem provado, contra o braço ſecular;) neſte referido anno, fes a Congregação nova ſupplica a ElRey Filippe ElBueno, apontandolhe novas razoens de não convir à Congregação o governo deſte Hoſpital, e com tais inſtancias, que ElRey foy ſervido mandalo entregar à Irmandade da Miſericordia por ſua Proviſão, a qual foy feita em 25. de Junho do dito anno de 1608. entrando a ſer Provedor D. Manoel de Souſa, e Eſcrivão Manoel de Coimbra; perſeverando ſempre na ſua poſſe eſta nobre Irmandade atè hoje, que iſto eſcre-

escrevemos, que he no anno de 1736.

As mais noticias que podemos achar neste Hospital no que toca ao testamento do Instituidor João Affonso, saõ quasi as mesmas que temos escrito. Acha-se, que no dito testamento feito aos seis dias de Settembro de 1426. a sua ultima vontade he encomendar muyto o modo que se havia de ter para a conservaçaõ do Hospital; ordenando o bom trato dos enfermos, que nelle se curassem, e dos cinco Mercieiros, e outo Mercieiras, que nelle deixava para sempre. No mesmo testamento determina, àlem de outras obrigaçoens que deixa, se lhe digaõ duas Missas quotidianas na sua Capella, que he de que jà fizemos memoria, na Igreja de S. Nicolao entrando pela porta principal logo à maõ direita, na qual està elle sepultado com seos Pays, mulher, e filhos.

Tambem se acha neste Hospital a noticia certa do que jà temos dito, em quanto a dizerse, que se uniraõ a elle por Bulla que pedio o Senhor Rey D. Joaõ o II. ao Summo Pontifice Innocencio VIII. expedida no anno de 1485. e segundo do seo Pontificado, todos os Hospitaes, e Alvergarias, que havia por todas as freguezias desta Villa, que se acha foraõ quinze, os quais saõ os seguintes. O primeiro he o Hospital que tem a invocaçaõ do Espirito Santo, erecto na freguezia do Salvador, e nelle ha huma Ermida da mesma invocaçaõ, e junto a ella com serven-

tia

tia para a meſma Ermida, tem hum cerco de cazas com ſeu patio, e no meyo delle huma ciſterna. Neſtas ditas cazas vivem recolhidas ſete Mercieiras em quartos ſeparados, mas com huma ſó porta. Ali junto do patio tem hum Ermitaõ, que as ſerve; ſaõ providas nos lugares quando vagaõ, pela meza da Miſericordia, e todas ſuſtentadas pelos rendimentos do meſmo Hoſpital de JESU Chriſto. O ſegundo Hoſpital foy intitulado da alampada; tambem erecto na meſma freguezia do Salvador. Terceiro he o dos fieis de Deos erecto na freguezia de N. Senhora de Marvilla; cuja rua ainda hoje tem eſte titulo. Quarto he o de D. Gayam erecto na meſma freguezia de Marvilla, na calçada que chamaõ da Tamarma: tinha Ermida com a invocaçaõ de S. Chriſtovaõ, a qual ha poucos annos ſe arruynou, e nella eſtava ſepultado o dito inſtituidor, como jà diſſemos quando fallàmos das Ermidas, que eſtaõ no limite deſta freguezia. Quinto, he o Hoſpital de S. Lazaro, que primeiro foy erecto na freguezia do Salvador, e deſpois mudado para a de N. Senhora de Marvilla de que tambem jà na meſma fizemos mais larga memoria, com ſua Ermida da invocaçaõ do meſmo Santo, do numero dos Mercieiros Lazaros, que padecem achaques incuraveis; tem hum Ermitaõ, que ſerve de os prover de todo o neceſſario: vivem em cazas ſeparadas, com huma ſó porta de ſerventia, a qual ſerve de entrada a hum grande patio, dentro do qual eſtà a dita Ermida,

mida,

mida, e saõ sustentados pelo rendimento do mesmo Hospital, que lhe administra a Misericordia. O sexto he o Hospital de S. Bràs, erecto na freguezia do santissimo Milagre. O setimo he o Hospital do Corpo de Deos, erecto tambem na mesma freguezia do Milagre. O outavo he o dos Innocentes expostos, aonde havia o roda, que hoje està no Hospital de JESUS Christo: foy instituido pela Rainha Santa Isabel, e por D. Martinho Bispo da Guarda, na mesma freguezia; hoje he o Recolhimento das Capuchas, que disto jà dèmos larga conta quando fallàmos da Igreja do santissimo Milagre. O nono he o Hospital de S. Giaõ, o qual estava no districto da freguezia de S. Juliaõ. O decimo foy o Hospital de S. Martinho, erecto na mesma freguezia, cuja Igreja tem o titulo deste Santo, e dentro no seo districto teve este Hospital varios assentos. O undecimo foy o Hospital chamado de Pedro Escuro, o qual tambem se chamava do Reclamador, erecto na freguezia de S. Lourenço, e situado sobre a porta, que chamaõ de Vallada, huma das desta Villa, para a parte do Sul, aonde hoje se vè hũa sumptuosa Ermida da invocaçaõ de N. Senhora Madre de Deos. O duodecimo he o Hospital de Palhaes, situado na freguezia de Santa Iria. Tem huma Ermida grande da invocaçaõ de N. Senhora da Encarnaçaõ: nella se diz Missa os Domingos, e dias Santos; à qual assistem todos os primeiros Domingos dos mezes, quinze Mercieiros, com

hum

hum Ermitaõ, que tambem aſſiſte com elles às Miſſas, e cuyda em agazalhar os peregrinos em as cazas contiguas à meſma Ermida, deixadas, e conſervadas para eſſe effeito: os quais Mercieiros, e Ermitaõ, quando vagaõ, ſaõ appreſentados pela meza da Miſericordia. O decimo terceiro, foy o Hoſpital da Trindade, erecto neſta freguezia de S. Nicolao. O decimo quarto, foy o Hoſpital de S. Sylveſtre, erecto no diſtricto deſta meſma freguezia de S. Nicolao, na rua, que ainda hoje chamaõ de S. Silveſtre. Tem Capella particular na Igreja deſta freguezia. O decimo quinto, e ultimo Hoſpital foy o da Abobeda junto ao Convento da Trindade, no diſtricto da freguezia do Salvador; o qual exiſtia antigamente no ſitio da Senhora do Monte, que ſervia de ſe curarem nelle os cativos; e quando ſe mudàraõ os Padre Trinos daquelle dito ſitio do Monte para o da Senhora da Abobeda, tambem ſe mudou eſte Hoſpital para a meſma parte, que dahi o invocàraõ com o nome da Abobeda. Cuja materia fique rezervada para quando fallarmos largamente da fundaçaõ deſte mencionado Convento.

As obrigaçoens de todos eſtes Hoſpitaes ſaõ taõ diverſas, e taõ devotas, como foraõ os pios impulſos dos coraçoens de quem os erigio; pois huns foraõ inſtituidos com a obrigaçaõ de receber, e criar os expoſtos innocentes; outros de ſuſtentar Mercieiros, e Lazaros, como he eſte,

o do Espirito Santo, e o de S. Lazaro: e finalmente outros de curar enfermos, e agazalhar peregrinos, como he o de Palhaes, Trindade, e os outros mais de que aqui fizemos memoria. E pelo rendimento de todos com este de JESUS Christo se curaõ quantos doentes a elle concorrem, em o qual ha tres enfermarias separadas, de Religiosos do habito de S. Francisco, huma he dos Padres Antoninhos, outra dos Arrabidos, e dos Terceiros, aonde se curaõ grande numero de Religiosos de varios Conventos das suas Provincias.

CAPITULO XII.

Da-se noticia das Ermidas q̃ saõ annexas a esta freguezia de S. Nicolao, e mais algumas antiguidades, que tocaõ a esta Igreja.

A Esta Igreja de S. Nicolao saõ annexas sete Ermidas; huma està dentro da Villa, e as seis fóra della em diversos sitios. A que està dentro da Villa he dedicada à Mãy de Deos com a invocaçaõ de N. Senhora do Bom Successo, situada debaixo da Torre chamada vulgarmente a Porta de Manços, que he huma das principais portas por onde se entra para a Villa. As seis estaõ extra-muros (mas dentro do limite da freguezia) duas estaõ situadas na parte dalem do Tejo no campo; as quais ficaõ logo em pouca distan-

diſtancia deſte rio. Outra que tambem fica àlem do Tejo, mas em diſtancia de duas legoas e meya, junto à ribeira de Muje, na charneca, tem a invocaçaõ de Santo Antonio da Rapoza: a qual Ermida era de huma peſſoa particular, e como ahi havia alguns Parroquianos deſta dita freguezia, e ficavaõ taõ diſtantes deſta Parroquia, houveraõ licença dos Priores para là ſe deſobrigarem pelo preceito da Quareſma; e fizeraõ partido a hum Cura apreſentado pelos meſmos Priores deſta Igreja: mas vemos, que hoje he apreſentado pelos ſucceſſores de Alexandre Ferreira; e ſobre eſta apreſentaçaõ ainda corre pleito. As duas Ermidas, que diſſemos eſtaõ no campo dàlem perto do Tejo, huma eſtà ſituada na quinta do Dezembargador Antonio Teixeira Alvares, com a invocaçaõ de S. Miguel, que foy approvada pelo Ordinario no anno de 1683. A outra eſtà na quinta de Luis Nicolao Pereira de Souza, aonde chamaõ a *Gafaria* por eſtarem antigamente ali terras, que pertenciaõ ao Hoſpital dos Gafos: e a Ermida tem a invocaçaõ de N. Senhora do Roſario.

As quatro Ermidas, que ſe ſeguem eſtaõ ſituadas da parte do Poente dàquem do Tejo, onde chamaõ vulgarmente limite do Rego de Manços, e Fontainhas: a primeira he a que eſtà na quinta chamada das *Manteigas*, que he de Joaõ de Saldanha da Gama, com a invocaçaõ de N. Senhora da Conceyçaõ. Outra na quinta de Ma-

noal da Silva Cabral com a invocaçaõ de N. Senhora do Rosario. Outra na quinta de Jozê Rebello Pestana, com o titulo de N. Senhora da Boa Ora. Outra na quinta, que foy de Manoel da Cunha de Sousa, a qual Ermida foy approvada pelo Ordinario no anno de 1707. porèm por esta estar arruinada, naõ se diz agora Missa nella.

No districto desta freguezia dentro da Villa, na rua que vulgarmente chamaõ de S. Nicolao, em humas cazas particulares do Padre Thomàs Ferreira Presbytero, e Capellaõ da Misericordia desta Villa, està huma Imagem do glorioso S. Pedro penitente; a que concorre grande numero de fieis de varias partes, assim daquella Comarca, como de fóra della por todos os dias do anno com offertas principalmente com foguetes, que lhe lançaõ da porta ao ar; que pellas experiencias dos seos milagres parece que o Santo disto mais se agrada: e com elles lhe vaõ gratificar a saude, que por sua intercessaõ alcançàraõ de Deos Senhor de todo o genero de enfermidades, especialmente sezoens. Esta Imagem do Principe dos Apostolos S. Pedro, ha mais de quarenta annos, que a fez de barro hum Religioso da sagrada, e perfeitissima Religiaõ da Santissima Trindade natural desta Villa de Santarem, o qual se chamava Frey Francisco da Piedade; grande Artifice em obrar figuras desta materia: delle recebeo esta Imagem Manoel de Sousa Cirne, pessoa muyto principal da dita Villa, e a poz em

hum

hum nicho no ſeo jardim, q̃ fica junto ao adro deſta Igreja de S. Nicolao. Deſpois, que ali eſteve a Imagem alguns annos, a trocou por outras figuras que lhe deo o Padre Jozè da Fonſeca, Presbytero do habito de S. Pedro, irmaõ do dito Padre Thomàs Ferreira, que ambos collocàraõ o Santo em hum nicho, que eſtava na varanda das ſuas cazas, aonde hoje eſtà em o meſmo nicho embrechado, com ſeo altar, e alli eſtà ſempre fazendo miraculoſos prodigios. Hoje eſtà a varanda (que era deſcuberta, e ſó a cobria por cima huma parreira) convertida em huma caza quadrada, com huma ciſterna no meyo aſſim como eſtava na varanda; da qual ciſterna ſe vay buſcar agua para varios enfermos, que com a fé que nella tem achaõ remedio às ſuas enfermidades. Alli ſe vaõ fabricando varias obras para ſe fazer mais decente o lugar; mas atè o tempo em que eſtamos naõ tem approvaçaõ do Ordinario, nem faculdade do Summo Pontifice para ſer erigida em Ermida. Principiou eſte concurſo no anno de 1732.

Conſerva-ſe neſta Igreja de S. Nicolao huma antiguidade, cujo principio ſepultou o tempo à memoria dos homens, e he huma Confraria de S. Silveſtre, que tinha ſeo Hoſpital (como fica dito) e quanho ElRey D. Joaõ o II. alcançou o Breve para ſe annexar eſte, e os mais ao de JESU Chriſto, querendo, que ſe conſervaſſe alli ſempre a memoria deſte Santo, determinou, que

ſó

só ao Hospital de JESU Christo se dessem as camas deste Hospital, ficando as fazendas à Confraria para as despezas das solemnidades que fazia, que eraõ as seguintes. Fazia esta Confraria duas procissoens solemnissimas em cada hum anno: a primeira em dia de Pascoa da Resurreyçaõ de madrugada com huma Missa cantada no fim, e despois della hum sermaõ. A outra procissaõ era em a vespera de S. Silvestre, que ambas acompanhava grande parte daquelle Povo mais nobre com cirios acezos dando volta pelas ruas mais principaes da Villa. O que se vè hoje sómente he ter esta Confraria hum administrador, o qual quando morre, para lhe succeder outro na administraçaõ, o nomea o Prior Capellaõ mòr da mesma Igreja, e he confirmado pelo Provedor da Comarca. Este administrador cobra os rendimentos de alguns foros, que ainda hoje existem, e faz delles as despezas do que ainda se faz de solemnidade ao mesmo Santo. Esta hoje sómente consta de Vesperas cantadas, com Missa, e sermaõ no seo dia: e acabadas as Vesperas, se ordena huma procissaõ ao redor da Igreja, em a qual vaõ os Padres Beneficiados com cirios acezos, que lhe dà o dito administrador, levando elle na cabeça (em quanto anda a procissaõ) hũa coroa de prata sem ser imperial, mas aberta, cujo feitio mostra ser antiquissimo: a qual coroa està sempre na arrecadaçaõ do mesmo administrador. Este tem por obrigaçaõ dar conta todos os annos ao Pro-

vedor

vedor da Comarca da receita, e despeza; e unicamente tem por este trabalho, e o de cobrar os foros a quinta parte do rendimento, como a ley o determina aos administradores. Todo o referido consta do tombo, que mandou fazer o Senhor Rey D. Manoel, em que se ordenava hum treslado para a Torre do Tombo, outro para a Camera daquella Villa; e outro para o Cartorio da dita Confraria.

A Irmandade do Santissimo Sacramento de que fallámos no Capitulo antecedente, a qual existe nesta Igreja, tem o privilegio para que o Juiz de Fòra, e os Vereadores acompanhem no Domingo de Pascoa de madrugada a procissaõ de Christo Resuscitado, que sae desta Igreja com o privilegio de primeira nesta Villa: de donde corre as ruas princiaes della. Este privilegio de que lhe assistissem o Juiz, Vereadores, e mais officiaes em corpo de Camera, concedeo ElRey D. Manoel por Provisaõ passada aos seis dias de Abril, do anno de 1519. a qual Provisaõ se acha no Cartorio da mesma Irmandade lançada em hũ livro. Daqui se vem a entender sem algum escrupulo, ser esta a mesma Provisaõ com que antigamente fazia a Confraria de S. Silvestre as suas solemnidades, e a razaõ he, porque a Irmandade do Senhor foy confirmada pelo Prelado deste Arcebispado no anno de 1632. e a Provisaõ foy passada 113. annos antes da confirmaçaõ da dita Irmandade do Senhor.

No

No districto desta freguezia fronteira ao Poente, ha huma parte das muralhas da Villa, antigas, que correm do Norte para o Sul, desde a porta que se chama o *Postigo de Dona Margarida*, atè à porta que vulgarmente chamaõ o *Postigo de Santo Estevaõ*; que de huma parte a outra lhe dèraõ sempre o nome de *Postigos da Carreira*; esta de Santo Estevaõ està totalmente demolida; como tambem as torres, ou baluartes, que a defendiaõ; e a outra tem ainda os arcos das portas, parte dos muros, e a torre, que està junto a elles com bastante ruina. Sobre esta muralha se edificàraõ dous Palacios; hum que he dos Excellentissimo Condes de Unhaõ, junto ao muro, e entre as torres, a que os militares chamaõ a cortina. Outro que foy dos ascendentes de D. Gastaõ Jozè Coutinho da Camera, està junto à torre que cae sobre a barbacaã; a qual muralha, e torre aforou a Camera desta Villa a Diogo de Saldanha, em quinhentos reis cada hum anno de foro enfatiosim, no anno de 1587. Mais abaixo destas cazas em pouca distancia para a parte do Sul, està a porta, que o vulgo chama de *Manços*, sobre a qual està fundada huma torre antiquissima, quadrada, que se vê hoje demolida quasi atè os arcos: e he tradiçaõ constante, que sobre ella esteve a caza da Relaçaõ; atè o tempo que ElRey D. Joaõ o I. a passou para Lisboa: e despois ficou servindo de caza do Senado; o que consta de huma carta mandada passar por ElRey

D.

D. Joaõ o II.; pela qual manda, que a torre da Porta de Manços em que se fazia Senado se naõ venda; esta carta foy passada no anno de 1488.

CAPITULO XIII.

Da-se noticia da Igreja da Misericordia desta Villa de Santarem, e da sua nobre Irmandade, sita no districto da Igreja de S. Nicolao.

A Esta Igreja de S. Nicolao, (por estar dentro do limite de sua freguezia) he annexa a da Misericordia desta Villa. Da sua fundaçaõ naõ temos anno certo; suppoemse que se lhe daria principio no reinado delRey D. Joaõ o II., e que foy acabada no delRey D. Manoel pelos annos de 1570. he tradiçaõ, mas naõ nos consta de alguma escritura. He esta Igreja de mais que mediana grandeza, e formada de columnas da ordem Toscana; a proporçaõ de todo o seo vaõ por dentro he rectangulo, a que os Geometras chamaõ *Altera parte longior*, porque tem os quatro lados rectos, naõ sendo entre si iguais, mas os seos oppostos saõ entre si iguais. Repartem-se as suas naves em dès columnas, que saõ tres livres de cada lado, e quatro que tem as suas meyas canas embebidas nas paredes; duas nos lados da Capella mòr, e outras duas nos lados da porta principal; fazendo todas o dito numero de dès, e todas firmaõ os seos arcos, que sus-

Artefactos Symmetr. l. 3 Geomet. Cap. 4. fol. 330.

tentaõ com elles a abobeda, ſendo eſta toda abatida em barretes regulares, os quais ſe cruzaõ em cintas de pedra, rematando os ſeos meyos, com fechos circulares da meſma pedra, elevando-ſe as columnas a pegarem com os ſeos capiteis nos angulos dos meſmos barretes: pelo que ſe vè cõ clareza, que muyto pouco repuxo faz eſta abobeda nas ſuas paredes: e podemos entender, que a formatura deſta Igreja eſtà cabalmente bem obrada, aſſim para a fortaleza, como para a formatura. Toda eſta abobeda eſtà admiravelmente pintada ao moderno com muyta parte do ſeo bruteſco realçado de ouro; fazendo-lhe correſpondencia o coro na meſma pintura, que tambem na madeira he admiravelmente bem obrado conforme a boa arquitectura.

Tem eſta Igreja ſó tres Capellas, entrando neſta conta a do Altar mòr, na qual eſtà o Sacrario com o Diviniſſimo Sacramento, cuja Capella mòr tem tribuna com hum elevado trono, e o ſeo vaõ adiante o cobre hum painel de finiſſima pintura, que reprezenta o myſterio da Viſitaçaõ de N. Senhora a Santa Iſabel. Os dous Altares das duas Capellas Collateraes, o que fica à maõ direita entrando pela porta principal, he dedicado a N. Senhora da Salvaçaõ; e o da parte eſquerda à meſma Senhora da Conceyçaõ, e todas eſtas tres Capellas tem os ſeos retabulos à face, com as columnas da ordem Corinthia, e de parede a parede corre huma cuxia pelo pè dos

tres

tres Altares, mais alta, que o pavimento da Igreja, vara e meya, e tem por cima de largura doze pês.

Neste seo pavimento junto ao Altar mòr, està hum epitafio em sepultura raza, que he o seguinte:

Aqui jàs Nuno Velho Pereira do Concelho de Sua Magestade, que deixou a esta santa Caza trezentos e outenta mil reis de juro, e renda para Orfas, Captivos, e Pobres, com obrigaçaõ de Missa Quotidiana.

Na Capella da Senhora da Conceiçaõ, que he a Collateral da parte do Evangelho, se vè hũa pedra, que he de hum carneiro, a qual tem a inscripçaõ seguinte:

Esta Capella he de D. Emerenciana de Almeyda, e de seos herdeiros; e nella està sepultado seo marido Andrè de Almeida da Fonseca. 1691.

A outra Capella Collateral da parte da Epistola tem outra pedra com o seguinte letreiro:

Aqui jàs Victoria Galvoa, nesta sua sua Capella; filha de Clemente Luiz o Velho, Cavalleiro da caza de Sua Magestade, e de Catherina Rodrigues Galvoa. Cujos ossos aqui estaõ, e de todos seos Irmaõs, e de sua sobrinha filha de seo irmaõ Clemente Luiz. Deixou esta santa Caza por sua universal herdeira, com obrigaçaõ de cinco Capellaens para que nesta Capella digaõ cinco Missas todos os dias em quanto o mundo durar. E Deixou cinco Mercieiras, tudo na fórma de seo contrato. Falleceo aos trinta dias

 do

do mes de Julho de 1656.

As ſepulturas, que eſtaõ no corpo deſta Igreja, ſaõ as q̃ ſe ſeguem, e a primeira he a q̃ eſtà junto da eſcada que ſobe para a Capella Collateral da parte do Evangelho, a qual tem eſte epitafio:

Sepultura de Ambrozio Rodrigues, Irmaõ com eſta ſanta caza.

A' entrada da porta traveſſa, que fica da parte da Epiſtola, eſtà outra ſepultura raza com a inſcripçaõ ſeguinte:

Sepultura de Franciſco de Almeida Rapozo, Capellaõ de S. Pedro, que ſervio eſta caza 52. *annos. Falleceo em* 23. *de Mayo de* 1672. *ſendo Prior de S. Nicolao. E de ſeos herdeiros.*

Da meſma parte da Epiſtola entre as duas columnas, que eſtaõ defronte da dita porta traveſſa, eſtà outra ſepultura raza com o ſeguinte letreiro:

Sepultura do Lecenciado Pedro Moreira, Provedor que foy deſta Comarca. 1658.

Junto a eſta meſma ſepultura eſtà outra, que ſe lhe naõ pòde bem divizar o ſobrenome, e as letras que ſe lhe puderaõ ler ſaõ as que ſe ſeguem.

Sepultura de Alvaro da G——— Cavalleiro fidalgo da caza de Sua Mageſtade, e de D. Helena da Silva ſua mulher, e ſeos herdeiros, e nella jàs Filippa da Guerra ſua Mãy. 1634.

He tradiçaõ corrente que a illuſtre, e ſanta Irmandade deſta Miſericordia foy erecta pelo virtuoſo Padre Fr. Martinho da veneranda Ordem da Santiſſima Trindade, companheiro que foy do

do grande Padre Frey Miguel de Contreiras, o que erigio a Miſericordia de Lisboa, cujo Compromiſſo foy feito, e ſe ordenou a dez de Mayo do anno de 1577. em o qual ſe declara que o Provedor deſta Irmandade, naõ ſeja outra peſſoa ſenaõ huma das principais fidalguias do Reyno; e ſendo cazo que naõ haja em Santarem fidalgo deſta qualidade, o devem hir buſcar a Lisboa, e para Eſcrivaõ, que ſerà peſſoa das mais nobres da meſma Villa. Tambem neſta ſanta caza eſtà incorporada a Irmandade dos Clerigos Pobres, com ſua caza de Deſpacho à parte; tem Compromiſſo approvado pelo Ordinario em 22. de Julho de 1597. conſta de outenta Irmaõs Presbyteros do habito de S. Pedro, com ſete ſeculares: e he dedicada a eſte Santo. Neſta Igreja ha ſete Capellaens (àlem de outros particulares) os ſete rezaõ no coro com hum Capellaõ mòr, que a governa na reza, preſidindo a todos os Officios Divinos, que a todos eſtes do coro paga a meza, como tambem paga a cinco Mercieiras que vivem dentro dos encerramentos deſta Miſericordia. Eſta Irmandade da Miſericordia tem huma fermoſa caza do deſpacho, a qual foy fundada no anno de 1632. e em huma parede della eſtà hum grande padraõ de boa pedra, cujas letras dizem o que aqui ſe ſegue:

O Reverendo Padre Simaõ Jorge Lobo, Chantre da Collegiada deſta Villa, falleceo em 29. *de Março de* 1708. *e deixou eſta caza por ſua herdeira, com obri-*

gaçaõ

gaçaõ de pagar em cada hum anno outenta mil reis a hũ Capellaõ, que deixa na Igreja de Santa Cruz, e dez mil reis para a fabrica della, e vinte mil reis à Irmandade do SANTISSIMO SACRAMENTO da mesma Igreja, com clausula, que faltando a Meza a estes pagamentos por tempo de dous annos, passaria sua herança, e administraçaõ della ao Convento do Carmo desta Villa. Manda mais que se naõ dè dinheiro algum a juro de sua herança a fidalgo de primeira condiçaõ, nem esteja em seo poder, e que só se dè em primeiro lugar a Conventos ricos, e em segundo a pessoas abonadas com boas, e seguras fianças, e que faltando a Meza a estas condiçoens, passarà tambem a herança ao dito Convento. E pareceo gravar aqui esta noticia, para advertencia dos Irmaõs presentes, e futuros, e para que naõ haja descuido em dar cumprimento às ditas clausulas. Veja-se sempre o testamento do dito Padre para em tudo se observar, e naõ dar occasiaõ a se perder a dita herança.

Tem esta Igreja da Misericordia o seo assento no mais alto da Villa ficando bem no coraçaõ della; o seu frontispicio faz frente quasi à parte Oriental, que media por linha recta entre o Oriente, e Meyo dia. Na porta principal que està neste frontispicio, se conserva hum perduravel portico ricamente obrado de pedra marmore, o qual se eleva atè à simalha real, firmado sobre duas grandes columnas da ordem Corinthia: e tudo o que alli se vè obrado na pedra, assim no que toca à esculptura como no brutesco de ramos entalhados, he couza maravilhosa.

CA-

CAPITULO XIV.

Das noticias da Parroquial Igreja de S. Juliaõ, que exiſte neſta Villa de Santarem.

TRadiçoens achàmos bem recebidas dos naturaes deſta Villa, proferidas por ſugeitos doutos, e grandes indagadores de antiguidades, que eſta Igreja, que hoje com mais policia do tempo ſe chama de S. Juliaõ, ſe nomeava antigamente S. Giaõ, ou S. Jaïz. Eſtà ſituada no meyo do circulo que à noſſa viſta gira o Sol entre o Oriente, e o ſeo Poente; que vem a ſer, ficandolhe ex diametro, a Capella mòr ao naſcer deſte luzido Planeta, e a porta principal, ao ſeo occaſo, ſervindolhe de Norte a Igreja do ſantiſſimo Milagre, e de Sul a do Priorado de S. Lourenço. Deſta de S. Juliaõ naõ podemos dar aqui muytas noticias porq̃ eſtas nos roubou antigamente hum incendio, cujas chamas lhe convertèraõ em cinza os papeis do ſeo Cartorio, e por eſte motivo ficou o noſſo dezejo privado de dar a ler as individuais memorias das grandezas, e graças com que foy erecta, e das que deſpois em os mais tempos poſſuio. Agora ſómente nos conſta com certeza ter ſido ſempre Padroado Real, e que ElRey D. Diniz deſpois que erigio o famoſo Convento de Odivellas, a doou àquellas Religioſas ſuas Donas, a cuja Abbadeſſa pertence

tence hoje a apresentaçaõ della. Tambem se sabe (no tocante à antiguidade desta Igreja) que he ser das primeiras, que houve na Villa: porque estando situada dentro dos muros, e naõ se acrescentando em extensaõ de moradores, ou em mais districtos, e naõ constando por algum principio ser filial, ou separada de outra, forçosamente havemos de entender ser erecta desde o tempo que a mesma Villa conheceo a Fé. E sem duvida consta da Torre do Tombo, e Archivo Ecclesiastico, que esta tinha outras annexas, com Parrocos, que administrassem os Sacramentos.

Ainda hoje tem duas annexas, huma dellas està situada no lugar chamado o *Valle*, huma legoa distante desta Villa, perto da ponte da Asseca, a qual Igreja se intitula *N. Senhora da Conceyçaõ do Valle*. A outra està da banda dàlem do Tejo proxima à ponte de Muje, chamada *Santa Marta do Moncaõ*, e nella apresentaõ os Priores desta Matriz Curas annuais. Tem de renda o Priorado, hum anno por outro quatro centos mil reis, de que paga por pensaõ annual, ao dito Convento de Odivellas, hum moyo de trigo, e quarenta alqueires de cevada. Tem esta Igreja cinco Beneficios simplez, os quais he costume dalos o Pontifice, supposto que tambem algumas vezes os tem dado os Priores: o rendimento de cada hum nos annos communs saõ cento e trinta mil reis. Tem mais hum Capellaõ com obrigaçaõ de rezar no coro, que instituio o Padre Mulano Beneficiado

neficiado que foy da meſma Igreja, e natural da dita Villa; o qual Beneficio renderà outenta mil reis: e outro ſobre que ſe litiga, e ainda naõ eſtà vinculado, nem aceito, que deixou Bernardo de Souza Fròes cõ a meſma obrigaçaõ. Ao Theſoureiro, que ſerve de paramentar as couzas do culto Divino, e ao Organiſta ſe lhe pagaõ os ſeos eſtipendios da fabrica.

He eſta Igreja de mediana eſtatura, e de tres naves, cujas columnas moſtraõ ſer muyto antigas, o ornato dellas ainda he inferior à ordem Toſcana, e aſſim o tecto (que he de madeira), e as paredes tudo bem indica a ſua antiguidade, iſto he ſó fallando no que toca ao ſeo corpo, porque a Capella mòr he couza mais moderna; em frente das duas naves dos lados tem dous altares ambos à face, que ſaõ os Collateraes; o da parte do Evangelho he dedicado a N. Senhora da Piedade, cuja Imagem com eſpecialidade he venerada de alguns devotos, pela muyta fé com que dizem tem experimẽtado, e conſeguido de Deos Senhor N. pela interceſſaõ deſta Senhora em honra daquella ſua Imagem o remedio nas ſuas afflicções relatando varios prodigios ſobrenaturais. O da parte da Epiſtola he dedicado ao glorioſo Martyr S. Sebaſtiaõ, cuja Imagem dizem que tãbem he milagroſa. Tem outro Altar proximo a eſte ao comprido da nave na parede meſtra tambem à face, mas com ſeo arco de pedra, o qual he dedicado à virgem, e Martyr Santa Catharina, que

Ss em

em algum tempo foy festejada no seo dia com grandeza, porèm està alli hoje esquecida esta devoçaõ. O forro no tecto da Igreja mostra ser bem antigo no feitio dos seos lavores; e em ter por todo elle as armas Reaes (que saõ muytas) bem se deixa entender que foy obra dos nossos Reys. A Capella mòr he moderna, e bem proporcionada, tem tribuna com retabulo de boa talha dourada, e no meyo delle no arco que quotidianamente tapa a tribuna, se vè hum painel de admiravel pintura em que se representaõ os desposorios do Bemaventurado S. Juliaõ: o tecto desta Capella he de abobeda, em o qual estaõ divinamente pintados varios emblemas do soberano e Eucharistico mysterio. Tem as paredes azolejadas, e toda esta Capella he muyto alegre. O coro fica por detràs da tribuna. Ha nesta Igreja huma só Confraria, que he do Santissimo Sacramento, para a qual deixou renda das suas fazendas hum Prior, que foy da mesma Parroquia chamado *Gregorio Roque de Almeida*: e tem esta freguezia cem visinhos.

CAPITULO XV.

Dà-se noticia da Igreja de S. Lourenço desta Villa de Santarem.

FIca esta Igreja do glorioso Martyr S. Lourenço, situada no fim da Villa, entre o Sul, e o Nordèste, em hum bairro a que chamaõ *Pereiro*,

reiro, de cujo nome, quando adiante fallarmos do Convento de S. Joaõ da Provincia da Arrabida, diremos a ſua etymologia. He Priorado da Mitra da Dioceſe Oriental, que ſe leva por concurſo quando vaga por morte do Parroco. Tem dezaſeis viſinhos freguezes; rende hum anno por outro quatro centos mil reis, e naõ tem Beneficiados, mas antigamente os teve ſendo Collegiada, em cujo tempo era o ſeo limite no campo da Chamuſca donde chamaõ *Tavares*, *Tavarinhos*, e *Montijo*: e conſta da ſentença dada por D. Eſtevaõ de Aguiar, D. Abbade, que era do Real Convento de Alcobaça, proferida no anno de 1442. no ſeo Hoſpicio de Lisboa, e no bairro de Xabregas; o qual Hoſpicio eſtà hoje convertido no famoſo Convento dos Conegos da minha ſagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, por data da Sereniſſima Rainha D. Iſabel mulher delRey D. Affonſo V., ſendo a mercè declarada a deſouto do mes de Dezembro no anno de 1455. e deſpois da Rainha ſer jà defunta, confirmou tudo ElRey ſeo marido com o Breve que alcançou do Papa Pio II. que começa: *Inter cætera deſiderabilia cordis noſtri*, paſſado a nove de Março de 1461. Mas tornando ao noſſo intento, quando o dito D. Eſtevaõ de Aguiar deo a referida ſentença, mandou partir os dizimos entre a mencionada Igreja, e a de Ulme, porque ainda naõ havia Igreja da Chamuſca. Eſta he a noticia que por agora ſe nos offerece dar da antiguidade

da Igreja de S. Lourenço desta Villa, pois naõ achàmos para isto outras memorias em Cartorio, ou em escritura alguma. A Igreja he de huma nave, tem a sua porta principal fronteira ao Poente, he menos de mediana grandeza; tem só tres Altares com o da Capella mòr. No districto desta freguezia se vè fundado hum Convento de Padres Arrabidos, que tem a invocaçaõ de S. Joaõ do Pereiro, e huma Ermida annexa, com o titulo de N. Senhora Madre de Deos, que o vulgo commummente chama *N. Senhora de Vallada.* Mas primeiro faremos aqui memoria da fundaçaõ do dito Convento, e despois em capitulos apartados diremos o mais que pertence a este districto.

CAPITULO XVI.

Mostra-se qual foy o motivo que houve para se fundar o Convento de S. Joaõ do Pereiro, que os Padres Arrabidos possuem nesta Villa de Santarem.

JUnto à Igreja de S. Lourenço, a qual he Parroquia, para a parte do Nordèste, no bairro do Pereiro, tinhaõ os Duques da serenissima Caza de Bragança os seos Paços em que moravaõ quando os Reys de Portugal viviaõ nesta Villa com a sua Corte de assistencia; e porque daqui mudàraõ os nossos Reys a Corte para

para Lisboa, retiraraõ-ſe os ditos Duques para Villa Viçoſa aonde vivèraõ dilatados annos: e como a eſte ſeo Paço de Santarem lhe faltou a aſſiſtencia de ſeos donos, foraõ ficando as cazas ſojeitas às inclemencias do tempo, o qual vendo-ſe ſem impedimento à ſua juriſdiçaõ, as foy deſtruindo em tal fórma, que ſó ficou reſervada huma ciſterna, que ainda hoje exiſte dentro do Convento, que deſpois alli ſe fundou, e humas poucas de paredes todas arruinadas, ficando a eſte lugar ſómente o nome do chaõ da Armaria. Neſte tempo em que corria o anno de 1588. vivia D. Joaõ de Lancaſtro, que foy ſegundo filho de D. Luis de Lancaſtro Commendador mòr de Aviz, terceiro filho do Meſtre D. Jorge; o qual D. Joaõ pelos ſeos muytos ſerviços alcançou ſer Cõmendador da grandioſa commenda de Coruche, e juntamente ſer Alferes mòr do Meſtrado de Aviz, cuja cõmenda hoje a logra D. Rodrigo de Lancaſtro terceiro neto do dito D. Joaõ, ainda que dependente de nova mercè delRey D. Joaõ o V., que Deos guarde para exemplo de perfeitos Monarcas.

Chegou tempo em que ſe vio D. Joaõ de Lancaſtro, cativo de Mouros em Africa, e com o dezejo que tinha de ſe ver livre do cativeiro em que eſtava, fez voto a Deos, que ſe daquelle jugo o livraſſe, prometia fundar em Santarem aos Padres Arrabidos hum Convento dedicado a S. Joaõ Baptiſta. De Deos conſeguio

guio D. Joaõ o deſpacho da ſua ſupplica; e para pôr em execuçaõ o voto, procurou logo ao Provincial daquella veneranda, e exemplar Provincia, que era naquelle tempo o Reverendiſſimo Padre Fr. Joaõ das Chagas. Muyto eſtimou o Provincial a offerta, porque dezejava ver a ſua Provincia mais numeroſa em Conventos; começàraõ logo ſem deixar paſſar mais tempo, a conferir entre ambos em que ſitio da Villa podia fazer a fundaçaõ do Convento, e achàraõ que entre todos o mais agradavel era o do Pereiro, por ſer mais retirado da confuſaõ do Povo, e ter a deliciosa viſta do Tejo, que lhe fica ao pè com os ſeos campos: mas primeiro que proſigamos a operaçaõ do Convento, faremos de paſſagem memoria (confórme a tradiçaõ que ha) do motivo que houve para ſe dar a eſte ſitio o nome do *Pereiro*.

Deſte referido lugar em que vamos dando principio à fundaçaõ do Convento de S. Joaõ do Pereiro, ſabemos por tradiçoens bem recebidas, e eſcrituras autenticas, que neſte meſmo ſitio, e nas cazas q̃ jà diſſemos, havia antigamente huma quinta em que morava a Senhora Dona Brites Pereira filha unica, e herdeira de ſeo Pay o famoſo D. Nuno Alvares Pereira. Eſta Senhora foy a que deo principio à Caza de Bragança, deſpois de cazada com o Sereniſſimo Infante D. Affonſo Conde de Barcellos, e de Arrayolos, primeiro Duque de Bragança, e filho do Senhor

D. Ag. Manoel de Vàsconcelos na vida delRey D. Joaõ o II. a fol. 74.

Rey

Rey D. Joaõ deſte nome o primeiro; e por aſſiſtirem alli eſtes Senhores, e ſe lhe fazer o appellido taõ celebrado pela grandeza das peſſoas, ſe corrompeo no diſcurſo dos tempos o nome de *Pereira*, chamando o vulgo àquelle monte o *Pereiro*, por ſer propriedade da grande familia daquella Real Caza. Tendo aſſentado D. Joaõ de Lancaſtro, e o Provincial em ſer aquelle ſitio do Pereiro o mais conveniente para a dita fundaçaõ, era neceſſario primeiro que tudo, licença do Duque, correo o ſolicitala por conta do Provincial. Neſte tempo era Duque VII. deſta Real Caza de Bragança D. Theodoſio II. do nome, filho da Senhora D. Catharina, e Pay do Sereniſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o IV; o qual Senhor logo que ſe lhe repreſentou a ſupplica moſtrou com grande vontade conceder o deſpacho. Recebeo-o vocalmante o Provincial, julgando, que baſtava ſaber medir a grandeza da Peſſoa pela benignidade, e promptidaõ com que de palavra concedèra o lugar para hum taõ bom fim, como era o que lhe propoz, ſem mais outra diligencia; mandou logo o fundador abrir os alicerces, e principiando pela Igreja, lançou nella a primeira pedra a treze de Janeiro anno de 1590, como aſſim o infere o douto Chroniſta da meſma Provincia o Padre Meſtre Fr. Antonio da Piedade no ſeo Eſpelho de Penitencia (ainda que com alguma duvida neſta conta dos annos.) Foy-ſe começando a trabalhar na obra com grande ancia;

Eſpelho de Penitencia Tom. 1. parte 1. Lib. 4. Cap. 25. fol. 705.

po-

porèm como a mente do Duque era ser Padroeiro do Convento, que por esse motivo deo o chaõ com grande gosto, e porque soube, que se andava jà fabricando o edificio sem lhe fallarem mais em tal materia, e sem Provisaõ sua passada com as circunstancias necessarias, estranhou o facto com demonstraçoens de arresoada queixa, que foy motivo de se suspenderem as operações de toda a obra. Cahio o Provincial no seo descuido, e sentindo naõ ter expressado ao Duque tudo o que na verdade havia, o foy informar de quem era o Padroeiro, o qual concorria com o dispendio como fundador. Dizendolhe juntamente, que se sua Excellencia tinha o gosto de ser Padroeiro, em reconhecimento da honra, que quizesse fazer a Provincia, a Meza da Definiçaõ lhe daria logo patente em que expressasse os privilegios, que se costumavaõ conceder aos Padroeiros, para elle, e todos os seos successores. Nestas duvidas se passáraõ dous annos, e vendo o Provincial pouca resoluçaõ no Duque para conseguir o seo projecto, tratou de se valer da Senhora D. Catharina para fazer com seo filho quizesse aceitar a dita patente, e lhe concedesse a doaçaõ pertendida. Por este caminho tudo se alcançou com facilidade, como se pòde ver da seguinte carta, que a dita Senhora lhe mandou em resposta, a qual aqui vay tresladada assim como està no Cartorio da mesma Provincia.

Muyto Reverendo Padre. Recebi a vossa carta, e Paten-

Patente, que eſtes Religioſos com ella me deraõ; e por a devoçaõ, que eu, e o Senhor Duque meo Filho temos à voſſa Provincia, houve elle por bem de vos fazer doaçaõ daquelle chaõ, e mandar paſſar della a carta, que levaõ os meſmos Religioſos na fórma em que a pedis: e ſempre folgaremos de ſe offerecerem muytas couzas de voſſa conſolaçaõ, e que vola poſſamos dar; e temos por certo, que vos lembrareis de nòs em voſſas oraçoens, e ſacrificios. De Villa Viçoſa a vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e dous. Catharina.

Com eſta carta da Senhora D. Catharina ficou o Provincial muyto alegre, e naõ menos os ſeos Religioſos, por verem a grande devoçaõ que eſta Senhora tinha ao ſeo habito, ficando juntamente certos na benignidade do Duque para com elles, pela ſeguinte carta de doaçaõ que aqui tambem fielmente tresladàmos.

Dom Theodoſio Duque de Bragança, e de Barcellos &c. Faço ſaber aos que eſta minha carta virem que pela devoçaõ que tenho à Ordem do Bemaventurado S. Franciſco, e em eſpecial à Provincia dos Capuchos da Arrabida: Hey por bem, e me praz fazerlhes doaçaõ do meo chaõ da Armaria, que tenho na Villa de Santarem, para que nelle poſſaõ fazer, e fundar hum Moſteiro da dita Provincia, e viver nelle para ſempre. E eſta doaçaõ faço confiado, que os Religioſos, que forem moradores no dito Moſteiro, e os mais da dita Provincia me encomendaràõ ſempre, e a meos ſucceſſores a Deos noſſo Senhor em ſeos ſacrificios, e oraçoens. E por firmeza do que dito he, lhes mandey dar eſta carta aſſignada, e ſella-

e sellada com o sello de minhas Armas. Simaõ Pinheiro a fez em Villa Viçosa, a vinte e hum de Janeiro. Anno do Nascimento de N. Senhor JESUS Christo de mil e quinhentos e noventa e dous. Eu Rodrigo Rodrigues a fiz escrever.

Por esta carta de doaçaõ se pòde inferir, que o Duque ficaria satisfeito com a Patente em que lhe davaõ os privilegios de Padroeiro, e assim todos ficàraõ socegados. Logo se foy continuando a obra com summo gosto, e fervor, porque era grande a vontade com que D. Joaõ de Lancastro como principal Padroeiro, e fundador, queria fazer o Convento, e ver completo o seo dezejo. Assistia este Senhor por aquelle tempo na sua commenda de Coruche, e dalli repetidas vezes vinha a Santarem ver as obras em que estado hiaõ, as quaes com a sua continuada assistencia, e applicaçaõ, em breves tempos as vio acabadas. Era traçado o Convento em dous dormitorios no pavimento do claustro, e outro mais alto no andar do coro, no fim do qual mandou o Padroeiro fazer duas cazas para que quando viesse a Santarem assistisse alli na companhia daquelles bons Religiosos, e tambem mandou fabricar na parede da Igreja em hum lado da Capella mòr, huma tribuna pequena para della ouvir Missa, a qual ainda hoje existe na mesma fórma. Com esta formalidade se conservou o Convento bastantes annos; porèm o rigor dos tempos, (que tudo destroe) chegando o anno de 1699.

pade-

padeceo grandes ruinas; que fazendo-ſe inutil
jà o reparo dos muytos que atè ali lhe tinhaõ fei-
to, com as eſmolas dos devotos da Villa, fez-ſe
preciſo reedificalo todo do ſeo fundamento, an-
tes que o ameaço das ruinas fizeſſe mayor eſtra-
go. Por eſte tempo era Provincial o Padre Prè-
gador Frey Sebaſtiaõ de Santo Antonio, o qual
para reèdificar, ou fazer de novo o Convento a-
genciou algum dinheiro das eſmolas da Provin-
cia, e com ellas deo calor a que ſe principiaſſe
à fundamentis, outro Moſteiro; e derrubando-ſe
o antigo que atè alli exiſtia todo arruinado, ſe
lançou a primeira pedra a ſete do mez de Mayo
do referido anno. Levantaraõ-ſe todos os dor-
mitorios no andar do coro; e com tal fervor ſe
trabalhou em tudo, que dentro em tres annos fi-
cou acabado, e taõ avantejado ao outro que de
antes era, que logo teve capacidade para ter eſ-
tudos com Collegiaes, e Meſtres, o que foy con-
cedido por eſtatuto da definiçaõ da meſma Pro-
vincia, ſendo nos annos antes caza de Novicia-
do. He ſem duvida, que para ſe ver completa-
mente acabado o edificio com tanta brevidade,
foy muyta parte delle feito com as eſmolas dos
moradores da Villa, concorrendo os mais no-
bres, e ricos com dinheiro, e madeiras que lhe
mandavaõ das ſuas fazendas, e os officiaes, que
muytos delles trabalhavaõ ſem levarem eſtipen-
dios dos ſeos jornais; os ſenhores do Senado
dando ampla licença para que ſe tiraſſe a pedra

de todos aquelles lugares que tocavaõ à ſua juriſdiçaõ, ficando eſte Cõvento ſendo hum dos melhores, que tem toda a Provincia da Arrabida.

A Igreja que hoje exiſte he a meſma da ſua primeira fundaçaõ, porque naõ ficou offendida das antigas ruinas, que padeceo o Convento, e eſtà agora por dentro com grande realce no ſeo ornato, com tribuna na Capella mòr, e retabulos nos Còllateraes, todos de boa talha dourada, e tudo feito à cuſta da devoçaõ do Padre Monoel dos Santos natural deſta Villa, e Beneficiado que foy na Igreja do ſantiſſimo Milagre; o qual ſe empregava com tanto zelo no culto Divino, que ſó por ſer beneficio dedicado a Deos diſpendeo alli do ſeo bolcinho com prodiga, e ſanta liberalidade avultada porçaõ de dinheiro, fazendo no ſacrificio deſte diſpendio por ganhar à Mageſtade do Ceo, o lucro da ſua Divina vontade. Na boca da tribuna da Capella mòr, ſe vè hum painel que repreſenta em admiravel pintura, o miſterioſo paſſo do Jordaõ quando Chriſto ſe quiz baptizar pela maõ do Precurſor. Os dous altares Collateraes, (que naõ tem a Igreja outros) tambem em cada hum delles ſe vê terem prodigioſas pinturas; o que eſtà da parte do Evãgelo he ſuperior aos mais, e moſtra ſer obrado pela maõ mais engenhoſa que pòde dar de ſi a Arte da pintura; em o qual painel ſe vè o Naſcimento do Salvador do mundo no Prezepio, com circunſtancias taõ naturais, em cores taõ ſubidas, e pro-

e proprias, que com facilidade ſe naõ acharà couza melhor. No altar Collateral em correſpondencia, eſtà outro painel tambem de boa pintura em que ſe repreſenta a Virgem noſſa Senhora com o Menino JESUS ſeo filho, e Santo Antonio de joelhos querendo receber o Menino dos braços da meſma Senhora. A Igreja he pequena, porèm ornada com todo o aſſeyo.

Logra eſte Convento grande, e dilatada cerca; logo ao ſahir do clauſtro, no meſmo pavimento em terrapleno igual he cultivado de horta, mas padece a hoſtilidade do Veràõ porque naõ tem agoa nativa. Deſte terrapleno da horta ſe ſegue para a parte do Norte (dentro dos meſmos muros que tudo he em cerramento) huma eminente concavidade a qual vay ter ao profundo de hum valle que em caminha a ſua vareda ao lugar de Alfange; alli dentro deſta dita cerca, he tradiçaõ proferida pelos curioſos das antiguidades, que no mais baixo daquelle ſitio aonde eſtà huma pequena fonte, entre a eſpeſſura de embrenhados boſques, era o bruto palacio do Infante *Abidis*, fundador deſta terra, quando nos ſeos primeiros annos foy criado aos peitos da huma agreſte Cerva, ou Corça, deſpois que as agoas do Rio Tejo o lançàraõ em terra: e naõ fica deſproporcionada a tradiçaõ, por ficar eſte ſitio junto daquelle Rio, e veremſe antigamente no circuito da mencionada fonte grandes, e ſubterraneas covas, pois ſe aſſenta que nellas vivia, e para ellas ſe retirava

tirava fugindo dos homens. Hoje se vè esta cerca cultivada de muytas arvores sylvestres, e fructiferas; fazendo tudo hum ameno, e dilatado bosque de frondoso arvoredo, em que continuamente se ouvem as sonoras musicas nos acordes gorgeyos das aves, ao compasso do murmurio do correr da fonte. O claustro que este Convento tem he pequeno porque a Constituiçaõ desta Provincia pela sua reforma lhe naõ admitte fazerem obras com grandiosas larguezas, porèm he alegre, e proporcionado à grandeza do Mosteiro: nelle se sepultaõ os Religiosos que morrem na Enfermaria que tem no Hospital de JESU Christo desta Villa: e de como lhe foy dada aos Padres desta Provincia explicarà o seguinte Capitulo.

CAPITULO XVII.

Dà-se noticia da Enfermaria que os Padres Arrabidos tem no Hospital de JESU Christo desta Villa de Santarem, e de algumas circunstancias, que lhe competem.

NEste Hospital de JESUS, fundado nesta Villa pello seo natural Joaõ Affonso, (de cuja erecçaõ jà fizemos memoria com bastante individuaçaõ, quando acima fallàmos da freguezia de S. Nicolào,) tem os Padres Arrabidos huma fermosa Enfermaria. E porque antes

tes que a tiveſſem padeciaõ com a ſua ſanta pobreza, muytos incommodos perigando muytas vezes as ſuas vidas, vindo os Padres moradores em Valdefigueira curarſe a eſte Hoſpital, ſem terem mais abrigo, que a aſſiſtencia, que os enfermeiros faziaõ à cõmua pobreza que a pura neceſſidade alli trazia. Deſta indecencia teve cabal noticia ElRey D. Sebaſtiaõ, e como era naturalmente inclinado ao habito do Bemaventurado S. Franciſco, prometteo aos Padres deſta Provincia mandarlhe fazer no dito Hoſpital particular Enfermaria para nella ſe curarem com mais decente commodidade. Ordenando que foſſe dentro no meſmo encerramento do Hoſpital; porèm ſeparada de outra que no meſmo tempo mandava fazer aos Padres da Provincia, que o vulgo chama os *Capuchos de Santo Antonio do Curral*, que juntamente logràraõ eſta real liberalidade; o que tudo ſe acabou no anno de 1570. tempo em que a meſma Mageſtade mandou aos Padres Arrabidos de Valdefigueira entregar as chaves da ſua Enfermaria, e paſſar-lhe proviſaõ para nella ſe curarem todos os ſeos Frades que vieſſem enfermos, e que deſde entaõ ſe daria raçaõ ao Frade enfermeiro que delles trataſſe, a qual mandou logo o Provedor (que naquella occaſiaõ era Fernaõ Telles, fidalgo da illuſtre caza de Unhaõ) regiſtar no livro dos aſſentos do Hoſpital, para que ſe executaſſe com promptidaõ o regio mandato; no anno de 1587. governando eſte Reyno os Reys

Reys de Caſtella, ordenou por proviſaõ ſua Filippe II., que tambem ſe dèſſe raçaõ ao companheiro do enfermeiro. Concorrem a eſta Enfermaria para ſe curarem (àlem dos Frades que ſaõ moradores neſte Convento do Pereiro) os de Valdefigueira, e os de Salvaterra; e antigamente tambem ſe vinhaõ aqui curar aos de Torres-Novas, de Alcobaça, e de Obidos; porèm eſtes tres ultimos por terem jà là as ſuas Enfermarias em que ſe acommodaõ, e ſerem os caminhos dilatados, naõ neceſſitaõ hoje deſte remedio.

Pelo fim dos annos de 1603. intentou a Meza da Miſericordia deſta Villa, que as tres Enfermarias de Religioſos que ha neſte Hoſpital (entrando neſta conta a dos Padres terceiros) ſe reduziſſem a huma ſó, em a qual juntamente todos ſe curaſſem com hum enfermeiro; com effeito repreſentàraõ os Irmaõs da Miſericordia eſte ſeo intento a ElRey Filippe III., para que iſto concedeſſe por ſua Proviſaõ, e ſendo informado pelo Doutor Ignacio Ferreira, Deputado da Meza da Conſciencia, ordenou o dito Senhor, que as tres Enfermarias ſe juntaſſem em huma: porèm fruſtradas foraõ as diligencias, porque quando a ordem chegou a eſte Reyno, corria outra vez a adminiſtraçaõ do Hoſpital por conta dos Conegos de S. Joaõ Evangeliſta; os quais vendo a injuſtiça que eſtava ordida contra os filhos de S. Franciſco, porque elles ſe naõ tem nada, quer Deos que tudo ſeja ſeo. Julgàraõ por eſta razaõ os

Chronica da Provincia da Arrabida tom. 1. liv. 4 cap. 25 fol. 713. n. 890.

os repoſtos adminiſtradores, que ſe naõ devia innovar couza alguma, e muyto menos naquella, que era obra de tanta caridade, ſeria fazer o contrario, o que naõ quer a vontade Divina. E aſſim perſeveraõ atè hoje as tres Enfermarias divididas com ſeos enfermeiros Religioſos de cada huma das tres Provincias.

CAPITULO XVIII.

Dà-ſe noticia da Ermida de Noſſa Senhora Madre de Deos, que exiſte, e he annexa à Igreja Parroquial de S. Lourenço, e de hum Hoſpital que havia junto à meſma Ermida.

NO diſtricto deſta freguezia de S. Lourenço em que vamos, exiſte huma perfeita Ermida ſobre a porta que o vulgo chama de *Vallada*, que he huma das principais que fechavaõ os muros deſta Villa de Santarem, ſita da Villa para a parte do Sul, annexa a eſta dita freguezia; em cuja Ermida ſe vè collocada huma devotiſſima Imagem de N. Senhora com a invocaçaõ da *Madre de Deos*. A razaõ que podemos dar no que toca a ſe dar à eſta porta o titulo de *Vallada*, he que nos parece ſer tomado pelo motivo de eſtar ſituada no principio da calçada que vay ter à valla, que impede no tempo do inverno naõ alagarem as cheyas do rio Tejo as terras que eſtaõ no diſtricto daquelle campo, para aſ-

ſim ſe repararem do damno que lhe pòde fazer a grande copia das agoas: porèm naõ me parece a mim ſer eſte o principal motivo de ſe dar a eſta porta eſte nome, e ſó entendo, que como dalli começa, a eſtrada que vay direita por linha recta à celebrada povoaçaõ de Vallada, a qual he hum lugar com ſua freguezia, que ſempre teve eſte nome, cuja Igreja tem o titulo de N. Senhora do O, ficando em diſtancia de Santarem tres legoas; daqui infiro que com melhor fundamento ſe tem dado a eſta porta o ſobredito titulo da porta de Vallada; pois vemos, que a muytas portas de Villas, e Cidades deſte Reyno, ſe uza fallar por eſte termo, como aſſim; neſta Villa a porta que ficava no principio da eſtrada que ſe encaminha para Leiria, chamavaõ a porta de Leiria: na Cidade de Evora a porta que fiça no principio da eſtrada que vay para Aviz, à nomeaõ pela porta de Aviz: e por conſeguinte em outras terras que tem mais de hũa porta, nellas ſe falla por eſte modo, e com eſta diſtinçaõ.

Neſta Ermida pois, he venerada a ſoberana Mãy de Deos; cuja Imagem (que moſtra ſer antiquiſſima) naõ ha noticia certa de quando alli ſe collocou, mais que huma corrente tradiçaõ de que quando os noſſos Reys antigos aſſiſtiaõ de morada neſta Villa (principalmente o invicto D. Affonſo Henriques) dedicaraõ eſta Villa à Raynha do Ceo, para a conſtituirem Senhora de toda ella; pois ſempre a invocavaõ para lhe valer

valer nos combates dos inimigos; e deſpois das victorias alcançadas, collocàraõ as ſuas Imagens ſobre as portas das muralhas, como as vemos nas mais, para ſempre nos defenderem, e ſerem vigilantes ſentinellas, com diferentes titulos de ſuas invocaçoens. A eſta Senhora concorre muyta gente deſta Villa com grande devoçaõ pelas maravilhas que obra em ſeos devotos. Obſerva-ſe neſta ſoberana Imagem ter o roſtro fermoſiſſimo, he de veſtir, tem cinco palmos de altura, e com o Menino JESUS ſeo filho ſobre o braço eſquerdo. Eſta Ermida tem hum Ermitaõ poſto alli pelo Prior de S. Lourenço, que ſerve nella de tudo o que he neceſſario. A caza em que eſtà o Altar da Senhora, he fermoſa, ornada com boas pinturas, com huma grande janella defronte do Altar que olha para a parte do Norte ſobre a calçada. Para ſe entrar neſta Ermida ſe ſobe primeiro por huma grande eſcada com ſeo parapeito em cima; e logo ao entrar para dentro (que tudo fas corpo de Igreja) eſtà hum arco de pedraria que a divide em duas partes, obrado por tal traça, que ſendo enviozado, eſtà com tanta firmeza nas pedras que vaõ ao viez engrazadas, que he ſem duvida, naõ ſerà facil fazer-ſe outro como elle, ſem ſe examinar primeiro bem, e com muyto ſentido a particular arte com que eſtà feito.

Baſtantes noticias temos, de que neſte meſmo ſitio eſtava fundado hum pequeno Hoſpital, com huma Ermida: mas que foſſe eſta da Senho-

ra Madre de Deos, naõ nos chegou ainda com certeza a noticia; mas pòde ser que fosse a mesma deste dito Hospital, que ainda que naõ pareça hoje ser obra taõ antiga, he porque se tem renovado pela dãnificaçaõ que antigamente lhe fes a continua opposiçaõ dos tempos. Constanos cõ bastante certeza, que no tempo em que o nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques lançou fóra desta Villa à força de armas os Mouros, encomendou a defensa da mencionada porta de Vallada ao famoso Capitaõ Portuguez, chamado Pedro Escuro. E tendo elle alli hũa grande pendencia com hum valeroso Mouro, que para salvar a vida hia sahindo por aquella porta; e estando jà fóra della, disse para o Portuguez ameaçando-o, que havia de tornar outra vez alli a experimentar as forças com elle. Pedro Escuro lhe respondeo com estas formais palavras, (que era o Portuguez que se fallava naquelle tempo:) *Hiredes, e viredes, e aqui me acharedes ou morto, ou vivo.* E porque o Mouro naõ tornou atè que Pedro Escuro morreo, deixou este valeroso Portuguez no seo testamento, que o enterrassem naquelle mesmo lugar, para que de nenhum modo faltasse à sua palavra; e neste sitio tinha jà mandado fazer huma Ermida, e hum Hospital com nove camas para se curarem doentes necessitados com bastante renda para isso applicada: a cujo Hospital chamavaõ antigamente do Reclamador, e do Palmeiro.

A

A origem, e principio donde lhe nascèraõ estes vocabulos, muyta gente o ignora, dandolhe varias significaçoens; porèm as que mais adequadas me parecem saõ as seguintes. Digo que Reclamador (no cazo succedido) se deve entender pela forçosa resistencia que aquelle famosissimo heroe Portuguez fez ao Mouro, em lhe reclamar, ou contrariar o seo ameaço, porque do verbo *Reclamo*, se entende esta significaçaõ ao pè da letra: e quanto à palavra *Palmeiro*, he corrupçaõ do nome Latino *Palmarium*, que segnifica ficar o vencedor com o premio da victoria, como succedeo alli naquella porta a Pedro Escuro com o dito Mouro; e porque este fidalgo obrou estas generosas acçoens no fim da sua vida, mereceo despois de morto lograr por acclamaçoens da mesma fama, epitectos taõ honrados. E como despois, passados seculos, reinou em Portugal o felicissimo Rey D. Manoel, em cujo tempo se mudàraõ todos os Hospitaes desta Villa, com todas as suas rendas para o de JESUS Christo, por Breve de Innocencio VIII. este dito Rey mandou tresladar os ossos de Pedro Escuro, da Ermida da porta de Vallada, onde jazia enterrado, para a Igreja do Hospital de JESUS, aonde lhe mandou fazer Capella propria, e gravar na sepultura a inscripçaõ que jà fica escrita no Capitulo onze, em que fallámos do grande Hospital desta Villa, no districto da freguezia de S. Nicolao: acçaõ digna de muyto louvor, por se naõ perder a memoria

moria de hum esforçado Cavalleiro, que tanto defendeo a sua patria, pela honra de Deos, e do seo Rey. Sendo juntamente, taõ pio, e caritativo, que a sua fazenda dispendeo para sempre se curarem pobres enfermos.

CAPITULO XIX.

Descrevem-se as noticias da Igreja de Santiago, que he huma das Fréguezias desta Villa de Santarem.

NEste Capitulo daremos a ler em breves periodos (por obrigaçaõ do nosso geral assumpto) as noticias que temos da antiga Igreja do glorioso Patraõ das Espanhas, Santiago o Mayor que existe nesta Villa de Santarem. Tem o seo assento em hum sitio que fica ao pè de huma eminente calçada, à qual dà o vulgo o titulo do nome deste Santo, e corre da muralha da Villa para a parte do Nascente. Confina esta Freguezia com a de Santa Iria que se lhe segue logo mais abaixo no andar da ribeira: e ainda que està situada no centro da Diocese Oriental de Lisboa, he independente da sua jurisdiçaõ, e só pertence ao dominio de Prelazia de Thomar, naõ sómente a Igreja, mas ainda todos os freguezes, que habitaõ o limite, e districto da freguezia: he o numero de freguezes ao tempo em que estamos, cento e vinte e quatro pessoas, repartidas em trinta e nove fogos. A Igreja

he

he de mediana eſtatura , e de huma ſó nave. Tem ſó tres Altares que he hum delles o da Capella mòr , e os dois Collaterais ; no Altar mòr eſtaõ collocadas eſtas imagens , Santiago que ſe feſteja como Orago da caza a vinte e cinco de Julho ; Santo Antonio , e S. Caetano. O Collateral que fica da parte do Evangelho he dedicado a JESUS , MARIA , Jozè ; e o da parte da Epiſtola à Virgem Martyr , e prodigioſa doutora Santa Catharina , e naõ tem Irmandade alguma. O Parroco deſta freguezia ſe intitulava antigamente Prior , e cobrava todos os dizimos atè o anno de 1585. e hoje ſe intitula Vigario pelas razoens que adiante diremos, deſpois que os dizimos da Igreja ſe reduziraõ a comenda da Ordem de Chriſto ; o qual Parroco he hoje apreſentado por ElRey N. Senhor , como graõ Meſtre da dita Ordem , ſendo por conſulta da Meza da Conſciencia , cuja Vigairaria rende hum anno por outro , cento e trinta mil reis. Tem ſinco Beneficiados collados da meſma Ordem de Chriſto, que tambem ſaõ da apreſentaçaõ do meſmo Senhor ; porèm os Beneficios ſaõ ſimples , por cuja cauſa os naõ ſervem os proprietarios , mas poem alli Iconimos que rezaõ no Coro , e adminiſtraõ os Officios Divinos.

O ultimo Prior que houve neſta Igreja , foy Frey Diogo do Rego , Religioſo de muytas virtudes , D. Prior que jà tinha ſido do Real Convento de Thomar ; os quais acabando no dito

Con-

Convento o triennio da Prelazia, vinhaõ ser Priores desta Igreja de Santiago : mas foy este ultimo, porque ElRey D. Joaõ o III. nesse tempo fes troca com os Padres do dito Convento de Christo, e lhe deo a commenda da Cardiga que vagou por falleimento de Frey Nuno Furtado, pela commenda desta Igreja de Santiago ; e logo fez mercê della a Frey Andre Telles fidalgo de sua caza ; cuja commenda he hoje do commendador o Monteiro mòr do Reyno. E porque no Cartorio desta mesma Parroquia achàmos esta clareza toda, lançaremos aqui os treslados de dous Alvaràs em que ElRey D. Sebastiaõ, e seo Avo D. Joaõ o III. declaraõ as mercès que da dita commenda fizeraõ, cujos treslados saõ os seguintes.

O Alvarà delRey D. Sebastiaõ diz : *D. Sebastiaõ por graça de Deos Rey de Portugal &c. Como Governador, e perpetuo administrador que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de N. Senhor JESUS Christo, faço saber aos que esta minha carta virem, que Andrè Telles de Menezes, que Deos haja, foy Commendador da commenda da Igreja de Santiago da Villa de Santarem, da qual ElRey meo Senhor, e Avo que santa gloria aja, fez mercè por huma sua carta por elle assignada, e passada pela Chancellaria da dita Ordem de que o treslado he o seguinte :*

D. Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal &c. Como Governador, e perpetuo administrador que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de N. Senhor JESU Christo,

Christo, faço saber a quantos esta carta virem que quando mandey reformar o Convento de Thomar da dita Ordem passey huma minha Provisaõ, porque me prouve que por falecimento de Frey Diogo do Rego, que foy D. Prior do dito Convento, e Prior da Igreja de Santiago de Santarem, que he da dita Ordem, e da apresentaçaõ dos Mestres, e Governadores della ficasse a dita Igreja ao dito Convento, e houvesse as rendas della para ajuda da mantença da Communidade, e vagando a dita Igreja por seo falecimento o dito Convento tomava posse della, por virtude da dita Provisaõ. E sendo vaga a commenda da Cardiga por fallecimento de Frey Nuno Furtado, que della foy ultimo Commendador; e vendo eu que por a dita commenda estar taõ perto do dito Convento, e lhe ser muyto necessaria para sua granjearia, e ter desposiçaõ para nella trazer todo o gado para mantimento da caza, houve por bem fazer escaybo com o Prior, e Freyres do dito Convento para lhe ficar a dita commenda da Cardiga: e a da Igreja de Santiago ficar à Ordem para eu della poder prover em cõmenda em hũ Cavalleiro della, e se fez disso contrato; por bem do qual o dito Prior, e Freyres renunciàraõ a dita Igreja de Santiago pela qual renunciaçaõ ficou vaga, e se tomou a posse della por parte da Ordem, e mandey passar Provisaõ da dita commenda da Cardiga aõ Convento; e havendo eu respeito aos serviços que Frey Andre Telles fidalgo da minha caza, Cavalleiro professo da dita Ordem, a ella, e a mim tem feito; e aos que espero ao deante façaõ, e por folgar de lhe fazer merce, tenho por bem, e lhe faço mercè da commenda da dita Igreja de

Xx *San-*

Santiago para elle a ter, e possuir, e haver, e arrecadar as rendas della, assim, e da maneira que se arrecadavaõ quando era Priorado, e como direitamente lhe pertencerem; e serà obrigado pagar em cada hum anno ao Vigario da dita Igreja doze mil reis como he declarado no dito contrato que se fez antre a Ordem, e o Convento. E elle deixou as duas commendas de S. Giaõ de Cambra, e Santa Maria da Ventosa que tinha que saõ das cincoenta commendas das Igrejas de meo Padroado para eu dellas prover a quem houver por bem; notifico-o assim ao Contador do Mestrado, e a quaisquer outros officiaes da dita ordem, e pessoas a que esta carta for mostrada, e o conhecimento della, e pertencer: e mando ao dito Contador que dè posse da dita commenda ao dito Frey Andrè Telles, segundo a fórma da diffiniçaõ de seo regimento. Francisco Pires a fez em Evora a vinte e seis dias de Agosto, anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de 1537. E eu Jorge Rodrigues a sobescrevi.

Acha-se mais no dito Cartorio desta Igreja de Santiago, outro Alvarà do mesmo Rey D. Joaõ o III. em que fez mercè ao filho legitimo mais velho de Andrè Telles de Meneses Ruy Telles da Silva passado em Lisboa aos cinco dias de Dezembro de 1538. à qual comenda ficou logo possuindo por fallecimento de seo Pay.

Da antiguidade desta Igreja, naõ podemos achar tempo certo, nem o anno em que foy erecta; porèm sabemos por boas conjecturas, e por documentos do Cartorio da mesma Igreja, que foy

foy fundada no tempo do noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques, porque atè lá achàmos memorias de que foy ſempre Parroquia; ſendo primeiramente dos Cavalleiros da Ordem do Templo de Jeruſalem, chamados os Templarios; o que ſe juſtifica por huma carta de confirmaçaõ que alli exiſte lançada em pergaminho cõ letra antiga, e Portuguez daquelles annos, e o primeiro Alvarà he huma carta de confirmaçaõ delRey D. Diniz que ratifica a obſervancia dos privilegios concedidos à ordem dos Cavalleiros do Templo, feita em o mez de Mayo de 1323. E por eſtas noticias devemos entender que eſta Igreja no ſeo principio foy couza dos Templarios, e que ſeria fundada no tempo delRey D. Affonſo Henriques; e jà de entaõ ficaria izenta do Biſpado de Lisboa, quando o Biſpo D. Gilberto tirou (por ſentença dada em Roma) as mais Igrejas de Santarem aos Templarios, como jà fica dito no Capitulo outavo do primeiro livro deſta Hiſtoria.

O ſegundo Alvarà he delRey D. Affonſo V. em que confirma os privilegios dados à Ordem de Chriſto, em cuja confirmaçaõ tambem faz memoria da mencionada Ordem do Templo poſſuindo os Templarios eſta Igreja; a qual carta foy paſſada neſta Villa de Santarem aos vinte e ſete de Fevereiro de 1449. ſendo Regedor, e graõ Meſtre da dita Ordem de Chriſto o Infante D. Henrique Duque de Viſeu, Senhor de Covilhaã,

Tio do dito Rey D. Affonſo V., e filho quinto delRey D. Joaõ o I. que era Avo deſte Rey D. Affonſo. Cujos tranſumptos ſe achaõ no Archivo deſta Igreja de Santiago, os quais ſe lançàraõ ſendo Prior da dita Igreja Frey Rodrigo, Freyre da Ordem de Chriſto, paſſados em publica fórma por Diogo de Figueiredo Eſcrivaõ da Camara delRey, e geral Notario em todos eſtes Reynos, eſcritos em pergaminho aos vinte e tres de Abril de 1474.

Na Capella mòr deſta Igreja eſtaõ duas ſepulturas, ambas metidas na parede da parte do Evangelho, cujo epitafio da primeira diz aſſim: *Aqui jàs o Doutor Diogo do Rego do Deſembargo del-Rey N. Senhor, e do ſeo Concelho, Dom Prior que foy do Convento de Thomar, e Prior deſta Igreja; finou a nove de Mayo de mil quinhentos, e trinta e ſeis annos.* Dentro neſta ſepultura, que he de boa pedra muyto bem lavrada, eſtà inteiro, e incorrupto o cadaver do dito Frey Diogo do Rego (que fica neſte Capitulo mencionado) porque ha quarenta annos abrindo-ſe eſta ſua ſepultura que foy preciſo deſmanchar-ſe para ſe aſſentar a tribuna da Capella mòr, ſe achou o corpo na fórma referida; e ainda vivem peſſoas que o viraõ, das quais he huma o Padre Martinho Coelho de Azambuja, e o Padre Martinho de Oliveira, ambos Beneficiados da dita Igreja, peſſoas que ſaõ de muyto credito, e a mim mo certificàraõ em o anno de 1733.

A

A outra ſepultura tem as ſeguintes letras: *A ſepultura deſta Cappella mòr he de Antonio Dias Montalvo, Cavalleiro fidalgo da caza de Sua Mageſtade, e ſeo Monteiro mòr deſta Villa, e de ſua mulher, e herdeiros: tem Miſſa quotidiana por ſuas almas para ſempre, com mais huma cantada. Pede huma Ave MARIA pela ſua alma, e da dita ſua mulher Catharina Cardoſa.* Para poſſuirem o jazigo deſta Capella mòr eſtes ditos poſſuidores, foy-lhe dada licença por Proviſaõ delRey Filippe IV. paſſada em Lisboa a 22. de Janeiro de 1620.

No corpo deſta Igreja ſe lem os Epitafios ſeguintes: *Aqui jàs o Lecenciado Antonio Toſcano Vigario que foy deſta Igreja. Falleceo de noventa e nove annos.* ⩶ *Sepultura dos Vigarios Joaõ Lopes, e Franciſco Lopes.* ⩶ *Sepultura de Nicolao Paez, Eſcrivaõ do Almoxarifado, e Coutadas deſta Villa, e de ſeos herdeiros.* ⩶ *Sepultura do Padre Joaõ de Lemos Maſcarenhas, que ſervio eſta Igreja trinta annos com ſatisfaçaõ, e ſeo Irmaõ Frey Amaro de Lemos Maſcarenhas, indigno Sacerdote, pedem huma Ave MARIA &c. Anno de* 1675.

CAPITULO XX.

Das noticias da Igreja Parroquial de S. Iria deſta Villa de Santarem; e da vida, e morte da meſma Santa.

NO meyo da grande, e dilatada povoaçaõ da Ribeira, em Santarem, eſtà ſituada a famoſa Igreja da glorioſa virgem, e martyr Santa

ta Iria. He Templo taõ antigo, que delle, e da Chriſtandade deſta Villa, temos iguais noticias. Porèm o anno, e o principio da ſua fundaçaõ he que ſe ignora, pelo pouco reſguardo dos archivos, e por alguns deſcuidos dos noſſos antigos Eſcritores. Sem muyta controverſia ſe deve attribuir ſer obra do piedoſo Rey D. Affonſo Henriques; pois he ſabido, que deſpois que lançou fóra deſta terra os Mouros, fundou nella muytas Igrejas, e Ermidas, para que com eſtes eſcudos, ſe armaſſe, e fortaleceſſe contra os aſſaltos da barbaridade; ſacrificando a Deos os proprios diſpendios, por victima das felicidades que lhe concedia, nas perigoſas emprezas de que triunfava. E como jà naquelle tempo era eſta Santa venerada dos Catholicos, e ſe naõ ignorava que o ſeo precioſo corpo tinha alli ſepultura maravilhoſa debaixo das agoas do Tejo; bem ſe póde entender que quiz o devotiſſimo Rey, que naquelle diſtricto permaneceſſe a memoria de ſuas prodigioſas maravilhas; levantando-lhe ſumptuoſo Templo, para ſer abonado Coloſſo de ſua glorioſa fama. E porque eſta bemaventurada Santa deo o nome a eſta terra, q̃ de S. Irena ſe corrompeo o vocabulo em Santarem, e a devoçaõ daquelle povo a reconhece por ſua Padroeira, he preciſo neſta Hiſtoria, e neſte Capitulo fazermos particular lembrança das ſuas heroicas virtudes: e deſpois relataremos as mais circunſtancias que pertencerem a eſta Igreja.

As

As pennas q̃ fizeraõ perduravel a lembrança da vida, e martirio de S. Iria; foraõ taõ engenhosas no estilo, e taõ bem aparadas na elegancia, que com justificado motivo se deve esta nossa intimidar por impulsos attenciosos, de reverentes receyos. Mas como nos vemos obrigados por parte da mesma Villa de quem he o assumpto, a referir as heroicas, e santas acçoens da sua Padroeira, q̃ tanto a autorizou com o illustre de seo nome; forçoso he que cedaõ os receyos aos preceitos da Historia, e satisfaça constrangido o discurso, as obrigaçoens do empenho.

Correndo pois, os annos do Nascimento de Christo, 653: florecia com opulencia Nabancia, populosa, e antiga Cidade da nossa Lusitania. Reinava em toda Hespanha Resensuindo, Rey Godo. Governava a Barca de S.Pedro em Roma, Martinho I. deste nome. A primazia dos Arcebispados em Braga, Potamio. E no Oriente imperava Constante II. Perseverava neste tempo a famigerada Nabancia junto aonde hoje existe huma grandiosa Villa na Provincia da Estremadura, districto a quem sempre dêraõ o nome de Thomar, cuja denominaçaõ lhe davaõ os Mouros por significar em lingoagem Arabiga agoas claras, e doces, quais foraõ sempre as do seo rio Nabaõ, que lhe enlaça os pès com suas prateadas correntes. Porèm quando só existia aquella Cidade que deo o nome ao rio, as mesmas agoas delle lhe serviaõ de cristallina muralha pela parte

te occidental: e deste lado se conserva a dita Villa, que por existir naquelle sitio lhe renovou o vulgo o antigo titulo de Thomar; a qual foy fundada pelos Templarios nos annos de 1153. despois que El Rey D. Affonso Henriques tomou a nossa Villa de Santarem aos Mouros. Naquella antiga povoaçaõ de Nabancia havia dous Conventos da Ordem do Patriarca S. Bento, fundados ambos por S. Frutuoso, Religioso que foy da mesma Ordem, e despois Arcebispo Primàs de Braga, nos annos de 640. Hum destes Conventos, era de Religiosos aonde viviaõ santamente cõ o exemplo, e doutrina de seo Abbade chamado *Celio*, tio da nossa Portugueza Santa Iria; de cujo Mosteiro temos a noticia com autoridades de graves Autores, que estava fundado no mesmo sitio em que hoje existe a Igreja principal daquella Villa com a invocaçaõ de N. Senhora dos Olivais; a qual he a mesma no seo material que servia aos Religiosos de Igreja do Convento, e hoje naquelle povo de Matriz. O outro Cõvento era de Freiras (ao modo daquelle tempo); ambos estavaõ separados, como se està vendo na distancia, e diferença dos seos sitios; pois o dos Religiosos estava situado junto a hum pequeno ribeiro, o qual corria pelo dito antigo Convento, annexo à Igreja. O das Religiosas ficava quasi sobre o rio Nabaõ, e estava no mesmo lugar aonde hoje se vè renovado, mas todo transformado no material dos edificios, e no substancial

Hist. Seraf. Cronolog. 3 part. livro 3. cap. 1.

Monarquia Lusit. part. 2. l. 6. cap. 24 p. 3 l. 9. cap. 27.

ſtancial da regra; porque aquellas guardavaõ a de S. Bento, eſtas a de S. Franciſco.

Neſte Convento reſplandeciaõ duas irmaãs, Caſta, e Julia com raro exemplo de ſantidade, ambas tias de Santa Iria, irmaãs de ſeo pay, e ambas eraõ hum perfeitiſſimo, e claro eſpelho da mais obſervante vida religioſa. Na ſua companhia, depoſitou o Ceo a Iria, a inſtancias da fé, contra a eſperança da natureza, na flor de ſeos tenros annos; ao Divino Eſpoſo dedicàraõ eſta ditoſa filha ſeos pays, Hermigio, e Eugenia, nobres pela natureza do ſangue, ricos dos bens da fortuna, e muyto mais bem dotados das riquezas da graça; pois o ſeo viver pela uniaõ de conſortes, tudo nelles era tranquillidade pacifica, tudo temor de Deos como verdadeiros catholicos. De taõ boas arvores por conſequencia ſe ſegue, que ſe naõ podia eſperar o fruto menos ſublime; pois aos troncos ſaõ parecidos os frutos, e quanto aquelles ſaõ na qualidade de perfeita esféra, ſahem eſtes na ſuavidade perfeitiſſimos. Naſceo Iria prodigioſa, como brilhante flor, deſtes ditoſos troncos, e logo para Deos começou a ſer fruto de ſuaviſſimo cheiro nos progreſſos de ſuas heroicas virtudes. Nos primeiros annos de ſua infancia, lhe amanheceo taõ anticipadamente a luz do entendimento, que nas acçoens, e nas palavras, ſe portava com madureza de mayores annos. Deſprezava os brincos da puericia, por ter o eſpirito mayor que a idade, ſendo nos preceitos

Ambr. de Mor. lib. 2. cap. 36. Mariana l. 6. cap. 6.

ceitos das tias officiosa e diligente, cõ as religiosas humilde, e branda, e com todas as creaturas, modesta e reportada; fogia das que via menos quietas, temendo na fraqueza propria, a contingencia do perigo, na alheya o impulso de errados exemplos. As couzas sagradas, e exercicios devotos, só eraõ o centro aonde a levava a sua natural inclinaçaõ, e como senaõ tivesse de menina, mais que a innocencia, produzia na flor da idade, sazonados e copiosos frutos de virtude. Tanto lhe anticipava o Ceo os favores na entrada da vida; porque tanto lhos havia merecer no discurso della. Assim foy Iria crescendo nos annos, e juntamente no espirito de sacrificar seo coraçaõ a Deos.

Como eraõ todos bons os principios, bem se podia esperar, q̃ em breve circulo de vida, compendiasse Iria muytos seculos de santidade. Persistia na oraçaõ, fecundando a alma com os influxos superiores da graça Divina; a cujas suavidades, elevava os affectos em amorosos desvelos, tendo por objecto suspirado, o amor do Divino esposo. Com fervor incrivel se applicou só para Deos, a amar, a servir, e a merecer: porque naõ lhe faziaõ embaraço as memorias do mundo, ao qual primeiro tinha desprezado, que conhecido. Ajudava a oraçaõ, com a mortificaçaõ: porque só entre estes espinhos se dava bem esta flor. Humilhava-se a todas as creaturas com o coraçaõ sincero, para que Deos lho collocasse nas sublimidades

midades da Bemaventurança; e tanto fazia por ſe ver izenta do mundo, que elle era o proprio objecto do ſeo dezagrado, inſtando por ſe unir com ſeo Divino Eſpoſo, pois era o anhelado incentivo do ſeo amor. E porque anticipadamente tinha conſagrado ao menino Deos no ſeo coraçaõ as finezas dos ſeus ſacrificios, daqui lhe procedeo negar-ſe a ſi meſma; porque como o amor em quem ama, tem força, e propenſaõ para a cauſa propria, por deſvanecer alguma ſimpathia que podeſſe motivarlhe agrados, converteo em aborrecimento a gentileza de ſua peſſoa, negandolhe as viſtas de quem a quizeſſe julgar por extremo fermoſa. Tinha diſplicencia de ſer applaudida por diſcreta, e eſpecial ſentimento da eſtimaçaõ popular; mais dezejava viver em vituperios, que triunfar com applauſos.

De tantas virtudes adornou o Ceo Santa Iria, que com eſpecialidade (devemos advertir) quiz que foſſe o mimo da natureza, deſvello da fortuna, e deſempenho da ſoberana graça, porque nella admiravaõ todos com igual aſſombro, os realces da mais ſingular belleza, e a vivacidade do melhor engenho, q̃ tudo lhe compunha hũa armonioſa conſonancia de virtudes. Quando ainda começava a contar os tenros annos de ſua primeira idade, jà ſe manifeſtava perita em ſaber ler, e eſcrever; era o ſeo genio de tal qualidade, e taõ propenſo à liçaõ dos livros ſagrados, que pareceo conveniente ſyſtema, procurarlhe hum

Meſtre douto; para que com os luſtres da doutrina foſſe a ſua erudiçaõ mais fundamental. Deſte parecer foraõ as virtuoſas tias da noſſa Santa, e o meſmo conceito formàraõ ſeos pays, alheyos da perigoſa guerra, que o inimigo cõmum das noſſas almas coſtuma armar em ſemilhantes conjugaçoens. Conſultàraõ eſte projecto ao Abbade do mencionado Convento, Celio, irmaõ de Eugenia, e tio de Santa Iria; com boa vontade eſtimou aquelle deſignio o Santo Abbade, e mais ſabendo q̃ para eſte effeito pertendiaõ a hũ dos Monges de ſeo Moſteiro, chamado *Remigio*, a quem a fama de ſabio, juntamente com a opiniaõ de virtude exemplar, lhe tinhaõ adquirido naquelle povo naõ vulgares eſtimaçoens.

Tomando à ſua conta Remigio a nova diſcipula, por obediencia de ſeo Prelado Celio, com boa vontade ſe occupou em darlhe a doutrina que lhe foy encomendada. Naõ quiz Iria deixar de obedecer a ſeos pays, e tias, em ſatisfaçaõ de ſuas amoroſas finezas, pois ſempre dezejava fazerlhe o goſto; e tal foy a ancia com que ſe applicou àquelle exercicio, que em breves dias era jà taõ ſábia, que quem chegava a fallar com ella, em varias couzas que careceſſem de fina intelligencia, naõ lhe ficava eſpirito que reſpiraſſe, ſem aſſombro, e com razaõ ſe admiravaõ todos; porque ſe as grandes admirações naſcem de hũ parecido impoſſivel, grande novidade era ver huma menina de taõ pouca idade, ſcientifi-

entificamente douta em todas as Eſcripturas, e admiravelmente verſada nas doutrinas dos Doutores da Igreja, e documentos dos Santos Padres.

Naõ ſó ſe ſabia deſta maravilha dentro do Moſteiro, mas tambem era divulgado por todo aquelle povo; todos fallavaõ unifórmes nas paſmoſas e ſingulares prendas de Iria, huns por veneraçaõ da peſſoa, exagerando a virtude, outros louvando a agudeza do juizo, admiravaõ a ſciencia, e todos celebravaõ a fermoſura. Era neſte tempo Governador de Nabancia, e de toda a ſua comarca o Conde Caſtinaldo, o qual tinha comſigo hum filho de florentes annos, herdeiro de ſua caza, chamado *Britaldo*; eſte ouvindo fallar nas maravilhoſas perfeiçoens de que o Ceo compoz taõ rica joya da graça, com aſſombros da natureza; ancioſo da a ver, andava buſcando occaſioens de empregar a viſta naquella fermoſura taõ grandemente encarecida. E como aquellas religioſas donzellas viviaõ com eſtreito recolhimento, que naõ ſahiaõ da clauſura, mais que huma vez em cada hum anno, na feſta do Principe dos Apoſtolos S. Pedro, a fazer oraçaõ na ſua Igreja, a qual eſtava junto ao palacio de Caſtinaldo, em cujo dia coſtumava Iria ir com as mais donzellas aſſiſtir na meſma Igreja, a fim de alcançarem muytas graças, que a Santa Sè Apoſtolica tinha concedido aos fieis, que naquelle proprio dia a viſitaſſem.

Che-

Chegado o referido dia, naõ faltou naquelle Templo Britaldo; e empregando a vista na palmosa fermosura da Santa, justamente entendeo, que ainda era menor a fama, que a realidade, e muyto mayor a singularidade da gentileza, que todos os conceitos que nos discursos se faziaõ.

Desta vista que Britaldo teve de Santa Iria ficou reconcentrando no intimo de seo coraçaõ hũ amor excessivamente incendido; e com este incentivo formado em multiplicados reflexos, augmentava-se com mais vehemencia nas inpossibilidades, que se lhe representavaõ, de poder lograr a correspondencia amorosa de Iria, tanto pelo estado, que ella elegèra, como pelo dezayre, que podia causar a esclarecida nobreza de seos pays, e autoridade de seo tio o Abbade Celio. Nestas consideraçoens andava, o anciofo mancebo naufragando em hum abysmo de confusoens; e naõ ouzando a descobrir as chamas que ardiaõ em seo peito, faltandolhe o arrimo de alguma esperança, cahio enfermo. Vacillantes andavaõ os Medicos nas ideas, sem nenhum lhe acertar com a cura, porque naõ sabiaõ a causa da enfermidade; (nem sabendo-a lhe poderiaõ dar remedio.) Bastante conhecimento tinha de tudo Santa Iria, a quem Deos o quiz revelar, para que constante na pureza, valerosamente se armasse com o escudo da honestidade. Porèm illustrada com hum impulso celestial, por attender ao proximo, e fazer obras de caridade em reverencia

de

de Deos, intentou darlhe remedio na fórma seguinte; encomendou-se ao mesmo Senhor com fervorosa oraçaõ, tomou a bençaõ da sua Prelada, e encaminhou os passos a caza do Conde Governador, em companhia de outras santas companheiras. Visitou ao enfermo Britaldo; e despois de lhe expor com locuçoens cortezans, as saudaçoens respeitosas, lhe foy insinuando os verdadeiros remedios que a qualquer achaque saõ efficazes defensivos, contra os enganos do mundo, os desenganos da vida, para com elles se triunfar das suas inconstantes vaidades; porque estas por dissolutas, saõ as que geraõ nos coraçóes os distrahidos pensamentos, com que se perde a graça Divina, dizendo-lhe com elegante ternura, que estes eraõ os achaques da alma, que primeiro se deviaõ curar. E chegando-se a elle com asperas, e secretas vozes (sem que fossem de outrem ouvidas) lhe descobrio o motivo da sua enfermidade: reprehendeo-lhe a sua insolencia, por cahir no arrojo de pôr os olhos com amor indecoroso, em huma esposa de Christo, certificando-lhe que aquella loucura que elle intentava, era hum appetite nesciamente temerario; pois era querer grangear o inferno, em materia de que em tempo algum naõ havia recolher fruto. E para que destes avisos fique entendendo a virtude, que tem os mandados de Deos; estas advertencias que lhe faço (disse a Santa pondolhe as maõs na cabeça) saõ da parte do Altissimo

omni-

omnipotente, para lhe dar a melhora, que todos desejaõ; mas com a condiçaõ de emmendar os erros, e acautelar os olhos.

No mesmo instante, que a Santa lhe poz as maõs na cabeça, ficou Britaldo livre das ancias q̃ padecia, q̃ com aquellas suavissimas palavras, e documentos do Ceo se alegrou, e descançou aquella afligida alma, e de tal maneira, que se vio logo convalecido das penozas tristezas que o atormentavaõ, as quais lhe hiaõ consumindo o coraçaõ, levado da idèa de seo cègo discurso. Nos brados da admiraçaõ se celebrou cõ muytas festas a maravilha, e ficou a virtude da Santa nos braços das veneraçóes q̃ lhe eraõ devidas. Porèm o inimigo cõmum, que sempre anda àlerta contra o bem de nossas almas, vendo que por aquelle caminho se lhe hia destruindo a sua austucia; tratou de armar contra a innocencia, outra batalha com instrumento mais horroroso. Com o familiar trato que o Monge Remigio tinha com a Santa por ter sido seo Mestre, começou a fazerlhe cruel guerra, e levantar em seo peito huma tormenta de tentaçoens deshonestas, taõ terrivel, e espantosa, que perdido o pejo com a diabolioa sugestaõ, rompeo os laços da honestidade, expondo com palavras o que sentia no depravado dezejo. Em taõ estupendo cazo perplexa ficou a Santa, e conhecendo o lascivo pensamento, viroulhe as costas para que a fermosura de seo rostro naõ provocasse Remigio a mayores desatinos;

tinos; e caminhando à prezença de huma Imagem de Christo crucificado, com seo fermoso rostro banhado em lagrimas lhe disse: *Meu Deos, e meu Senhor, jà que vosso amor he eterno, e sem limite, e vosso poder immortal, e infinito, sejaõ infinitos, e durem para nòs os effeitos sagrados das vossas misericordias. A vòs recorro nesta tribulaçaõ, para que deis a meu Mestre luz naquella escuridade (que sem dúvida lhe introdusio o tentador das almas) com hum rayo de fogo de vossa Divina graça, e que abrazado nas chamas de vosso amor se emende, e verdadeiramente se arrependa de taõ enorme, e inopinado pensamento. Vós Senhor, que nessa Cruz pregado padecestes tantos tormentos, e afrontas por remir da culpa aos peccadores, ensinandonos o caminho da salvaçaõ, com o exemplo de pedires a vosso Eterno Pay perdaõ para aquelles, que vos crucificavaõ, porque ignoravaõ o que faziaõ, e a hi mesmo perdoastes àquelle que vos meteo a lança no coraçaõ, naõ permittais meu Esposo JESUS, que Remigio fique discipulo do demonio sendo taõ grande letrado, como athè agora exemplar Religioso.*

He sem dúvida, que se Deos quizesse livrar a Remigio daquellas diabolicas tentaçoens, naõ seriaõ necessarios os rogos daquella pura castidade, mas devemos entender neste cazo, que quiz o mesmo Senhor, q̃ Santa Iria triunfasse da culpa sensual com firme constancia de sua pureza, e por isso naõ tiveraõ effeito as suas deprecações, nem as admoestaçoens que fazia ao Mestre, mas antes neste se exasperavaõ mais os seos las-

civos incendios com as doutrinas, e advertencias da casta Discipula. Incomprehensiveis saõ os segredos da Divina grandeza, pois esta que athè agora aprendia daquella boca as direcçoens do caminho do Ceo, o condenava com as suas proprias razoens, mostrandolhe o principio dos erros, e abominando os horrores do seu fim. Com agudissimas razoens lhe dizia ser a mayor desgraça que podia haver, dar documentos para a salvaçaõ das almas alheas, e levar a sua pelo caminho do inferno para a perder por toda a eternidade. Expunhalhe com suavissimas palavras os presentes, e preteritos exemplos dos homens, que no mundo perdèraõ, e perdiaõ as suas almas por semelhantes, e taõ feyas desenvolturas, as quais sempre resultavaõ em condenaçaõ eterna; e elle naquelle povo estava com boa opiniaõ, e que seria delle se a perdesse para com os homens, e o que era mais, perder a graça de Deos, e que regulandose pelo cumputo dos annos, estava jà vizinho ao tempo de acabar o seu mundo, que naquella ultima hora da estreita conta, lhe havia de pezar muito, e talves sem remedio, das desordenadas acçoens da vida.

Muitas foraõ as advertencias, que Santa Iria lhe fes, as quaes pela santa virtude com que lhas intimava, eraõ efficazes incentivos para abrandar a obstinaçaõ de Remigio; porèm as mesmas reprehensoens ditas pela Santa com elegantes, e discretissimos documentos o excitavaõ a mayor

reniten-

renitencia no ſeu mào intento; e vendo-o fruſtrado, converteo em odio para vingarſe o proprio amor que tinha concebido da depravada ſenſualidade. Disfarçou o furor com apparencias de arrependido, e tratando a Iria com praticas mais modeſtas, e virtuoſas, recolheo no coraçaõ o veneno diabolico; deſta ſorte a foy conciliando em tal fórma, que entendeo ella que tinha vencida aquella batalha contra a tentaçaõ do demonio, e ſe dava jà por muito ſatisfeita da converſa de ſeu Meſtre. Aſſim he deſte mundo o ſeu amor, que quando naõ correſponde à vontade deſordenada, o meſmo amor forja as máquinas para a perdiçaõ das almas. Compos Remigio com a induſtria do demonio, huma bebida de varias ſuſtancias de hervas; eſta bebeo a Santa applicada pelo meſmo Meſtre, dizendolhe, que era couza ſuſtancial para o corpo poder ſuſtentar as penitencias que fazia em ſerviço de Deos: recebe-a a Santa innocente, entendendo ſer affecto paternal, o que era diabolica malicia. Perdeo logo em breves dias Iria as cores de ſeu fermoziſſimo roſtro, e creſceolhe o ventre em tal fórma, que a todos parecia ter verdadeiramente aquelles ſinais, que coſtumaõ ter as mulheres cazadas, quando tem concebido de ſeos maridos, e todos lhe eſperavaõ por inſtantes o parto, correndo naquelle povo a fama da ſua prenhez, nem ſe deſcorria em outra materia mais que na ſua diſſimulada virtude: o vulgo lhe chamava

mava hypocrita, as Freiras injuriadas de a verem aſſim, a vituperavaõ dizendo-lhe, que era o deſcredito, e deshonra do ſeu Convento. De todas as peſſoas ſe via Iria deſprezada com muitas afrontas que lhe diziaõ. Nas virtuoſas tias porèm, ſó achava algum abrigo, porque melhor que todas as mais conheciaõ a ſua ſanta vida: com Deos ſó ſe conſolava; pois era quem ſó verdadeiramente conhecia a ſua innocencia; a elle offerecia aquelles opprobrios com copioſas lagrimas, e ſuſpiradas ancias, deprecando o ſeu auxilio para tolerar com paciencia aquella infamia, e padecer por ſacrificio de ſeu amor aquelle deſdouro.

CAPITULO XXI.

Do Martirio da Santa, e das maravilhas com que Deos fes manifeſta a ſua innocencia, e a ſua virtude.

NA occaſiaõ em que Santa Iria tinha hido viſitar a Britaldo, para lhe dar ſaude, pois eſtava enfermo pelo exceſſivo amor que lhe tinha gerado no coraçaõ a particular graça da ſua paſmoſa fermoſura, cedeo elle do ſeu antigo propoſito, com reverencial attençaõ aos ſagrados deſpoſorios, que ella tinha feito com Deos; e entaõ lhe pedio, que pois lhe naõ admitia a correſpondencia do ſeu amor pela obriga-

çaõ

çaõ da ſanta vida religioſa que elegèra, lhe havia de dar alli ſua palavra de naõ amar outra creatura: ſatisfaçaõ foy eſta, que ella com muita firmeza lhe prometeo. E tendo agora a noticia do ſuppoſto cazo, julgouſe ficar incurſo no dezar de huma vil afronta, entendendo por aquella apparencia deshoneſta, que a vontade de perferir a outrem, fora a cauſa de elle ficar deſprezado de Iria. Oh que mentiroſos ſaõ nos penſamentos dos homens os humanos diſcurſos! porèm o amor q̃ ainda Britaldo lhe tinha, o fes disfarçar a ira, e ſuſpender a vingança, porque lhe começou a renaſcer o affecto que lhe teve com mais vigor, como fenix abrazado entre as cinzas das offenſas imaginadas; e aplacando à cólera os incendios, tratou ſó das ſatisfaçòens do mal appetecido. Para conſeguir o effeito que dezejava, mandoulhe dizer por huma mulher, que para ſemilhante cazo achou proporcionada, que como a ella lhe tinha ſuccedido cair naquella falta preſente, naõ teria jà impedimento que a deſviaſſe do ſeu amor, e por iſſo a eſperava propicia aos roubos dos ſeos affectos, pois na primeira ves lhe davaõ diſculpa os poucos annos, agora atropellando os eſcandalos da ſua afronta, a queria de novo exceſſivamente amar, e para demonſtraçaõ das véras com que a venerava agora, alli lhe inviava aquellas joyas por prendas ſuas. Mas juntamente com final deſengano lhe advertia, que ſe perſeveraſſe no antigo parecer, acabaria

baria por conclusaõ com as suas pertençoens; e convertendo as brandas caricias em ásperas violencias, sentiria a sua fermosura com lastimosos estragos, os rigores da crueldade. Depois da Santa ouvir as razoens da diabolica embaixadora, sem lhe responder palavra, viroulhe as costas, e retirouse aonde ella a naõ visse. Tambem a infernal mensageira, ou encantadora do inferno se retirou buscando logo ao cego mancebo, e contoulhe o succedido em tal fórma por parte do odio, que deu mais resoluçaõ à tirannia, que liberdade à clemencia.

Naõ buscava Britaldo jà outra cousa, mais que de industriar hum domestico seu, chamado *Banam*, para que com atrocidade desse cruel martirio, àquella mesma, que com repetidas diligencias tinha solicitado por desempenho do seu amor. Daqui se pòde tirar hum claro exemplo, para desengano da inconstancia de huma vontade humana, pois no mesmo dia em que se dezeja hum objecto para se amar, nesse mesmo dia se vitupera para se ter como couza aborrecida; e que creatura haverà que à vista deste cazo se possa fiar das inconstancias temporais, aonde se encontra huma cegueira, com tal infortunio, que appetece hum mal, como se fora hum bem, e abomina hum bem, como se fora hum mal. Assignou Britaldo a *Banam* o lugar, e o tempo em que havia executar a barbaridade, o qual era na hora em que a Santa costumava despois de Ma-

Isai. 5. 20.

tinas

tinas deſcer à cerca do ſeu Moſteiro a orar em huma lapa, que ainda hoje exiſte em Thomar junto ao rio Nabaõ, e chamaõ àquella paráge o *Pégo de Santa Iria*. A hi proximo a eſte ſitio ſe occultou o algoz *Banam*, para ſatisfazer a ſua vontade, e o cruento mandado. Veyo a Santa innocente fazer a ſua oraçaõ a Deos, como em todas as noutes fazia; e ſe nas mais vezes principiava a contemplaçaõ com muitos colloquios, neſta hora os multiplicou com diſcretas ternuras naſcidas do intimo do ſeu coraçaõ, cujas vozes eraõ pregoeiras de hum ardentiſſimo amor que tinha ao ſeu Divino Eſpoſo. Neſte tempo à maneira de ciſne, que quando lhe chega a hora adverte ſer propinqua a morte, deſatou do peito copioſos ſuſpiros, com armonioſos affectos da alma, e exhalou do coraçaõ pelos olhos rios de lagrimas, fazendo tudo taõ agradavel conſonancia, que na realidade namorava o Ceo com melodia Angelica. Porèm naõ ſe moveo o empedernido coraçaõ do tiranno; pois ouvindo as vozes, encaminhou os paſſos pela direcçaõ dos eccos, e com arrebatada furia dando ſobre a innocente Virgem lhe atraveſſou a garganta com huma eſpada, de cuja ferida cahio logo morta, levando de hum golpe para a Bemaventurança a laureola da pureza, com a palma do martirio.

Depois de feito o homicidio, quiz o barbaro *Banam* diſſimular o exceſſo do inſulto, accumu-

lando

lando novas afrontas ao ſanto cadáver, e à ſua alma mais empregos para merecer mayores penas na eternidade. Deſpiolhe o hábito; e lançou o ſanto corpo no rio Nabaõ, que por alli perto levava a ſua corrente: eſte o entregou às arrebatadas agoas do Zézere, e eſtas o cõmunicáraõ às do Tejo; o qual jactancioſo com a ufania de lograr em ſi eſte ſoberano theſouro, junto a Santarem lhe deu ſepultura debaixo das ſuas ondas, como adiante em ſeu lugar diremos largamente; mas agora para que nos naõ fique em ſilencio a continuada maravilha, que ſe experimenta no lugar do ſeu martirio, primeiro o dirà eſte Capitulo que aqui ſe ſegue.

CAPITULO XXII.

Do ſitio em que Santa Iria padeceo martirio, e das prodigioſas maravilhas do ſeu pégo.

O Lugar em que padeceo o martirio eſta prodigioſa Santa, era em huma lapa na cerca do antigo Moſteiro já dito, a qual eſtava acompanhada de muitas arvores, que corriaõ em pouca diſtancia athê a margem do rio Nabaõ, a cuja devota lapa retirada a Santa no mais profundo ſilencio da noute, excitava os incendios da ſua eſpiritual devoçaõ, abranzandoſe em amoroſas contemplaçoens da ſuſpirada Bemaventurança. Alli lhe tirou a vida o tiranno,
como

como jà fica eſcrito; e por naõ ficar perdido eſte lugar taõ digno de reſpeitoſa lembrança, quãdo ſe acreſcentou o novo Moſteiro q̃ hoje guarda a regra, e eſtatutos de Santa Clara, alteandoſe aquella porçaõ de terra, fechou-ſe em huma abobeda cercada de aſſentos. E para conſolaçaõ dos moradores da Villa de Thomar (que ſe ſentiaõ magoados de ſe lhes eſconder eſta veneravel memoria) ſe mandou collocar alli no mais alto do edificio pela parte que confronta com o rio, huma Imagem da meſma Santa, para de fóra ſe conhecer por eſte ſinal o dito ſitio.

Eſta abobeda, que ſe fes para reſguardo, e por fortalecer o tal ſitio, eſtà hoje parecendo huma ciſterna de agoa, que por iſſo lhe dà o vulgo o nome do *Pégo de Santa Iria.* Naõ ſe duvida que aquella que alli tem dentro ſe lhe communique do rio, porque levantado das ſuas areas lhe hirà lá ter pelos meatos da terra; porèm hà experiencia, que quando algumas vezes o eſgotáraõ, e lhe exhauriraõ de todo a agoa, via-ſe que da parte de dentro lhe corria huma pequena, ou indiviſivel porçaõ. Pela boa companhia, que neſte lugar do ſeu martirio lhe fizeraõ ſempre as agoas, parece quer Santa Iria, e ſe deleita, que ellas alli tenhaõ virtude milagroſa, em abono da contemplaçaõ que alli fazia a Deos; e por eſte meſmo reſpeito podemos entender ficou aqui a virtude bem empregada neſte ſeu pégo; pois ſe tem exprimentado ſer a ſua agoa taõ prodigioſa, que

a muitas pessoas deu vida, estando jà no fim della por vehementes enfermidades. Pelos annos de 1599, tempo em que se abrazou aquella Villa de Thomar com peste, o remedio mais efficaz, que achavaõ os feridos della, eraõ pannos molhados nesta agoa miraculosa, que pondo-os nos inchaços, logo ficavaõ com perfeita saude; e tantos tem sido os portentos que a misericordia de Deos nesta piscina de prodigios tem obrado em remedio das creaturas, que seria processo infinito relatarmos aqui todos, sem o dispendio de muita escritura, que só delles se poderia fazer hum livro, e naõ pequeno: o que se póde ver nos Authores deste assumpto, q̃ tantas maravilhas escrevèraõ. Só agora diremos huma, que se descobrio neste misterioso pégo, pois merece especial attençaõ, por ser hum repetido portento da graça Divina. Todas as vezes, que se alimpa este pégo se acha o sangue da Santa taõ fresco, como se fora aquella hora em que lho derramou o tiranno. Estancouselhe de huma ves toda a agoa em tal fórma, que ultimamente ficou enxuto, e cavando-se a terra delle, aos primeiros golpes, se vio que alli dentro em qualquer parte estava o sangue puro; e em mais occasioens se lhe achàraõ pedras que pódem ter mayor valor que aquellas que produzem as terras do Oriente, porque todas estavaõ rubricadas com a mesma preciosidade deste sangue. Succedeo partirse huma dellas para se repartir por pessoas devotas,

como

como precioſas reliquias, e achou-ſe dentro taõ freſco, e vivo o ſangue, que tingio hum papel, em que os pedaços foraõ recolhidos. Leváraõ hum deſtes a certa enferma, para experimentarem a ſua virtude, e logo ſuou gotas de ſangue, diante de todas as peſſoas que alli eſtavaõ preſentes, as quais tambem foraõ teſtemunhas da ſua melhora, ficando com ſaude perfeita. O Padre Meſtre Fr. Fernando da Soledade, nos diz na ſua Hiſtoria Serafica da Provincia de Portugal, que hum pedaço deſtes exiſte no ſeu Moſteiro de Thomar, guardado com grande veneraçaõ em huma cuſtodia de prata dourada, e que elle o tem viſto, diviſando alli claramente o ſangue, como ſe fora derramado de poucas horas. Louvado ſeja Deos para ſempre, que quando quer inriquecer os Moſteyros da ſua Divina graça, lhe dà por prenda ſemilhantes joyas.

Hiſtor. Serafica tom. 3. cap. 5. n. 460.

CAPITULO XXIII.

Como Deos deſcobrio ao Abbade Celio onde eſtava milagroſamente collocado o corpo de Santa Iria; e dos prodigios que ſe viraõ, quando foy achado.

DEpois que o tiranno *Banam* lançou o corpo de Santa Iria nas agoas do rio Nabaõ, naõ ſe paſſou muito tempo, que ſenaõ fizeſſe manifeſta a todo o Povo a ſanta innocencia deſta Virgem, porque naõ quiz Deos que

na opiniaõ dos homens ficasse por espaço de mais dias manchada a sua pureza, pois assim que ella no outro dia faltou, naõ apparecendo mais no Mosteiro, correo a noticia, que ella se auzentára fugitiva, com o author da sua supposta afronta. Ficáraõ os parentes de Iria dolorosamente pezarosos, e parece q̃ mais que todos o ficou o tio Celio, que a sentia na alma: recorreo logo à Deos pelo meyo da oraçaõ, e rigorosas penitencias, pedindolhe paciencia com seu auxilio, para poder tolerar aquella injuria. Logo o Senhor lhe revelou tudo o que a sua sobrinha havia succedido, naõ só o que tocava à insolencia do amante infeliz, mas tambem o que fizera o desgraçado Mestre Remigio, e lhe mandou, que para prova da muita virtude, e santidade de Iria, convocasse aquelle povo de Nabancia, e caminhando com elle às prayas do Tejo junto a Santarem, à hi se apartariaõ as agoas, e ellas mesmas dariaõ tempo a que vissem todos, e fossem testemunhas do sepulchro angelico, e sagrado corpo daquella sua mimósa Serva. Na mesma fórma que Deos lho advertio, assim o fes o Santo Abbade; e chegando ao dito sitio com os Monges do seu Mosteiro, com toda a gente de Nabancia, e de todas as suas comarcas, assim do ecclesiastico, como do secular; mandado pelo poder do Altissimo, fes o Tejo a sua reverencia, que fes o rio Jordaõ, em docoroso respeito da Arca do Testamento, e povo de Deos; pois retor-

Josuè 3. 16.

retorcedeo atràs a ſua corrente, fazendo ſólido caminho a todos os que quizeſſem com a firmeza das viſtas, empregar os olhos naquella precioſidade, da qual era decente cofre, hum miraculoſo, e angelico tumulo.

Chegárаõ ao ſepulchro, que parecia ſer de alabaſtro, abrirаõ-no, e logo achárаõ dentro o ſanto cadáver envolto na tunica interior, reſpirando tal fragrancia, que a todos os mais aromas da terra excedia em oloroſas ſuavidades. Saõ exageradas nas diffuſas elegancias dos eſcritores da Vida deſta Santa, as lagrimas, e ſuſpiros que o povo exhalava alli naquella hora, e todo eſte com eſmorecimento clamava pedindo ao Ceo miſericordia dos adverſos penſamentos que tinhaõ concebido, dezejando juntamente, que ſe deſembainhaſſe a eſpada da Divina juſtiça contra os ſacrilegos executores, q̃ com tal atrocidade cortárаõ a vida daquella innocente flor. Logo os mais dignos que alli eſtavaõ derаõ o arbitrio, de que o corpo da Santa ſe levaſſe para a ſua patria, para lá ſer venerado com decentes cultos, porque era bem acertado venerar-ſe no meſmo lugar em que tinha padecido taõ aleivoſos, e profanos deſprezos. Puzerаõ em execuçaõ tirallo do ſepulchro; porem as ſuas diligencias ſe fruſtrárаõ ſem terem algum effeito; porque ao meſmo tempo que com toda a ancia applicavaõ as forças, creſciaõ mais que ellas as difficuldades, pela firmeza, e pezo immenſo que achavaõ.

vaõ, Desenganaraõ-se logo com bom discurso, vendo taõ efficaz contrariedade, entendendo ser vontade Divina que permanecesse naquelle lugar (o porque só Deos o sabe.) E vendo que jà seria emprego temerario proseguir a empreza, tratáraõ só de levar algumas reliquias da Santa. O Abbade Celio lhe tirou parte dos cabellos, e alguns retalhos da tunica; e depois do Ecclesiastico cantar alli alguns hymnos em louvor de Deos, e applauso daquella sua Santa, as agoas do Tejo, como quem naõ podia jà soportar as saudades que tinhaõ da sua companhia, a vieraõ buscar, e a meteraõ dentro do seu coraçaõ, como amada joya, e particular prenda digna dos mais attenciosos respeitos: dando porèm as agoas tempo a que o povo que alli estava com grande tumulto, tivesse advertencia, e tempo para se retirar.

Assim com esta formalidade miraculosa, se occultou às vistas humanas aquelle cofre das mais preciosas virtudes que tinha sido, e serà sempre agradavel objecto das attençoens Divinas. Corréraõ os tempos, e pelo discurso delles, ainda perseverou mais escondido este sagrado thesouro à barbaridade Mahometana, porque com a invasaõ, e assistencia dos Mouros, q̃ depois se seguíraõ a senhorear estes Reynos, totalmente se extinguio a memoria do proprio lugar em que fora depositado. Reynando em Portugal Dom Diniz, no anno despois do Nascimento

de

de Christo 1295., a Rainha Santa Isabel sabendo, que o corpo de Santa Iria miraculosamente fora sepultado debaixo das agoas do Tejo defronte de Santarem (entaõ Corte deste Reyno) e que alli tinha sepulchro angelico, logrando só as areas do rio, aquella ventura que o Ceo negava aos homens para confusaõ invejosa dos seos viciosos procedimentos. Por este respeito pertendeo a applacar o rigor Divino por meyo da oraçaõ, deprecando ao Senhor com devotas supplicas, que lhe revelasse onde estava o segredo daquella maravilha. He certo, que chegou a petiçaõ à presença de Deos, e com tanta felicidade, que conseguio o despacho, como aqui diremos. Foy Santa Isabel hũ dia do referido anno de 1295 às prayas do Tejo, dizendo que se hia divertir, acompanhada delRey D. Diniz seu marido, e de muitas pessoas do seu Palacio, e chegando ao dito lugar, poz-se de joelhos na praya venerando com entranhavel devoçaõ o sitio nas agoas onde havia presumpçoens, que estava o sepulchro de Santa Iria; quando (pasmosa maravilha) dividindo-se aquelle grande rio em duas partes, como fes o mar vermelho à vara de Moisés, ficando huma fresca, e bem proporcionada rua, entrou a Santa Rainha por ella dentro com a sua companhia, e logo viraõ alli firmado nas areas o sepulchro da Santa Virgem de clarissimo alabastro, e de taõ fermosa architectura, como lavrada por artifices celestiaes. Entendeo a Rainha

nha com firmissima confiança, que lhe cumprira Deos o que lhe pedira com tanta ancia da sua devoçaõ. Chegouse ao tumulo, venerou-o, dando grandes demonstraçoens de alegria, pois o Divino poder do Altissimo, lhes mostrava o que com tanto affecto lhe tinha deprecado. Fes muitas diligencias para o abrir, mas naõ foy possivel, porque sempre ficáraõ frustradas todas as diligencias das industrias humanas, cujas operaçóes já desvanecidas, lhe deraõ motivo a naõ proseguir na empreza do seu intento, e só ficou reverenciando com internas jaculatorias as altissimas, e ineffaveis disposiçoens da Providencia Divina. Quiz ElRey D. Diniz continuar com grande empenho o intento de se abrir o sepulchro, e mandou logo com toda a pressa hir muitos officiais de pedreiros, os quaes com fortes ferramentas de aço, empenhando as suas forças, quizeraõ desfazer aquella materia de que o tumulo estava fabricado, porèm tambem naõ teve algum effeito esta operaçaõ, porque a respeito da dureza do material, pareciaõ as ferramentas de cera. Com espanto de todos se vio o novo prodigio; paráraõ outra ves com este trabalho; e porque era consequencia de taõ portentosas maravilhas, tornar-se a fechar o Tejo, e naõ haver depois sinal certo, por onde se soubesse aonde estava aquelle prodigio, ordenou El-Rey, que com toda a presteza se fizesse de alvenaria sobre o mesmo tumulo hum pedestal alto,

pois

pois naõ haveria tempo para ſe fazer melhor obra, porque quando as agoas ſe tornaſſem a unir, ſe conheceſſe o ſeu proprio lugar. Deu tempo o rio a que ſe fizeſſe o artefacto, e quando eſtava jà pouco mais creſcido, que a ſuperficie das agoas, deu ſinal o Tejo, que ſe retiraſſem todas as peſſoas que alli eſtavaõ. Dirigiraõ os paſſos à praya, juntaraõ-ſe as agoas, e logo viraõ que ficou o baluarte mais alto que ellas, para memoria das maravilhas da Omnipotencia do Altiſſimo, que foy ſervido fazer manifeſta aos olhos do mundo a ſantidade de ſua glorioſa ſerva Iria.

Muitos annos perſeverou aquelle pedeſtal feito de toſca alvenaria, porque a preſſa com que ſe obrou naquelle repentino cazo, naõ deu lugar a mais perfeiçaõ. Depois chegado o anno de 1644, o Senado da Camera de Santarem, a requerimento do Povo, o mandou guarnecer de cantaria lavrada, dando-lhe porèm mais altura, e no remate delle ſe collocou huma Imagem da meſma Santa feita de pedra, que tem ſeis palmos e meyo de altura, e a defende da chuva huma fermoſa bandeja, ou cupola de metal lavrado, que eſtà firmada ſobre quatro varoens de ferro: em cuja piramide ſe gravàraõ os ſeguintes verſos.

Hic Tagus Irenæ ſacro tegit oſſa ſepulchro,
Quæ ut Virgo Martyr fulget in arce poli
Hæc patriam linquens noſtræ dat corpore nomen,
Effigiem cujus iſta columna tenet.

 Foraõ

Foraõ taõ numerosos os prodigios, que Deos obrou por esta Santa naquelle lugar, e foraõ taõ raros os milagres, que parece quiz o poder Divino mostrar fora Santa Iria taõ candida na vida, e inculpavel nas suas obras, que a elegeo a Divina misericordia por protectora, e advogada da innocencia; dos quaes beneficios tocaremos aqui alguns, porque se quizessemos contar todos, sairia esta escritura demasiadamente dilatada, e só destas maravilhas se faria hum livro inteiro. Junto à quelle pedestal, que se firma debaixo das agoas, no miraculoso sepulchro em que està o corpo de Santa Iria, cahio hum menino de tenra idade ficando por humas poucas de horas nos abysmos daquelle pégo; e quando todos entendiaõ, que as agoas delle o tinhaõ sepultado nas suas profundidades, sahio a criança por seos pés sem molestia alguma, nem as roupas molhadas, e com o semblante muito alegre; admiraraõ-se as pessoas que o tinhaõ visto cahir, as quais o lamentavaõ afogado por espaço de quasi hum dia todo, e vendo-o agora vir taõ risonho, e enxuto, muito mais se admiráraõ, e perguntando-lhe porq̃ causa vinha taõ alegre, e que era aquillo que lhe succedera, respondeo, que huma Senhora muito fermosa o levára pela maõ a hum aposento muito bisarro, claro e vistoso, e que lá lhe fizera grandes favores, regalando-o com deliciosas iguarias: e que dezejando elle vir para fóra, o trouxera pela maõ athè sahir da agoa.

Outros

Outros dous milagres tambem obrou Deos por intercessaõ de Santa Iria succedidos alli junto ao seu sepulchro à innocencia de duas crianças, e foraõ da maneira seguinte. Dous meninos que em huma grande cheya foraõ levados da corrente das agoas, os quais jà eraõ chorados como mortos, mas tiveraõ vida sem dúvida pelo patrocinio da mesma Santa, de quem seos pays eraõ especialmente devotos. Hum delles sem chegar aos carceres da morte, as mesmas ondas o lançáraõ sem perigo algum em terra. Porèm jà o outro tinha pago áquelle universal tributo do estatuto infalivel; tiraraõ-no do profundo do pègo, e antes que o enterrassem, pegou sua mãy nelle com huma fé viva da sua devoçaõ, foy correndo à Igreja, e apenas com grande afflicçaõ o offereceo a Santa Iria no seu altar, logo tornou da morte à vida, ficando com saude perfeita. Daqui poderàõ os mortais tirar huma boa consequencia, e entenderem o quanto póde para com Deos huma innocencia, q̃ contra os Mandamentos Divinos naõ tem commetido culpas, como se vio nas destes meninos, e na vida da nossa Portugueza, a Virgem e martyr Santa Iria, que acabámos de escrever; porque conforme dizem graves escritores, parece que tambem no tribunal Divino intercedeo pelos mesmos aggressores, que lhe tiráraõ a vida; porque Remigio, e Banam temendo o castigo do Ceo, e a vingança dos homens, foraõ ambos pedir mise-

ricordia, e arrependidos aos pès do Vigario de Christo, deste alcançàraõ absolviçaõ do sacrilegio que tinhaõ feito, e cumprindo a penitencia que lhe foy imposta, e executando muitas mais, que lhe cauzava a força do seu grande arrependimento, acabàraõ as vidas com notavel opiniaõ de virtude. Porèm naõ se sabe, nem o achàmos escrito, que Britaldo desse alguma satisfaçaõ a Deos, ou ao mundo.

CAPITULO XXIV.

Em o qual se daõ claras noticias do mais que pertence a esta Igreja de Santa Iria, com as Ermidas que lhe saõ annexas.

O Paroco desta Igreja de Santa Iria, he Vigario apresentado pelos Conegos da Collegiada de Alcaçova desta Villa, e sempre he hũ delles, porque se vaõ seguindo por suas antiguidades. Tem outo Beneficiados, hum Cura, e hum Thesoureiro, que a ambos paga o dito Paroco, e he eleiçaõ sua prover nestes dous lugares a quem lhe parece. O districto desta Freguesia he grande, comprehende em si quatro centos e trinta e seis visinhos paroquianos; dentro do qual territorio existem as seguintes Ermidas annexas a esta Matriz: N. Senhora da Gloria, N. Senhora das Neves, e N. Senhora de Palhais; e mais afastado pouco mais de hum quarto

de legoa para a parte do Norte, ſendo tudo comprehendido na Freguesia, eſtá ſituado hum Collegio dos Padres Terceiros da Ordem de S. Franciſco, que delle adiante daremos eſpeciais noticias, e das referidas Ermidas. Eſta Paroquial Igreja foy antigamente do Padroado real; porque no anno de 1280 fes ElRey D. Diniz doaçaõ, e permutaçaõ aos Conegos de Alcaçova, dandolhe o Padroado, e rendas deſta Igreja, e da de Santa Cruz, tambem ſita na meſma povoaçaõ da Ribeira, por Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagarro, que de tudo iſto ſe acha clareza no Archivo da dita Collegiada.

A formatura deſta Igreja, que he de mediana grandeza, compoem-ſe por dentro de tres naves com dez columnas, ſinco de cada hum lado todas da ordem Toſcana, com boa pedraria liza, e bem lavrada com ſeus capiteis. Divide-ſe o cruzeiro em tres arcos, dos quais ſe produzem as tres naves, e neſte cruzeiro ſe levanta huma coxia de parede com altura de huma vara, em a qual eſtaõ os dous altares collaterais, e no meyo a Capella mayor, com ſeu vão proporcionado ao corpo da Igreja. Tem eſta ſua tribuna de boa talha moderna, e dourada. Deſta Igreja em diſtancia de ſincoenta paſſos, pouco mais, ou menos, para a parte do Nordeſte aonde chamaõ eſpecialmente a *Ribeira dos Barcos*, junto à praya do Tejo, defronte do Padraõ que moſtra nas agoas o milagroſo ſepulchro de Santa Iria, a hi ſe vê

ſituada

ſituada a Ermida de N. Senhora das Neves, a qual Ermida eſtà unida, e miſtica com outra de Santa Iria, taõ antiga, que ſe entende ſer edificada em tempo dos Godos, quando alli appareceo a primeira vez o corpo deſta Sãta ao Abbade Celio ſeu tio, para ſer teſtemunha da ſua innocencia, e ſantidade; e como o Tejo a tornou a eſconder debaixo das ſuas agoas, com bom ſentido ſe póde crer, que por naõ ſe perder a memoria do lugar em que a Santa appareceo no ſeu miſterioſo ſepulchro, a devoçaõ do povo naquelle tempo lhe faria aquella caza na praya, como ſinal, e baliza para ſe ſaber onde era o ſitio em que ſe vio aquelle prodigio. Iſto he tradiçaõ, e inferencias de curioſos antiquarios, pois naõ temos noticia certa do ſeu principio, ou erecçaõ, mas he ſem dúvida que moſtra ſer eſta Ermida da Santa muito mais antiga, que a da Senhora das Neves; ainda que ficaõ ambas taõ unidas, que parece a da Senhora ſer Capella mòr do corpo da que he a da Santa, porèm quem reparar com attençaõ na divizaõ das paredes, e na differença dos artificiados, ſempre hade julgar a da Senhora por obra mais moderna.

Eſta Ermida da Senhora das Neves, tem o pavimento do ſeu corpo vinte e dous pès de comprido, e dezanove de largo; tem hum retabolo ao moderno entalhado, e toda ella eſtà adornada da meſma talha, e no chaõ da Capella eſtà huma ſepultura com o epitafio ſeguinte:

Aqui

Aqui jàs o muito honrado Vasco Passanha de Almeida Cavalleiro Fidalgo da Casa delRey D. Affonso quarto, Contador mòr, que foy da Casa de Ceuta, e de lugares dàlem. Esta Capella mandou fazer. Falleceo em Mayo de 1511 annos.

Nesta sepultura se vê gravado hum escudo com todas as cicunstancias que tem as armas dos Almeidas deste Reyno. E desta era que està na referida sepultura, e da noticia que nos dà o epitafio, se collige, que esta Ermida foy fundada por este fidalgo, porêm o anno em que a mandou fazer ignoramos, porque lhe naõ achàmos mais noticias, como tambem naõ sabemos da origem desta Sacro-santa Imagem da Senhora das Neves desta dita Ermida, se antes foy venerada em outro lugar. Està alli collocada em hũ grande nicho de altura de onze palmos, e seis de largo, o qual està no meyo da tribuna da mesma Capella com huma vidraça, q̃ fechada à chave abrange todo o nicho. He a Soberana Imagem desta Mãy de Deos, de vestir em roca, tem seis palmos de altura, està com as mãos levantadas, e com o rostro inclinado, como que olha para o chaõ. Antigamente lhe fazia aquelle povo grandiozas festas nesta sua caza, especialmente os homens do mar, pelas muitas maravilhas que obrava, e milagres, que os seos devotos experimentavaõ, quando a ella recorriaõ nas suas tribulaçoens. Alguns prodigios desta Senhora tras escritos o Padre Fr. Agostinho de Santa Maria no

Sant. Mariano, liv. 2. tit. 78. num. 483.

no ſeu Santuario Mariano, adonde ſe pòdem ler.

Na meſma povoaçaõ da Ribeira, na praça della para a parte do Sul, ſobre a porta à que o vulgo chama do *Pam*, eſtà ſituada a Ermida de Noſſa Senhora da Gloria com ſua eſcada de pedra pela parte de fóra, por onde ſe ſóbe para ſe entrar naquelle Santuario; cuja Ermida, ou Capella he annexa a eſta Paroquia de Santa Iria. Tem defronte do ſeu altar huma janella raſgada, e taõ larga, que eſtando toda aberta, quaſi de toda a praça ſe pódem ouvir as Miſſas que alli ſe dizem. Eſtà por dentro ornada com muito primor, e bizarria, porque he Imagem de grande devoçaõ, e os ſeos devotos, e viſinhos ſe empregaõ com todo o cuidado em a ſervir, e compor de ricos adornos toda a Capella, em veneraçaõ dos muitos favores, que alguns por patrocinio da meſma Senhora tem alcançado. He Imagem de veſtir, e terà mais de ſinco palmos de altura. A erecçaõ deſta Ermida ſe ignora, como das mais, que eſtaõ ſobre as portas deſta Villa, para naõ podermos dizer ao menos o anno em que foy fundada, porem ſempre ſe deve entender que tem muitos de exiſtencia, e que os noſſos Reys antigos a mandariaõ alli fazer ſobre aquella porta, e collocarlhe aquella Mãy de Deos, para ſer vigilante guarda dos fieis Catholicos contra a infelicidade dos barbaros Africanos, como eſtamos vendo nas mais portas do bairro de Marvilla, das quais jà demos baſtan-

tes

tes noticias. E como entendemos (e saõ tradiçoens constantes) que esta do *Pam*, fechava antigamente aquelle sitio da Ribeira, e naõ se estendia o seu distrito mais que athè esta porta, pois ainda hoje nos mostraõ disto vestigios, as antigas e fórtes muralhas que dalli se vaõ seguindo para a parte do Norte, e naõ se poderà facilmente fazer contra este sentido outra conjectura, pelas razoens referidas.

Desta Ermida de Nossa Senhora da Gloria, outenta passos (pouco mais, ou menos) para a parte do Norte, no mesmo distrito desta Freguesia existe debaixo dos arcos de Palhais a Ermida de Nossa Senhora da Encarnaçaõ; da qual jà fizemos mençaõ no segundo livro desta Historia cap. 11. onde fallámos dos Hospitais q̃ se annexáraõ ao de JESU Christo. He Ermida grande quasi quadrada, com seu coro donde ouvem Missa os Mercieiros daquelle Hospital (que delle he esta Igreja) o qual serve de agazalhar peregrinos por governo da meza da Misericordia. As sepulturas q̃ ao tempo presente se achaõ nesta Santa Caza, com letreiros abertos, escrevemos tambem aqui, porque algum dia poderàõ servir aos herdeiros dos seos defuntos, e saõ as seguintes: a primeira na Capella mayor diz assim: = *Esta sepultura he de Francisco de Anhaya, Fidalgo da Caza delRey nosso Senhor. Falleceo no anno de* 1541, tem escudo de armas dos Anhayas. A segunda em letra Gotica diz: = *Aqui jaz Henrique*

Barbosa, Fidalgo da Caza delRey nosso Senhor, e jazem sua mulher Isabel Fernandes de Almeida, tem escudo de armas dos Barbozas. A terceira diz: = *Sepultura do Seramago, e dos seos herdeiros.* A quarta em letra Gotica diz: = *Aqui jaz Fernaõ Cardoso de S. Payo, Fidalgo da Caza delRey nosso Senhor.* A quinta tambem em letra Gotica diz: = *Aqui jaz o Bacharel Alvaro Rodrigues de Lamego.* E todas as mais que se seguem nesta Ermida com letreiros abertos saõ as seguintes:

Sepultura de Francisco Gil, e de seos herdeiros.
Sepultura de Diogo Antunes, e de seos herdeiros.
Sepultura de Pedro Fernandes, e de seos herdeiros.
Sepultura de Simaõ Fernandes, e de seos herdeiros.
Sepultura de Pedro Rodrigues, e de seos herdeiros.
Sepultura de Gonçalo Fernandes, e de seos herdeiros.
Sepultura de Brites Sardinha, e de seos herdeiros.
Sepultura de Miguel Fernandes, e de seos herdeiros.
Sepultura de Antonio Dias, e de seos herdeiros.

De todas estas Sepulturas que estaõ nesta Ermida, nos pareceo, que naõ he desacerto fazer aqui lembrança dellas, porque ainda que naõ tenhaõ gravados os tempos em que foraõ instituidas, excepto a primeira, sempre pelos appellidos dos instituidores, se poderaõ conhecer os herdeiros, a quem pertencerem.

CAPITULO XXV.

Da fundaçaõ, e existencia do Collegio de Santa Catharina dos Olivais, que os Padres da Ordem Terceira do Patriarca S. Francisco, tem no districto da Freguesia de Santa Iria desta Villa de Santarem.

NA distancia de quasi meya legoa da mencionada Ermida de Palhais, seguindo dalli a parte do Norte, no fim das hortas da Assacaya pelos olivais dentro, em hum valle, que antigamente chamavaõ do *Mourol*, està situado o Convento dos Padres Terceiros de S. Francisco, que he hoje Collegio da mesma Provincia. E para darmos aqui individuaes noticias do seu principio, e fundaçaõ, diremos as que adquirimos, e lemos no Cartorio do Convento de Nossa Senhora de JESUS, chamado vulgarmente o *Sitio* nesta Villa de Santarem, que he da mesma Ordem Terceira. No livro do Tombo do dito Cartorio, a folhas 214, achámos huma verba, que em summa diz o seguinte: *Mandados a este Reyno alguns Religiosos da Terceira Ordem, por obediencia do Reverendissimo Padre Fr. Antonio Tablada, Ministro Geral da Terceira Ordem nas Espanhas, naõ tendo ainda neste Reyno esta familia Convento algum* (ainda que o P. Antonio Carvalho da Costa diga na sua Corografia Portugueza, me-

nos informado, que jà tinhaõ o de S. Francisco de Carìa) *porque vimos, e nos consta de hum Alvarà, que se acha no referido Cartorio, em o qual se declara, que os Padres, que foraõ para Santa Catharina dos Olivais supplicáraõ ao Senhor Rey Dom Affonso quinto, lhes fizesse mercê da Ermida de Santa Catharina, e quinta de Val de Mourol, para nella lançarem a primeira pedra de sua Provincia em Portugal, fazendo alli hum Convento que fosse cabeça da mesma Provincia, como com effeito foy, athè o tempo em que fundáraõ na Corte de Lisboa.* O qual Senhor com régias liberalidades despachou sua petiçaõ, com a seguinte carta de doaçaõ; a qual confirma o nosso dito contra o sobredito Author, aonde diz a mesma carta, que naõ tinhaõ os ditos Frades em nossos Reynos caza algũa para em congregaçaõ poderem viver, e começa como se segue:

Dom Affonso por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, Senhor de Ceuta, e de Alcarcere em Africa &c. A quantos esta carta virem fazemos saber, que os Frades que hora estaõ em Santa Catharina de Val de Mourol, nos disseraõ, que elles estavaõ na dita caza, e que seos dezejos era fazer nella toda a bemfeitoria que pudessem para serviço de Deos, e serem em ella tantos, e porque elles eraõ Frades da Terceira Regra de S. Francisco, e naõ tinhaõ em nossos Reynos Caza alguma para em Congregaçaõ poderem viver, nos pediaõ por mercê, que lhe fizessemos esmola da dita caza para della fazerem cabeça da dita Ordem; e nòs ven-

vendo ſeu dizer e pedir, querendolhe fazer eſmola, temos por bem fazerlha da dita caza, para nella fazerem cabeça da dita Ordem, com tal condiçaõ, que ſe em algum tempo da dita caza desfalecerem Frades da ſua Regra em maneira que fique ahi nenhum, em tal cazo, queremos que o noſſo Contador da Comarca lance maõ da dita caza para nòs, para ſe pôr nella tal peſſoa, ou peſſoas, que ſe em algum tempo acodirem Frades da dita ſua Terceira Ordem de S. Franciſco para eſtarem na dita caza, como couza ſua, que he a quem della temos feito elmola. E porèm mandamos ao dito noſſo Contador da Comarca, e aos Corrègedores, Juizes, e juſtiças, officiais, e peſſoas a quem o conhecimento della pertencer, e eſta noſſa carta for moſtrada, que os ajais em voſſa encommenda, e por ſerviço de Deos, e noſſo lhe deis todo o favor, e ajuda que bem podades, e vòs, e elles honeſtamente requererem, e cumpraõ, e guardem, e façaõ cumprir, e guardar eſta noſſa carta, como nella he contheudo, e declarado, e para ſua guarda lhe mandamos dar eſta por nòs aſſinada, e ſellada do noſſo Sello pendente. Dante em noſſa Villa de Santarem, vinte e tres dias do mez de Novembro. Joaõ Carreiro a fes, anno do Naſcimento de Noſſo Senhor JESU Chriſto de 1470. ELREY. Eſta data confirmou o Papa Leaõ decimo por Breve ſeu, de dez das Kalendas de Julho de 1524, no anno outavo do ſeu Pontificado, o qual Breve principia aſſim: *Dilectis Filiis Miniſtro, & Fratribus domus Sanctæ Catharinæ &c.* cujo Breve tambem eſtà lançado no dito livro do Tombo a folhas 216.

E co-

E como pela pequenhez da quinta de Val de Mourol estivessem os Religiosos apertados, e com pequena cerca, cumprárão hum serrado, com sua nóra, arvores frutiferas, e infrutiferas, junto à sua pequena cerca, a Gonçalo Annes lavrador, e Maria Simoa sua mulher, por preço de vinte e sinco mil reis, como consta da Escritura feita pelo Tabaliaõ Joaõ de Coimbra da Cunha no anno de 1561, lançada na segunda parte do Tombo a folhas 37, como tambem comprárão hum olival, que parte com a dita cerca, pelo outeiro da banda do Monte de trigo, a Francisco Montès, Cavaleiro da Caza delRey nosso Senhor, e a Maria de Almeida sua mulher, por quatro mil reis em dinheiro, e dous alqueires de trigo, e hum de azeite, por huma vez sómente, como consta da Escritura feita pelo Tabaliaõ Baptista Joaõ, no anno de 1565, lançada na dita segunda parte do Tombo, a folhas 44.

Por esta carta de doaçaõ assima referida, naõ nos fas dúvida entendermos, que o dito Convento de Santa Catharina dos Olivais, junto a Santarem, he o mais antigo, que tem a Regular Ordem Terceira de S. Francisco neste Reyno de Portugal. Porèm antes que viessem os Padres que jà dissemos, mandados pelo seu Ministro Geral Fr. Antonio Tablada, para fundarem neste Reyno, sabemos, que jà nesse tempo estavaõ em Santa Catharina do sobredito Val de Mourol, Terceiros, que guardavaõ a regra de S. Francis-

co,

co, pois temos encontrado noticias, que nos obrigaõ a entendelo assim; porque àlem das inveteradas tradiçoens que disto hà na mesma Villa, lemos huma escritura no segundo tomo dos Agiologios Lusitanos no Commentario, em o primeiro de Abril letra f. a qual seu Author o Lecenciado Jorge Cardoso diz, que achou no Cartorio de Alcobaça escrito em Portuguez daquelle tempo, e por este instromento tambem vemos; que a primeira existencia, ou fundaçaõ deste Convento foy da maneira que aqui diremos, seguindo o que diz a dita escritura só naquillo que nos he precizo dizer, e fas força ao nosso cazo.

Agiologio Lusitano.

Havia hum escrivaõ dos Hospitais da mesma Villa, chamado Affonso Domingues, homem pio, e devoto, o qual era senhor do sitio em que està fundado o dito Convento; e porque era taõ bom catholico, fes doaçaõ delle a huns Terceiros cazados, moradores na povoaçaõ da Ribeira de Santarem, os quaes se chamavaõ Lourenço Pratas, Lourenço Gonçalves, Fr. Joanne, e Joaõ da Figueira, e para outros mais q̃ pelotẽpo adiante quizessem alli fazer vida solitaria em serviço de Deos, vivendo com a regra da santa pobreza observando a ley euangelica. Estes bons homens foraõ para o dito lugar, tomando posse a outo de Junho de 1422, que assim consta da referida escritura, feita pelo Tabaliaõ Joaõ Esteves. Diz mais, que o dito Affonso Domingues,

que

que fes a doaçaõ, ficàra alli com elles, ſeguindo a meſma vida, com os meſmos que ficaõ nomeados, e pela repetiçaõ que a eſcritura fas, nomea quatro vezes a Fr. Joanne da Terceira Ordem, do qual ſe póde entender ſeria Clerigo ſecular, Irmaõ da Irmandade Terceira de S. Franciſco, como ſeriaõ os tres ſeculares cazados, ou ſeria peſſoa das Ordens militares, porque nas eſcrituras antigas achámos, que aſſim a eſtes, como aos meramente Clerigos lhes chamavaõ Frey, antes do ſeu proprio nome, e eſta eſcritura feita por Joaõ Eſteves adverte, que ſe faça eleiçaõ de hum homem bom, e diſcreto que os governe: logo parece que naõ entrou aqui o dito Fr. Joanne, como fundador Religioſo, mas ſim como os mais ſeculares, e ſendo aſſim, tambem parece naõ ter firme fundamento o Author do Agiologio Luſitano, para dizer no fim da dita eſcritura trasladada, que era Terceiro Regular o dito Fr. Joanne, pois elle naõ allega outra noticia, nem nós a achámos. O que entendemos ter força de certeza, no que toca à fundaçaõ dos Regulares Terceiros neſte lugar he, conformarmonos com o que nos diz a carta delRey D. Affonſo quinto que aſſima vay lançada nomeando os fundadores do dito Convento, por Frades. Naõ deixamos porèm de entender, que aquelles primeiros Congregados foraõ para alli na fórma que fica dito, mas depois paſſados ſincoenta e dous annos, vieraõ os Frades da Terceira Ordem de Ga-
liza

liza para o mesmo lugar, e ahi fundáraõ o primeiro Convento, que a Ordem Terceira Regular tem neste Reyno: porq̃ conforme a escritura de doaçaõ de Affõso Domingues, foy feita em 1422, e a delRey em 1470, e se existiaõ neste tẽpo ainda alli algũs daquelles primeiros Congregados, naõ achámos noticia alguma. Erigido este Convento com regra approvada por Nicolao IV, e confirmada por Leaõ X, tendo particulares Estatutos, que se começáraõ a instituir pelos annos de 1520, em breves tempos se foraõ fundando neste Reyno varios Conventos desta mesma Ordem, em os quais viveraõ sempre os Religiosos com estreita pobreza, e vigilante observancia, como se poderà ler em hum Relatorio q̃ escreveo em abono desta Provincia o R.^mo^ P. Fr. Guilherme da Payxaõ, Geral que foy do Real Convento de Alcobaça, Religioso de santa vida; o qual foy Reformador desta Regular Ordem Terceira de Portugal, e o dito Relatorio o fes ao Cardeal Alberto no anno de 1588, e acabado a 16 de Agosto. Cresceo tanto esta Provincia em numero de Religiosos, que tem hoje 16 Conventos de Frades, e dous de Freiras. Tem voto em os Capitulos Geraes de toda a familia Serafica do mundo, reconhecendo-se nella por filha como as mais. Este Convento de Santa Catharina està hoje redusido a Collegio, lendo-se nelle Artes, e antes disso teve trinta Frades moradores, e em algum tempo teve quarenta.

CAPITULO XXVI.

Descreve-se a Igreja deste Convento de Santa Catharina dos Olivais, e algumas couzas mais, que lhe pertencem.

ESta Igreja he menos q̃ de mediana estatura, e de huma só nave: tem sinco altares, porèm o que alli he mais frequentado da devoçaõ dos fieis, he o de Nossa Senhora com o titulo da Saude, a qual Imagem tem o Menino JESUS em seos braços, e existe em huma Capella do corpo da Igreja à parte da Epistola, e funda para dentro. Esta Sacrosanta Imagem he venerada pelas maravilhas que obra, assim na gente de Santarem, e suas visinhanças, como em muitas pessoas de partes remotas, que valendo-se da Senhora por ministerio da agoa da sua fonte, a qual nasce ao pè do seu altar correndo junto delle, dentro na mesma Capella, se achaõ livres de suas enfermidades: a cujas mercès correspondem agradecidos os fieis visitando esta sua Caza, com continuas romagens, principalmente nas duas outavas da Pascoa da Resurreiçaõ; em que he tanto o concurso, que he preciso abrirem-se as portas, que da Igreja entraõ para o claustro; e sacristia, porque naõ podendo sair pela da Igreja saem pela da portaria, e pela da cerca. No primeiro dia das referidas outavas lhe fas a sua Confraria

fraria huma ſolemne feſta, a qual lhe gratificou a liberalidade do Papa Clemente VIII, com indulgencias que concedeo à dita Confraria, por Breve de quatorze de Março de 1594, no quarto anno do ſeu Pontificado, como conſta da ſegunda parte do tombo a folhas 19, cujas graças, e favores, humas foraõ temporais, que jà finalizáraõ, outras perpetuas, que ſaõ em ſumma as que ſe ſeguem.

Indulgencia plenaria no dia em que entraõ na dita Confraria, ſe ſe confeſſarem, e commungarem. A meſma, ſe na hora da morte invocarem com o coraçaõ, naõ podendo com a boca, o Santiſſimo nome de JESUS, ou fizerem outro ſinal de penitencia, tem ſete annos, e outras tantas quarentenas de perdaõ; viſitando a dita Igreja na feſta da Annunciaçaõ da Senhora, na de ſua Purificaçaõ, na de S. Pedro, na de S. Paulo, na Dedicaçaõ de S. Miguel Archanjo, orando pela exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, extirpaçaõ das hereſias, converſaõ dos Hereges, reduçaõ dos Infieis, e pela paz, e concordia dos Principes Chriſtãos: confeſſados, e cõmungando, em cada hum deſtes dias ganhaõ os ſete annos, e ſete quarentenas de perdaõ. E aſſiſtindo às Miſſas, ou outros Officios Divinos, que na dita Igreja por coſtume, ou Inſtituto da Confraria ſe celebrarem, ou aos ajuntamentos publicos, ou ſecretos da meſma Confraria em qualquer parte q̃ ſe fizerem por exercicio de alguma obra pia, ou

receberem por hofpedagem aos pobres peregrinos, ou os ajudarem com fuas efmolas, ou fizerem paz, e concordia entre os inimigos proprios, ou alheios, ou as procurarem; ou acompanharem os corpos dos defuntos, affim da mefma Irmandade, como dos outros quando forem à fepultura, ou confolarem os enfermos, ou acompanharem as Prociffoens ordinarias, affim da dita Irmandade, como outras quaefquer que fe celebrarem com licença do Ordinario, ou ao SANTISSIMO SACRAMENTO, quando fe leva nas Prociffoens, ou por outra qualquer caufa, e eftando impedidos, por outro, ou por outros o fizerem acompanhar, ou redufirem algum peccador para o caminho da falvaçaõ, ou enfinarem aos ignorantes os Mandamentos da Ley de Deos, ou exercitarem qualquer outra obra de piedade, ou caridade (e diz o Breve) todas as vezes que ifto fizerem; pela Mifericordia de Deos, os abfolvemos de feffenta dias daquellas penitencias, que juftamente lhes foraõ impoftas.

O que fabemos da origem defta miraculofa Imagem da Senhora da Saude, e o como nefta Capella foy collocada, brevemente o diremos aqui, conforme as tradiçoens do que achámos em manufcriptos, e letra redonda. De Santarem hum quarto de legoa para a parte do mefmo Convento de Santa Catharina, havia antigamente huma grandiofa quinta, a qual era da Illuftre familia dos melhores Coutinhos defte Reyno,

Santuario Marian. tomo 2. liv. 2. tit. 12. folh. 292.

e lhe

e lhe chamárão a *Quinta da Saúde*: nella exiſtia huma Ermida, em cujo altar eſtava eſta Imagem da Senhora, com o ſeu Menino Deos nos braços; porèm naõ nos conſta ſe antes de hũa grande peſte que houve naquella Villa jà era milagroſa, ou ſe jà tinha o titulo da *Saude*. Foy epidemia taõ cruel, e laſtimoſa, que em breves dias deſtruio a mayor parte da gente, daquella grande povoaçaõ, uſurpando tambem as vidas a todos os fidalgos, que eraõ ſenhores da meſma quinta, e para eſte ſitio ſe paſſou naquella occaſiaõ a caza da ſaude, que ſe ſuppoem daqui tomára a Senhora o titulo. Os Religioſos Terceiros, que naquelle tempo aſſiſtiaõ alli perto no ſeu dito Convento de Santa Catharina, movidos da caridade, com grande fé neſta Mãy de Miſericordia, ſe empregáraõ naquelle lugar da quinta, a curar os apeſtados, e conſta, que nenhum delles morrèra, perecendo taõ grande numero de peſſoas, e deixou a pèſte aſſolado aquelle ſitio da dita quinta, em tal fórma, que jà hoje naõ hà mais, que huma pequena horta, a qual ſempre ſe appellidou com eſte nome da *Saude*. E como ficou alli a Senhora deſamparada da gente, os meſmos Padres a leváraõ para o ſeu Convento, aonde lhe fabricáraõ a Capella que temos dito, em obſequio de os livrar de taõ grande mortandade: e para que ficaſſem depois os fieis ſabendo as circunſtancias deſte ſuceſſo, pintáraõ no portico da nova

caza

caza da Senhora o lastimoso estrago, q̃ aquelle mal contagioso na gente tinha feito.

Tendo os Religiosos jà recolhida a Sagrada Imagem da Senhora no seu Convento, naõ só se conheceo, que applacára o mal; mas ainda todas as pessoas q̃ a buscavaõ, ou que a invocavaõ, se conheciaõ ter perfeita saude. Daqui teve principio para abono efficaz das grandes maravilhas, q̃ Deos obrava, e obra por intercessaõ desta Senhora, fazeremlhe os moradores de S. Pedro da Arrifana hum voto de hirem todos os annos à sua caza, se os livrasse daquelle contágio: experimentáraõ logo no favor da Senhora o que queriaõ, e naõ faltáraõ em cumprirem annualmente a promessa pela obrigaçaõ do voto. He esta Imagem da Senhora da Saude feita de roca, com vestidos, tem quatro palmos de altura com o Menino JESUS em seos braços, q̃ tambem se veste, porêm poucas vezes o tem comsigo, porq̃ quasi sempre anda pelas cazas dos enfermos fazẽdo prodigiosos milagres, pois de muitos sabemos, q̃ obrou em pessoas nossas conhecidas, com as suas visitas.

CAPITULO XXVII.

Em que se declaraõ as Sepulturas que hà nesta Igreja de Santa Catharina dos Olivais, e de alguns Religiosos que alli existîraõ, e morrêraõ santamente.

NEsta Igreja se sepultáraõ pessoas de muita nobreza, de heroicos procedimẽtos, e santidade,

tidade, peloque nos pareceo naõ ſer alheo do noſſo aſſumpto darſe aqui noticia das ſuas ſepulturas, que tem inſcripçoens, e os lugares onde exiſtem; pois em algum tempo a alguem poderà ſervir eſta memoria. Na Capella mayor junto à eſcada do Altar mòr, eſtà huma ſepultura com as ſeguintes letras: *Eſta Capella he de Fernaõ de Carvalho, Cavalleiro fidalgo da Caza delRey noſſo Senhor, e de Ignez de Barros ſua mulher, e herdeiros. Eſtaõ nella ſepultados os ditos inſtituidores, pelos quais ſe dizem em cada anno trinta Miſſas. Eſtà tambem ſepultado ſeu filho Diogo de Carvalho, Cavalleiro fidalgo da Caza delRey noſſo Senhor, com obrigaçaõ de duzentas Miſſas cada anno.* Junto ao altar da Imagem do Santo Chriſto ſe vê outra ſepultura com eſte epitafio: *Aqui jaz Alvaro Cavadas.* Ao pè do altar de Santo Antonio eſtà outra ſepultura com as letras que dizem: *Sepultura do Padre Manoel Marques, na qual jàs ſeu pay, e mãy, e herdeiros.* Perto do altar da referida Imagem do Santo Chriſto eſtà outra com a inſcripçaõ que diz: *Aqui jaz Joaõ Echoa, Cavalleiro querido dos Reys de Portugal aos quais fes muitos ſerviços por mar, e por terra.* Na Capella de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ eſtaõ quatro ſepulturas com os epitafios ſeguintes, o da primeira diz: *Sepultura de Luis da Serra, e de ſeos herdeiros.* Outra que eſtà junto do altar da parte direita, diz o ſeu letreiro: *Aqui jaz Affonſo Fernandes, Cavalleiro da Caza delRey noſſo Senhor, e feitor dos alambeis. Falleceo a quatro de Setembro*

tembro de 1583 *annos*. Outra da parte esquerda junto do mesmo altar, tem esta inscripçaõ: *Sepultura de Joaõ de la Serra, em a qual jaz tambem o Licenciado Martim Affonso Ferreira seu neto, filho de Leonor da Serra sua filha; o qual instituidor, e administrador desta Capella, falleceo a* 22 *de Agosto de* 1586. Em outra que està da parte do Evangelho se lem estas letras: *Sepultura de Leonor da Serra mulher de Affonso Fernandes. Falleceo no primeiro de Março de* 1554. Na parede junto da Capella de Santo Antonio da parte da Epistola està hũ caixaõ de pedra bem imbutido, o qual tem o seguinte Epitafio: *Sepultura do Reverendo Padre Frey Andrè da Veiga. Falleceo dia de Pascoa em o primeiro de Abril de* 1584. Deste Veneravel, e Santo Religioso, temos noticias, que falleceo de idade de cento e dez annos, e que logo depois do seu prodigioso transito, foy sepultado no meyo do cruzeiro desta Igreja, e passados annos, a dez do mez de Abril foraõ trasladadas suas Reliquias com miraculosos prodigios para o sobredito sepulchro; mas porque os leitores nos naõ possaõ criminar de naõ dizermos mais alguma couza de hum taõ Santo Varaõ como este, faremos aqui memoria de algumas noticias, que da sua vida sabemos, e achámos escritas.

Confórme as mais provaveis noticias, foy o Veneravel Padre Fr. Andrè da Veiga, nascido na Veiga de Toledo, e de lá veio para este Convento de Santa Catharina (extramuros de Santa-

tem)

rem jà de idade provecta, e alli naquella ſolidaõ vendo-ſe livre dos labyrinthos, que no mundo ſe encontraõ, ſempre cançados, e ſempre perigoſos, reflectio, que os multiplicados annos, q̃ jà tinha de idade, eraõ outros tantos deſpertadores com que o ameaçava a morte. Do deſengano da vida, que nelle ſempre foy virtude, tambem agora o fez natureza, porque eſta meſma enſina, que ſe os moços pòdem naõ viver muito, os muito velhos forçoſamente haõ de morrer cedo. Sem perigo do deſvanecimento lograva a ſua virtude todos os applauſos para o exemplo, porque quanto mais eſtes ſe repetiaõ no ſequito da boa fama, tanto mais elle ſe humilhava no conhecimento, de naõ ſer capaz de tantos louvores. Rebatia os revezes de todo o acõmetimento da vangloria com perennes actos de humildade, ſogeitando com o rigor das penitencias a rebeldia da carne, e paraque nelle tudo foſſe puro, com ancioſo deſvelo pertendia, que as nodoas, ou manchas que no ſeu corpo lhe aſſinavaõ as diſciplinas, foſſem o melhor eſmalte da pureza. De tudo o que era alivio corporal ſe apartava, moſtrando-ſe cada-vez mais faminto da mortificaçaõ, para augmentar o merecimento. Era eſte veneravel Varaõ, famoſo letrado, e entre as ſciencias q̃ o adornavaõ, era ſer conſũmado latino, e aſſim, leo em varias partes deſte Reyno em cadeiras publicas a latinidade, com licença dos Prelados; leo em Setuval, em Portalagre, e em Santiago

de Cassém; em cujas partes se aproveitáraõ das suas liçoens muitas pessoas illustres, saindo da sua escola grandes sogeitos em letras, e virtudes, como foraõ: o Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, e o de Portalegre D. Andrè de Noronha.

Era este Servo de Deos continuo na oraçaõ, estando fóra daquelle tempo em que tinhaõ obrigaçoens precizas, mas nelle todas as occupaçoens eraõ actos de servir a Deos. Em todos estes o tentava o demonio, porque com elles lhe fazia cruel bataria, valendo-se o inimigo de toda a sua força para o vencer, pois via que Fr. Andrè com o merecimento de obras taõ gratas a Deos, lhe fazia guerra a todo o inferno: mas o demonio de balde trabalhava, porque o Santo Varaõ lhe rebatia sempre as suas infernais ciladas, fazendo-o ficar confuso, e vencido. Em Santiago de Cassém se abrio hum profundo poço nas cazas em que o Santo velho morava, e querendo ver o fundo daquella grande concavidade, o mesmo inimigo o lançou dentro, e logo no mesmo instante miraculosamente veyo assima sem ajuda de pessoa alguma, e sem ter no corpo molestia, que o magoasse. Estando este bom Servo do Senhor nos seos costumados exercicios, lhe tomou o infernal espirito grande quantia de dinheiro, o qual tinha junto para certas obras da Provincia, e achando-o menos recorreo ao seu ordinario costume, que era a oraçaõ, e logo pelo-

lo poder de Deos lho lançou aos ſeos pès fazendo grandes galhofas, e dando grandes rizadas; mas bem ſe deixa entender como o maligno eſpirito ficaria raivoſo. Outra maravilha ſe vio em Santiago de Caſſém nas cazas aonde eſte Santo Padre enſinava latim: havia alli huma parreira, à qual acodia grande numero de pardais, fazendo tal voſaria, que lhe eſtorvavaõ tomar liçaõ aos diſcipulos, peloque com aceleraçaõ os reprehendeo: porèm advertindo logo, q̃ aquellas aveſinhas tambem eraõ creaturas do Altiſſimo, e que com aquelle ſeu modo de cantar louvavaõ ao ſeu Creador, pedindolhe o ſuſtento, que buſcavaõ na doçura daquelle fruto, veyo com os pardais a partido, e foy, que naõ comeſſem mais, que athè certa parte da parreira, nem cantaſſem ao tempo da liçaõ. A eſte mandado, que parecia couza graciosa, obedecéraõ todos aquelles paſſarinhos, como ſe foſſem capazes de razaõ

Cardoſo no Agiol. Luſitano no 1. de Abril, p. 383. lit. f.

Dizendo hum dia Miſſa na Igreja Cathedral de Portalegre, ao levantar da Hoſtia conſagrada, vio huma mulher de vida devota, que Chriſto Senhor Noſſo eſtava com huma eſpada deſembainhada ſobre ſua cabeça; e dizendo-lhe ella ao depois a viſaõ que víra, elle lhe reſpondeo, que era neceſſario reformar as vidas para applacar a juſtiça Divina; porque naquelle tempo eſtava irada contra eſte Reyno. Dalli ſe partio o Servo de Deos para Biſcaia na companhia de hũ

Adiantado de Castella, tendo para isso licença do seu Prelado, e chegando a Valhadolid, entrou na Igreja Cathedral, quando hum Prebendado Santo, que estava no coro com devotissima oraçaõ se levantou apressado, e convidou os mais companheiros, para que fossem todos tomar a bençaõ a hum Varaõ do Ceo, que naquella hora entrava na Igreja; e correndo todos aonde estava, elle se mostrou ficar muito envergonhado pela novidade de ver pessoas, que naõ conhecia, fazeremlhe tanto obsequio, e porque mais o naõ podessem conhecer, logo dalli se ausentou. Ultimamente dando fim a esta jornada, e recolhido à sua Ordem sem aggravar a virtude, se aposentou neste dito Convento de Santa Catharina de Santarem (por ser retiro que naõ admitte muitas visitas) em cujo sitio solitario, seguio huma vida penitente: por muitas vezes alli se lhe vio virem os passarinhos comer à sua propria maõ, que para elles guardava sempre raçoens particulares.

Muito se entregou este Veneravel Padre no circulo da sua vida, aos exercicios de grandes virtudes, empregando-se cada ves mais na oraçaõ, na humildade, na obediencia, na mortificaçaõ, no silencio, na assistencia do Coro, e sempre no amor de Deos, e do proximo; athè que cheyo de taõ grandes, e santas prerogativas, lhe revelou o Senhor o precioso dia, e hora da sua morte, que ao seu Confessor o tinha dito algum

tempo

tempo antes, cujo dia disse, que havia de ser o de Pascoa de flores, e a hora, a que se seguia depois de se cantarem as Vesperas. Chegou pois esta hora, que elle tanto dezejava, cõmungou naquelle dia pela manhã o Sagrado Viatico com inexplicavel ternura, e affectos de devoçaõ; pedio ao enfermeiro, que lhe acendesse hũa vella, e perguntando em que estado hiaõ as Vesperas, e dizendolhe que na Magnificat, elle respondeo, rezemos nòs huma à Virgem MARIA: e acabando-a, começou a dar graças a Deos com ardentes suspiros do coraçaõ pronunciando as seguintes palavras: *Louvado sejais meu Senhor JESU Christo, que tenho cumprido com minhas horas*, o enfermeiro entendendo que o dizia pelas Canonicas, lhe perguntou: *Meu Padre Fr. Andrè: Assim doente reza?* elle lhe tornou a dizer: *Filho, oportet semper orare.* A este tempo fes logo o Bemaventurado Padre huma devotissima practica, para o que se sentou na cama sem ajuda de outrem, vestio o seu hábito, apertou na maõ a vella aceza, levantou os olhos ao Ceo, e dizendo estas palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, partio sua alma para o descanço eterno, e ficou taõ socegado naquelle modo em que estava, sem cair seu corpo, que entendeo o enfermeiro, que ainda estava vivo, e querendolhe tirar a vella, porque se lhe derretia a cera pelas mãos, achou que jà estava morto. Foy logo com acelerados passos chamar os Frades, que jà

sabiaõ

ſahiaõ do coro, os quais chegando ao Servo de Deos acompanhados de muitas lagrimas, naõ podiaõ acabar de entender, que eſtava ſem eſpirito, vendo ſeu roſtro taõ aprazivel, e reſpladecente. Louváraõ todos a Deos, vendo taõ deſuzadas maravilhas. Foy ſepultado ſeu corpo no meyo do cruzeiro da Igreja deſte Convento, pelos dias do anno que aſſima fica referido no letreiro do ſeu ſepulchro. O anno certo da trasladaçaõ de ſuas reliquias para onde hoje vemos que eſtaõ, naõ o ſabemos, e ſó ſe acha, que foy em o dia da Paſcoella. Para cujo acto ſe acháraõ preſentes os mais graves Padres de toda a Provincia, e grande numero de peſſoas ſeculares, que ſe congregáraõ para eſta celebridade. Deprecado primeiro o auxilio da Divina graça, com ſonoros hymnos, e bem entoados canticos de louvor, abríraõ a humilde ſepultura, aonde foraõ deſcubertas ſuas reliquias com precioſo cheiro, que parecia ſer exhalado de finiſſimos aromas, e ſendo veneradas de todas as peſſoas que alli eſtavaõ, foraõ metidas em hum polído tumulo de marmore, o qual ſe collocou na dita parede que acima fica referida, entre a Capella de Noſſa Senhora da Saude, e a de Santo Antonio, para ſer venerado na terra, aquelle, q̃ mereceo ſer valido do Ceo.

Eſte Santo Padre era doutiſſimo, eſcreveo hũ livro em verſo latino, q̃ intitulou *Acetarium varias rerum materias continens*, o qual dedicou ao Biſpo de Portalegre D. Andrè de Noronha, e

foy

foy impresso no anno de 1571 em Lisboa. Todas estas noticias da vida e morte de Fr. Andrè da Veiga, e outras mais que aqui naõ escrevemos, se achaõ no Cartorio deste mesmo Convento no livro dos Obitos, testemunhadas, e authenticadas por Religiosos graves, que foraõ seos contemporaneos.

Neste Convento floreceo tambem hum Religioso leigo da mesma Ordem, com exemplar vida de santidade, chamado Fr. Francisco de Nossa Senhora; o qual era Castelhano de naçaõ, porèm naõ sabemos em que terra de Castella foy nascido. O Author do Santuario Mariano no tom. 2. liv. 2. tit. 12, nos diz, que foy Capitaõ em Flandes, e que da milagrosa Imagem da Senhora da Saude, da Igreja deste Convento, recebèra grandes favores. Temos fóra desta noticia outras, por onde entendemos, que foy em toda a sua vida perfeito servo do Senhor, porque era muito caritativo com os pobres, todo o tempo q̃ tinha livre das obrigaçoens de servir o Convento, gastava na oraçaõ, em o qual era o ponto continuo das suas meditaçoens, a Payxaõ de Christo: nesta frágoa acendia os affectos, e naõ bastava o mar de suas lagrimas, para lhe apagar os incendios do amor Divino, que seu coraçaõ reconcentrava: para rebater as tentaçoens da carne, dormia sempre vestido sem mais outra cama que humas taboas: a camiza que trazia interior ao corpo, eraõ huns ásperos cilicios, que lhe cingiaõ

Santuario Mariano

giaõ a mayor parte do corpo: como verdadeiro pobre naõ veſtia outra couza por baixo da tunica, nem tinha mais alfayas de ſeu uzo, que o hábito, pannos menores, hum livrinho, que ſó continha os Miſterios da Sagrada Payxaõ do Redemptor do Mundo, e humas contas por onde ſe encommendava a Deos, e os bemfeitores deſte ſeu Convento. E com taõ fervoroſo eſpirito de cordeal devoçaõ, amava aquella Sacroſanta Imagem da Senhora da Saude, que os ſeos maiores dezejos, eraõ acender nos coraçoens de todas as peſſoas, a devoçaõ deſta Senhora, que quaſi em todos os Conventos da ſua Provincia collocou as ſuas Imagens, com o ſeu bemdito Filho nos braços. Falleceo eſte Servo do Senhor neſte Convento a 19 de Abril no anno de 1631, aonde jaz ſeu corpo ſepultado no cemiterio deſta ſanta Caza.

CAPITULO XXVIII.

Das noticias de tres Igrejas Paroquiais, S. Joaõ de Alfange, Santa Cruz, e S. Mattheos, que exiſtem entre as mais que hà neſta Villa de Santarem.

JUnto à praya do Rio Tejo, ao pè deſta Villa de Santarem, para a parte do Sul eſtà ſituada a povoaçaõ de Alfange, e nella a Igreja Paroquial de S. Joaõ, que he apreſentada pelo Cabido da Real Collegiada de Santa Maria de Alca-

Alcaçova da mesma Villa; e cõmummente sempre se provê esta Vigairaria em hum dos Conegos da dita Collegiada, por suas antiguidades, como a outra de Santa Iria que jà temos escrito. Foy esta Igreja antigamente do Padroado Real; porque nos consta do seu Cartorio que ElRey D. Affonso terceiro, considerando que os Reys seos antecessores sempre foraõ freguezes daquella Collegiada tendo-a em sua guarda, e especial encommenda, em remuneraçaõ do muito q̃ os Conegos a Deos serviaõ, e a elle Rey, lhe faziaõ grande beneficio, para que dalli por diante o fizessem com mais devoçaõ, deu à referida Igreja de Alcaçova todo o Padroado, e posse da apresentaçaõ aos Conegos della, o que elle tinha nas Igrjas de S. Joaõ de Alfange, e de S. Pedro, Prior, e Vigario de S. Bartholomeu, q̃ tudo foy confirmado pelos Summos Pontifices, Martinho V. Clemente VIII. Celestino III. e outros mais, que de todos se achaõ Bullas no sobredito Cartorio. E esta doaçaõ do dito Rey D. Affonso, foy feita no anno de 1214.

Esta Igreja he de mediana grandeza, tem bons ornamentos, que aquelle povo de Alfange lhe solicita com grande devoçaõ, o qual todo se compoem de homens do mar. Em hum altar dos dous collaterais, q̃ he o da parte do Evangelho, està collocada huma milagrosa Imagem da Virgem Purissima Nossa Senhora, com o titulo da *Encarnaçaõ*: dizem que pelo poder Divino tem

obrado muitas maravilhas, e ainda hoje obra, a quem com devoto espirito a ella recorre nas suas tribulaçoens. He esta sacrosanta Imagem feita de roca com vestidos, sendo de quatro palmos e meyo de altura, e no rostro mostra ser a sua escultura bem antiga. No distrito desta Freguesia, dentro na mesma povoaçaõ, està huma Ermida do Principe dos Apostolos S. Pedro annexa a esta Igreja Paroquial de S. Joaõ, da qual Ermida trataõ os homens do mar pescadores, com dispendios proprios. Alli mesmo havia outra Ermida grande no mesmo distrito, e territorio, com o titulo do bemaventurado Apostolo *S. Bartholomeu*, e por naõ haver quem lhe reparasse as ruinas que lhe foy fazendo o tempo, està hoje redusida quasi a huma planicie de terra, e só se sabe que houve alli Igreja pelos sinais q̃ ainda hoje mostraõ os alicerces. Esta Igreja era antiquissima, e se chamava *dos Cavalleiros*, que pelo q̃ as tradiçoens dizem, foy onde ElRey D. Affonso Henriques instituio a Ordem da Ala, em memoria daquella misteriosa appariçaõ, que se vio, quando o dito Rey no primeiro combate, que Albaraque Rey Mouro deu a esta Villa, appareceo ao lado do nosso Rey, hum braço com huma aza, e huma espada na mão, cortando as vidas aos Infieis, em cujo conflicto se consũmou a victoria pela Christandade, e bem se póde crer ser esta Ordem alli instituida, porque naõ hà muitos annos, antes de se desfazer de todo esta

Igreja,

Igreja ſe viaõ nella ſepulturas, aſſim dentro, como fóra, com letreiros, e inſignias q̃ o inſinuavaõ. Em certo tempo paſſou a ſer do Meſtrado de Chriſto, e athè agora foraõ ſeos Commendadores da familia dos Barens.

Neſta Igreja de S. Bartholomeu, ſe vio hum prodigio, que he digno de ficar em memoria para todos os ſeculos, e foy o caſo; que derribando-ſe huma parede que ameaçava ruina à meſma Igreja, no anno de 1636 em o mes de Março, e quebrando-ſe huma grande pedra de huma ſepultura nobre, a qual eſtava junto à porta traveſſa, ſahio de dentro della hum cheiro taõ ſubidamente odorifero, que deu motivo ás peſſoas que alli ſe achavaõ, a quererem examinar, e ver com os ſeos olhos o manancial que diſpendia, e exhalava cheiro taõ ſuaviſſimo, porque naõ parecia ſer couza de terra, mas ſim prodigio do Ceo. Abríraõ com effeito todo o vão da ſepultura, e acháraõ dentro dous corpos, hum de homem, e outro de mulher inteiros, ſem corrupçaõ alguma: o do homem tinha veſtidura de Cavalleiro, com ſuas eſporas douradas, alfange na cinta, e hum barrete vermelho na cabeça, o trage da mulher era ao portuguez antigo, com botinas apantufadas, com huma fita muy luſtroza de côr azul atada na cabeça, e humas luvas nas mãos calçadas, e todos os attavios taõ incorruptos, e taõ fórtes, que athé as linhas com que alguns eſtavaõ coſidos, eraõ taõ

rijas, e fórtes, que para as quebrarem, deixavaõ vincos nas mãos: ambos estes corpos se achárao cubertos cada hum com sua toalha, ou lençol tudo taõ perservado da corrupçaõ, como se naquella hora foraõ ambos juntamente alli sepultados. Logo as pessoas que víraõ este estranho prodigio o publicáraõ pela Villa, que concorreo muito povo della, a ver o que era sem dúvida couza sobrenatural, e digna de toda a admiraçaõ; porque pegandoselhes nas mãos, e nos dedos, estavaõ taõ flexiveis, que naõ pareciaõ de corpos que estavaõ mortos. Naõ parou aqui o prodigio, adiante passa a mayor maravilha; pois estando assim a sepultura aberta por espaço de seis dias, e chovendo muita agoa em cima dos mesmos corpos, se vio huma couza que naturalmente naõ podia ser; porque a agoa ficou toda ensanguentada com o sangue taõ fresco, como se fora alli derramado de pessoas vivas. Vendo o Vigario Geral daquella terra o succedido, e porque naõ passasse a haver alguma descomposiçaõ, mandou fechar a sepultura.

O Licenciado Jorge Cardoso, jà fes memoria deste notavel successo no segundo tomo dos seos Agiologios, a quatro de Março, onde diz as seguintes palavras no fim do Cōmētario: *Tudo o sobredito com o mais do texto colhemos de huma relaçaõ, que nos veyo às mãos, e jurada pelas principais pessoas daquella Villa, e outrosim pelo Doutor Fr. Isidodoro da Luz (Lente entaõ de Artes no seu Convento da*

da Trindade) o qual a onze defte mes de Março, foy com toda a Communidade ver com feos olhos o que a fama publicava, como temos referido. No tempo em que fuccedeo efte cafo, dizem, que muitas peffoas doutas ajuizárão com bons fundamentos, q̃ eftes dous corpos erão os Pays ditofos daquelles Meninos Santos, que no Convento de S. Domingos dos Frades defta Villa, na hora em que Chrifto fubio ao Ceo, no dia da quinta feira de fua admiravel Afcenção voárão as almas deftes Santinhos com a de feu Meftre ao altiffimo palacio da Bemaventurança, o que tambem com efpecialidade efcreveremos em feu lugar quando falarmos do referido Convento de S. Domingos.

Nefta Igreja Paroquial de S. João hà tres Beneficiados, que fervem nella aos Officios Divinos, e hum Thefoureiro, lugar que he dado por vontade do Vigario; e tem efta Freguefia cento e vinte e dous vifinhos, que fe comprehendem todos dentro do mefmo lugar de Alfange.

Na povoação da Ribeira defta Villa para a parte do Norte, eftà fituada a Igreja de Santa Cruz, que he Paroquia, e tambem annexa, e apresentada pelos Conegos de Alcaçova, como as outras duas que temos efcrito; tem finco Beneficiados, hum Thefoureiro, e 150 vifinhos. He a fua eftatura pouco mais de mediana grandeza. Os epitáfios que nefta Igreja achámos em fepulturas são os feguintes: *Aqui jazem os offos de Lourenço Domingues Minaftos, e de fua mulher Iria Affonfo Gaeira, edifica-*

edeficadores desta Igreja da Vera Cruz, era de 1681.
A conta dos annos desta sepultura nos tem arguido fazermos nella algum reparo, em dizer q̃ estas pessoas foraõ edificadoras desta Igreja; porque achámos no Cartório de Alcaçova hũa doaçaõ delRey D. Diniz, em a qual com os Conegos de Santa Maria da mesma Collegiada fes permutaçaõ dandolhe o Padroado de Santa Iria, e o de Santa Cruz (q̃ he esta) por Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagarro &c. Logo por verdadeira consequencia se deve dizer, que naõ foraõ Lourenço Domingues, e sua mulher os que edificáraõ esta Igreja, pois a era da sua sepultura està em 1681, e quando ElRey D. Diniz fes a permutaçaõ sobredita foy na de 1290, e vai grande disparidade de hum tempo a outro, o que só se póde daqui entender he, que os sobreditos consortes a reedificáraõ, ou que quem pôs os caracteres na sepultura errou a propriedade das palavras, e a verdadeira intelligencia, porque talvez q̃ quizesse dizer *bemfeitores*, ou *reedificadores*, e esculpio *edificadores*, o que naõ póde ser pelas contas das ditas eras, e esta palavra *edificador*, significa fundar de novo alguma couza; logo se era jà Igreja Paroquial no tempo delRey D. Diniz, como se póde ver no Archivo de Alcaçova, que neste caso he texto, devemos estar por elle.

No pavimento da Capella mayor, estaõ as sepulturas seguintes: *Aqui jazem Nuno Infante Cavalleiro feito na tomada de Arzila, e seu filho Diogo*

Nunes

Nunes Infante, Cavalleiro feito em Tanger, dos antigos criados dos Reys passados, e jazeraõ seos herdeiros: Esta sepultura he do Mestre Joaõ, Vedor que foy do Senhor D. Pedro Bispo da Guarda, e Prior que foy de Santa Cruz de Coimbra, o qual falleceo quinta feira 13 dias do mes de Março de 1516. A letra desta sepultura he semigotica: *Sepultura do Licenciado Manoel Gomes, e de seos herdeiros, e nella jaz Maria da Serra sua mulher.* A pedra desta Sepultura he bem lavrada, e tem duas argolas de bronze: *Sepultura de Duarte Sueiro, e de seos herdeiros.* Depois de termos aqui acima jà dada a noticia da sepultura q̃ està na parede com as letras em azulejo, revimos outra vez a dita Capella mayor, e achámos, que da parte da Epistola està huma sepultura com o seguinte letreiro, mas sem era, o qual diz: *Aqui jaz hum Conde Estrangeiro fundador desta Igreja.* De que vimos a entender, q̃ este Conde seria o tal Lourenço Domingues Minastos, e que seria o proprio fundador, porque se deviaõ trasladar os seos ossos, e os de sua mulher desta sepultura, para a que està na parede com as letras em azulejo, e o tempo da sua trasladaçaõ seria no anno, que acima vay referido de 1681, porèm como a sepultura, q̃ està da parte da Epistola naõ tem era assignada, naõ podemos saber a antiguidade desta Igreja. Nesta mesma Capella se vè outra nobre sepultura com letras semigoticas, q̃ dizem assim: *Aqui jaz enterrado o muito honrado Christovaõ Lopes, Cavalleiro feito em Africa, e da Caza delRey Dom*

Joaõ

Joaõ II, falleceo ao primeiro de Janeiro de 1533, *na qual senaõ lançará, senaõ seu filho, e herdeiros descendentes.* Na mesma Capella mayor estaõ mais duas que tem os seguintes letreiros: *Sepultura de Antonio Jorge, Familiar do Santo Officio, e de sua mulher, e herdeiros, e de seu Filho Simaõ Jorge Lobo, Chantre de Alcaçova, e Vigario desta Igreja.* A outra diz: *Sepultura de Luis Soares, Familiar do Santo Officio. Falleceo a vinte e quatro de Abril de* 1693. Estas sepulturas saõ as que vemos na Capella mayor desta Igreja de Santa Cruz, e em todo o corpo da mesma Igreja, hà outras que naõ escrevemos aqui, por nos naõ parecerem dignas de tanta memoria.

Por cima desta povoaçaõ da Ribeira, para a parte do Norte, em lugar mais alto, junto à calçada q̃ chamaõ da *Atamarma*, existe outra Igreja Paroquial, com a invocaçaõ do Glorioso Evangelista S. Mattheos. O Paroco della he Prior, e tem quinze visinhos freguezes. Naõ tem esta Igreja Sacrario, nem obrigaçaõ de Coro, e o Prior terà hum anno por outro seiscentos mil reis de renda, tem junto a si em distancia de poucos passos huma Ermida de Santa Eufemia, que lhe he annexa; tem tres altares com o da Capella mayor, he de mediana grandeza, e he apresentaçaõ do Duque do Cadaval. Tem mais annexa esta Igreja outra, que he a do lugar de Alcanhoens, em a qual o dito Prior apresenta hum Cura.

INDEX

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, que se contèm neste primeiro Tomo da Historia de Santarem.

A

 tes

dos

B

C

D

E

Dona

F.

F

G

H

I

L

S. Ma-

M

P

Reco-

R

S

T

FIM

DESTE PRIMEIRO TOMO.

HISTORIA DE SANTAREM EDIFICADA,

QUE DÁ NOTICIA DA SUA FUNDAÇAÕ, e das couzas mais notaveis nella ſuccedidas.

A SABER,

Das fundaçoens de todas as ſuas Igrejas, aſſim das Paroquias, como dos Conventos, e Ermidas, dos prodigioſos Milagres ali ſuccedidos, das Reliquias que em ſi encerra, das vidas de varios Santos, e Beatos, e de muytas peſſoas dignas de memoria, aſſim em virtudes, como em letras, e armas, todas naturaes de Santarem, e de tudo o que toca ao ſeu Termo, e Comarca, do que ſe ſegue dar muitas noticias de todo o Reyno.

SEGUNDA PARTE,

COMPOSTA PELO PADRE

IGNACIO DA PIEDADE E VASCONCELLOS,

Conego ſecular da ſagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, Definidor actual na meſma Congregaçaõ, e natural da Villa de Santarem.

Dada à luz por hum curioſo amante da ditta Villa.

LISBOA OCCIDENTAL,

ANNO DE M. DCC. XXXX.

Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-ſe a Primeira, e Segunda Parte na Logea de Jozè Franciſco Mendes, a diante da Igreja da Magdalena, e na de Antonio da Coſta defronte da Igreja da Boa-Hora.

AO LEITOR.

ESTA segunda parte da *Historia de Santarem edificada*, que he a primeira continuada, e só dividida por naõ fazer grande, e pezado volume a quem o ler, exponho como a primeira nas maõs do catholico Leitor; e supposto reconheço que escrever huma Historia sem faltar aos rigurosos preceitos que semelhante escritura requer, he sem duvida huma dificultosa empreza; porque esta difficuldade nasce da diversidade que pedem os proprios estilos das escrituras: pois naõ he mais a do Historico que hum modo de dizer, e contar as couzas que jà passáraõ; sem confundir o gosto de quem lhe busca as noticias para se fazer senhor dellas; sendo sem aquelles repetidos ornatos de quem querendo passar praça de florido lhe chama cultura, e outros com mais ajuizada noticia ignorancia. Estes Autores floridos muitas vezes se cançaõ em roubar como estragados, essas flores (que nem sempre tem bom olfacto) àquelles que escrevè-

raõ em outro ſentido alegoricamente. Eu que dezejo naõ faltar às leys do ſentido da Hiſtoria ; neſta de Santarem que eſcrevi, e eſcrevo ſegui como me foy poſſivel, hum eſtilo de contar breve, lizo, e ſem affectaçaõ, ſem palavras novas, mas correntes, e Portuguezas. E finalmente, ſe alguns me naõ acompanharem por eſta eſtrada limpa por onde caminho, naõ faltaràõ em me ſeguir aquelles que ſó buſcaõ a alma da Hiſtoria, que he a verdade. E ſe neſta materia houver opinioens em contrario, eſpero do pio Leitor disfarce os erros que achar neſta minha obra, em remuneraçaõ da vontade com que o dezejo ſervir, pelas copioſas noticias que nellas vaõ eſcritas.

VALLE.

CAR-

CARTA
DE
MANOEL DA CUNHA
DE ANDRADE, E SOUSA,

Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Bacharel formado na Faculdade de Leys pela Univerſidade de Coimbra.

Eſcrita ao M. R. P. M. Definidor

IGNACIO DA PIEDADE
E VAS-CONCELLOS,

Author da Obra.

REſtituo a V. P. a *Hiſtoria de Santarem edificada*, de que a ſua generoſidade me permitte a liçaõ, e a ſua religioſa modeſtia ſogeita a minha cenſura. Por muy offendido me podia eu dar da indiferença com que V. P. me retardou tanto tempo eſta goſtoſiſſima liçaõ, ſenaõ reflectíra na falta de talento, que em mim reconheço para dar a devida eſtimaçaõ a huma obra taõ relevante; porèm com eſta conſideraçaõ naõ poſſo deixar de agradecer a V. P. taõ ſingular beneficio, em que me intereſſo com a mayor honra, e com a mayor utilidade, ſem que a demora me diminua a obrigaçaõ, em que lhe fico. Só a circunſtancia com que V. P. me diſpenſa eſta liçaõ de interpor

o meu

o meu parecer, ainda que era propriiſſima pa ra o agradecimeuto, ſó o he para o ſuſto, por obrigarme a pegar na penna com a maõ tremula. Naõ he menos arriſcado eſcrever huma obra do que o formar juizo della; antes me parece, que obſervalla he mais difficil, q̃ o eſcrevella; porque o primeiro vence-ſe com o eſtudo, e com o engenho, e o ſegundo àlem do engenho, e do eſtudo, requer huma critica deſintereſſada, e ſincera, hum eſpirito cenſorio, e candido, e hum dom de diſcriçaõ, que facilmente ſe naõ encontra, ainda em ſogeitos egregios, pelas paixoens da alma, a que eſtà ſogeita a natureza, as quaes ſó ſervem de deſcompor o dictame ſerio, com que ſe deve formar qualquer juizo; mas o preceito de V. P. peza tanto na minha eſtimaçaõ, que me obriga a huma obediencia cega, ainda expondome a huma reprehenſaõ rigida.

Eſte Livro he hum theſouro de precioſidades dignas da mayor eſtimaçaõ, em que entraõ com grande lucro as Republicas, Religioſa, e Militar, Politica, e Literaria, pois nelle ſe encontraõ as virtudes heroicamente praticadas, as batalhas valeroſamente vencidas, os concelhos prudentemente diſcorridos, e as ſciencias doutamente comprehendidas por tantos ſogeitos veneraveis, por tantos ſoldados invenciveis, por tantos conſelheiros prudentes, e por tantos varoens letrados, quantos neſta Hiſtoria nos dà a conhecer a bem aparada penna de V. P. referindo-nos com a ſinceridade mais pura, o ſiſtema das ſuas vidas, e os pregreſſos das ſuas acçoes, de que nos póde

reſul-

resultar hũa conveniencia muy distinta se as lermos para as imitarmos, e por este caminho subirmos ao altar, em que se adora a virtude; ao trono, em que se respeita o valor; ao conselho, em que se venera o voto; e à cadeira, em que se estima a sabedoria. Naõ ha couza mais util a qualquer Republica, que a immortalidade dos seus membros pelo beneficio da historia. Bem conhecèraõ esta politica as duas mais bem governadas da Europa, que florecèraõ em Grecia, e Roma, dedicando ao exercicio historico as melhores pennas daquelle tempo nos Herodotos, e Polybios, nos Livios, e Salustios, adiantando muito por este meyo, cada qual dellas o seu partido; mas assim como he este exercicio o mais necessario, he o mais perigoso; porque saõ as leys da Historia taõ apertadas, que poucos as observaõ sem transgressaõ. Nos mesmos Historiadores referidos achaõ os criticos alguns defeitos; a Herodoto accuzaõ de pouco verdadeiro; a Polybio de muito politico; a Livio de demasiado, e a Salustio de reflexivo, arguindo a todos por faltarem huns à verdade, com que se anima a Historia, e outros à sinceridade com que se qualifica a Narraçaõ. V. P. vencendo todas estas difficuldades, em que tropessáraõ os primeiros professores, escreveo esta admiravel Historia, revestida de frazes puras, sem o dezar de affectadas; contando as acçoens dos homens sem encarecimentos; as fundaçoens dos Conventos sem misterios, e os vencimentos das batalhas sem enredos. O que pode meter na serie na-

tural

tural naõ o elevou à milagrosa. Refere os factos, e naõ os moraliza; sem se extraviar do caminho da Historia, reservou as maximas da Politica para os Gabinetes, e as da Filosofia para as Academias; proseguio huma narraçaõ pura sem se introduzir em alheyo clima, nem ainda no da Eloquencia, deixando-o aos Poetas, e Oradores, que pela obrigaçaõ, que tem de deleitar e persuadir, usaõ de mais largas licenças, podendo figurar os periodos para conciliar os animos; todas estas circunstancias recomendaõ muito esta Historia por singular, e a V. P. por unico, e principalmente a ultima que na nossa patria he bem rara, pois a altivez da Naçaõ athé se conhece no estylo da Historia. Usaõ os nossos Historiadores (naõ digo todos; porque venero à pureza de muitos) de conceitos subidos, de periodos affectados, e de ponderaçoens desnecessarias; huns para ostentarem engenho, e outros erudiçaõ, sem advertirem, que as noticias estranhas e produçoens engenhosas só servem de cortar o fio da Historia, e suspender o juizo de quem a lê; porque a verdade demasiadamente ornada, faz-se sospeitosa. V. P. triunfando deste abuso deu só a conhecer a candidez do seu animo, pois escreve as noticias do mesmo modo com que as leo nas fontes, cuidando mais na averiguaçaõ, que no ornato. Examinou V. P. os archivos, revolveo os cartorios, desenterrou os marmores, e ocularmente provou os monumentos mais autenticos, que se achavaõ na famosa Villa de Santarem, patria sua, para formar esta Historia;

e he

e he eſta outra circunſtancia , que muyto a qualifica de verdadeira. A maxima dos q̃ na Hiſtoria preferem os Authores eſtranhos aos naturaes, he errada ; porèm , por hora naõ quero argumentar contra ella , e ſó digo , que o eſcrever por informações he cahir em monſtruoſidades, que naõ pòdem evitar , nem a ſingeleza, nem a critica. Huma das melhores obras hiſtoricas , que hoje correm na Europa he *os Actos dos Santos* , que principiou Joaõ Bolando , e continuou Daniel Papebrochio, e outros doutos Ieſuitas; mas como ſe eſcreve por informaçoens menos averiguadas eſtà cheya de monſtruoſidades horrendas ; ali ſe achaõ Santos com ſinco braços , com dous corpos , e com quatro cabeças. No dia vinte e quatro de Julho diz Papebrochio na Vida de Santa Chriſtina , q̃ a cabeça deſta Santa ſe acha no capitulo Paulino de Santa Maria Mayor de Roma , no Eſcurial, em Avila, e em S. Roque de Lisboa , e ſe tiveſſe a verdadeira informaçaõ acharia outra no Convento de N. Senhora da Graça deſta Corte. Eiſaqui o que he eſcrever por informaçoens. Nas cartas Geograficas achaõſe as meſmas diformidades que nas hiſtorias, por cuja razaõ as doutas Academias de Pariz , e Petrisburgo mandàraõ exploradores ſabios , a todas as partes do mundo examinar com os olhos os ſitios das terras, as diferenças dos climas , as diviſoes das Monarquias, para que depois de hum exactiſſimo calculo , pudeſſem dar providencia à emenda , e correcçaõ da Geografia. Nas vaſtiſſimas , e taõ antigas noticias, que V. P. eſcreveo neſta Hiſtoria , ninguem

ſem o defeito de temerario, poderà ficar eſcrupuloſo, conſiderando o trabalho com que foraõ averiguadas, e as puriſſimas fontes donde foraõ extrahidas; naõ por informaçoens alheyas, mas à cuſta de diligencias proprias. Eu, que em materias hiſtoricas ſe naõ ſigo o Pyrroniſmo de Campanella por extravagante, ſigo outro mais prudente, confeſſo que neſta Hiſtoria fico ſem duvida, naõ ſó por conhecer o religioſo, e ſincero animo de V. P. de que tenho largas experiencias; mas por ter noticias da exceſſiva diligencia, e cuſtoſa fadíga com que V. P. indagou tudo o que eſçreveo; certeza, que me obriga a venerar eſta Hiſtoria com os joelhos em terra, e naõ a dilatar mais na minha maõ, para que paſſe às de todos pelo beneficio do prèlo, de que ſe faz digniſſima para honra da ſua patria, da ſua Congregaçaõ, e do Reyno todo. Deos guarde a V. P. m. annos. Lisboa 11. de Agoſto de 1738.

De V. P.

Venerador affectivo, e orador perpetuo.

Manoel da Cunha de Andrade, e Souſa.

INDEX

INDEX DOS CAPITULOS,

Que se contèm nesta II. Parte.

LIVRO PRIMEIRO.

CAP.

neſte

LIVRO SEGUNDO.

Villa

CAP.

HISTO-

HISTORIA
DE
SANTAREM EDIFICADA,
SEGUNDA PARTE,
LIVRO PRIMEIRO
Das Noticias de ſuas Antiguidades.

CAPITULO I.

Em que ſe dà noticia da Paroquial Igreja do Salvador deſta Villa de Santarem; e ſe continúa no meſmo Livro a dos Conventos, e Ermidas que exiſtem no ſeu diſtricto.

FOY a fundaçaõ deſta Igreja de Saõ Salvador taõ antiga, que por mais diligencias que ſe fizeraõ, ſenaõ pode deſcobrir nos cartorios o ſeu principio: taõ deſcuidados como iſto foraõ os antigos, que nos naõ merecéraõ agradecerlhe hoje eſta noticia; mas iſto meſmo que

que podèra ser defeito, lhe concilia a esta Igreja a mayor estimaçaõ, porque a ignorancia de seu principio, he credito da sua antiguidade: quando o principio he taõ distante q̃ senaõ póde descubrir, a distancia sempre fas melhor perspectiva. A nossa noticia he, que por algumas conjecturas fundadas em antigos documentos se vem a entender, que esta Igreja foy erecta, e dotada pela piedade, e grandeza do virtuoso Rey D. Affonso Henriques, depois que alcançou dos Mouros a quella bem celebrada victoria na tomada desta Villa; e prova-se esta conclusaõ pela fórma seguinte.

Sabemos que a esclarecida Religiaõ da Santissima Trindade foy instituida pelo Papa Innocencio III no anno de 1198, e no de 1218 fundou nesta Villa o P. Fr. Andre de Agramont o Convento dos seos Religiosos: e muito antes desta fundaçaõ jà havia Igreja do Salvador, com Prior, e Raçoeiros, que administravaõ huma Ermida com a invocaçaõ de Nossa Senhora da Abobeda, sita no lugar, aonde os ditos Religiosos fundáraõ, e tem hoje o seo Convento; e para a Igreja delle pedíraõ ao Prior, e mais Padres do Salvador a dita Ermida, e nella fundáraõ os Religiosos a sua Igreja, que se entende foy sem total faculdade dos Padres do Salvador, porque logo que os Religiosos demolíraõ a Ermida para fabricarem novo Templo, se embargou a dita obra, correo demanda perante

ante o Vigario Geral de Lisboa, e por fim da causa vieraõ a concerto; dando aos Padres do Salvador em satisfaçaõ da Ermida algumas propriedades, como consta dos documentos q̃ se guardáraõ no cartorio da mesma Paroquia, de q̃ vimos a concluir, que sendo o Convento dos Religiosos fundadado no anno de 1218, e pedindo aos ditos Padres do Salvador a dita Ermida para nella fundarem mayor Igreja, he sem dúvida que muitos annos antes havia jà Igreja do Salvador com Prior, e Raçoeiros, e estes annos antes foraõ os que corréraõ athè a tomada desta Villa por ElRey D. Affonso Henriques, de cuja piedade se infére que fundasse, e dotasse esta Igreja, como fundou muitas para satisfazer os seos votos, e promessas: e ainda se prova mais esta nossa opiniaõ com outra affirmativa.

Quando foy a tomada desta Villa, perdoou a piedade dos Christaõs as vidas a muitos Mouros; e para sua vivenda lhes concedéraõ certo limite nesta Freguesia que ainda hoje conserva o nome de *Mouraria.* Os Portuguezes que sempre se despíraõ da ambiçaõ, igualmente com as vidas, deixáraõ aos Mouros algumas fazendas, e como por direito Divino estavaõ obrigados a pagarem dizimos à Igreja, os Padres do Salvador os obrigáraõ a que pagassem dizimos dos frutos que colhessem, como consta de alguns documentos do cartorio desta mesma Igreja. Tiramos logo por consequencia, que do

tempo da tomada desta Villa por Dom Affonso Henriques, foy erecta esta Igreja com o titulo de *S. Salvador*, que só por Monarca taõ pio podia ser assim dotada, pois só elle naquelle tempo pudera fazer venerar o Divino Salvador, a quem naõ conhecia mais que os falsos numes da infidelidade.

O que fica dito desta Igreja, he o que toca à sua antiguidade; e em quanto ao Templo material, he tradiçaõ que fora primeiramente fabricado pelos Godos antes dos Mouros em Portugal, primeiro que a reedificasse D. Affonso Henriques, e como era taõ antiga, a continuaçaõ do tempo o redusio a total ruina, e no mesmo lugar em que se consumio, se levantou novo Templo, que foy consagrado no anno de 1335: nelle se depositáraõ sagradas reliquias, que ainda se conservaõ nesta Igreja, no decente deposito de hum cofre; e no Tombo da mesma Igreja se achaõ da sagraçaõ as palavras seguintes, que principiaõ nesta fórma:

CONSECRATIO SANCTI TEMPLI SALVATORIS.

IN *anno Domini milessimo trecentessimo tregessimo quinto, prima Dominica Mensis Maij consecravit Dominus Episcopus Ebulensis Ecclesiam Salvatoris ad honorem ipsius, & Beatorum Martirum beati Dionisii, & Sanctæ Catherinæ, quorum reliquiæ ibi conduntur,*

&

& multorum confessorum, & Sancti Vincentii Levitæ, & de ossibus, & carne Beatorum Apostolorum Simonis, & Judæ, & de ligno Crucis Domini, & de pilis barbæ S. Joannis Baptistæ, & de Sepulchro Sancti Lazari.

Isto he, que em sinco de Mayo de 1335 foy sagrada esta Igreja pelo Bispo Abulense, que se julga ser Fr. Domingos Soares da Ordem dos Pregadores, e o P. Mestre Fr. Pedro Monteiro o dà por certo no seu Claustro Dominicano a folhas 14, o qual Bispo no anno de 1258 foy por Embaixador delRey D. Affonso Sabio ao Papa Alexandre IV, sobre o direito que tinha ao Imperio. E no de 1267 sobre o partido dos Algarves ventilado entre o mesmo Rey, e o nosso D. Affonso III, de que resultou dizistir o de Castella do poder que tinha nelles, dandolhe por ajuste ElRey de Portugal cincoenta lanças em sua vida. E por este tempo assistia na Corte de Santarem este Prelado quando fes esta ecclesiastica ceremonia da sagraçaõ do dito Templo.

Frey Pedro Monteir. no Claust. Dominicano.

Pela escritura do dito Tombo, que està em Latim, consta que o referido Bispo depositou nesta antiga Igreja com sagrado zelo, hum copioso thesouro de reliquias, que saõ do lenho da Vera Cruz, pedra do sepulchro de S. Lazaro, alguns cabellos do Precursor de Christo, o Sagrado Baptista, carne dos bemaventurados, e sagrados Apostolos, S. Simaõ, e Judas: ossos de S. Vicente Martyr, de S. Dionisio Areopagita, e de Santa Catharina de Alexandria com outros mui-

muitos de diversos Santos, cujos nomes ficárão em perpetuo silencio. Este Templo, que era de tres naves, durou athè o anno de 1692, e em dezasete de Mayo do dito anno, se mudou delle o SANTISSIMO SACRAMENTO para a Ermida do Espirito Santo. Deu-se principio a esta que hoje existe neste tempo, e acabouse felizmente no anno de 1725; e a nove de Settembro do mesmo anno de 1725, se trasladou o SANTISSIMO SACRAMENTO para esta nova Igreja da do Collegio dos Padres da Companhia, onde esteve depositado por alguns dias, com hum magnifico, e plausivel triunfo, a que se seguio hum solemnissimo triduo com toda a grandeza de dispendio no seu fausto; fazendo o primeiro dia a Irmandade do Senhor da Freguesia de N. Senhora de Marvilla: o segundo a Irmandade dos Clerigos pobres sita na Misericordia desta Villa; e o terceiro o Cabido da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova.

Os moradores desta Freguesia sobre as mesmas ruinas do Templo antigo, fabricárão este novo e soberbo artefacto, que he só de huma nave de abóbeda, sendo as paredes athè à simalha real todas de pedraria bem lavrada: para cuja obra naõ repararaõ em tirar com pia prodigalidade de suas fazendas as mais grandiosas esmolas, que excedendo a quantia de sincoenta e tantos mil cruzados, ainda ao tempo que esta memoria escrevemos, o Templo naõ estava de todo perfeito; porque ainda q̃ a fermosa fabrica do

por-

portico principal eſtà por fóra acabada, vai-ſe trabalhando nas torres dos ſinos, que com vozes de bronze faraõ retumbar os éccos de taõ piedoſa magnificencia.

Sendo eſta Igreja fabricada de huma ſó nave, he fechada em huma larga abóbeda de tijolo; peloque ſe lhe fizeraõ as paredes dos lados taõ groſſas, que pelo vão dellas ſe eſtende hum dilatado corredor com tres janellas para o vão da Igreja, a que correſpondem para fóra outras tantas freſtas grandes com vidraças, por onde ſe multiplicaõ em hum Templo de tanta pompa os maiores reflexos de ſeos luzimentos. Na fachada do arco da Capella mayor, e cruzeiro, em lugares collaterais, eſtaõ fabricadas duas Capellas de talha dourada: em huma ſe venera collocada em mageſtoſo throno (que he a que fica da parte da Epiſtola) huma prodigioſa Imagem da Senhora da Oliveira: Imagem taõ milagroſa, como teſtemunhaõ nas paredes, as fórmas das embarcaçoens dos naufragantes: as mortalhas dos reſuſcitados, e as demonſtraçoens milagroſas feitas em todas as enfermidades. A eſta Sacratiſſima Imagem, aſſiſte com fervoroſa devoçaõ huma Confraria de devotos, que com os ſeos donativos, e muitas offertas adventicias, vaõ enriquecendo eſta Capella de ricos ornamentos, e muitas peças de prata.

A outra Capella que fica da parte do Evangelho, he do Senhor JESUS do Terço, onde ſe aliſta

alista huma companhia de Confrades, que todos os mezes se poem em campo pelas ruas desta Villa armados com as oraçoens, para triunfarem do mayor inimigo, debaixo das bandeiras deste Senhor dos exercitos. Hà mais tres Capellas por cada lado desta Igreja, quatro dellas sem ornato, porque ainda naõ tem tribunas, e as duas as tem de talha, que supposto naõ estejaõ ainda douradas, naõ deixaõ de ser preciosas: huma da parte da Epistola he de S. Crispim, e Chrispiniano, a quem com devotissimo fervor servem os Confrades çapateiros. A outra Capella he onde està o Sacrario, com o SANTISSIMO SACRAMENTO, e por cima no espaldar da tribuna se vè collocada em hum throno huma Imagem de boa escultura, e bem estofada com o titulo da *Senhora da Esperança*, e era justo que no mesmo Altar se unisse a esperança àquelle misterio aonde resplandece a fé, e a caridade. A Capella maior deste Templo he magestosa, tem hum throno proporcionado à grandeza da mesma Capella, que tudo fas huma admiravel perspectiva sobre o arco desta Capella para a parte do vão da Igreja se vè hum grande, e bem ordenado nicho de pedraria bem lavrada com huma fermosa Imagem do Salvador do mundo, a qual tem quatorze palmos de altura, he estofada, tem o mundo em figura esferica na maõ esquerda, e com a direita està lançando huma bençaõ.

Nesta Igreja he o Diviniſſimo Sacramento servi-

ſervido, e adorado de huma nobre, e devotiſſima Irmandade, e em algum tempo taõ nobiliſſima, que della foraõ juizes os Reys de Portugal todo o tempo, q̃ reſidiraõ no ſeu Palacio dentro neſta Freguesia, eſtimando mais veſtir a capa vermelha da Irmandade, do que a Opa roçagante, e occupar a maõ com a vara de juiz, que com o ſcetro real. Quando com grande ſolemnidade, ſe lançou a primeira pedra no alicerce deſta nova Igreja, ſe lhe pos o titulo com a inſcripçaõ ſeguinte gravada na meſma pedra: *Salvatori noſtro, ſervato nomine antiquo, ejus Paroquiani novum Templum vetere eruto impenſis ſuis faciendum curavere; primumque fundamentorum lapidem devotè injecère hodie ſexto Auguſti milleſimo ſexcenteſimo nonageſimo ſecundo.*

Pouco menos de trezentos annos haverà, q̃ ainda era eſta Igreja Priorado, e deſde entaõ ſe reduſio a Commenda da Ordem de San-Tiago: he do Padroado da Rainha noſſa ſenhora, que apreſenta nella Vigario. Tem outo Beneficiados levaõ dos dizimos da Igreja huma terça, q̃ conſta de paõ, vinho, azeite, marrans, carneiros, aves, queijos, lans, e linhos. Tem dous Curas annexos, que ſaõ da Azoya de baixo, e Povoa dos Gallegos, apreſentados pelo Vigario, e tambem apreſenta o da Matriz. Eſta tambem tinha a apreſentaçaõ da de S. Bràs da Romeira; mas por incuria dos Vigarios antepaſſados, a apreſentaõ hoje os freguezes.

Tem mais esta Igreja do Salvador no distrito desta Villa, quatro Ermidas annexas, e fóra delle tres, que vem a ser sete, S. Sebastiaõ, N. Senhora do Monte, e duas do Espirito Santo: as tres fóra da Villa, saõ, a de Santo Antonio dos Olivais, a de N. Senhora dos Anjos, e a de Santa Anna. A Ermida do glorioso Martyr S. Sebastiaõ està nesta Villa junto ao Convento de N. Senhora da Piedade dos Padres descalços de Santo Agostinho, a qual he administrada pelo Senado desta Villa, e fundada por ElRey Dom Manoel a vinte e sinco de Novembro no anno de 1479. pelo grande mal da peste: haverà vinte annos que se arruinou vindo o tecto, que era de madeira, ao chaõ, e logo se reedificou fazendo-se de abóbeda de tijolo. O miraculoso Santo Martyr, que nella està, he Imagem antiquissima, feita de pedra, e tem sete palmos de altura. Junto ao Convento da Trindade desta Villa està a outra Ermida, que tem a invocaçaõ do Espirito Santo, com Mercieiras (de que jà fizemos bastante memoria quando fallámos dos Hospitais annexos ao de JESU Christo) a qual he mais magnifica q̃ as outras pela sua grandeza, e proporcionada architectura; e por detràs desta està outra com o mesmo titulo, que tudo administra a Meza da Misericordia; foy fundada pelos Mordomos, e Confrades no anno de 1498, o que se acha authentico no cartorio da Camera da mesma Villa. E a grande, que jà dissemos, foy fun-

fundada pela nobreza da Corte, quando em Santarem assistiaõ as Magestades, no anno de 1643, cuja era, como se lê no alto da mesma Ermida. Tem esta huma fermosa Capella mayor, com hum arco de pedra bem lavrada que lhe divide o corpo; tem dous altares collaterais, no da parte do Evangelho està huma milagrosa Imagem de Santo Amaro, que no seu dia he venerado com muito concurso dos fieis: he Santo taõ prodigioso, que as offertas de cera, e outras cousas semilhantes que estaõ penduradas na parede junto ao seu altar, indicaõ os seos milagres. Tem a Confraria deste Santo hum braço de prata, entre outras peças, no qual se vê gravada a Reliquia que no dia da sua festa se dà a beijar ao povo. No outro collateral està collocada hũa Imagem de S. Joaõ Evangelista, a qual era da outra Ermida mais pequena, tambem com o titulo do *Espirito Santo* junto a esta; hoje se acha arruinada, e sómente se conserva a Capella mayor por ser de abóbeda. Nesta Ermida se fazia antigamente huma grande festa, para a qual davaõ os Reys dous touros, ou dezaseis mil reis, que ainda se cobraõ em hum almoxarifado, e se applicaõ para a sua fabrica.

A Ermida de N. Senhora do Monte, he a quarta das que estaõ junto à Villa; fica situada para a parte do Norte em hum monte já entre os olivais: naõ hà noticia certa da sua fundaçaõ; só dizem alguns antiquarios, que he do tempo

do nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, e hoje vemos, que he governada pelo Senado desta Villa. No circuito do lugar em que està situada esta grandiosa Ermida, existia antigamente o Hospital dos Gafos incuraveis, que hoje se vê em S. Lazaro, o qual Hospital se mudou reinando El Rey D. Diniz no anno de 1292 de que jà démos noticia nas memorias das Ermidas annexas à fregueſia de Nossa Senhora de Marvilla. Nesta Ermida hà huma Irmandade com Juis, Escrivaõ, e Thesoureiro. Tem o seu vão no comprimento da porta principal athé a entrada da Capella mayor, sincoenta e outo pès, e de largura trinta e dous. A Capella mayor no seu pavimento igual, he quadrada, e tem da Entrada do seu arco athè ao inferior degrao dos que sobem para o altar, que saõ tres, dezaseis pès e meyo, e os mesmos de largura. A Senhora que està no altar desta Capella, a qual deu o titulo à Igreja, he de vestir, e tem de altura sete palmos e meyo. Os altares que hà nesta Ermida saõ quatro com o da Capella mayor: o collateral, que fica da parte da Epistola, he dedicado a Nossa Senhora da Encarnaçaõ, e o da banda do Evangelho, a Santiago. Tem mais no corpo da Igreja da mesma parte do Evangelho, outra Capella dedicada a Santo Amaro; cuja Imagem deste Santo mostra ser antiquissima, feita de pedra, e tem sò dous palmos e meyo de alto. As paredes desta Ermida saõ do pavimento athè ao tecto, guar-

necidas

necidas de azulejo antigo. O tecto he de madeira apainelada, e o da Capella mayor de abóbeda de tijolo, com pintura muito antiga. Tem o coro que chega de parede a parede ſobre a porta principal, que ſe ſuſtenta ſobre duas columnas, moſtrando tambem ſer tudo obra bem antiga: e as ſepulturas que eſtaõ no pavimento deſta Igreja que lhe pudemos ler os letreiros, ſaõ as ſeguintes:

Junto ao altar collateral da parte do Evangelho eſtà huma ſepultura raza com eſte epitafio, que diz:

Aqui jàs Ayres Lopes de Syqueira, Commendador da Ordem de Chriſto, o qual foy Provedor quarenta annos de S. Lazaro, a que eſta Ermida he anneхa, e nella ſe mandou ſepultar por ſua devoçaõ. Falleceo a tres de Abril de 1573.

Tambem perto deſte dito altar eſtà outra ſepultura raza com o ſeguinte epitafio:

Sepultura de Aldonça Rodrigues, que deixou ſeos bens a eſta Confraria de N. Senhora. Falleceo a tres de Fevereiro na era de 1426.

Sobre a porta principal ſe vê huma iuſcripçaõ latina que diz:

Ad Virginis laudem conſtructum eſt opus juſſu Lupi de Souſa Coutigni. Menſe Octobris anno Domini 1553.

E por cima da porta traveſſa (que naõ tem outra excepto a principal) eſtà eſta inſcripçaõ que diz:

Eſte portal, e os aſſentos do coro, mandou fazer Ayres Lopes de Syqueira, Provedor de S. Lazaro

à cuſta

à custa da mesma Caza no anno de 1555.

Esta noticia que fica escrita he o que contèm esta Ermida pela parte de dentro: agora faremos tambem lembrança da formalidade com que està guarnecida pela de fóra. A porta principal fas frontaria ao Occidente: naõ tem frontespicio elevado, porque lhe corre mistica huma columnáta, a qual lhe fas hum átrio na porta principal, e vay em resaltos pela parte da Epistola, chegando a acompanhar todo o comprimento da Igreja. Esta columnata tem no átrio do seu frontespicio seis columnas, e as que correm direitas pelo lado da Igreja saõ quinze, todas iguais com os capiteis Jónicos, tudo de boa pedra bem lavrada, sendo as cannas das columnas redondas, e tem seis palmos de alto, naõ entrando nesta conta a vaza, nem o capitel; e o vaõ que fica entre columna e columna, tem outo palmos portuguezes. Esta columnáta tem duas entradas, huma fica à porta principal, e outra à travessa. A entrada da porta principal aonde se entende ser o átrio, tem quatro columnas áticas, que saõ quadradas, ficando-lhe as dos lados meias embebidas na parede, e estas naõ entraõ na conta do dito numero das redondas.

Nas costas do espaldar da Capella mayor desta grande Ermida, que fica sendo parede meya, està outra Ermida pequena, a qual tem a sua porta para a rua, e ainda que està contigua à da Senhora do Monte, tem sua serventia à parte; tem

seu

ſeu altar aonde ſe diz Miſſa, e nella eſtà huma Imagem de Noſſa Senhora com o titulo da Aſſumpçaõ; da qual Senhora ſe diz, e he tradiçaõ entre os naturaes de Santarem, que appareceo em aquelle meſmo lugar deſta Ermida pequena aonde hoje a vemos; e querendo-a collocar na dita Ermida grande, que a piedade do noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques lhe mandou fazer, ſe tornou miraculoſamente repetidas vezes para eſta ſua pequena, e mais antiga Ermida. Eſtà em hum nicho por cima do altar; he de pedra, e tem cinco palmos de altura.

Em diſtancia de meya legoa deſta Villa de Santarem para a parte do Nordeſte, eſtà a outra Ermida, que he a de Santo Antonio dos Olivais, cuja Imagem he milagroſa, e venerada dos fieis pelos ſeos milagres, a cujo reſpeito ſe fazem varias feſtas todos os annos, em veneraçaõ do meſmo Santo. Naõ conſta do tempo certo da ſua fundaçaõ, e ſó he tradiçaõ antiquiſſima, ſe fundára no tempo em que houve peſte neſta Villa, e que para aquella parte ſe retiráraõ muitas peſſoas. Junto a eſte ſitio em hum monte que hoje eſtà povoado de oliveiras, ſe acháraõ varias pedras, as quais tinhaõ tres bicos em triangolo; entre as quais, dizem que ſe metia a cabeça dos que ſepultavaõ: haverà dez para onze annos ſe acháraõ eſtas pedras ſubterradas debaixo do chaõ.

Para ſe ornar eſta Ermida com grande luſtre, naõ faltou a generoſa piedade do Senhor Rey D.

Joaõ

Joaõ o V, pois agora nos noſſos tempos lhe mandou dar hum ſitial de borcado de ouro, para o throno do Santo com mais paramentos riquiſſimos; e a Capella maior a fez renovar toda de admiravel azulejo.

A outra annexa, he a de N. Senhora dos Anjos, que tambem eſtà ſituada entre os olivais meya legoa deſta Villa para a parte do Norte; a ſua Capella principal he de zimborio agudo, guarnecido por fóra de ameyas em roda, e junto deſta eſtà outra Ermida redonda de N. Senhora da Piedade: naõ ſe diz Miſſa nella pela ſua pequenhez naõ dar lugar, que tudo moſtra muita antiguidade: a qual Ermida de N. Senhora dos Anjos he frequentada dos fieis com varias feſtas que deſta Villa lhe vaõ celebrar; e eſpecialmente he de grande concurſo a que ſe lhe fas deſpois da Paſcoa da Reſurreiçaõ: a Imagem da Senhora he de pedra, e tem ſinco para ſeis palmos de altura: eſta Ermida, peloque conſta do cartorio da ſua Matriz, foy edificada no anno de 1260. em tempo do Biſpo Dom Joaõ, que concedeo huma Provizaõ para nella ſe dizer Miſſa. Tem huma horta junto a ſi toda cercada de vallado, e dentro nella tres fontes; he patrimonio da meſma Igreja do Salvador, a qual apreſenta o Ermitaõ que nella aſſiſte.

A ultima he a Ermida de Santa Anna, ſita no campo de Vallada, com huma grande horta, pomar de frutas, cercada toda de freixos, e junto à meſ-

à meſma Ermida exiſte huma copioſa fonte, com que a horta, e as arvores recebem a ſua freſcura, e ſe regaõ. Tem cazas aonde aſſiſte o Ermitaõ, e Hortelaõ póſtos alli pelo Vigario, e Beneficiados deſta Igreja do Salvador da Villa de Santarem.

CAPITULO II.

Como neſta Villa de Santarem no diſtricto da Fregueſia do Salvador fundáraõ os Religioſos da Trindade Convento, e de como foy o primeiro que houve deſta Religiaõ no Reyno de Portugal; e neſta Villa.

A Sagrada Religiaõ que tem o titulo da *Santiſſima Trindade*, foy inſtituida em França por aquelles dous portentos de ſantidade S. Joaõ da Matta, e S. Felis de Valois, no Pontificado do Papa Innocencio III, que por eſpecial inſpiraçaõ Divina lhe deu regra particular a dezaſete de Dezembro no anno de 1198, e com a doutrina de taõ ſantos Pays, bem ſe deixa entender que haviaõ dar à Igreja Catholica prodigioſos filhos, que com virtuoſos exemplos fizeſſem tantas obras de ſuprema caridade, reſgatando os fieis Chriſtãos do poder dos barbaros infieis. E como ſe dividíraõ por toda a Chriſtandade, coube tambem ao noſſo Portugal huma grande parte deſta ventura, com a vinda para el-

le desta esclarecida familia. E porque desta escritura nos pertence dar individual noticia da sua entrada neste Reyno, e principalmente dizer, que em Santarem fundáraõ o primeiro Convento (pois tudo teve muito de milagroso) principiaremos com a formalidade que se segue.

No tempo que em Portugal reinava D. Affonso II, cruzava os mares da nossa costa huma armada Franceza, que hia de socorro para a Terra Santa no anno de 1217, e ao tempo que queria embocar o estreito, deulhe hum temporal taõ vehemente, rijo, e desuzado, que derrotou quasi todos os navios, metendo-os no fundo; e só hum q̃ ficou mais livre, sem outro rumo mais do que a violencia dos ventos, correndo com elles veloz tormenta, entrou pela barra de Lisboa, que pareceo ser só guiado por impulso superior, e naõ governado pelos homens. Vinhaõ nesta náo outo Religiosos Trinitarios Francezes, todos de grande virtude, que anciosamente dezejosos de padecer martirio pela nossa santissima fé, faziaõ jornada para a Palestina.

Entrada a náo neste porto com furibundas ondas, correo pelo Rio Tejo dentro, taõ direita, e segura, que pareceo a vinhaõ sustentando os Anjos pelos ares, athè lançar firmes ancoras no fundo. Os Cidadãos de Lisboa que da terra a viraõ, ficáraõ atónitos de estar taõ segura entre a mayor força da tempestade, e despois de estarem mais applacados os ventos, foraõ logo a seu bor-

do

do para saberem q̃ náo era, q̃ gente trazia, donde vinha, e para onde hia, pois víraõ nella hum prodigio sobrenatural, e milagroso. Perguntáraõ ao Capitaõ o que daqui se poderà entender: respondeo, q̃ elle, e todos os que vinhaõ em aquella náo eraõ Francezes; contou todo o perigo do seu naufragio, e mostrando os outo Religiosos Trinitarios disse: As oraçoens, penitencias, e vida santa daquelles servos de Deos, devemos o naõ estarmos submergidos nas entranhas do mar, como aconteceo aos mais navios que vinhaõ em nossa companhia; e só pelos merecimentos destes santos Padres esperamos seguir a nossa viagem com feliz successo para Palestina. Grande novidade sem dúvida, foy para os Portuguezes ver aquella nova compostura de hábito, a summa modestia dos Religiosos, as suas suavissimas palavras, pelas quaes se lhe afeiçoáraõ com tanto affecto, que nunca se satisfaziaõ de os ouvir, e tratar: observando nas suas acçoens tanta virtude, que cõmunicalas era meyo efficaz para consolaçaõ das almas, e alegria dos coraçoens; porq̃ a virtude de quem verdadeiramente anda com Deos, logo se fas conhecida para se amar, e ser dezejada a sua communicaçaõ.

Concertada a náo de algumas destruiçoens, que lhe tinha causado a tormenta, e esta socegada, quiz o Capitaõ proseguir a sua viagem para Palestina, e deixar as nossas agoas do Tejo, pois tinha o vento propicio, e marê vasante, le-

vantou as ancoras do fundo, largando logo as vélas ao vento: quando ſe vio outro prodigio ainda mais evidente que os paſſados; e foy o caſo: que ſaindo outras náos, que eſtavaõ neſte porto para fóra, eſta aonde eſtavaõ os Religioſos naõ ſe moveo do lugar donde eſtava. Vendo iſto os marinheiros, fizeraõ todas as diligencias poſſiveis para a encaminharem na direitura da barra, botandolhe cabos de outras embarcaçoens querendo-a levar ao reboque; porèm, nem a força do vento, nem vélas, nem os impulſos dos remos, nem a violencia das cordas dos rebóques tiveraõ efficacia para a náo deixar de ficar immovel, como que fora huma firmiſſima rócha. Atónitos, e perplexos ſe viaõ os que a governavaõ, conhecendo que lhe naõ valia neſte caſo a induſtria, nem as forças, ficáraõ ſuſpenſos ſem atinarem com o miſterio. Cauſou eſta contrariedade grande admiraçaõ a todas as peſſoas que da terra eſtavaõ vendo eſte notavel prodigio: avizáraõ ao Governador, que por entaõ governava a Cidade de Lisboa, chamado *Pedro Alvares*, do ſucceſſo, por ſer maravilha eſtranha. Mandou elle chamar os outo Religioſos, porque como eſtavaõ jà muito conhecidos por homens de grandes virtudes, e ſantidade, delles ſe quiz informar, inquirindo a cauſa donde aquelle effeito procedia; pois por ſerem peſſoas de taõ ſanta vida, Deos lho poderia ter revelado, ou ſe traziaõ comſigo alguma reliquia, ou Imagem milagroſa,

ſa, pela qual ſeria Deos ſervido obrar aquelles prodigios. Mas ò maravilha do Ceo, pois aſſim que os Religioſos deſembarcáraõ pondo os pês em terra, partio a náo com tal velocidade, ſendo a marê contraria, porque jà enchia, que naõ parecia ſó ſer ave, que furioſamente nadante cortava as agoas, mas ſim ligeiro paſſaro que velóſmente voava pela regiaõ aérea, ſahindo no meſmo inſtante pela barra fóra. Moſtrando por eſte meyo a Divina Providencia, que eſcolhéra eſtes Santos Varoens para plantarem em Portugal a florente arvore de taõ ſanta Religiaõ; que florecendo hà tantos ſeculos com edificativas acções, merecem ſempre pelos ſeos religioſos coſtumes, reverenciadas lembranças.

Chegados os Religioſos à prezença do Governador, reſplandeceo entre os mais (como Sol entre as Eſtrellas) o P. Fr. Andrè de Agramont, que vinha por Superior dos ſete companheiros, cujos nomes ſaõ Fr. Thomás, Fr. Roberto, Fr. Richardo, Fr. Joaõ, Fr. Pedro, Fr. Guilherme, e Fr. Umberto. Muitas eraõ as ſaudades que ſe via terem eſtes Religioſos pela palma do martirio que buſcavaõ; e aſſim nenhuma outra couſa deſta vida ſe lhes offerecia aò dezejo, que foſſe baſtante para lhe enxugar ſuas copioſas lagrimas; pois viraõ q̃ a náo naõ tornou a entrar neſte porto. Compadecido o Governador de os ver taõ deſconſoladamente afflictos, os confortava com efficazes razoens dizendolhes, que contra

os

os decretos Divinos naõ hà forças humanas que ſe lhe opponhaõ; e que por eſtes meyos taõ deſuſados quereria Deos ſer ſervido que elles ficaſſem em Portugal; e para conſeguirem as ſuas dezejadas coroas do martirio, o Ceo lhes abriria caminho, e que tambem neſte Reyno podiaõ alcançar eſte ſeu querido, e ſanto intento; porque muita parte de Heſpanha ainda gemia debaixo do jugo Agareno, e que taõ inimigos da Fé eraõ eſtes, como aquelles que buſcavaõ pelas terras da Paleſtina. Eſtas palavras ditas pelo Governador ſoáraõ taõ bem nos ouvidos dos Santos Religioſos, que com ellas ſe moſtràraõ mais aliviados, dando graças a Deos, por entenderem ſer ſervido que ficaſſem neſte Reyno.

Eſtes ſervos do Senhor (em companhia do meſmo Governador) ſe aviſtáraõ logo com o Biſpo Dom Sueiro Viegas, que entam de propriedade governava a Dioceſe de Lisboa, e remetidos por elles a Santarem, que naquelles tempos era delicioſa Corte dos noſſos Monarcas, para q̃ ElRey D. Affonſo II. os viſſe, e conheceſſe as juſtificadas acçoens de vidas taõ ſantas. Chegáraõ à prezença do Monarca, acháraõ nelle ampáro, e nos da Corte benevolencia; ElRey quiz que por entanto ficaſſem no ſeu Palacio, e deſpois lhes mandou dar ſitio para fazerem fórma de Moſteiro Varias opinioens achámos em alguns dos noſſos eſcritores, no que toca ao primeiro lugar em que deraõ principio eſtes Padres

Tri-

Trinitarios a fundar em Santarem o ſeu Convento, e de ſer, ou naõ ſer o primeiro de todos os mais que alli exiſtem hoje de outras Religioens. He ſem dúvida, que o P. Fr. Luis de Souſa na ſua Hiſtoria Dominicâna, 1. part. liv. 1. cap. 9. fol. 19. diz, que os ſeos primeiros Padres entráraõ em Santarem vindo do Montejunto, no tempo do reynado de ElRey D. Affonſo II, e que começáraõ logo a fundar em Monteirás. Diz mais na meſma parte allegada cap. 21. fol. 47. que o fundador D. Fr. Gomes Sueiro no meſmo tempo em que chegou com os ſeos Frades a Monteirás para darem principio à dita fundaçaõ, foy logo chamado a Coimbra para ſer juis na cauſa que corria entre ElRey D. Affonſo II, e o Arcebiſpo de Braga D. Eſtevaõ Soares da Sylva, e que era no ultimo anno do ſeu reynado: e o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha na ſua Hiſtoria Eccleſiaſtica do Arcebiſpado de Lisboa cap. 31. impugna iſto dizendo, que quando os ditos Padres Trinitarios entráraõ em Santarem, era Rey de Portugal D. Affonſo II, Pay delRey D. Sancho II, e moſtra que viveo mais annos; confirma-ſe iſto porque no anno de 1218 lhe mandou o meſmo Rey D. Affonſo aos ditos Trinitarios paſſar hũa eſcritura, que os meſmos Religioſos deſta Ordem conſervaõ em ſeu poder, para abôno da mercè que lhes fes, tomando aquelle Convento debaixo da ſua protecçaõ, à qual eſcritura principia na fórma ſeguinte: *A. Dei*

Fr. Luis de Souſa Hiſtoria de S. Domingos.

D. Rodrig. da Cunha Hiſtor. Eccleſiaſtica.

grat.

grat. Portug. Rex universis de Regno suo ad quos litteræ pervenerint salutem. Sciatis, quod fratres S. Trinitatis, qui morantur apud Santarem sunt in mea Comenda, & sub mea defensione cum suo Hospitali captivorum, cum suis hominibus, & cum suis hæreditatibus, & cum suis ganatis, & cum omnibus aliis rebus suis &c.

Tambem se declara a certeza desta antiga Era por hum Breve que se acha no cartorio da Sè de Lisboa Oriental do Papa Honorio III, passado em Roma no anno de 1219 a 25 do mes de Abril, em que nomea jà este Convento de Santarem, começando assim: *In Regno Portugaliæ domum de Santarem, cum omnibus pertinentiis suis, quam ex regia donatione habetis &c.* Contra as razões que temos allegado se nos oppunha huma fortissima objeçaõ, se nòs a naõ tiveramos jà desvanecida com a certeza da verdade, e he que quando em Santarem florecia em virtudes, e grandes milagres o Bemaventurado Fr. Gil no seu Convento chamado *S. Domingos dos Frades*, havia alli huma virtuosa Matrona natural da mesma Villa, pessoa nobre chamada *Dona Elvira Duranda*, que era confessada do mesmo Santo; e depois que ella teve aquella notavel visaõ, que jà fica referida na fundaçaõ do Mosteiro de S. Domingos das Donas, Part. 1. liv. 1. desta Historia, capit. 21. consta com toda a certeza de varias escrituras, que deixando todas as cousas do mundo, se meteo Emparedada na Ermida de N. Senhora da Abobeda, que existia aonde agora està fundado o Con-

o Convento dos Padres Trinos, em cujo lugar fes quatro paredes aonde se meteo; tendo só huma pequena fresta para a Ermida por onde lhe davaõ os Sacramentos, e recebia alguma porçaõ de alimento corporal. Passados algũs tempos se aggregáraõ alli com ella humas suas parentas, e mais outras devotas donzellas fazendo vida penitente; às quais chamavaõ as *Emparedadas*, e se vestiaõ com habito, ou sayal da Ordem Dominicana, cujos Religiosos uzavaõ com ellas de muita caridade, e estas foraõ as que depois fundáraõ o Convento de S. Domingos das Donas desta Villa, como jà dissemos em seu lugar.

E sendo isto assim como o referem taõ graves Escritores, e o dizem os mesmos que acima vaõ allegados, naõ havia ainda o tal Convento dos Padres Trinos no lugar da Ermida da Senhora da Abobeda, e jà na Villa existia o Convento da Ordem Dominicana. Porèm a isto dizemos, que o motivo destas dúvidas nasceo de se escreverem estas memorias com menos diligencia daquella com que se deve apurar a verdade; porque querendo eu examinar estas contrariedades, que tanta dúvida me faziaõ, achei na mesma Ordem Trinitaria a clareza, que totalmente destroe a incoherencia no que toca a qual destes dous Conventos foy o primeiro que se fundou nesta Villa; e he sem dúvida, que foy o da Provincia dos Padres Trinitarios; porq quando elles vieraõ para Santarem, deulhe logo El-

Rey D. Affonſo ſegundo o ſitio onde eſtà a Ermida de Noſſa Senhora do Monte; e ahi primeiramente fundáraõ hum pequeno Convento, ſervindo-ſe da meſma Ermida para os Officios Divinos; a qual eſtà ſituada fóra da Villa para a parte que fica entre o Poente, e o Norte (que della jà fizemos memoria nas Ermidas que pertencem à meſma Freguefia do Salvador) e ahi eſtiveraõ huns poucos de annos, tempo que deu lugar a virem para eſta Villa os Padres Dominicos: e aſſiſtirem na Senhora da Abobeda as Emparedadas. E prova-ſe iſto mais porque todos os annos em dia de S. Joaõ vaõ os meſmos Padres Trinos cantar à Senhora do Monte na ſua Ermida huma Miſſa em memoria, e reconhecimento do beneficio que lhes fes de os hoſpedar e recolher primeiramente em ſua Caſa. E depois (paſſados naõ muitos annos) ElRey com o Biſpo de Lisboa D. Sueiro Viegas, lhes deraõ o lugar da Senhora da Abobeda para alli fundarem, e ficarem livres da myſtica viſinhança q̃ tinhaõ com o hoſpital dos incuraveis, que naquelle tempo exiſtiaõ no dito ſitio do Monte. Por eſtas circunſtancias que temos narrado, ſe deve com certeza entender, que quando os Padres Trinos fundáraõ no ſitio da Senhora da Abobeda, jà havia o Convento dos Padres Dominicos neſta Villa: porèm quando eſtes vieraõ para ella, jà viviaõ os Trinos no ſitio da Senhora do Monte conventualmente. Com que vem a ſer eſte Con-

vento

vento o primeiro que teve neſte Reyno toda a Provincia Trinitaria, e o primeiro deſta Villa.

Deixado o ſitio da Senhora do Monte, em o qual confórme as noticias que achámos, tinhaõ edificado eſtes eſclarecidos Varoens Trinitarios o ſeu pequeno Convento em hum limitado hoſpital que ElRey D. Sancho (primeiro do nome) havia mandado fazer para os Cativos; do qual hoſpital tambem achámos noticia na meſma Eſcritura, que ElRey D. Affonſo filho do dito D. Sancho, mandou paſſar aos meſmos Padres, aonde diz: *Cum ſuo hoſpitali Captivorum &c.* por ſer mais proprio que o poſſuiſſem aquelles Religioſos, que tinhaõ por eſpecial Eſtatuto reſgatar os meſmos Cativos. Senhores jà os Religioſos do ſitio da Senhora da Abobeda, e da Ermida, fundáraõ nella o ſegundo, e novo Convento, vivendo alli em eſtreita pobreza, todos entregues aos Divinos louvores com o ſeu virtuoſo Prelado Fr. Andrè de Agramont, occupando-ſe ſempre em ſantos exercicios, com edificaçaõ do Povo, zelando a liberdade, e reſgate dos Cativos. Teve logo eſte Santo Varaõ licença de Fr. Guilherme Scoto (que entaõ era Geral da Ordem em França) para lançar o habito a muitos animoſos ſojeitos Portuguezes, que reconhecendo o mundo com os ſeos torpeços por inimigo das almas, quizeraõ (amando a vida religioſa) aſſentar praça no exercito daquella nova Conquiſta do Ceo: os quais por

darem liberdade aos Chriſtãos cativos, tantas vezes lhe ſerviraõ de inclytos ſepulchros os barbaricos carceres nas profundas maſmorras dos infieis Agarenos. Neſta Caſa de Santarem, e neſtes ſantos exercicios com os ſeos ſubditos viveo Fr. Andrè vinte e tres annos, applaudido de maravilhoſos exemplos, carregado de penitencias, e coroado de huma bem merecida fama, entregou a pureza de ſeu candido eſpirito ao Creador que lho tinha dado, para lhe conceder o premio da Bemaventurança.

A eſte primeiro Miniſtro que teve eſte Convento, ſendo neſte Reyno o fundador, ſe lhe ſeguio no lugar o Padre Fr. Miguel Rebello noſſo Portuguez; o qual foy o primeiro que da naçaõ Portugueza veſtio o candido hábito deſta ſanta Provincia. Exiſte eſte Convento em lugar apraſivel fóra dos muros, que cercaõ a Villa ſetenta paſſos para o Norte, no fim do rocio a que chamaõ da *Feira*, entre os dous Conventos de S. Domingos, e S. Franciſco. No ſeu principio foy muito pobre, aſſim no material da obra, como nas rendas annuaes: porém os Reys, e alguns particulares bemfeitores, pelo tempo adiante o fizeraõ ſer o mais rico de toda a Provincia; enriquecendo-o as Mageſtades com as doaçoens reais, os devotos com a pia caridade de largas, e rendoſas eſmolas. Tem em Capitulo Geral da Provincia o ſegundo lugar, porque largou o primeiro ao de Lisboa, fazendo-o Cabeça, depois

que

que os Reys neſta Cidade fizeraõ firme aſſento com a ſua Corte.

Confórme o que achámos em alguns eſcritos, e tradiçoens, foy reformada eſta ſagrada Ordem por empenho delRey D. Joaõ III, e neſte Convento eſpecialmente o fes, aſſim no eſpiritual, como no material, reedificando-o na meſma parte em que eſtava; a cuja obra ſe deo fim no anno de 1554, naõ ficando do antigo mais que o corpo da Igreja velha com as ſuas Capellas, e a mayor (que era ſepultura dos Condes de Tarouca) por limitada ſe desfes no anno de 1696, fazendo-ſe de novo, ſendo a Igreja de tres naves, e de mediana eſtatura, que nòs ainda vimos. Porèm hoje naõ hà nada della, porque haverà pouco mais de quarenta annos que ſe demolio toda, e logo no meſmo chaõ ſe deo principio a levantar outra com novos alicerces de mayor grandeza, e boa cantaria lavrada, que jà corre por todos os lados com a ſua ſimalha real, e ſó lhe falta a cobertura ſendo de huma ſó nave. O ſeo frontеſpicio fas frontaria ao Poente, o qual ſe eleva a notavel altura de admiravel cantaria, ſendo o delineamento do riſco bem proporcionado de cuſtoſa fachada, e hà trinta e hum annos que eſtà acabado. Neſta Caſa ſe conſerva huma milagroſa Reliquia do glorioſo S. Braz, muita prata lavrada pertencente ao uſo da Igreja; e riquiſſimos ornamentos, que tudo ſerve de pompoſo ornato ao culto Divino. Tambem em

noſſos

nossos tempos vimos edificar neste Convento hũ dormitorio magnificamente grandioso, e hum refeitorio com huma notavel casa de *Pro fundis*; q̃ sem dúvida saõ estas tres officinas das melhores que hà nos Conventos deste Reyno.

He dotado este Convento de boa renda, e logra varias regalias; entre as quaes especialmente diremos as que lhe deo o seo grande bemfeitor D. Estevaõ Anes, colasso que foy delRey D. Affonso III. seu Chanceler, e grande seu valído; que pareceo só quererse fazer merecedor do valimento para com elle enriquecer aos Religiosos desta Casa: o qual depois de muitas mercês que ElRey lhe fes, dotou aos ditos Padres deste Convento no anno de 1251 a Villa de Alvito no Alentejo; cujo dito Rey a tinha dado a este valído pelos seos serviços; levando o Rey em tanto gosto esta data aos Padres, que àlem de lhe confirmar a doaçaõ, lhes fes couto da mesma Villa em o anno de 1261, pondolha livre de todos os tributos. E morto o dito Estevaõ Anes, lhes deixou no seu testamento todas as suas fazendas, cujos testamenteiros foraõ D. Durando Bispo de Evora, Fr. Domingos de S. Lourenço, Custodio dos Frades Menores, e Fr. Domingos Botelho, Guardiaõ que era de Lisboa; sendo toda esta herança aceita pelo Geral da mesma Ordem Trinitaria, o grande Padre Fr. Pedro Cusiano, assistente entaõ em Leaõ de França, e feita a doaçaõ no anno de 1274.

Naõ

Naõ ſó deu Eſtevaõ Anes aos Religioſos deſte Convento a Villa de Alvito com toda a ſua juriſdicçaõ temporal, e eſpiritual; mas tambem na meſma fórma, e na dita Provincia do Alentejo, lhe deo Villa Nova, que tudo poſſuíraõ em paz na vida do dito Rey D. Affonſo III. porèm depois da ſua morte no Reynado de D. Diniz ſeu filho, por parte deſte Rey lhe movèraõ tantas demandas, e ſe viraõ os Religioſos taõ vexados e opprimidos, que ſe deliberáraõ a largar por amigavel compoſiçaõ, das Villas o temporal, pois tinhaõ contra ſi parte taõ poderoſa. Iſto ſe ajuſtou no Capitulo celebrado em Burgos, no anno de 1282, ſahindo entaõ Miniſtro Provincial o famigerado Padre Fr. Joaõ Navarro, por cuja reverenciada attençaõ lhe deo o meſmo Rey no ſeguinte anno os Padroados das Igrejas de Benalberge, Orióla, Alvito, e a grandioſa fazenda de Monte de Trigo, que toda eſta clareza conſta do primeiro livro do proprioRey, que eſtà na Torre do Tombo a folhas 61, e 64, confirmado iſto depois pelo Papa Bonifacio IX. no decimo anno de ſeu Pontificado, que foy nos annos de mil trezentos e noventa e nove; e toda a verdade deſte particular ſe póde ver com largueza nos Eſcritores da meſma Religiaõ, nas memorias que da Ordem deixáraõ eſcritas.

CAPI-

CAPITULO III.

Fas-se memoria da veneravel Irmandade da Ave Maria, que existe neste Convento, e de algumas circunstancias a elle pertencentes.

NEste Convento da Santissima Trindade da Villa de Santarem, existe a veneravada Irmandade que chamaõ da *Ave Maria*; foy instituida no anno de 1629, e o seu Compromisso feito a vinte e cinco de Julho de 1638, sendo Provedor Jeronymo de Castilho, e Escrivaõ Joaõ de Albuquerque Cabral, o qual Compromisso foy confirmado em 1639 pelo Nuncio que entaõ era neste Reyno de Portugal Alexandre Castarcâni, cuja Provizaõ em que confirma os louvaveis Estatutos desta Irmandade, he a seguinte:

Alexandre Castarcâni, por mercê de Deos, e da Santa Sè Apostolica, Bispo de Niocastro, e Collector Geral de Sua Santidade, com poderes de Nuncio nestes Reynos, e senhorios de Portugal. A quantos esta nossa Provizaõ virem, fazemos saber, que havendo respeito ao que o Provedor, e Irmãos da Irmandade da Ave Maria sita no Mosteiro da Santissima Trindade da Villa de Santarem em sua petiçaõ atràs escrita dizem, e vistos, e considerados por nòs mesmos, e por meyo de pessoas de letras, e prudencia por nòs para isto deputadas: vistos os Estatutos conteúdos neste presente

livro

livro; e attenta a relação que sobre isto se nos fes Authoritate Apostolica *a nòs concedida, e de que uzamos nesta parte. Approvamos, e confirmamos os mesmos estatutos conteúdos, e ordenamos se guardem inviolavelmente pelos Irmãos da sobredita Irmandade, assim, e da maneira que nelles se contém, exceptuando o Capitulo setimo que trata das figuras, e habitos que houverem de levar quando se fizer a Procissaõ do Enterro do Senhor; por quanto he bem que as ditas figuras se possaõ acrescentar, variar, e minguar. E quanto ao Capitulo que trata das Indulgencias, Graças, e Privilegios concedidos pelos Summos Pontifices à Irmandade, naõ tem mister nossa confirmaçaõ. E no que toca a naõ receberem na mesma Irmandade pessoas que tenhaõ os impedimentos expressos no terceiro Capitulo destes ditos estatutos, e aos juramentos que houverem de tomar os Provedores, e que elles daraõ à quelles a que se haverà de encarregar o tirar as informaçoens, e ao guardar o segredo das couzas que se tratarem na Mesa, com a sobredita Apostolica authoridade, mandamos ao Provedor da mesma Irmandade, e Irmãos da Mesa que hoje saõ, e pelo tempo forem, em virtude da santa obediencia, e sobpena de excõmunhaõ mayor* ipso facto incurrenda, *cuja absolviçaõ a Sua Santidade, ou a nòs, e nossos successores sòmente reservamos, e havemos por reservada, cumpraõ, e inteiramente guardem, e façaõ cumprir, e inteiramente guardar tudo o que à cerca das ditas materias nos mesmos estatutos se ordena; e sob a dita pena mandamos que o escrivaõ que acabar de o ser, com vòs alta, e intelligivel lea esta*

noſſa Provizaõ na Meſa da dita Irmandade, para que o Provedor, e mais Irmãos della novamente eleitos, ſaibaõ ſuas obrigaçoens, ſem poder pertender ignorancia dellas; ſem embargo de quaeſquer couzas que em contrario haja. Dada em Lisboa ſob noſſo ſinal, e Sello, aos dès dias do mes de Abril. Famiano Andreuchi, Abreviador da Legacia a fes de 1639 *annos.* In honorem Sacratiſſimæ ſemper Virginis MARIÆ. Gratis. *Alexander Epiſcopus Neocaſtrenſis, Collector Apoſtolicus.* Regiſtada no livro ſegundo a folhas 198. *Filippe Carpino.*

Goza eſta nobre Irmandade de eſpeciais privilegios, dos quaes ſe fazem dignos os Irmãos que a adminiſtraõ. Della he Provedor hà muitos annos o Excellentiſſimo Conde de Unhaõ, e occupáraõ ſempre eſte lugar os principais fidalgos do Reyno. Tem por ley inviolavel as peſſoas que houverem de entrar por Irmãos neſte catholico, e ſanto congreſſo, naõ terem ſombra de mácula no ſangue, e ſerem reconhecidos primeiro por peſſoas bem purificadas, naõ ſó no ſangue, mas tambem nos bons coſtumes, e devotos procedimentos. A todos elles lhes ſaõ concedidas graves indulgencias, de que logaõ muitas graças, e honorificos privilegios, concedidos pelos Summos Pontifices. E aſſim tem obrigaçaõ, debayxo de graves penas, guardarem exacto ſegredo de tudo o que ſe ordenar no que toca ao regimen da Irmandade, e principalmente daquillo que praticarem nos actos da Me-

ſa;

ſa; por ſer tribunal que firmiſſimamente abona a verdadeira fé de JESU Chriſto, com os ſeos ſantos exercicios, e ſingular pureza do Chriſtianiſmo. Coſtumou ſempre eſta Irmandade em a ſexta feira da Semana Santa de tarde ſair pelas ruas principais da Villa com huma devotiſſima Prociſſaõ, à qual chamaõ da *Ave Maria*, em que ſe reprezenta o Enterro de Chriſto Senhor Noſſo, com muitas figuras ao vivo, dos Profetas, e outras mais que conduzem à propriedade deſte ſagrado miſterio. Porèm hà huns poucos de annos que eſtà ſuſpenſa eſta virtuoſa acçaõ por particulares dúvidas, que o Cabido da Dioceſe de Lisboa Oriental, Sede Vacante, teve com a dita Ordem Trinitaria

Como de primeira fonte, que com a occurrẽcia de ſuas criſtallinas aguas produz mais fontes em varias diſtancias, ſendo todas filhas do ſeu primeiro manancial; aſſim ſaõ filhos deſte Convento de Santarẽ todos os ꝗ a ſagrada Provincia Trinitaria tem neſte Reyno. E como todos naſcéraõ de taõ bom principio, de todos ſairaõ ſempre excellentiſſimos varoens em virtudes, e letras, ou jà nos pulpitos illuſtrando-os com a doutrina do Sagrado Evangelho, ou nas cadeiras com elegancia, enſinando as ſciencias litteralmente: que de alguns naturaes deſta Villa, para mayor credito deſta ſua Hiſtoria, em ſeos lugares delles faremos eſpecial lembrança. Naõ falta quem diga, que eſta Provincia que exiſte em Portugal

fora por muitos annos unida à de Castella, e naõ à de França; mas o que sabemos com mais certeza he, que pelos annos de 1323 começou esta insigne familia neste Reyno a ter Provincial proprio; o qual achámos ser o primeiro o dignissimo Fr. Affonso Pires, que depois foy Bispo da Cidade de Evora. E a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa, de que he Author o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, naõ despreza esta opiniaõ, allegando o livro dos Obitos de S. Vicente, em o qual diz, que estaõ escritas as seguintes palavras: *Sexto idus Februarii, obiit Frater Affonsus Pires, Provincialis Ordinis Sanctissimæ Trinitatis, & Eborensis Episcopus*; aonde naõ achou o anno de sua morte, mas só o mes, que foy aos outo dias de Fevereiro, que he o numero dos ditos dias, que aqui vaõ acima escritos.

Acha-se este Convento, por agora, falto de algumas officinas, em quanto senaõ acabaõ as obras que nelle estaõ delineadas, porque a casa que hade ser portaria està servindo de Igreja, e ainda que para portaria seja de bastante grandeza; para se celebrarem nella os Officios Divinos, forçosamente sempre hà de ser limitada; e por esta causa se uza neste presente tempo da porta da Igreja nova para serventia do Convento. Tem hum claustro que naõ he pequeno, o qual fazia hum principal corpo ao Convento velho, e porisso naõ tem a cantaria com aquelle lustre, e magnificencia com que hoje se costumaõ fazer seme-

lhantes

lhantes obras: em hum lanço delle, ſe entra para a caſa do Capitulo, e nella junto ao Altar em ſepultura raza eſtaõ eſtes dous ſeguintes Epitafios:

I. *Aqui jaz Ruy Dias de Souſa, que os Mouros mataraõ ſendo Capitaõ em Alcacere, filho de Lopo de Souſa, cuja oſſada mandou trazer ſua mulher Dona Guiomar Coutinho filha de Jorge de Mello, e de Dona Branca Coutinho, a qual mandou fazer eſta Capella, e os mandou aqui deitar.*

II. *Aqui jaz Ayres de Souſa Coelho, filho de Ruy Dias de Souſa, e de Dona Guiomar Coutinho, e ſua mulher Dona Franciſca da Cunha.*

Compoem-ſe mais eſte Convento de huma ampla cerca, toda bem murada, com hum poço de agua nativa, que he rara no alto daquelle ſitio de Marvilla, a qual rega dentro da meſma cerca huma viçoſa horta para util divertimento dos moradores deſta Caſa, que jà teve, e póde ter ſincoenta Religioſos, pois para eſte numero tem baſtante renda.

CAPITULO IV.

Da-ſe noticia da fundaçaõ do Convento de S. Domingos dos Padres Prègadores deſta Villa de Santarem.

PAra a individual noticia do principio, e fundaçaõ do Convento de S. Domingos dos frades deſta Villa, ſito no Chaõ da Feira; preciſo he

he primeiro fazer memoria do ſeu principal fundador, aquelle grande Varaõ Apoſtolico D. Fr. Sueiro Gomes, noſſo Portuguez, companheiro fiel do Glorioſo Patriarca S. Domingos, e ſeu primeiro filho do habito daquella por muitos titulos illuſtre, e ſagrada Ordem dos Prègadores. O P. Fr. Luis de Souſa na Hiſtoria Dominicana declara com bem largos documentos ſer D. Fr. Sueiro Gomes noſſo Portuguez, e muitos dos noſſos Eſcritores aſſim o affirmaõ, porèm de que familia foſſe athé aqui eſtà ignorado; e ſó achámos a noticia no Agiologio Luſitano, que foy Conego Regrante no Convento de S. Vicente, *extra muros* de Lisboa: allegando ſeu Author o Cartorio do meſmo Convento, e as Chronicas daquella Ordem deſte Reyno; Authores dellas D. Jozè de Britiandos, e D. Nicolao Coelho; aonde ſe diz que aprendeo as ſagradas letras: e que partindo dalli para Roma a negocios da Religiaõ, lá contrahio eſtreita amizade com S. Domingos. E ſendo no tempo em que o Summo Pontifice Honorio III. em vinte e dous do mes de Dezembro de 1216 confirmou aquella Ordem, ſe lhe aggregou D. Fr. Sueiro por voto, e obediencia, recebendo o novo habito das proprias mãos do Bemaventurado fundador S. Domingos: ficando-lhe por eſte principio entre os noſſos Portuguezes, o Dom, e elle o uzava, como ſe tem achado em varias Eſcrituras em que aſſignava ſeu nome; entendendo-ſe daqui que o Dom

Fr. Luis de Souſa. Hiſt. de S. Dom. l. 1. cap. 9. f. 19. part. 1.

Agiol. Luſitan. 27. de Abril em o text. f. 732. e no Commẽtar. 738. tom. 2.

Dom naõ o tinha só por ser de illustre geraçaõ, como era, mas por ter nelle a memoria da sua primeira Ordem, em que professára.

Conhecendo S. Domingos na pessoa de D. Fr. Sueiro o superior espirito de suas heroicas virtudes, e querendo o Santo Patriarca mandar a Espanha Missionarios, para que na sua Patria semeassem a doutrina do Sagrado Evangelho, e arrancar com a Divina palavra a sizania dos destraidos coraçoens; mandou quatro Religiosos doutissimos, sendo delles o Superior que os governava D. Fr. Sueiro Gomes: os quais discorrendo Apostolicamente por varias partes de Espanha, com grande fruto das almas, ficáraõ dous em Aragaõ, e hum em Castella. Estes depois deraõ principio àquellas Provincias da Ordem, que hoje existem em aquelle Reyno. Veyo D. Fr. Sueiro a Portugal para neste Reyno, como natural delle, aonde lhe entendiaõ a lingua, prêgar, e fundar para se hir estendendo a familia Dominicana; chegou a Alemquer pelo fim do anno de 1217, sendo bem recebido, com o favor da Infanta D. Sancha, que era ampáro das sagradas Religioens; a qual Senhora inflamada das celestiaes palavras do Servo de Deos, lhe deu no mais alto da Serra do Monte-junto, duas legoas da dita Villa para o Norte, a Ermida de Nossa Senhora das Neves, que já naquelle tempo era romagem de muita devoçaõ. Alli deu principio no anno de 1218, a huma humilde fórma de Con-

vento

vento ; donde deſcia aos lugares circumviſinhos a prègar, com tal devoçaõ e eſpirito, que entendendo todos os ouvintes ſer aquella a verdadeira doutrina do Author da vida, pois movia à penitencia os mais impedernidos corações. Alli lançou o habito a muitas peſſoas, que com inſpiraçoens do Ceo, conhecendo os enganos com que o mundo nos enlaça, pizando as honras, e dignidades tranſitorias, ſeguíraõ com aquella vida o caminho ſeguro poronde ſe chega a ganhar o premio da Bemaventurança, com a celeſtial doutrina que na companhia de ſeu virtuoſo Meſtre, e Prelado aprendiaõ. Vendo-ſe jà com ſuſtitutos capazes para o ſagrado miniſterio do pulpito, e para adminiſtrarem os Divinos Sacramentos, principalmente o da Penitencia nos confeſſionarios (redempçaõ dos peccadores) convocado neſte tempo o primeiro Capitulo Geral em Bolonha, ſe partio eſte ſervo do Senhor para elle apè, ſem mais preparaçaõ de alforje, que o ſeu Breviario; e para em todas as acçoens imitar a ſeu Padre S. Domingos, hia pelas eſtradas entoando Pſalmos, e varios Canticos em louvor de Deos Creador do Univerſo. E tornando na meſma fórma a ſegundo Capitulo, foy nelle nomeado primeiro Provincial de Eſpanha, para onde logo voltou, trazendo cartas do Summo Pontifice Honorio III, para que os Reys, e Prelados o ajudaſſem, e favoreceſſem nas determinaçoens de ſua ſanta vida. Viſitou em Caſtella, e Aragaõ

as

as Casas dos seus companheiros, que ainda naõ tinhaõ boa fórma de Conventos, supposto já tinhaõ feito muito fruto nas almas com as suas prègaçoens.

Chegado D. Fr. Sueiro desta terceira vez á Portugal, recolhido em Monte-junto, entendeo, que para a vida que professava, elle, e seos subditos era conveniente viverem em povoado quem exercitava o officio de converter almas pelo meyo da santa doutrina Evangelica. A este tempo sabendo os naturaes de Santarem a determinaçaõ daquelle Santo Varaõ Apostolico, o foraõ rogar com piedosas, e repetidas instancias, para que quizesse assistir naquelle povo, e fundar nelle Convento, pois tinhaõ grandes desejos de lograrem em a sua terra as celestiais palavras das suas prègaçoens, e de seus subditos: que para fundar em Santarem Casa de Deos, o ajudariaõ em tudo quanto pudessem; dizendolhe, que em hum sitio, que estava ao pè do monte da Ermida dos Apostolos, aonde chamaõ *Monteiràs*, havia huma grande Ermida, da qual se podiaõ servir, para logo celebrarem nella os Officios Divinos; e juntamente hirem fabricando junto a ella o Convento, como lhe parecesse: ou que dalli veriaõ em toda a terra o lugar mais adequado para o effeito de fundarem Convento. Resoluto pois o Santo Varaõ a deixar o Monte-junto, com aquella humilde morada, que ainda hoje em nossos tempos persevéra reparáda pela

adminiſtraçaõ dos Padres Dominicos deſta meſma Villa, de algumas ruinas que o tempo lhe tinha feito; e para ſe naõ extinguir a memoria da primeira fórma de Convento, que em toda a Eſpanha teve eſta ſagrada Ordem. Saíraõ daquella Serra D. Fr. Sueiro, e ſeos frades para Monteiràs de Santarem o anno de 1223, trazendo comſigo aquellas pobres alfayas q̃ poſſuiaõ, as quais eraõ taõ poucas, que todas as leváraõ debaixo dos braços, e o tudo eraõ huns poucos de livros, huns leves ornamentos da ſacriſtia, e humas mantas, que nas pequenas cellas lhes ſervião de abrigo.

Achárão em Monteiràs a Igreja bem accommodada, porèm para ſe prepararem de cellas em que dormiſſem, começárão logo a fabricar huns cubiculos de novo por ſuas proprias mãos; que alguns delles erão architectos. Deu o Provincial a adminiſtraçaõ da obra (para juntamente procurar officiaes que os ajudaſſem) a Fr. Domingos da Cunha, que tambem lhe foy lançado o habito pela mão de ſeu Padre S. Domingos, no tempo em que veyo a Segovia, e a Madrid, que deſde então ficou em Portugal, dando ſempre moſtras de eſclarecidas virtudes, como em ſeu lugar diremos; e porque neſta occaſião foy chamado ſeu Prelado D. Fr. Sueiro, por ElRey D. Affonſo II, para ſer Juis arbitro ſobre huma contenda q̃ tinha com o Arcebiſpo de Braga D. Eſtevão Soares da Silva, pelas graves per-

das,

das, e damnos que a ſua Igreja recebia dos Miniſtros reaes, do que queria ſatisfaçaõ: eſte bom ſervo de Deos foy logo, e os compôs com ſuaviſſima prudencia. Encomendou juntamente a Fr. Domingos, que em ſua auzencia eſcolheſſe o ſitio que mais conveniente foſſe com a viſinhança da Villa; porque ſe o mayor intereſſe, que os trazia da Serra, era o de ſe empregarem todas as horas no ſerviço daquelle Povo, naõ convinha, nem lhe parecia bem acertado ficarem longe delle; mais que em quanto ſe naõ achava melhora do lugar. Cuidadoſo andou Fr. Domingos em cumprir hum, e outro mandado: porque occupando-ſe com as mãos na preſente fabrica, buſcava com os olhos aquelle ſitio que melhor armaſſe a ſatisfazer a encomenda de ſeu Prelado. E pelas clariſſimas virtudes daquelles Religioſos, ſe agradáraõ tanto delles os naturaes da Villa, que naõ faltou quem deſſe o dinheiro para ſe comprar novo ſitio, em nome dos meſmos Religioſos, e logo ſe deu principio à operaçaõ da nova obra, ficando ainda os Padres no dito ſitio de Monteiràs.

Eſta Igreja que os Padres alli acháraõ, entende-ſe, que era obra que o noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques mandou fazer, para memoria de que naquelle lugar deu principio em huma ſexta feira à noute ſete de Mayo no anno de 1147, a tomar eſta Villa aos Mouros: e pela miraculoſa viſaõ que lhe appareceo no Ceo na-

quella mesma noute que entrou a escallar os muros desta terra. Desta grande Ermida, ou Igreja, sabemos por tradiçoens deduzidas de antiguidades, que muitos annos depois de naõ assistirem nella os Padres Dominicos, se nomeou, e ainda hoje se chama àquelle lugar *S. Domingos de Monteiràs*; porque ainda que daquelle sitio se transplantou o Convento para outro, sempre ficou alli hum Religioso da mesma Ordem que servia de Capellão; isto he pelo que diz o Licenciado George Cardoso no seu Agiologio Lusitano, em que allega os livros da Torre do Tombo: porèm se era o de que falla este Author, frade de Missa, ou Leigo, ou Ermitão, nos deixa ainda em dúvida este dito; porque no Cartorio da Camera desta Villa, achámos huma Provisaõ real delRey D. Joaõ o primeiro, que diz estas formais palavras no seu titulo: *Provisaõ do Senhor Rey D. Joaõ o primeiro, porque manda se naõ tome cousa alguma contra vontade ao Ermitaõ de S. Domingos de Monteiràs desta Villa de Santarem; e que possa este tirar os enforcados, e enterrallos.* E logo junto à dita Provisaõ, estão duas de confirmação: huma do Senhor Rey D. Duarte, e outra do Senhor Rey D. Affonso o quinto, cujo privilegio foy dado na Era de 1451 aos vinte e seis de Outubro; a primeira confirmação no anno de 1433 aos dezasete de Novembro; e a segunda senaõ declara a Era por estar alli lacerado o pergaminho. Com que naõ temos aqui que resolver; que

Agiol. Lusitano tom. 2. a 27. de Abril. Comment. letra b. fol. 739.

que como eſte ponto na graduaçaõ de peſſoas ſe naõ pode mais dicidir pelas razoens allegadas, ſe era Frade, ou Ermitaõ; delhe quem melhor ajuizar o ſentido que lhe parecer: mas ou foſſe hum ou outro, ſó o que temos por certo he que foy muito favorecido dos Reys deſte Reyno cõ grandes privilegios, e izençoens. E para podermos dizer como o tempo desfes eſta Igreja, e cazas do principiado Convento, naõ he facil, pois o naõ achámos eſcrito, nem hà hoje quem ſe lembre de haver alli raſtro de algũas deſtas couzas; prezume-ſe ſeria algum incendio, ou terremoto que à muitos annos a puzeſſe na ultima ruina.

Effeituada a compra do lugar para o novo Convento, em o ſitio que era chamado da *Magdalena*, no alto junto à Villa, onde hoje ſe vê o Moſteiro de Religioſas da meſma Ordem Dominicâna, chamadas as *Donas*; para a parte do meyo dia, ficando-lhe ao Sul o Convento que he hoje dos Padres da terceira Ordem do Patriarca S. Franciſco, em cujo lugar era antigamente Palacio dos Arcebiſpos de Lisboa. Aqui donde eſtà o Convento das Donas, deu principio Fr. Domingos do Cubo a abrir os alicerces, com geral applauſo, e alegria daquelle Povo, que foy no anno de 1225. E conformandonos com Fr. Luis de Souſa na Hiſtoria de S. Domingos deſte Reyno, naõ aſſiſtiraõ os Padres em Monteiràs dous annos completos. A eſta ſanta obra acodiaõ

Fr. Luis de Souſa Hiſt. de S. Dom. l. 2. fol. 69. tom. 1.

acodiaõ os devotos da Villa, concorrendo com todo o genero de materiais, condoendo-ſe de verem, que aquelles verdadeiros ſervos do Senhor tanto ſe empregaſſem no trabalho daquella obra, ſendo juntamente incançaveis de trabalhar em os pulpitos para o fim do bem das almas.

Depois de haver poucos dias que ſe tinha dado principio àquelle Artefacto, ſuccedeo hum eſtranho caſo, que ſe naõ eſtivera relatado em tanta eſcritura de graves Authores, e nòs naõ entenderamos q̃ ao poder de Deos nada he impoſſivel, naõ ſe poderia crer facilmente; e foy o caſo. Coſtumavaõ os officiaes deſta obra quando à noute deſpegavaõ do trabalho, deixar as ferramentas (que eraõ inſtrumentos daquellas operaçoens) todas juntas enterradas em huma caza, e quando hum dia pela manhãa foraõ para trabalhar, entráraõ em a caſa, e a víraõ taõ limpa do que nella deixáraõ, que nem huma ſó peça nella eſtava. Buſcaraõ-ſe com diligencia, entendendo ſer ocioſa traveſſura de algum vàdio, que de noute vagabundo foſſe por aquelle lugar; mas naõ ſe aſſentava que iſto aſſim foſſe, àviſta da geral devoçaõ com que todos à quelle bom feito aſſiſtiaõ. Queixavaõ-ſe todos, fallando com variedade no roubo. Quando acazo ſe ſoube, que em huma Ermida de N. Senhora que tinha a invocaçaõ da *Oliveira*, a qual eſtava diſtante daquelle lugar mais de duzentos paſſos para a

parte

parte do Norte, dentro nella ſe via lançada baſtante quantidade de ferramenta; foraõ lá para ver ſe era a meſma, e a achárao-na toda junta na meſma fórma que ficou adonde a tinhaõ deyxado, e levaraõna dalli para a obra continuando o trabalho ſem fazerem cazo do ſucceſſo, porque faziaõ graça delle: porèm a noute ſeguinte tiveraõ mais cautela, porque fecháraõ aquelles inſtrumentos com mais ſegurança ao ſeu parecer, e tornando pela manhã, na meſma fórma ſe acháraõ roubados como no outro dia antecedente ſe tinhaõ viſto: e naõ fazendo mais diligencia que hir hum correndo à dita Ermida, lá achou tudo o que faltava, como no dia de antes tinha ſuccedido. Dizem que iſto aſſim ſe vio ſer mais vezes em dias ſucceſſivos: mas ou foſſe pelo miſteriozo ſucceſſo, ou pelos Padres ſe agradarem mais do outro ſitio, ſendo por impulſo ſuperior, largáraõ maõ do da Magdalena, e ſó tratáraõ do da Senhora da Oliveira.

Era eſta Ermida da Senhora da Oliveira annexa à Paroquial Igreja da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova da meſma Villa. E correndo os Religioſos com aflictos rogos aos Conegos pedindolha, para alli fundarem Convento, logo com primoroſa liberalidade fizeraõ della gracioſa doaçaõ à dita Ordem. E como toda eſta operaçaõ vinha delineada daquella altura donde vem a melhor felicidade, pois em aquelle lugar quiz o Ceo com a ſua providencia ſe povoaſſe de

tanta

tanta maravilha da Divina graça (como adiante diremos) ficáraõ alli os Religioſos com melhor fortuna mais bem accomodados; porque huma nobre Senhora deſta Villa (da qual naõ ſabemos o nome, nem da ſua familia temos noticia, mais que eſta que eſtà no Cartorio do meſmo Convento) lhe deu huma quinta taõ grandioſa, e alli taõ miſtica, que cingia em circuito todo aquelle lugar da Ermida: ficando logo por eſte principio quaſi feito o Convento, com vinha, pomares, olivais, e juntamente cazas com Igreja.

Com eſtas grandióſas dádivas, ficou Fr. Domingos do Cubo muito alegre, louvando ao Senhor de todo o bem, por entender que aquella era a ſua vontade. Logo ſe começou a mudar de Monteiràs, e recolhendo-ſe com ſeos frades na nova caſa, e Ermida, a qual daquelle dia em diante foy perdendo o primeiro nome na memoria do Povo de Ermida da Senhora da Oliveira. Porèm conſta dos papeis antigos, e da Chronica de Fr. Luis de Souſa, no livro ſegundo da primeira parte a folhas 69, que aquelles Padres collocáraõ a Imagem deſta Senhora no Altar mayor quando ſe acreſcentou, e ſe fes mayor Igreja, aonde foy por muitos tempos venerada. Depois que corrèraõ os annos, fazendo-ſe o famoſo Templo que hoje exiſte, mudáraõ eſta Senhora para hum nicho q̃ eſtà em o dormitorio principal do Convento, aonde ainda em noſſos dias a vemos de aſſiſtencia.

A

A origem defta Senhora ter o titulo da *Oliveira*, naõ me foy poffivel averigualo por allegaçaõ de alguma efcritura. Alguns contemplativos entendèraõ, que fora apparecida em huma deftas arvores; porêm fem mais fundamento, que remeterem-fe ao titulo. Outros affentaõ com melhor tradiçaõ, e he o que entendo fer mais verdade, que eftava aquella Ermida junto a huma oliveira: porque como entaõ haveria alli poucas, ou nenhumas, feria por efte nome a Ermida diftinta das mais que havia na Villa. E para continuo abono de ifto parecer mais certo, temos huma miraculofa teftemunha taõ patente aos noffos olhos, que nos eftà perfuadindo a naõ crermos o contrario; pois naõ temos efficaz contrariedade que nos desfaça efta pia devoçaõ. Porque examinando eu com muita diligencia, e efpecialidade, pelos Religiofos mais antigos, e de boas noticias daquelle Convento, fe haveria tradiçaõ do principio, e nafcimento de huma oliveira que tem as fuas raizes emcima da parede da abobeda da mefma Igreja que hoje exifte, me differaõ, affim os Religiofos, como feculares antiquarios naturaes da mefma Villa, que aquella oliveira era a mefma que deu o titulo a efta Senhora; porque ao pè daquella parede eftava aquella primeira Ermida antes de alli haver Convento; que affim ficou na Ordem fempre viva efta tradiçaõ dos feculos paffados. E he muito para admirar, que eftando aquella arvore com a raiz fómente

em hum telhado de huma abobeda, tenha sempre a rama taõ viçosa, e florecente. Talves será advertencia do Ceo esta permanencia, para se entender a pouca razaõ com que os Padres que vieraõ depois daquelles primeiros, tiráraõ a Senhora do seu lugar em que estava, devendo fazerlhe alli mesmo sumptuosa Capella, para memoria do favor que lhes havia feito de os recolher, e amparar, e para a devoçaõ do povo recorrer a ella nas suas tribulaçoens, como Mãy de Misericordia, assim como o fes com os mesmos Religiosos, dando-lhe a sua Casa. Naõ faltou quem já com a penna na maõ por este motivo se mostrou magoado; porèm naõ vemos que athé aqui fosse executada com effeito a satisfaçaõ desta queixa. Tem a Imagem desta Sacratissima Virgem mais de sinco palmos de altura; he de pedra, e no braço esquerdo tem o Menino JESUS seu filho. E assim a Mãy, como o Filho tem coroas abertas, sendo da mesma pedra, que pelos seos feitios nos está tudo mostrando muita antiguidade.

CAPITULO V.

Em que se dà noticia do que se segue na fundaçaõ do Convento, e Igreja dos Padres Dominicos desta Villa.

TEndo os Religiosos formado huma limitada parte de Convento, sendo sómente o

que

que era ſofrivel para ſe agazalharem com ſocego, ſentiaõ porèm a pouca capacidade que a Ermida tinha para taõ grande concurſo de peſſoas que acodiaõ com muita devoçaõ a ouvir a ſuavidade da doutrina q̃ aquelles ſervos de Deos prégavaõ. Para evitar eſte inconveniente punhaõ o pulpito fóra da porta, e por entaõ lhe fizeraõ huma alpendrada alta, mas ſem mais perfeiçaõ que o que baſtaſſe para a gente ſe reparar da chuva, e do Sol. Sabendo ElRey D. Sancho ſegundo (no principio de ſeu governo) a grande incõmodidade que aquella pobreza dava ao povo, mandou dizer a Fr. Domingos do Cubo, que o que tocava a ſe edificar nova Igreja, e clauſtros, elle lhos mandava fazer, e que era ſervido correr a traça diſto por ſua conta. Mandou logo fazer os riſcos, os quais (diz o Chroniſta daquella Ordem) tinha huma couſa, e outra a meſma formalidade q̃ hoje ſe vê: porque ainda que a Igreja depois de muitos annos foy reedificada, ſempre repreſenta ter a meſma grandeza, e feitio. Porèm mal vio ElRey eſta obra continuada, porque o ſer elle deſpojado do Reyno a fes ſuſpender. Entende-ſe, que a vontade que tinha de que ſe acabaſſe era boa, pois vendo-ſe por ſua morte o teſtamento que fes em Toledo, adonde falleceo, achou-ſe nelle, que deixava para os gaſtos deſta obra trezentos maravidis, declarando no dito teſtamento (que naquelle tempo era coſtume ſer em Latim) a verba ſeguinte: *Mando operi*

Hiſtor. de S. Doming. l. 2. cap. 2. f. 69. verſ. 1. parte.

Prædicatorum de Santarem trecentos morabitinos: & mando quod dent eis de mea madeira de Ulisbona, & de aliis meis locis quam eis fuerit necessaria. Esta mesma verba affirma Fr. Luis de Sousa (no mesmo lugar allegado) ser fielmente tirada do proprio testamento: pela qual se vê, que naõ só concorria com dinheiro, mas tambem com as madeiras que tinha em todos os seus lugares, e quantas fossem necessarias para se gastarem na fabrica daquelle Convento.

Parada a obra da Igreja por algum tempo, pela morte delRey D. Sancho; e seguindo-se a ser senhor do Reyno seu Irmaõ ElRey D. Affonso terceiro, concorreo tambem com algumas esmolas para ella: porèm como isto naõ era gastar em obra que fosse sua propria, e de seu real mandado, afrouxou na operaçaõ; e mal se conseguiaõ as esperanças do fim que dezejava. Porque ficando ultimamente o dispendio só na pobreza dos frades, em tempos que pediaõ esmolas para o sustento commum, difficultoso era terem dinheiro para continuarem obras de grandeza: pois estavaõ traçadas em tal fórma que naõ podiaõ tornar atràs para se fazerem outras mais humildes. Vendo-se os Religiosos perplexos nesta consternaçaõ, uzáraõ de hum meyo, que destruisse de algum modo as forças destas contrariedades, que foy impetrarem do Summo Pontifice Alexandre quarto, huma Indulgencia passada no terceiro anno de seu Pontificado de

1257,

1257, para todos os devotos que deſſem eſmolas àquelle Convento com a tençaõ daquella obra ſe acabar: e foraõ tantas as que concorrèraõ de todo o genero de peſſoas, que em breves tempos ſe acabou, clauſtro, e Igreja. A Bulla deſta Indulgencia ainda hoje eſtà no Cartorio deſte Convento, a qual bem declara o eſtado em que eſtava a Igreja nas palavras em que diz: *Quam ibidem, ſicut accepimus cœperunt ædificare &c.*

Depois de paſſarem os dias deſta antiguidade correndo o tempo na diſtancia mais de duzentos annos, no de 1604, ſendo Provincial o Padre Meſtre Fr. Manoel Coelho, ſe vio a Igreja, e clauſtro tudo taõ deſatado de firmeza, que por ameaçar total ruina foy decretado na Ordem, que ſe desfizeſſem, e ſe reedificaſſem de novo. Deraõ a incumbencia da obra da Igreja ao Padre Preſentado Fr. Sebaſtiaõ de Payva (que em aquelle tempo era Prior do proprio Convento) o qual com grande fortaleza de animo deu principio à reedificaçaõ; concedendolhe para iſto a Provincia mais outros tres annos de Prelado ſucceſſivos, a fim de tudo ſe acabar em quanto elle governaſſe aquella Caſa. Ficou a Igreja na meſma fórma que eſtava d'antes; levantando-ſe outra ves o corpo dos meſmos alicerces da outra, e ſó na Capella mayor, cruzeiro com as ſuas Capellas, e as outras que eſtaõ em a nave do corpo da parte da Epiſtola, naõ ſe trabalhou, porque ſempre ficáraõ ſeguras. E aſſim na Igreja, como no clau-

clauſtro ſó ſe reedificou o que ameaçava ruina. Depois da Igreja eſtar acabada, e feita a ſacriſtia em que ſe guardava a capa de S.Domingos,e alli ainda hoje exiſte, deuſe principio ao clauſtro no mes de Agoſto de 1620, o qual tambem he de abobeda com varandas por cima deſcubertas, tendo para fóra em todos os lados grades de ferro: tem os ſeos arcos de boa pedraria liza, e bem ajuſtada: fica miſtico com a Igreja para a parte do Evangelho, e toma todo o comprimento do ſeu corpo, correndo igualmente parelha hum lanço do clauſtro com huma nave.

CAPITULO VI.

Em que ſe dà noticia da formatura da Igreja de S. Domingos da Villa de Santarem, e do mais que lhe pertence, com as ſuas Imagens milagroſas.

HE o ſumptuoſo artefacto deſta Igreja de baſtante grandeza, ſendo toda de abobeda de tijolo, e pintada toda ella de auguadas em preto com o melhor engenho que póde dar a arte da pintura. Tem tres naves com dez columnas ſinco em cada lado, todas da ordem Toſcana de boa pedraria os arcos, e as columnas. Tem o cruzeiro ſem columnas, e com zimborio. Na Capella mayor eſtà o coro: he o ſeu tècto de abobeda enredado todo de pedraria lavrada, com floroens muito engraçados: o retabulo

bulo da tribuna he de madeira entalhada ao moderno, mas ainda naõ tem ouro. He dedicada esta Capella a Nossa Senhora da Oliveira pelo principio que jà dissemos no capitulo quarto. Naõ tem Padroeiro Real, porèm he dos Saldanhas, e nella estaõ sepultados os corpos de D. Joaõ de Saldanha, e o de seu filho D. Antonio. Saindo desta Capella mayor, no cruzeiro à maõ direita està huma Capella funda para dentro, a qual he dedicada ao Menino JESUS que cresce, que do seu prodigio faremos adiante lembrança; em cuja Capella se guarda em huma custodia o precioso Sangue de Christo, em a beatilha de que já fizemos memoria no segundo capitulo do segundo livro da primeira parte desta Historia. Segue-se a esta no dito cruzeiro da mesma parte, a Capella em que està com decente culto, huma veneranda Imagem de Christo Senhor N. Crucificado do tamanho do natural, com o titulo do *Senhor dos Afflictos*, que dizem lhe crescem os cabellos da barba, e as unhas dos pès; e em huma face se lhe vê ainda hoje o final de huma lágrima; que lançou na despedida de hum noviço; e no meyo da parede da parte da Epistola està huma inscripçaõ com as letras abertas em boa pedra, que declaraõ a quem esta Capella pertence, onde se lém as palavras seguintes:

Capella que instituio Francisco Dias Castello, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro da Ordem de Christo, para seu jazigo, e mulher, e des-

descendentes, e administradores, e a quem estes derem licença. Anno de 1552. Diogo da Silva Castello, setimo administrador, mandou entalhar este Padraõ no anno de 1725.

Logo junto a esta Capella no espaldar do mesmo cruzeiro, està a de S. Fr. Gil, aonde se encerrou o corpo do dito Santo em magestoso tumulo de marmore, com quatro columnas levantadas de vinte palmos cada huma de alto, as quais se elevaõ a sustentar este artefacto, sendo toda a cobertura, que fas docel ao mesmo tumulo; fazendo tudo aceada obra da ordem Corinthia da mesma pedraria. E em hum nicho no espaldar debaixo do mesmo docel se vè huma Imagem da Virgem N. Senhora Mãy de Deos com o titulo da *Senhora das Virtudes*; e he a mesma que na casa do Capitudo antigo deste Convento fazendo-lhe ahi o Santo oraçaõ, fes que os demonios diante da mesma Senhora lhe lançassem a cedula que elle lhe tinha feito com o seu sangue. He esta Senhora de pedra, com o Menino JESUS seu Filho nos braços, que mostra estar vestido com huma óppa, e tem a Senhora tres palmos e meyo de altura.

Passando daqui, e entrando em a nave, que fica da parte do Evangelho, sobindo quatro degràos, porque he toda esta nave em fórma de coxìa, mais alta que toda a Igreja, assim o corpo, cruzeiro, e a outra nave, e aqui acabando de subir os degráos, fica logo a do Senhor JESUS à face

face da parede (que todas as Capellas desta parte assim são) cuja Imagem se venera por milagrosa, sendo do tamanho do natural. Ao pè desta Capella estaõ tres sepulturas razas com os seguintes letreiros. O da primeira diz: *Esta sepultura he de Dom Miguel de Noronha, filho de Dom Antonio de Noronha, e de Dona Maria Deça, sobrinho de Dona Leonor que o creou; e de Dona Joanna de Vilhena sua mulher, filha de Dom Francisco Coutinho, e de Dona Filippa de Vilhena.* A segunda diz: *Aqui jaz Dona Leonor filha de Dom Fernando de Menezes segundo Marquez de Villa Real, e da Marqueza Dona Maria Freire, que falleceo sem cazar de idade de setenta e sinco annos, na Era de 1563.* A terceira diz: *Aqui jaz Dona Margarida de Vilhena, filha de Dom Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, sobrinha de Dona Leonor, que a creou. Falleceo sem cazar de idade de sincoenta annos na Era de 1563.*

Segue-se a esta Capella do Senhor JESUS em a mesma nave, a de S. Domingos em Soriano, que antigamente era de S. Pedro Martyr, e ahi estaõ duas sepulturas com as inscripções seguintes. Diz a primeira: *Aqui jaz D. Catharina filha de D. Miguel de Noronha, e de Dona Joanna de Vilhena, que falleceo solteira, de idade de quatorze annos, na era de 1580.* A outra diz: *Sepultura de D. Filippa, filha de D. Miguel de Noronha, e de D. Joanna de Vilhena, que falleceo em Castella de quatorze annos; servindo as Infantes filhas delRey Dom Filippe no anno de 1583.*

Adiante desta Capella està a de N. Senhora do Rosario em magestoso throno, com hum excellente retabolo de talha moderna, que ainda que a sua planta he à face, tem tribuna retrahida algum tanto para dentro, e as columnas com bastante vão para fóra. Esta Senhora tem outo palmos de altura; he de vestir em roca, e ao pè do altar està huma inscripçaõ com as letras abertas em pedra que diz assim: *Esta Capella instituíraõ, Francisco Gonçalves, e sua mulher Innocencia de Andrade para elle, e seos successores, a qual dotáraõ a sua filha Elena de Andrade, primeira mulher de Antonio da Costa de Mesquita, que depois o foy de Gaspar Ferreira Aranha Cavalleiro do habito de Santiago, em que succedeo seu filho Simaõ Aranha, que a possue. Nella està sepultada sua primeira mulher Joanna de Siqueira, que falleceo a vinte e outo de Mayo de* 1638.

A Imagem desta Senhora, que hoje veneramos neste altar, implorada com tanta devoçaõ dos fieis catholicos, he antiquissima, e sempre teve o misterioso titulo do *Rosario*, sendo a mesma que tinha o Menino JESUS em seos braços, quando era Sacristaõ da mesma Igreja o servo de Deos Fr. Bernardo de Morlans, cujo Menino (a quem o povo chama o dos *Milagres*) vinha almoçar com os meninos da escóla deste Veneravel Padre. E porque aqui nos cabe dar noticia deste grande prodigio succedido pelos annos de 1240. Serà a sua narraçaõ na fórma seguinte.

De pays illustres, e ricos nasceo em Morlans,

na

na Provincia de Gaſcunha em França, o V. P. Fr. Bernardo, que teve o ſobrenome deſta meſma terra, aonde deu os primeiros paſſos da vida tranſitoria, para alcançar a eterna pelo caminho de ſingulares virtudes. As noticias que temos do ſeu principio ſaõ, que deſde menino ſe viraõ reſplandecer nelle os effeitos da graça com aſſombro da natureza: porque pezando as ſuas palavras com as ſuas acçoens, humas, e outras deſmentiaõ o verdor da puericia; moſtrando aos ſeos naturais com virtuoſos exemplos, que havia de ſer ſanto, e que jà começava a poſſuir na primavera de ſeos annos os dotes dos eſpirituaes theſouros, que a Divina Omnipotencia coſtuma depoſitar na alma dos ſeos eſcolhidos. Seguio-lhe a natureza a inclinaçaõ; e naõ podia deixar de ſer bem ſuccedido, que a boa intençaõ nas obras de virtude, he o melhor principio dellas para as felicidades do eſpirito: e reſoluto a trocar as riquezas, e pompas do mundo pelo ſayal da pobreza; penetrado o coraçaõ dos rayos com que o illuſtrava o ſol da graça: ferido do deſengano da vida, ſe reſolveo a paſſala no retiro de huma Religiaõ, para ſegurar-lhe alli no emprego de religioſas auſteridades, o premio das delicias, que ſe gozaõ na celeſte patria da Bemaventurança.

Neſte tempo ſe achava o Bemaventurado S. Fr. Gil em Ç,aragoça de Aragaõ, ſendo Provincial da ſagrada Ordem Dominicâna; pedio-lhe

Bernardo de Morlans o hábito, e logo lho deu, porque jà a este tempo o santo moço se fazia digno, naõ só de ser aceito, mas buscado para alguma das Religioens se enriquecer com joya taõ preciosa. Teve a Religiaõ Dominicâna esta ventura por meyo do Santo Fr. Gil, que o trouxe comsigo depois de lhe lançar o hábito para o seu primitivo Convento da Villa de Santarem. Aqui procedeo de maneira, que se athè alli lhe faltava o hábito para a vida religiosa, agora com elle, naõ só era perfeito noviço, mas espelho, e idéa da mayor perfeiçaõ. Alli tinha no santo Prelado propicios os seos intentos, para mais se aproveitar em virtudes, e letras, estas para a doutrina, aquellas para o exemplo. As luzes saõ mais intensas nos reflexos; era Fr. Bernardo o reflexo daquella luz, pois resplandecia com rayos taõ intensos de humildade, obediencia, oraçaõ, amor de Deos, e do proximo, que anciοso das delicias do Summo Bem, a elle só dedicava as esperanças, e consagrava os affectos: para que o mesmo amor de Deos tivesse sempre aberto o lugar no seu coraçaõ.

Neste Convento pois, com a religiosa disciplina de taõ santo Mestre, e superior Prelado; e com os exemplos dos mais subditos Religiosos; deu principio novamente Fr. Bernardo a elevarse em eminentes actos de virtude, com progressos taõ maravilhosos; que eraõ, a innocencia candida, a singela simplicidade, e virginal pureza de

ſua alma, claras demonſtrações da ſantidade com que florecia. A obediencia o conſtituio ſacriſtaõ na Igreja deſte Convento, em cujo lugar ſe portou com taõ extremada perfeiçaõ de vida, que divulgada na Villa, as peſſoas mais nobres della lhes traziaõ ſeos filhos, naõ ſó para lhes enſinar as primeiras letras, que ſe aprendem na tenra idade; mas tambem para receberem delle a educaçaõ de ſeos ſantos coſtumes, e virtuoſos procedimentos, e encaminhalos pela ſegura eſtrada do Ceo, com a doutrina chriſtãa. Dous deſtes meninos, que eraõ irmãos lhe aſſiſtiaõ continuamente como ſeos diſcipulos, dos quais diz a tradiçaõ, que ambos andavaõ veſtidos com o hábito de S. Domingos (por devoçaõ de ſeos pays) e nas manhãs depois de terem ajudado às Miſſas, ſe hiaõ para a Capella da meſma Senhora do Roſario, que em aquelle tempo eſtava collocada na que hoje chamaõ dos *Reys Magos*, que tambem lhe daõ o titulo de *S. Jacinto*, ſendo a meſma em que hoje vemos encerrado em hum ſacrario eſte Menino JESUS dos Milagres. Alli ſe aſſentavaõ aquellas tenras plantas, que o ſanto Meſtre talvez creava para felice ornamento do jardim ſagrado da ſua Religiaõ; pois ſe ſabia que eſtes dous diſcipulos amava muito Fr. Bernardo, por conhecer nelles a mayor bondade, e candidez nos coraçoens, que por iſſo ſe empenhava com diligencia eſpecial no ſeu enſino. E como athè àquellas horas ſempre eſtava o

Meſtre

Mestre occupado no ministerio do seu officio, alli sentados esperavaõ que elle lhe viesse tomar as liçoens, e ver as materias. Costumavaõ estes meninos trazerem sempre de sua casa as merendas (que naquellas idades pueris saõ estas companheiras inseparaveis da vontade) e fazendo hum dia meza no pavimento que fica ao pè do altar aonde estava a devotissima Imagem da Senhora com seu bemdito Filho nos braços: estando elles alli jà tomando a sua refeiçaõ, levantou hum os olhos, e pondo-os no que a Senhora tinha nos braços lhe disse com simplicidade propria, e innocencia pueril estas semelhantes palavras: *O' meu rico Menino quereis vòs merendar comnosco? se quereis, vinde para aqui sentarvos, que de boa vontade vos convidamos, e comereis do que nòs aqui temos.* Oh maravilha da Divina graça. Oh soberano Author da natureza! bem sabemos jà, que pelo vosso excessivo amor tinheis cifradas as vossas delicias nos filhos dos homens, e agora vos ouvestes com estes meninos, creaturas vossas, de sorte que parece affectastes apparencias de quererdes brincar com elles para fins taõ superiores. Mas porque Deos se paga tanto de sincéros, e puros coraçoens, para honrar vontades candidas, quiz aceitar com primorosa cortezia a offerta, que aquellas innocentes almas lhe fizeraõ com sinceridade, descendo dos braços daquella Virgem Santissima sua Mãy, sem attender, que podia parecer dezar de sua excelsa Magestade,

fa-

fazerſe delles hoſpede, e companheiro em aquelle convite. Inveja glorioſa ſerà ſempre dos mortaes, a ventura deſtes meninos Angelicos, pois lográraõ taõ grande dita, que merecéraõ ſerem tratados com tanto agrado de quem no ſupremo throno da gloria continuamente eſtaõ tremendo as Poteſtades. E depois que JESUS Menino eſteve com elles converſando, como quem ſe moſtrava agradecido a taõ proprias, e liberais vontades, ſe tornou a ſubir para os braços da Mãy Santiſſima: o que fes mais dias, e ſemanas, repetindo as deſcidas para continuar na aſſiſtencia dos convites, porèm voltando ſempre ao ſeu primeiro lugar.

Alheyos de alcançarem com o juizo taõ grande favor, e maravilha, contavaõ os ſantos meninos a ſua mãy com innocentes palavras o que ſe paſſava neſte particular, ou para que ella lhes acreſcentaſſe as merendas, pois tinhaõ para ellas outro convidado, ou ſeria unicamente pela candura do proprio genio, dando-lhe conta de tudo o que faziaõ àquellas horas em que eſtavaõ fóra de ſua caza. E naõ ſerà alheyo do bom diſcurſo, entenderſe daqui, que naõ faria a mãy muito caſo deſtas ſupplicas dos filhos, julgando talvez ſer por induſtria de quererem q̃ lhe deſſe o provimẽto mais copioſo. A ſeu Meſtre Fr. Bernardo deraõ tambem conta de todo o ſuccedido, ao qual ſe lhe fazia incrivel taõ nova maravilha; porèm como em tudo o que lhe contavaõ

eraõ

eraõ unifórmes, e concludentes as circuſtancias; ſabendo inteiramente a verdade, e derretido o ſeu coraçaõ em ardentes affectos do amor de Deos, glorificava ao Senhor pela ſua infinita bondade; e para que taõ grande mercê paſſaſſe a ſer de mayor proveito para os meninos, e elle tambem o participaſſe; quando os ouvio queixar, que o Menino JESUS todos os dias deſcia a merendar com elles, e que nunca os convidava; nem lhes trazia nada, fazendo reflexaõ neſte pueril reparo dos ſantos meninos, lhes diſſe com ſagrado intento, que quando o meſmo Menino tornaſſe a ſer ſeu hoſpede lhe diſſeſſem, pois que goſtava das ſuas merendas, era bem que os levaſſe huma ves a cear em caſa de ſeu Pay, e tambem com elles a ſeu Meſtre, porque elle queria, e elles dezejavaõ hir com elle de companhia. Ouvindo os meninos o conſelho do Meſtre ſe alegráraõ muito, e como os ſeos poucos annos lhes naõ davaõ lugar para atinarem com o miſterio daquella ſanta induſtria, ſem diſcorrerem mais no dito, com grande alvoroço eſperavaõ jà aquella hora para fazerem o que lhes era ordenado.

Seguio-ſe depois diſto o dia da ſegunda feira, antes da Aſcenſaõ: vieraõ ambos ao exercicio coſtumado, e naõ faltando o Divino hoſpede a comer com elles a merenda, às meſmas horas que coſtumava, tambem elles ſenaõ eſquecèraõ da encomenda do Meſtre. Ouviolhes o Divino

vino Infante a ſupplica com carinhoſo ſemblante, moſtrando agradarſe do que lhe pediaõ, e os convidou, prometendolhe, que dalli a tres dias lhes havia dar hum ſolemne banquete em caſa de ſeu Pay. Recebeo o ditoſo Meſtre com inexplicavel alvoroço a reſpoſta dos meninos, e conhecendo como ſanto Varaõ a dita ineffavel dos diſcipulos, julgou qual ſeria o banquete: porèm como elle dezejava, que aquella felicidade foſſe tambem ſua, mandoulhes que foſſem outra vès ao altar, e diſſeſſem ao Menino Jesus, que como elles traziaõ veſtido o hábito de ſeu ſervo S. Domingos, queriaõ obſervar as regras da meſma Ordem; porque confórme ellas naõ hiaõ os noviços a parte alguma ſem hirem de companhia com ſeu Meſtre.

O Senhor ſe dignou de aceitar a nova ſupplica, concedendo-lhes que foſſe tambem o ſanto Meſtre, e ſe deſſe por convidado; e tendo o ditoſo Padre o ſeguro da dezejada repoſta, com ſingular alvoroço, e grande diligencia, ſe prevenio de veſte nupcial para aſſiſtir em taõ ſagrada meſa. Fes confiſſaõ geral de toda a ſua vida, e mandou aos diſcipulos, que fizeſſem o meſmo, que ainda que a vida no retiro da Religiaõ he hum perpetuo aparelho para a meſa da Gloria; ainda aſſim ſempre he de grande confuſaõ, e temor para os mais perfeitos a ultima hora da vida. E ſe hum ſanto Varaõ, qual foy Fr. Bernardo de Morlans, que era de vida inculpavel de-

ligenciou com tanto cuidado a limpeza da sua alma, e das de seos discipulos para irem para Deos, que os queria, e os chamava em tempo certo, e determinado, que faráõ, ou que serà daquelles, que sem saberem o dia, nem a hora da sua morte, naõ buscaõ amiudo com ancioso temor esta veste nupcial, por meyo da confissaõ.

Chegada a quinta feira seguinte, dia em que o mesmo Senhor JESUS, despois de deixar resgatado o mundo da culpa universal, subio com glorioso triunfo a entronizarse na celeste eminencia do Empyreo; collocando à maõ direita de Deos Padre a nossa natureza: neste ditoso dia, derretendo-se Fr. Bernardo em fervorosos actos de amor de Deos, esperou aquelle tempo de solemnizar a ultima Missa por ser mais visinha à hora em que o Senhor sobio ao Ceo. Acabados os Divinos Officios da Missa Conventual, a cuja celebraçaõ assistio com os santos meninos; e assim que toda a Communidade foy para o refeitorio, declarou elle aos discipulos o mysterioso segredo do convite; confortouos, e ensinoulhes o que deviaõ fazer. Despois de ter feita esta diligencia, se revestio, e disse Missa no mesmo altar dos Reys, onde tinhaõ succedido as merendas, servindolhe alli os dous discipulos de acólitos: e bem se deixa entender a devoçaõ do seu espirito com que elle celebraria. Deu a communhaõ aos ditosos meninos; e tanto que

aca-

acabou a Miſſa, aſſim como eſtava reveſtido nos paramentos ſacerdotaes, poz-ſe de joelhos entre elles diante do meſmo altar, levantando todos tres as mãos ao Ceo, e os olhos ao Menino JESUS dos braços da Senhora, eſperáraõ a felice hora em que haviaõ de ſer chamados às vodas eternas, e logo rendèraõ ſuas ditoſas almas ao Senhor que comſigo os levou a caſa de ſeu Eterno Pay, a goſtarem por toda a eternidade do immortal banquete para que foraõ convidados. Neſta fórma lhes foy concedida a divina promeſſa, pois aſſim os achou a Cõmunidade quando veyo dar graças, os corpos direitos de joelhos, com as mãos levantadas, e os olhos poſtos no Ceo, que pareciaõ eſtarem moſtrando o lugar para onde ſuas ditoſas almas glorioſamente tinhaõ voado; ficando ſeos corpos de tal ſorte, que naõ pareciaõ deſanimados, mas que eſtavaõ em extaſis de elevada contemplaçaõ.

Os Religioſos que conheciaõ as grandes virtudes de Fr. Bernardo, ſabendo que no tempo em que contemplava em Deos, ſe privava de todos os ſentidos corporaes, entendéraõ à primeira viſta, que aſſim eſtava alli orando: porèm paſſando-ſe algum tempo vendo que naõ acabavaõ a oraçaõ, ſe chegáraõ a elles, e ſabendo que eſtavaõ mortos ficáraõ atónitos, ſem ſaberem diſcorrer na cauſa de mortes taõ repentinas. Com notavel admiraçaõ ſe divulgou o caſo pela Villa; vieraõ logo a eſta Igreja os pays, e pa-

rentes daquelles novos Serafins, defcobrindo com lagrimas de alegria algumas circunftancias ignoradas athè entaõ dos Religiofos, e do que differaõ fe confirmou com o que bem fabia o confeffor do Beato Fr. Bernardo, que foy o Senhor fervido foffe tudo manifefto para mayor honra, e gloria fua. Os Padres do mefmo Convento com lagrimas de devoçaõ deraõ particular fepultura a eftes Angelicos, e ditofos amados do Senhor. Porèm como em aquelle tempo os Religiofos que eraõ moradores naquelle Convento, ou para melhor dizermos, em aquelle feminario de fantos, unicamente fe empregavaõ em feguir com a imitaçaõ as obras de virtudes, e naõ celebralas com narraçoens hiftoricas, puzeraõ nifto taõ pouco cuidado, que naõ efcrevèraõ coufa alguma deftas memorias, que fe devia fazer para admiraçaõ dos feculos vindouros, fendo efte prodigio taõ digno, naõ fó de fe regiftar em papel, e pergaminho, mas para fer efculpido nos bronzes com letras de ouro; porèm temos noticias, que foy efte cafo no anno de mil duzentos e fetenta e fete.

Toda a noticia defta grande maravilha do Ceo (àlem das verdadeiras, e firmes tradiçoens relatadas por taõ graves Efcritores) teve principio de huma antiga pintura, que o Senhor quiz fe confervaffe para nos ficar mais viva nos coraçoens efta lembrança: a qual fe fes logo quando fuccedeo o cafo fobre o caixaõ em que

foraõ

foraõ ſepultados os corpos dentro na meſma Capella, e defronte da Sacratiſſima Imagem da Senhora. Via-ſe alli pintada huma Imagem da Virgem Senhora Noſſa, com os veſtidos ao antigo, ſobre hum altar, e ao pè delle o Menino JESUS ſentado, e comendo entre os dous meninos, veſtidos ambos no hábito de S. Domingos: e affirma o relatorio do Agiologio Dominicâno, que naquelles meſmos dias deſtes ſuaviſſimos tranſitos, importunados do devoto povo, e pays dos meninos, os Padres daquelle Convento, permittiraõ ſe fizeſſe eſta pintura ſobre a caixa em que foraõ ſepultados defronte do altar da meſma Capella E dezejando deſpois os Padres do Convento mudar a antiga fórma da Igreja, naõ ouzavaõ a fazello, por naõ deſtruirem a parede, em que ſe conſervava aquella noticia memoravel que alli eſtava à tantos annos. Porèm no tempo em que era Prior daquella Caſa o P. Fr. Miguel do Roſario, parecendo-lhe, que rompendo-ſe aquelle lugar onde eſtava a pintura, ſe acharia mais alguma clareza daquella antiga tradiçaõ, quiz que ſe fizeſſe eſta diligencia diante de Juizes Eccleſiaſticos. Para iſto foy rogado o Vigario Geral da Villa, e dous Notarios Apoſtolicos com muitas peſſoas da mayor nobreza, e mais alguns Religioſos da meſma Ordem, que ſe quizeraõ achar preſentes. O que ſe ordenou primeiro que tudo, foy examinarem bem a pintura, e a ſua antiguidade, e todas as circunſtancias

Agiol. Domin. tom. 2. a 23 de Mayo, pag. 416.

cias que ella tinha, e logo della fizeraõ relaçaõ por auto publico. Despois tratáraõ de romper a parede, e a poucos golpes viraõ huma grande pedra lavrada. Tiráraõ-na abaixo com grande alvoroço, e devoçaõ, abríraõ-na em prezença de todos, e acháraõ dentro dous envoltorios, os quais quando os descobríraõ lançáraõ de si suavissima fragrancia, que alegrou os coraçoens, e causou nova maravilha. Tinha hum destes envoltorios os ossos do Bemaventurado Fr. Bernardo, que se conhecéraõ pela grandeza da caveira, e estatura do corpo. No outro estavaõ os ossinhos mais pequenos, e delgados, que eraõ os dos meninos Santos com duas caveiras, huma quebrada em varias partes, e a outra inteira; e em algumas partes destes pequenos corpos se viaõ ainda sinais de carne. Acháraõ-lhe alli bastantes cabellos curtos, que logo se entendeo serem dos cercilhos, e juntamente huns pedaços de panno branco, que mostravaõ ser dos hábitos dos meninos. Vendo-se logo estar taõ manifesto tudo o que buscavaõ, fez-se instrumento publico, ficando authentico, cuja invençaõ se celebrou com grandes festas, assim na Villa, como no Convento dos Religiosos. Estas reliquias se puzeraõ logo no altar da Capella mayor, e ahi manifestou Deos ao povo o valimento destes seos servos, fazendo varios beneficios aos que recorriaõ ao seu patrocinio. De tudo isto se deu conta ao Illustrissimo D. George de Almeida, que

que naquelle tempo era Arcebiſpo de Lisboa, o qual Prelado ordenou, que ſe fizeſſe huma Capella, em que ſe puzeſſem as ſagradas reliquias. Eſta Capella he a que chamaõ dos *Santos Reys Magos*, pela antiga pintura que tinha delles; eſtà no cruzeiro ſaindo da Capella mayor à maõ direita; nella ſe guarda a meſma prodigioſa Imagem do Menino JESUS em hum ſacrario, que fica no meyo do retabolo, e nelle eſtaõ em meyos corpos de vulto as reliquias do Meſtre, e dos diſcipulos, e daqui transferiraõ a Sacratiſſima Imagem da Senhora para o altar do Santiſſimo Roſario, que fica na nave alta do corpo da meſma Igreja, aonde hoje ſe venera com decente culto. Eſte maravilhoſo caſo, conforme as melhores authoridades, no que toca a ſaberſe o anno dos ſuaviſſimos tranſitos deſtes bons ſervos do Senhor foy no de 1277, e a invençaõ dos ſantos corpos, no de 1577. O Agiologio Luſitano a outo de Mayo, letra b, no Cõmentario pag. 128 dà noticia, que a cabeça do B. Fr. Bernardo de Morlans, ſe guarda entre innumeraveis reliquias na Caſa de Bargança, pedida pela Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte, e mãy do Duque D. Theodoſio: e juntamente dà noticia de quatorze Authores graves, que eſcrevèraõ deſta ſantiſſima, e eſtupenda maravilha.

A eſta Capella da Senhora do Roſario, ſegue-ſe a de Santa Catharina de Sena, Imagem muito

muito milagrosa, a qual tem em sua figura esculpidas as sinco Chagas de Christo (que assim se deve pintar, por hum prodigio que consta da sua vida.) He tradiçaõ antiga deste Convento, dizerse, que em certa occasiaõ affirmára huma pessoa ecclesiastica, que em alguns tempos se tinha visto nesta Imagem apparecerlhe miraculosamente o sangue das chagas das mãos, mais vivo, e fresco. E para o ecclesiastico examinar a seo modo o prodigio por duvidar desta maravilha; prometida por Deos a esta Santa, deyxouse ficar huma vez occulto na Igreja, e chegou-se à mesma Imagem com hum canivete para lhe tirar aquelles sinais, o que pondo por obra, naõ só as raspou, mas cortoulhe fóra toda a grossura da encarnaçaõ, para ver se de todo ficava sem o vermelho das chagas; e por mais diligencia que fes para este effeito, nunca lhe foy possivel extinguir a propria côr do sangue; antes cadaves apparecia mais vivo, e mais copioso, vendo-se visivelmente ser cousa sobrenatural. Tem a Imagem desta Santa seis palmos de altura, e he de madeira estofada.

Entre esta Capella de Santa Catharina de Sena, e a da Senhora do Rosario està huma sepultura raza, tem o escudo das armas dos Sousas, com o seguinte Epitafio:

Aqui jaz Domingos de Sousa do Concelho delRey nosso Senhor, falleceo a quatro de Outubro de 1543.

Mais adiante desta Capella de Santa Catharina se segue

ſegue a de S. Gonçalo, que he a ultima deſta nave; tem ſeu retabolo de madeira com quatro columnas retorcidas tendo os capiteis da ordem Corinthia dourados com as ſuas vazas, e tudo o mais he pintado, fingindo ſer pedra da Arrabida. A Imagem deſte Santo he milagroſa, e tem-ſe experimentado muitos prodigios nas peſſoas q̃ a elle recorrem eſpecialmente padecendo o mal de ſezoens. Eſtà collocado no meyo do retabolo em cima de huma ponte, com hum cajado na maõ direita, e hum livro na eſquerda, he de madeira, e tem ſinco palmos de altura. Junto a eſta Capella ſe vè hum padraõ com eſcudo das armas dos Andrades, e Souſas, em o qual ſe lem as ſeguintes inſcripçoens:

Eſta Capella he de Antonio de Andrade Carvalho; e de ſua mulher Antonia de Toàr de Souſa, e herdeiros. Tem obrigaçaõ de cento e dezanove Miſſas cada anno, e dous Officios de nove liçoens.

Tornando a dar noticia das mais Capellas deſta Igreja, a primeira no cruzeiro, ſaindo da Capella mayor à maõ eſquerda, he funda para dentro, e dedicada aos glorioſos Martyres S. Coſme, e S. Damiaõ, que tem as ſuas figuras pintadas em hum pequeno retabolo q̃ fica por cima do altar.

A outra que ſe ſegue a eſta Capella, tambem funda para dentro, da meſma parte no cruzeiro, he dedicada a S. Pedro Apoſtolo, cuja Imagem eſtà ſó no meyo do altar, he de vulto, e tem ſinco palmos de altura, moſtrando

pela sua escultura ser muito antiga. Dentro nesta mesma Capella estaõ tres sepulturas levantadas, e a que está à parte do Evangelho he superior às outras duas na grandeza, e lavor da pedra, com huma grande figura esculpida de escultura inteira, deitada na tampa por cima da mesma sepultura, e tem o seguinte epitafio na principal face do caixaõ:

Aqui jaz o muy honrado famoso Doutor Martim do Sem do Concelho do muy alto, excellente, poderoso Principe, e Rey Dom Joaõ, e do Infante Dom Duarte seu filho primogenito, e seu Chanceler mòr: o qual por seu muito talento foy por elles em a embaixada aos Reynos de Inglaterra, e de Castella.

E defronte desta mesma Capella, entrando pela porta deste cruzeiro à maõ esquerda, està em huma pedra, que se vè embebida na parede o epitafio seguinte:

Aqui jaz o honrado, e nobre Cavaleiro Nuno Pacheco, com a honrada Dona sua mulher, o qual foy em todos os feytos, que por ElRey Dom Affonso o quinto nestes Reynos de Portugal, e Castella, e Africa se fizeraõ. Finouse na Era de mil quatro centos e noventa e tres annos.

Entrando do cruzeiro desta Igreja, pela nave que fica à parte esquerda, a primeira Capella he dedicada a S. Bartholomeo, he tambem funda para dentro; tem nella hum meyo arco todo de pedraria lavrada, em fórma de obra Moisaica, embebido na parede, em que se vê huma

huma grave ſepultura de boa pedra, com huma figura de hum varaõ deitado, eſculpido na tampa do caixaõ da meſma ſepultura, veſtido todo de armas brancas, e em baixo eſtà o ſeguinte letreiro:

Aqui jaz Franciſco de Faria, fidalgo da Caſa delRey noſſo Senhor; o qual falleceo a nove de Junho de 1528.

A ultima Capella que ſe ſegue neſta nave à de S. Bartholomeo, he a dos Irmãos Terceiros do Patriarca S. Domingos: cuja Veneravel Ordem foy erecta neſta Villa de Santarem em noſſos tempos pelo P. Fr. Franciſco de Noſſa Senhora do Roſario, e confirmada aos dous dias do mes de Março anno de 1726, ſendo Provincial o Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Jozè de Santo Thomàs. O primeiro Prior que eſta Irmandade teve neſta terra foy o Padre Jozè de Siqueira, Prior que he hoje da Paroquial Igreja de S. Nicolao deſta meſma Villa, e primeiro Suprior Bernardo de Souſa Fróes, e Secretario Domingos Correa de Azevedo. He intitulada eſta ſanta Irmandade *Milicia de JESUS Chriſto*, ou da *Penitencia de S. Domingos*, à imitaçaõ da meſma que inſtituío eſte glorioſo Patriarca pelos annos de 1221, governando a barca de S. Pedro Honorio terceiro, no quinto anno de ſeu Pontificado, para defender com ella os erros dos Hereges: e o principal de ſeu relatorio diz aſſim: *Tertiarii utriuſque ſexus ordinis noſtri, qui dicuntur de*

Hyac. Donat. Layn. pagin. 280. trat. 16. tomo 1. q. 1.

de Militia JESU Christi, vel de Pœnitentia S. Dominici.

Esta Capella da Irmandade he de mayor vão para dentro que todas as mais desta Igreja; tem hum retabolo de talha moderna muito bem obrado, e no meyo delle se vê collocada huma perfeita Imagem de Christo Senhor Nosso crucificado do tamanho do natural. No pavimento, que toma todo o vão da Capella estaõ tres sepulturas, que pelos seos letreiros mostraõ serem de varoens illustrissimos, cujas inscripçoens saõ as seguintes:

1. *Aqui jaz Ruy Telles de Menezes, Mordomo mòr que foy da Rainha D. Maria, mulher delRey D. Manoel; e depois Governador, e Mordomo mòr da Infante D. Isabel sua filha Rainha de Castella, e Imperatriz de Alemanha: e assim foy Mordomo mòr da Rainha D. Leonor, terceira mulher do dito Rey: o qual foy filho de Fernaõ Telles de Menezes, e de D. Maria de Vilhena. Falleceo terça feira treze de Outubro, annos de 1528.*
2. *Aqui jazem Bras Têlles de Menezes, filho de Ruy Têlles de Menezes, e de Dona Guiomar de Noronha, Camareiro mòr, e Guarda mòr que foy do Infante D. Luis: falleceo a outo de Dezembro de 1526 annos; e D. Catharina de Brito sua mulher, que falleceo a 17 de Junho de 1549.*
3. *Aqui jaz Andrè Têlles de Menezes, filho de Ruy Têlles de Menezes, e de D. Guiomar de Noronha, Mordomo mòr, que foy do Infante D. Luis, filho*

del-

delRey Dom Manoel. Falleceo a 18 de Abril de 1562 annos.

CAPITULO VII.

Da-se noticia do Bemaventurado S. Fr. Gil; dos seos progressos, e vida que teve neste Convento, e nelle o seu glorioso transito.

SUpposto termos jà dada no capitulo antecedente a principal noticia da formatura, e ornamento de que se compoem esta fermosa Igreja, justo he agora ampliarmos esta lembrança com a memoria de hum Varaõ taõ santo, que encheo o mundo de admiraçoens, com assombro de suas portentosas virtudes, o Beato Fr. Gil, ornamento singular da sagrada Ordem Dominicâna, gloria de Portugal, e honra de Vouzèlla sua patria. E porque temos nesta Igreja encerrada a preciosa joya de seu corpo, diremos aqui com a brevidade possivel os effeitos da sua predestinaçaõ.

No anno de 1185 nasceo Fr. Gil junto à Villa de Vouzélla, q̃ he termo da nobre Cidade de Vizeu, cabeça do Concelho de Lafoens: seos progenitores eraõ naquelle tempo illustres pelo sangue, e muito mais o ficáraõ sendo na posteridade pelas heroicas virtudes de seu filho Gil Rodrigues, que assim foy o seu nome: seu pay se

ſe chamou D. Ruy Paes de Valladares, fidalgo dos principais do Reyno, do Concelho delRey D. Sancho primeiro, ſeu Mordomo mòr, e tambem Alcaide mòr do Caſtello, e Cidade de Coimbra. A māy ſe chamava D. Tareja Gil, filha de Fernaõ Martins de Almeida, Senhor que era da famigerada quinta da Caballaria, a qual fica em pouca diſtancia da dita Villa ao Poente; venturoſo lugar, q̃ mereceo lograr a dita de dar ao mundo tal maravilha da graça, pois alli naſceo o noſſo Santo Fr. Gil, inclyto Thaumaturgo Portuguez, e vaſo de eleiçaõ; do qual ſe póde entender que quiz Deos (como em outro Saulo) empregar os effeitos da ſua Divina Omnipotencia, torcendo-lhe o genio em que percipitado cahia, para lhe levantar o eſpirito à eminencia da mayor ſantidade.

Teve Fr. Gil na infancia de ſeos annos grande inclinaçaõ para as letras; peloque o mandáraõ ſeos pays a Coimbra, onde eſtudou, naõ ſó a Gammatica, mas tambem Filoſofia, e Medicina no real Convento de Santa Cruz da meſma Cidade; e foraõ taes os ſeos progreſſos na eminencia com que ſoube eſtas faculdades, que divulgando-ſe por todo o Reyno, e afamado ſeu raro engenho, ElRey D. Sancho primeiro, por dar mais premios a ſeu pay em ſatisfaçaõ dos muitos ſerviços que lhe tinha feito, lhe deu copioſas rendas em beneficios eccleſiaſticos neſte Reyno; os quais foraõ tres Coneſias em Braga, em

em Coimbra, e na Guarda: e juntamente dous Priorados, hum em Santa Iria na ribeira da nossa Villa de Santarem, outro na Igreja de Santa Maria em Coruche. E demais disto teve o Arcediago da terceira cadeira na Sè de Lisboa, e a Thesouraria na de Coimbra. Tempo era este em que se sofriaõ estas deformidades de se poder gozar dos frutos de muitos Beneficios Ecclesiasticos, sem se servirem pessoalmente as Igrejas: mas concederlsehia isto só naquella Era, ou attendendo à relevancia das letras, ou ao illustre do sangue.

Vendo-se este mancebo Gil com oppulencia na primeira florente idade de seu mundo, rico em taõ breve tempo dos bens da fortuna, sem contrariedade de quem lhe podesse atalhar os passos aos impulsos da liberdade com que absoluto vivia despenhado em torpes designios, largou as rèdeas aos máos pensamentos por todas as estradas dos vicios, que a pouca idade, e a torpeza da carne lhe sugeriaõ. E naõ lhe satisfazendo tanta dissoluçaõ o appetite, cadaves mais procurava com desveladas lascivias novos desatinos. Sabendo o demonio que Gil naõ tratava das cousas do espirito, e só se dava todo aos deleites da sensualidade, lhe introdusio na idéa, que pois elle era taõ grande Filosofo, e tinha jà tanta sciencia da Medicina, que para se fazer consummado nella fosse a Pariz, que naquelle tempo era Universidade em que florecia mais esta faculdade, que em outra qualquer parte do mundo,

mundo, e que de lá viria ſuperlativamente ſciente. Vencido da eſperança deſtes goſtos, e honras de que jà ſe fazia ſenhor, partio deſte Reyno para França. O inimigo que lhe tinha proſtituido os penſamentos, quiz acompanhalo nos paſſos, ſahindolhe ao caminho no principio da jornada em figura humana; e das praticas que foraõ tendo, conciliáraõ grande amizade: dizendo-lhe que hia para a meſma parte. Affeiçoouſe-lhe o mancebo Gil de ſorte, que lhe deſcobrio toda a ſua vida, e determinaçaõ.

O disfarçado inimigo, com a ſagacidade que delle ſe póde preſumir, lhe louvou os intentados fins, porèm reparou nos meyos; dizendo-lhe: Meu amigo, eu vos digo, que muito bem fazeis em intentar pôr por obra eſſas couzas que me tendes revelado, porque aſſim ganhareis grande nome, e vos fareis famoſo no mundo: mas ſabey, que eſſe meyo que eſcolheis da Medicina, nunca póde ſer bom para o que intentais, pois com eſſe exercicio naõ podeis paſſar a vida com deſcanço. E ſenaõ dizeime: Hà occupaçaõ mais funebre, mais pezada, e trabalhoſa, que a de Medico? continuamente he lidar entre agonias, e lutos dos mortos que partem deſte mundo; e por conſequencia ouvir os prantos, e ver correr as lágrimas dos vivos que ficaõ. E que contentamento, ou felicidade póde haver entre tantos males, vivendo continuamente entre gemidos, e encontrando a morte a cada paſſo. Outra ſciencia

encia mais alta ſey eu q̃ hà no mundo, em que vós com muita facilidade podeis ter melhor dita: e certamente ſey que aſſim como he facil de aprender a quem tem as voſſas letras, e capacidade, aſſim tambem he facil, e poderoſa para fazer alcançar o que ſe dezeja: pois he eſta a nobre, e ſingular arte da Nigromancia, taõ admirada no Orbe, como de poucos ſabida, ainda que de muitos dezejada. O eſtragado mancebo ouvindo eſtas razoens, que o fingido amigo lhe propoz com tanta deſtreza, e ſagacidade, cego dos ſeos depravados appetites, logo lhe deu credito, dando a ſi meſmo com grande alvoroço os parabens de achar hum homem que tanto lhe encheſſe as medidas do ſeu dezejo, e que tambem o encaminhaſſe. E reſpondendo ao pay da mentira lhe diſſe: Muito folguei de vos ouvir taõ boa advertencia; peçovos com todo o encarecimento que me encaminheis para eſſa eſcola; porque eſta ſciencia he ſó a que quero, e a que me convém. Prometeolhe o meſmo que lhe deu o conſelho de o acompanhar ſempre; e tomando as eſtradas foraõ parar a Toledo, conduzindo-o logo o meſmo demonio ao lugar em que aſſiſtiaõ os leitores e meſtres da perdiçaõ.

Junto àquella cidade de Toledo, em hum tenebroſo valle ſombrio, ſe diviſavaõ duas profundas, e cavernoſas covas, dentro das quaes eſtavaõ as luciferinas aulas daquella infernal academia, aonde o princepe das trevas, ditan-

do a poſtilla, lia a ſeos diſcipulos a arte da Nigromancia. Admittido Gil com muita brevidade àquelle infernal conſorcio, ſairaõ logo dalli com grande feſtejo, e alaridos os miſeraveis diſcipulos que lá eſtavaõ, mandados pelo ſeu meſtre a receber o novo diſcipulo, levando-o com grande alegria, e afagos à prezença de Lucifer, que eſtava ſentado na peſtifera cadeira magiſtral. Naõ lhe faltáraõ neſta occaſiaõ ao perdido mancebo eſtimulos da conſciencia para cair em ſi, e para conſiderar bem o que fazia, pois jà eſtava vendo com horroroſo eſpanto, que lugar ſeria aquelle. Porèm como eſtava adormecido, e engolfado nos deleites ſenſuais, nas honras, e nas riquezas que eſperava por eſte meyo, naõ quiz dar ouvidos às interiores vozes com que o ſeu coraçaõ o acordava. Reſoluto ſem mais embaraço algum, pedio logo o diſgraçado Gil que o matriculaſſem; o malvado reytor lhe reſpondeo, que de boa vontade o queria por ſeu diſcipulo, ſatisfazendo elle primeiro os eſtatutos, e guardando as leys daquella Univerſidade. Prometeo o infeliz mancebo de naõ faltar em couſa alguma do que alli lhe mandaſſem; e logo ſe lhe léraõ os eſtatutos, que bem moſtravaõ ſerem ſemelhantes ao author que os tinha feito. As clauſulas deſtes eſtatutos eraõ: que todo o que quizeſſe alli eſtudar, e matricularſe, ſe havia totalmente ſogeitar à vontade de Satanàs, apartando-ſe de todo da ley de Deos: que havia renegar

gar da fé de Christo, e do seu Bautismo: que havia fazer huma escritura com o seu sangue, em a qual declarasse ser escravo do demonio, dando-lhe posse da sua alma. Grande occasiaõ tinha Gil quando ouvio ler estes inauditos pregoens, para começar logo dalli a ser santo, pois eraõ efficazes avizos para abrir os olhos à maior cegueira (mas saõ inexcrutaveis os segredos do Altissimo) e como elle estava jà sumergido no atoleiro das immundicias das culpas, ficou com a alma taõ cega, que desamparado da Divina luz, consentio em tudo o que o demonio quiz: e renegando da Ley de Deos, e de tudo o que pertence à Fé Catholica, fes o escrito com o seu mesmo sangue, declarando-se nelle por escravo de Lucifer, e discipulo do mestre infernal.

No profundo pélago destas miserias, em que o disgraçado Gil se achava, tanto se applicou à pestifera sciencia da Nigromancia, que em sete annos se graduou nella mestre, e se auzentou dalli para Pariz: onde logo que entrou no geral da Medicina, começou a dar mostras de ser o mayor homem que tinha o mundo naquella faculdade, com as pasmosas curas que fazia, ajudando-se da sabidoria da Nigromancia, que parecia exceder ao natural engenho da natureza, sobre todas as artes que póde o entendimento humano alcançar. E por este meyo novamente abrio a porta aos vicios mais torpes, que os depravados appetites pódem dezejar. Ce-

go à luz do Ceo no abismo de taõ grandes culpas, surdo aos clamores de Deos, corrupto da culpa, morto para a graça, e só vivendo para enterrar a sua alma no fogo eterno, se via esta alma perdida. Mas, oh misericordiosa Mãy do Omnipotente, que entaõ se mostra mais poderosa quando faz, que os que estaõ jà sendo carvoens do inferno pelas suas culpas, se transfórmem em carbunculos, e diamantes do Ceo, pelo arrependimento, e pela penitencia. Estas inexcrutaveis maravilhas do Altissimo se víraõ empregadas na vida do nosso jà venturoso Gil, que sendo ingrato ao Ceo, odioso à terra, rebelde a seu Senhor, e escravo do demonio; foy agora da summa Providencia vaso escolhido para o celestial gozo da eterna Bemaventurança, cuja conversáõ foy da maneira que aqui diremos.

Estando hum dia este mancebo Gil de Valladares, estudando pelos livros da sua diabolica sciencia, bem descuidado da sua salvaçaõ, e alheo de tudo o que o podia conduzir a ella; quando repentinamente se vio assaltado de hum arrogante cavalleiro bem armado, brandindo na maõ direita huma lança, que com feróz impulso lha encaminhava ao peito; e gritando com tremendas vozes, lhe disse as seguintes palavras: *Muda a vida homem, muda de estado, miseravel, e cego mancebo.* Ficou elle nesta hora assombrado, e attónito com mil pensamentos que o accomettiaõ,

tiaõ, parecendo-lhe que via a Deos indignado, o inferno aberto, e os demonios apparelhados para o atormentarem; e mais q̃ tudo lhe penetravaõ o coraçaõ as reflexões q̃ fazia sobre seos grandes peccados. Como aquella figura lhe desapareceo, vencido outra ves das torpezas do mundo, voltou a seos antigos vicios; entendendo que aquella visaõ seria sonho procedido das horrendas figuras que muitas vezes se lhe reprezentavaõ no exercicio da arte diabolica. Mas quando Deos efficazmente quer salvar hum peccador impenitente, quem poderà rezistir à força da Divina graça? Naõ se quiz esquecer a piedade do Divino Pastor desta ovelha perdida, ainda que ella se tinha feito surda às suas vozes: pois passados tres dias lhe appareceo no mesmo lugar, e com a mesma figura o sobredito cavalleiro: e com mayor violencia, mayor furia, e mais indignaçaõ; porque lançando-lhe o cavallo para o atropellar debaixo delle, pondo-lhe a lança em cima do coraçaõ com temerosas, e altas palavras lhe disse: *Muda homem a vida, se naõ queres acabar hoje às minhas mãos.* E juntamente deulhe huma lançada, que parecendo a Gil lhe traspassára o coraçaõ, cahio em terra, assim como outro Paulo dizendo: *Senhor aqui estou, que quereis que faça? Perdoaime, porque naõ obedeci logo ao vosso preceito, por andar fóra de mim, e enlodado nos vicios, e torpezas.*

Ao grande impulso que Gil teve no coraçaõ, enten-

entendeo que estava traspaçado da lança do cavalleiro, com huma grande ferida, e cahindo em terra exhalou em alta voz hum doloroso ay: acodíraõ os criados, e perguntáraõ que tinha: disse-lhe o succedido a tempo que elle estava descobrindo o peito, aonde naõ achou mais que hum leve final da lança sobre a pelle; entendendo logo que a ferida era intrinseca no proprio coraçaõ para lhe dar a vida da graça matando a culpa. E antes que esperasse terceira amoestaçaõ reduzindo já a cinza as postillas, e livros da pestifera sciencia, partio para Espanha com a deliberaçaõ de se recolher em hum Convento de refórma apertada, aonde ásperamente fizesse penitencia de seos enormissimos peccados. Chegou à cidade de Palencia, vio que os Padres da Ordem do glorioso S. Domingos andavaõ com laboriosas fadigas, edificando hum pequeno Convento para nelle habitarem, reparou na humildade com que aquelles servos do Senhor se occupavaõ em ministerios taõ inferiores; e juntamente via as asperezas da sua vida religiosa; as obras de caridade que faziaõ, empregando-se sempre em muitas mais virtudes em que resplandeciaõ: namorado deste modo de vida, com santa resoluçaõ foy buscar o Prior do dito Convento, que era hum grande servo de Deos, e se confessou com elle, com inexplicaveis lagrimas, e summa dor. O bom Prelado o ouvio com muita paciencia, e grande gosto de ver o seu arrependi-

pendimento, e o abſolveo, tratando-o com brandura, e caridade. Com finiſſimos ſuſpiros reſpirou o convertido mancebo, vendo-ſe jà ſolto das pezadas cadeyas com que o tinha prezo, e arraſtrava a dura eſcravidaõ do inimigo infernal, vendo a ſua conſciencia no principio da melhor vida, entregando-ſe a melhor eſtado.

Sahio Gil da Igreja com a ſua alma mais conſolada tornando para onde aſſiſtia naquella terra. Ahi todo aquelle dia e noute, entrou comſigo a fazer contas, dando tratos ao entendimento, que caminho buſcaria para ſegurar a ſalvavaõ, e para ficar na amizade de Deos, e lhe perdoar taõ enormes peccados. E fallando comſigo meſmo dizia eſtas ſemelhantes palavras: *Aonde hiràs Gil? que caminho tomaràs, aonde antes que morras poſſas ſatisfazer ao Senhor o que lhe tens negado? Viver entre o mundo ſempre he perigoſo; pois nelle a cada paſſo ſe encontraõ deſconcertos, e ſempre he theatro publico de vicios; quem ſe mete entre elles, expoem-ſe a precipicios evidentes; entre muitas vozes naõ póde fazer conſonancia huma, ſe as mais erraõ todas. Os bons exemplos dos que ſaõ juſtos coſtumaõ attrahir: os máos paſſaõ a conſtranger, porque ſe ajudaõ com loucuras de couſas ſenſiveis, e mais amadas da natureza ſempre prompta, e inclinada para o mal; e a virtude na companhia dos juſtos he mais ſegura? Se te vas para caſa de teo pay, entre as ſuas oppulencias e fidalguias, naõ convèm a hum miſeravel, que ſe vê neſte eſtado, porque metereſte agora nas delicias do mundo, he dey-*

xar

xar a Deos mais offendido. Abre, abre bem os olhos Gil, e emprèga a vista do juizo, vendo qual serà a felicidade de quem apartado das cousas mundanas só serve a Deos, e repára na summa miseria de quem he escravo do peccado. Pois q̃ faràs pobre mancebo, para q̃ Deos te guie, e te assista? e quem te fes digno de favor taõ soberano? fiar tanto da sua Providencia sobre culpas taõ enormes, mais he presumpçaõ do que esperança. Busca, busca logo huma Religiaõ onde com áspero trabalho, e duras penitencias, ahi dentro da Casa do mesmo Senhor com os auxilios que jà te tem dado valerosamente pizaràs os tristes regalos de mundo, e teràs forças para quebrar os grilhoens do infernal inimigo que te enganou.

Como Gil tinha visto naquelles Religiosos Dominicos hum vivo espelho da virtude, com fervorosa resoluçaõ, inspirada pela graça da Divina Omnipotencia, tornou a buscar o Padre Prior, com quem se tinha confessado no dia antecedente, e lançandoselhe aos pès lhe disse com muita humildade: *Padre hontem veyo buscarvos, o mayor peccador que pòde haver no mundo; e quando imaginey achar hum recto juis, que ouvindo as minhas torpezas, me tratasse como eu merecia, achey em vòs hum piedoso pay, que vendo as lagrimas, que eu justamente chorava, vòs mas acompanhastes com as vossas, empenhandovos em lavares com ellas as çujas manchas dos meos delictos. Esta piedade q̃ hontem achey em vossas affaveis entranhas pela infinita misericordia Divina, me moveo a tornar hoje a vossos pès com outro requerimento; ainda que seja temerario na pertençaõ;*

ção; porèm animame ſaber, que em huma caſa de tanta caridade, o pedir naõ ſerà demaſiado arrojo para ſer muito eſtranhado. A minha ſupplica he, que queirais admittir eſte iniquo, e miſeravel peccador na voſſa companhia; porque nella eſpero ſalvarme, e purificar eſta alma das muitas culpas que jà me ouviſtes. Ouvindo o Prior com devotas lágrimas o efficaz deſengano, que Gil jà tinha das couſas do mundo, e por ver que aquella perdida ovelha com internas ancias, e doloroſos ſuſpiros, procurava o ſagrado rebanho do bom Paſtor, de boa vontade o aceitou com os mais Religioſos daquelle Convento. Pagou logo Gil aos criados deſpedindo-os de ſi, e veſtio o hábito daquella ſagrada Ordem Dominicâna, armando-ſe logo contra as ſenſuais rebeldias da carne com huma larga, e aſperiſſima cinta de ferro, a qual fechou com hum cadeado; e para que nunca mais podeſſe della ter algum alivio, lançou a chave em hum rio. Alli paſſou Fr. Gil o ſeu anno de noviciado, fazendo rigoroſas penitencias, tendo-ſe a ſi meſmo por cruel inimigo, vingando-ſe de ſeu corpo, como que fora elle o ſeu algôs, pondo freio na lingua, e a propria vontade nas mãos da obediencia. Deſta maneira procedeo todo o anno de noviço naquelle Convento com vida taõ penitente, como ſanta, aonde fes a ſua ſolemne profiſſaõ no anno de 1221; e depois foy mandado pelo Beato Fr. Sueiro para o Convento de Santarem.

Chegado o nosso Fr. Gil ao seu Convento da nobre, e antiquissima Villa de Santarem, achou naquelle encerramento hum perfeito jardim de suavissimas flores das mayores virtudes; vio nelle huma congregaçaõ de Santos, ou hũ retiro de Anjos: com cujos exemplos se afervorou mais no espirito; dando novamente principio a huma vida taõ áspera, e rigurosa, taõ austéra, e penitente, que o Prelado lhe mandou que se moderasse, porque se punha em perigo de perder a vida. Mas só aos imperios da obediencia, podia correr mais detido o ardor daquelle abrazado coraçaõ: porque tinha dezejo de padecer, e este lhe fazia as amarguras doces, as afflicçoens suaves; e entendendo que o sacrificio mais aceito à Divina Magestade, he o de naõ ter vontade propria, logo a pôs nas mãos de seos Superiores; conseguindo por este meyo para o merecimento mayor dita: naõ só pelo sacrificio das penitencias com que se mortificava, mas por naõ se mortificar mais em todo o tempo que queria. Na oraçaõ, como em frágoa do amor Divino, escada de merecimentos, escóla da mayor sciencia, subida do Ceo, se abrazava em ardentes chãmas, subia voando com as ligeiras azas da contemplaçaõ, em que aprendia os mais altos conceitos de santas, e amorosas finezas. Todo o tempo das horas que hà entre dia e noute, lhe parecia pouco para orar; ainda quando andava em occupaçoens do serviço da Communidade, nunca os

II. Part. M. seos

ſeos penſamentos ſe apartavaõ de Deos: na terra imprimia os paſſos, e no Ceo os affectos.

Entre tantos exercicios de virtude, auſtéras penitencias, jejuns mais rigoroſos, e continuas vigilias, naõ podia reſpirar a ſua alma, na conſideraçaõ de ver que tinha na maõ do demonio hum eſcrito feito pela ſua propria maõ, firmado com o ſeu meſmo ſangue, em que ſe fazia ſeu eſcravo. Com doloroſas ſupplicas, e contritas lágrimas, ſe proſtrava diante do SANTISSIMO SACRAMENTO pedindo-lhe, que por aquelle amor com que padeceo pelos peccadores, e ſe ſacramentára debaixo daquellas eſpecies de paõ, entre candidos accidentes, o livraſſe da eſcravidaõ daquelle infernal inimigo, e uzaſſe com elle da ſua infinita miſericordia.

Aſſim ſolicitava o contrito Fr. Gil o remedio da ſua ſalvaçaõ. E parecendo-lhe que ſeos rogos naõ eraõ bem ouvidos, nem aceitos por ſairem de huma boca taõ immunda, e infame, como a unico refugio de peccadores, recorreo à Mãy da miſericordia, ampáro de affligidos, e remedio de culpados, para que foſſe ſua interceſſora com ſeu Divino Filho, que contra elle eſtava juſtamente indignado; cuja Imagem eſtava entaõ por aquelle tempo na caſa antiga do Capitulo, e hoje a vemos collocada ſobre a ſepultura deſte Santo, de que jà no capitulo antecedente fizemos memoria. Diante deſta Imagem da Soberana Senhora fazia Fr. Gil gerais confiſ-

ſoens de toda a mà vida que tivera, dizendo que bem ſabia, que naõ era merecedor de perdaõ; e logo para naõ enxugar as lagrimas dos ſeos olhos, com penetrantes diſciplinas de ferro caſtigava as coſtas, lavando-as em rios de ſangue, que corriaõ athè às lages. Aſſim com eſtas deprecaçoens, e penitencias continuou largos tempos, ſem mais conſolaçaõ que huma conſtante eſperança na miſericordia da benignidade eterna, de que naõ podiaõ deixar de ter bom deſpacho os repetidos rogos de hum coraçaõ desfeito em lágrimas pela dor do arrependimento; e mais ſendo as ſupplicas requeridas pelo patrocinio da Virgem Mãy de Deos, que ſempre he a medianeira de todo o bem dos peccadores.

Vendo-o Satanàs com tanta conſtancia nos exercicios eſpirituais, e na perſeverança das penitencias, tratou de o fazer cair no precipicio da deſeſperaçaõ, atemorizando-o a todas as horas com fantáſticas reprezentaçoens de horrendas figuras, pondo-lhe à viſta o inferno com toda a caſta de tormentos, e os miſeraveis que alli padecem aquelles penoſos caſtigos, com a fealdade dos infernais miniſtros; e logo paſſando a novos eſtratagemas, uyvavalhe como faminto, e raivoſo lobo, jà tomando a fórma de hum horrido gigante, e deſatando a ſua peſtiféra lingoa, rompia nas palavras ſeguintes: *Infiel traidor, falto de fé, e protervo a todas as leys. Naõ repáras em que negaſte nas covas de Toledo quanto no bautiſmo*

pro-

professaste, para poderes saciar os teos desenfreados appetites? Agora depois que satisfizeste teos intentos com minha ajuda, queres negar o que firmaste com tua maõ? Faze quanto quizeres, que jà te naõ pódes livrar das minhas. Chora, jejua, trabalha, sofre infinitas fadigas, e extremas necessidades, despedaça-te, açouta-te, junta chagas a chagas, feridas sobre feridas; que muito a teu pezar, meu es, e meu has de ser, atribulado, e afflicto. E jà que por tantos titulos me pertences, naõ fora melhor, que gozasses deste mundo o outro pouco de tempo, que te resta de vida. Sofreo Fr. Gil sete annos continuos com valor, e notavel constancia este genero de martirio, perseguido de Satanàs, e o tinha por cruz taõ pezada, que elle mesmo dizia, q̃ antes aceitára de boa vontade ser levado a justiçar a huma praça publica, naõ huma, mas muitas vezes, que ouvir estes ameaços do demonio.

Depois de ser muitas mais vezes vexado pelo inimigo, estando huma noute no seu costumado lugar do Capitulo prostrado diante da Sagrada Virgem, se sentio soccorrido do poder invisivel: porque vendo, que hum exercito de demonios corria para elle, os vio de repente fugir, e o maioral delles ficando suspenso no ar, com voz horrenda lhe disse: *A teo pezar experimentaràs que te desampára o Ceo, e a terra, e que nem de hum, nem de outro tens que esperar piedade: porque o Ceo feito para ti de bronze, te declára por rebelde, com o escrito que fizeste. A terra naõ podendo soportar o pe-*

zo

zo gravissimo das tuas culpas, se empenha em descarregarse, lançandote nos infernais abismos. Assim perdeste infeliz o Ceo, e a terra; e só te resta, que desesperando de todo o remedio, venhas fazer companhia ás mais almas desesperadas, que estaõ debaixo do nosso dominio. Acaba de conhecer, que para ti jà naõ hà piedade, nem misericordia: porque esta naõ póde contra justiça, tirarnos o direito, que temos em teo corpo, e alma, por huma escritura taõ authentica. Vendo-se Fr. Gil nesta tempestade de confusoens, atemorisado com dolorosos suspiros, nascidos do intimo do coraçaõ, levantou os olhos pondo-os na soberana Guia dos peccadores, e lhe disse: *Bem dita Senhora, entre todas as creaturas: he verdade tudo quanto aquelles malignos espiritos dizem contra mim; ainda dizem pouco em comparaçaõ das minhas enormes culpas; porèm entendo, que sendo os meos delitos taõ graves, naõ poderàõ exceder à grandeza da valia que tem os merecimentos do preciosissimo Sangue de vosso Filho Unigenito, meu Senhor JESU Christo, porque basta huma só gota para remir todos os peccados do mundo; constante estou sempre nesta esperança para nunca desesperar, ainda que padeça mais, e mais tormentos daquelles infernais ministros. A vós Mãy de misericordia, e Fonte de piedade unicamente recorro, como Rainha dos Anjos haveis de ser em minha ajuda poderosissima, contra estes meos adversarios.* Nesta fórma fallava Fr. Gil à Imperatriz do Ceo, com os olhos feitos duas fontes, donde manavaõ dous rios de lágrimas. Acabando de dizer estas palavras,

vras, repentinamente vio, que Satanàs, e seos sequazes com grande confusaõ se retiravaõ para o buraco da corda dos sinos poronde se foraõ, dizendo com temorosas, e horrendas vozes: *Toma a tua cedula com a minha maldiçaõ, e de todo o inferno; nunca a houveras de conseguir, se me naõ fizera força, quem està nesse altar.* E logo cahio entre Fr. Gil, e o altar da Senhora o mesmo escrito, que elle tinha feito com o seu proprio sangue; para cuja memoria, muitos annos se conservou no Capitulo o buraco da corda dos sinos poronde o escrito baixou ao pè do altar.

Com este maravilhoso caso ficou o Bemaventurado Fr. Gil como atónito quando tomou o escrito, sentindo em seu coraçaõ de huma causa dous excessivos effeitos, que eraõ, pezar, e alegria; era esta de se sentir livre de jugo q̃ tanto lhe pezava; aquelle de ver com seos olhos em suas mãos huma culpa taõ abominavel que tinha commetido. E logo considerando no perigo passado, e no beneficio presente: tornouse a prostrar com a face nas lages, e nellas com inexplicaveis affectos deu lugar às lágrimas, que saõ as linguas que melhor explicaõ os dolorosos arrependimentos do coraçaõ, dando assim graças à Soberana Rainha, de favor taõ sinalado: contemplando juntamente na misericordia do Filho em dar perdaõ a taõ enormes culpas, e na piedade da Mãy de interceder por hum peccador taõ ingrato. E naõ achando palavras com que explicasse

casse o reconhecimento de taõ grande obrigaçaõ, só dizia, que dalli para sempre se alistava por escravo da Mãy, e do Filho, repetindo sempre estas palavras: *Naõ haverà instante da minha vida, que naõ gaste em serviço de ambos.*

Depois de successo taõ estupendo, logrou este Santo Padre grandes favores do Ceo, acompanhando-o sempre huma luz celestial. Todas as horas gastava no exercicio da oraçaõ, e no estudo da sagrada Theologia; que por ser bem fundada na Filosofia, e pelo seu raro engenho ser taõ conhecido em toda a Religiaõ, foy mandado à famigerada Universidade de Pariz para nella se fazer mais insigne nesta sciencia, que he o espelho da verdade. Alli naquellas illustres Academias, achou aquelle Santo Varaõ, que foy firme columna, e grande luz da mesma Ordem Dominicâna, o Beato Jordaõ, dignissimo successor de seu Patriarca S. Domingos, no Generalato: o qual o recebeo com summo gosto, naõ só por ter pela Religiaõ jà a noticia da grande virtude, e portentosa vida de Fr. Gil, mas tambem pelas cartas que tinha recebido delRey de Portugal D. Sancho, que lhe fallava com admiraçaõ na sua vida, e nos seos maravilhosos progressos. Naquelles estudos teve Fr. Gil por companheiro da mesma cella ao Beato Umberto de Romanis, o qual depois foy quinto Geral da dita Ordem. E em hum livro que compôs das memorias da Ordem, diz as seguintes, e formais

pala-

palavras: *Adquirio Fr. Gil tais augmentos de eſpirito, que nenhuma couſa da terra o podia ſeparar da intima uniaõ, em que ſempre andava com Deos: porque muitas vezes lhe ſuccedia eſtando com os Religioſos, ou viſitando os enfermos, elevarſe de ſorte que naõ attendia ao que ſe fazia, ou dizia em ſua preſença; nem reparava nos que entravaõ, ou ſahiaõ. E em outras occaſioens quando tornava em ſeos ſentidos, chorava, e ſuſpirava, como quem ſe via apartado dos contentamentos, e doçuras do Ceo, para tornar a eſte valle de lagrimas.*

Tendo pois acabado jà os eſtudos da Theologia naquella Univerſidade de Pariz, graduado Doutor, e feito Meſtre pela Ordem; tornou para o ſeu Convento de Santarem, aonde leo a meſma faculdade; ſendo o primeiro Leitor que a ſua Religiaõ teve em toda a Eſpanha. Alli era a ſua vida hum móto continuo de trabalho, porque naõ ſó ſe occupava na leitura da cadeira, mas todas as mais horas repartia para a oraçaõ, para o pulpito, para o coro, e para o confeſſionario. Foy Miſſionario Apoſtolico, prègando por todas as terras a verdade do ſagrado Evangelho, de que colheo copioſo fruto de muitas almas que ganhou para Deos; ſervindo aos ouvintes de eſpelho com o exemplo da ſua vida, e purificando-os no ſal da ſanta doutrina com a luz da ſua ſciencia. Por eſte tempo paſſou deſta vida temporal para a eterna, com grande opiniaõ de ſantidade, o Beato Fr. Sueiro Gomes,

que era actualmente Provincial, e o primeiro de toda Eſpanha; e congregados os Religioſos vogaes em Capitulo, convieraõ todos, q̃ por muitas razoens ſe devia eleger Provincial ao Meſtre Fr. Gil, e logo foy aclamado com todos os votos, com publico, e univerſal applauſo de todos, e he ſem dúvida, que naõ podiaõ dar melhor ſucceſſor ao Santo Varaõ Fr. Sueiro, porque ſe houve Fr. Gil no governo com tanta prudencia, brandura, e zelo da Religiaõ, q̃ de todos ſe fazia amado, venerando-o como a ſanto, e reſpeitando-o como a pay, porque a ſua vida ſervia de eſpelho aos ſubditos, de exemplo aos ſeculares, e de admiraçaõ a todo o mundo. Neſte ſeu Provincialado ſe augmentou a Provincia em numero de Conventos, e de grandes ſogeitos em letras, e virtudes. Era eſte perfeito Prelado amigo da virtude, e poriſſo amava muito aquelles que a ſeguiaõ; caſtigava os que amavaõ os vicios, mas logo era pio com os que tratavaõ de emendar-ſe: era caritativo para todos, e ſó para ſi rigoroſo; e porque o amor que tinha aos ſubditos parecia ſer mais de pay que de Prelado, era mais amado que temido.

Paſſados alguns annos, pedio o ſanto Padre â Ordem, que lhe deſſem por acabada a poſſeſſaõ do cargo, e ſendo eleito Provincial Fr. Pedro de Oſca, eſte falleceo em breve tempo. Os Padres Capitulares que ſe lembravaõ da ſuavidade, e brandura com que o ſanto Fr. Gil governou a

Pro-

Provincia, o nomeárаõ ſegunda vez Provincial. E conformando-nos com as noticias de alguns eſcritores, dizem que aceitou o governo ſegunda vez, por naõ ter quem lhe foſſe à maõ nas continuadas penitencias, e apertados jejuns que fazia, e dezejava fazer. Na oraçaõ era taõ elevado de extaſis na contemplaçaõ do bem da eterna gloria, que em qualquer lugar que ſe achava o viaõ arrebatado, ou foſſe na cella, ou no coro, ou na horta, e ficava taõ inſenſivel, e immovel, que naõ parecia animado, mas huma eſtátua de pedra. Muitas vezes foy viſto com os braços em cruz eſtendidos, elevado da terra para o Ceo, como q̃ ſe transformava em JESUS crucificado, que era o ſeu bem todo, e por quem ſacrificava ſeu coraçaõ abrazado em ardentes chãmas de ſeu Divino amor. Em varias occaſioens ſe elevava ſobindo com o corpo a tal altura, que ninguem lhe podia chegar com as mãos ao hábito; e quando lhe chegavaõ puxando-lhe com força, nunca podiaõ moverlhe o corpo. E quando depois de largas horas, tornando a ſeos naturais ſentidos, ficava como que ſe via em hum tenebroſo abiſmo, faltandolhe o outro abiſmo de luz celeſtial que eſtava gozando; e por eſte motivo vendo-ſe auzente de tanto bem, arrancava do peito ardentes ſuſpiros, que parecia exhalar com elles a ſua alma para a unir com quem ſó era merecedor de extremoſos affectos.

Tanto era o amor de Deos em que ſe abra-

zava a alma de Fr. Gil, e tanto dezejava romper as prizoens do corpo, e voar para a patria celestial, que parece quiz Deos que o mundo o soubesse por vias extraordinarias, para gloria sua, e honra deste seu servo: a cujo respeito referiremos aqui hum dos maravilhosos cazos q̃ corre escrito em hum tomo do Agiologio Dominico, o qual caso he na fórma q̃ se segue: ,, Por aquelle ,, tempo vivia em Lisboa huma Dona viuva, ,, rica, e virtuosa, chamada *Estafanìa Brocarda*; ,, e porque era muito caritativa dava em sua ca- ,, za aposento, e de comer a hum homem cego, ,, e pobre, de virtude muito conhecida, chama- ,, do *Estevaõ*; que só occupava todo o tempo em ,, continua oraçaõ; porque ainda que naõ tinha ,, luz nos olhos, o intimo amor comque orava ,, em contemplaçaõ da Bemaventurança lha da- ,, va na alma. Com os olhos desta, vio hum dia ,, que com estranha velocidade sobia da terra ,, ao Ceo hum globo de clarissimo fogo, e que ,, chegando à estancia, ou firmamento das es- ,, trellas, se abria o Ceo donde sahia hum An- ,, jo a rebaterlhe a entrada, fazendo-o tornar a ,, descer para a terra. Attónito, e admirado o ,, bom cego de ver taõ claramente a contenda ,, desta visaõ, continuou a orar com grande de- ,, zejo de saber taõ alto mysterio; e como esta- ,, va muito na graça de Deos, quiz o mesmo ,, Senhor fazerlhe a vontade; e lhe foy dito lo- ,, go pelo Anjo, que aquelle globo de fogo,

Agiol. Domin. a 14. de Mayo folh. 359.

era

,, era a alma de Fr. Gil de Santarem, que abra-
,, zada de amor Divino estava anhelando verse
,, livre do pezo mortal, e voar aos braços do
,, Creador; e que era mandado a detello para
,, bem de muitas almas que Deos queria ainda
,, ganhar por seu meyo, para lhe dar ao depois
,, mais altos gráos de gloria.

Depois desta maravilhosa visaõ, ainda viveo o santo Fr. Gil mais cinco annos naõ completos; tempo em que fazia outenta de idade. Como se entaõ estivera na força da mais robusta natureza continuava as mesmas penitencias; mas como estava jà debilitado das forças corporaes, naõ pode resistir ao trabalho. Entroulhe huma febre, naõ muito ardente: porèm conhecendo que se aproximava a hora da sua partida, pedio, e recebeo com entranhavel devoçaõ todos os Sacramentos, e chegado o dia da gloriosa Ascençaõ do Senhor do anno de 1265 (dia tantas vezes fausto, e glorioso para este Dominico Convento de Santarem, Ceo na terra, Angelica rèpublica, e santo jardim de flores das mais singulares virtudes) deu o nosso Santo Fr. Gil sinais de extraordinaria alegria, como quem jà estava divisando os horizontes da Bemaventurança, e lançado em terra sobre huma manta de saco, entre amorosos colloquios com Christo crucificado, e com a Virgem Santissima, consolando juntamente aos seos Religiosos, que com lagrimas o acompanhavaõ; encomendandolhes com cariciosas pa-

lavras

lavras a guarda da obſervancia, e os lucros certos q̃ della haviaõ de ter; e levantadas as mãos, e os olhos ao Ceo, pronunciando aquellas doces palavras: *Em voſſas mãos, Senhor, encomendo o meo eſpirito*, deixando cahir os braços em cruz, entregou a ditoſa alma nas mãos de ſeu Creador; moſtrando no roſtro huma extraordinaria alegria, e taõ aprazivel, que o julgáraõ por hum bem parecido retrato da gloria: parecendo aquelle tranſito de ſua bemdita alma, naõ violento, mas que entrava em hum deſcançado, e ſoberano ſono, ſendo iſto no dia quatorze de Mayo de 1265, tendo de idade outenta annos, e de Religioſo quarenta e quatro.

Depois que os ſeos Religioſos víraõ que ſe lhe acabára a companhia de taõ ſanto Prelado, convocandolhe o ſentimento as lágrimas, e raſgandolhe os ſuſpiros nos coraçoens à vehemencia das vozes, o principiáraõ a amortalhar, e compor aquelle ditoſo corpo, em que o Ceo tinha depoſitado taõ bemaventurado eſpirito, rico theſouro da eterna Monarquia da Bemaventurança. E neſta operaçaõ lhe foy achada fixa na carne a cinta de ferro, que em Palencia cingio no principio da ſua converſáõ, que nunca mais em quanto viveo a tirou: a qual ſe guarda neſte Convento de Santarem, como precioſa reliquia; e ſe tem viſto obrar Deos por ella muitos prodigios, principalmente em mulheres que tem partos perigoſos.

Mui-

Muitos foraõ os ſinaes que logo alli ſe víraõ, de que jà a ſua alma eſtava gozando dos bens da gloria: o primeiro foy ſentirem ſair de ſeu corpo hum ſobrenatural cheiro, que excedia a todos os aromas da terra. Outra maravilha achámos referida por graves Authores, que parece quer Deos vejaõ os mortaes com ſeos olhos a brevidade com que dà o premio àquelles que pelo áſpero caminho da penitencia ſe fazem merecedores da ſua celeſtial morada. Foy o caſo, que havia neſta Villa de Santarem hũa virtuoſa, e nobre matrona chamada *Elvira Páes Duranda*, da qual jà fizemos memoria na fundaçaõ do Convento de S. Domingos das Donas, diſcipula muito amada do Bemaventurado S. Fr. Gil; e no meſmo dia que ſepultáraõ eſte Santo, ficou ella exceſſivamente magoada, e triſte na auzencia de ſeu ſanto director. Foy Deos ſervido conſolála com huma miſterioſa, e celeſtial viſaõ. E foy, que eſtando ella fazendo acto reflexo na grande gloria que jà teria no Ceo o ſeu muito amado Meſtre, dezejando ſer merecedora de hir pelo meſmo caminho atràs delle; arrebatada neſtes penſamentos, ſe lhe repreſentáraõ na viſta dous venerandos Varões, ambos veſtidos de purpura guarnecida, e alcachofrada de ouro; aos quais ella conheceo clara, e diſtintamente ſerem os ſeos dous Santos Padres, que ella em ſuas vidas amava muito em Deos, o Beato Fr. Domingos de Cuba, e S. Fr. Gil. Logo depois diſto vio huma

emi-

eminente escada, que tendo os pès na terra do cimiterio, se elevava a descançar com as pontas no Ceo; e por ella descérao dous Anjos, que com festivos applausos, chamando por elles, lhes disserao: *Vinde Irmãos, vinde, e sobi, que vos chama o Senhor para receberes o premio do bem que o servistes nesta vida.* Ditas estas palavras, tornárao a sobir os Anjos pela mesma escada, e atràs delles os que já hiao a ser Cidadãos na morada eterna da Bemaventurança. Com suavidade de espirito, e copiosas lagrimas, repetia a serva de Deos esta prodigiosa visao; da qual perseverárao algumas pinturas, e se conservárao sempre na Capella do mesmo Santo.

Depois de serem jà passados seis annos, que estava o seu corpo enterrado no cimiterio, e sua ditosa alma gozava dos perduraveis bens da gloria, erao continuos os milagres, que cada dia se exprimentavao neste Reyno de Portugal, e fóra delle à vista de qualquer reliquia sua, ou invocando o seu nome. Dezejavao os Religiosos deste Convento trasladarlhe as sagradas reliquias do seu corpo para lugar mais decente, porque sua Prima, e grande sua devota Dona Joanna Dias, Senhora da Atouguia, mulher de Dom Fernando Fernandes Cogominho, Senhor de Chaves, e Alcaide mòr de Coimbra (a qual Senhora ainda em seos dias alcançou este seu Santo Primo) lhe tinha mandado lavrar o tumulo, e Capella (de que jà acima fizemos memoria na dis-

deſcripçaõ da Igreja. Parece q̃ Deos foy ſervido fazer a vontade aos Religioſos que ſuſpiravaõ pela trasladaçaõ de ſeu Santo Fr. Gil, pois aſſim ſe ſoube pelos ſuperiores avizos que tiveraõ; e foy o ſucceſſo como aqui diremos. No anno de 1271, em o primeiro dia do mes de Julho, ſendo Porteiro no meſmo Convẽto o ſervo de Deos Fr. Joaõ de Santarem, natural deſta meſma Villa, eſtando em oraçaõ appareceolhe o noſſo Santo Fr. Gil, e diſſelhe, que advertiſſe ao Prior, e aos mais Religioſos, era tempo, e Deos aſſim o queria, que tiraſſem o ſeu corpo do cimiterio em que eſtava enterrado para lugar mais decente, em parte onde ficaſſe aos olhos do povo que tanto o amava. Fr. Joaõ deu o recado ao Prior, e como era peſſoa de bem conhecida virtude, naõ deixou o Prelado de lhe dar credito. Porèm como ſe paſſou algum tempo ſem ſe executar eſta ordem q̃ vinha do poder altiſſimo; tornou o meſmo Santo a apparecer claramente huma noute ao Prior, dizendolhe, que fizeſſe logo o que o Porteiro lhe ſignificára. Deſpertou o Prior os ſentidos com grande cuidado e pena de naõ ter jà executado aquelle aviſo de Deos: deu diſto noticia à nobreza da Villa, que recebeo a nova com notavel alvoroço, aſſignandolhe o dia em o qual concorreo grande numero de povo à Igreja naquelle dia determinado. Abrio-ſe a ſepultura, e o caixaõ, do qual ſahio hũ ſuaviſſimo cheiro, que logo pareceo ſer couſa ſobrenatural.

Vio-ſe o veneravel corpo que permanecia inteiro, e incorrupto, e taõ freſco como na hora em que fora ſepultado. Neſte meſmo acto quiz Deos authenticar a ſantidade deſte ſeu amado, fazendo alli muitos milagres. Foy poſto o ſanto corpo na dita ſua Capella aonde eſtà athé hoje, e viraõ-ſe naquelle meſmo dia muitos prodigios: porque recebeo viſta huma mulher que era cega, e ficou ſem lezaõ algũa hum aleijado; e os mais enfermos ficáraõ poſſuindo perfeita ſaude.

Foraõ tantos, e taõ eſtupendos os milagres, que com o poder de Deos fes S. Fr. Gil em ſua vida, e depois de ſua morte, que ſe os eſcreveſſemos todos, naõ ſeria baſtante o papel de hum grande livro; ſendo taõ maravilhoſos os ſeos prodigios, que depois da ſua ditoſa alma eſtar na gloria gozando as delicias da Bemaventurança, reſuſcitou tres mortos. Grande fortuna teve Santarem com a Villa de Bouzella, em lhe dar para ſua morada hum Santo taõ grande, que parece naõ cabia em todo o mundo com as ſuas inexplicaveis maravilhas. Delicioſa terra a da quinta da Caballaria, que deu a Santarem taõ bom fruto, para perpetuo goſto de huns e outros habitadores, pois lá naſceo eſta flor, para nos dar aqui ſaboroſos productos de taõ ſantos milagres.

CA-

CAPITULO VIII.

Deſcreve-ſe a fundaçaõ do Convento que a Religiaõ Benedictina poſſue em Santarem, e o prodigioſo milagre do Santo Crucifixo.

ANtes que demos principio à fundaçaõ, e exiſtencia deſte Convento, que a ſagrada Religiaõ do Patriarca S. Bento logra neſta Villa de Santarem, no diſtrito da Fregueſia do Salvador, em que vamos, primeiro devemos fazer memoria da antiguidade do ſeu ſitio juntamente com o miraculoſo prodigio da venerada Imagem do Senhor crucificado, que ainda hoje ſe venèra naquella Igreja; e depois relataremos o motivo que houve para ſer caſa conventual, principiando da maneira ſeguinte. Fóra do circuito da Villa para a parte do Nordéſte, em hum alto que fica por cima do ſitio a que chamaõ *Montiràs*, ficandolhe dahi ſobranceiro ao Norte, eſtava antigamente huma Ermida chamada dos *Apoſtolos*; a qual era annexa à Igreja da real Collegiada de Alcaçova: em cuja Ermida ſe via collocada a dita Imagem do Santo Crucifixo; e no meſmo diſtrito havia ſó matos, q̃ hoje ſaõ olivais, e terras de ſementeiras.

Correndo os annos de 1290, ſendo D. Diniz Rey de Portugal, e D. Domingos Jardo, Biſpo de Lisboa; havia neſta Villa de Santarem

huma virtuosa donzella, moça, e de bom parecer, filha de hum pobre lavrador, à qual obrigava seu pay, que feita pastora, lhe apascentasse hum rebanho de ovelhas, que eraõ estas o seu cabedal com que se ajudava a passar a vida honradamente. Continuando naquelle lugar da Ermida a honesta pastora na guarda do seu gado, que como se entende, era ella de agradavel gesto, e bom rostro; vendo-a hum dia hum mancebo dos mais nobres da Villa, logo empregou nella os olhos com inclinaçaõ depravadamente lasciva: e porque a graça da fermosura no emprego da vista he poderoso iman que cegamente desordenado attrahe aos homẽs cõ os torpissimos affectos de sensuais appetites; repetidas vezes porfiou o mal inclinado mancebo a hir àquelle monte, e com teimosas demonstraçoens de amorosas finezas, significava à pastora o quanto dezejava ver nella reciproca correspondencia ao fino amor com que elle affectuoso amava a sua gentileza, entendendo ardiloso, por este caminho alcançar della o que pertendia com tanto empenho, pois lhe devia parecer que he natural propensaõ nas mulheres agradarem-se muito de quem as gaba de fermosas. Mas vendo os constantes repudios da pastora, lhe disse, que seu intento era recebela por esposa; porque ainda que entre elles havia desigualdade nas pessoas, naõ fazia disso caso pelo muito que lhe queria. E fallandolhe elle em cazar, ella se abrandou mais:

porém

porèm naõ deixou de ſer advertida, dizendo-lhe ella, que conſentiria no que intentava, ſe elle lhe fizeſſe aquella promeſſa diante daquelle Senhor que eſtava na Ermida do meſmo monte em que elles eſtavaõ. Conſentio niſto o mancebo repetindo a meſma promeſſa; e fiada ella neſta palavra de Matrimonio futuro, deixou-ſe levar da ſua depravada pertençaõ. Vendo a paſtora, que o mancebo tardava em dar à execuçaõ a ſua promeſſa, entretendo-a com razoens frivolas, e muitas vezes tratando-a com eſquivanças, pediolhe por muitas occaſioens, que cumpriſſe o que lhe tinha prometido, e que conſideraſſe, que por ſeu reſpeito eſtava infamada. Elle por naõ deixar de lhe reſponder, dizia, que eſperava tempo em que ſeos pays naõ levaſſem a mal o ſeu cazamento. Julgando-ſe a pobre moça enganada, pôs por obra demandalo por marido diante do Vigario Geral da meſma Villa: e indo a perguntas negou elle a promeſſa que lhe tinha feito, e tudo o mais que podia fazer bem à juſtiça da aflita mulher, dizendo, que nem lhe devia a honra, nem lhe dera palavra de eſpoſo, fiado ſem dúvida em naõ haver teſtemunha alguma que diſſeſſe o que tinha paſſado entre ambos.

Naõ tinha a paſtora naquella occaſiaõ por ſi, mais que a verdade com que fallava, e a juſtiça naõ póde julgar os pleitos, ſenaõ quando acha por teſtemunhas prova baſtante para conhecer a

cer-

certeza do delicto. Porèm Deos que ſó conhece os coraçoens, naõ falta em remediar as vexações feitas com falſidade, e ſe poem em campo para defender a innocencia, como ſuccedeo neſte portentoſo caſo. Pedio a paſtora ao Vigario Geral, com grande fè, fiada na Divina piedade, que pois ella naõ tinha alli peſſoas com que ſe juſtificar, foſſem todos com ella àquella Ermida, que lá tinha teſtemunhas abonadas. Foy aquelle Miniſtro Eccleſiaſtico em fórma de juſtiça, com Eſcrivaõ, Meirinho, e outras peſſoas, juntamente com as meſmas partes; e entrando todos na Ermida onde eſtava o Santo Crucifixo, naõ vendo o Vigario Geral peſſoa alguma que pudeſſe teſtemunhar no caſo, perguntou à paſtora pelas teſtemunhas abonadas: a moça derramando muitas lágrimas, ſe ajoelhou diante do Senhor crucificado, e diſſe: *Vòs meo Deos, e meu Senhor, que vieſtes do Ceo à terra para dares teſtemunho da verdade, bem ſabeis o que eſte homem me prometeo diante deſſa voſſa Santa Imagem; e como naõ tenho outra teſtemunha ſenaõ a Vòs, meo Deos, peçovos me ſocorrais neſta tribulaçaõ, e deis o teſtemunho da verdade.* Caſo aſſombroſo; que eſtando todos os aſſiſtentes com os olhos no Santo Chriſto, eis-que deſprega o Senhor os braços da Cruz lançando-ſe ſobre o direito, com a cabeça taõ inclinada, que quaſi lhe fica na altura dos joelhos, e o braço direito com a mão aberta, todo eſtendido abaixo, como provando o que aquella mulher affirmava;

e neſta

e nesta fórma persevéra nos tempos presentes com admiraçaõ de todos, e muito mais admiradas ficaõ aquellas pessoas, que vendo ser esta Imagem de páo, observaõ ter os seos veyos contra o seu natural, em volta taõ apertada. Esta miraculosa Imagem, por ser antiquissima, naõ està obrada na sua escultura com a melhor perfeiçaõ da arte, mas podemos entender, que nella assim quer Deos mostrar a sua Omnipotencia. Tèm sete palmos de comprido, ainda que se naõ póde bem medir pela volta que tem o corpo, e inclinaçaõ da cabeça. O Vigario Geral, e o mesmo mancebo com os mais circunstantes ficáraõ attónitos de verem tal maravilha. Deuse o caso por bem provado, e o mancebo convencido, recebeo a pastora a contento de todos.

Depois de taõ evidente milagre que Deos obrou em favor daquella moça para seu ampáro, cresceo muito a devoçaõ no concurso dos fieis, vindo de todo o Reyno visitar a Sagrada Imagem do Crucifixo, para o verem e venerarem; podendose aqui verificar, e dizer com David: *Omnes gentes quascumque fecisti venient, & adorabunt coram te Domine, & glorificabunt nomen tuum, quoniam magnus es tu, & faciens mirabilia.* Toda a gente, Senhor, que criastes vos virà adorar, e glorificar vosso Santo Nome, porque mostrais ser grande, e ser só Deos Omnipotente, fazendo maravilhas. A esta Ermida, que era dos Conegos da Igreja Collegiada de Santa Maria de Alcaço-

va

va da mesma Villa, vinhaõ todos os annos em dia da Vera Cruz em Mayo, com Procissaõ solemne, e muitos festejos. E correndo os tempos, a Senhora Infante Dona Maria, filha delRey D. Manoel, e de sua terceira mulher, a Rainha D. Leonor, irmãa do Emperador Carlos quinto, tomou tanta devoçaõ à Imagem deste Santo Crucifixo, que sendo a Ermida dos Conegos de Alcaçova, por certas remunerações, ajustou com elles ficar a dita Ermida por sua, e mandou fazer nella a Igreja que existe hoje, da qual adiante daremos mais larga noticia. Era esta virtuosissima Princeza dotada pela altissima providencia de taõ singulares virtudes, que sempre os nossos abonos ficaõ devendo restituiçoens a seos merecimentos; pois vemos hoje neste Reyno obras taõ devotas, que de seu Régio mando se fizeraõ, com seu proprio dispendio, que ainda a nòs, que a naõ conhecemos, sempre nos seraõ saudosas as suas lembranças: porque a virtude do amor de Deos, fica menos conhecida pelas figuras da rethórica, que pelas acçoens executadas: manifestasse mais pelas obras, que pelas palavras, para nos intimar nas distancias dos annos, relativos de saudosas memorias; perdendo a Igreja Catholica, com o fim da vida desta Princeza, huma taõ grande bemfeitora.

Com a natureza do sangue de seos venturosos pays, tambem a Senhora Infante Dona Maria, por especial herança, teve grande devoçaõ a S.

a S. Joaõ Evangelista, e por consequencia aos seos Religiosos de minha sagrada Congregaçaõ, levada do grande amor que experimentou em ElRey seu pay, para com os referidos Religiosos filhos mimosos do mesmo Evangelista neste Reyno de Portugal. Nasceo esta virtuosa Infante no anno de 1521: nunca quiz cazar, ainda que era universal herdeira da Serenissima Rainha Dona Leonor sua mãy, sendo filha unica; porque só teve hum legitimo irmaõ, o Infante D. Carlos, que morreo de poucos mezes; e ficando unica, só tratou de fazer obras de piedade, o que se póde ver no admiravel testamento, que mandou lançar no Cartorio do Convento de Santo Eloy de Lisboa, aonde existe. Falleceo esta Senhora castissima donzella de sincoenta e sete annos no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, perto de Lisboa, e edificaçaõ sua, aonde jaz seu corpo enterrado em sumptuoso sepulchro. Quanto teve de seos bens consagrou ao culto Divino, por diversas partes deste Reyno; igualando com os lances da liberalidade, os dotes de seu generoso coraçaõ, por cujas acçoens deixou na posteridade, immortal e glorioso o seu nome.

Edificada a Igreja no mesmo lugar da Ermida do milagroso Crucifixo, por mandado, e dispendio da Senhora Infante; comprou logo esta Senhora hum grande olival, q̃ fica junto à Igreja para a parte do Norte, com tençaõ de fundar juntamente alli hum Convento, para que fosse o

olival principio da ſua renda. Pedio à ſua mimoſa Congregaçaõ do Evangeliſta, quizeſſe aceitar aquelle Templo, para hum novo Moſteiro da meſma Congregaçaõ, ficando com o titulo do *Santo Crucifixo*; pois queria que naquelle lugar, aonde Deos foy ſervido obrar taõ grande maravilha, houveſſe nelle Sacerdotes de morada para beneficiarem os Officios Divinos, e darem decente culto àquella miraculoſa Imagem. Porèm diz o P. M. George de S. Paulo no livro que eſcreveo intitulado: *Epilogo, e Compendio da Origem da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta deſte Reyno, pag.* 679. §. 8, que os ſeos Padres attendendo ſer a renda limitada, ſem eſperança da Villa lha augmentar, a reſpeito dos muitos Conventos que nella ſe tinhaõ fundado, nem a Ordem lhe poder applicar penſoens dos outros Conventos que tinha a Provincia; pois eſtes ſó poſſuiaõ aquellas rendas, que juſtamente eraõ neceſſarias para o ſuſtento dos Conegos que nelles havia conventuaes; por eſta cauſa com as ſummiſſoens devidas, ſe eximíraõ aquelles bons Padres de aceitarem a liberal offerta da benigna Princeza. E como eſta Senhora amava muito todas as mais Religioens deſte Reyno, e vio, que a do Patriarca S. Bento naõ tinha Convento em Santarem, deulhe a nova Igreja, e o dito olival, com a condiçaõ de fundarem alli huma caſa regular onde eſtiveſſem doze Monges com ſeo Abbade, à imitaçaõ dos doze Apoſtolos, que era

Benedictina Luſit. tract. 12. c. 9. fol. 367.

era o titulo que ſempre teve aquella antiga Ermida, para ſerem Capellães do Santo Chriſto.

Depois que a Senhora Infante ſe recolheo no ſeu Moſteiro de Noſſa Senhora da Luz, os Padres de S. Bento foraõ edificando por tempos o Convento que hoje exiſte; o qual tem tres dormitorios de mediana grandeza, e em tudo o mais he limitado. O corpo da Igreja (que he pequena) he quadrado, mas fica quaſi igual com o ſeu retundo zimborio. Na Capella mayor eſtà a Sacroſanta Imagem do milagroſo Crucifixo em decente tribuna de boa talha dourada, encerrado com cortinas corrediças, para ſe moſtrar aos devotos fieis, que querem ver aquella maravilha do Ceo. Tem eſta Igreja mais quatro altares (excepto o da Capella mayor) dous ſaõ os collaterais, e os outros dous em duas Capellas que ficaõ fundas para dentro no meyo dos lados do corpo da Igreja; nos dous collaterais, (que ſaõ à face) no que fica da parte do Evangelho eſtà collocada a Imagem do glorioſo S. Bento, e no da parte da Epiſtola, a de Santo Amaro: e ſaõ Imagens que tem quaſi eſtatura natural, de eſcultura muito bem obrada. E nas Capellas dos lados, a que fica para a parte do Sul tem hum retabolo em que eſtaõ admiravelmente pintados os doze Apoſtolos, entre os quais eſtà Chriſto reſuſcitado, e S. Thomê metendolhe a maõ no lado. A outra Capella, que lhe fica da parte do Norte, tem outro ſemelhante retabolo com a pintura da

mesma maõ da outra, em que se vè pintada a vinda do Espirito Santo sobre as cabeças dos sagrados Apostolos, que tudo mostra ser pintura antiquissima e singular, feitas em taboas unidas, aparelhada por baixo em jeço. Nesta Igreja hà huma notavel reliquia do Patriarca S. Bento, que tambem lhe deu a mesma Infante, a qual lhe mandou de Roma (a seos rogos) o Papa S. Pio quinto; he huma grande parte da canella de hum braço do mesmo Santo Patriarca. Disto fas mençaõ a Benedictina Lusitana, tract. 2. pag. 423.

CAPITULO IX.

Da-se noticia da fundaçaõ, e existencia do Collegio que os Padres da Companhia possuem nesta Villa de Santarem.

PElo meyo das antigas muralhas que fechávaõ esta Villa, para a parte do Norte, no distrito da Freguesia do Salvador, està fundado o famoso Collegio da esclarecida, e venerada familia dos Padres da Companhia de JESUS, em o sitio mais alegre, e aprasivel que na mesma Villa podia idear a imaginaçaõ. Mas primeiro que façamos memoria de todo o artificiado, e singulares artefáctos que em si inclue este Collegio, faremos aqui huma lembrança do principio que teve a sua fundaçaõ, na fórma seguinte. Entráraõ os Padres da Companhia pri-

mei-

meiramente nesta Villa, aos sete dias do mes de Mayo de 1621, trazendo por seu primeiro Reitor o Padre Mathias de Sá. As primeiras casas que habitáraõ em fórma de Hospicio, foraõ as que estaõ contiguas à Ermida de Santo Antaõ, sita fóra dos muros da Villa, no caminho que vay para o lugar de S. Lazaro, e depois habitáraõ muitos tempos em humas casas, que estaõ proximas à Ermida de S. Sebastiaõ, que hoje lhe fica o dormitorio do dito Collegio fronteiro em pouca distancia: e em hum lugar, e outro estiveraõ os Padres por espaço de trinta annos.

O fundador desta grandiosa rèpublica litteraria, foy D. Duarte da Costa, fidalgo da primeira nobreza deste Reyno, e Armeiro môr; o qual depois de fazer a doaçaõ para se fundar o dito Collegio, entrou na mesma Religiaõ da Companhia no anno de 1609, muito antes de se dar principio à obra; e este Padre Duarte da Costa he o que o Collegio tem por fundador. O Serenissimo Rey D. Joaõ o quarto de feliz memoria, doou os seos Paços reais, que estavaõ junto à porta de Leiria, aos ditos Padres, nestes annos referidos, que estes eraõ os que os Reys de Portugal tiveraõ em Santarem, e nelles vivéraõ seculos.

Mudados os Padres da Ermida de S. Sebastiaõ para os ditos Paços, e tendo nelles já repartido commodo para a sua religiosa assistencia, fizeraõ logo Igreja em huma das salas térreas,

reas, ficando fronteira ao Convento de S. Franciſco da Provincia Obſervante, e por cima da tal Igreja corre hoje hum magnifico dormitorio do meſmo Collegio.

Neſta paſſagem que ſe fes da dita Ermida para a nova habitaçaõ dos Paços; e no dia em que ſe diſſe a primeira Miſſa na Igreja que hoje chamaõ *Velha*, ſe fes nella huma grande ſolemnidade, em a qual prègou o grande Padre Antonio Vieira, o qual tinha ido prègar a eſta Villa nas Exequias do primeiro Conde de Unhaõ Fernando Télles da Silveira, ſendo neſte tempo Reitor do novo Collegio, o Padre Franciſco Manſo. Depois paſſados alguns annos, ſe fabricou a Igreja nova: e nos fins do anno de 1679, acabada a dita Igreja, que agora exiſte, com grande pompa, e grandioſo ornato, ſendo Reitor o Padre Sebaſtiaõ de Novaes, fes mudar para ella o SANTISSIMO SACRAMENTO, com Prociſſaõ ſolemniſſima, e ſingulares feſtejos.

He o Orago, e titulo deſta famoſa, e fermoſa Igreja *Noſſa Senhora da Conceyçaõ*. Tem outo Capellas, excepto a do altar mayor, que ſaõ quatro de cada lado, he de baſtante grandeza, e de huma ſó nave, naõ tem cruzeiro, e ſó o fazem as grades que repartem o corpo, cercando eſtas toda a Igreja, fazendolhe de hum e outro lado a fórma de coxìas, com hum ſó degráo, e aſſim correm iguais com o parecido cruzeiro, o qual he baſtantemente eſpaçoſo. A Capella mayor

yor he de abóbeda de tijolo, e o arco da ſua entrada he de boa pedra, todo embutido em floroens lizos de varias cores; a ſua tribuna, que he grande, e mageſtoſa, he toda de pedra jaſpe bem artificiada de ramos embutidos, mas com mais delicadezas, e perfeiçoens regulares que o dito arco. O técto de todo o corpo da Igreja he forrado de eſteira de boa madeira com admiravel pintura: fórma-ſe eſta com ſuperior valentia, em elevada architectura, pela harmonia, que induſtrioſamente lhe fas o ideado das ſuas ſombras. E fazendo frente aos quatro cantos na meſma eſteira do forro, ſe eſtaõ vendo admiravelmente debuxadas, e bem coloridas, as quatro partes do mundo em figuras, com todas as circunſtancias que lhe compétem; e no meyo do meſmo tècto, em tarja apartada ſe comprehende na viſta, admirando o primor da arte, com que o mais mimoſo pincel ſoube reveſtir ſobre o ſingular debuxo, em vivas e naturaliſſimas cores, a figura da Soberana Rainha dos Anjos ſobindo para o Ceo, acompanhada das Jerarquias celeſtes, e de todos os miſterioſos atributos que lhe pertencem.

As Capellas das outo que tem eſta Igreja no ſeu corpo, ſinco dellas ſó tem altares, athè o tempo que iſto eſcrevemos: a primeira ſaindo da mayor, à parte do Evangelho, he dedicada a N. Senhora do Socorro, tem hũ admiravel retabolo de talha dourada moderna, e ao pè dos de-

gráos

gráos desta Capella està huma sepultura raza no pavimento, com o seguinte epitafio: *Aqui nesta sepultura estaõ os ossos de João de Andrade Pessoa, e de Maria da Fonseca sua mulher, e do Doutor Manoel de Andrade Pessoa seu filho, instituidor, e dotador desta Capella.* Da mesma parte deste lado, mais para baixo, se segue a Capella, que he dedicada a S. Francisco Xavier, que tambem està ornada com retabolo de boa talha moderna, e dourada. E mais para baixo desta, està outra, que he dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte; e ainda naõ tem retabolo; e a outra, que a esta se segue naõ tem ainda algum ornato. A primeira da parte da Epistola (seguindo-se outra vez por cima) he dedicada a Nossa Senhora da Gloria, com seu retabolo primorosamente feito de talha, e admiravelmente bem dourada, e ao pè dos seos degráos, no pavimento, tem huma sepultura raza com as seguintes letras: *Aqui jazem os ossos de Jeronyma de Sousa de Moraes, e de sua Irmãa Mariana de Sousa de Gouvea, instituidoras, e dotadoras desta Capella, filhas de Francisco de Sousa Pinto, Cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Magestade.* Deste mesmo lado mais para baixo se segue a Capella que he dedicada a Santo Estanisláo, onde està collocada huma Sacratissima Imagem de JESUS crucificado, tambem està feita de talha moderna, porèm ainda naõ està dourada; e ao pè desta Capella se vè outra sepultura, que diz o seu letreiro: *Aqui està sepultado João Henriques de S. Payo Rosa,*

Tem escudo de armas.

ſa natural de Penacova, inſtituidor, e dotador deſta Capella. Pede ſe lembrem das almas do Purgatorio. E as duas Capellas que ſe ſeguem deſta parte, ainda naõ tem altares.

No pavimento da Capella mayor eſtaõ tres ſepulturas todas razas com o meſmo pavimento, e a que eſtà no meyo tem o ſeguinte epitafio: *Aqui jaz o Reverendo Padre Duarte da Coſta da Companhia, fundador deſte Collegio, cujos oſſos foraõ trasladados para eſte lugar, anno de* 1698. A que eſtà da parte do Evangelho, tem as letras ſeguintes: *Aqui jaz Dona Leonor de Souſa mãy do fundador deſte Collegio.* E a da parte da Epiſtola, nella ſe lê o ſeguinte letreiro: *Aqui jazem Fernando Alvares de Souſa, e Dona Brites de Souſa, Avôs do fundador deſte Collegio.*

Fica o elevado fronteſpicio deſta Igreja fronteiro ao Oriente, em huma fermoſa praça, ou terreno, que antigamente (quando ali aſſiſtiaõ as Mageſtades) era chamado o *Terreiro do Paço.* Tem primoroſa fachada, pois he toda de pedraria com lavores de troncos, e ramos em meyo relevo: e ainda que no ſeu todo ſenaõ ſiga acabada alguma das ſinco ordens geráes da Architetura, ſempre fas huma agradavel, e harmonioſa magnificencia na viſta. Sinco nichos perfeitamente bem regulares, fazem proporcionado matiz a toda a eminencia deſte ayroſo, e ſoberano artefacto. Da ſimalha real para cima, bem no meyo de toda a peça, que ſe eleva com a guar-

niçaõ das ſuas quartelas a rematar o fim de toda a ſua fábrica, eſtà hum perfeitiſſimo nicho, em o qual ſe vê collocada huma bem feita Imagem da Virgem Senhora Noſſa, com o titulo da *Conceyçaõ*, que como jà diſſémos, he ali neſta Igreja Orago; e he taõ avultuda eſta Imagem, que me diſſe o Author que a fes, tinha quaſi vinte palmos de altura, e he de barro. E nos quatro nichos, que ſaõ dous em cada hũ lado, os quais ficaõ da dita ſimalha para baixo, eſtaõ collocadas as Imagens ſeguintes: Santo Ignacio de Loyola: S. Franciſco Xavier: S. Franciſco de Borja: e Santo Eſtanislao, que todos quatro tem eſtatura natural.

Compoem-ſe eſte famoſo Collegio de admiraveis officinas muito acommodadas para a vida Religioſa; e tem hum dormitorio, que naõ ſó he o melhor de quantos exiſtem nos Conventos deſta Villa de Santarem, mas ainda parece ſer hum dos melhores de todo o Reyno, pois eſtà bem regulado pela ſua grandeza, aſſim no comprimento (que he cà fóra na terra muito mais da carreira de hum cavallo) como por dentro no eſpaçoſo da largura, e altura, ſendo de abobeda de tijolo. A outro igual deſte para a parte do Sul (ficando a Igreja no meyo) ſe tem dado principio; porèm por agora eſtà parada a obra, e ſó tem pouco menos de meyo comprimento levantado, e cuberto. Tambem naõ eſtà de todo ainda acabado o páteo das aulas, mas jà nellas actu-

almente

almente ſe eſtà lendo Grammatica, Filoſofia, e Theologia moral; de cujos continuos actos litterarios com os principios das doutrinas de taõ exemplares Meſtres, tem ſahido deſta Villa, e ſeos contornos admiraveis eſtudantes, que delles temos viſto, e vemos povoadas as Religioens deſte Reyno, de grandes ſujeitos, florecendo em letras, e bons coſtumes, dos quais eſpecialmente em ſeos lugares faremos particulares memorias.

CAPITULO X.

Da fundaçaõ do Convento dos Padres Agoſtinhos deſcalços neſta Villa de Santarem, no diſtrito da Freguesia do Salvador.

NO anno de mil ſeiſcentos e ſetenta e ſinco, entráraõ neſta Villa para fundarem hum Convento os Padres Religioſos deſcalços do Patriarca Santo Agoſtinho, onde o ſeu fundador o R. P. Fr. Manoel da Conceiçaõ Religioſo Eremita calçado, lhe tinha comprado humas caſas, em as quais entaõ ſe acomodáraõ, que he o meſmo lugar aonde hoje exiſte o Convento; e eſtas cazas eraõ pertencentes ao morgado dos Condes de Santiago, as quais ſe compráraõ por preço de tres mil cruzados; e como para eſta venda ſer firme, e valioſa, era preciſo Proviſaõ real, por ſerem as cazas de vinculo de morgado, fizeraõ por entaõ ſó eſcritura de promeſſa

da venda; e depois no anno de 1677 a celebrarão solemnemente, e sendo já fallecido o Conde Lourenço de Sousa de Menezes: sua mulher a Condessa D. Luiza Maria de Mendoça alcançou Provisão, obrigando-se os Religiosos para sempre dizerem huma Missa todos os Sabbados, pelas almas do dito Conde, e Condessa, em satisfação de duzentos mil reis que faltavão para lhe satisfazerem o preço da venda; cuja Provisão, e Escritura se achão no Cartorio do mesmo Convento.

Nestas casas se acommodárão os ditos Padres, as quais erão sitas junto à porta de Leiria, assim chamada, por ter ali principio a estrada que se encaminha para aquella Cidade; e porque ainda não tinhão Igreja para celebrarem os Officios Divinos, a fizerão em huma sála grande daquellas mesmas casas, que assim lhe servio por espaço de quatro annos: e em dezaseis do mez de Julho de 1679, por emprestimo, lhes deo o Senado da Camera desta Villa a Ermida de S. Sebastião, a qual lhe estava contigua da parte do Norte, ficando assim os Padres com melhor commodo; porque as casas já tinhão huma tribuna para a Ermida, que lhe servia de coro, a qual hoje està tapada. E no Cartorio do Convento tambem estão as escrituras que se fizerão deste emprestimo. Pelos annos adiante forão os ditos Padres vivendo ali em fórma de Cõmunidade, com mais alguma largueza, adquirindo algumas

esmol-

eſmolas da nobreza da Villa, e das peſſoas reais. Foraõ fazendo no diſtrito daquellas cazas formalidade de Convento, ſervindo-ſe da Ermida por eſpaço de vinte annos, athè que tomàraõ poſſe da Igreja que ElRey D. Affonſo ſexto mandou fazer à miraculoſa Senhora da Piedade, que lhe ficava junto ao Convento para a parte do Poente, de cuja fundaçaõ daremos aqui noticia.

Por cima da jà mencionada porta de Leiria, eſtava huma Ermida dedicada à Virgem Noſſa Senhora, com o titulo de *Guadelupe*, annexa à Paroquial Igreja do Salvador; e junto deſta Ermida por cima do muro da Villa, eſtava huma torre cuja ſerventia lhe dava hum eirado que mediava entre a Ermida, e a torre, a qual torre tinha huma grande caza, que antigamente ſervia de Relaçaõ, quando a Corte dos Reys de Portugal aſſiſtia neſta terra, antes que foſſe na torre da porta de Manços, e quando os Reys ſe mudáraõ para Lisboa, deraõ a dita caza aos Miſteres deſta Villa, para nella fazerem às ſuas conferencias. Deſta Ermida naõ podemos dizer com individual narraçaõ o tempo em que foy fundada, nem verdadeiramente quem a erigio; mas he tradiçaõ, e ſe crê como ſem dúvida, que o piedoſo Rey D. Affonſo Henriques depois que alcançou aquella grande victoria de tomar eſta famoſa terra aos Mouros, a edificou, e as mais que eſtaõ ſobre as portas da Villa; para que ſendo a Senhora a guarniçaõ das ſuas muralhas, as de-

defendesse e amparasse; e para isto se poder affirmar com mais evidencia, sabemos que aquella Ermida era do Padroado real, como consta do livro do Tombo desta Villa, em o qual se vê, que como sua a mandou demolir ElRey D. Affonso sexto, para dar principio à Igreja da Senhora da Piedade, que de facto mandou principiar.

Neste mesmo lugar em que estava aquella Ermida, por cima da porta de Leiria, havia huma escada de tijolo encostada ao muro, que servia de sobida, e serventia à casa, ou torre dos Misteres; e como Deos he incomprehensivel nos seos juizos, quiz que este mesmo lugar daquella escada fosse honroso theatro das suas maravilhas, inspirando no Irmaõ Affonso da Piedade, o qual servia a Deos naquella Ermida com hábito de Ermitaõ, que collocasse nelle a Imagem Sacratissima da Senhora da Piedade. De donde viesse esta Imagem da Senhora à maõ do servo de Deos Affonso: naõ o podemos certamente averiguar, mas he dito por algumas pessoas antigas da terra, que o conhecéraõ, ou o tratáraõ, que o mesmo Irmaõ Affonso fizera a Senhora de barro, e que metendose no forno para se cozer, cresceo tanto, que depois de cosida para a tirarem do forno, naõ pode sahir delle sem o desmancharem; e tendo-a o Irmaõ Affonso jà pintada, a levou de sua casa em hum andor com muita nobreza da terra em procissaõ, e a collocou

cou naquelle meſmo nicho em que hoje ſe vé, que he o meſmo lugar aonde entaõ eſtava a eſcada. Tem eſta Senhora quatro palmos de altura, eſtà aſſentada com o ſeu bendito Filho nos braços, tendo huma inclinaçaõ taõ devota, que provoca a todo o catholico terlhe eſpecial devoçaõ. E como nos ſeja preciſo dizer os grandes, e maravilhoſos milagres, que Deos por eſta Senhora fes (e ainda aſſiſtindolhe o Irmaõ Affonſo fes al guns, a que ſe naõ dava inteiro credito,) lançaremos aqui primeiro a copia de huma ſua carta, e diremos o motivo que teve para ſe auſentar deſta terra.

Coſtumava o Irmaõ Affonſo da Piedade, por ſua grande devoçaõ, e amor de Deos, a encomendar as almas todas as noutes do anno; e como alguns vádios da terra encontrando-o o perturbaſſem daquelle ſanto exercicio com travesçuras pueris: ſabendo-o ſeos parentes, que lhe podia iſto ſervir de algum danno corporal, ou eſpiritual, reſolutamente o fechavaõ de noute, para que mais naõ encomendaſſe as almas a ſemelhantes horas. Succedeo, que huma noute deſapareceo de caſa, e quando no outro dia o buſcáraõ, acháraõ o ſeu hábito na praia do Tejo, aonde chamaõ as *Omnias*, e naõ ſe ſabendo mais delle, entendéraõ que no Tejo ſe tinha afogado; porèm o ſervo de Deos paſſando o Rio buſcou nas montanhas da Arrabida lugar mais ſolitario, onde livremente ſe podeſſe de todo em-

pregar

pregar na vida contemplativa; de cujo lugar mandou a seguinte carta aos Irmãos devotos da Senhora da Piedade, cujo traslado he copiado do livro da Irmandade:

Haverà sincoenta e dous annos, pouco mais ou menos, sendo eu de idade de quinze para dezaseis, servindo a Nossa Senhora de Guadelupe com muita devoçaõ, dez ou doze annos, estava huma porta da Villa a que chamavaõ de Leiria, *e junto a ella estava outra a que chamavaõ a* Porta falsa, *a qual hia sahir à fonte das figueiras, e estava fechada com humas grades toscas, e servia de agazalho aos pobres; o sitio me pareceo seria de dez palmos em quadro; tive devoçaõ de fazer huma Ermida, acomodada ao sitio que digo, e lhe fis hum altar; e na parede lhe pus huma Cruz grande com huma toalha em cima, que representava o descendimento de Christo; e permittio o mesmo Senhor, e sua Santissima Mãy, que de taõ limitados principios, houvesse taõ grandes fins: pus mais no dito altar huma Senhora da Piedade que me deu hum Clerigo, a quem chamavaõ Joaõ Ribeiro, que morava à porta da Tamarma; esteve a Senhora alli alguns annos, por morte do Clerigo a deixou em testamento a huma Freira de S. Domingos das Donas, diziaõ ser sua parenta, a qual Senhora està em huma Capella do claustro do dito Convento; e como jà neste tempo a Ermida era frequentada de muita gente, e com muita devoçaõ assistisse, me vali de outra Senhora da Piedade, a qual me emprestou o Guardiaõ de S. Francisco em quanto se fes esta Senhora por minha ordem, e a levámos a cozer eu, e meos*

Irmãos

Irmãos em hum andor com grande veneraçaõ ao forno de Antonio Fernandes oleiro, o qual forno eſtava detraz das muralhas à Mouraria, e por ſinal que a metemos nelle com muita facilidade, e a tirâmos com muito grande trabalho, parecendo-nos que creſcéra a Senhora, ſendo aſſim, que as Imagens de barro no forno apertaõ com o coſimento; e a mandei pintar, e encarnar a hum pintor, que jà he morto, que ſe chamava Joaõ da Cunha, que morava defronte de Luis de Quintal Meirinho, e trouxemos eſta Senhora, que digo, com toda a veneraçaõ, que ſe lhe devia, à Ermida que fiz junto à porta de Leiria, e a orney no eſtado em que todos a viaõ, e era muy frequentada de toda a gente devota a quem fazia muitas mercês, e a mim muitas mais, pois a ſervi todo o tempo que eſtive na dita Villa, e me fes grandes favores; e pela muita devoçaõ que tinha a eſta Senhora, tomey o appellido da Piedade, *e deixando a terra, eſtou aſſiſtindo na Serra da Arrabida hà trinta e dous annos, e naõ ſey no eſtado em que eſtà hoje eſta Ermida, mais que as novas que ouço dos grandes milagres que tem feito, e fas cada hora eſta Senhora: ella por ſua grande Piedade, e Miſericordia nos dê a todos os bens da alma, e nos grangee a ſalvaçaõ, que he o que mais nos convèm, e a paz, e uniaõ no Reyno &c. Arrabida, hoje 19 de Setembro de 1663. O Irmaõ Affonſo da Piedade.*

Por eſta carta ſe póde bem entender o como a Imagem deſta Senhora ſe collocou naquelle lugar, ſendo hum ſitio taõ pouco decente ao noſſo parecer, para taõ Soberana Princeza, mas

como o juizo de Deos he incomprehensivel, elle só sabia o paraque quiz, que aquella excellentissima Imagem estivesse sincoenta e dous annos naquella limitadissima casa, que ainda hoje he a mesma que entaõ era, pois naõ consentiraõ os Reys de Portugal, que se mudasse cousa alguma da Capellinha, nem que se tirasse a Senhora do mesmo nicho em que estava, e só do que era porta se fes hum arco de pedraria bem lavrada, que depois de se fazer a Igreja, ficou assim a dita Capellinha, servindo como Capella mór, cujo risco da Igreja deixamos agora, para o dizermos em seu lugar. Ali antes de se fazer a nova Igreja, por muitos annos, vinha continuamente numeroso concurso de todo o povo, e de fóra da terra a buscar o remedio ás suas afflições, e sabemos, que muitas pessoas o achaõ certo no patrocinio desta miraculosa Senhora, e todo este Reyno de Portugal.

CAPITULO XI.

Descreve-se o prodigioso Milagre, que a Senhora da Piedade fes pelo bem deste Reyno.

RESTITUIDO este Reyno de Portugal a seu legitimo Rey, qual foy o Senhor D. Joaõ o quarto deste nome, que sempre foy, e será de gloriosa memoria para a naçaõ Portugueza; sendo a sua acclamaçaõ no anno de 1640, no

no primeiro dia do mez de Dezembro; e querendo Caſtella com as armas nas mãos, por eſpaço de vinte e dous annos, nos campos do Alentejo, reſolver a queſtaõ da poſſe, no poder dos exercitos, cujas ſanguinolentas batalhas tinhaõ ſido taõ glorioſos triunfos para os Portuguezes, quanto infauſtos preludios para os Caſtelhanos. Quando pelo principio do mez de Mayo no anno de 1663, ſe viraõ as terras tranſtaganas cubertas de hum numeroſo exercito Caſtelhano, authoriſando-ſe eſte, com a peſſoa do Infante D. Joaõ de Auſtria, de cujo Principe General, fiava Filippe quarto na ſciencia Militar as eſperanças de recuperar ſeos infortunios nos mal entendidos deſmayos do noſſo ſuſto. Entrando com o ſeu exercito pelas noſſas terras, chegou a Villa Viçoſa, e retirouſe ſem effeito, porque naõ achou a fórma de pelejar como queria; paſſou a Eſtremôs, olhou com reſpeito a ſua fortaleza, ſem algum acometimento, e ſeguindo outro rumo, ſe foy acampar defronte das muralhas de Evora Cidade, que a achou muito mal fortificada. O combate ali foy inceſſante, e depois de muitos dias de reſiſtencia, aos vinte e dous dias do mez de Mayo ſe entregou ao inimigo.

A vinte e ſeis deſte meſmo mez voou a Santarem nas azas da pena eſta nova, que pelo conceito das conſequencias ſe fazia recear a viſinhança do inimigo por entaõ victorioſo, tempo

em que Portugal se achava sem exercito prompto para logo pegar nas armas, e o que havia era de muito inferior numero, ainda que se fizesse conta aos excessos do valor. Este foy o motivo porque os afflictos moradores de Santarem recorrérão ao unico remedio de suas esperanças, que era aquella Virgem Santissima da Piedade, que estava na pequena Ermida da porta de Leiria; e estando nella bastante numero de pessoas orando com muitas deprecaçoens; sendo pelas tres horas da tarde, vírão o rostro da Soberana Senhora com hum luzidissimo, e Divino resplandor, e o corpo de seu Benditissimo Filho com huma cor mais enfiada do que athè alli representava a pintura na encarnação amortecida.

Repugnava vacilante o entendimento à fé dos olhos, no principio daquellas vistas, pois se consideravão aquellas creaturas indignas de verem tais prodigios do Ceo. Mas prostrados os coraçoens em perseverante devoção, absolutamente forão vendo pelas circunstancias sobrenaturais, a grande maravilha do milagre. No dia seguinte concorreo o povo, assim Ecclesiastico, como Secular, noticiados daquelle protento, e todos repetindo a mesma supplica; às mesmas horas virão, que a Senhora se inclinava, buscando com o seu preciosissimo rostro o do Filho, para alcançar o despacho à sua intercessão: e o mesmo Senhor mostrando estar prompto às supplicas de sua amada Mãy; visivelmente hia levantando

vantando ſeu Divino roſtro, athè chegar a unir-ſe com o da Senhora, e taõ apertada foy eſta uniaõ, cabendo d'antes entre hum, e outro roſtro mais de hum palmo, ao depois nem a delgadeza de huma finiſſima toalha bem cabia. Vio-ſe logo patente ſem quebra do barro (com o movimento do corpo) o lado ſocroſanto, que em thè ali eſtava quaſi encuberto por imperfeiçaõ do artifice, e o ſangue que de antes ſe via denegrido pela repreſentaçaõ de morto, ficou taõ freſco, como que ſe o pintor naquella hora lhe tivera dado a mais illuminada, e rubicunda côr.

Sedo acreditou a Piedade Divina, o conceito daquelles fieis devotos, porque a outo de Junho do meſmo anno de 1663, em huma Sexta feira, alcançou eſte Reyno a memoravel victoria do Amexial, chamada vulgarmente do *Cannal*, por ſe dar, e concluir eſta batalha em hum ſitio aſſim chamado, pela razaõ de ficar entre huns montes: em cujo rigoroſo conflito o valor Portuguez (ainda que com inferior partido no numero de Soldados) reduſio aquella terra, que pizavaõ as armas Caſtelhanas, a huma horroroſa viſta da mais triſte tragédia, pela mortandade dos inimigos, e gemidos dos que ainda naõ acabavaõ as vidas. Depois deſte triunfo que tiveraõ as armas Portuguezas, e por ellas reſtaurada Evora, com huma e outra victoria, ſegurou a Senhora da Piedade de Santarem eſte Reyno à naçaõ Portugueza, e a coroa a ſeu nacional

Portug. reſtaurad. Tomo 2. liv. 8. fol. 514.

Mo-

Monarca. Reparem bem agora os contemplativos, como se sentenciou a Coroa de Portugal, a seu legitimo Senhor? bem o està ditando a nossa fé, e bem se póde dizer sem a nota de pouco provavel, que tiveraõ mais parte no vencimento da batalha do Cannal, os moradores de Santarem orando com rogos à Senhora da Piedade, na Ermida da porta de Leiria desta Villa, do que os valerosos Capitães, na campanha pelejando, e à força de armas restaurando a Cidade de Evora: pois com bons fundamentos podemos entender, que o triunfo daquella batalha foy regido pelo impulso desta devoçaõ.

Naõ se duvidou jà mais em tempo algum ser este triunfo conseguido pela virtude daquelle milagre, pois assim foy declarado por sentença do Cabido de Lisboa *Sede Vacante*, a onze de Dezembro de 1663, como se póde ver pela carta Pastoral aqui trasladada fielmente na fórma seguinte:

Nòs Deam, e Cabido da Santa Sê Metropolitana desta Cidade de Lisboa, Sede Archiepiscopali Vacante &c. *A todos os fieis Christãos destes Reynos, e Senhorios de Portugal, em particular do Arcebispado desta Cidade, e da Villa de Santarem, a quem esta nossa Carta Pastoral for mostrada, ou della por qualquer via tiverem noticia; saude, e paz para sempre em JESU Christo nosso Salvador, que de todos he verdadeiro remedio, e salvaçaõ. Fazemos saber, que por Portaria nossa, passada em vinte e sete de Junho do anno passado*

de

de mil ſeiſcentos e ſeſſenta e tres, mandámos ver em noſſa Relaçaõ huns Summarios, que ſe proceſſáraõ na Villa de Santarem, ſobre alguns caſos ao parecer ſobrenaturaes, e algumas maravilhas, que ſe referíraõ haver obrado o Altiſſimo, e Omnipotente Deos, por interceſſaõ da Puriſſima Virgem MARIA ſua Mãy, da Ermida da invocaçaõ da Piedade, *ſita na Fregueſia da Paroquial Igreja do Salvador da meſma Villa; ordenámos com a conſideraçaõ, e importancia de tal materia, ſe nos conſultaſſe o que pareceſſe, para que pudeſſemos com a certeza que ſe requeria, declarar aos fieis Chriſtãos, o credito que podiaõ, e deviaõ dar aos ſobreditos caſos, ao parecer ſobrenaturaes, e às chamadas maravilhas, para com iſſo ſatisfazermos a obrigaçaõ que nos corria pela cura Paſtoral que agora exercitamos, e de preſente fazemos, e ſe poder venerar com o devido culto aquella Santa Imagem da invocaçaõ da* Piedade, *e ſe affervorar a devoçaõ da Virgem Noſſa Senhora, e havendo-ſe dado ſatisfaçaõ a eſta noſſa ordem, e feita Relaçaõ por menor de tudo o que conſtava dos ditos Summarios, ordenámos de novo que com o parecer dos Religioſos mais doutos, que ſe achaſſem neſta Corte, ſe determinaſſe, e ſentenciaſſe a Cauſa conforme a diſpoſiçaõ do Direito Canonico, Concilio Tridentino, e Conſtituiçoens do Arcebiſpado; em execuçaõ da qual ordem, foraõ de novo viſtos na meſma Relaçaõ os ditos Summarios, e os mais documentos, e com toda a madureza, e attençaõ, que taõ grave negocio merecia, ſe pronunciou a ſentença do theor ſeguinte:*

,, Acordaõ em Relaçaõ &c. Viſtos eſtes Autos,

,, tos, Summarios de testemunhas, perguntadas
,, sobre o que succedeo, e se vio pelo povo
,, Christaõ na Veneravel Imagem de Nossa Se-
,, nhora da Piedade de Santarem, Consulta que
,, sobre o caso se fes desta Relaçaõ, ao Reve-
,, rendo Cabido, à qual assistiraõ os Theolo-
,, gos, que para ella foraõ chamados de especial
,, comissaõ do mesmo Reverendo Cabido, mo-
,, stra-se, que sendo em vinte e seis dias do mez
,, de Mayo do anno passado de mil seiscentos e
,, sessenta e tres, estando na Ermida da dita in-
,, vocaçaõ de Nossa Senhora, pessoas devotas
,, fazendo oraçaõ, e encomendando à Senhora,
,, e a seu Unigenito Filho que tem em seos bra-
,, ços morto, as necessidades deste Reyno, em
,, que se experimentavaõ os golpes da sua Divi-
,, na justiça, foy visto o rostro da Senhora mui-
,, to encarnado, e resplandecente, e o do Senhor
,, muito enfiado, e differente do que se costu-
,, mava ver, e com tudo as devotas pessoas por
,, entaõ o naõ reveláraõ, ou tendo-se por indig-
,, nas de tanto favor, ou por lhes parecer impos-
,, sivel o que a seos olhos se representava. Mos-
,, trando-se mais, que sendo em Domingo vin-
,, te e sete do dito mez de Mayo, estando outro
,, sim as mesmas pessoas, e outras muito devo-
,, tas continuando a sua oraçaõ com aquelles
,, affectos, que cada huma sentia em sua alma,
,, pedindo à Senhora para seos filhos que esta-
,, vaõ prisioneiros, a liberdade, e para as armas
do

,, do Reyno o vencimento, e pondo todos os
,, olhos naquellas Divinas Imagens, foy vista a
,, da Virgem MARIA Nossa Senhora muito
,, mais inclinada para fóra, e a do Senhor, que
,, visivelmente hia levantando seu Divino ro-
,, stro para cima, mostrando o lado patente, e
,, rasgado para a porta, e a côr de seu precioso
,, Sangue viva e fresca, estando d'antes dene-
,, grido, e encuberto; movendo outro sim o seu
,, Divino Corpo de sorte que ficou muito mais
,, levantado do que estava nos mesmos braços
,, da Senhora, na qual prodigiosa acçaõ foraõ
,, vistos ambos os Divinos rostros taõ chegados
,, hum ao outro, que difficultosamente havia
,, lugar de caber pelo meyo delles hum dedo,
,, sendo assim, que pelo mesmo Summario con-
,, sta estarem d'antes taõ desviados, que bem
,, seria mais de huma maõ travessa de distancia
,, conhecendo-se assim no gesto, fórma, côr, e
,, postura das ditas Imagens notavel differença
,, da que tinhaõ antes deste successo; o qual di-
,, vulgado pela Villa, concorrèraõ com muita
,, devoçaõ, zelo, e fervor à dita Ermida muitas
,, pessoas, assim religiosas, como seculares, que
,, todas foraõ testemunhas de vista do tal suc-
,, cesso, e conhecendo d'antes a architectura
,, com que estavaõ, e vendo com seos olhos o
,, o prodigioso movimento que faziaõ, o acom-
,, panhavaõ com lágrimas de reverencia, e af-
,, fecto de admiraçaõ, o que tudo se prova ple-

,, nariamente com muito grande numero de te-
,, ſtemunhas, examinadas com a circunſpecçaõ
,, que o caſo pede; todas de viſta fidedignas,
,, mayores de toda a exceiçaõ. Moſtra-ſe mais
,, em confirmaçaõ do referido ſucceſſo, ſerem
,, de barro eſtas Sagradas Imagens, e que ſendo
,, viſtas, e examinadas pelos officiaes peritos da
,, arte Imaginária, juráraõ naõ poder ſer movi-
,, mento por ordem natural, ficando ſans, e ſem
,, abertura alguma, o que tudo viſto, e o mais
,, que dos Autos conſta, e reſulta, diſpoſiçaõ
,, do Direito neſtes caſos, diſputa dos Theo-
,, logos, theologicamente neſta Relaçaõ, em
,, preſença dos Padres, que para ſe conferir fo-
,, raõ chamados; e como para ſe provar haver
,, milagre, neceſſariamente devem concorrer
,, os requiſitos de ſer feito por Deos Noſſo Se-
,, nhor em corroboraçaõ de noſſa Santa Fé Ca-
,, tholica, e a fim de ſua Divina Mageſtade ſer
,, melhor ſervido, e ſer o ſucceſſo raro, fóra das
,, regras da natureza; e como no caſo preſente
,, concorrem os taes requiſitos, reſultando em
,, tanto louvor da Virgem Sacratiſſima Senhora
,, Noſſa, e de ſeu Unigenito Filho; por tanto
,, *Authoritate ordinaria*, na fórma do Sagrado
,, Concilio Tridentino julgaõ, e declaraõ eſtes
,, caſos por milagroſos, e que por taes ſe poſſaõ
,, publicar, e prégar aos fieis Chriſtãos para ſua
,, conſolaçaõ, e para gloria e louvor da Vir-
,, gem Senhora Noſſa, e de ſeu Unigenito Fi-
lho.

,, lho. Lisboa onze de Dezembro de mil ſeiſ-
,, centos e ſeſſenta e tres. *E ſendo publicada a dita ſentença na fórma do eſtillo, e viſta por nòs em Cabido, ſendo para iſſo chamados na fórma dos eſtatutos deſta Santa Sè Metropolitana, mandámos em virtude della paſſar a preſente Carta Paſtoral, pela qual denunciamos a todos os fieis Chriſtãos deſtes Reynos, e Senhorios de Portugal, e particularmente aos ſubditos deſte Arcebiſpado deſta Cidade, e Villa de Santarem, que pódem, e devem ter os ſobreditos caſos por ſobrenaturaes, maravilhoſos, e milagroſos, e dar inteiro credito a tudo o que na dita ſentença ſe refere haver Deos Noſſo Senhor obrado; e os exhortamos a que ſe afervorem muito na devoçaõ daquellas Sagradas Imagens, para por meyo dellas, e da interceſſaõ da Virgem Puriſſima Senhora Noſſa, alcançarem de ſeu Unigenito Filho os bens eſpirituaes e temporaes, que mais nos convem; e mandamos em virtude de ſanta obediencia a todos os Priores, Vigarios, Curas, e mais peſſoas Eccleſiaſticas, a quem eſta noſſa Carta for moſtrada, e com ella forem requeridas, a publique, ou faça publicar em ſuas Igrejas na hora da Miſſa da Terça, eſtando o povo junto, e depois de lida, ſerà fixada nas portas principaes das ditas Igrejas, para que venha à noticia de todos, e poſſa com iſſo creſcer a devoçaõ, que ſe deve às ſobreditas Imagens. Dada em Lisboa ſob ſignais dos noſſos Aſſignadores, e Sello da noſſa Meſa Capitular, aos quinze dias de Janeiro. Domingos de Meſquita Teyxeira, eſcrivaõ da Camera a fes eſcrever na era de 1664. D. Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa. Alvaro Soares de Caſtro. Feyo. Peixoto.*

CAPITULO XII.

Como ElRey D. Affonſo Sexto erigio, e mandou fundar de novo a Igreja de Noſſa Senhora da Piedade de Santarem.

PUblicado por ſentença do Cabido, *Sede Vacante*, o prodigioſo milagre da Senhora da Piedade, a vinte e dous de Janeiro, no anno de mil ſeiſcentos e ſeſſenta e quatro, partírão para Santarem no meſmo anno a vinte e tres do dito mez, a Mageſtade delRey D. Affonſo ſexto com o Sereniſſimo Infante D. Pedro ſeu Irmaõ, e a mayor parte da ſua Corte, a venerar aquellas Sacratiſſimas Imagens, e para eſta jornada tinha jà mandado fazer hum nobre riſco, para logo ſe fundar em ſua real preſença huma Igreja a eſta Senhora, que foy para nòs reconhecimento perduravel da ſua eſpecial devoçaõ. Chegado pois S. Mageſtade a Santarem com a ſua Corte, logo ſem chegar a outro ſitio, ſe foy apear à porta daquella Capellinha, e entrando nella com profunda devoçaõ, e exceſſivos affectos deu graças a Deos, e à Senhora da Piedade por taõ manifeſto beneficio.

Chegado o dia da ſexta feira, que ſe contavaõ vinte e ſinco do meſmo mez de Janeiro, na meſma Capellinha celebrou Miſſa de Pontifical com a ſolemnidade e pompa, que permitia a pequenhez do lugar, o Biſpo de Targa D. Franciſco Soto-Mayor, a que aſſiſtírão as Peſſoas Reais, e to-

e toda a Corte; benzeo o Bispo o Campo, que jà estava demarcado para o assento do novo Templo, com todos os ritos, e ceremonias que manda a Igreja. Tambem benzeo o Bispo a pedra, que foy primeiro fundamento do mesmo Templo, a qual poz logo no seu lugar com grande devoçaõ o mesmo Rey, ajudandolha a pôr o Serenissimo Infante D. Pedro depois Rey de Portugal, segundo deste nome. Foy assentada esta pedra no lugar onde hoje he a porta travessa da Igreja, que olha para dentro da Villa, ficando quasi ao nascente, e a pedra que ficou debaixo do cunhal, està entre esta porta e a Capella, em que hoje collocada se venera a Imagem de S. Guilherme, e na dita pedra foy gravada a seguinte inscripçaõ:

Deiparæ Virgini à Pietate denominatæ Alphonsus VI. Lusitaniæ Rex, quod ejus ope ad miraculum insigni Joannẽ Austriacũ Philippi IV. Regis filium pugna Canalensi, sexto idus Junias anno Domini 1663. *circa Stremotium commissa profligaverit, multos hostium interfecerit, plures ceperit, tormentis, armis, impedimentis, potitus sit. Hoc sacellum impensis suis faciendum curavit; primumque fundamentorum lapidem propria manu in æternum grati, devotique animi monumentum posuit sequenti anno* 1664.

Continuouse a obra da Igreja athê a simalha real, e assim ficou huns poucos de annos, porque como he sabido; o Rey q̃ lhe mandou dar principio,

pio, athè o ſeu falecimento teve impedimentos para a mandar acabar; depois diſſo governando, e ſendo Rey deſte Reyno D. Pedro ſegundo do nome, lhe mandou dar o fim com toda a perfeiçaõ, como hoje ſe eſtà vendo. Eſta Igreja naõ he grande, porque o ſitio naõ admitia mais largueza, e juntamente quizeraõ eſtes Monarcas, que a Capellinha da Senhora ficaſſe ſervindo de Capella mayor ao novo Templo. He eſta Igreja ſextavada, ficando-lhe os ſeos quatro lados fazendo regularmente huma Cruz ao ſeu corpo, porque hum braço da Cruz fica aonde eſtà a porta principal, o outro fronteiro he onde fica a Capellinha da Senhora; o outro aonde eſtá hũa porta traveſſa, e o outro fica na outra porta traveſſa, tudo em fórma de hũa medalha. He a ſua fabrica de boa, e bem lavrada pedraria branca e vermelha, todo o corpo deſta Igreja ſe eleva com hum rotundo zimborio acompanhado de cintas da meſma pedraria, e a cupola do ſeu remate pela parte de fóra, he todo guarnecido de paſtas de chumbo. Tem tres altares, o primeiro he o da Capellinha da Senhora da Piedade, que ſerve de altar mòr, os outros dous colaterais ficaõ nos dous braços da Cruz, que cruzaõ o da porta principal e o da Capellinha, cada hum delles fica em hum lado dos dous braços, que fazem Cruz à Igreja, e eſtaõ encoſtados para os lados da Capella mayor, de ſorte, que quem entrar pela porta traveſſa, que eſtà da

parte

parte da Villa, ficalhe o altar à maõ direita, e quem entrar pela outra porta travessa, que està da parte do chaõ da feira, ficalhe o altar à maõ esquerda, este altar, que he o da parte do Evangelho, he dedicado à gloriosa Santa Rita, e o outro colateral a S. Guilherme; e nas duas faces, que fazem resalto para a Capella mayor, estaõ dous magestosos pulpitos, hum de cada banda com seus plintos, ou bacias de boas pedras vermelhas, e grades de evano. Tem hum coro pequeno por cima da porta principal, que mostra naõ ser feito para Communidade de Religiosos, com grades de evano, em cujo coro naõ rezaõ os PP. o Officio canonico, e se servem para este effeito de outro que fica por cima da Capellinha da Senhora, em o qual està aberto hum arco, q̃ toma toda a altura dos braços da Igreja, todo fabricado da mesma pedraria bem lavrada, e no meyo do mesmo arco està hum throno de madeira bem artificiado, onde se expoem o Divinissimo SACRAMENTO do altar. E no pavimento da Igreja, aonde corre hum degráo desde o altar de Santa Rita athè o de S. Guilherme cruzando juntamente pelo arco que entra para a Capella mayor, estaõ fixas humas grades de evano de quasi huma vara de altura, repartidas entre pilares de finissimo jaspe muyto claro. O Portico da porta principal pela parte de fóra he admiravelmente bem delicado, sendo a delineaçaõ do seu risco, primorosamente bem ideada, e a

pe-

pedraria bem obrada com toda a delicadeza; tem por cima hum escudo com as armas Reais, e os porticos das portas travessas pouco diferem do principal, tendo os dous a mesma inscripçaõ, que jà fica referida na pedra fundamental desta Igreja.

CAPITULO XIII.

Em que se dà noticia de huma Irmandade, que em Santarem se erigio à Senhora da Piedade, em a qual se assentáraõ por Irmãos as Pessoas Reais, que a renováraõ com grande fervor, edevoçaõ.

DEpois do maravilhoso milagre referido, o Doutor Manoel Dias da Costa, Vigario Geral em aquelle tempo nesta Villa de Santarem, cheyo da devoçaõ, e amor de Deos, considerando que seria grande utilidade para se perpetuar a devoçaõ da Senhora, ter huma Irmandade que bem a servisse; falou a desouto pessoas da mesma Villa, a quem propoz o seu dezejo, aos quais achou promptos, e alvoroçados, fazendo logo todos hum termo de aceitaçaõ, o qual fielmente aqui vay trasladado, assim como se acha no livro da mesma Irmandade, e he na fórma seguinte:

Termo do Juramento q̃ fizeraõ os Instituidores da Irmandade da Milagrosa Senhora da Piedade sita à porta

sa de Leiria desta notavel Villa de Santarem no seu Oratorio, aos onze dias do mez de Julho de 1663. Fes annos no mesmo dia em que succedeo o milagre.

,, O Doutor Manoel Dias da Costa, Prior
,, de S. Martinho, Vigario Geral desta Villa de
,, Santarem, conhecendo pelos prodigiosos mi-
,, lagres, que Deos Nosso Senhor tinha obrado
,, em vinte e sete de Mayo, e dez de Junho no
,, dito anno, nas Sagradas Imagens da Virgem
,, Nossa Senhora da Piedade, e de Christo Nos-
,, so Senhor, que tem em seu purissimo regaço
,, morto; e o grande concurso de fieis Chri-
,, stãos, que haviaõ de concorrer em romaria a
,, visitalos; e quam importante seria haver Ir-
,, mandade sua, para se fazer com mayor acerto
,, o serviço de Deos, e de sua Santissima Mãy,
,, como se uza, e pratica em todas as mais Igre-
,, jas de romagem em que hà Imagens milagro-
,, sas, convocou assim ao dito Oratorio: ao Co-
,, nego Antonio Soares da Affonseca: ao Prior
,, de Marvilla Manoel Colasso: ao Conego
,, Chanceler Manoel de Oliveira: ao Prior de
,, S. Juliaõ Gregorio Roque de Almeida: ao
,, Padre Domingos Ferreira: a Francisco Coe-
,, lho escrivaõ da Camera: a Joaõ de Perada
,, Homem: a Luis Alvares de Siqueira: a Fran-
,, cisco Nunes Infante: a Antonio de Carva-
,, lhal: ao Lecenciado Manoel de Avellar Ca-
,, mello: a Manoel da Costa cerieiro: a Fran-
,, cisco Gomes çapateiro: a Joaõ Monteiro cor-

,, eiro: a Luis de Miranda cortidor: a Chriſto-
,, vaõ Paes cortidor: a Manoel Fernandes eſ-
,, pingardeiro, ſeis eccleſiaſticos com elle Vi-
,, gario Geral: ſeis nobres, e ſeis officiais; e lhes
,, repreſentou a grande importancia que havia
,, para augmento da devoçaõ da Senhora, ſe
,, houveſſe Irmandade ſua, encomendando-lhes
,, muito, que a Deos Noſſo Senhor ſeria aceito
,, eſte ſerviço, e que quizeſſem ſer elles os pri-
,, meiros que aceitaſſem o ſerem Irmãos da dita
,, Irmandade, como peſſoas mais authoriſadas,
,, e mais afazendadas dos tres eſtados da dita
,, Villa; e outro ſim quizeſſem ſer os inſtitui-
,, dores e fundadores da dita Irmandade, fa-
,, zendo ſeu Compromiſſo, e nelle ſeus Capi-
,, tulos, e eſtatutos em tudo confórmes ao ſer-
,, viço de Deos, e da Senhora, e ao mayor bem
,, dos Irmãos. Ao que todos reſpondéraõ, que
,, eraõ muito contentes de ſerem Irmãos da Vir-
,, gem milagroſa da Piedade, e que logo o eraõ,
,, para o que ſe queriaõ logo aſſignar, e obri-
,, gar aos encargos do Compromiſſo, e fazerem
,, inſtituir a dita Irmandade no melhor modo
,, que foſſe poſſivel, e que logo para iſſo offere-
,, ciaõ ſuas entradas, cada hum confórme ſua
,, devoçaõ, e poſſibilidade. Entaõ o dito Viga-
,, rio Geral lhes deu o juramento dos ſantos
,, Evangelhos, em que juráraõ ſobre hum miſ-
,, ſal de aſſim o cumprirem, e guardar na fórma
,, referida; e logo todos juntos, com todos os

,, votos, elegérão para Eſcrivaõ ao dito Irmaõ
,, official Franciſco Gomes, e logo ali acordá-
,, raõ eſcrever à Mageſtade delRey D. Affonſo
,, ſexto, offerecendo-lhe o juizado deſta Ir-
,, mandade, que o dito Senhor aceitou, como
,, cõſta da carta da ſua repoſta, aſſignada por ſua
,, real maõ, em que ſe obrigou a ſer ſeu Juis per-
,, petuo, como conſta da dita carta, que anda no
,, livro do Tombo de ſeos privilegios, e prero-
,, gativas, e conſta do aſſento da aceitaçaõ de
,, S. Mageſtade; de que fes o dito Irmaõ eſte
,, termo, que todos os dezouto aſſignáraõ, fi-
,, cando por elle eleitos, e aceitos por Irmãos
,, inſtituidores, ſem mais lhes ſerem neceſſarios
,, outros aſſentos de aceitaçaõ; e eu Luis Alva-
,, res de Siqueira eſcrivaõ da Irmandade da Vir-
,, gem Senhora Noſſa da Piedade deſta Villa de
,, Santarem o fiz depois eſcrever aqui, e ſobeſ-
,, crevi aos quinze dias do mez de Novembro
,, do dito anno de mil ſeiſcentos e ſeſſenta e tres.
,, *O Doutor Manoel Dias da Coſta Vigario Geral*, e
eſtaõ aſſignados todos os mais Irmãos.

No meſmo livro em que eſtà lançado eſte termo, nas primeiras folhas eſtà o aſſento do Senhor Rey D. Affonſo ſexto, o qual he na fórma ſeguinte: *Ao primeiro do mez de Dezembro de mil ſeiſcentos e ſeſſenta e tres, foy aceito por Irmaõ deſta Irmandade da milagroſa Virgem Senhora Noſſa da Piedade, ſita no ſeu Oratorio junto à porta de Leiria deſta Villa de Santarem, a Mageſtade delRey D. Affon-*

so sexto, de que aceitou ser seu Juis perpetuo, como consta da sua carta, que anda appensa no livro do seu Tombo, e assignou aqui sòmente. REY. E neste mesmo livro em outra folha, està o assento do Serenissimo Rey D. Pedro, entaõ Infante de Portugal, o qual assento he da maneira seguinte:

Ao primeiro do mez de Setembro de mil seiscentos e sessenta e quatro annos, foy aceito por Irmaõ desta Irmandade da milagrosa Virgem Nossa Senhora da Piedade, sita no seu Oratorio, junto à porta de Leiria desta Villa de Santarem; o Infante de Portugal Irmaõ delRey D. Affonso sexto, que se obrigou aos encargos do Compromisso, e assignou aqui comigo Escrivaõ, e com os mais Irmãos da Mesa. O Infante. Luis Alvares de Siqueira. E no dito livro, dia, e anno, em folhas mais apartadas, està o assento do Conde de Castello melhor Luis de Sousa de Vasconsellos, Secretario, que entaõ eraõ da Puridade, e mais outros assentos de grandes pessoas da Corte.

Alguns annos durou o fervor da devoçaõ desta Irmandade; porèm os novos, e diversos cuidados de outros projectos que houve no Reyno, foy descaindo, e esfriando tanto esta devoçaõ, que por bastantes annos se naõ satisfazia o culto, que se devia a esta Senhora, e para mayor desvio de se naõ conservar esta Irmandade, concorreo juntamente o tomarem posse da nova Igreja os Padres descalços de Santo Agostinho, sem o Vigario, e beneficiados da Igreja do Salvador, aonde era annexa, serem disso

ſo ſabedores. Affirma-ſe dizerem os Padres, que jà a eſte tempo a Mageſtade delRel D. Pedro lhe tinha feito a mercê da nova Igreja, porèm o que eu ſey he, e o ouvi a peſſoas de muito credito, que os Padres do Salvador porfiáraõ em conſervar os direitos paroquiais conſervando a poſſe da Capellinha, tendo-a compoſta e fechada, e ſó a abriaõ os Clerigos quando lá hiaõ celebrar as ſuas Miſſas, e os Religioſos ſómente fabricavaõ os adornos dos altares da meſma Igreja como couſa ſua, ainda que o lugar, e Oratorio da Senhora era annexo àquella Paroquial Igreja do Salvador, e por eſtas circunſtancias, naõ hà dúvida, que eſtava naquelle tempo a Senhora com menos culto do que lhe era devido.

Finalmente concedida pela real grandeza da Mageſtade delRey D. Pedro, a mercê do Oratorio da Senhora da Piedade juntamente com a Igreja aos Padres Agoſtinhos deſcalços; logo o dito Senhor confirmou a aceitaçaõ, que de Juis perpetuo da Irmandade tinha feito ſeu Irmaõ ElRey D. Affonſo ſexto, e mais offereceo por Irmãos deſta Irmandade aos Sereniſſimos ſeos filhos, Principe, e Infantes, e as Sereniſſimas Senhoras Infantes, ſendo iſto pelos annos de mil ſeiſcentos e outenta e outo. Fes-lhe Compromiſſo, o qual confirmou com eſtatutos ſuaves, e uteis, e com regras muito honorificas, a fim de perpetuar a duraçaõ da Irmandade, e atrair os coraçoens dos homẽs à devoçaõ deſta milagroſa

Se-

Senhora, e porque quiz o dito Senhor, que a Mesa desta Irmandade se formasse igualmente da Nobreza da Corte, e da Villa de Santarem para a Meza do primeiro anno, nomeou tres de seos filhos, porque ainda naõ tinha mais, que de tudo se fizeraõ termos, e se assignáraõ no dito livro da Irmandade, os quais termos fielmente aqui vaõ trasladados:

Aos vinte dias do mez de Abril de mil e setecentos e hum, declarou a Magestade delRey D. Pedro segundo nosso Senhor pela grande devoçaõ qne tem à milagrosa Imagem da Virgem Nossa Senhora da Piedade sita no seu Oratorio da Igreja que mandou fabricar na Villa de Santarem, se offerece, e dedica por Juis perpetuo de sua Irmandade, para se continuarem nos Senhores Reys seos Successores, offerece, e dedica juntamente por Irmãos da dita Irmandade ao Principe, e Infantes nossos Senhores, de que mandou fazer este termo que assignou, e os de cada hum dos ditos Serenissimos Senhores, saõ os que se seguem adiante: e eu Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Magestade, por ordem do dito Senhor o fis escrever, e sobescrevi, como seu Secretario. REY.

E em outra folha do dito livro està o seguinte assento: *Aos vinte dias do mez de Abril de mil setecentos e hum, se assentou por Irmaõ da Irmandade da Gloriosa Virgem Nossa Senhora da Piedade, sita no seu Oratorio da Igreja da Villa de Santarem, o Serenissimo Principe D. Joaõ filho delRey D. Pedro segundo, e se obrigou ao Compromisso. E eu Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Magestade, e seu Secretario por or-*

dem

dem do meſmo Senhor ſobeſcrevi eſte termo, e o fis eſcrever. Principe.

E no meſmo dia com termos ſemelhantes a eſtes ſe aſſentárão por Irmãos da dita Irmandade, o Senhor Infante D. Franciſco, o Senhor Infante D. Antonio, o Senhor Infante D. Manoel, a Senhora Infante Dona Thereza, e a Senhora Infante Dona Franciſca.

Logo mandou S. Mageſtade publicar a eleição dos Irmãos da nova Meza, e ſe fes a publicação aos 27 de Abril do meſmo anno, e veyo S. Mageſtade em peſſoa a Santarem, onde fes grandes offertas à Senhora, e obras tão pias como coſtumava. E voltando eſte grande Monarca para Lisboa, logo mandou fazer Compromiſſo com trinta Capitulos, todos pios e devotos, ſendo iſto feito e confirmado, como conſta da confirmação do Alvarà, aos treze dias do mez de Mayo, anno de mil ſetecentos e dous. Nomeou S. Mageſtade os Irmãos que havião ſer da Meſa aquelle primeiro anno, e forão as peſſoas ſeguintes: o Principe D. João, que hoje he feliciſſimo Rey deſte Reyno de Portugal: os Sereniſſimos Infantes, D. Franciſco, D. Antonio, D. Manoel, o Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira, o Marquez de Marialva, e para Procurador da Corte, nomeou ao Conde de Viana; e os mais Irmãos da Meza forão de Santarem, tambem nomeados pelo meſmo Monarca. E o termo da ſua publicação, que eſtà lançado no li-

livro da dita Irmandade, he na fórma seguinte:

Aos vinte e sete dias do mez de Março de mil setecentos e hum, na casa do Capitulo dos Religiosos descalços de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora da Piedade da Villa de Santarem, aonde eu vim por ordem de S. Magestade, para fazer em seu nome eleyção dos Irmãos da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora, da qual ElRey nosso Senhor he Protector, e Provedor perpetuo; sendo presentes os Padres Prior do Convento, e o de Nossa Senhora da Conceyção do Monte Olivete da Cidade de Lisboa, e sendo chamados tambem presentes por ordem de S. Magestade, o Desembargador Domingos Marques Giraldes, Juis do Tombo, e Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicaçaõ: o Doutor Joaõ Lobato Quinteiro, Procurador da Coroa: Luis Peixoto da Silva, Provedor das Lisirias: Rui Barba Correa: Luis Alvares da Costa, e o Padre Manoel Godinho Prior de S. Nicolao, e lhes foy por mim declarado, que S. Magestade os havia eleito para servirem este anno de Mordomos da dita Mesa, a saber: Luis Peixoto da Silva, de Escrivaõ: Luis Alvares da Costa, de Procurador, e os mais de Mordomos, que fazem o numero de seis da dita Mesa, e àlem delles declarey a Antonio Fragoso, tambem por ordem de S. Magestade, que hade ficar servindo de Thesoureiro com assento na Mesa, para quando for necessario, vir a ella, ou quando for chamado. E o anno se entenderà deste presente dia athê o da festa da Senhora, que se ha de celebrar a vinte e sete de Mayo de mil setecentos e dous, e lhes encarreguey outrosim da parte de S. Magestade,

or-

ordenassem o Compromisso, de que lhes fica cà hum rascunho para o emendarem, e acrescentarem na fórma de S. Magestade o aprovar e confirmar, e de porem em arrecadaçaõ, e forma conveniente, ou ao que pertencer à dita Irmandade, e for para mayor bem della; e porque os outros seis Irmãos haõ de ser da Corte e Cidade de Lisboa, se mandarà à Mesa dos ditos Irmãos eleitos, e assima nomeados a copia da eleiçaõ que S. Magestade mandar fazer dos ditos seis Irmãos da nobreza de Lisboa, que só teraõ voto na Mesa da Irmandade, quando nella se acharem, e por consentimento dos ditos Irmãos me assignei por Mordomo perpetuo de devoçaõ da dita Mesa dos Irmãos de Nossa Senhora da Piedade da Villa de Santarem, do que de tudo fiz este termo, que assignáraõ os ditos Irmãos eleitos da Mesa da Irmandade, comigo Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Magestade, seu Secretario, Presidente da Junta da Inconfidencia, e Senhor de Villa Cães, que o sobredito escrevi. Luis Peixoto da Silva. Ruy Barba Correa. O Doutor Manoel Godinho. Domingos Marques Giraldes. Joaõ Lobato Quinteiro. Luis Alvares da Costa. Fr. Bento do Espirito Santo Prior. Fr. Manoel de S. Thomàs Prior do Monte Olivete. Assigno por devoçaõ que tenho de servir este anno a Nossa Senhora de Thesoureiro. Antonio Fragoso. Assigno como escravo, e Mordomo de Nossa Senhora perpetuo. Roque Monteiro Paim.

E ultimamente o Sereniſſimo Rey D. Pedro segundo, movido da sua natural piedade da incessante devoçaõ, em memoria dos beneficios

recebidos, foy servido commeter o estabelecimento desta nobre e devotissima Irmandade, da qual naõ havia jà mais que a memoria, ao bem conhecido zelo de que Roque Monteiro Paim, que desvelado com todo o excesso de fervorosa devoçaõ se applicou a perpetuar estes obsequios à milagrosa Senhora da Piedade de Santarem, expondo com primorosos termos a vontade daquelle affabilissimo Monarca, que poderia entrar pelo tempo adiante por Irmãos desta Irmandade a servir a Senhora toda a pessoa de qualquer qualidade que fosse, e que só a mesma devoçaõ fizesse numero com que em obsequio da Senhora liberalmente lhe offertassem seos coraçoens, e vontades.

CAPITULO XIV.

Em que se dà noticia de dous Religiosos, que florecéraõ em virtudes, e jazem sepultados no Convento de Nossa Senhora da Piedade da Villa de Santarem.

CONsiderando com fé pia a immensa grandeza de Deos, com que aos seos servos dà auxilios para florecerem em a virtude de seu Divino amor; e porque sou filho obedientissimo da Igreja Catholica, e me devo confirmar quanto devo, e quanto posso com os seos decretos Pontificios, declaro aos Leitores, que as

as acçoens dos Religiosos que abaixo determino publicar, naõ he o meo intento calificalas, ainda que nós nossos tempos vimos parte das suas maravilhas, virtudes, e vidas exemplares, e só intento repetilas sólida, e puramente em abono das vidas religiosas, e gloria de Deos, porque se pelas obras se conhecem os sojeitos, vendo nós estes com boas obras, devemos entaõ por ellas julgar os seos fins, e entender que foraõ gloriosos na vontade de Deos. E porque jà delles escreveo o R. P. Fr. Luis de JESUS da mesma Ordem dos PP. Agostinhos descalços da Congregaçaõ de Portugal na sua Historia Miscelanea, mais seguro exporey neste papel o mais essencial das heroicas virtudes destes Veneraveis Religiosos, que jazem sepultados neste Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, dos quais neste Capitulo que se segue pertendo fazer memoria em veneraçaõ, e obsequio da mesma Senhora da Piedade, pois à sombra de taõ Soberana Protectora, naõ se poderà duvidar, que os que a servem com fervorosa devoçaõ, alcançaràõ para a morte eterna, muitas victorias.

Fr. Luis de Jesus.

Vida, e morte do Veneravel Padre Fr. Bartholomeo de Santa Maria.

NAsceo este virtuoso Padre na Villa de Penalva, Bispado de Viseo; seos Pays eraõ igualmente nobres, virtuosos, e bem afazendados;

criárão este filho (entre quatro que tinhão) com singular vigilancia, crescendo nelle as inclinaçoens sempre avessas da primeira idade, para o dirigirem ao amor da virtude. Nasceo de hum mesmo parto com huma irmãa, porèm ficou o menino logo tão desfallecido de alentos, que os parentes, que em casa se achavão, o suppunhão jà morto, e só tratavão de lhe dar sepultura em qualquer terra; e estando na deliberação deste intento, appareceo à porta huma mulher, que em o nosso ajuizar, seria algum Anjo em semelhante fórma, a qual tomando o menino morto nos braços, pedio huma cebola, e mastigando parte della, borrifou o corpo do mesmo menino, que estava defunto, e logo começou a manear o corpinho, e dar mostras, de que jà tinha vida. Acodírão logo em lhe dar a vida da graça pelo Sacramento do Bautismo, o que com justa razão disputàrão os assistentes que ali estavão, que seria admirado no mundo aquelle a quem Deos livrára da sepultura, com tão extraordinario beneficio.

Crescido jà o menino em os perfeitos annos da mocidade, entrou Noviço no Convento de N. Senhora da Graça sito na Cidade de Lisboa, em cujo noviciado mostrou logo a nova planta, que para produsir copioso fruto, não esperava os vagares do tempo, e como era naturalmente bem inclinado ajudando-o a inclinação com a doutrina de seu Mestre, aproveitou na virtude

com

com taõ apreſſada carreira, que dava ao Meſtre goſto, e aos condiſcipulos exemplo. Profeſſou naquelle Noviciado, taõ ſanto nos ſeos eſtatutos, que com muita verdade lhe podemos dar o titulo de *Seminario da Perfeiçaõ*, aos vinte e tres dias do mez de Setembro do anno de mil ſeiſcentos e trinta e dous, como conſta no meſmo Convento do terceiro livro das Profiſſoens, a folhas dez. Paſſado pouco tempo depois de profeſſo, foy Fr. Bartholomeo para o Collegio de Coimbra, e entrando nelle começou a eſtudar com tanta applicaçaõ, e engenho nas ſciencias, como lhe determinava a ſua ſanta Provincia, e a meſma Ordem para mayor credito de taõ douta Religiaõ, lhe mandou continuaſſe os eſtudos, eſperando ter nelle hum ſojeito, que excedeſſe as baliſas de grande letrado: mas era tal o ſeu eſpirito, que deſprezando as honras populares renunciou com toda a força as cadeiras das aulas, pelo amor que tinha às do coro, entendendo, que tirando-ſe da aſſiſtencia deſtas, e recolhimento da ſua cella, aquellas mais facilmente o meteriaõ no mundo, e lhe roubariaõ todo o tempo que dezejava gaſtar com Deos; e conſeguindo eſte ſanto intento, acabados os ſeos eſtudos, ſe recolheo outra vez ao ſeu Convento, aonde lhe correſpondeo a eſperança aos dezejos, porque tanto que nelle entrou, logo lhe começou a reſplandecer a luz da razaõ, da caridade, da fé, da doutrina, da humildade, e vir-

virtudes, que dirigem, e encaminhaõ as acções a luzir em prendas dignas de hum perfeito Varaõ, e assim se fazia com toda a Communidade, naõ só bem quisto, mas respeitosamente amado.

Foy este Veneravel Padre Fr. Bartholomeo de Santa Maria observantissimo daquella sua venerada Religiaõ, que a acompanhava com mortificaçoens, e penitencias, naõ permittindo em si a minima dispensa da Regra, e Constituiçoens; e como era pelo Ceo dotado de taõ sublimes virtudes: quiz a Religiaõ aproveitarse delle para Mestre dos Noviços, lugar em que muito se cuida naquelle Convento, e ainda que fes muito por recusar o cargo, naõ foraõ admitidos os seos rogos, e sacrificando-se a aceitallo, o fes com tal zelo, prudencia, e vigilancia como se naõ tivera mais acçoens que sacrificar nas aras do merecimento; e exhortando com fervoroso espirito aos seos discipulos à emenda da vida, ao amor de Deos, e às melhores virtudes, imprimindo igualmente nos coraçoens de todos as luzes da fé, e as chammas da caridade. Depois de dar fim a este lugar com muitos creditos da sua conhecida virtude, o mandou a Religiaõ por Visitador às Ilhas, para onde partio obedientissimo aos preceitos da Ordem. Achou que em hum daquelles Conventos tinhaõ os Religiosos huma porta de huma cella tapada de pedra e cal, sem se servirem della, e perguntando a causa, lhe certificáraõ, que os estrondos, ruidos, e des-

com-

compoſturas que alguns Religioſos temerariamente experimentavaõ quando ſe quizeraõ ſervir della (em cujos conflitos alguns perdéraõ a vida) foy o motivo de ſe fechar na fórma em que eſtava. Mas aquelle alentado ſoldado de Chriſto, como caminhava pela eſtrada de Deos, reveſtido com o fórte eſcudo da oraçaõ, mandou logo abrir, e deſtapar a porta, pondo na meſma cella a ſua cama, tendo por fé viva, que o inimigo cõmum de noſſas almas naõ tem mais juriſdicçaõ, que aquella que Deos lhe deixa ter.

Logo à primeira noute com muitos eſtrondos, e horrorofos éccos o maltratáraõ de pancadas; porêm o animo conſtante de Fr. Bartholomeo proteſtando aos que o opprimiaõ, que obraſſem athè onde Deos lho permittiſſe, e que em nome do meſmo Deos lhe requeria, que pois hia por elle mandado àquella obrigaçaõ, o deixaſſem em termos que naquelle Convento fizeſſe o que devia, em razaõ do ſeu officio, a cujas ſantas palavras os demonios logo o deixáraõ. E na ſeguinte noute ſem o offenderem, nem lhe fazerem eſtrondos, lhe diſſeraõ o que elle meſmo ao outro dia advertio ao Prelado da Caſa, e aos ſeos Religioſos, que era ſegurarlhe, que dalli por diante ſe podiaõ ſervir da cella, em a qual em todo o Convento ſe naõ vio, nem ouvio mais couſa alguma, que aos Religioſos aſſombraſſe.

Chegado o tempo em que o R. P. Fr. Manoel da Conceyçaõ deu principio à ſua refórma

dos

dos Agostinhos descalços, saindo do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, onde era professo, trouxe logo comsigo por companheiro ao religiosissimo Varaõ Fr. Bartholomeo de Santa Maria para o ajudar naquelle santo intento; e como depois fosse preciso àquelle principal fundador desta refórma hir a Roma, a fim de establecer, e consumar os negocios della, deixou por seu substituto, e Prelado daquelle novo jardim da Igreja ao Padre Fr. Bartholomeo de Santa Maria. E como o fundador por algumas razoens particulares, se visse temeroso de alguns intervallos, que entaõ tinhaõ os seos projectos, se foy outra ves para a Provincia da Graça donde tinha vindo, em quanto naõ executasse o que inteiramente imaginava. Neste tempo se ateou tal fogo nas desfalecidas esperanças, que em ves de se acenderem as châmas no calor do zelo religioso, se esfriavaõ quasi de todo nas carrancas que mostrava este incidente; porque alguns Religiosos, que jà faziaõ corpo de Communidade, concebéraõ tanto temor, e tanto se deixáraõ penetrar do medo, que deixáraõ aquella santa vida; e os mais desempararíaõ a clausura, e Convento, se a efficaz constancia do Veneravel Padre Fr. Bartholomeo senaõ oppuzesse valerosa a animar com efficacissimo zelo do amor Divino, os desmaios que via nos subditos, e companheiros, prometendo-lhe da parte do Altissimo contra os juizos do mundo,

feliz

feliz ſucceſſo na obra começada : e de entaõ por diante a nova refórma com os exemplos, e virtudes deſte perfeitiſſimo Varaõ, cada vez hia mais em ſingular obſervancia.

Neſte tempo, obrigado da obediencia religioſa, foy dar fórma ao novo Convento, que ſe fundava em Monſaràs, ao qual pôs em regular obſervancia, fazendo conſervar nelle as regras e eſtatutos, por onde governava jà eſta deſcalcês Auguſtinianna. Logo depois de ter dado ſer a eſta obra eſpiritual, o chamou para Lisboa o fundador Fr. Manoel da Conceiçaõ, jà entaõ Vigario Geral, para pôr em ſeguro, com a ſanta doutrina de Fr. Bartholomeo de Santa Maria, as novas plantas, que de novo aceitava, fazendo-o Meſtre dos Noviços (lugar importantiſſimo em todas as bem reguladas familias) cargo q̃ naõ acabou, porque conſtituindo-ſe Communidade para Santarem, aſſentáraõ com o primeiro Prelado, que em huma Caſa, que ſe havia de eſtabelecer em huma Villa taõ populoſa, e de tanta nobreza, aonde eſtariaõ as acçoens religioſas do primeiro ſer daquelle Convento, nos olhos de toda aquella terra : ſó a peſſoa do Padre Fr. Bartholomeo de Santa Maria, era ſantamente juſto, que foſſe o ſeu primeiro Prior.

Neſta Prelaſia logrou grandes favores do Ceo, ainda que muito invejado do demonio, porque vendo eſte que naquelle novo caſtello ſe levantava huma nova, e celeſtial milicia, contra a ſua

maldade, governada por hum esforçado Capitaõ favorecido do Senhor dos exercitos: tratou com todas as suas diabolicas forças de o atemorizar. Exhortava o servo de Deos aos seos subditos, a merecer, e conseguir a victoria do commum inimigo, dizendo-lhe, que esta se conseguia, e alcançava, pondo o coraçaõ contrito, e as esperanças em Deos, e que as tribulaçóes diabolicas nunca os embaraçassem, para tudo o que fosse serviço do mesmo Senhor; e que bem podiaõ fazer juizo, que para merecimento seu permitiria o Senhor naõ durariaõ aquellas fantasticas sugestoens do demonio mais tempo, que em quanto de todo o naõ desprezassem, e o naõ temessem, porque a sua soberba foge donde se vê desprezada. Quebráraõ-lhe em hum dia toda a louça, que estava na cusinha, sem que ficasse huma só pessa inteira; mas perda foy esta, que naõ deu que sentir ao santo Prelado, pois via que se naõ atrevia o demonio a executar as suas raivosas forças mais que em hum pouco de barro fragil, e quebradiço. Em outra occasiaõ, recolhendo-se o servo de Deos para a sua cella, depois de Matinas, achou nella o demonio em figura de huma mulher religiosa revestida de huma singular formosura, e grandes apparatos no aceio do hábito, porèm conhecendolhe logo a astucia, fogio retirando-se à preça para o coro, tendo por certo, que em semelhantes batalhas, quem mais foge, mais vence.

De-

Depois disto, passados huns poucos de dias, indo este Veneravel Padre para Matinas, o inimigo lhe enredou a vista de sorte, que lhe fes errar a porta do coro, e tomando outra que alli estava perto no topo de huma grande escada, o lançou por ella abaixo: porèm sempre aqui o demonio ficou vencido, porque sendo a escada de muitos degráos, e muito empinada, ficou o Padre, com o favor de Deos, sem lezaõ alguma: acodíraõ logo ao estrondo os mais Padres, que tambem hiaõ para Matinas, e achando-o embaixo, sem molestia alguma no corpo, quando entendiaõ, que se o naõ achassem já morto, com grande mágoa o veriaõ quasi cadaver, pois julgando os seos muitos annos, e sobre elles muitos achaques, attribuíraõ logo o successo a grande milagre de Deos, vendo que naturalmente naõ podia ser escapar da morte em taõ grande, e precipitada quèda, naõ ouvindo os Religiosos da boca do seu Prelado mais que o Nome de JESUS, e assim se foy com elles para o coro rezar Matinas, naõ tendo na realidade a minima molestia, nem mostrou que tinha susto algum.

Muitas obras de todas as virtudes fes este Veneravel Padre no discurso da sua vida, das quais naõ temos mais que humas confusas noticias; virà tempo em que outras pennas mais doutas, e mais bem aparadas na difusaõ, e no estillo sejaõ melhores Chronistas dos seos virtuosos progressos. Ultimamente estando este perfeito

Religioso neste Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, oprimido de muitos achaques, e seguindo os rigores daquella refórma, pois naõ faltava a toda a aspereza della, assim no comer, como nas roupas interiores, atenuouselhe tanto a disposiçaõ, gasta em continuos disvelos, penitencias, e trabalhos de estudos, que conhecendo a sua ultima hora, depois de ter recebido todos os Sacramentos da Igreja, vertendo dos olhos copiosas lágrimas acompanhadas de doutrinaes jaculatorias, com hum Crucifixo nas mãos, entre amorosos, e saudaveis colloquios, entregou o espirito ao seu Divino Creador, a nove de Abril, sendo no dia da Trasladaçaõ da bemaventurada Santa Monica (de cuja gloriosa Santa era especialmente devoto) anno de mil seiscentos e outenta. Foy sepultado primeiramente, como quer o R. P. Fr. Luis de JESUS, Religioso da mesma Ordem, na sua Historia Miscelanea, a folhas cento e noventa e quatro, na Capella de S. Sebastiaõ junto ao arco da parte do Evangelho, aonde passados sinco annos abrindo-se a sepultura, se achou o corpo inteiro, sem sinal de alguma corrupçaõ, ou cheiro máo, e taõ bem afigurado, como se estivera vivo. E no anno de mil seiscentos e noventa e hum, tempo em que se passáraõ os Religiosos para a nova Igreja da Senhora da Piedade, trouxeraõ comsigo o corpo deste Veneravel Padre Fr. Bartholomeo de Santa Maria, como joya sua de grande

pre-

preço, e lhe deraõ nova ſepultura no cemiterio de que hoje uſaõ aquelles Religioſos, a qual he a do numero primeiro, e athè o tempo preſente ſe naõ abrio mais.

CAPITULO XV.

Em que ſe dà noticia da vida e morte do Irmaõ leigo Fr. Joaõ da Cruz, o qual jaz ſepultado no Convento de Noſſa Senhora da Piedade em Santarem.

O Irmaõ leigo Fr. Joaõ da Cruz, profeſſo no Convento de Noſſa Senhora da Piedade dos Padres Agoſtinhos deſcalços deſta Villa de Santarem, naſceo na Villa de S. Joaõ de Arèas, Biſpado de Viſeu; o qual ſervo de Deos ſe fes bem conhecido pelas ſuas raras virtudes, ainda que naõ temos noticias, que peſſoas foſſem ſeos pays. Antes de entrar naquella eſclarecida Religiaõ, achamos memorias naquelle meſmo Convento, que fazia vida eremita na Serra de Monte-junto, ſinco legoas diſtante deſta Villa, com outro companheiro chamado Fr. Franciſco das Chagas, que ambos vieraõ a ſer Religioſos da meſma Ordem, e ambos de vidas inculpaveis. Aos dezaſete dias do mez de Outubro do anno de mil ſeiſcentos e outenta e tres, entrou Fr. Joaõ da Cruz neſte Convento, onde começou a ſervir a Religiaõ com hábito de

de Donato; e vendo o Prelado, e Religiosos, que pelos seos santos costumes, e fervor de espirito jà lhe naõ faziaõ grande mercê, naõ só em conservalo naquelle hábito de Donato, mas em recolhelo mais entre si, lhe lançáraõ o capello, para realmente ficar Irmaõ seu, e como isto fosse disposiçaõ do Ceo, ficou assim ajudando com a sua exemplar vida, a subir ao cume da mais heróica fama nos olhos do mundo o bem merecido credito daquella santa refórma. Neste Convento se perpetuou servindo no augmento temporal, trabalhando com incessante disvello, como quem fazia do trabalho vida, e do descanço tormento, naõ lhe impedindo todo o serviço, que era da Casa, os empregos dos progressos das mais virtudes, e parece que buscava com ancioso espirito o tempo de orar para descanço, o da penitencia para alivio, e desafogo de seu incendido coraçaõ.

Hia Fr. Joaõ da Cruz mandado pela obediencia, pedir esmola fóra da terra, e taõ prompta tinha a vontade em obedecer, que logo ajuntava os primeiros passos da jornada às ultimas palavras do Prelado, porque a sua promptissima execuçaõ naõ dava algum espaço ao tempo que ficasse entre o mandar, e o cumprir, nem reparava o seu fervoroso espirito, em deixar de buscar a Deos na mudança de lugares, ou no silencio do retiro, ou nos estrondos do mundo, pois sabia, que para qualquer parte que fosse, levava com-

comſigo a penitencia nos cilicios, o recolhimento na viſta, contra as vaidades do meſmo mundo, e a oraçaõ para as ſoledades das charnecas. Caminhando eſte bom ſervo do Senhor por qualquer terra deſpovoada, e deſerta, nella parece que tinha o ſeu mayor alivio, pois levando ſempre as horas premeditadas, ſabia aquellas em que os ſeus Religioſos tinhaõ no coro a oraçaõ, e a eſſas meſmas horas buſcava Fr. Joaõ da Cruz na lapa de huma arvore o lugar em que com o eſpirito elevado ao Ceo fazia a ſua oraçaõ; e bem ſe poderà julgar com piedade catholica, qual ſeria ali o fogo do amor de Deos, no abrazado eſpirito deſte ſervo ſeu; e a cada hora que orava, dava principio a huma vida de Anjo, ou mais que de homem, negava-ſe a ſi proprio para ſe dar inteiramente a Deos, e em Deos trazia continuamente os penſamentos, para Deos encaminhava juntamente os paſſos, e os ſuſpiros, porque ſó a Deos dirigia os affectos, e conſagrava os cuidados; taõ alheyo de ſi ficava na oraçaõ, e ſuſpenſo na operaçaõ exterior, que parecia inſenſivel; e ſervindo-lhe ſó de azas as lavaredas nos incendios, voava ligeiro para o centro do amor Divino.

Aſſim caminhava eſte ſervo de Deos pelos deſertos, e chegando a povoado, foſſe grande, ou pequeno, ſem interpolaçaõ de tempo, pedia pelas portas a ſua eſmola; ſe acabava antes das Ave Marias, e alguem com piedoſo zelo, lhe que-

queria dar pousada em sua casa, nunca bastáraõ rogos, ou persuasoens algumas, que o obrigassem a descançar aquella noute, dando por desculpa, que ainda podia caminhar mais aquelle dia, porque a Religiaõ o mandava pedir esmola para o seu sustento, e naõ a descançar em semelhante diligencia, que para o descanço lá tinha elle no Convento muito tempo. Se acabava o peditorio sendo jà noute, entaõ recolhendo-se em qualquer casa que lhe davaõ, vigiava que naõ o ouvisse alguem, e pondo-se largo tempo de joelhos em oraçaõ, com humas disciplinas de ferro se açoutava asperissimamente, em cujo lugar ficavaõ muitos sinais de sangue, que de seu corpo sahiaõ aos impulsos dos açoutes; e para descançar o restante da noute, se deitava no chaõ, servindo-lhe o alforge de cabeceira, e pela madrugada tinha sempre cuidado de bulir na cama que na casa lhe tinhaõ feito, para que se persuadissem, que elle dormia nella.

Com esta mesma vida, e com este fervor de espirito continuou muitos annos em serviço de Deos, e da Religiaõ, porèm vendo a mesma Religiaõ que jà estava muito carregado de annos, e de merecimentos, e por estar tropego, e cortado de trabalhos, o puzeraõ os Prelados na portaria deste Convento de N. Senhora da Piedade de Santarem, em a qual occupaçaõ viveo mais de vinte annos, ali fes notaveis serviços a Deos, naõ faltando jà mais a todos os actos da

Cõmu-

Cõmunidade, ſe lhe naõ mandava a obediencia outra couſa: nunca ſe ſatisfazia de fazer oraçaõ ſem a acompanhar com a diſciplina, e quando os outros Religioſos ſe hiaõ recolher à noute, para hirem a Matinas, ficava eſte bom ſervo de Deos no coro em oraçaõ; algumas vezes foy viſto de alguns Religioſos, humas de joelhos elevado nas ſuas meditaçoens, outras proſtrado em Cruz, e ſe o ſono o acometia, pegava em hum banco pondo-o às coſtas: outras vezes lançava pela cabeça e ceyo agoa fria, para orar com os ſentidos mais eſpertos, e pouco tempo antes, que os Padres foſſem para Matinas, hia-ſe meter na cella, e muitas horas antes de amanhecer tornava para o coro, e ſe algum Religioſo o encontrava, lhe dizia com ſumma humildade, que como era velho naõ podia dormir (disfarçando aſſim o interior da ſua ſanta devoçaõ) e que no coro eſtava mais à ſua vontade; ali eſtava athé que ſe tocava à Prima, donde caminhava para a ſua obrigaçaõ da Portaria.

Neſte lugar da Portaria, ſe via a grande caridade que Fr. Joaõ da Cruz tinha com os pobres, e a incançavel diligençia com que adquiria o com que os pudeſſe remediar, repartindo por todos igualmente com extremoſo zelo, e ſumma caridade tudo o que tinha, e podia ſer: porèm parece que mais extremoſa era a que tinha com os meninos, que talvez ſe lhe repreſentaria em cada hum delles a figura do Menino JESUS.

A'quella porta se ajuntava continuamente grande numero de crianças, os mais delles hiaõ por pobres buscar nas mãos do servo de Deos, as esmolas com que lhes afugentava a fóme, outros levava-os à sua innocencia atrahidos da graça, e carinho com que o Senhor Fr. Joaõ (que era o estilo com que todos igualmente o nomeavaõ) os tratava: a todos sabia os nomes, e a todos contẽtava muito, dandolhes couzas muy poucas; contava-se naquelle Convento, que em huma occasiaõ repartio huma noz por quatro, e hum figo por dous, ficando elles taõ satisfeitos, como se tiveraõ comido muito; e seos pays tiveraõ disso muito gosto, porque ainda que estes taes meninos naõ eraõ de pays que necessitassem de esmolas, entendiaõ que com o que o Senhor Fr. Joaõ lhes dava, lhos conservava Deos sem doenças, e achaques.

Muitas pessoas, assim religiosas, como seculares, observáraõ por varias vezes obrar Deos milagres por intercessaõ de Fr. Joaõ da Cruz; porèm (como jà disse) sempre aqui protesto, que milagres, que naõ estaõ ainda pela Igreja Catholica difinidos, naõ ser o meo intento persuadir a que lhe dem credito: relato só o que a nossa fé humana vio, e ouvio a pessoas de boa fé, aos quais successos lhe pódem dar o credito que quizerem; e sendo para louvor de Deos, seja o primeiro o que se vio, e foy bem manifesto naquella Portaria. Tendo jà Fr. Joaõ da Cruz despedi-

do

do todos os meninos, que com elle ali eſtavaõ, veyo correndo outro de mais longe dizendo: *Senhor Fr. Joaõ da Cruz, deme alguma couſa*, e veyo para entrar a tempo que o ſervo de Deos fechava a porta com toda a ſua força, neſte tempo meteo a criança a maõ entre a porta e o caixilho, q̃ Fr. Joaõ com deſcuido fechou; a qual porta he huma ſó muito grande, e pezada, ſendo de groſſa madeira de angelim; gritou o menino opprimido com taõ intoleraveis dores, q̃ abrindo outra vez a porta achou que a maõ do menino eſtava toda feita como huma maſſa de paõ eſpalmada, e os dedos em migalhas: o ſervo do Senhor enternecidamente magoado de ver taõ laſtimoſa couſa, e de ſer elle o author daquelle ſucceſſo, começou a dizer ao rapaz, o qual tinha ſinco annos, que ſe calaſſe, que logo tinha remedio, meteolhe a maõ entre as ſuas endireitandolha, e levando-o à Igreja untoulha com o azeite da alampada da Senhora da Piedade, e cobrindolhe a maõ com hum panno, o mandou para ſua caſa; alguns Religioſos que alli eſtavaõ quando Fr. Joaõ abrio a porta, ficáraõ doloroſamente magoados de verem o miſeravel eſtado a que ſe tinha reduſido a maõ da quella innocente criança, e os meſmos Religioſos viraõ ao outro dia como o meſmo menino veyo com a maõ taõ perfeita, que parecia naõ ter tido nella em tempo algum ſinal de moleſtia.

Era Fr. Joaõ da Cruz muito caritativo com

todas as pessoas que tinhaõ molestia, mas com os meninos para que lograssem saude, parece que especialmente empenhava com Deos todos os seus merecimentos. Referirey aqui para accidental gloria do mesmo Deos, o que succedeo a hum meo sobrinho, filho de hum Irmaõ meo, e do que Deos o livrou pelos merecimentos de Fr. Joaõ da Cruz. Tinha este menino onze mezes de idade, e lhe davaõ taes accidentes de Herculêa, que ficava a criança depois de ter grande luta com aquelle mal, como hum corpinho morto; e diziaõ os Medicos, que em corpo taõ tenro hum mal taõ grande, naõ tinhaõ remedios q̃ lhe applicar, pelo que sua mãy, e toda a familia da sua casa, se resolvéraõ a levalo no collo da ama que o criava, a Fr. Joaõ da Cruz; pois era voz constante por toda a terra as maravilhas, que obrava Deos pelas virtudes deste seu servo. Foraõ à Igreja da Senhora da Piedade, mandáraõ chamar o servo de Deos, e lhe entregáraõ nos braços a criança, pedindo-lhe com prudentes supplicas, que rogasse a N. Senhora da Piedade lhe alcançasse de seu Bemdito Filho saude para aquelle menino, que todos os dias padecia aquelles accidentes. Fr. Joaõ sem fazer disso a minima ceremonia, q̃ como referia tudo a Deos, que he centro donde procede todo o bem, tinha pouco medo de vanglorias; subio ao altar da Senhora com a criança nas mãos, onde orou hum pouco espaço de tempo, e acabando foy

com

com o menino, e o entregou nos braços da mãy dizendolhe com alegre ſemblante, que deſſe muitas graças à Senhora, porque o ſeu filho naõ tornaria a ter mais accidentes; e tanto ſe experimentou verdadeira a conſequencia daquelle ſeu dito, que deſde aquella hora athè o tempo em que eſtamos, ſendo paſſados vinte e quatro annos, naõ teve o rapaz mais alguma caſta de accidentes, e ſempre logrou boa ſaude.

Eſtes, e outros maravilhoſos ſucceſſos (no entender de toda a gente deſta Villa) obrava Deos por abonar a virtude deſte ſeu ſervo, poriſſo o veneravaõ por ſanto, e todos em ſuas aflicçoens lhe hiaõ pedir deprecaſſe ao Senhor, que tudo póde, para alcançarem o remedio às ſuas neceſſidades, e a ninguem ſe negava, principalmente onde havia mulheres com perigoſos partos; e ſe era a caſa de gente pobre hia com bem trabalho, porque mal podia andar com muita velhice, pois diziaõ os ſeus Religioſos que tinha mais de cem annos, a outras caſas mais nobres hia em carruagem muito contente pelo aſſim mandar a obediencia que lhe intimava o ſeu Prelado; e naõ conſta que foſſe a caſa alguma, que deixaſſe de haver bom ſucceſſo, dizendo ſempre, que a correa de Santo Agoſtinho tinha virtude para alcançar aquelles favores do Ceo. Todas as peſſoas que com elle fallavaõ, aſſim nas caſas onde hia fazer obras de caridade, como no ſeu Convento, naõ houve deſtas peſſoa alguma,

que

que pudesse dizer de que côr elle tinha os olhos; porque só a vista delles empregava continuamente no chaõ. Todo o gosto, e dezejo de Fr. Joaõ da Cruz, era ter occasioens de fazer obras de caridade, deprecando a Deos pela saude dos enfermos, e livrar ao proximo das suas tribulaçoens, e Deos parece que andava cuidadoso em livralo dos perigos; porque queria que elle fosse o executor dos seus remedios. Succedeo que hum dia passava Fr. Joaõ da Cruz por hum lanço do claustro do seu Convento, (que era só o que estavà cuberto de abobeda, para assim se continuarem os mais lanços) porèm estava mal seguro, porque naõ tinha linhas de ferro, e faziaõ grande repucho os barretes às columnas, que eraõ delgadas, e ao tempo que o servo do Senhor hia por baixo, bem no meyo do dito lanço, lhe cahio toda a abobeda em sima, sem lhe tocar cousa que o molestasse, porque ao redor delle ficáraõ os tijolos fazendo a fórma do bocal de hum poço; de que ficáraõ conhecendo todos os que isto viraõ, o grande desastre de que Deos o quiz livrar.

Muitas cousas dizia este servo de Deos, que pelo que depois se experimentava, entendiaõ os seus Religiosos, e todo o povo de Santarem, que tinha dom de profecia, das quais tocarey aqui algumas, que eu quasi presenciey, e seja para gloria do mesmo Deos. Nesta Villa de Santarem, adoeceo hum Ministro gravemente, e chegou a doen-

doença a tal termo, que dando o ultimo ſuſpiro, q̃ he aquelle cõ que ſe entrega ao poder da morte, dizem que realmente morreo: e naõ hà dúvida, que o cubrírão com o lençol para depois o amortalhàrem, porque eu me achava alli naquella occaſiaõ. Pouco tempo antes, vendo a mulher do dito Miniſtro, que jà ſe lhe tinhaõ acabado os remedios humanos, e que ſó o eſtavaõ ajudando a bem morrer, perturbada com a exceſſiva dor da ſua pena, ſahio pela porta fóra mal compoſta, entrou na Igreja de Noſſa Senhora da Piedade, e logo chamando a Fr. Joaõ da Cruz, com rios de lágrimas, lhe pedio, que lhe valeſſe em taõ grande aflicçaõ: chegáraõ logo a buſcala gente de ſua caſa, que jà tinhaõ por morto o Miniſtro; neſte tempo fez Fr. Joaõ da Cruz oraçaõ a Deos, e depois diſſe, que confiaſſe na interceſſaõ de ſua Mãy Santiſſima, e logo mandou para caſa a deſconſolada mulher dizendo: *Vá tratar de ſeu marido, que lhe hà de viver muitos annos*, a qual chegando a caſa o achou vivo, e em breves dias o viraõ todos com boa ſaude.

Hum cavalheiro, que eſtava para fazer jornada deſta terra para Lisboa, foy à Igreja de N. Senhora da Piedade ouvir Miſſa, e encontrandoſe no clauſtro com Fr. Joaõ da Cruz, lhe diſſe: *Fique-ſe embora Senhor Fr. Joaõ da Cruz, encomendeme cà a Noſſa Senhora, que faço hoje jornada para Lisboa*; ao que Fr. Joaõ reſpondeo eſtas formais palavras: *Naõ Senhor, naõ ſe hà de hir hoje, que tem*

mui-

muito mào dia, à manhãa ſim, que hà de ter hum dia biſarro; e como o dito cavalheiro ſabia jà da muita virtude de Fr. Joaõ da Cruz, tomou o ſeu conſelho, e em o tomar lhe moſtrou a experiencia que fes bem; porque naquelle dia choveo muita agoa, e foraõ extraordinarios os trovoens; e tudo foy pelo contrario no outro dia, que pareceo ſer hum fermoſo dia de Verão, e fallando outra vez o meſmo cavalheiro com os Religioſos daquelle Convento diſſe, que ſe em outra occaſiaõ fizeſſe dalli jornada para qualquer parte, naõ a faria ſem conſelho daquelle grande ſervo de Deos.

Em outra occaſiaõ eſtava no Braſil hum homem nobre deſta Villa de Santarem, e como ſoube q̃ cà lhe tinha morrido ſua primeira mulher, cazou-ſe lá, e ſe deixou ficar vivendo com a ſegunda huns poucos de annos, por cuja cauſa entendiaõ os ſeus parentes, e filhos que cà tinha, naõ tornaria para o Reyno; e ſendo-lhe perguntado a Fr. Joaõ da Cruz pelos parentes daquelle homem, ſe viria elle outra vez para Portugal viver com ſeus filhos, e parentes, reſpondeo com o roſtro pouco alegre, que ſim havia de vir, e que lhe havia de trazer o manto de Noſſa Senhora, que elle lhe empreſtára, mas que melhor fora deixarſe elle lá ficar: deſtas palavras que reſpondeo ſe vio deſpois cumprido o ſeu certiſſimo vaticinio, porque no anno ſeguinte veyo aquelle homem (e melhor fora que naõ vieſſe) trouxe

xe ſua mulher, deu o manto da Senhora da Piedade a Fr. Joaõ da Cruz, e vindo de huma diligencia donde o mandou ElRey que Deos guarde, ſe precipitou de hum cavallo em hum braço do Tejo onde ſe afogou, verificando-ſe aqui o que da ſua vinda tinha dito eſte grande ſervo de Deos.

Chegou tempo em que adoeceo eſte ſervo do Senhor com humas febres taõ agudas, e ſimptomas taõ manifeſtos de maligna, q̃ ſobre os ſeus muitos annos, e muita debilidade, fizeraõ juizo os Medicos, que lhe tinha chegado o fim da ſua vida; e ſendo iſto patente aos Religioſos, entendendo hum delles eſtar jà Fr. Joaõ da Cruz na ultima hora de paſſar deſte mundo tranſitorio para o eterno, lhe diſſe: *Senhor Fr. Joaõ, quando ſe vir diante de Deos, peçalhe que com a ſua Miſericordia, e Piedade immenſa vença a minha rebeldia, que he infinita. Sim Senhor*, reſpondeo Fr. Joaõ, *eu farey iſſo, mas por hora ſerà de cà; porque ainda Deos quer que eu viva mais hum par de annos.* Todos os que eſta repoſta lhe ouvíraõ ſe admiráraõ de verem a ſegurança com que Fr. Joaõ da Cruz diſſe eſtas palavras, quando todos o ſuppunhaõ naquelle inſtante entregar o eſpirito ao Creador, porém aſſim como elle o diſſe, aſſim ſuccedeo, pois em breves dias ſem medicina humana (por entenderem os Medicos eſtar incapaz de remedio algum) ſe lhe extinguio de todo a maligna, e em pouco tempo ficou della livre como eſta-

va d'antes, foy para a ſua portaria, e nella aſſiſtio mais de tres annos.

Depois de paſſado eſte tempo, deraõ-lhe humas vertigẽs, das quais ſe via ficar ſem ſentidos, e com tanta força lhe repetíraõ, e tanto o proſtráraõ, que ſe naõ levantou mais da cama; diſſe logo aos ſeus Religioſos, que bem ſabia era jà chegado o tempo da ſua morte, mas que elle naõ morreria athè naõ vir o ſeu Vigario Geral, porque queria que elle lhe lançaſſe a ſua bençaõ. He verdade que naquelle tempo ſe eſperava pelo dito Prelado; mas quem haverà neſte mundo que poſſa dizer com certeza que tem mais huma hora de vida ſem Deos lho revelar? Em fim chegou o Vigario geral, que hia fazendo a ſua viſita pelos Conventos da Ordem; foy logo à cama onde eſtava Fr. Joaõ da Cruz eſperando por elle, lançoulhe muitas bençoens, e naquella meſma hora, antes que o dito Prelado lhe ſahiſſe da cella, expirou o bom ſervo de Deos Fr. Joaõ da Cruz; tendo recebido todos os Sacramentos a ſete de Setembro de mil ſetecentos e dezaſete. Seu corpo jàz ſepultado no cemiterio cõmum daquelle Convento de Noſſa Senhora da Piedade de Santarem na ſepultura do numero ſegundo.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Da-se noticia de hum grande caso que succedeo nas primeiras casas em que teve principio este Convento dos Padres Agostinhos Descalços desta Villa de Santarem.

CORrendo os annos, no de mil seiscentos e cincoenta e sinco, succedeo no distrito da mencionada Freguesia do Salvador, em humas cazas aonde hoje existe o Convento dos PP. Agostinhos Descalços de N. Senhora da Piedade nesta Villa de Santarem, hum dos mais notaveis casos que a tirania póde inventar em seos desatinos. Neste tempo referido, veyo a esta terra curarse ao Hospital de JESU Christo, huma mulher natural do Lugar de Pernes, Comarca desta Villa em distancia de tres legoas. Era esta mulher taõ pobre, e desamparada da fortuna, que veyo só com o patrocinio da sua pobreza buscar o remedio à saude, e foy taõ mal afortunada na cura, que no mesmo Hospital em breves dias morreo. Veyo ao depois seu marido com huma perfeita criança, que era seu filho, e de sua mulher jà defunta. Com aflitos rogos pedia o homem, que pelo amor de Deos lhe criassem alli aquelle menino como criavaõ aos engeitados, jà que a sua extrema necessidade o tinha posto em tanto desamparo, pois entendia, que

ſó os Hoſpitais eraõ humas bem ordenadas officinas da caridade, para amparar aos mais neceſſitados; naõ foy admittida a ſua juſtificada petiçaõ, porque parece que quando a neceſſidade cahe em ſumma pobreza, ſempre as ſuas perſuaçoens tem as vozes mais fracas; e nos certifica a tradiçaõ, que no tempo em que eſte homem requeria eſte abrigo para ſeu filho, tambem perdeo a vida.

He o Hoſpital de Santarem grandioſo em rendas, e a gente que o governa ſaõ as principais peſſoas da terra, porque ſempre a nobreza naturalmente emprega mais o animo generoſo nos actos de piedoſas caridades; era a neceſſidade daquelle homem taõ manifeſta, como notoriamente apadrinhada de huma inculpavel innocencia extremoſamente neceſſitada, e nada diſto lhe valeo, mas como hà caſos a que o diſcurſo naõ acha ſahida; ſabemos ſó, que nada ſuccede a caſo, porque tudo he providencia; e neſte caſo ſe póde entender, que a altiſſima diſpoſiçaõ permittio que tudo faltaſſe, para que eſte menino na primavera de ſeos annos foſſe para Deos mais glorioſo reveſtido com a coroa do martyrio.

A eſte tempo aſſiſtia neſta terra nas cazas em que hoje eſtà o dito Convento, huma Senhora parẽta dos Condes de San-Tiago, a qual Senhora por caridade acõmodava em huma caſa térrea, que hoje ſerve de diſpenſa ao meſmo Convento,

huma

huma Beata, ou Ermitoa, a qual ſervia de varrer, ou acender a lampada à Senhora da Piedade na ſua Ermida. As noticias mais certas que temos da origem deſta diabolica mulher, he ſer eſtrangeira, e algumas peſſoas diziaõ que era Alemã, porém bem ſe veyo a conhecer, que tinha muito de naçaõ Hebréa, e antes de ſe conhecer a maldade que ocultava, com a precioſa capa da virtude, ſe fazia bemquiſta pelo emprego de ſeos exercicios, ocultando debaixo de huma apparencia virtuoſa, o mais pernicioſo coraçaõ de quantos póde haver em creatura humana. E para que os Catholicos entendeſſem o quanto ella ſe empregava em obras de caridade, lançou maõ daquelle menino para o criar, como com effeito o levou para ſua caſa, e ſe encarregou delle.

Achou o demonio naquella mulher, e naquelle menino ſujeitos capazes para uzar dos ſeos diabolicos intentos, porque o menino ſe chamava *Manoel*, nome que ſe equivoca com aquelle de quem a Eſcritura Sagrada pelo Profeta Iſaias nos dà a conhecer o verdadeiro Rey dos Reys, e Senhor abſoluto, o qual pelo remedio da noſſa ſalvaçaõ, ſe fes capaz de padecer dores, chamando-lhe *O' Emmanuel*, e na mulher achou ſitio em ſeu ferino coraçaõ para adulterar taõ Divino Nome, em memoria do ſacrilego ſacrificio da meſma Divina innocencia. Nunca aquella tiranna, e endiabrada mulher nomeava ao menino pelo ſeu proprio nome, ſeria talvez porque

Iſaiæ 33. n. 22.

naõ

naõ ficasse ao depois em dúvida o motivo de taõ estranho caso, mas sempre lhe chamava filho do homem, em cujo nome ninguem reparava; e entendiaõ algumas pessoas, que lhe chamava assim pelo que se tinha passado no requerimento que seu pay tinha feito no Hospital; e podemos daqui entender, que em o nomear por este nome muito se deleitava, desafogando assim o seu sacrilego odio, pois entenderia esta infernal doutora com seos dannados intentos, o quanto para a sua diabolica seita tinha sido mysterioso; tendo naquelle innocente Manoel que criava, a lembrança do refinado odio que tinha ao innocentissimo Manoel, ou Filho do Homem, de quem a Sagrada Escritura nos està expressando os opprobrios da sua Cruz, ou a gloria que lhe havia de resultar de ser crucificado, e quanto se dignou usar deste misterioso nome a mesma innocencia: *Cum exaltaveris Filium Hominis, tunc cognoscetis quia ego sum*, e em mais partes da mesma Escritura se lê, que para o mesmo Salvador do genero humano honrar aos descendentes de Adam, se quiz nomear com este nome.

A todas as pessoas com quem esta cruel mulher fallava, fazia queixa do rebelde natural daquelle rapaz, porque naõ reparasse alguem nos dolorosos, e lastimosos gritos com que elle se queixava, pois todas as sextas feiras do anno, rigorosamente o açoutava com hum molho de varas, deixando-o por muitas partes do corpo ferido

do. Naõ ſabemos com certeza o tempo que durou eſte martyrio, mas bem ſe ſabe, que durou muito tempo, e que jà ſe reparava no traje com que ella trazia veſtido aquelle martiriſado cordeiro, que criava para o ſacrificio, pois nunca lhe veſtio calçoens, mas ſó huma ôpa, em que talvez ſe lhe repreſentaſſe aquella ſagrada tunica inconſutil, que os executores da mais cruel tirannia, deſpiaõ e veſtiaõ, quando com varas ferírão ao meſmo Salvador do genero humano. Chegou em fim a Semana Santa, dias em que a Igreja repreſenta o mais alto myſterio, obra taõ recondita às potencias humanas, por ſerem inexcrutaveis os beneficios nos ſegredos da Mente Divina; neſtes dias publicava a deſatinada mulher, que o filho do homem Manoel da Piedade, ſem dúvida morreria, e he certo, que naõ tinha outra enfermidade, mais que aquella, que os rigores da ſua cruel tirannia lhe cauſava.

No anno de mil ſeiſcentos e ſettenta e ſinco, em ſexta feira de Payxaõ, entregou ella o menino amortalhado a ſeis rapazes para o acompanharem à ſepultura, na Igreja Paroquial do Salvador, que era onde pertencia, indo ella tambem acompanhando a criança defunta, para diſſimular a cruel obra que tinha feito. Advertio-ſe mais naquelle tempo, e era voz conſtante; diſſera aquella Senhora, que morava nas meſmas caſas, onde hoje he Convento, que na meſma ſexta feira na hora da Terça, ouvíra ao ditoſo inno-

innocente queixarſe exceſſivamente, como quem acabava a vida às violencias da mayor crueldade; e na hora de Noa, he certo que foy a enterrar, e como a tal Senhora ſe condoeſſe, magoada das ſentidiſſimas vozes do menino, ou foſſe por impulſo ſuperior, começou a divulgar, que aquelle menino tinha acabado a vida com morte violenta; e como eſta Senhora era peſſoa de tanto credito, foy a juſtiça deſenterrar a criança, à qual achàraõ com hum Angelico aſpecto, manando ſangue das feridas, e feita huma perfeitiſſima Imagem de Chriſto crucificado; o corpo todo raſgado, ferido de crueis açoutes, a cabeça na ſua circumferencia ferida com penetrantes eſpinhos, as mãos, e os pès moſtravaõ ſerem cravados em huma Cruz, com grandes cravos, e o peito aberto com huma profunda ferida; e as flores que lhe tinhaõ deitado dentro na ſepultura, ſe achàraõ taõ freſcas, e fermoſas, como ſe eſtiveraõ ainda no ſer das plantas, que as animavaõ, e juntamente ſe examinou, que o corpinho daquella criança, e ſanto innocente exhalava hum odorifero cheiro.

Viſto taõ eſtranho caſo, reſultou no povo daquella Villa, fazerem muitas peſſoas grandes demonſtraçoens da refórma de ſuas vidas: e entaõ ſe conheceo claramente por todas as circunſtancias, o refinado odio, que aquella Ermitôa do inferno tinha ao immaculado Cordeiro, o Divino Manoel, Filho do Homem verdadeiro,

deiro, faciando nefte, do modo q̃ pode, a voracidade do feu dãnado coraçaõ. Defte menino fabemos q̃ o metéraõ em hũ decente caixaõ, deixando-o depofitado em fepultura na mefma Igreja do Salvador; porèm como hoje já he outra Igreja nova, naõ achámos noticias onde efteja, nem o lugar onde foy enterrado. Logo a juftiça fecular naquelle dia da fexta feira prendeo a Ermitôa na cadea defta Villa, devaçou a Ecclefiaftica, e o Tribunal da Inquifiçaõ a tirou della levando-a preza, em cujos carceres dizem que morreo.

CAPITULO XVII.

Da fundaçaõ, e mais noticias do Convento de S. Francifco defta Villa de Santarem.

ENtramos a efcrever o principio de hum Convento, cujas noticias principais da fua fundaçaõ, nos levou a voracidade do fogo, pois hum grande incendio que nelle houve hà feculos, nos dizem, que redufira a cinzas o feu Cartorio; por cuja caufa falláraõ os Efcritores das antiguidades defte Convento com tanta variedade, que nos fazem agora grande confufaõ as fuas diverfas opinioens. Os mais delles tomaõ por pertexto o dito incendio do Cartorio, e he razaõ efficaz, para que lhe aceitem todos a defculpa, no que toca à incerteza do anno da fua edificaçaõ. Porèm como nòs temos lido o

que elles eſcrevérão, e anda eſcrito em tantas partes, parece-me ſer eſcuſado gaſtar aqui tanta tinta, e papel em relatar o que elles dizem, e melhor he hirmos ſó ao que parece ter mais força de verdade. Digo que quanto ao dizer o Biſpo Mantuano, que primeiro foy dos Templarios, e que forão elles extintos, aſſim em Portugal, como nos mais Reynos antes dos Padres Menores de S. Franciſco poſſuirem eſte Convento neſta Villa, clariſſimamente ſe vê ſer falſo, pois he ſem dúvida, que a ordem do Templo ſe inſtituio no tempo do Conde D. Henrique, e neſſe tempo os Mouros erão ſenhores de Santarem, e lhe foy tomada por ElRey D. Affonſo Henriques filho do dito Conde, e os Templarios que ajudárão a tomar eſta Villa, não tiverão em Santarem outro apoſento ſenão na Igreja de Santa Maria de Alcaçova, e no tempo do meſmo Rey D. Affonſo, ſe forão dali para o Caſtello de Céras, pela remuneração que lhes fes, quando em Roma ſe ſentenciou a cauſa a favor do primeiro Biſpo de Lisboa D. Gilberto, à cerca de pertencer ao dito Biſpado a renda do Eccleſiaſtico da meſma Villa, como jà deixámos eſcrito na primeira Parte deſta Hiſtoria, liv. 1. cap. 8. nem achámos eſcriptura alguma nos Cartorios, que diga, ou nomee outro lugar em Santarem onde aſſiſtiſſem os Cavalleiros do Templo, ſenão em Santa Maria de Alcaçova, no tempo referido. De mais, quanto a dizer Gonzaga, que os Templarios forão

ex-

extintos em Portugal antes que nelle entrassem os ditos Padres da Religiaõ Serafica, manifestamente se està vendo o contrario, porque esta extinçaõ foy no reynado delRey D. Diniz; e no de seu pay D. Affonso terceiro, jà havia bastantes annos, que os Frades de S. Francisco existiaõ no dito Convento em Santarem. Consta isto de Fr. Luiz de Sousa na Historia de S. Domingos, do Padre Fr. Manoel da Esperança, e do Agiologio Lusitano, os quais dizem, que no anno de mil duzentos e sessenta, reynando o dito Rey D. Affonso terceiro, decidio este Senhor certas dúvidas, que nesta Villa havia entre os Religiosos Dominicos, e Franciscanos, sobre as Igrejas Paroquiais, em que cada huma das duas Religioens havia de prègar; e justifica-se mais, que quando falleceo o dito Rey D. Affonso no anno de 1271, deixou no seu testamento cem libras de prata a este Convento, o que se póde ver na quarta Parte da Monarquia Lusitana. Logo para que se hà de dizer, que no reynado de D. Diniz ainda naõ estavaõ cà em Portugal estes Padres Menores de S. Francisco; se elles existiaõ jà em Santarem havia muitos annos no Convento de que fallamos.

Souf. na Historia de S. Dom. p. 1. liv. 5. c. 20.

Esperança, Histor. Serafica, p. 1. liv. 4. c. 22. fol. 445.

Agiol. Lusitano, tom. 1. 10. de Janeir. no Cóment. l. c.

Monarquia Lusitana 4. p. pag. 85.

O que me parece mais certo (por naõ cansarmos os Leitores, nem averiguar com mais documentos, cousas que jà estaõ bem sabidas) he, que os Padres Menores deraõ principio a edificar este Convento no anno de 1242, com pouca di-

ferença no lugar que fica allegado, ſendo primeiramente fundaçaõ delRey D. Sancho ſegundo, pois no tempo deſte Rey, jà as Emparedadas q̃ fundáraõ o Moſteiro de S. Domingos das Donas, eſtavaõ na Ermida da Senhora da Abobeda, q̃ era ſituada onde hoje exiſte o Convento da Trindade, e porque as ditas Emparedadas eſtavaõ junto deſte Convento dos Frades Menores, e lhe ficavaõ tirando em parte a viſta do dormitorio, tiveraõ com ellas demanda, que durou huns poucos de annos, athè que ſe acabou a contenda, mudando-ſe ellas dali para o ſitio da Magdalena, onde hoje eſtaõ as Freiras Donas q̃ foraõ ſuccedendo às Emparedadas. Logo parece certo, que no tempo de D. Sancho ſegundo tinhaõ jà os Padres de S. Franciſco ali fundado o ſeu Convento, e edificado do ſeu principio por eſte dito Rey no tempo referido de 1242.

Souſ. na Hiſtoria de S. Doming. 1. part. liv. 5. cap. 20.

Fundouſe por eſte tempo o Convento pelo règio mando delRey D. Sancho ſegundo, que conſtou da Igreja, clauſtros, e dormitorios; porem muita couſa diſto ficou imperfeito pela falta que lhe fes a depoſiçaõ da coroa deſte pouco afortunado Monarca. Naõ foy baſtante eſte infortunio, para que as obras deixaſſem de continuar, porque naõ faltáraõ peſſoas graves da Villa, que deraõ copioſas eſmolas, pela devoçaõ, e dezejo que tinhaõ de verem o Convento acabado, e ſe acabou tudo aquillo a que ElRey tinha dado principio. Corréraõ os annos athè o

de

de mil trezentos e ſincoenta, perfilhou El-Rey D. Fernando eſte Convento por caſa ſua fazendo-o completamente Real, ampliando-o em todos os ſeus edificios, edificando de novo algumas officinas de pedra, cal, e madeira. Tambem eſte meſmo Senhor reformou, e acreſcentou a Igreja, e no meyo della mandou fazer hum elevado coro para ſeu jaſigo, levantado em abobedas de boa cantaria lavrada, com grande primor; e por eſtar eſte coro no meyo da Igreja, tomava tres arcos dos ſinco que ella tem ao comprido de cada lado, que repartem as naves, e porque neſte lugar fazia o Templo muito ſombrio, e eſcuro, ſe deſmanchou no anno de mil quinhentos e outenta e outo, e o puzeraõ ſobre a porta principal, ficando menos comprido, que he o que ainda hoje exiſte, tendo os meſmos fundamentos do outro que eſtava no meyo da Igreja. He eſte Templo de notavel grandeza, com hum magnifico cruzeiro, porèm ſem correſpondencia nas Capellas, porque aos noſſos antepaſſados lhe devia parecer, que nos grandes edificios o ſer tudo diverſo era obra de mayor primor.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Das Sagradas Reliquias, e Imagens milagroſas, com que ſe orna eſta Igreja, e fazem ſer eſte real Convento, hum prodigioſo Santuario, ou hum Ceo plantado na terra.

MAis que todo o pompoſo material de que ſe compoem a grande fabrica deſte real Convento, naõ tem comparaçaõ o ſeu valor, com o inextimavel, ou inexplicavel preço das prodigioſas reliquias, que nelle exiſtem, como ſoberano theſouro que o Ceo ali parece, quiz depoſitar. Principiando pela Igreja, logo à entrada da porta principal à maõ eſquerda, eſtà em hum altar huma devotiſſima Imagem de Chriſto Senhor Noſſo crucificado, do tamanho do natural, cuja Imagem mandou fazer El-Rey D. Joaõ o primeiro, que dizem foy feita pela ſua propria eſtatura. E he tradiçaõ por papel authentico, que eſta Sagrada Imagem fes hũ eſtupendo milagre haverà cem annos (com pouca differença) a hum homem tolhido, e aleijado dos pès, o qual eſtando hum dia diante do altar com devota oraçaõ, alcançou do Senhor ſaude perfeita, ficando ſem lezaõ alguma.

Mais adiante deſte altar, em diſtancia de tres, ou quatro paſſos exiſte outro da meſma parte, em o qual eſtà collocada huma Imagem da Virgem

gem MARIA Senhora Noſſa, com o titulo da ſua Conceyçaõ Immaculada, que he fermoſiſſima por extremo: cujo throno ſe vê acompanhado de dous Sacrarios, os quais eſtaõ enriquecidos de precioſas reliquias. Em huma Cruz de prata ſobredourada ſe contèm muitas dellas, onde ſe vê huma particula grande da Cruz de Chriſto, outra ſe vê tambem ali, do meſmo ſagrado lenho em huma Cruz de criſtal que hum Menino JESUS tem na maõ, como por troféo da ſua victoria; eſtà outra da carne aſſada do bemaventurado Martyr S. Lourenço, hum eſpinho da Coroa, que o odio poz na cabeça do Redemptor do mundo, em o qual ſe toca a agoa que tem ſarado milagroſamente muitos enfermos: hum pedaço de hum joelho de S. George; a cabeça de Santa Aurea, que foy huma das onze mil Virgens, a qual deu a Princeza Dona Joanna mãy delRey D. Sebaſtiaõ, a Dona Bernarda Coutinho, mulher de D. Franciſco Pereira, o qual era Commendador do Pinheiro, da Ordem de Chriſto, Embaixador que foy do meſmo Rey em Caſtella; e por ſer eſta fidalga muito devota de Noſſa Senhora da Conceyçaõ, quiz enriquecer mais a ſua Capella com eſta joya. As mais reliquias que ficaõ referidas, todas as deu Dona Anna Henriques, que as recebeo de ſeu irmaõ D. George de Almeida Arcebiſpo de Lisboa, e as quiz depoſitar neſta Capella de ſeus pays, para ſeu ornato, pelo muito affecto que tinha a

eſta

esta Virgem Santissima, e era tanta a sua devoçaõ, que se mandou enterrar ao pè do seu altar, vestida com a mesma roupa da Conceyçaõ, em cuja pedra da sepultura se lê o seguinte epitafio:

Ao pè deste altar jaz sepultada Dona Anna Henriques, irmã que foy do Senhor Arcebispo D. George de Almeida, a quem Deos dè a gloria, na qual Capella manda se diga huma Missa quotidiana por sua alma, e pela de D. Luis de Almeyda seu irmaõ, para a qual darà o herdeiro da sua fazenda vinte e quatro mil reis de esmola, em cada hum anno, e naõ cumprindo o dito herdeiro com esta obrigaçaõ, perderà o morgado para o parente transversal mais chegado, confórme o seu testamento: e a mesma pena haverà naõ cumprindo a obrigaçaõ da Missa quotidiana que nesta sepultura se diz pelas almas de seus pays D. Lopo de Almeida, e Dona Antonia Henriques, que aqui jazem sepultados. Falleceo a tres de Agosto de 1587.

Este Convento se honra muito com huma milagrosa Imagem do glorioso P. Santo Antonio, taõ antiga, que he tradiçaõ corrente ter a antiguidade da primeira fundaçaõ do Convento. He de escultura em madeira, e esta he jà taõ velha, que para se lhe encobrir alguns defeitos, que lhe tem causado os dilatados tempos da sua existencia, a devoçaõ dos fieis, para lhe disfarçar a sua muita antiguidade, lhe vestem por cima da mesma escultura outro hábito de seda, e téla. Tem esta Imagem pouco mais de sinco palmos de altu-

ra

ra; eſtà com as mãos juntas erguidas, e os olhos levantados para o Ceo, com tanta alegria, e viveza nelles, e nas mais feiçoens de todo o ſeu roſtro, que enfeitiçando os coraçoens de quem o vê, lhes acende na alma as chãmas da mais fervoroſa devoçaõ. Eſta miraculoſa Imagem, logo no ſeu principio foy obrada como ſe coſtuma ſempre fazer, que he com huma Cruz na maõ direita, e o Menino JESUS no braço eſquerdo, porèm para fazer hum eſtupendo milagre, largou tudo o que nos braços tinha, e quiz ficar para ſempre com as mãos levantadas ao Ceo, dando graças a Deos pelos grandes favores que lhe fazia, e foy o milagre na fórma ſeguinte:

Eſperança, na Hiſtoria Serafica tomo I. c. 23. l. 4. fol. 449.

Fr. Marc. p. 1. l. 5. c. 35.

Huma mulher que morava perto deſta Villa de Santarem, havia jà muitos annos que trazia no corpo o inimigo commum de noſſas almas, que a moleſtava terrivelmente. Entre os tormentos com que a maltratava, o mayor delles, era afear-lhe de tal ſorte os peccados da ſua vida paſſada, que lhe fes crer ſer impoſſivel alcançar a ſalvaçaõ, ſe ella para ſatisfaçaõ de ſuas culpas ſe naõ mataſſe por ſuas proprias mãos. E foy tal a aſtucia, e ſutileza do maligno eſpirito, que lhe fes entender, que iſto lhe dizia Chriſto Senhor Noſſo, repreſentandolhe a figura do meſmo Filho de Deos, fallando neſtas palavras: *Eu ſou aquelle Senhor, a quem tu gravemente offendeſte; porèm por minha miſericordia perdoarey teus peccados, e te levarey à Gloria, ſe tu em ſatisfaçaõ de tuas cul-*

Fr. Luc. an. 1285. n. 7.

pas te afogares no Tejo. A pobre mulher vendo a figura, e ouvindo estas palavras, ficou persuadida das vozes, ignorando a falsidade, e pondo-se logo no caminho para a execuçaõ, a dor de seus antigos peccados lhe apressou os passos. Era este dia o de Santo Antonio, e passando ella pela porta da Igreja do dito Convento, na mesma manhãa em que se hia deitar no pègo, entrou dentro no Convento, foy-se à Capella do Santo (como se póde crer) com boa fé, para saber por sua via se era aquella a vontade do Senhor; e posta em oraçaõ de joelhos diante do altar onde estava o Santo, começou a fazer o seu requerimento com muitas lágrimas, e suspiros; porèm como por intercessaõ deste Santo naõ he cousa estranha fazer Deos grandes milagres, naõ quiz que no dia da sua festa se perdesse aquella alma; e para fazer o prodigio, lhe fes alli dar hum leve sono, e juntamente lhe appareceo em sonhos, e lhe fallou nestas palavras: *Filha: Sabe que isto he engano do tentador. Toma este escrito de pergaminho que te dou com letras de ouro, compostas nestas palavras latinas:* ✠ *Ecce Crucem Domini: fugite partes adversæ. Vicit leo de tribu Juda, radix David. Alleluia, Alleluia.* Acordou a mulher do lethargo, vendo logo que tinha ao pescoço o dito escrito; cujas palavras tem grande força contra o demonio. E quem as quizer dizer em portuguez, dirà assim: *Eis-aqui a Cruz do Senhor. Partes contrarias fugi. Venceo o Leaõ da Tribu de Judà, raiz de David. Louvay a Deos, louvay a Deos.*

Ficou

Ficou a venturosa mulher com este preservativo mais confortada, e livre da diabolica tentaçaõ do infernal inimigo, rendendo as devidas graças ao Santo com fervorosas oraçoens, pela grande mercê q̃ de Deos lhe alcançára. Na occasiaõ deste milagre reynava em Portugal ElRey D. Diniz, o qual pedio o escrito, e o guardou entre o thesouro das suas reliquias. Desta maravilha que o Santo fes, ficou esta santa Imagem tida em grande veneraçaõ, naõ só do povo daquella Villa, mas de todas as pessoas que sabem dos seus prodigios, pois se tem averiguado naõ haver anno algum, que deyxe de fazer milagres. Do Menino JESUS que este glorioso Santo tinha em seus braços, naõ podemos dar com individual narraçaõ, noticia certa do caminho que levou, mais que quando Filippe segundo veyo a Portugal no anno de 1619, sendo Rey deste Reyno, sabendo deste prodigioso milagre, o levára comsigo para Castella; porèm naõ he este dito taõ seguro, que se lhe possa dar inteiro credito, pois o naõ achámos escrito em papel algũ.

CAPITULO XIX.

Descrevem-se as noticias da formalidade deste Real Convento, e de varias sepulturas que nelle hà.

ESte famoso Convento està situado fóra da circunferencia desta Villa, sincoenta passos (com

pouca differença) entre o Norte, e o Nordéste. Delle em varias estancias, logra a vista muita parte dos campos de Almeirim, com a mesma Villa, e tambem as agoas do rio Tejo. Dos Conventos que tem esta sagrada Provincia (exceptuando o de Lisboa) he este hũ dos mayores. Dilata-se o seu material em hũ grande circuito de terra, todo bem assentado em igual planicie, tem dous claustros, hum he de notavel grandeza, sendo o mais pequeno da primeira fundaçaõ delRey D. Sancho segundo, confórme as melhores opinioens: este mayor tem huma famosa cisterna taõ grande, que occupa por baixo todo o seu quadro, athè às columnas dos arcos, com hũ grandioso bocal no meyo, de boa casta de pedra, e bem lavrada. Dous lanços deste grande claustro mandáraõ fazer à sua custa, D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, e sua mulher Dona Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro, Governador da Casa do Infante D. Henrique: e os outros dous igualmente os mandáraõ obrar os Senhores da Illustrissima Casa de Villa Real; e tambem lhe edificáraõ ali juntamente a casa do Capitulo, que alguns tempos servia de jazigo a estes Senhores. Tem tres dormitorios de bastante grandeza, e mais alguns corredores, q̃ saõ serventias para elles, hum grande refeitorio, e todas as officinas, que saõ proprias do estado religioso, com huma grande cerca, a qual tem dentro dos seos muros vinha, e terra para semen-

teiras

teiras, assim de paõ, como de legumes.

A Igreja he de tres naves, e de notavel grandeza, proporcionada com a sua altura, tem sinco arcos no corpo de cada lado, que repartem as naves: as suas columnas naõ saõ redondas, mas todas em resaltos boleados sem arestas, o tecto he de madeira, e só os das Capellas, assim a mayor, como as mais, que saõ fundas para dentro, saõ de abobeda de tijolo, que entre todas, e altares que tem esta Igreja vem a ser o numero de doze. Agora entraremos a mostrar neste papel os nobres sepulchros com que despois das cousas Divinas, se authorisou este Templo. E principiando por aquelles em que jazem sepultadas as pessoas de mayor authoridade: vemos, que no coro està no espaldar delle, por baixo do espelho entre as cadeiras, hum fermoso, e grande caixaõ de boa pedra branca, o qual sustentaõ huns grandes leoens, em cujo ataúde depositou a Casa Real os mortais despojos delRey D. Fernando, athè aqui unico do nome, e os de sua mãy a Infanta Dona Constança. Na frente deste tumulo se estaõ vendo entalhados huns escudos com as quinas reays: outros com as armas da sobredita Infanta, nas quais se vè huma aza com hum braço, e huma espada empunhada, contra a qual està hum feroz leaõ batalhando. Na cabeceira se acha huma representaçaõ de figuras pequenas em relevo, que significaõ a impressáõ que fes Christo Senhor Nosso de suas

san-

ſantiſſimas Chagas na carne do Serafico Padre S. Franciſco, de cuja regra Terceira, eſte Rey era filho profeſſo. No meſmo tumulo ſe lê hum letreiro que o cinge de todos os lados, o qual diz eſtas ſeguintes palavras: *Aqui jaz o muy nobre Rey D. Fernando, filho do muy nobre Rey D. Pedro, e da Infanta Dona Conſtança.* Eſta ſepultura eſtava antigamente no meyo do coro antigo, como jà fica eſcrito neſta ſegunda Parte liv. 1. cap. 16. E quando o mudáraõ para eſte, que hoje exiſte, ficou eſta ſepultura junto à parede ao pé do eſpelho deſte dito coro, que por eſta razaõ ſe naõ pódem ler todas as letras, que por detraz della ſe vaõ ſeguindo, e ſó deſte letreiro trasladámos aqui as que ſe puderaõ ler, e ſaõ as que ſervem ao noſſo intento. Foy eſta ſepultura aberta, quando ſe fes a dita mudança, e achouſe dentro o corpo delRey metido em hum caixaõ de madeira, aſſim como tinha vindo do Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa, onde primeiramente foy depoſitado. O Padre Fr. Manoel da Eſperança nos diz na ſua Hiſtoria Serafica, part. 1. liv. 4. cap. 29. que eſtava todo inteiro, veſtido no hábito de S. Franciſco, e cordaõ de linhas finas muito alvas, com huma cota de armas em cima deſta mortalha. E que aos ſeus pès ſe viraõ duas crianças envoltas em huns pãnos de brocado: e tudo eſtava cheio de ſaquinhos de canella, e de cravo, e outras aromaticas eſpecies, que ajudavaõ a preſervar o corpo da corrupçaõ.

Quiz

Quiz este Monarca com maõ larga dar bens temporaes a este Convento, para que por este meyo elle os pudesse ter na vida eterna, instituindo no mesmo Convento huma Capella com Missas pela sua alma, paraque em todo o tempo ali as dissessem os seus moradores religiosos. E para estes Capellaens bem se poderem sustentar, e se ornar com aceyo a Capella, dotoulhe dous reguengos da Touza, e das Champas, com todas as suas pertenças: cuja doaçaõ se fes, e se escreveo em Almada no primeiro dia de Junho de 1383, que foy hum anno antes, que o dito Rey fallecesse. Sabemos que o dito Rey D. Fernando trasladou para o coro antigo os ossos da Infanta Dona Constança sua mãy, que havia bastantes annos jaziaõ na Capella mayor da Igreja dos Padres Dominicos desta Villa, e foy esta trasladaçaõ no anno de 1376. Tambem temos noticia, q̃ esta Senhora tinha neste Convento de S. Francisco particular sepultura, e dizem que como o novo coro ficou mais curto que o antigo, naõ lhe ficou lugar para outra sepultura, da qual naõ se sabe que caminho levou; porèm o Padre Esperança diz, que talvez serà huma que fica à entrada da porta da Igreja, à maõ direita, cujo tumulo mostra que foy antigamente bem lavrado em obra Moysaica, mas hoje a pedra tem muita parte estragada, e a cor comida, por cuja causa se lhe naõ vè letra alguma.

Duarte Nunes na Chronica del Rey D. Fernand. fol. 236.

Mariz, Dial. 3. c. 5. e 6.

Historia Serafica, tom. 1. liv. 4. cap. 29. fol. 468.

No dito coro antigo tambem jaziaõ em seu

tu-

tumulo, os ossos de D. Fernando de Noronha, primeiro Conde de Villa Real, neto da Rainha Dona Leonor Telles de Menezes, mulher do mesmo Rey D. Fernando: e juntamente com elle descançavaõ no mesmo sepulchro os ossos de sua consórte Dona Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna, e primeiro Capitaõ de Ceuta. Porèm quando se mudou o coro, se trasladáraõ estas ossadas para a casa do Capitulo, por ser desta familia, e em certo tempo se leváraõ dali com mais outros ossos dos seus descendentes, para o Convento de Leiria da mesma Ordem Franciscana da Provincia de Portugal. E por darmos cumprimento a tudo o que prometemos de escrever nesta Historia, continuaremos aqui os traslados das mais sepulturas, que tem inscripçoens neste real Convento. E principiando pelo adro da Igreja, no meyo delle se lê em huma pedra raza o seguinte letreiro:

Aqui jaz Maria Antunes Irmã dos Frades, e amiga dos pobres. Morreo de peste dia de Santiago de 1599.

Na entrada da porta principal da Igreja se vê em huma sepultura raza hum letreiro que diz: *Domingos Guedes, que aqui jaz, suas armas desprezando, e a Christo muito amando, a Cruz por armas lhe apraz.* Debaixo do coro ao pè do altar da Capella de Nossa Senhora da Conceyçaõ està huma pedra no lado da Epistola, com esta inscripçaõ: *Nesta Capella jazem sepultados D. Antonio de Almei-*

da

da do Conſelho de ElRey noſſo Senhor, que falleceo a trinta de Novembro de 1532, *e Dona Brites da Silva ſua mulher, que falleceo a dezaſete de Novembro de* 1587, *que Noſſo Senhor tenha em ſua Gloria.* Em a nave que eſtà da parte da Epiſtola eſtaõ as ſepulturas com os epitafios ſeguintes, e eſta primeira tem por armas huma eſpada, e diz o ſeu letreiro: *Sepultura de Vicente de Moura, e de Maria Fernandes ſua mulher, na qual jaz Antonio de Moura ſeu filho, Cavalleiro, q̃ falleceo na era de* 1551, e em huma campa grande eſtà outro letreiro, que diz ſómente: *Aqui jaz Pedro Rodrigues.* Segue-ſe outra cujo letreiro diz: *Sepultura de Antonio Paes Perdigaõ, e de ſua mulher Theodoſia Ferreira Aranha, e herdeiros.* 1631: e em outra ſe lê: *Sepultura do Lecenciado Franciſco de Souſa, Promotor do juizo Eccleſiaſtico, e de ſua mulher Maria de Lemos Fialha, e para ſeus herdeiros*: outra tem a inſcripçaõ neſta fórma: *Sepultura de Simaõ Freire, e de ſua mulher Maria da Roſa, e herdeiros.* 1657: outra diz: *Sepultura de Braz da Cruz, e de ſeus herdeiros*: outra que ſe ſegue, tem as ſeguintes letras: *Sepultura de Fernando Dias de Moraes, e de ſua mulher Patronilha de Souſa Pereira, e de ſeos herdeiros. Falleceo a quatorze de Setembro de* 1648: ſegue-ſe outra que diz: *Sepultura de Acenſo Pires de Alfange, Cavalleiro da Caſa delRey noſſo Senhor, Eſcrivaõ dos Contos, e de ſeus herdeiros*: outra diz: *Aqui jaz Alexandre de Moura Ayo do Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ; e falleceo na era de* 1551: outra ſómente diz: *Sepultura*

de Antonia Pereira mulher de Artur Gonçalves, e de seus herdeiros. Em huma Capella debaixo do coro nesta mesma nave, está hum padraõ com escudo de armas, o qual tem a seguinte inscripçaõ: *Esta Capella he de Francisco de Barros, e de Maria de Araujo sua mulher, e herdeiros; que a instituíraõ, e fabricáraõ, como se verà pela instituiçaõ que se fes, e tem Missa quotidiana por suas almas.* Na Capella de Santa Anna, em hum caixaõ de pedra bem lavrado se lé este epitafio: *Aqui jaz Martim Affonso de Mello filho de George de Mello, e de Dona Branca Coutinho, e sua nora Dona Maria Henriques;* e no meyo da mesma Capella està huma sepultura grande, e raza com este epitafio, por todos os lados da campa, tem escudo de armas sobre a sepultura, que saõ sinco estrellas: *Aqui jaz Dona Branca Coutinho, mulher que foy de George de Mello, que morreo sobre Marzagaõ, e filha de Vasco Fernandes Coutinho, que matáraõ em Castella na batalha do Touro. Morreo a huma sexta feira de Lazaro* 11. *dias do mez de Mayo, era de* 1536.

Na Capella do Menino JESU està huma sepultura raza com este epitafio: *Aqui jaz Vasco da Silveira, e Dona Ignez de Noronha sua mulher, os quais fizeraõ esta Capella, e a dotáraõ para si e seus herdeiros, com Missa quotidiana.* Està na Capella de Nossa Senhora da Piedade, hum padraõ na parede da parte da Epistola, que diz assim: *Esta Capella he de Francisco de Azevedo de Menezes, e de Dona Joanna Henriques sua mulher, e de seus herdei-*

ros

ros : outra ſepultura raza ſe vê na Capella de S. Sebaſtiaõ , com eſte epitafio : *Eſta Capella que inſtituio João de Souſa , de que foraõ adminiſtradores ſeus deſcendentes , por linha direita , athè fallecimento de Antonio de Souſa Giraõ , ſucceſſor do dito ſeu Pay ; e neſta ſepultura mandou avivar as letras que nella ſe tinhaõ poſto , por fallecimento de ſeu ſexto avô , que diziaõ : Aqui jaz Agoſtinho , Fidalgo da Caſa delRey noſſo Senhor , Vêdor que foy da Rainha Dona Leonor , que falleceo a tres de Mayo de* 1500. *Cuja Capella he hoje do dito Luis Pedro de Souſa Giraõ , legitimo ſucceſſor della. Anno de* 1731. Eſta Capella que acabámos de eſcrever inſtituio-ſe em deſaſete de Março de 1487. Tem Miſſa quotidiana , e hum Officio. Eſtà outra Capella , que he de S. Benedito , a qual ſe inſtituio a vinte e dous de Agoſto de 1580, tem Miſſa quotidiana, e huma cantada em dia da Aſſumpçaõ, por eſmola de tres moyos de paõ ; e tem eſte epitafio : *Aqui jaz Joanna Fernandes , Moça da Camera da Inſanta Dona Maria.*

Neſta eſcritura em que vamos nos faltaõ algumas inſcripçoens , que naõ hà nos mais nobres , e elevados ſepulchros que tem as Capellas deſta Igreja , e naõ teremos outro remedio para as noticias dos grandes Heroes que muito illuſtraõ a naçaõ Portugueza , e aqui jazem ſepultados , que fiarmos o credito de ſuas maravilhoſas acçoens da pura eloquencia do P. Meſtre Fr. Manoel da Eſperança , Chroniſta da meſma ſanta Provincia de Portugal , a quem neſta parte

Eſperança , Hiſtor. Seraſica, tom. I. liv. 4 cap. 30. fol. 469.

ſe deve dar inteiro credito, pois he ſabido, que as couſas da ſua Ordem indagou, e eſcreveo com toda a verdade. Entrando pois na fermoſa Capella das Almas, ſe acharáõ graviſſimos ſepulchros das mais illuſtres familias do Reyno, que grandemente ennobrecéraõ a naçaõ Portugueza. Ali ſe verà coroado de louro, por troféo de ſuas honroſas victorias, em hum elevado, e ſoberbo mauſuléo, a figura do mais que grande, por todos os titulos, D. Duarte de Menezes, terceiro Conde de Viana, eſclarecido tronco dos Senhores Condes de Tarouca, primeiro Capitaõ de Alcaçar Ceger, em cujos progreſſos, e de cuja temeroſa eſpada, tremolavaõ túmidas as noſſas bandeiras, tremiaõ tímidas as lanças Africanas, deſde os primeiros dous luſtros dos ſeus invejados annos. Aquelle, que com quinhentos Soldados Portuguezes, ſuſtentou, e defendeo a ſobredita Alcaçar contra cem mil combatentes. Aquelle Heróe taõ prudente na paz, como valeroſo na guerra, que na Serra de Benacofú entregou a vida à morte, por ſalvar a do ſeu Rey D. Affonſo quinto, eſtando eſte Monarca jà quaſi precipitado, ou a ficar prizioneiro, ou morto às mãos da barbaridade Mohometana.

Para maravilhoſa lembrança, e para avivar por todos os ſeculos a noſſa memoria, das heroicas façanhas deſte Marte Luſitano, neſta Capella lhe fabricou a mais fina idéa honorifico ſepulchro, que ſe eleva da parte do Evangelho, occupando

cupando toda a parede, athè o mais alto della, enlaçado de primorosos, e delicados ramos, sendo obra Moisaica, em finissima pedra; e no meyo de todo este soberbo artefácto està a sua figura deitada, vestida de armas brancas, empunhando a espada. Naõ tem por dentro tumulo esta magestosa fábrica, mas só hũ pequeno vão, que encerra dentro em si unicamente hum dente deste grande Heróe, que a Condessa sua mulher D. Isabel de Castro, lhe tinha guardado; e naõ tem este sepulchro mais inscripçaõ alguma: porque para taõ largos progressos he toda a pedra curta, e tambem o serà qualquer grande livro, querendo expressar o menor de suas gloriosas emprezas. Porém estas pelo assombro, sempre se faràõ lembradas nas difusas elegancias dos nossos escritores. Segue-se logo ao pè desta sepultura a da dita Dona Isabel de Castro sua mulher, que jaz sepultada debaixo de huma grande campa, e pelo brazaõ de seu sangue sem fallar, a pedra nos inculca muda, o esclarecido de sua descendencia. Da mulher, e marido os acompanhaõ nesta mesma Capella muita parte das suas illustres geraçoens. Aqui està seu filho D. Joaõ de Menezes, Prior que foy do Crato, Conde de Tarouca, Mordomo mór, e Ayo do Principe D. Affonso, que morreo na praya do Tejo nesta Villa de Santarem, de huma violenta quèda correndo em hum cavallo. Aqui nesta dita Capella se enterrou seu neto, por este filho D. Henrique de

Sousa nas Flores de Hespanha, cap. 13,

Cunha, na Chron. del-Rey D. Affonso quint. cap. 35.

Pina, c. 141.

Esperança, Histor. Serafica, tom. 1. liv. 4. cap. 30. fol. 470.

de Menezes Governador da Casa do Civel de Lisboa, e Capitaõ valerosissimo nos combates de Tangere; seu bisneto D. Joaõ Tello de Menezes, tambem aqui jaz sepultado, o qual foy taõ devoto das Almas, que quiz, e foy Embayxador a Roma, sendo o seu principal designio, para que com mayor facilidade impetrasse o grande privilegio das Almas, que logra esta dita Capella, cujo Breve elle trouxe, allegando para a concessaõ delle, todos estes depositos de seus illustres antepassados, que ali esperaõ o Juizo final.

E dando outra ves principio à descendencia que segue a linha do dito D. Joaõ Conde, Prior do Crato por ser filho, tambem chamado D. Duarte de Menezes, que governou a India Oriental, ali jaz sepultado seu neto D. Pedro de Menezes, Cavalleiro taõ esforçado na guerra, que em Tangere sendo Capitaõ, com setenta Portuguezes (e os que mais numero lhe daõ, naõ passaõ de outenta) desbaratou tres mil Mouros todos de cavallo. Jaz tambem outro D. Duarte de Menezes seu bisnéto, em nobre sepultura embebida na parede. Seus terceiros nètos filhos deste D. Duarte, que saõ tres, D. Francisco, D. Pedro, e D. Joaõ, D. Francisco, que foy Bispo de Leiria, e do Algarve, foy sepultado em hum gravissimo tumulo, o qual fica levantado no meyo do pavimento da Capella de luzidissima pedra, cuja côr, he entre roxa e verde: e os

e os outros dous irmãos tiveraõ differentes ſepulturas. De outros mais fidalgos deſcendentes deſta grande familia, ali deſcançaõ ſeus oſſos; porèm como as ſuas ſepulturas naõ tem inſcripções, tambem lhe naõ damos mais lugar neſtas noſſas memorias, no que toca a eſta Capella das Almas.

CAPITULO XX.

Proſegue-ſe a meſma materia.

PAſſando deſta Capella das Almas a outra, que em algum tempo teve o precioſo Nome de JESU, eſtà nella enterrado o corpo de D. Joaõ Pereyra, Fidalgo do Conſelho Real de Eſtado, e de ſeu filho Franciſco Pereira, que foy Embaixador a Caſtella, mandado por ElRey D. Sebaſtiaõ. Moſtra-ſe alli hum tumulo de pedra, o qual ſuſtentaõ quatro leoens, nelle jaz ſepultado Vaſco Gomes de Abreo, Fidalgo do Conſelho delRey Dom Affonſo quinto. Na Capella do milagroſo Santo Antonio ſe deſcobrio em certo tempo hum mauſuléo, que havia muitos annos eſtava occulto com o reboco da parede, o qual pela ſua inſcripçaõ, ſe achou ſer de Joaõ Pires, pay do Biſpo de Coimbra D. Eſtevaõ Annes, que falleceo no anno de 1290 em o mes de Julho, cuja peſſoa ſe vè no ſeu epitafio ter ſido muito caritativo com os Religioſos deſte Convento, e parte dos verſos deſte epitafio

ſão feitos com bom engenho, em os quais ſe moſtra a grande devoçaõ que tinha ao Serafico P. S. Franciſco, dizem aſſim:

Nobilis: ò miles: Franciſcum: ſemper amaſti:
Pauperiem: fratrum: pro quo: crebrè: relevaſti.

Sabemos por hum teſtamento que ſe acha no Archivo da Sè de Coimbra de D. Martim Annes, feito no anno de 1295, que neſta Igreja foy enterrado ſeu pay D. Joaõ Gil de Severoſa, e elle dito D. Martim Annes, e confórme diz o Conde D. Pedro, foy eſte o primeiro, cazado com dona Conſtança Gil da Illuſtriſſima Caza de Riba de Viſela: e o ſegundo (que he o filho) com Dona Branca Betaça, que foy nèta do Emperador de Grecia. Porèm como lhe naõ achámos inſcripçoens, por iſſo naõ lhe aſſignámos lugares proprios. O Padre Fr. Manoel da Eſperança na ſua Hiſtoria Serafica diz, que no dito teſtamento foy teſtemunha Fr. Abril, executor delle Fr. Affonſo Rodrigues, nèto delRey D. Sancho primeiro, ambos Frades da ſua Religiaõ dos Menores, e que no teſtamento mandou elle dito teſtador enterrar-ſe neſta Igreja, e trasladar para ella os oſſos de ſeu pay, pelas ſeguintes palavras daquelle antigo portuguez, que aqui vaõ trasladadas: *Mando meu corpo ſoterrar no Moeſteiro dos Frades Meores de Santarem, e rogo a minha madre Dona Conſtança, que aduga o mais cedo, que ella poder, meu padre D. Joaõ Gil a ſoterrar no dito Moeſteiro, ſegundo como ella ſabe que elle mandou*

Arch. da Sè de Coimbr.

Conde D. Pedro titul. 16.

Eſperança Hiſtoria Serafica tom. 1. livro 4. cap. 30. fol. 471.

dou, e foy sá vontade. Ultimamente dizemos, no que toca às ſepulturas da Igreja, que a Capella mayor he jazigo da Illuſtre Caſa dos Monteiros móres do Reyno, e ali eſtà ſepultado hum deſtes fidalgos chamado Franciſco de Mello, Governador que foy do Algarve, e Embaixador em França.

Agora ſaindo da Igreja para o clauſtro, daremos aqui a ler as inſcripçoens, que em varias partes deſte Convento ſe eſtaõ vendo gravadas nos marmores das ſepulturas, porque muitas ſe fazem dignas de eſpecial memoria, pelo illuſtre das peſſoas, que nellas jazem enterradas. Entrando pois pela caſa da portaria, ſe lê em hum caixaõ de pedra imbebido na parede, eſte ſeguinte epitafio: *Aqui jaz Franciſco de Sà, filho de Antonio de Sà, que os Mouros matáraõ naquelle grande, e famoſo cerco da Villa de Marzagaõ do anno de 1562, onde ElRey o mandou no primeiro ſocorro: morreo pelejando no mais alto da muralha, no fórte, e groſſo do primeiro, e mais fórte combate que os Mouros deraõ; e foy enterrado em Marzagaõ, e ſeus oſſos trazidos a eſta Capella, e muimento, anno do Senhor de 1567.* Na entrada da caſa do Capitulo eſtà huma pedra pequena jà gaſta, com eſte epitafio: *Anguſto hoc loco firma fidei ſpe, noviſſimam tubæ vocem expectat Frater Balthaſar Curatus, Miniſter olim Provincialis.* Na caſa que ſerve de Aula dos eſtudos, a qual fica parecendo atrio da fermoſa Capella dos Terceiros, ſe vem as ſepulturas com os epitafios ſe-

guintes: *Aqui jaz D. Duarte de Alarcaõ, e sua mulher Dona Ignez de Brito; elle falleceo a treze de Mayo de* 1604. Outra no mesmo pavimento da casa, que diz: *Sepultura de Gomes Borges de Castro, e de sua mulher Dona Archangela de Mendoça, e herdeiros, anno de* 1607: outra que tem este letreiro: *Sepultura de Dona Luiza de Castro, mulher que foy de Dom George de Eça, e de seus herdeiros. Falleceo a onze de Novembro de* 1604.

Ao sahir da dita Aula para o claustro da parte direita, estaõ as seguintes sepulturas: *Sepultura de Antonio Fernandes Camelo, Juis que foy dos direitos Reais, da Portage desta Villa, e seu Termo, e de Manoel da Cunha Camelo seu filho, e de Dona Maria de Azevedo Betancor, sua nora, e herdeiros.* Na mesma parte do claustro està outra que diz: *Esta sepultura he do Doutor Mestre Gabriel, Fisico do Marquez de Villa Real, falleceo a dez de Março de* 1552, *e de Gaspar Vaz Pinto seu genro.* Outra sepultura se vê ali, a qual tem dous epitafios distintos em letra Gotica, que dizem assim: *Aqui jaz Andrè Annes, Irmaõ, e devoto desta Ordem. Finouse a quatorze de Agosto de* 1530. *Sepultura de Luis Rodrigues Aranha, e de seus herdeiros*: està outra sepultura no mesmo claustro, que diz assim: *Esta sepultura he de Joannes de Burgumaõ, Cavalleiro do hábito de San-Tiago, e tangedor del Rey nosso Senhor, e de sua mulher Marta de Faria*, e outra que naõ tem mais que estas palavras: *Sepultura dos Manacis de Almeirim.* Na parede do mesmo claustro està hum caixaõ

de

de pedra, em o qual ſe lê eſte epitafio: *Aqui jaz Dona Catharina de Noronha, mulher de Martim Affonſo de Mello de Caſtro, que falleceo a vinte e nove dias do mez de Julho de 1562 annos*: outra em letra Gotica diz: *Aqui jaz Brites Fernandes, Irmã de Fr. Jordaõ de Santarem. Finouſe a deſaſeis de Agoſto de 1531.*

Saindo da dita Aula, à maõ eſquerda, no pavimento do meſmo lanço do clauſtro, eſtà outra ſepultura com eſte letreiro: *Aqui jaz o Lecenciado Manoel Lourenço, que Deos dè a Gloria. Amen. Anno de 1568.* Eſtà outra mais adiante, que diz: *Sepultura de Franciſco Borges Pereira, Fidalgo da Caſa del-Rey noſſo Senhor, natural de Braga, a ſete de Abril de 1565*: outra diz a ſua inſcripçaõ: *Aqui jazem Balthaſar Velho, e Dona Ignacia Pereira ſua mulher, elle falleceo dia da Trindade da era de 1551, e ella a deſanove de Fevereiro de 1574.* Outra ſepultura que tem o epitafio em letra Gotica, e huma eſpada eſculpida na pedra, diz aſſim: *Aqui jaz Pedro Affonſo, Cavalleiro da Ordem de San-Tiago, morador em Montemòr o Velho, e acabou a vinte de Abril, Era de 1523*: outra ſepultura diz: *Sepultura de George Vieira de Siqueira, e de ſua mulher, Era de 1598.* Eſta ſepultura tem armas com ſinco conchas. Saõ eſtas as ſepulturas, que achámos com epitafios neſte Convento, que todas peſſoalmente vimos, e trasladámos aqui fielmente, aſſim como eſtaõ as letras abertas nas pedras: e naõ pareça ao leitor ſer couſa ſuperflua, fazermos neſta Hiſtoria me-

moria destas inscripçoens, e das mais que estaõ em todas as Igrejas desta Villa; porque alèm de se ennobrecerem os Conventos, e Freguesias com depositos taõ honrados e illustres, poderà em algũa occasiaõ ser preciso saberse o tempo em que se sepultáraõ os cadaveres, e por naõ fiarmos da inconstancia do mesmo tempo (que tudo gasta, e consóme) o perseverarem as pedras com os seus letreiros, ou levarem outro caminho; por isso, para evitar estes contratempos, vaõ aqui copiados com os numeros de annos, mezes, e dias.

Foy sempre a Igreja deste Real Convento, muito frequentada do povo; e era tanta a devoçaõ, que os naturaes desta Villa lhe tinhaõ, e acodiaõ a ella com tanto fervor a ouvir as santas palavras do Sagrado Evangelho dos Sermoens, que aquelles grandes Padres ali moradores prègavaõ, q̃ sendo o Templo dos mayores que esta Provincia tem neste Reyno, naõ bastava para recolher a gente que a elle concorria, e para se poder acommodar tanto concurso, foy necessario estender em dilatado campo o alpendre do adro, de que ainda hoje saõ testemunhas os muitos pilares que ali existem, os quais chegaõ athè o chaõ da feira, aonde se vê à entrada huma fermosa Cruz de pedra, a qual fica junto ao adro, e districto do Convento da Santissima Trindade. Isto consta da Historia Serafica, fallando da vèstoria que se fes pela justiça, a requerimento dos Padres Trinos, para que lhe naõ occupassem a terra

Esper. Hist. Seraf. tom. 1. cap. 24. fol. 452.

terra que era ſua, de que ſe fes hum auto a vinte e ſeis de Junho de 1282, em o qual auto ſe dizem eſtas formais palavras: *Sobre hum arco da alpendorada da prêgaçom, que eſſes Frades Meores queriaõ levantar apar do canto deſſes Frades da Trindade.* Deſta eſcritura do referido auto devemos entender, que athé a eſta parte aſſignada corria todo o alpendre coberto, pois o arco de que o auto falla, naõ era para ficar ſimpleſmente ſó ſem cobertura, e a dita Hiſtoria Serafica diz, que logo o mencionado letigio ſe deſembargou pela parte dos Padres Menores, e ſe cobrio para a commodidade do povo ſe recolher nelle a ouvir os Sermoens; pelo que em muitos dias de feſta em huma meſma manhãa prègavaõ dous Prègadores, hum dentro na Igreja, outro fóra no alpendre. E tambem diz (e nòs de outras partes o ſabemos) q̃ neſte meſmo alpendre a dez do mez de Novembro de 1477, foy jurado ElRey D. Joaõ ſegundo, na auſencia que ſeu Pay D. Affonſo quinto fes na jornada de França. E ſabemos mais, que neſte alpendre ordenou ElRey D. Joaõ terceiro, com ſeu irmaõ o Cardeal D. Affonſo Arcebiſpo de Lisboa, que os Clerigos de Noſſa Senhora de Marvilla, foſſem no Domingo de Ramos benzer ali as palmas hum anno, e outro no adro de S. Domingos, e que naõ ſe benzeſſem mais no campo das Freiras Donas, como antigamente ſe coſtumava, porèm jà hoje re naõ coſtuma fazer eſta ceremonia neſtes lugares.

Pina, na Chron. mſ. cap. 191.

Archivo do Sanado de Santarem.

CAP.

CAPITULO XXI.

Em que se relata a fundaçaõ, e existencia do Real Mosteiro de Santa Clara desta Villa de Santarem.

DEsta Villla para a parte do Nordéste, em distancia de duzentos passos, se coroa o mais alto de hum grande monte, com o Real Convento de Santa Clara, fundado pelo generoso animo delRey D. Affonso terceiro, no anno de 1259., confórme as opinioens mais bem recebidas; e o motivo q̃ houve para se dar principio a esta fundaçaõ, o hiremos dizendo por partes, com individuais clarezas. Pelos annos referidos neste dito monte viviaõ em humas casas certas mulheres Beatas, de grande recolhimento, e virtude, apartadas da communicaçaõ daquelle povo, as quais parece, que com o seu exemplo, e virtuosos costumes dispuzeraõ aquelle terreno para que fosse hum perfeito jardim de suavissimas flores na santidade das Religiosas que se lhe seguíraõ a occupalo de perpetua morada. Neste tempo que assima dizemos floreciaõ jà com grande fama de virtude em Lamego, humas Religiosas Claristas, cujo Mosteiro tinha os nomes, de Santa Maria, e Santa Clara, ao qual deu a Regra desta Serafica Santa, o Papa Alexandre quarto, e a vinte de Fevereiro, anno de 1258 foy que se passáraõ as Bullas no quarto

do ſeu Pontificado, da qual Regra, a Bulla começa por eſtas palavras: *Cum omnis vera Religio* eſcrita na Cidade de Viterbo; e no meſmo mez outorgou çem dias de Indulgencias a todas as peſſoas que viſitaſſem a dita Igreja, ſujeitando o Moſteiro à obediencia da Serafica Ordem da Provincia de Portugal dos Padres Menores, por petiçaõ, e rogo das meſmas Freiras. Aſſim ſe collige das palavras da dita Bulla, aonde diz: *Cum ſicut ex parte veſtra fuit propoſitum coram nobis, Generali ordinis, & Provinciali Fratrum Minorum, Miniſtris illius Provinciæ deſideretis pro veſtra ſalute committi.* E logo no ſeguinte mez de Março eſcreveo cartas particulares a ElRey D. Affonſo terceiro, dizendo-lhe com paternal affecto, que as ſocorreſſe. Eſcreveo tambem ao Biſpo, e ao Cabido da Sè, e ao Senado para todo o povo de Lamego; perſuadindo a todos com grandes demonſtraçoens de amor, e de receber para ſi toda a devoçaõ, e favor com que ajudaſſem, e concorreſſem para a operaçaõ das obras daquelle Moſteiro, concedendo-lhe a todos muitos dias de perdaõ.

No meſmo tempo em que vamos, exiſtia a Corte de Portugal neſta nobre Villa de Santarem: e como o dito Rey D. Affonſo, ſe vio empenhado pelas perſuaſoens do Papa a darlhe goſto, e entender que mereciaõ muito os ſantos procedimentos com que as Religioſas em Lamego procediaõ; quiz por ſeu grandioſo animo

me-

melhoralas de terra, e de Mosteiro, e juntamente para com ellas authorizar mais a sua Corte nesta Villa. Informado o Papa de seus Reais intentos, logo lhe concedeo licença para a mudança. Passouse a Bulla na Cidade de Anagnia, a vinte e nove de Abril, anno de 1259, cujo principio he o seguinte: *Cum, sicut ex parte vestra fuit propositum coram nobis, charissimus in Christo filius noster, Rex Portugaliæ illustris, habens vos obtentu precum nostrarum propensius commendatas, quoddam Monasterium ad opus vestrum in loco Santaranensi faciat de novo construi opere sumptuoso, illud disponens Regia liberalitate dotare &c.* Para esta mudança lhe confirmou todos os seus privilegios, concedendolhe mais outros de novo. Mandou ordem por carta ao Bispo da Cidade de Lisboa, para que lhe benzesse a pedra em que se havia de estribar a Igreja, que se fazia em Santarem. E ainda que sabia que as obras corriaõ por conta da fazenda delRey, escreveo ao Bispo, e à Cleresia da Villa, que as ajudassem em tudo o que pudessem. Dispensou-lhe em algumas cousas, o rigor, e asperezas da Regra, as quais eraõ taõ pezadas, que com ellas naõ poderiaõ as forças mais robustas, quanto mais a fraqueza de humas debeis Donzellas. Dispensoulhe juntamente o artigo da pobreza, para que tivessem rendas, porèm desta vez naõ pode acabar com ellas, que o aceitassem, porque estimavaõ mais sacrificarem-se a Deos no estado de pobres, que professarem na

Clau-

claufura com a opulencia de ricas.

Mandou o dito Summo Pontifice ao Provincial dos Padres Menores, que as naõ defamparaffe na mudança, e expreffamente por fanta obediencia, às Freiras, que continuaffem a fujeiçaõ à mefma Ordem (porque ellas affim o pedîraõ.) Finalmente o Pontifice as mandou fahir de Lamego com tantos favores, como jà a fama de fuas virtudes lhes havia merecido. Tinha-lhe jà ElRey Dom Affonfo começado as obras do Convento em Santarem, e com tanto empenho de feu gofto fe prezava dellas, que as mandou marcar logo como coufa fua, com o final de fuas Reais Quinas; cujas armas fe eftaõ vendo abertas em huma grande pedra por cima do grandiofo efpelho do coro: o qual eftà obrado com primorofa fábrica na fua fachada, que olha para a parte do Noroéfte. E confta, que no anno de 1265 ficou o coro acabado; e a Igreja no mefmo anno aos dez dias do mez de Outubro, capaz de fe benzer, para o qual dia concedeo o referido Pontifice huma larguiffima Indulgencia; e em poucos tempos fe deu fim a toda a máquina do Mofteiro, com a mefma grandeza que hoje tem.

Monarquia Lufitana 4. part. liv. 15. cap. 34.

O Templo fempre foy magnifico, porque a refórma q̃ ao depois nelle fe fes mais ao moderno, naõ lhe desfes a fermofura da fua antiga gravidade; e para mais pompofo ornato do Templo, fe lhe fabricou huma admiravel tribuna fobre a grade do coro, onde fe celebra Miffa, e eftà ali

com notavel decencia depositado em hum gravissimo sacrario, patente por huma e outra parte da Igreja, e coro, aquelle Divinissimo mantimento dos Anjos nunca cabalmente encarecido regalo das nossas almas, para cujo artefacto foy impetrada a sua concessaõ no anno de 1535 à Santa Sè Apostolica. E havendo determinado o Papa, que naõ sahissem as Freiras de Lamego, sem que primeiro em Santarem estivesse o Mosteiro acabado, como consta de huma clausula da Bulla onde diz: *Postquam Monasterium fuerit constructum*, ElRey lhe mandou dar tanta pressa, que no fim do anno de 1259 jà as ditas Freiras estavaõ em Santarem. Isto se està vendo na Bulla do mesmo Pontifice dada em vinte e outo de Janeyro de 1260, o qual tendo informaçaõ das muitas necessidades, que estas boas Religiosas passavaõ pela sua pobreza ser muita, lhes mandou que aceitassem as rendas, que ElRey lhe offerecia despois dellas estarem nesta Villa de Santarem; e as palavras da Bulla que para aqui servem saõ estas: *Cum vos, propter multitudinem Religiosarum personarum recipientium eleemosynas ab incolis de Santarem, frequenter defectum gravissimum in necessariis toleretis &c.*

CAP.

CAPITULO XXII.

Declara-ſe como eſte Real Moſteiro de Santa Clara teve, e logra copioſas rendas, e grandes privilegios.

FOy ſempre eſte Moſteiro deſde que ſe fundou neſta Villa, poucos annos adiante, dotado de tantos privilegios Reais, e indultos Apoſtolicos, taõ amplos, as mercês taõ grandioſas dos Senhores do Reyno, os privilegios Reais taõ dilatados, e as doaçoens taõ largas, q̃ ſomando tudo junto formarà hum grandiſſimo numero. Com muita propriedade e razaõ era bem que aſſim foſſe, e parece que aſſim o quiz Deos, para encher de todos os bens, huma Caſa que foy a primeira que eſta ſanta Familia Serafica teve neſta noſſa Portugueza Monarquia. Os Summos Pontifices lhe concedèraõ grandiſſimos favores: que ſaõ no eſpiritual, aſſim immunidades, como Indulgencias, e graças: e no temporal muitos privilegios para as ſuas fazẽdas ſerem livres, e izentas de pagarem dizimo, e de contribuirem para fintas, ou ſubſidios, ainda que elles ſe lancem por commiſſaõ Apoſtolica. A piedade dos Reys de Portugal ſe concordou com a dos Pontifices, eſcuzando a eſte Moſteiro de todos eſtes encargos, naõ ſó pelas letras dos papeis, mas tambem por obra nas occaſioens em que os

Ministros seculares pertendiaõ as cobranças. El-Rey D. Fernando, e D. Joaõ o primeiro assim o fizeraõ, que tendo cada hum delles alcançado cobrarem as decimas dos Beneficios, e mais rendas Ecclesiasticas, que lhe concedeo a Sè Apostolica, nunca quizeraõ que este Mosteiro pagasse cousa alguma, por naõ faltarem ao que estava concedido pela Igreja, e por suas Reais grandezas, pois todos lhe deraõ poder para possuir a fazenda, que o Mosteiro herdasse, ou de novo comprasse; e para isto se mostrou taõ favoravel ElRey Dom Affonso terceiro (seu fundador) que declarava por inimigo calumniador a todo aquelle que lhe puzesse embargos, ou se intermetesse por algum caminho a desviar o que lhe estava concedido. De tudo o referido mandou o dito Rey em Lisboa passar carta, aos outo dias do mez de Junho, anno de Christo de 1263, em cuja carta se contèm estas verbas: *Quicũque præfatas Dominas impedierit, seu embargaverit, remanebit pro meo inimico, & calumniatore &c.* Naõ queriaõ os Reys, q̃ com mais cuidado o tomáraõ debaixo da sua Real protecçaõ, que as Freiras naõ podessem vender, nem aforar fazenda alguma, nem ainda móveis do uso do Mosteiro, sem expressa licença sua, isto a fim dos Monarcas cuidarem muito nos acrescentamentos, e boa conservaçaõ das Religiosas. ElRey D. Diniz mandou por huma carta passada em vinte e dous de Abril de 1294, que nenhum Tabeliaõ fizesse

carta

carta de venda, e as palavras da carta saõ estas: *As Donas do meu Mosteiro de Santa Clara de Santarem*: sem para isso lhe mostrarem primeiro particular licença.

Faziaõ os Reys particular gosto, de que todas as pessoas soubessem, que este Mosteiro era Real, pois como seu o tratavaõ, e em tal fórma, que todos os criados, e cazeiros que residiaõ nas quintas, e no seu campo de Vallada, estavaõ livres dos encargos do Conselho de Guerra, de pedidos, e emprestimos. E destas mesmas immunidades com outras mais, gozavaõ seis familias, cõ suas casas, as quais moravaõ à róda do Mosteiro para o servirem, e acompanharem, por estar fóra da Villa o seu sitio. Em quanto o seu fundador ElRey D. Affonso terceiro o naõ dotou, davalhe todos os annos para seu sustento trezentas e sessenta e seis libras de ouro, que naquelle tempo valiaõ cada huma outo vintens, que entaõ naõ era pouco dinheiro. E logo para dote com renda permanente, lhe deu cento e sincoenta e tres estins de boa terra no campo de Vallada, e naõ fallando aqui nas grandiosas mercès que quotidianamente lhe fazia. Quando este Monarca falleceo, lhe deixou no seu testamento cem libras, cujas palavras do dito testamento saõ estas: *A's minhas Freiras Minoritas de Santarem cem libras.* A infante Dona Leonor Affonso sua filha, que foy Freira no mesmo Mosteiro, lhes fes copiosas doaçoens, as quais ElRey D. Diniz,

Diniz, que em vida e morte lhe fes grandes mercès, as outorgou para sempre com segura perpetuidade. ElRey D. Fernando consignou dez soldos por cada dia, D. Affonso quinto deputoulhe largas ordinarias. D. Manoel aplicoulhe outras muitas. D. Joaõ o terceiro fes-lhe mais a grande mercè de lhe mandar dar hum por cento, cuja renda se lhe paga em Lisboa na Alfandega, e ainda naõ se satisfazẽdo com isto a sua liberalidade, lhe deu mais em cada hum anno vinte e quatro mil reis pagos no cofre das obras pias. E finalmente os Reys, e Senhores grandes deste Reyno, foraõ por extremo para com este Mosteiro liberaes; e pelos tempos adiante se foy cada vez mais engrossando a renda pelas larguissimas doaçoens de muitas Senhoras illustres que nelle foraõ Religiosas. Pelo que vimos a dizer, que naquelle tempo em que os ditos Reys, e Senhores lhe fizeraõ tantas, e grandiosas mercès, era este Mosteiro o mais rico deste Reyno, pois o que hoje he pouco, era entaõ naquelle tempo muito.

CAPITULO XXIII.

Da-se noticia de huma nobre sepultura, e da nobreza, e virtude que sempre floreceo neste Mosteiro.

NA Igreja deste Mosteiro, em huma Capella collateral, estava huma sepultura levantada, a qual agora està na casa por onde entramos

mos para a sacristia, e della naõ lhe sabemos com certeza o dono, porèm pelos seus sinais bem se entende que foy de pessoa Règia, porque consta de hum caixaõ de pedra assentado em huns grandes leoens, e na frente abertas na mesma pedra da arca as mesmas quinas Reais sómente, sem a guarniçaõ dos castellos, obra naõ muito polida, mas mostra ser bem antiga, porque se esta sepultura era de pessoa Real, foy ali sepultada antes do fundador D. Affonso terceiro pôr nas armas do Reyno os ditos castellos, que foy no anno de 1267, quando elle a respeito do Reyno do Algarve acrescentou às armas do seu escudo os mencionados castellos. Na tampa deste tumulo se vè estar lançada huma figura de homem inteiriça, esculpida na mesma pedra, a qual pelas circunstancias com que està vestida, mostra ser esforçado nas armas. Està esta arrogante figura vestida com hum hábito Franciscano, e hum cordaõ do mesmo hábito cingido. Veste mais por cima disto, huma capa, ou manto, que lhe chega dos pès athè à cabeça, e a acompanha em fórma de capello: e os pès estaõ descalços: a maõ esquerda aperta huma bainha de hum grande alfange, e com a direita o està arrancando. Este alfange arrancado com soberbo impulso nos està mostrando ser pessoa, que se tinha arrojado a proezas de heroicas valentias. As vestiduras, e pès descalços, indicaõ ter sido Terceiro, ou muito devoto da Ordem Sera-

Serafica, e assim se mandaria enterrar, e que deste modo o esculpissem no sepulchro. A inscripçaõ que tem aberta na pedra consta das seguintes lettras: *Aqui jaz o Infante D. Henrique Affonso, filho delRey D. Affonso terceiro, e sua mulher a Infante D. Ignez.* Este mesmo letreiro nos faz grande dúvida para crermos o que elle diz; pois por duas razoens principalmente, lhe naõ devemos guardar muito respeito. A primeira he, porque naõ achámos noticia, que o dito Rey D. Affonso tivesse filho, legitimo, ou bastardo, que se chamasse Henrique: a segunda, que as letras que nós alĩ lemos nesta sapultura, saõ letras modernas escritas neste nosso seculo, e naõ como as daquelle tempo em que foraõ feitas as suas armas: tal vez que fosse idéa de algum curioso mal informado, e pouco descobridor das antiguidades, entendendo q̃ seria filho do Rey fundador, e com pura singeleza lhe mandaria gravar o dito letreiro, e despois que se soubesse o contrario de naõ ser verdade o que dizem as letras, o tiráraõ da publicidade da Igreja, e o puzeraõ quasi escondido arrimado a hum canto.

E fazendo nòs alguma consideraçaõ sobre esta materia, mais nos acomodamos com a authoridade do Padre Esperança na sua Historia Serafica, em a qual he de parecer, que seria esta sepultura (naõ fazendo caso da dita inscripçaõ) de Martim Affonso Chichorro, filho naõ legitimo do mesmo Rey D. Affonso terceiro, havido de

Esperan. na Histor. Serafic. part. 1. liv. 5. cap. 8. fol. 526.

de huma fermoſa, e Régia Africana, porque neſte Moſteiro ſe acha huma eſcritura de huma ſua filha (que nelle foy Freira) feita aos tres dias do mes de Janeiro, anno de 1337, a qual diz aſſim: *D. Margarida, Domna do Moſteiro de S. Clara de Santarem, e filha de Martim Affonſo, irmaõ do muy nobre D. Diniz, em outro tempo Rey de Portugal, e do Algarve; com licença de ſua Abbadeſſa faz prazo a Joaõ Duraes de quatro eſtins de terra em o campo de Vallada.* E como ſe verifica por eſta eſcritura, que o dito Martim Affonſo tinha ali ſua filha, e nòs ſabemos, que tinha mais outra, e ſeu pay ſer o fundador, e ter ali ſua tia Dona Leonor como fundadora, e a devoçaõ que devia ter a ſeu tio o Padre Fr. Affonſo Rodrigues, (que o era pela parte paterna) do qual jà fizemos memoria no Capitulo paſſado, que o criou com muito amor: veroſimil he, que ſendo elle Terceiro, como na verdade o era, quizeſſe ſer neſta Caſa ſepultado, pois nella tinha à viſta do ſeu ſepulchro ſuas filhas, e irmãa, para que nas ſuas oraçoens encomendaſſem a ſua alma a Deos. Eſtes ſaõ os fundamentos, e outros mais que puderamos allegar, com que impugnamos o theor da inſcripçaõ da ſepultura, e quem naõ quizer eſtar por elles, eſtimára eu que me deſſe para eſte tumulo outra peſſoa Real, que tanto lhe pertença por Terceiro, e pelas mais razoens referidas, e para ſer ſepultado com o hábito de S. Franciſco neſta Igreja.

Naõ ſó ſe illuſtrou eſte Moſteiro de Santa Clara deſta Villa, com o Régio, e illuſtriſſimo ſangue de grandes Senhoras que o povoáraõ, mas ainda ſóbe a mayor altura a ſua grandeza, e a ſuperior esfera, que naſce de vidas exemplares, e da ſantidade. Pois no Palacio da Igreja, que he Caſa de Deos, ſaõ os ſeus Santos os Reys, ſaõ as Santas as Rainhas, os Juſtos os Principes, e os virtuoſos os grandes Senhores. Grande ſimile he eſte, e com muita propriedade nos vem eſta idéa para fallar na virtude que ſe deve praticar pela exiſtencia que as almas devotas fazem no florente jardim da clauſura: iſto he para que digamos de huma vez, as heroicas virtudes, a ſingular ſantidade com que ſempre florecèraõ as Religioſas neſte Real Moſteiro de que vamos fallando. Prodigioſo argumento he de perfeiçaõ, e venturoſo deſtino deſta Religioſa rèpublica, para gloria de Santa Clara, deixarem tantas Senhoras, as delicias do mundo, retirando-ſe dos amoroſos carinhos de mãys e pays, de quem tinhaõ recebido o illuſtre ſangue, por ſe virem eſconder das viſtas da Corte, fechando-ſe em perpetua clauſura, e ſerem eſpoſas de Chriſto, e obſervantes filhas de Santa Clara. Seja deſtas a primeira, que para os ſeus louvores vôe nos impulſos da noſſa pēna, a grande Serva de Deos Dona Leonor Affonſo, filha de Dom Affonſo terceiro Rey de Portugal.

Foy eſta Princeza dotada pela graça Divina de

de exceſſiva fermoſura, e naõ menos diſcriçaõ; pela morte delRey ſeu pay, fugio retirando-ſe da inconſtancia, e injuſtiças do mundo, para o ſagrado da Celeſtial milicia deſte Moſteiro, e deſprezando as opulencias da terra que ſe pódem precipitar em vaidades, negando-ſe a ſi meſma, quiz heroicamente com as armas da ſua ſanta, e valeroſa reſoluçaõ, conquiſtar as melhores honras, que ſaõ os theſouros do Ceo. Naõ entrou logo Noviça, eſtando primeiro algum tempo no eſtado de ſecular, para de mais perto ſaber as obrigaçoens, e encargos da vida Religioſa, que ſempre ſaõ pezados: e inteirada jà dos eſtatutos, que ſeguramente correm a paſſo ſolto pelo caminho da virtude, com fervoroſo affecto do amor de Deos, entrou no anno do noviciado; foy ſobindo de virtude em virtude ao mais alto monte da perfeiçaõ, com actos ſantiſſimos, pelos quaes ſe fazia muito merecedora dos favores do Ceo. Aſſim chegou ao ſeu dezejado dia da Profiſſaõ, e antes delle fez ſeu teſtamento, e taõ bem ordenado, que naõ ſó em parte, mas em todo ſe deſpedio das riquezas, que no mundo lograva, offerecendo-as a Deos, porque ſó com elle queria poſſuir o dote da Bemaventurança. Deixou eſta Senhora a eſte Moſteiro todos os bens que tinha de raiz, os quaes vem a ſer, a terra de Mort-Agua, huma grande herdade na Villa da Azambuja, e mais outra terra chamada a Foureira. Inſtituio huma Capella com Miſſa per-

perpetua quotidiana pela ſua alma, e para ella deu os ornamentos com ricas peças neceſſarias, que foy entre ellas, huma riquiſſima veſtimenta toda bordada de finiſſimo aljofar, que eſta Senhora obrou por ſuas proprias mãos. Deixou ao Convento de S. Franciſco da meſma Villa, que ſe lhe déſſe em cada hum anno para ſempre huma grandioſa eſmola de trigo, com a obrigaçaõ, que os Frades ali moradores lhe cantaſſem todos os annos hum Officio, e que neſſe dia celebraſſem todos pela ſua alma.

Declarou no dito teſtamento, que das fazendas que deixava ao Moſteiro, ſe aplicaſſe certa porçaõ de dinheiro para ſe augmentarem, e conſervarem as obras que ſeu pay ali tinha feito, o que ſe cumprio logo fazendo-ſe outras perfeitiſſimas com os rendimentos das ſuas fazendas, pela qual razaõ deſculpamos em parte, aos que eſcrevéraõ dizendo, que ella fora a fundadora. Era a ſua vida taõ ſantamente juſtificada, e na oraçaõ taõ fervoroſa, que como prudente Virgem ſendo devotiſſima dos miſterios Sagrados, de dia e de noute orava ao ſeu Divino Eſpoſo, deprecando, lhe dèſſe auxilio para acertar em tudo o que foſſe de ſua ſanta vontade. Os coſtumes com que vivia eraõ em tal fórma exemplares, que para toda a Communidade era hum eſpelho de prudencia, hum retrato da virtude, e hum modelo da ſantidade. Sempre os ſeus paſſos caminhavaõ para os actos do amor de Deos,

naõ ſó com o deſprezo proprio ; mas tambem com rigoroſos exceſſos de mortificaçoens que buſcava, caſtigando em ſi meſma a culpa de noſſos primeiros pays. Nunca jà mais quiz ſer Prelada, nem ter officio em que podeſſe mandar. A ſua mayor gloria era ſervir o Moſteiro, e fazerſe criada de todas as Religioſas; para que entendeſſem todos, que ſe era Princeza filha de hum Rey, por ſua conta corria ſervir a Deos nos actos humildes, para com elle reynar. Em todas as officinas em que adquiria tanto merecimẽto; exhalavaõ em ſeu peito ardentes chãmas de caridade, jà trabalhando na coſinha, e ſervindo na enfermaria, cujo lugar quiz de Enfermeira perpetua, para que com a ſua eximia diligencia podeſſe livremente apiedar as enfermas: e Deos, que ſó póde tudo, com abſoluta maõ lhe facilitava os remedios; e para que ſempre o mundo ſaiba o quanto neſte emprego era favorecida da Divina Providencia, relataremos aqui hum caſo, que he digno de perpetua memoria.

Eſtava huma doente na Enfermaria com tanto faſtio, que naõ podia comer couſa alguma, e ſó dezejou humas cerejas, naõ ſendo o tempo dellas; a boa Enfermeira que via o impoſſivel, ſentio muito naõ a poder remediar, mas conſiderando com viva fé no poder de Deos, inflamado o ſeu eſpirito com as chãmas da caridade, recorreo à oraçaõ, e confiada no ſocorro Divino, deſceo ao pomar da cerca, e achou huma

unica

unica arvore deste fruto, que estava quasi seca, lançoulhe a sua bençaõ em nome do Senhor, que anima todo o creado, quando, oh maravilha estupenda! appareceo no mesmo instante aquella arvore cuberta de flores, logo vestida de folhas, e juntamente adornada de rubicundas cerejas bem maduras, e sazonadas; trouxe-as à enferma, comeo-as, e alcançou saude perfeita.

Muitas maravilhas obrou Deos pelos merecimentos desta sua Serva, pois a tradiçaõ neste Mosteiro nos diz, que muitos annos houve nelle hum grande livro manuscripto todo cheyo de prodigios, que esta Santa Princeza obrára em sua vida, e dizem que antigamente se furtou, deixando-nos agora a mágoa de naõ chegarmos a ver, ou a escrever cousas taõ dignas de andarem nas memorias dos homens. Dando ultimamente fim ao desterro desta vida, caminhou para o Ceo (como podemos crer piamente) que he a propria morada dos Bemaventurados, em desouto de Novembro. Naõ achámos o numero dos annos que teve de Religiosa, porèm vemos, que no Martyrologio de Fr. Artur, e no primeiro Tomo da Historia Serafica foy a sua Profissaõ no anno de 1293. Logo que falleceo em os annos de Christo de 1319, foy sepultada no meyo do coro, que he grande, e unico, pois naõ tem outro por cima, em cuja sepultura quiz Deos engrandecer muito o seu nome pela sua grande virtu-

virtude, que pelos ſeus conhecidos merecimentos, as Freiras do meſmo Moſteiro, e as peſſoas da Villa ali imploravaõ a Deos a ſua protecçaõ: tirávaõ terra de dentro da ſua cova, com a qual ſaravaõ muitos enfermos: e para que provocaſſe mayor devoçaõ ao povo que vinha à Igreja, lhe levantáraõ no meſmo lugar hum ſepulchro de pedra alto, metendo-lhe dentro os ſeus oſſos, e com elles tres varinhas de cereigeira milagroſa; eſtando aſſim mais de duzentos annos, a qual profundáraõ pela terra abaixo por naõ fazer prejuizo, e impedir o ſerviço do coro. Mas ficou manifeſta ao nivel do pavimento da terra a tampa de pedra, que cobria o tumulo, que ſobre ella ſe eſculpio a ſua figura, com humas grades à ròda para ſer reſpeitada com veneraçaõ.

No tempo em que ſe fes eſta mudança, ſe acháraõ os ſeus oſſos freſcos, e muito cheiroſos, envoltos em huma toalha de carmezim, taõ nova e fórte, que parecia que ali ſe tinha poſto naquella hora. Tambem ſe acháraõ muito verdes as ſobreditas varinhas, as quaes com grande fé e devoçaõ, ſe partíraõ logo, e ſe repartíraõ os pedaços pelos devotos, que naõ poderaõ alcançar outras caſtas de reliquias. Com eſtas reliquias das varas ſe experimentáraõ muitos prodigios; os quais lançando-ſe na agoa, e dando-ſe a beber a varios doentes, tiveraõ logo ſaude, e huma dellas quando a tiráraõ da ſepultura lançou agoa mais cheiroſa, e muito mais medicinal que o balſamo

mo finissimo. Nesta occasiaõ leváraõ os Religiosos os seus veneraveis ossos à enfermaria com decente acompanhamento, e foy taõ efficaz a sua prezença para todas as Freiras q̃ ali estavaõ enfermas, q̃ algumas jà desconfiadas dos Medicos, se levantáraõ dos leitos em que jaziaõ esperando a final hora das suas vidas, ficando todas naquelle mesmo instante com perfeita saude.

Tornáraõ a meter os ossos na dita sepultura, onde estiveraõ athè o anno de 1634, e neste mesmo anno sendo Abbadessa a Madre Sor Francisca de JESUS, quiz com summa devoçaõ patentear este precioso thesouro aos fieis, para que se soubesse com mais clareza onde elle estava encerrado; e porque Deos queria que a grande virtude daquella sua Serva estivesse nos olhos do mundo para a sua veneraçaõ, foy servido manifestar outras grandes maravilhas. Foy a primeira nesta ultima trasladaçaõ, que a caixa de madeira em que estavaõ os seus ossos dentro na outra de pedra, se achou toda corrupta, e podre, excepto naquellas partes em que estavaõ pintadas as suas armas; porque essas se acháraõ preservadas da corrupçaõ. A segunda foy, que jazendo os ossos na mesma podridaõ, assim estes, como o envoltorio delles, naõ só appareceraõ izentos de corrupçaõ, mas muito saõs, e por extremo cheirosos. A ultima maravilha foy, que sendo os ossos depositados em hum lugar decente no mesmo coro, em quanto se lhe fabricava hum novo cofre,

cofre ſobre elles foraõ viſtas ſoberanas luzes do Ceo, com rutilantes reſplandores, que os humanos olhos os naõ podiaõ bem comprehender. Acabado o novo ſepulchro para onde ſe paſſáraõ, que he todo de pedra lavrada, levantado em hum arco encoſtado na parede; ahi tem gravado o ſeguinte epitafio; ainda que em outra parte o vimos eſcrito, e viciado com alguns erros: *Sepultura da Infanta Dona Leonor Affonſo, filha delRey D. Affonſo terceiro deſte Reyno, que fundou eſte Convento, e o dotou com largas rendas, e o ennobreceo com ſua peſſoa Real, e virtudes. Foraõ trasladados os ſeus oſſos na Era de* 1634. Eſte epitafio he o meſmo que eſtà gravado neſte ultimo ſepulchro; porêm he ſem dúvida, que pelas razoens que jà temos dito, errou quem neſta fórma eſcreveo; porque ella nunca foy a fundadora, ſenaõ ſeu pay; e tambem he erro chamar-lhe Infanta, pois nunca ſe lhe deu eſte nome, ainda que foſſe filha delRey da ſorte que ella era; mas he ſem dúvida, que hoje mais lhe realça o nome de Santa, que a devoçaõ do vulgo lhe dà, do que o Règio ſangue de que foy gerada. Neſte Moſteiro ſe guarda entre as ſantas reliquias que nelle hà, hum queixo ſeu coſido em veludo verde, e as mais ſaõ huma porçaõ do Santo Lenho da Cruz em que o odio judaico crucificou ao Redemptor do mundo, hum dente de Santa Clara, e huma cabeça das onze mil Virgens, e mais outras muitas que ali ſe guardaõ com eſpecial veneraçaõ.

Agiol. Lusitan. tom. 3. Cômentar. 11. de Junh.

Neste mesmo Mosteiro floreceo com grande opiniaõ de virtude, a Madre Helena de Santo Antonio pelos annos de 1580, a qual foy Abbadessa nesta santa Casa por seus exemplares, e virtuosos costumes; e com grandes trabalhos de molestias, e enfermidades viveo quasi em todo o circulo da sua vida, padecendo sempre estas tribulaçoens com grande paciencia, purificando-se assim como fino ouro nas vivas chãmas do amor de Deos, mostrando-se com singular valor, e conformidade: e ainda que mais aflicta estivesse nas doenças, era taõ pontual em rezar o Officio Divino, que nunca deixava de satisfazer a este santo exercicio, recebendo nelle multiplicados favores do Ceo. Naõ só em huma occasiaõ foy achada com o Menino JESUS em seus braços, em cuja deliciosa companhia gastava largo tempo em doces colloquios com elle, mas muitas vezes se vio, que com carinhosos rogos lhe pedia pelo augmento da Fé Catholica, e o bem da sua Communidade. Era muy observante da Regra, muy pobre de alfayas, e muito obediente; e o mesmo que era em subdita, era em Prelada, sendo em todo o tempo hum claro espelho em que se reviaõ as mais exemplares Religiosas daquelle Mosteiro; e o que de vida taõ santa devemos entender he, que com mais altos, e soberanos obsequios parecia bem nos olhos de seu celestial Esposo, pois lhe deu huma preciosa morte aos setenta annos de sua idade, trans-

ferin-

ferindo-a para as riquezas da Gloria, deixando o seu ditoso transito aquella santa Casa cheya de invejas, e saudades.

He sem dúvida que muitos erros se escrevêraõ, no que toca à equivocaçaõ que teve o Bispo Mantuano com a informaçaõ que lhe foy deste Mosteiro para escrever a sua Historia da Ordem, que com effeito compoz, e imprimio, por cuja causa se atribuiraõ as muitas maravilhas, e milagres que Deos obrou pela sua Serva D. Leonor Affonso, a estoutra sua Serva Sor Helena de Santo Antonio, havendo jà muita distancia de annos de huma a outra, que se passáraõ mais de duzentos, porque quando foy a primeira trasladaçaõ dos ossos da Veneravel Dona Leonor Affonso, que se leváraõ à enfermaria, e por virtude destas reliquias ficáraõ logo livres, e com saude todas as enfermas, que ali estavaõ, huma dellas era a dita Madre Helena de Santo Antonio. O motivo que houve, para que taõ graves, e reverenciados Escritores se enganassem dizendo, que esta Helena de Santo Antonio era a fundadora deste Mosteiro, e filha legitima delRey Dom Affonso terceiro, foy porque primeiro que elles o tinha jà escrito o referido Gonzaga Bispo de Mantua, sendo na fórma seguinte a causa da sua equivocaçaõ. Nas informaçoens, que lhe foraõ desta Casa, as palavras, que fazem ao nosso caso (entre outras noticias) saõ estas: *Huma Madre, que se chamava Helena de Santo Antonio, muy perfeita*

Gonzag. p. 809.

Religioſa. Eſta foy huma que eſtava muito mal, e deſconfiada dos Medicos, quando leváraõ os oſſos da Senhora Dona Leonor á enfermaria, e ſe achou bem, ſegundo todas vimos. Neſtas palavras o dito Biſpo, inadvertido applicou o nome da enferma, à Infante Dona Leonor Affonſo, de quem eraõ os oſſos.

Tambem outra vez ſe enganou, no que toca a dizer, que era filha legitima do referido Rey D. Affonſo, porque ella foy baſtarda, havendo-a de huma Senhora nobiliſſima deſta meſma Villa de Santarem, a qual ſe chamava Elvira Eſteves, cuja peſſoa nunca foy cazada. O meſmo Rey ſeu pay o declarou aſſim, quando no teſtamento lhe deixou dous legados, dizendo-o por eſtas palavras: *Mando D. Aleonor, quam habui de Elvira Stephani, hæreditatem meam de Mortuá aqua*, que he como dizer: *Deixo a D. Leonor minha filha, que eu tenho de Elvira Eſteves, a minha herdade de Mort' aqua.* E a outra herdade foy a da Azambuja declarando-lhe o ſobrenome dizendo: *Concedo D. Aleonor Alffonſi, meæ filiæ, quam ego habeo de Elvira Stephani.* Iſto ſe prova mais para ſe ſaber, que em ſecular, em noviça, e depois de profeſſa ſempre o ſeu nome foy o de Leonor Affonſo, e naõ como certo Author eſcreveo, para fazer bom o ſeu dito, dizendo, que na Profiſſaõ mudaria o nome de Leonor Affonſo, em o de Helena de Santo Antonio. Porèm ſempre ſe manifeſta, que he erro, pois ſabemos, que com o meſ-

o mesmo sobredito nome se assignou depois de professa, quando com as outras Freiras pedio em huma supplica certos juizes ao Summo Pontifice Bonifacio VIII, a qual começa assim: *Nos Abbatissa, & Conventus Monasterii Sanctarenensis, & Aleonor Alffonsi, filia illustrissimi Regis Portugaliæ, monialis in Monasterio supradicto.* Pelo que, parece que fica bem provado o nosso intento, pois tudo isto nos consta de papeis authenticos do mesmo Mosteiro; e nunca se chamou Helena de Santo Antonio, senaõ Dona Leonor Affonso, tendo o appelido patronimico, como entaõ se uzava, tomando-o delRey seu pay, que se chamava Affonso.

Resta-nos agora fazer hum precizo reparo, e declararmos, que filha delRey D. Affonso terceiro foy esta Senhora Dona Leonor Affonso; pois sabemos que teve duas deste mesmo nome, e ambas bastardas. Desta que foy Freira neste Mosteiro, e veneravel, jà acima fica escrito com boa prova, que foy filha de Elvira Esteves, natural desta Villa, porem para que naõ haja equivocaçaõ de huma para outra, dizemos que huma dellas filha do proprio Rey, e do mesmo nome, nunca foy Freira, e foy cazada duas vezes: a primeira com D. Estevaõ Annes: a segunda com o Conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, ficando ultimamente de ambos viuva, e falleceo primeiro que a Freira. Para entendermos bem, que eraõ duas distintas, a Condessa huma, e a Freira outra,

tra,

tra, havemos de ſaber primeiro os tempos em que ellas fizeraõ os ſeus teſtamentos, para as dividirmos realmente. A que era jà fallecida aos vinte, e ſeis dias do mez de Fevereiro, anno de Chriſto 1291, era a Condeſſa, pois conſta iſto de huma compoſiçaõ, que no dito dia de Fevereiro; Fr. Affonſo Rodrigues ſeu tio, fes com D. Garcia Martins, Commendador de Lèça da Ordem do Hoſpital, ſobre os bens que ficáraõ deſta dita Condeſſa, cujas palavras da compoſiçaõ feita na Cidade de Coimbra, ſaõ eſtas que aqui nos ſervem: *Super omnibus bonis, quæ fuerunt D. Aleonoræ Comitiſſæ, quondam filiæ D. Alffonſi, illuſtris Regis Portugaliæ, & Algarbii.* Logo aqui temos a Condeſſa Dona Leonor Affonſo jà morta no anno de 1291: a Freira (pelo que acima fica provado, quando fes o ſeu teſtamento) no anno de 1293, ainda eſtava ſendo noviça, e viveo athè o de 1302, e ſendo iſto aſſim, ſe a Condeſſa depois de morta naõ reſurgio para ſer Freira neſte Moſteiro, certo he logo, que foraõ duas Irmãs do meſmo nome, e filhas do meſmo Rey, porèm ſendo de differentes mãys. E tambem ſe deve advertir, que naquelle tempo era couſa uſual darem-ſe a alguns irmãos, ou irmãs o meſmo nome, principalmente aos baſtardos.

Hiſt. Seraf. tom. 1. liv. 5. fol. 531.

Na Hiſtoria Serafica eſtamos lendo, que affirma eſta verdade com muitos exemplos, e diz por eſtas palavras: *Nem eſta identidade de nomes ſe poderà eſtranhar; porque ElRey D. Sancho primeiro*

teve

teve tambem duas filhas que se chamárão Teresas: huma legitima, mulher delRey de Leão: outra bastarda, que foy segunda mulher de Affonso Tello de Menezes, povoador de Albuquerque. Dous filhos chamados Pedros, e duas filhas Marias, todos bastardos, ElRey D. Diniz os reconhecia por seus Irmãos. E a Rainha Dona Isabel, mulher delRey D. Affonso quinto pela devoçaõ que tinha a S. Joaõ Evangelista, tendo chamado Joaõ a dous filhos, e Joanna a huma filha, dizia, que a vinte que tivesse, lhe dera o mesmo nome. A Historia Ecclesiastica de Braga, e a Historia da Princéza Dona Joanna, Authores a quem o Padre Esperança allega, tambem dizem o mesmo.

Hist. Eclesf. de Brag. p. 2. c. 55. Fr. Hieron. Rom. na Histo. da Princeza D. Joanna c. 21.

CAPITULO XXIV.

De outras Esposas de Christo, que neste Mosteiro acabárão a carreira da vida santamente.

APostado se mostrava este Mosteiro, em multiplicar às Religiosas delle os dissabores, com as mortes das Servas de Deos nelle succedidas, antes, e depois da sua refórma. Que supposto dessem às que ficavaõ fundamentos para as considerarem no logro das perduraveis felicidades, nesse mesmo passo se naõ poderiaõ livrar de huma pena que forçosamente lhes havia de causar a auzencia, isto he, a falta que lhes faziaõ taõ doces companhias, com taõ virtuosos exemplos, que só bem deve sentir ternas

nas auzencias, quem perde a companhia das virtudes. Foy huma deſtas a Madre Sor Ignez de S. Paulo, a qual foy a primeira Abadeſſa deſte Moſteiro na ſua refórma. Profeſſou eſta grande Serva do Senhor em Benalcaçar da Provincia dos Anjos em Caſtella, florecendo ahi em continuos actos de virtude: foy rogada pelos Prelados da Ordem Serafica, para reformar com o ſeu exemplo, e novos eſtatutos a Caſa de Santa Clara de Lisboa, onde foy duas vezes Abbadeſſa, e depois obedecendo a mandados ſuperiores, veyo para eſte Moſteiro de Santarem com o meſmo cargo de Abbadeſſa, e Reformadora, trazendo comſigo outo Companheiras no anno de 1517, onde governou doze annos, ſendo Provincial deſta Provincia, o P. Fr. Franciſco de Lisboa.

Era eſta perfeita Serva de Deos, taõ advertida nas obrigaçoens de Prelada, e com taõ ſanto zelo encaminhava as ſubditas para o ſerviço do Senhor, q̃ nella ſe via hum perfeitiſſimo modelo da mais obſervante Meſtra da vida religioſa. E ſendo naturalmente de genio brando, nem por iſſo deixava de ſer com veneraçaõ reſpeitada; e no fervor com que pontualmente fazia guardar o rigor dos novos eſtatutos, nem por iſſo a achavaõ eſquiva para ſer odioſa, repreſentando em ſua peſſoa a prudencia no exemplar das ſuas acçoens, e na doutrina com que dirigia as ſubditas o merecerem os favores do Ceo. Neſta ſua eſcola foy taõ venturoſa com as ſubditas, e diſci-

e discipulas, e em taõ breve tempo poz a Casa com tanta perfeiçaõ na observancia da Regra, que della sahíraõ para quasi todas as da Ordem neste Reyno Reformadoras muitas Religiosas, pelos merecimentos de suas insignes virtudes. Tinha por vida esta santa Reformadora continuos jejuns, abstinencias, e disciplinas: era na oraçaõ, e meditaçaõ perpetua, em cujos repetidos exercicios arrebatada com o espirito no Ceo, tinha familiar trato com Deos. Frequentava muito a miudo o Sacramento da Confissaõ, porèm era tal a sua humildade, e a veneraçaõ que reconhecia ser necessaria para chegar a receber aquelle soberano mysterio da Eucharistia, que persuadida só do seu Confessor chegava a cõmungar. Foy muito tempo seu Confessor o P. Fr. Nuno de Alverca, pessoa de grande authoridade, e prudencia, o qual foy Provincial da mesma Ordem Serafica, a quem dava conta dos sentimentos de sua alma, abrindo-lhe o coraçaõ com os favores do Ceo.

Este grande Religioso dizia com affirmativas palavras, depois que esta serva do Senhor acabou a vida, que muito antes da sua morte lhe tinha revelado Deos o dia, e a hora do seu precioso transito, o qual foy na Quinta feira de Endoenças depois do Mandato, e de se acabar a representaçaõ daquelle altissimo mysterio com que o Redemptor do mundo feito servo, lavou os pès aos discipulos. Finalmente, declarada por

ella esta sua ultima hora, juntáraõ-se todas as Freiras em Communidade, pediraõ-lhe a benção com sentidissimas lágrimas, lançou-a a todas, e batendo nos peitos pedindo a Deos misericordia, levantou os olhos ao Ceo, pronunciando estas palavras: *Filhas esta bençaõ, que eu vos deito, he o amor de JESUS, o qual me està chamando.* E sem dizer mais outra cousa descançou para sempre no premio da Bemaventurança, aos vinte de Março, anno de 1529.

CAPITULO XXV.

De mais algumas Religiosas, que neste Mosteiro florecéraõ em virtude; e de huma menina chamada a Santa; *e dos prodigios de hum Menino JESUS, que huma Imagem da Senhora da Conceyçaõ tem em seus braços, no coro deste Mosteiro.*

NEsta nobre Villa de Santarem, havia antigamente huma nobilissima Matrona, rica dos bens da fortuna, a qual vivia com ostentaçaõ igual à sua pessoa entre a mayor nobreza daquelle povo. E pela grande devoçaõ que tinha a Santa Clara, lhe prometeo huma filha de tres que tinha para ser Religiosa naquelle Mosteiro. Porèm naõ lhe quiz dar a mais velha, a quem amava muito, senaõ a mais moça de todas, tendo de idade tres annos. Era esta menina de taõ perfeita indole, que desmentia com o

sei

ſeus coſtumes e acçoens, a ſua tenra infancia: e com boa doutrina q̃ lhe dava huma ſua tia Freira, em cujo dominio eſtava, e a fazia inclinar mais aos actos da ſanta virtude, retirando-ſe ſempre das meninices, que no florente tempo de taõ poucos annos, a naturalidade do meſmo tempo lhe podia permitir. No coro deſte Moſteiro exiſte collocada em hum altar huma perfeitiſſima Imagem da Virgem Noſſa Senhora com o titulo da ſua Immaculada Conceyçaõ: mas antigamente naõ tinha o Menino JESUS em ſeos braços, porque a propriedade com que ſe deve repreſentar a Senhora que tem eſte titulo, he ſó com as mãos levantadas, e juntas. E dezejando as Freiras que tiveſſe o ſeu bento Filho comſigo, appareceo na portaria hum homem naõ conhecido, e perguntou às Madres porteiras, ſe queriaõ ali comprar-lhe hum feitio de hum Menino JESU; pegáraõ nelle para o verem bem, e depois quando quizeraõ fallar outra vez com o homem naõ appareceo, nem o viraõ mais. Admiraraõ-ſe todas as Religioſas do ſucceſſo, e muitos mayores eſpantos fizeraõ quando viraõ, q̃ caindo no chaõ o meſmo Menino dos braços da Senhora onde o haviaõ collocado, ficàra por muitos tempos com humas nodoas negras em ſeu corpinho.

A Angelica menina de que vamos falando, tinha com eſte Menino toda a ſua converſaçaõ, e com elle eſtava ſempre, rezavalhe todas as ora-

çoens que podia aprender, e muitas vezes o convidava com a comida da sua merenda, que a tia a suas horas lhe dava. Continuando assim a singeleza daquella innocencia (oh que grande prodigio) dissélhe hum dia a mesma Mãy de Misericordia, estas palavras: *Filha, quererás tu tambem merendar em casa deste Menino? pois tantas vezes o convidas?* Respondeo, com a candidez de seu coraçaõ, que daqui se póde entender: *Que sim queria, e que disso era muy contente. Pois alegra-te*, lhe tornou a Virgem a dizer, *porque será muito cedo.* Sem mais detença foy a menina dizer logo tudo à tia, e passados tres dias deu sua venturosa alma ao Senhor, que a tinha criado para si athè a idade de seis annos, no de 1512. Logo se julgou disto toda a verdade pelas antecedencias, e sua innocencia ser alhea de enganos, confirmando-se suas palavras com o prazo de tres dias em que passou para a vida eterna. Maravilha foy esta, que de entaõ por diante sempre lhe ficáraõ chamando a *Menina Santa.* E as Religiosas guardáraõ sempre tanto respeito a huma pequena pedra no claustro que encobre os seus ossos na sepultura, q̃ com especial devoçaõ se venera, nem Religiosa alguma se atreve passar por cima della.

Depois de ser publicado por todo aquelle povo este notavel successo, entendeo a mãy da Santa Menina, que ainda naõ estava desempenhada a promessa que tinha feito a Santa Clara, e deulhe logo a outra filha segunda chamada *Do-*

na Isabel, a qual tambem falleceo no Mosteiro em poucos mezes. Sobre isto fes a boa mulher varias consideraçoens, e assentou comsigo, que queria Deos, que ella lhe désse o mimo de seu amor, que era a sua filha mais velha, a quem as meninas dos seus olhos amavaõ muito, e nellas a trazia revendo-se com maternal affecto: e cortando a mãy pelas saudades, que lhe havia causar a auzencia da companhia de sua amada filha, a levou ao Mosteiro, onde ficou com taõ boa aceitaçaõ da Magestade Divina, que nelle viveo outenta annos, sendo doze Abbadessa, e em todo o tempo foy aclamada com grande fama de virtude, e de notavel espirito: era muito humilde com toda a Cõmunidade, e sobre todas as suas boas virtudes, era em gráo superior devotissima de seu Divino Esposo Sacramentado, pois quando assistia ao altissimo Sacrificio da Missa, empregava tanto nelle os seus cuidados, que parecia pela elevaçaõ de seu espirito, naõ estar ali seu corpo animado, mas só huma estatua sem operaçaõ alguma. Chamava-se esta grande Serva do Senhor *Sor Violante da Assumpçaõ.* Acabou a vida temporal a outo de Novembro, anno de 1580.

No claustro deste Real Mosteiro se conservou muitos tempos huma pedra mais levantada que as outras, e junto a ella entranhada na parede existe outra, a qual tem gravadas as letras deste seguinte epitafio: *Aqui jaz Sancha Garcia do Casal,*

Casal, domna de Santa Clara, devota de S. Bartholomeu, que passou dia de Santo Andrè, 30 dias de Novembro da Era de 1384. Cuja alma viva com Deos. Noticias certas temos àlem das que nos dà o Padre Fr. Manoel da Esperança na sua Serafica Historia, que na cova desta sobredita sepultura, se enterrou a grande Serva de Deos Dona Sancha Garcia do Casal, como se declara nas letras do seu tumulo; a qual Religiosa foy filha de Garcia Martins do Casal. Porèm saõ taõ poucas as suas memorias que achámos, e foy taõ escaça aquella idade para com ella, e para nòs, que apenas vimos a entender que foy Freira de assinaladas virtudes. Mas sempre athè hoje della apregôa a fama maravilhas, dizendo que obrou em sua vida no serviço de Deos notaveis prodigios que a fizeraõ santa, sendo extremosa a devoçaõ que tinha com o Sagrado Apostolo S. Bartholomeu. Esta verdade para perduravel lembrança, nos certifica a sobredita pedra, que està entranhada na parede por cima da sua sepultura, na qual se vê representada a figura do mesmo Santo Apostolo, tendo no dito lugar abertas na pedra cinco flores de Lis, as quais tinha seu pay nas suas armas; e juntamente as letras que dizem o tempo do seu ditoso transito, que foy nos annos de Christo, de mil trezentos e quarenta e seis. De muitas mais Reli-

Hist. Serafica tom. 1. livro 5. capit. 10. fol. 535.

Religiosas que neste Mosteiro fallecérao com opiniao de santidade, podiamos aqui fazer memoria para louvarmos a Deos nas suas maravilhas: porèm por nos ser preciso agora dar o fim a este primeiro livro, fazemos tençao de publicar as suas viritudes em outra parte neste mesmo volume.

FIM
DO PRIMEIRO LIVRO DESTA SEGUNDA PARTE.

HIS-

HISTORIA
DE
SANTAREM EDIFICADA,
LIVRO SEGUNDO
Das Noticias de ſuas Antiguidades.

Contèm as memorias de muitas couſas que ſe incluem dentro no Termo, e Comarca deſta Villa, dignas de perpetua lembrança, aſſim no Secular, como no Eccleſiaſtico, e das aſſinaladas peſſoas, que florecèraõ em todo o genero de virtudes heroicas.

CAPITULO I.

Do que toca à juſtiça deſta Villa, e dos Miniſtros que nella hà.

TEMOS finalizado no primeiro livro deſta ſegunda Parte da Hiſtoria de Santarem, as noticias das Igrejas que em ſi comprehende o territorio deſta Villa, aſſim das Freguefias, como dos Conventos, e Ermidas, e naõ com pouco trabalho na fadiga das individuaes circunſtancias que ficaõ eſcritas. Entramos porèm agora (para

mais vistoso ornato de taõ heroicos assumptos) na empreza de dar a ler neste papel o que toca ao Secular na constituiçaõ do governo da mesma terra, ao que se seguiràõ as Villas, e lugares do seu Termo, e Comarca, com as Igrejas de todas as Freguesias.

He esta antiquissima, e grandiosa Villa de Santarem da Coroa; teve antigamente Relaçaõ, a qual existia por cima da Porta de Manços, que no tempo do Senhor Rey D. Joaõ o primeiro, se trasladou para a Corte, e Cidade de Lisboa no anno de 1386. Foy Corte muitos annos dos nossos Reys passados, e lhe deraõ muitos, e grandes privilegios. Tem voto, e assento em Cortes, no primeiro banco, e varias vezes nella, as celebràraõ os Reys seguintes, que foraõ Dom Joaõ o primeiro no anno de 1374, e D. Duarte seu filho no de 1433. D. Joaõ o segundo sendo Principe, e Governador deste Reyno, pela auzencia delRey D. Affonso quinto seu pay; tambem ali fes Cortes no anno de 1477. Tem honroso Senado da Camera, onde assistem tres Vereadores, hum Procurador do Conselho, dous Misteres, hum Alferes, que tem no mesmo Senado cadeira de espaldas, cujo lugar occupa, quando nas Procissoens leva o Estandarte, he Chanceler que tem o Sello, mas naõ uza delle por se utilizarem os Ministros, pondo nas sentenças, valha sem Sello *ex causa*, naõ havendo alguma que tire esta regalia. Tem hum Escrivaõ

da

da Camera, hum Thesoureiro, hum Sindico, dous Almotacès com seus Escrivães, hum da repartição do Bairro de Marvilla, outro da Ribeira. Hum Agente, hum Pagem, e hum Porteiro das chaves: Caza de Vinte e quatro, com Juiz do Povo, e Escrivaõ, e hum Almotacè da limpeza.

Na Praça desta Villa existem as cazas do Senado da Camera, com huma vistosa galaria de janellas de sacada com grades de ferro, no ultimo andar de cima, para onde se sóbe da grande salla em que o Juiz de Fóra faz a sua audiencia, tem tres fermosas cazas, cuja sahida fas huma bem lançada escada de pedraria lavrada; a primeira he a salla onde estaõ os porteiros, e pagens, na segunda està a meza dos Senadores, e a hi tem huma bem armada Capella de Nossa Senhora, onde se diz Missa todos os dias em que hà despacho, e logo mais para dentro està huma grande caza, na qual existe o Cartorio, ou Archivo onde se depositaõ todas as cousas pertencentes a esta Villa, assim as antigas, como as modernas. Por baixo logo destas cazas da Camera ficaõ as dos Contos, em que tem tribunal o Provedor das Lisirias, com a mesma grandeza, e janellas que as de cima, e por baixo destas dos Contos, ficaõ as cadeas dos prezos, que saõ duas dos homens, e huma das mulheres, todas com muita fortaleza de grades, e bem fechadas, com hum Carcereiro, o qual se obriga a dar

conta de todas as pessoas prezioneiras que se lhe entregaõ. Contiguas a estas cadeas estaõ os açougues, onde se vende carne e peixe, e no meyo da escada em que se sóbe da praça para o dito Senado fica huma casa com sua janella de grades sacada, que he onde os Almotacès em certos dias fazem as suas audiencias: e defronte na mesma praça està o Aljube, onde se metem os prezos, que pertencem ao Ecclesiastico, tendo por cima o Vigario Geral o seu tribunal em que fas audiencia.

Tem esta Villa hum Dezembargador Juiz do Tombo das terras da Coroa, e hum Procurador da mesma Coroa Real, que ambos saõ Ministros de béca, com seu Escrivaõ. Tem Provedor da Comarca com hum Escrivaõ, e Meirinho, Contador, e Enqueredor, e alèm das Villas desta Comarca entra em correiçaõ na Villa de Torres Novas, e seu Termo, que he do Duque de Aveiro. E alèm do Tejo na Villa de Muje, que he do Duque do Cadaval, e na Villa de Coruche. Tem Juiz de Fóra com alçada, e dez Escrivães do civel, e crime, hum Destribuidor, sinco Enqueredores, dous Alcaides, que nomea o Alcaide Mór desta Villa, e os confirma o Senado da Camera, dous Escrivaens das Armas, hum das Execuçoens, com seu ajudante, sinco Tabelioens, dous Escrivaens das cizas, hum da repartiçaõ de Marvilla, outro da Ribeira, hum Escrivaõ do Real d'agoa, e hum fiel das

Ap-

Appellaçoens. Tem Juiz de Fóra, dos Orfaõs com alçada, o qual tem quatro eſcrivães do juizo, dous repartidores, dous avaliadores do Concelho, hum Curador Geral dos Orfaõs, hum Enqueredor, e Deſtribuidor.

Hà neſta terra hum Provedor das Liſirias, o qual tem juriſdiçaõ deſde a Villa de Abrantes athè a Villa de Caſcais, com dous eſcrivaens, hum das Liſirias, outro das Jugadas, hum Procurador da fazenda, e hum Meirinho geral das Vallas. Tem quatro Almoxarifes, hum das Jugadas com ſeu Eſcrivaõ, e Porteiro, cujo Almoxarifado ſe divide em cinco ramos, e cada hum deſtes tem ſeu Eſcrivaõ, Carreteiro, e Medidor, e hum deſtes ramos por ſer maior que os mais, tem dous eſcrivaens. O Almoxarife tem hum Medidor geral de todos os celleiros para pagamento das tenças, e ordinarias que deſte Almoxarifado ſe pagaõ.

Almoxarife do Paul da Aſeca com ſeu Eſcrivaõ, Carreteiro, Medidor, e Meirinho.

Almoxarife das Barrocas da Rainha com ſeu Eſcrivaõ, e Meirinho.

Almoxarife das Cizas com ſeu Eſcrivaõ, e dous Theſoureiros.

Hum Almotacè da Portagem, que he da Caſa do Infantado com tres eſcrivães, hum neſta Villa, outro em Porto de Muje, e na Villa da Gollegãa outro.

Hum Almoxarife dos Quintos, Reguengo da

da Tojoſa, e Jugadas de Cazevel com dous eſcrivaens, de que he Donatario o Conde de Tarouca.

Provedor, e Guarda mór da ſaude, com ſeu Eſcrivaõ, e Meirinho.

Juiz das Impoſiçoens, e Apoſentadorias com dous Eſcrivaens, e hum Porteiro.

He deſta Villa de Santarem Alcaide Mór o Conde de Aſſumar, onde tem ſeu Mordomo; e quando o dito Alcaide mór aſſiſte neſta Villa, he Capitaõ mór della.

Tem Sargento mór da Comarca com hum Ajudante, e manda trinta e duas Companhias, ſete dentro neſta Villa, e vinte e ſinco pela Comarca.

Tem Meſtre de Campo dos Auxiliares, com ſeu Sargento mór, e Ajudante, cujo dominio tem dez Companhias.

Hà neſta Villa Mamposteiro mór dos Cativos, com Eſcrivaõ, e Procurador.

Hà tambem Juiz das Coutadas, Matas, e Montarias da repartiçaõ deſta Villa, com ſeu Eſcrivaõ, e Meirinho.

Monteiro mór com vinte e quatro Monteiros da guarda, e repartiçaõ do Sul, e ſeis Monteiros da guarda das Matas da banda do Norte.

Dous Superintendentes das Coudelarias, hũ da repartiçaõ da Serra, outro do Campo, e cada hum delles com ſeu Eſcrivaõ.

He eſta Villa Cabeça de Comarca, tem hum Corre-

Corregedor com alçada, dous Efcrivaens do juizo, hum Meirinho, Deftribuidor, Contador, Enqueredor, e hum Fiel das Appellaçoens.

Tem efta terra hum Vigario Geral com jurifdiçaõ, tanto no temporal, como no efpiritual, Juiz dos Refiduos, e Cazamentos, tem Chanceler, e Promotor, hum Efcrivaõ da Camera, quatro Efcrivaens do Juizo, Enqueredor, Deftribuidor, Contador, hum Meirinho geral, Efcrivaõ dos depofitos, e caufas matrimoniais, Thefoureiro dos depofitos, Chancellaria, e Solicitador.

CAPITULO II.

Dos Lugares que exiftem no Termo defta Villa de Santarem.

LUgar de Tanquinhos. O Lugar da Azinhaga tem duzentos e outenta e tres vifinhos, a fua Igreja Paroquial tem hum Vigario aprefentado pelo Cabido da Sè Oriental de Lisboa. Tem huma Cafa da Mifericordia, hum Hofpital. Tem finco Ermidas annexas à Matriz, que faõ, o Efpirito Santo, S. Jozè, S. Joaõ, S. Sebaftiaõ, e Santa Catharina.

O Lugar do Pombal, tem cento e quarenta e outo vifinhos. A fua Igreja tem o titulo de Santa Cruz, e he Curado que aprefentaõ os Freguezes.

O Lu-

O Lugar de Val de Figueira tem cento e quinze visinhos, a sua Igreja he Orago della S. Domingos, he Curado que apresenta o Prior de de S. Vicence do Paul; e no seu distrito tem hũ Convento de Frades Arrabidos, do qual teve principio a sua primeira fundaçaõ no anno de 1556, sendo Custodio da Provincia da Arrabida, o Veneravel Fr. Joaõ de Aguila. Foy o fundador deste Convento D. Manoel de Portugal, que naquelle sitio tinha huma quinta. Era este fidalgo filho segundo do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, e da Condessa Dona Joanna sua mulher: cazou com Dona Maria de Vilhena filha de D. Henrique de Menezes, Governador de Lisboa, e Regedor da Casa do Civel, de quem teve larga, e amplissima geraçaõ. Edificado o Convento, que era logo no seu principio cousa limitada; poucos Frades habitavaõ nelle, naõ só por terem poucos commodos, mas por experimentarem naõ ser o sitio salutifero; multiplicavaõ os Religiosos os clamores; porque se lhes fazia a habitaçaõ violenta, pois àlem dos achaques, que ali recebiaõ, sentiaõ com mais pena faltarem por esta causa aos louvores de Deos no coro.

Morreo neste tempo o primeiro fundador D. Manoel de Portugal, sucedeolhe no morgado seu filho primogenito D. Henrique de Portugal, que cazou com D. Anna de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, e de sua mulher Dona Anna

de

de Tavora, ſegundos Condes da Caſtanheira. Eraõ eſtes Senhores amantiſſimos deſta Religiaõ da Arrabida, e ſentiaõ muito as enfermidades, que aquelles obſervantiſſimos Religioſos ali padeciaõ; e dezejoſos de as remediar, com grande devoçaõ, fundáraõ de novo outro Convento, que he o que hoje exiſte, em ſitio mais alto, ficando mais ſalutifero, diſtante do outro duzentos paſſos, com pouca differença, ficando junto, e contiguo às nobres cazas da quinta deſtes illuſtres Padroeiros. O Chroniſta da meſma Provincia o R. P. M. Fr. Antonio da Piedade nos affirma no ſeu Eſpelho de Penitentes, liv. 2. cap. 10, que ſe lançou a primeira pedra na Igreja deſte ſegundo Convento, aos vinte e ſeis dias do mes de Outubro de 1623, em quinta feira, dia de Santo Evariſto Papa, e Martyr. A' vinte e ſete do mes de Março de 1627, ſe celebrou ali a primeira Miſſa, ſendo Provincial o P. Fr. Diogo da Piedade, e no ſeguinte mez de Mayo ſe traſladou a Communidade dos ſeus Religioſos do Convento velho para eſte novo, e nelle tem ſeu jazigo os ditos Padroeiros, que nelle jazem enterrados na Capella mayor.

Chroniſt. da Arrabida.

O Lugar de Alcanhoens tem cento e ſetenta viſinhos, he Curado que apreſenta o Prior de S. Matheos deſta Villa de Santarem.

O Lugar da Povoa dos Galegos, tem ſetenta viſinhos, he Curado que apreſenta o Vigario do Salvador deſta Villa.

O Lugar de S. Vicente do Paul, tem quatrocentos e sincoenta visinhos, he Priorado que provè a Mitra da Sè Oriental, e se leva por concurso, e tem annexas as Aldeas seguintes: A Tojosa, a Corredoura, os Carpinteiros, os Martinhaes, o Reguengo de Alviela, e o Arrecayo.

O Lugar de Vaqueiros, tem cento e dous visinhos, he Curado, que a apresentaõ os Freguezes.

O Lugar de Cazevel, tem cento e sincoenta visinhos, a sua Igreja tem o titulo de Santa Maria, he Vigairaria, e Commenda da Ordem de Christo.

O Lugar da Ribeira de Pernes, tem outenta e quatro visinhos, a sua Igreja tem o titulo de Santa Maria da Ribeira, he Curado que apresentaõ os Freguezes.

Este Lugar de Pernes, dista tres legoas de Santarem para a parte do Norte. A sua situaçaõ he empinada na decida de hum monte, he sitio fresco, porque fica entre dous rios, hum delles, que he o mayor, e o mais arrebatado, se chama o *Alviéla*, em o qual se fazem muitas pescarias, sendo os peixes taõ saborosos, e sadíos, que muitas vezes se daõ aos doentes, e com especialidade as Bogas, e os Barbos, os quaes alguns saõ da grandeza de mais de tres palmos de comprido. O seu curso naõ he muito dilatado, e perde o nome na entrada que fas no Tejo, e só se conhece Rio na distancia de tres legoas e meia.

meia. O ſeu naſcimento parece que tem miſterio pela ſoberba com que ſahe de huns grandes olhos de agoa, tendo ali hum ſorvedouro que engole tudo o que lhe lançaõ, e o desfas em pedaços em huns grandes penedos. He o outro Rio pequeno, e por ſer taõ pobre de cabedal, naõ tem nome, ficando no Veraõ muitas vezes quaſi ſeco; mas quando as enchentes do Inverno lhe acodem, corre com demaſiada ſoberba. He taõ fertil a Ribeira deſte Lugar, que pela freſcura das ſuas aguas admitte ter muitas hortas, pomares, e viçoſos arvoredos, com muitos engenhos de moinhos, e lagares, pelas muitas levadas de agua, que dos rios ſe lhe encaminhaõ para ſemelhantes miniſterios: e huma que corre para hum moinho que eſtà junto à ponte, dizem, que por virtude de hum Santo Biſpo, ſára todas as chagas, lavando-ſe com ella.

Eſte lugar ſempre foy celebrado por hum dos notaveis deſte Reyno. Foy povoaçaõ do tempo dos Mouros, confórme o dizem algumas das noſſas Hiſtorias. A Igreja Paroquial deſta povoaçaõ, he Orago della Noſſa Senhora da Purificaçaõ, com hum Vigario, que apreſenta o Cabido da Sè Oriental de Lisboa: tem Coadjutor, dous Beneficiados, e hum Theſoureiro. Tem Caſa da Miſericordia com ſua Irmandade; hum Hoſpital, que ſe governa por outra Irmandade, com renda para ſerem ſocorridos os pobres paſſageiros; e huma Ermida de Santo Antonio. A

este lugar pertencem as Aldeas seguintes : o Outeiro : a Chã de cima , com huma Ermida : a Chã de Baixo , a qual tem hum poço , que chamaõ do Rendeiro , cuja agoa tem tanta virtude , que todas as pessoas , ou animais que tiverem sanguisugas , bebendo della , logo lhe cahem fóra : a Povoa das Mós , com huma Ermida de S. Bento , e outra de S. Miguel , situada em hum valle , a qual tem Confraria , e hum Ermitaõ. A Aldea da Mouta tem outra , que he de Nossa Senhora da Conceiçaõ. Tem o Lugar do Malhó , que està situado ao pè da Serra de Santa Martha. O Lugar do Arneiro das Milhariças : a Freguesia de S. Lourenço , Curado que apresenta o dito Vigario de Pernes, a quem pagaõ os freguezes ; tem huma Ermida de S. Leonardo , que fica entre huns pinhais. A Igreja do Espirito Santo , Curado a quem pagaõ , e apresentaõ os freguezes. O Lugar dos Ameaes de baixo tem huma Ermida de S. Gens. A Louriceira , com huma Igreja , que he o seu titulo Nossa Senhora da Conceiçaõ , he Curado , que apresentaõ , e lhe pagaõ os freguezes , com huma Ermida de S. Vicente ; e hà tambem outra Ermida de Nossa Senhora da Purificaçaõ, que està situada na quinta dos olhos de agoa ; e tem este Lugar de Pernes duzentos visinhos , vivendo nelle algumas pessoas de conhecida nobreza.

O Lugar de Axete tem duzentos e vinte e hum visinhos , he a sua Igreja Vigairaria do Ca-

bido

bido da Sè Oriental, que se leva por concurso, e tem annexas as seguintes Aldeas: a Fonte da Pedra, as Comeiras, o Verdelho, a Dovagar, e a de D. Fernando.

O Lugar de Tremez tem duzentos e trinta e dous visinhos, e he Priorado de concurso da Mitra Oriental.

O Lugar, ou Aldea dos Santos.

O Lugar da Azoya de cima tem outenta visinhos, e o Paroco da sua Freguesia hè Vigario.

Azoya de baixo tem sessenta visinhos, a sua Freguesia tem por Paroco hum Cura apresentado pelo Vigario do Salvador desta Villa de Santarem.

O Lugar da Romeira tem setenta e hum visinhos, o titulo da Igreja da sua Freguesia, he S. Braz, e he Curado.

O Lugar das Abitureiras he pequeno, porèm no distrito da sua Freguesia tem trezentos e noventa freguezes: o Paroco da sua Igreja he Vigario que apresenta hum Conego da Sè Oriental de Lisboa, o qual he Prior da Igreja Paroquial de Mafra. Cuja Igreja das Abitureiras tem annexas as Aldeas seguintes: Villa nova de Babeca, Mançarrias, Povoa do Baixinho, Vidigan, Soydos, Lamarosa, Joaninho, Alvergaria, Povoa do Conde, Povoa de Trez, e o Porto da Oliveira.

O Lugar de Rio mayor, tem duzentos e outenta visinhos, o Paroco da sua Igreja he Prior,

que

que apresenta a Mesa da Consciencia, e tem annexas as Aldeas seguintes: A Ribeira, a Serra, Tras da Serra, e as Marinhas.

O Lugar de S. Joaõ da Ribeira, tem trezentos visinhos com suas Aldeas annexas, que saõ, a Marmeleira, Malaqueijo, Arrouquellas, e Ascentiz. A Igreja desta Fregucsia, he annexa ao Convento de S. Bento de Xabregas, que apresenta o Geral dos Conegos de S. Joaõ Evangelista.

O Lugar de Almoster, tem trezentos e trinta visinhos com as Aldeas seguintes: A Freiria, Atalaya, Alfoveres de Mel, Povoa, Izenta, Pimenteira, Almedilim, Mata-quatro, Cazal do Paul, Louriceira, Villa nova do Couto, que tem huma Ermida de Santa Vitoria; Outeiro, Alforsomel, Valdegago, Albegaria com huma Ermida de Santa Catharina, Bom Palrreo, Chuchem, e outra Ermida de Santa Catharina, Casaes da Charneca, Bairro Falcaõ, com huma Ermida de Santo Amaro. Todas estas Aldeas tem muitas fontes de salutiferas aguas, e na Igreja Paroquial junto à Capella maior hà huma fonte, e mais afastadas duas, que saõ excellentes. Esta Igreja Matris tem o titulo de Santa Maria, he Vigairaria que apresenta a Abbadessa do famoso Mosteiro de Religiosas Bernardas, que existe neste Lugar de Almoster, o qual fica distante duas legoas de Santarem para a parte do Poente.

CAP.

CAPITULO III.

Em que se fas memoria da fundaçaõ do Real Mosteiro de Almoster, e de tudo o que lhe pertence.

EM huma baixa que fas huma campina raza se vê situado o Real Mosteiro das Religiosas Bernardas de Almoster, o qual fundou huma Illustre Senhora chamada *Dona Berengaria Ayres*, que tendo seus pays ali huma quinta, nella se recolheo, e mais outras Senhoras Illustres, vestindo o hábito, seguindo as santas Constituiçoens de Cister. E finalmente neste principio do Mosteiro foraõ fazendo perfeita vida Religiosa com outras mais que se lhe foraõ seguindo athè que no anno de 1299, em o mez de Abril alcançáraõ, e recebéraõ licença do Papa Nicolao quarto. Fundou-se o dito Convento com grandiosas esmolas, que a Rainha Santa Isabel (de quem foy Dama do seu Palacio a dita fundadora) lhe deu; a qual fundadora, por se achar com a mesma Santa Rainha, na occasiaõ em que a Divina Omnipotencia quiz, que em Santarem se abrissem as aguas do Tejo, para esta Santa ver com seus olhos o prodigioso sepulchro de Santa Iria; foy esta a causa porque Dona Berengaria se resolveo a deixar o mundo nas pompas do Palacio, e seguir a santa vida que tomou por sua propria vontade. E consta do Cartorio do mesmo Mostei-

Mosteiro, que no seguinte anno da licença Pontificia de 1300, o Bispo D. Vasco lhe passou o Breve de suas Indulgencias.

Aos desanove dias do mes de Setembro, que era o dia de Santa Gesmania, e de outros Santos Martyres, se sagrou a Igreja deste Real Mosteiro, em que se solemniza a sua festa, a cuja sagraçaõ assistio a Rainha Santa Isabel, e a dita fundadora D. Berengaria, e S. Domingos Martins, Dom Abbade, que era de Alcobaça, o qual em seus fundamentos lançou a primeira pedra, e o sobredito D. Vasco Bispo de Lamego, que nessa occasiaõ concedeo grandes Indulgencias a todos os fieis que neste dia visitassem aquella sagrada Igreja.

Do Cartorio deste Mosteiro consta, que a Rainha Santa Isabel o mandou acabar, fazendo logo nelle huma grande Enfermaria, com huma famosa Capella, que ainda existe, e naquelle tempo era dedicada a Nossa Senhora; porèm com a repetiçaõ de muitos annos se foy arruinando, e huma devotissima Religiosa a reedificou, mandandolhe fazer huma perfeita tribuna, onde hoje està de morada com muita decencia a Sacrosanta Imagem do Senhor dos Passos; e toda a Capella se vê pintada com os passos da sua sacratissima Payxaõ, com lampada de prata. A esta Enfermaria deixou a dita Santa Rainha rendas bastantes, para se curarem as Religiosas, que ali estivessem enfermas; e alèm das riquezas que dei-

deixou a este Mosteiro, seu marido ElRey Dom Diniz o dotou de tantas rendas, e privilegios Reais, que bem parece ser cousa sua. No primeiro de Mayo, anno de 1336, em Santarem lhe fes huma escritura, ou carta de doaçaõ, em a qual mandou com seu Règio poder, que fosse Couto todo o distrito daquelle Lugar, e contorno, que he em dilatada campina, e os lavradores que naquellas terras lavrassem, estivessem livres de todo o tributo, logrando grandes privilegios. Isto tudo o confirmou tambem ElRey D. Joaõ o primeiro, cuja escritura se acha escrita em pergaminho no Cartorio do mesmo Mosteiro, no livro undecimo dos encadernados em vermelho, a folhas sincoenta e huma.

Deste Couto saõ as Abbadessas deste Mosteiro senhoras Donatarias, e Cõmendadoras: apresentaõ a Igreja Matriz daquelle Lugar, que he Santa Maria de Almoster, tendo por sua conta a Capella mayor della. Cobraõ as ditas Abbadessas os quartos de toda a novidade deste Couto, alèm dos dizimos em todo elle, e naõ se póde ali vender cousa alguma sem sua licença, e dada esta, pagaõ-lhe o laudemio: nem se póde fazer alguma casa sem lhe pagarem huma galinha de foro. Fazem as Abbadessas Juizes deste Couto, com seu Procurador, e apresentaõ seu Alcaide: e quando a este Couto hiaõ os Ministros de Santarem fazer algumas diligencias do serviço delRey, primeiro pediaõ licença para as

fazerem as Abbadessas; porèm parece-me que jà hoje isto naõ he como era antigamente. Finalmente muitos mais privilegios Reais se achaõ neste dito Cartorio, os quais lhe confirmou tambem ElRey D. Joaõ o quarto, e mais ampliados, como tambem ali se acha huma carta da Rainha Santa Isabel, em que diz toma debaixo de sua protecçaõ, e ampáro este Mosteiro em tudo o que lhe pertence, para o defender.

He este Mosteiro obra Real, e para que em todo o tempo assim nos constasse, se fixáraõ logo no seu principio as armas dos nossos Reys sobre a porta da Igreja, aonde sempre existem. Esta Casa de Deos, he pouco menos de mediana grandeza; tem quatro altares com o da Capella mayor, a qual se fecha com grades de bastante altura; nella se vê huma bem feita tribuna, e no seu altar estaõ collocadas as Imagens dos dous Santos Patriarcas, S. Bento, e S. Bernardo; S. Bento està da parte do Evangelho, e S. Bernardo da parte da Epistola. Nesta Capella mayor permanecem tres lampadas de prata bem obradas, e a do meyo acommoda dentro em si sinco luzes. O altar collateral, que fica à maõ direita, ao sahir da Capella mayor, he dedicado a S. Joaõ Evangelista, de quem as fundadoras eraõ muito devotas. O da parte esquerda, he dedicado a Nossa Senhora com o titulo do *Rosario*, a qual Senhora tem sua Irmandade, e sepulturas especiais para se enterrarem os Irmãos. Defronte da

porta

porta da Igreja tem outro altar, que he dedicado a S. Joaõ Bautiſta. Debaixo delle ſe acha o tumulo em que eſtà ſepultada a muito devota, e Illuſtriſſima Senhora Dona Berengaria, e huma ſua Irmãa, que ſaõ as fundadoras, e tambem huma menina ſua ſobrinha. Eſte tumulo eſtava antigamente na Capella mayor, e quando ſe fes nella a tribuna, que haverà pouco menos de ſeſſenta annos, ſe trasladou o tumulo para o dito altar. Deraõ-me noticia as Religioſas deſte Moſteiro, que diziaõ as outras mais antigas (e ainda hoje exiſte huma daquelle tempo) que neſta trasladaçaõ ſe viraõ eſtes corpos, os quais eſtavaõ inteiros todos tres, e a menina com as ſuas çapatinhas calçadas, ſem haver ali couſa alguma que tiveſſe corrupçaõ.

O Coro a que as Religioſas chamaõ a Igreja de dentro, he grande, e de duas naves àlem da do corpo: por eſtas naves ſe vaõ ſeguindo perfeitos, e bem ornados altares, dedicados a diferentes Imagens. Da nave que fica à maõ direita, quando ſe vay para a grade da Igreja, fica logo o altar, que he dedicado a Noſſa Senhora do Pilar, o outro que logo ſe lhe ſegue, he de JESU, MARIA, JOZE': a eſte ſe ſegue o da Senhora da Encarnaçaõ; e logo o outro he o da Senhora com o titulo do *Roſario*: a eſte altar ſe ſegue o da Senhora do Carmo, e logo mais adiante ſe lhe ſegue o de Noſſa Senhora com o titulo da ſua puriſſima *Conçeyçaõ*, que ainda naõ eſtà de todo aca-

bado, este tem huma grande, e perfeitissima Imagem da mesma Immaculada Senhora de estofo, collocada ali pela devoçaõ de huma Religiosa, que tambem lhe mandou fazer huma perfeita lampada de prata: segue-se outro altar, o qual està no fim da parede junto à porta da sacristia de dentro, e fica no principio, ou cabeceira do coro: he dedicado aos Santos Patriarcas, S. Bento, e S. Bernardo, cujas Imagens, humas devotas Religiosas mandáraõ agora fazer de novo: e mistico com ella està hum altar da Senhora Santa Anna, e seu Sagrado Esposo S. Joachim. No meyo desta parede da nave fica huma tribuna em a qual assistem com as suas devoçoens algumas Religiosas de dia, e de noute ao Santissimo Sacramento, e no fim desta tribuna, em correspondencia do altar da Senhora Santa Anna està outro do Bemaventurado Martyr S. Lourenço, porèm naõ tem ainda a ultima perfeiçaõ em seu ornato.

Na nave que fica da parte do Evangelho, se segue logo hum altar dedicado a Nossa Senhora dos Anjos, reedificado agora por huma devota Religiosa deste Mosteiro; a este altar se segue outro de Santo Antonio; o outro que se segue a este, he o do Precursor de Christo S. Joaõ Bautista: e logo o outro mais adiante, he dedicado ao Misterio do Jordaõ, com as Imagens bem feitas, e admiravelmente bem estofadas. Na parede da grade, que divide o coro da Igreja, està outro altar,

altar, que he dedicado a Christo Senhor Nosso, com o titulo do *Bom JESV*, Imagem devotissima, e de grande estatura. Da outra parte da dita grade na mesma parede se vê hum altar de Nossa Senhora da Graça, cuja Imagem he perfeitissima de escultura estofada, mandada fazer agora de novo pela devoçaõ de algumas Religiosas, que trabalhaõ com grande cuidado por se empregarem na perfeiçaõ do culto Divino. Nesta mesma parede tambem està outro altar pequeno, em que se representa estar S. Joaõ Bautista prezo no carcere de Herodes.

No meyo deste coro, existem outenta cadeiras em que as Religiosas com sonóras vozes entoaõ as horas Canónicas do Officio Divino; e no cruzeiro que se fórma, e media entre o mesmo coro, e a grade da Igreja, descendo-se huns poucos de degráos, està hum altar do amado Evangelista, encostado a huma columna, o qual de ambos os lados, tem preciosas reliquias. Defronte deste altar, està outro em correspondencia, que he dedicado a Nossa Senhora com o titulo da sua admiravel *Assumpçaõ*; e todo este coro està guarnecido de admiraveis pinturas, que todas representaõ os passos do Apocalypse; sendo todos estes paineis muito antigos, que ali existem do tempo em que se fes o mesmo coro; e todos os altares que nelle estaõ tem suas lampadas. Tem este Mosteiro hum grande, e fermoso claustro; e no meyo delle huma fonte curiosamente

mente bem obrada, com dous cannos de bronze, que por elles ſe eſtà vendo lançarem perennemente o liquido criſtal de ſuas acceleradas correntes, cuja agoa ſe deſpenha em hum bem feito tanque, que delle toma ſeus caminhos com ligeiros paſſos fazendo-ſe util a varias officinas do Moſteiro. He eſta fonte no ſeu artefacto, fabricada de admiraveis pedras brancas, pretas, e vermelhas, tendo no ſeu remate huma Cruz. Para o pavimento della ſe déſce por duas eſcadas de pedra bem eſpaçoſas, indo cada huma por ſeu lado. Eſte pavimento fica fazendo hum páteo bem lageado, o qual tem junto à fonte, de huma parte a Samaritana, e da outra a Imagem de Chriſto Senhor Noſſo, repreſentando eſtas duas figuras (que ambas ſaõ de jaſpe) o paſſo do poço de Sicar. Da parte da Samaritana eſtà huma Ermida pequena da Senhora do Roſario, mas no ſeu tanto obrada com perfeiçaõ; e no meyo do meſmo clauſtro ſe vè outra, dedicada à meſma Rainha dos Anjos, com o titulo do *Carmo.* Eſta Ermida tem fóra da porta huma linda entrada com ſeus aſſentos, e alegretes de flores, que a fas muito alegre, e viſtoſa. Ali tambem ſe conſerva outra Ermida de Noſſa Senhora da Piedade, com ſeu ſagrado Filho morto em os braços, cujas Imagens excitaõ huma intima devoçaõ: e debaixo do ſeu altar em huma lapa ſe vê tambem em vulto o Principe dos Apoſtolos S. Pedro chorando amargamente a culpa das ſuas negaçoens. Na

meſma

meſma fórma ſe vè mais, debaixo do altar da Senhora do Carmo, a figura da Bemaventurada Santa Maria Magdalena, que ainda, que ali muda, he tal a perfeiçaõ da arte, que a quem a a vè eſtà intimando, pela recordada contriçaõ de ſuas ardentes lágrimas, os doloroſos lamentos de ſeus antigos peccados.

Tem eſte Moſteiro quatro dormitorios, os quais ſaõ ainda os meſmos da fundaçaõ deſta Caſa: todos eſtaõ retirados da communicaçaõ do ſeculo; porque os que tem janellas para o pinhal, fica-lhe diſtante a huma larga viſta. Tem hum fermoſo, e bem proporcionado refeitorio, e todas as mais officinas em boa ordem ſeparadas, huma eſpaçoſa caſa de Capitulo, em a qual ſe vê huma perfeita Capella onde eſtà huma ſoberana Imagem do Redemptor do mundo atado à columna, ſendo do tamanho do natural. Com vagaroſos paſſos, e ſaudoſa corrente, cruza por dentro a clauſura deſte Real Moſteiro, hum largo rio, o qual de Veraõ, e de Inverno, naõ excede, nem diminue o ſeu natural limite, com que alegre paſſea na frondoſa pompa deſte paraiſo clauſurado; àlém de outros rios pequenos, que em diverſas hortas e pomares, daõ alentos às verduras de ſuas animadas plantas, que todos ficaõ, e correm no encerramento de huma grande cerca, em a qual exiſtem fontes de ſelectiſſimas aguas.

CAP.

CAPITULO IV.

Em que se declaraõ algumas preciosas reliquias, que hà neste Mosteiro de Almoster, e se fas lembrança das Religiosas, que nelle florecèraõ em virtudes; e illustres em os seus nascimentos.

AS reliquias mais notaveis, e dignas de se fazer dellas memoria, que hà neste Convento, saõ estas. Na ástea de huma Cruz està encaixilhada em hum finissimo cristal, huma grande porçaõ da preciosissima Cruz em que padeceo o Salvador do mundo: e ali mesmo se estaõ vendo outras reliquias de varios Santos. Hum dente do glorioso Padre S. Bernardo, que persevera metido em huma ambula de christal. Huma cabeça em osso, mas inteira, de huma das onze mil Virgens, com alguns dentes, a qual se guarda fechada em hum cofre de prata. Outra reliquia do Bemaventurado S. Braz, metida em outra ambula de cristal; e outras muitas mais que estaõ postas em hum perfeito relicario. Todas estas perciosas reliquias se vém collocadas no altar de S. Lourenço, que està no coro, póstas em dous nichos, e por mais veneraçaõ estaõ resguardadas com suas vidraças.

Das Religiosas que neste Mosteiro acabáraõ seus bem empregados annos com acçoens triunfantes, nas gloriosas virtudes em que florecéraõ, dare-

daremos aqui huma breve noticia, pois saõ muito poucos, e muito curtos os elogios, que de suas vidas achamos escritos: mas remetendo o nosso especial dezejo às pedras mudas, que as suas linguas só falaõ pelas bocas dos seus caracteres, copiaremos neste papel os originais, e epitafios de algumas sepulturas em que descançaõ os ossos, e esperaõ a resurreiçaõ do final juizo. Advertindo, que as Religiosas, que neste Mosteiro foraõ Preladas, jazem sepultadas na casa do Capitulo, e as mais que o naõ foraõ, tem os seus jazigos nos lanços dos claustros; e seja a primeira entre as Abbadessas, a grande serva de Deos, a Senhora Dona Branca de Vilhena, em cuja sepultura se lê a seguinte inscripçaõ:

Sepultura da grande Religiosa D. Branca de Vilhena. Foy Regedora, e Abbadessa deste Mosteiro, e falleceo a 8. de Junho na Era de 1636.

Foy esta Senhora de Illustrissima geraçaõ, e mais que o illustre de seus Progenitores soube ella exaltar-se à mayor gravidade de sua singular virtude, pois era de vida taõ santa, que mereceo a Deos o altissimo favor de receber o Santissimo SACRAMENTO pelas mãos dos Anjos; porque hum terrivel mal, que lhe deu na garganta, lhe impedia o commungar. E vendo-se com esta taõ grande desconsolaçaõ, teve tanta dita, que em huma madrugada, estando com ella huma Religiosa de conhecida virtude, chamada *Dona Catharina de Carvalhosa*: ouvio huma suavissima

musica, vendo juntamente na cella huma grande claridade, e sentio hum suavissimo cheiro, o qual durou por todo aquelle dia. Disse a Religiosa enferma à que lhe assistia mostrando-lhe o rostro excessivamente alegre, que o Senhor permittíra, que ella o recebesse, porque grande numero de pessoas claras, e resplandecentes lhes leváraõ o Santissimo SACRAMENTO. Isto depoz logo a Freira que lhe assistia, ao que se deu credito, porque era pessoa tambem de conhecida virtude, pois sempre esta anda de companhia com a verdade, e pelos effeitos que se viraõ na vida da enferma, e em sua ditosa morte. Deste notavel successo naõ temos mais certeza, que a successiva tradiçaõ entre as Religiosas deste Mosteiro athè hoje que isto escrevemos. Seguem-se as inscripçoens das sepulturas de todas as mais Abbadessas, que foraõ sepultadas na mesma casa do Capitulo.

Sepultura de Dona Brites de Menezes, filha de Dom Henrique de Noronha, neta de Dom Pedro primeiro Marquez de Villa Real. Foy Abbadessa desta Casa vinte e quatro annos: falleceo aos vinte e sete dias de Novembro de 1678.

Sepultura de D. Ignez de Noronha, filha do Duque de Villa Real; foy Abbadessa desta Casa tres vezes, e a primeira triennal. Falleceo a desaseis de Settembro de 1636.

Aqui jaz D. Lourença de Menezes, Abbadessa que foy deste Convento: ultima das perpetuas desta Ordem

neste

neſte Reyno; governou eſta Caſa trinta e tres annos, filha de Dom Julianes da Coſta do Conſelho de Eſtado delRey Dom Sebaſtiaõ, e Vèdor da ſua fazenda. Falleceo a nove de Outubro de 1610.

Sepultura de Dona Brites de Mendoça irmãa do Conde de Val de Reys, foy Abbadeſſa neſte Moſteiro. Falleceo em vinte e dous de Fevereiro de 1639.

Tem eſta ſepultura as ſuas armas, que ſaõ ſinco flores de Lis, humas coſtas, humas grelhas, e eſcritas eſtas palavras: *Ave Maria.*

Sepultura de D. Joanna de Tavora, e Menezes, foy Abbadeſſa ſinco triennios, em os quais fez neſte Convento muitas obras dignas de memoria, com as quais imitou ſua tia Dona Helena de Noronha. Falleceo aos trinta de Janeiro na Era de 1698.

Eſta Religioſa era das illuſtres familias dos Senhores Condes de Unhaõ, e Soure; teve neſte Moſteiro huma irmãa, tres tias, duas primas, e huma ſobrinha, e quaſi todas as nomeadas tiveraõ parentas neſta Caſa, e foraõ ſepultadas em os meſmos tumulos.

Sepultura de D. Helena de Noronha, filha, e Irmãa do Conde de Soure: foy Abbadeſſa deſte Moſteiro dous triennios, e Religioſa de vida exemplar.

Sepultura de D. Clara da Silva, que foy Abbadeſſa deſta Caſa.

Era eſta exemplariſſima Religioſa de illuſtre familia, e obſervantiſſima na ſanta Regra da ſua Ordem, as Religioſas do ſeu tempo a fizeraõ Prelada com grande repugnancia ſua, e porque

obſervava à riſca o voto da pobreza, de ſeu poſſuia muito pouco; cauſa porque algumas vezes lhe faltava dinheiro para comprar o que era neceſſario para a Communidade, e como em algumas occaſioens experimentava eſtas faltas, logo recorria a S. Joaõ Bautiſta, de quem era muito devota, hia buſcar a ſua Imagem a huma ſua Capella, que fica debaixo de huma eſcada, e dizia-lhe: *Meu Santo, bem ſabeis vòs, que eſtou ſem ter com que faça a feria às Religioſas, ou com que lhe compre o que lhe devo dar neſte dia; rogay a Deos, pois que todas o ſervimos me dè com que poſſa ſatisfazer eſtas obrigaçoens.* E logo ſe via, que miraculoſamente de partes donde ſe naõ imaginava, lhe vinha tudo de quanto eſtava falta, para complemento do que lhe era neceſſario. Succedeo-lhe a eſta Religioſa, que ſaindo da ſua cella em huma madrugada dia do Naſcimento deſte Santo Bautiſta, a paſſear em huma varanda, contemplando no miſterio do meſmo Precurſor de Chriſto: vio em huma horta, que ali ficava perto, ao dito Santo em figura de menino de pouco tempo naſcido, com a ſua bandeira, e junto delle o ſeu cordeirinho. Aſſim o depoz eſta Serva do Senhor dizendo, que eſta viſaõ lhe parecèra como huma nuvem feita de arminho claro, e reſplandecente, e que no coraçaõ ſentira tal alegria, que a naõ podia comparar com a mayor que ſe póde ter neſte mundo. No meſmo dia lhe deu huma grande febre, e ao terceiro paſſou da vida tranſitoria

a lo-

a lograr a eterna, com ſinais de predeſtinada. Naõ ſe declara aqui o anno do ſeu tranſito; porque dizem ſe perdera eſſa lembrança; porèm affirmaõ as Religioſas que hoje exiſtem, que ſempre ficou neſta Caſa viva a tradiçaõ do ſuccedido, que aqui temos declarado.

Sepultura de Dona Anna de Azevedo do Amaral, que foy Abbadeſſa: Religioſa doutiſſima, e de ſangue muito illuſtre.

Sepultura de Dona Marianna de Vaſconcellos Preſtrello, que foy Abbadeſſa, e era de nobiliſſima geraçaõ.

Na meſma caſa do Capitulo eſtà outra ſepultura com eſte ſeguinte epitafio:

Aqui ſe ſepultou huma Clara
Em vida, e morte
De S. Franciſco por ſorte
Que venturoſa imitou

Falleceo a dezaſeis de Novembro de 1611.

Eſta Religioſa com outra ſua irmãa chamada *Maria do Preſepio*, achámos dellas noticias, que guardáraõ em ſeu rigor a Regra da ſanta Ordem, e que eraõ de vidas taõ exemplares, que ainda hoje a tudo o que naquella Communidade tem algum deſcaminho, as trazem por exemplo; como tambem a Madre Brites Loba natural de Santarem, que vivia juntamente com as ditas irmãas Religioſas em a meſma obſervancia, e ſe aſſinalavaõ muito na devoçaõ de Noſſa Senhora, fazendo as duas irmãas as feſtas da Senhora da Natividade, e Carmo, em cujas devoçoens ſe empe-

empenhavaõ com grande ancia, e fervor de devoçaõ. E a outra Religiosa na mesma fórma se empregava com todo o amor de sua alma, em fazer solemnizar, e dar soberanos cultos à Senhora do Rosario nos dias das suas festas, com proprios dispendios. E se affirma, que todas estas tres Religiosas recebiaõ particulares favores da mesma Virgem Mãy de Deos.

Outra sepultura que diz: *Aqui jaz a muito magnifica, e Catholica Senhora D. Isabel da Cunha, cuja virtude he digna de memoria. Foy Abbadessa desta Casa trinta e tres annos, e passou desta vida na Era de* 1531.

Sepultura de D. Isabel da Cunha, cuja Virtude, e Religiaõ he digna de memoria, passou desta vida santamente, aos dez dias do mez de Junho de 1580.

Esta sepultura he differente da outra que fica escrita, ainda que tenhaõ as duas Religiosas o mesmo nome.

Sepultura de D. Joanna de Castro, e Maria da Conceiçaõ; que pondo os olhos no Ceo, deraõ costas ao mundo, dizendo: Ecce quam bonum, & quam jucundum habitare fratres in unum. *Psalm.* 132.

Jacet in hoc tumulo Domina Catharina da Cunha, Religionis, & virtutis amantissima, clausit diem ultimum Novembri, anno Domini 1561.

Sepultura de D. Guiomar Henriques, cuja Virtude, e Religiaõ he digna de memoria, passou desta vida santamente aos quinze de Janeiro de 1614.

CAP.

CAPITULO V.

Em que ſe dà noticia de quatro Religioſas, que neſte Moſteiro viverão, e derão fim à carreira da vida ſantamente, e ſe continuão os Lugares que pertencem à meſma Villa de Santarem.

DEſtas quatro Religioſas, que determina eſte Capitulo fazer lembrança, he a primeira a Madre D. Maria de Menezes, a qual Senhora ainda ſe fez pela ſua grande virtude, para Deos mais fidalga nas obras, que no illuſtre do naſcimento, pois para eſte ſer grande baſta ouvirlhe o appelido, e para aquelle ſer mayor naõ baſta o illuſtre do ſangue, he neceſſario reflectirlhe a herocidade no emprego de ſuas ſantas acçoens. Eraõ neſta exemplariſſima Religioſa taõ ſingulares, aſſim nas palavras, como nas direcçoens ornadas de tanta modeſtia, que tudo juſtificavaõ os ſantos coſtumes em que reſplandecia; e naõ era muito, que a vida foſſe taõ Angelica, quando nas operaçoens virtuoſas brilhava tanto a pureza.

Sem perigo de deſvanecimento lograva a ſua virtude todos os applauſos, porque quanto eſtes mais ſe repetiaõ nos louvores, tanto mais ella ſe profundava nas humildades, para com ellas rebater os golpes de tudo aquillo com que o mundo a pudeſſe deſafiar na vangloria; ſogeitando

com

com o rigor das penitencias a rebeldia do espirito; e para que nella tudo fosse pureza, de continuo castigava os olhos, empregando a vista na terra, e o coraçaõ no Ceo. Era observantissima em guardar a Regra da sua Ordem, e como só se presava de ser pelo espirito de Deos céga, fugia a tudo o que era alivio corporal, empenhando-se cadavez mais no trato da mortificaçaõ, com que pudesse augmentar para Deos o merecimento. Foy sempre devotissima da Senhora do Desterro, e querendo tomar a cadea de escrava da mesma Senhora, fes muitos dias antes ásperas penitencias, e mortificaçoens, pedindo ao seu Anjo da Guarda, e a S. Joaõ Bautista, lhe alcançassem da Senhora se dignasse darlhe de algum modo a entender, se de boa vontade a aceitava por escrava. E consta de hum papel authentico, que por sua morte se lhe achou escrito pela sua letra, o seguinte resumo:

Em dia de minha Senhora do Desterro, depois de commungar, e tomar a cadeinha de escrava sua, me recolhi em sua Capella, pedindo-lhe com o mais intimo do affecto que pude, me declarasse, se me admittia ao numero das suas escravas, e continuando nesta supplica, fuy para o coro, e estando assistindo à Missa Conventual da festa; ao tempo que se começou a cantar o Credo, fuy arrebatada em espirito à Capella mayor, aonde vi a Mãy de Deos do Desterro na fórma, que em semelhante festa a representa a Igreja, acompanhada de grande multidaõ de Anjos, e Santos: aos quais naõ conheci,

nheci; e só permittio a bondade infinita de Deos Senhor Nosso, conhecesse o Anjo da minha guarda, que tinha a hum lado, e a outro S. João Bautista, que forão os medianeiros, por cujo meyo, e intercessão, alcancei esta mercê do Senhor, sendo eu tão grande peccadora: declaro, que não vi os rostros claramente, mas que não deixei de ter claro conhecimento do que significava esta visão, que durou athè o Sacerdote consumir. Do succedido dey parte ao meu Confessor, e a alguns Padres, a quem communicava os particulares da minha consciencia, e mandárão-me com obediencia escrevesse o que vira, e guardasse o papel, para que por minha morte se achasse; e o meu Confessor o assignou.

Todo este sobredito caso nos deu escrito huma Religiosa deste Mosteiro, pessoa de grande supposição, que ainda hoje existe, em a qual escritura no fim diz as seguintes palavras: *Esta Religiosa era das antigas desta Casa: mas eu Francisca dos Serafins, que neste Mosteiro ao presente sirvo de Cantora mòr, affirmo que li, e vi este papel, o qual tinha em seu poder a Reverenda Madre Maria de Belem, que neste tempo era Abbadessa; e eu teria de idade doze para treze annos.* Muitas Religiosas se lembrão de o lerem, mas nenhuma com certeza do fim que teve. *Esta copia diferirà do original, mas digo o que na memoria se me imprimio, e pareceme que sou diminuta, porque o proprio papel era muito mais extenso, e estava escrito da mão de quem foy digna de alcançar do Senhor semelhante graça.*

Neste Mosteiro houve outra Religiosa cha-

mada *Dona Felippa de Carvalhaes*, a qual,ainda hoje ao tempo que iſto eſcrevemos, exiſtem Religioſas antigas, que a conhecèraõ ſendo ella jà de idade veterana. Eſta grande Serva do Senhor occupou o officio a que chamaõ *Cerqueira*,era dotada de hum animo ſincero, ſendo viſtoſo ramalhete deſte ameno jardim de virtudes, e huma das mais ſuaves flores que nelle plantou a Divina Providencia; parecendo que deſvelado a cultivou, para correſponder com as ſuavidades que a todas as creaturas attrahiaõ os dezejos de lhe multiplicarem as eſtimaçoens. E como o inimigo commum ſempre toma por empreza perſeguir ſemelhantes almas, começou a fazerlhe guerra com huma terrivel tentaçaõ; e era a de perſuadilla a que fugiſſe da clauſura, e Religiaõ, apparecendo-lhe viſivelmente em fórma de hum galhardo mancebo. Naõ deixava a Religioſa de reſiſtir à tentaçaõ, e como ſe via della muito vexada, recorria à Mãy de Deos com o titulo do *Roſario*, indo repetidas vezes à Capella deſta Senhora (a qual hoje chamaõ do *Terço*) chorar muitas lágrimas, pedindo-lhe favor, ajuda, e ampáro para reſiſtir à cruel guerra, que o demonio lhe fazia, e neſta batalha andou alguns tempos: athè que deſanimada, e quaſi jà de todo vencida, ultimamente ſe foy ao altar da Senhora, e lhe diſſe eſtas palavras, ou outras ſemelhantes: *Senhora, bem vos tenho pedido, que me livraſſes deſta tentaçaõ, naõ quizeſtes; ficaivos embora, que aqui vos deixo*

xo as chaves da horta. Mas oh grandeza da Divina Omnipotencia! Logo a Soberana Mãy de Misericordia tomou o Rosario, que tinha em as mãos, o qual era branco com extremos vermelhos, e lho lançou ao pescoço, dizendolhe: *Com este te defende*, e logo milagrosamente se lhe foy a tentaçaõ, ficando a boa Religiosa extática, e suspensa por algum tempo, admirada de merecer taõ grande favor, do qual se achava indigna. Continuou esta Serva de Deos o restante da sua vida em assistir sempre à Imagem da Senhora com o proprio affecto de seu excessivo amor, e por obrigaçaõ dos favores recebidos.

Acabou esta Santa Religiosa a sua carreira temporal, com muitos sinais de predestinada, pedindo a sepultassem com o Rosario. Naõ nos deraõ noticias, nem as pudemos achar do anno em que foy o seu ditoso transito, (porque em toda a parte hà descuidos) e depois de muitos annos abrindo-se a sua sepultura, se achou o dito Rosario perfeitissimo, e com o mesmo fio, que das mãos da Senhora tinha trazido, sem sinal algum de corrupçaõ; o qual recolheo a Prelada daquelle tempo, porém hoje naõ se sabe o fim que teve. Este successo publicou em Capitulo o seu Confessor logo depois da sua morte. He esta Imagem da Mãy de Deos devotissima, e para se verificar o milagre, ficou com o rostro inclinado, como que falla com pessoa que lhe fica em lugar mais baixo. Venera-se esta Senhora sempre

como Imagem milagrosa, e dizem todas as Religiosas deste Mosteiro, terem observado, q̃ quando alguma dellas està mortalmente enferma, e pede que lhe levem a dita Imagem para que lhe assista na hora da morte, se vè sempre no transito da alma sinais felicissimos, e por este motivo jà hoje vay perdendo o suavissimo titulo do *Rosario*; porque commummente lhe chamaõ a *Senhora da Boa Morte.*

Floreceo tambem neste Mosteiro, com grandes sinais de virtude, a Veneravel Madre Maria dos Serafins natural de Santarem. Foy sempre em toda a sua vida perfeitissima no recato com que fallava; porque chamando as palavras ao exame, vinhaõ taõ purificadas as que proferia, que triunfando de toda a censura, felismente conseguiaõ o fim a que as encaminhava; imprimindo edificaçaõ nas pessoas, que lhas ouviaõ: e naõ só edificava fallando, mas juntamente com exemplos de suas acçoens callando; porque do rigoroso silencio que guardava, aprendiaõ todas as Religiosas importantes liçoens para serem mais perfeitas. Com estes, e outros importantissimos documentos, que em mudos, mas harmoniosos éccos ensinava, e despertava nas creaturas eruditamente o conhecimento das perfeiçoens de Deos, pois he esta a materia sobre que o entendimento deve formar delicados conceitos, e attrahir com a sua luz a vontade, para que detestando a cegueira do amor proprio, procure somente

te o eficaz incentivo, que lhe póde offerecer à bondade infinita, empenhando-ſe em ſeus abrazados affectos. Deſte formava o ſeu eſpirito como abrazado Serafim ligeiras azas, com que voava pelas esféras celeſtes, deixando o corpo entregue ao eſquecimento das couzas mundanas.

Como com o verdadeiro amor dos Serafins abrazados, amava a ſeu Divino Eſpoſo Chriſto JESUS crucificado; ſentia ſummamente os riguroſos tormentos de ſua Payxaõ, e para que o ſeu amor naõ encorreſſe nas cenſuras de tibio, buſcava para o deſempenhar muitas occaſioens de padecer. Por mais que queria encobrir eſta ancia, naõ a podia diſſimular, que eſte he o effeito de quem ama, e por onde ſe declara o affecto extremoſo, porque o amor que admitte diſſimulos, ainda naõ triunfa na poſſe de ſeus extremos. E finalmente, muito ſe aſſinalava eſta grande Serva de Deos com ventagem em todas as virtudes, aſſim na humildade, como na penitencia, ſempre andava deſcalça, a ſua cama nunca foy mais que humas duras taboas em que deitava o corpo, nas poucas horas que dormia. Continuamente trazia no peito (que lho tomava quaſi todo) huma Cruz de páo toda cravada de agudas pontas de ferro. Em as ſextas feiras de todo o anno, naõ comia mais que ſinco folhas de oliveira, e ſempre exercitava huma continua abſtinencia. Tomava riguroſas diſciplinas, e em tal fórma, que as Religioſas do ſeu tempo, ſe admiravaõ de

que

q̃ hum corpo ſũmamente fragil podeſſe ſopportar tormentos taõ áſperos, ſem particular ajuda do Ceo. Tinha alguns Padres a quem communicava a ſua vida, e a quem obedecia, e com eſte modo de viver entregou ſua alma na maõ de ſeu Creador.

Entre as mais noticias que nos deraõ as Religioſas deſte Real Moſteiro, encontrámos o feleciſſimo tranſito da Madre Dona Antonia de JESUS, MARIA, JOZE', a qual gaſtou todos os annos que teve de Religioſa em actos de perfeiçaõ, com ſantos exercicios. Padecia continuamente grandes dores por todas as junturas do corpo, e aſſim vivia alegre, conformando-ſe com a Divina vontade, pois entendia, que aſſim o permittia o meſmo Senhor, para lhe poder merecer mais. Era devotiſſima de Deos Menino, e quando ſe via mais vexada das dores corporaes, entaõ rompia do coraçaõ affectos em amoroſos colloquios à puericia de ſeu querido, e Divino Eſpoſo. Foraõ ſempre as ſuas dores as mais ſingulares diſpoſiçoens, para o fogo do ſeu amor ſe atear no ſeu coraçaõ, e de tal ſorte ſe abrazava neſtes amoroſos incendios, que purificada no eſquecimento dos affectos da terra, ſe offerecia capaz a receber os orvalhos do Ceo pelo meyo da oraçaõ, em que gaſtava dilatadas horas, ainda que foſſe nas mayores afflicçoens das ſuas moleſtias. Dilirando para o mundo, dizia eſtas, ou outras palavras: *Meu Menino dos meus olhos, meus*

amo-

amores da minha alma, quem se vira com vosco nesses Ceos, vamos, vamos depressa para essa pátria, onde possa lograr a dita de ver a vossa Divina Magestade. Eraõ taõ forçosas as ancias que lhe incitavaõ as saudades de ver o seu Santissimo Esposo, que apertando-se com os braços cruzados, os dedos todos lhe estalavaõ por todas as juntas.

Naõ queria o seu Menino, que lhe fizesse fineza alguma no exterior, por mais que o seu amor a obrigasse; e assim todas as vezes, que principiava alguma obra para o trato, e ornato do seu Menino, logo adoecia: isto se vio, quando lhe quiz fazer huma tunica, que naõ acabou; e querendo em outra occasiaõ compor-lhe huma flor, para lhe pôr na maõ, no dia seguinte se achou enferma, e guardando huma cousa, e outra, que tinha feito, em huma condecinha para lhe pôr dia de Pascoa, e por mais diligencias que fes, a naõ pode achar, senaõ jà amassada posta a hum canto do seu cubiculo; e dizia, que se houvesse de narrar as peças, que o seu Menino em semelhantes materias lhe fazia, muitos annos seria hum instante, e todo o papel para as escrever seria hum indivisivel.

Vivia esta boa Serva do Senhor, com grande zelo da salvaçaõ das almas, dando com seu exemplo, e doutrina efficazes documentos a muitas pessoas, que com grande ancia dirigia para o caminho do Ceo, por cujo motivo foy gravemente tentada do nosso geral adversario, mas

naõ

naõ vencida, pelo que agravado efte commum inimigo, tratava vingarfe. Em huma occafiaõ vieraõ a efte Mofteiro os Padres Miffionarios da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, e tendo elegido efta Veneravel Madre hum Sabbado (que era da Quarefma) para nelle dar conta da fua vida ao P. Antonio de Faria, Congregado exemplar do dito Oratorio, e juntamente do eftado de algumas Religiofas, que neceffitavaõ de correcçaõ: no dito dia vindo ella do clauftro para hum corredor, encontrou dous homens em trajes de viloens, hum affentado a huma porta, e outro em pè, ambos converfando na dita materia da tençaõ que levava a fanta Religiofa, tanto para elles cuftofa, por fe lhe difficultarem por efte meyo as almas, que ella com a fua diligencia lhe tirava. E paffando adiante a Religiofa por entre elles, aos quais fallando raivofos, lhe ouvio dizer eftas palavras: *A maldita da comprida D. Antonia hà de pagar o que nos tem feito*; e ouvindo a Freira fallar na fua peffoa, voltou para traz parando no caminho, para ouvir bem o que elles diziaõ, e conheceo logo ferem dous demonios, que profeguiaõ na fua raiva, continuando a dizer: *Deixala eftar, ella o pagarà, pois anda aqui com memoriaes aos Padres para nos privar do noffo gofto.* E conhecendo a Religiofa, que a fua raiva era por amor dos Miffionarios, lhe começou a bater o punho na maõ com palavras que os defgoftaffe. Elles fe enfurecéraõ em tal fórma, que correo hum

hum atraz della athè à porta da ſua caſa, aonde com elle teve grande luta, da qual ſe livrou, dando-lhe huma grande punhada em o nariz, dizendo-lhe: *Vaite dahi maldito.* Depois deſte ſucceſſo, enfermou logo a Veneravel Madre, e com taes fraquezas, que naõ podia pronunciar palavra, que foraõ contadas as de que uzava para explicar o que padecia, exiſtindo aſſim mais de dous mezes ſem fallar, e ſó ſe explicava por acenos.

Depois deſta moleſtia que padeceo com grande trabalho, ficou livre por alguns tempos, porèm aos doze dias do mez de Abril, anno de 1700, lhe deraõ humas dores por todo o corpo taõ vehemente exceſſivas, que as peſſoas, que lhe aſſiſtiaõ lhe ouviaõ eſtalar os oſſos; mas portava-ſe com tal paciencia, vendo-ſe aſſim crucificada, que a todas as Religioſas, e ao Medico fazia admirar. Era tal o amor que todas lhe tinhaõ, que no diſcurſo da doença, naõ davaõ lugar às criadas para chegarem a ella. Confeſſou-ſe, e recebeo o Santiſſimo SACRAMENTO por Viatico, em o ſegundo dia de Mayo, pedindo perdaõ em geral a toda a Cõmunidade. Deraõ-lhe tambem a Unçaõ, que pedio, dezejando recebela em ſeu juizo perfeito aos doze dias do meſmo mez. Naõ cuidava que morria ainda, (mas por diverſo modo das peſſoas, que vivem ſem deſengano), ſe o Padre Fr. Fernando Pereira (Confeſſor, que era naquelle tempo deſte Mo-

steiro) lhe naõ dissera, que era possivel que assim fosse; ao que respondeo, que a causa, e motivos deste duvidar, procedia de lhe ter dito hum Padre de quem tinha boa opiniaõ, que antes de sua morte havia de padecer rigorosos tormentos, o que ainda naõ tinha experimentado (seria por dezejar mayores penas: que quem por amor padece, todo o excesso por mais penoso que seja, parece a todo o dezejo, limitado. E dizendo-lhe o dito Padre Confessor, que ainda naõ tardava, fez a Veneravel Madre huma total resignaçaõ na vontade de seu amado Esposo Christo JESU.

A obediencia, e humildade com que se houve, naõ he explicavel, porque naõ tomava alimentos, nem remedios sem licença da sua Prelada, a quem pontualmente obedecia, encomendando-lhe o trato das Religiosas no serviço de Deos, principalmente humas, que novamente começavaõ a darse a Deos, receando se entibiassem por falta de direcçaõ, e tambem encomendou muito à Madre Abdadessa o seu Menino. Aggravandoselhe mais a doença lhe disse o Padre Confessor, que lhe parecia era chegada a hora; ao que respondeo com semblante alegre, e sem alteraçaõ: *Se assim he, faça-se a vontade de Deos*, e logo entregou o espirito ao seu Creador, sendo isto no dia dezaseis de Maio do dito anno de 1700, às duas para as tres horas da tarde, vespera da trasladaçaõ do seu glorioso Patriarca S. Bernardo. Foy sua morte sentidissima de todas as Religiosas, e

mais

mais peſſoas deſte Moſteiro, que em vida dividamente a reſpeitavaõ; e razaõ era que foſſe ſentida a ſua falta, pela que a todas havia de fazer com a ſua auzencia, aſſim pelo exemplo, como pela doutrina, e zelo que tinha da ſalvaçaõ das almas.

Todas as peſſoas deſte Moſteiro moſtravaõ com copioſas lágrimas imitar no ſentimeuto o que a obrigaçaõ do exceſſo lhe pedia, que naõ merecia menos huma vida taõ exemplar, e angelica. Era tal o concurſo de gente para verem morta a quem dezejavaõ ter ſempre viva, que naõ havia quem rompeſſe em competencias, de ter o primeiro lugar para a comporem na mortalha, a fim de haverem reliquias das couſas do ſeu uzo, cortando-lhe tambem cabellos e unhas; e tudo o que lhe ſervio na doença ſe guardou com a veneraçaõ que ſe pode permittir de hum affecto taõ intimo, e de hum amor taõ intenſo, quanto merecia huma virtude taõ ſólida, e hum exemplar taõ unico. Depois de amortalhada, levaraõ-na em hum eſquife para o coro, onde eſteve vinte e quatro horas, e foy tempo ainda limitado para ſe eſperarem mais prodigios. Cobriraõ-lhe o corpo de muitas roſas, que logo tiravaõ ſem ſe perder huma folha, porque jà tinhaõ os toques daquella candida flor, que brevemente ſe occultaria, deixando naquellas folhas a virtude que lhe deraõ ſeus merecimentos: pela qual experimentáraõ logo algumas peſſoas en-

fermas, naquellas folhas muitos alivios por impulsos da fé com que as applicavaõ. Foy sepultado seu corpo na casa do Capitulo com toda a pompa, em tumulo apartado, em cujo distrito só se sepultaõ as Madres Abbadessas.

Conta-se que esta Veneravel Madre, tinha sobre o coraçaõ huma Cruz abreviada, igual da carne, mas bem distinta, com riscos vermelhos, e com alguns sinais dos martirios da Paixaõ de Christo, e nas sextas feiras padecia notaveis afflicçoens. Hum anno, ou pouco menos antes da sua morte se lhe multiplicáraõ as penas, porque alguns dos outros dias, se fizeraõ participantes de semelhantes privilegios, que eraõ as sextas feiras, e sabbados. Tambem se sabia, que estando o Senhor manifesto, divizava na Hostia algumas figuras, que se lhe representavaõ em diversas cores da dos accidentes, ainda que pela distancia naõ via sempre as particulares miudezas. E nestes dias reparavaõ algumas Religiosas no modo com que a viaõ, naõ podendo disfarçar as lágrimas que de seu affectuoso peito lhe nasciaõ, movida das saudades, que a semelhantes excessos lhe desafiavaõ as ternuras de seu abrazado coraçaõ: mas correspondiaõ estas ditosas ancias ao que na sua alma sentia. E finalmente este real Mosteiro foy sempre illustrado de grande numero de Religiosas insignes em virtudes, que perderiaõ antes a vida, que discrepar hum ponto da observancia da sua santa Regra, e Esta-

tutos.

tutos. Todas em o primittivo tempo da ſua fundaçaõ eraõ Senhoras illuſtres, e das mais eſclarecidas familias deſte Reyno. E neſte feliz eſtado, e authoridade floreceo por muitos annos, e por incuria ſe perdeo a lembrança de muitas couſas merecedoras de que ſe gravaſſem ſempre em noſſas memorias.

O Lugar de S. Pedro de Arrifana, tem duzentos e ſincoenta e quatro vinhos, com os Lugares, e Aldeas ſeguintes: Alcoentrinho, Villa Nova de S. Pedro, Povoa do Sobral, Macuſſa, Fonte Nova, Carvalho, Foupineira, Ventoſa, Cálla, Barran, Lapa, Caſaes de Alcoentrinho, Outeiro, Carraſcal, Torre, Baraçal, e os Caſaes da Macuſſa, e Eyreira. Tem eſte Lugar de Arrifana ſinco juizes da Vintena. Tem outo Ermidas, e o Paroco da Matriz he Prior, Priorado da Mitra Oriental, e rende hum anno por outro ſeiſcentos mil reis.

O Lugar da Vargea dividi-ſe em mais duas Aldeas, que ſaõ, o Outeiro, e Villa Gateira, tem cento e ſincoenta viſinhos. A Igreja da ſua Fregueſia intitula-ſe *Noſſa Senhora da Vargea*, he Curado que apreſenta o Prior de S. Martinho deſta Villa de Santarem.

O Lugar do Valle, tem cento e vinte e ſeis viſinhos. A ſua Igreja he Curado annexo à Paroquial de Noſſa Senhora de Marvilla.

O Lugar da Arruda dos Piſoens, tem quarenta viſinhos.

O

O Lugar da Ribeira da Cortiçada, tem cento e trinta visinhos, e annexas estas Aldeas: As Correas, o Outeiro; e o titulo desta Freguesia, he *Nossa Senhora da Ribeira*: he Curado.

O Lugar de Vallada, tem duzentos e sincoenta e dous visinhos, com o Lugar de Porto de Muge: he o titulo da Igreja da sua Freguesia *Nossa Senhora do O.* He Vigairaria do Padroado Real, e Commenda da Ordem de Christo; e na povoaçaõ de Porto de Muge tem huma Ermida de S. Joaõ Bautista.

O Lugar de Pontevel, tem cento e noventa visinhos; he Priorado de Malta, e tem hum recolhimento de Terceiras de S. Francisco.

O Lugar do Cartaxo, tem quatrocentos e vinte e seis visinhos: he a Igreja da sua Freguesia annexa à de Nossa Senhora de Marvilla, com seu Cura, e tem estas Ermidas: O Espirito Santo, S. Pedro, S. Gerez, e hum Convento de Frades Franciscanos da Provincia de Portugal.

Os Lugares que pertencem ao Termo desta Villa de Santarem sitos da banda d'alem do Tejo, saõ os seguintes: O de Val de Cavallos, tem cento e sincoenta e tres visinhos, a sua Igreja he Curado, que apresenta o Prior de Nossa Senhora de Marvilla. Alpiaça, he Lugar que tem duzentos e sete visinhos, a Igreja da sua Freguesia, he Curado, q̃ apresenta o Vigario de Santa Iria.

O Lugar do Pinheiro, he territorio que tem noventa e dous visinhos, a Igreja da sua Freguesia,

ſia, he Curado que apreſenta o Commendador da meſma Igreja.

O Souto, he Lugar que tem outenta e ſeis viſinhos, e tambem a ſua Igreja he Curado com Santo Antonio da Rapoſa, e Santa Martha, e Monçaõ, que tem trinta e tres viſinhos.

CAPITULO VI.

Das Villas que pertencem à Comarca deſta Villa de Santarem.

SEja a primeira neſtas memorias a Villa da Azambuja, por corrermos a linha mais direita neſta eſtremadura. Quatro legoas deſta Villa de Santarem para a parte do Sul, no Arcebiſpado Oriental de Lisboa à viſta do Rio Tejo, tem ſeu aſſento em lugar plano a Villa da Azambuja, a qual pelos annos de 1147, jà era terra de baſtante povoaçaõ; e neſte tempo fez della doaçaõ ElRey D. Affonſo Henriques, a hum fidalgo eſtrangeiro, chamado *D. Childe Rolim*, illuſtre Cavalheiro, filho legitimo, e quinto do Conde de Ceſtria, que era biſneto por baronía, e linha recta delRey de Inglaterra. Eſte fidalgo era hum dos que vieraõ na armada de Inglaterra, quando hindo para a conquiſta da Terra Santa, e por força de ventos contrarios deſembarcáraõ na noſſa Coſta da Serra de Cintra; em que vinha por General o famoſo Guilherme de Longa eſpada; e aviſtan-

avistando-se ali com ElRey D. Affonso Henriques, que estava esperando occasiaõ de tomar Lisboa aos Mouros; e ajustados ambos os partidos a conquistáraõ à força de armas, concluindo-se, e dando-se remate à victoria pela Christandade, em huma sexta feira do mez de Outubro ao meyo dia de 1147, que foy no mesmo anno em que jà se tinha conquistado Santarem; estando Lisboa sinco mezes de cerco, que he o tempo que vay de outo de Mayo athè Outubro; e desta Villa he hoje Donatario D. Antonio Rolim, irmaõ do Conde de Val de Reys.

Brandaõ na Monarquia Lusit. 3. parte l. 10. cap. 28. fol. 172. vers.

Tem esta Villa pouco mais de setecentos visinhos no seu distrito. A Igreja Paroquial, que està dentro da mesma Villa, he dedicada à Virgem nossa Senhora da Assumpçaõ; o Parocò della he Prior, e he Igreja do Padroado Real; que rende hum anno por outro setecentos mil reis (com pouca differença) ha nella quatro Beneficiados, que rezaõ os Officios Divinos no coro: e cada hum destes beneficios, rende duzentos mil reis. Tem huma Casa de Misericordia, hum Hospital, e estas Ermidas, Santa Maria Salomê, S. Sebastiaõ, Santa Maria Magdalena, e S. Francisco de Paula. Tem duas fontes nativas; e huma dellas brota tres perennes bicas. Ao governo desta povoaçaõ assistem ao Civil, dous Juizes ordinarios, tres Vereadores, com hum Procurador do Concelho, hum Escrivaõ da Camera, hum Juiz dos Orfaõs com hum Escrivaõ;

dous

dous Tabaliaens, e hum Alcayde. E fallando do Militar, ha nesta Villa hum Capitaõ mòr, e hum Sargento mòr com duas Companhias da Ordenança. O seu Termo he abundante de todo o genero de mantimentos para alimentar a vida, como saõ, trigo, vinho, azeite, frutas, hortaliças, legumes, carnes, e pescados do Rio Tejo.

Injuria nossa seria na escritura deste capitulo, naõ fazermos lembrança de hum Varaõ filho desta Villa taõ heroycamente sublime, que pelos progressos de suas acçoens merecia a sua vida ser escrita com letras de ouro, e com penna mais remontada nos voos da melhor discriçaõ. Era este heroe, D. Joaõ Esteves de Azambuja, ou como outros lhe chamaõ Joaõ Affonso da Azambuja, o qual muyto illustrou a sua Patria com o seo nascimento. Foy filho de Affonso Esteves Cavalleyro, Reposteyro mòr de ElRey D. Pedro I. deste nome, Senhor de Salvaterra de Magos, Irmaõ de Joaõ Esteves Alcayde mòr de Lisboa, que por antonomazia lhe chamavaõ o *Privado*, por ser muyto valido dos Reys deste Reyno D. Pedro, e D. Fernando: pois o achàmos escrito nas Chronicas de ambos estes Reys, e em muytas mais relaçoens escritas naquelles tempos. Este Joaõ Esteves Alcayde mòr de Lisboa, foy o fundador da Capella na Igreja do Salvador desta Cidade, na qual estes dous Irmaõs se sepultàraõ, e despois tambem se sepultou nella o

nosso D. Joaõ Esteves da Azambuja, de quem aqui tratamos.

Logo nos primeiros annos de sua idade, se criou este fidalgo com o Mestre de Aviz, merecendo sempre a este Principe affectos, e valimentos naõ vulgares, o qual despois de Rey o occupou em serviços muyto relevantes, que D. Joaõ Esteves obrigado aos reaes favores, soube desempenhar com taõ venturosos progressos, que sempre ElRey o reconhecia acredor de mayores mercès: merecendo ser seu conselheiro na paz, e companheiro na guerra. Este mesmo Monarca o enviou por seu Embayxador ao Concilio de Pisa; e o servio nos Tratados de trégoas, e pazes, que concluio por muytas vezes com o Reyno de Castella, e em outros grandes ministerios, com naõ menos créditos da sua pessoa; do que agradecido o mesmo Rey o quiz publicar em huma Provizaõ, que lhe mandou passar em Leyria no primeiro de Julho da era de Cezar 1429., que se entende pelos annos de Christo 1391. para o Padroado da sobredita Capella; sendo este Heroe Bispo do Porto; e diz a dita Provizaõ, o que aqui se segue: *E nòs vendo, o que nos aqui dizia, e pedia D. Joaõ Bispo do Porto do nosso Concelho, considerando os muytos estremados serviços, que nòs, e estes Reynos recebemos do dito Bispo, especialmente, como duas vezes, pondo seu corpo em aventura foy por nosso Embayxador à Corte de Roma aderenzar nossos feitos, e negocios, que nos muyto cumpriaõ,*

e os

e os aderensou, segundo a nòs fazia mister, e outro si del entendemos receber ao diante &c. Esta faculdade, ou Provizaõ foy confirmada pelo Papa Bonifacio nono por seo Breve expedido no segundo anno do seo Pontificado.

Hindo pois este Illustrissimo Varaõ ao Concilio de Pisa, em que assistio com grandes creditos da Naçaõ Portugueza: dahi passou a Jerusalem a visitar os lugares sagrados, que o Author da vida santificou com o preço da nossa Redempçaõ. Voltou a Italia, aonde com preciosas joyas enriqueceo a sepultura do glorioso Patriarca S. Domingos em Bolonha, de quem era singularmente devoto. Neste dito Concilio assistio D. Joaõ Esteves, como Embayxador d'ElRey de Portugal no anno de 1409. que foy quando nelle aos vinte e seis de Junho se deo sentença difinitiva contra Gregorio decimo segundo, e Benedito decimo terceyro, e despois disto cõcluido, he q̃ passou a Jerusalem, como fica dito. Logrou neste Reyno successivamente as dignidades de Bispo do Algarve, do Porto, de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa; em cujos lugares se houve com igual liberalidade no zelo da refórma dos seos subditos, e socorro da pobreza. Em Lisboa fundou com grande devoçaõ, pelo motivo, que aqui escrevemos, o grandiozo Mosteiro do Salvador. Pelos annos de 1148, despois de Lisboa ser tomada aos Mouros, em pouca distancia dos muros, que cercavaõ esta Cidade, para a

parte do Oriente, existia sobre grande penedia huma embrenhada mata taõ espessa, e cavernoza, que era só habitaçaõ de féras, e nella rara vez entravaõ homens. Succedeo, que hum dia andando hum Cavalleiro à caça por aquelles matos, rompendo o mais interior delles, vio huma veneravel Imagem de Christo crucificado, levantada em hum pequeno monte, que estava na mais profunda baixa daquellas agrestes brenhas; e reparou, que ao pè da Cruz se devizava huma fórma de Altar, ordenado de favos de mel, por industriozo artificio das abelhas, que para confuzaõ dos racionaes athè os brutos a seo modo sabem venerar, reconhecendo o seo Creador. Desta rara maravilha correo logo a fama por toda a Cidade, e concorrèraõ innumeraveis pessoas a ver taõ grande prodigio, e adorar a Imagem santissima. Deu-se logo ordem a destruir o mato todo, ficando aquelle terreno descuberto, em cujo lugar onde estava o sacrosanto Crucifixo, despois se edificou huma Capella pequena, e nella começàraõ a viver humas devotas mulheres recolhidas por largos annos; porèm sem hábito, ou Regra de alguma Religiaõ: athè que o nosso Cardeal D. Joaõ Esteves pelos annos de 1392: fundou naquelle mesmo lugar hum Mosteiro, dotando-o de boas rendas, e o deu às Religiosas do Patriarca S. Domingos, com o titulo do *Salvador*. Ultimamente com o seo generoso animo fes obras taõ relevantes, que naõ caben-

cabendo jà em Portugal a fama dos ſeos merecimentos, chegou a Roma, e o Papa Joaõ vinte e tres o fes Cardeal do titulo de S. Pedro *ad Vincula*, e Santa Eudoxia, aos tres de Junho do anno de 1411. Paſſou outra vez a Roma a receber o capello da maõ do meſmo Summo Pontifice. Naquella Corte cabeça do mundo ſoube merecer pelas ſuas heroycas acçoens, letras, e virtudes, applauſos univerſaes. Edificou naquella meſma Cidade hum Convento aos Padres de S. Jeronimo.

E querendo voltar para Lisboa, fez a jornada por Flandes para viſitar a Duqueza de Borgonha, porèm de huma doença que lhe deo em Burges ahi falleceo a vinte e tres de Janeiro de 1415. Paſſados alguns annos chegàraõ a Lisboa os ſeos oſſos para ſe ſepultarem no Moſteiro, que elle tinha edificado. Naõ queriaõ as Freyras por attençaõ aos muytos beneficios, que lhes tinha feito, que ſe ſepultaſſem os oſſos no lugar, que elle deſtinava no ſeo teſtamento por impulſo de ſua rara humildade: foraõ primeyramente recebidos na Igreja, deſpois os depoſitàraõ no coro de cima aonde eſtiveraõ alguns annos; dahi os tornàraõ para a Igreja, e os collocàraõ na Capella mòr da parte do Evangelho: deſpois paſſados quaſi duzentos annos (como ſe ainda eſtiveſſem animados para fazerem mais jornadas,) no de 1608. os tornàraõ ſolemnemente a collocar no dito coro, em cujo cayxaõ ſe lè hum epitafio, que

aqui vay trasladado do proprio original, e he o que se segue: *Neste coro de cima està sepultado D. Joaõ Esteves, Privado, segundo Arcebispo de Lisboa; Cardeal da Santa Igreja Romana do titulo de S. Pedro* ad Vincula, *de S. Eudoxia, Fundador deste Mosteiro, e Padroeiro delle, que em Bolonha solemnisou a sepultura de S. Domingos, em Roma o Mosteiro de S. Jeronymo, e nesta Cidade este Mosteiro, em que se mandou sepultar. Falleceo no anno de* 1413, *aos* 13 *de Janeiro.* Esta conta dos annos, e dias que estaõ gravados na sepultura, entendo, que naõ serà taõ certa, como a que aqui temos escrito, pois naõ confere aquella da sepultura com a nossa, que he a que trazem gravissimos Escritores; como saõ Fr. Luis de Sousa, na segunda Parte da Historia de S. Domingos, liv. 1. cap. 3. e 8. Manoel Severim no §. 6. Discurso 8. pag. 264. tras a conta da sepultura, porèm logo mais abaixo se reporta, referindo o livro dos Anniversarios, onde diz, que fallecèra no anno de 1415. George Cardoso nas Notas ao dia deste fallecimento pag. 233. tambem refuta a conta do tumulo, allegando a Chacon, e Panvino. E o Padre Mestre Francisco de Santa Maria no seu Anno Historico, tom. 1. pag. 108. no dia 23 de Janeiro, tambem diz, que falleceo santamente neste dia, anno de 1415. O mesmo diz pela nossa parte o grande Academico da Academia Real deste Reyno Jozè Soares da Silva nas Memorias que escreveo delRey D. Joaõ o primeiro, tom. 2. liv. 2. cap. 113. pag. 581.

CAP.

CAPITULO VII.

Da Villa de Aveyras de cima.

ESta Villa fica ſituada para a parte do Noroèſte alto, huma legoa afaſtada da Villa da Azambuja, conſta de mais de cem viſinhos, com Juizes ordinarios; a Igreja da ſua Freguesia tem o titulo de noſſa Senhora da Purificaçaõ, ou dos Milagres, he Vigairaria, que apreſenta a Cõmendadeira do Moſteiro de Santos *extra muros de Lisboa*, da Ordem de Santiago, cuja Villa lhe pertence. O que ſabemos da exiſtencia deſta Villa, he ſer mais antiga, que o Reynado delRey D. Sancho o primeiro, porque elle lhe deu foral; e paſſados muytos annos lho confirmou ElRey D. Manoel. O ſeu contorno he povoado de boas quintas, e tem duas Ermidas. No ſeu termo, eſtà ſituado hum Lugar a que chamaõ *Val de Paraiſo*, que tem mais de quarenta viſinhos, aonde tem huma Ermida com a miraculoſa Imagem da Mãy de Deos, da invocaçaõ da Senhora do Paraiſo, da qual Imagem daremos aqui huma breve noticia.

Correndo os annos do Naſcimento de Chriſto, no de 1570 (com pouca diferença) neſte tempo, e neſte ſitio onde hoje eſtà eſte Lugar, que tem a dita Ermida no mais alto delle, andava hum mancebo à caça, ou como querem outros,

era

era hum paſtor, que guardava gado, e reparando elle em huma oca caverna de hum grande ſobreiro, vio que ali eſtava huma pequena Imagem de noſſa Senhora; que então a naõ achou como theſouro eſcondido no campo, porque lhe eſtava bem manifeſto; alegrou-ſe muyto com taõ rico achado; e como elle (ao noſſo entender) foſſe ſingello, e de coraçaõ candido, porque ſemelhantes maravilhas ſó as manifeſta Deos a quem he ſervido, e aos bons; a devia ver ſem duvida cercada de luzes; com temor reverente, naõ ſe atreveo a pegar na ſagrada Imagem; porèm com muyta preſſa foy logo dar parte ao ſeo Paroco, o qual ſabendo a verdade do cazo, foy com os Clerigos, e povo da dita Villa de Aveyras de cima com Cruz alçada em prociſſaõ, ao ſitio aonde eſtava a Senhora na ſobreyra, e tomando-a em ſuas maõs, com a reverencia devida a levàraõ para a Igreja Paroquial de noſſa Senhora da Purificaçaõ, e a collocàraõ no altar mayor. No dia ſeguinte concorreo o povo cõ grande devoçaõ para venerarem a nova Imagem apparecida, porèm naõ a achàraõ em parte alguma da Igreja, deſconſolados de a naõ verem, e ſentidiſſimo o Paroco deſta falta, fez deligencias exactas por ſaber aonde eſtaria; ultimamente a foraõ achar no ſobreiro, aonde primeiro foy apparecida, levàraõ-na outra vez para a Igreja; e ſuccedendo o meſmo athè tres vezes, viraõ certamente, que a Senhora naõ queria outro trono, nem outra

caza

caſa para ſua morada, ſenaõ aquelle meſmo lugar em que quiz apparecer; e ſer viſta dos fieis para ſer delles ali venerada.

Vendo aquelle povo de Aveyras de cima, que a Senhora aſſim fazia manifeſta a ſua vontade, de naõ querer outro ſitio para ſeu apozento, ſe animáraõ todos os homens daquella Villa a lhe fazerem huma Ermida para ſua morada; e que foſſe naquelle meſmo lugar que a Senhora eſcolhèra. Feſe-lhe a Ermida com limitaçaõ pequena, porèm como a Senhora pela concurrencia dos annos obrou tantas maravilhas com os ſeus devotos, que a ella concurriaõ nas ſuas tribulaçoens, ſe lhe fez maior caza; com as repetidas eſmolas que lhe offereciaõ. He eſta Imagem da Senhora de Val do Paraizo, muyto pequena, pois naõ tem mais que hum palmo de altura, tem o Menino Deos ſeu filho nos braços, e ambas as Imagens ſaõ de inteira eſcultura em pào, e aſſim a Mãy, como o Filho tem coroas imperiaes de ouro. Eſte Lugar de Val do Paraizo, naõ conſta, que antes deſta appariçaõ da Senhora tiveſſe povoaçaõ alguma; entende-ſe, que deſpois que eſta Virgem Santiſſima ali foy obrando tantos prodigios, a devoçaõ dos fieis o foy povoando.

CAPITULO VIII.

Da Villa de Aveiras de baixo.

POuco mais de meya legoa, afaſtada da Villa da Azambuja para a parte do Norte, em terreno fundo, fica ſituada eſta Villa de Aveiras de baixo, circumvallada de montes pelas partes do Naſcente, e do Poente, cuja baixa fas huma ribeira por onde paſſa hum pequeno rio, que lhe fertiliza o ſeu contorno de boas arvores de frutas, vinhas, e olivais. A povoaçaõ deſta Villa tem pouco mais de ſincoenta viſinhos, com Juizes ordinarios. A ſua Igreja Paroquial he da invocaçaõ de Noſſa Senhora do Roſario, e he Vigairaria que apreſenta o Conde de Aveiras, e tem annexas as Ermidas ſeguintes: Noſſa Senhora Madre de Deos, que he Imagem milagroſa, S. Roque, e S. Gregorio. No Termo deſta Villa para a parte do Naſcente eſtà o Lugar das Virtudes, o qual tem ſetenta viſinhos, em cujo Lugar ſe fas huma feira a outo de Settembro, no qual dia ſe celebra ali no Convento dos Padres Franciſcanos, huma grande feſta à Virgem Senhora Noſſa, que tem eſte titulo das *Virtudes*, e he Imagem taõ milagroſa, que ſeria injuria noſſa naõ fazermos aqui memoria do ſeu apparecimento, e maravilhas que tem obrado.

Pelos annos de 1403, reynando em Portugal El-

ElRey D. Joaõ o primeiro deſte nome, era eſte Lugar das Virtudes que fica referido, hum deſerto, e terra ſolitaria, onde ſe naõ deſcobria mais que matos, e eſpeſſas brenhas: quando em hum dia, que andava hum paſtor por ali guardando huma vacaria, vio, que de entre a manada lhe fugio hum touro, o qual embrenhando-ſe pela mayor eſpeſſura de hũ agreſte boſque com grande furia, ſe lhe perdeo da viſta, elle o foy ſeguindo pelo raſtro, e chegando a vello, reparou que o touro eſtava de joelhos com a cabeça humilhada. Vio o paſtor de vagar na reverente poſtura do irracional, que moſtrava huma profunda humildade, e picando-o com o aguilhaõ, fallando-lhe com aquelle eſtillo com que os paſtores coſtumaõ, para fazerem andar ſemelhante gado, a tudo iſto ficava o touro immovel, ſem fazer demonſtraçaõ de que ſentia a violencia das picadas, nem o eſtrondo das vozes; o bom paſtor, ainda que ruſtico, naõ deixava de lhe parecer aquillo couſa ſobrenatural, e lançando a viſta por aquelle contorno, vio entre as carraſqueiras delle, collocada ſobre huma ſilva hum reſplandor de luzes, e no meyo huma Imagem da Virgem Noſſa Senhora. Aqui pódem conſiderar os contemplativos o bem que nos póde vir do todo Poderoſo: ſabemos nós, que naquella miſterioſa Ç,arça, ſe manifeſtou Deos (ainda que ſó em chammas de fogo) a Moyſés; porèm aqui foy o meſmo Senhor ſervido, que a Mãy do

Verbo Eterno Encarnado appareceſſe na ſua propria figura, acompanhada de luzes (e como bem ſe póde entender , aſſiſtida dos Anjos) naõ ſó aos homens, que ſaõ racionais , mas aos brutos, para que os homens os viſſem adorar, humilhando-ſe a grandeza da Divina Omnipotencia. Neſte tempo o paſtor atemorizado com a viſta das celeſtiais luzes , que lhe moſtravaõ a exceſſiva fermoſura da Soberana Senhora , cahio em terra como morto , perdendo os ſentidos por baſtante eſpaço de tempo.

Tanto que o ditoſo vaqueiro tornou em ſi da ſuſpenſaõ em que ficára , com animoſa reverencia tomou a Sagrada Imagem em ſuas mãos , e levou-a com grande alvoroço à cabana onde eſtavaõ os outros companheiros, que ficáraõ admirados da fermoſura da Senhora , e abſortos depois que ouvíraõ dizer ao condutor, o maravilhoſo ſucceſſo com que achára taõ Soberano Theſouro. Concordáraõ logo todos em lhe fazerem ali huma caſa dos materiais que lhe offerecia aquelle ſitio, em que a Senhora eſtiveſſe ſeparada das ſuas humildes choças ; a qual caſa fabricáraõ dos ramos das arvores, feita com eſpecialidade , e fortaleza, que aſſim lho mandava a ſua devoçaõ. Collocada naquelle humilde apoſento , a que era Rainha no ſupremo Palacio do Ceo Impyreo, logo ſe começou a divulgar o ſeu prodigioſo apparecimento , e o povo daquelles contornos a hiaõ ver , e venerar , pedindo-lhe

favo-

favores em ſeus trabalhos, e tribulaçoens. E porque os ſeus devotos, que jà tinhaõ experimentado os grandes milagres que Deos lhes fazia por eſta Senhora naquella pobre choupana, pareceo conveniente (para ſe deſempenharem com a Mãy do meſmo Deos) melhorala de hoſpicio, levantando-lhe Ermida arteficiada de pedra e cal. Quizeraõ fugir do ſitio em que tinha apparecido, por naõ parecer conveniente para a ſaude, e começàraõ a obra em outro lugar mais alto, que era mais lavado do Norte onde chamaõ a *Coroa do Pinhal delRey*, a qual fica junto a huma grande cerca de pedra e cal, da qual dizem ſer mais antiga, que o apparecimento da Senhora, e ainda hoje ſe vêm ali veſtigios da dita Ermida que ali ſe começou, e com effeito ſe fez. Porèm a Rainha Imperatriz dos Anjos ſaudoſa do primeiro lugar em que começou a abrir os diques às fontes de miſericordias, logo pelo poder Divino ſe tornou a elle, e como entendèraõ a vontade da Senhora, ali lhe tornàraõ de novo a fazer Igreja, que he a que depois ſe tranſtornou na do Convento dos Religioſos Menores de S. Franciſco, de cuja fundaçaõ logo aqui faremos lembrança.

Eſta Senhora teve primeiro o titulo da *Senhora das Ademas*, por haver apparecido naquelle ſitio, pois he huma terra eſteril, baixa, e calva, que pàra a ſua decida em humas vallas, as quaes recolhem as agoas que deſcem do monte, quando chove; e as que ficaõ perdidas das innun-

nundaçoens do Rio Tejo, quando enche muyto, e pelo nome do ſitio, aſſim lhe davaõ à Senhora o titulo. Porèm deſpois attendendo-ſe às innumeraveis virtudes, que obrava aos rogos dos peccadores, que lhe deprecavaõ, e recebiaõ tantos beneficios, pela certeza que tinhaõ da ſua extrema virtude, lhe mudàraõ a invocaçaõ de *Ademas*, em a das *Virtudes.* A materia de que moſtra ſer feita eſta ſagrada Imagem, he marfim, e he taõ pequena, que naõ chega a ter meyo palmo com a peanha em que eſtà aſſentada; tem em o ſeo regaço o Menino JESUS ſeu Filho aſſentado ſobre a parte direyta; a Senhora com a ſua maõ eſquerda mete na boca o peyto ao amoroſo Filho, mas elle como eſquecido daquelle ſuſtento, com os olhos ſe eſtà revendo na fermoſura da Māy, e com a meſma correſpondencia ſe revè a Māy na pueril belleza do Filho. A eſta Santa Imagem da Senhora falta o braço direito, dizem q̃ foy por deſcuydo, ou com muyta advertencia, porq̃ hũa das noſſas Rainhas, chamada Dona Leonor, lho tirára como ſingular reliquia, mas naõ ſe declara qual de tres foy das que houve em Portugal deſpois do apparecimento deſta Senhora, ſe a que foy mulher de D. Duarte, ſe a de D. Joaõ II. ou a de D. Manoel, e melhor ſerà naõ o ſabermos, porq̃ ſe naõ livrarà de parecer indiſcreta acçaõ ſemelhante roubo. Eſcrevéraõ deſta milagroſa Imagem da Senhora das Virtudes os Authores ſeguintes, que ſaõ os

que

que ſabemos. O P. Fr. Manoel da Eſperança na ſua Hiſtoria Serafica, 2. part. liv. 11. cap. 21. pag. 571. Vaſconſellos *in Deſcriptione Regni Luſit.* pag. 536. num. 8. Faria no tom. 3. da ſua Europ. Portug. cap. 13. pag. 30. Santuario Mariano, no Arcebiſpado Oriental de Lisboa tom. 2. titul. 24. fol. 319.

Eſper. Hiſt. Seraf. Vaſconſel. *in Deſcriptione Regni.* Faria Europ. Portug. Santuario Mariano.

CAPITULO IX.

Da Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora das Virtudes.

ESte Convento em que hoje ſe venera a Senhora das Virtudes, foy fundado pelo Magnanimo D. Duarte Rey XI. de Portugal, e teve principio na fórma que a qui diremos. Eſtando a Senhora das Virtudes nàquella ſua nova Caſa, que jà diſſemos, fazendo prodigioſos milagres, chegou o tempo daquella memoravel jornada de Ceuta, para cuja funçaõ El-Rey D. Joaõ o primeiro empenhou ſua peſſoa indo nella, e para a fazer com mayor pompa, e luzimento, quiz levar comſigo ſeu filho D. Duarte primogenito, e herdeiro de ſua Coroa; e como eſta empreza tinha muito de arriſcada, e pouco de ſegura, procurou o Infante por muitos caminhos o auxilio do Ceo, para lhe dar bom ſucceſſo em couſa de tanta importancia. Pedio, e ſupplicou a eſta Virgem Mãy de Deos o ſoccorreſſe,

resse, e juntamente com repetidas instancias disse aos Frades Menores de S. Francisco, que o encomendassem nas suas oraçoens ao Senhor dos exercitos, e como era especial devoto da Senhora das Virtudes, tendo bom successo na empreza a que hia, fes logo tençaõ de fazer ali à messma Senhora hum Convento de Religiosos Franciscanos (a quem pelas suas virtudes amava muito) para que com a sua assistencia fosse bem servida aquella Imperatriz dos Anjos.

Fes ElRey, e o Infante a jornada de Ceuta, e com taõ bom successo, que alcançáraõ as armas Portuguezas (sempre vencedoras) aquella grande victoria, a qual sempre ficou acclamada nas memorias dos homens por glorioso triunfo. E no regresso para Portugal, executou logo fielmente com a palavra de Rey o que tinha prometido. O P. Fr. Manoel da Esperança na sua Historia Serafica, nos certifica, que este Senhor fes doaçaõ deste Convento de Nossa Senhora das Virtudes por carta, à sua Provincia, em cuja doaçaõ nos deu a ler na segunda parte da sua Historia as palavras seguintes: *Fazemos saber, que nòs havendo grande devoçaõ, e fusa, em a muy alta Senhora Madre de Deos, da qual por experiencia muitas vezes sentimos, que era nossa singular advogada, procurando-nos do seu Santo Filho largos, e grandes beneficios, com abundanças de ricas mercès, propuzemos, quando com ElRey meu Senhor, e Padre fomos na tomada de Ceuta, edificar hum Mosteiro de S. Francisco*

Histor. Seraf. 2. part. cap. 22. fol. 573. liv. 11.

na

na Ermida de Santa Maria das Virtudes. Para esta edificaçaõ do dito Convento, houve licença do Papa Martinho quinto, passada em Roma aos treze dias do mez de Março de 1419. Esta carta que aqui fica referida, foy feita aos dous de Abril em Lisboa no anno de 1434, que foy quando se acabou o Convento, sendo jà neste tempo o Infante Rey, e Ministro Provincial dos Padres Menores de S. Francisco, o P. Fr. Affonso do Paraiso. Consta mais da dita carta de doaçaõ, e outras escrituras authenticas, que o devoto Rey D. Duarte quando edificou este Convento, mandou logo junto a elle fazer Paços para a sua pessoa quando ali fosse estar, e juntamente edificou no mesmo sitio hum Hospital com todas as officinas necessarias para os romeiros, que fossem visitar a Senhora das Virtudes, e para os que no tempo da feira ali adoecessem, nelle se curassem, cujos Paços, e Hospital jà hoje naõ hà rastro delles, porque com os descuidos dos Monarcas, o tempo tudo consóme, e acaba.

CAPITULO X.

Descreve-se a fundaçaõ, e existencia da Villa de Torres Novas.

NA distancia de sinco legoas de Santarem para a parte do Nordéste, em lugar concavo, e baixo, jaz situada esta nobre Villa,

que ſempre foy toda cercada de muros, com hum reforçado Caſtello, ao qual onze torres guarnecem a ſua figura, para pompoſo ornato de ſuas honroſas antiguidades. Della temos opinioens provaveis, que foy fundada pelo famigerado Capitaõ Ulyſſes, poucos annos deſpois que reedificou a noſſa Lisboa, vindo com os ſeus Gregos pelo Tejo acima. E deſpois de edificarem neſte ſitio huma pequena povoaçaõ, namorados da pureza das agoas do rio, que por ali faz ſeu caminho para buſcar o Tejo que lhe fica diſtante huma legoa; nelle ſe recreàraõ fazendo-lhe grandes, e divertidas peſcarias: e por verem aquella agoa taõ clara, puzeraõ nome ao rio, chamando-lhe em Grego *Aliomonda*, ou *Almonda*, por cujo nome ainda hoje he conhecido: e deſcendo pelo meſmo rio abaixo, perto de ſua margem, fundàraõ huma Torre, encerrada com muros, a qual chamáraõ *Neupergama*, que na lingoagem Grega he o meſmo que dizer *Nova Torre*. Deſpois diſto paſſados muytos tempos, ſendo a mayor parte das terras deſta Luſitania ſenhoreadas pelos Romanos à força de armas, pela grande reſiſtencia, que eſta Torre lhe fez chamada ſempre *Nova*, os Romanos lhe lançàraõ o fogo. Porèm os Gregos reparàraõ-lhe as ruinas, e lhe puzeraõ outro nome, chamando-lhe *Kaiſpirgama*, que era o meſmo que chamar-lhe *Torre queymada*; cuja denominaçaõ teve, athè que os Romanos com reforçados exercitos ſe fizeraõ ſenho-

res

rês de toda a Lusitania; os quaes logo reedificàraõ esta fortaleza, fabricando-lhe novos muros, e novas Torres, com varios edificios que se lhe foraõ augmentando. E pela semelhança, que achàraõ neste sitio ao da Cidade de Braga, que tambem jà tinhaõ reedificado, lhe déraõ o mesmo nome, que déraõ a Braga, o qual era o de Augusta, em veneraçaõ, e memoria dos triunfos de Augusto Cesar, e para mostrarem que esta povoaçaõ que fizeraõ a tanto custo de seos valerosos braços, era outra nova Braga, divulgàraõ-lhe o nome de *Nova Augusta*; como escrevéraõ os Geografos antigos, e modernos, com o grande Padre Joaõ Baptista Ricciolo dignissimo filho da Companhia de JESUS: dizendo-se primeiro *Torres Novas*, por *Torres queimadas*, e despois conservando o appelido de *Nova Augusta*, que assim se nomeava, athé que a sempre valerosa naçaõ Portugueza expulsou de todo este Reyno aos Romanos, que por naõ ficarem ali destes as memorias lhe tornàraõ a dar o seo antigo nome de *Torres Novas*, com o qual hoje existe, e por elle he conhecida.

Riciol. Geograf. reformad. fol. 620

Consta esta Villa de mil duzentos e quatro visinhos, que saõ freguezes de quatro Paroquias que hà dentro nesta povoaçaõ, e todas Priorados de copiosas rendas; he Matriz a Igreja do Salvador, que tem dez Beneficiados, S. Pedro tem quatro, Santa Maria seis, e Santiago sinco, e tem nove Ermidas, que saõ as seguintes: Nossa Se-

nhora da Luz, Santa Iria, Noſſa Senhora do Valle, Santo Andrè, Noſſa Senhora dos Anjos, S. Joaõ Bautiſta, Noſſa Senhora de Nazarè, S. Domingos, e Santo Amaro: tem caſa de Miſericordia, e hum Hoſpital. Das quatro Paroquiais ſobreditas, que hà neſta Villa, he dellas Padroeiro, e as apreſenta o Excellentiſſimo Duque de Aveiro; porque jà no anno de 1558 poſſuia eſtas rendas Eccleſiaſticas o Biſpo de Ceuta D. Jaime de Alencaſtro, filho do Senhor D. George Meſtre de Santiago. Ha mais no diſtrito deſta fermoſa povoaçaõ dous Conventos de Frades, e hum de Freiras, o primeiro he oque tem o titulo de S. Gregorio de Carmelitas calçados, o qual exiſte em hum ameno ſitio ſobranceiro ao Rocio da Villa, e à Ermida do meſmo S. Gregorio. Nelle collocou o dito Biſpo de Ceuta a precioſa Reliquia, que he a cabeça deſte Santo ſeu titular; em cujo dia he grande o concurſo, que viſita eſta Reliquia, fazendo-ſe patente aos olhos dos ſeus devotos, e ſe lhe fas huma feira onde concorre muito povo dos Lugares circumviſinhos. O Moſteiro de Religioſas chamado do *Eſpirito Santo*, he da Ordem Terceira de S. Franciſco, a cuja fundaçaõ deu principio no anno de 1536 Dona Branca Religioſa profeſſa da Ordem do Patriarca S. Domingos, tia que foy do Arcebiſpo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes; a qual Senhora quando ali ſe recolheo, levou comſigo para aquella nova povoaçaõ de Anjos

na

na terra, ou Paraiſo do Ceo, quatro Donzelas de virtuoſos exercicios, das quais os ſeos nomes ſaõ os ſeguintes: Maria de JESUS, Violante da Conceiçaõ, Jeronyma da Coſta, e Catharina de Santa Clara, que logo na primitiva exiſtencia deſte Moſteiro deraõ obediencia ao Provincial dos Frades Terceiros, o R. P. Fr. Mathias, porèm hoje a daõ ao da Provincia de Portugal; e da fundaçaõ do Convento dos Padres Arrabidos daremos mais larga noticia no Capitulo que aqui ſe ſegue.

CAPITULO XI.

Da-ſe noticia da fundaçaõ do Convento que os Padres da Provincia de Santa Maria da Arrabida tem neſta Villa de Torres Novas, e das mais circunſtancias que lhe pertencem.

JUnto a hum Lugar chamado *Liteiros*, meya legoa diſtante deſta Villa tinha o Duque, Senhor della, e de Aveiro, D. Joaõ de Lancaſtro, fundado hum Convento, com o titulo de *Noſſa Senhora do Egypto*, aos Padres da ſempre veneravel Provincia da Arrabida. Porêm ſe eſte ſitio era agradavel à vida ſolitaria, naõ podia deixar de ſer repudiado por doentio; porque continuamente ſe achavaõ nelle os Padres enfermos, fruſtrando-ſe o fim para que foy edificado, pois ſem ſaude, e forças naõ ſe conſerva bem

a diſ-

a disciplina Regular nos actos Religiosos, que he servir a Deos com vigilante perfeiçaõ. Eraõ estes discommodos patentes a todos os moradores da Villa, e todos dezejavaõ se trasladasse o Convento para mais perto, em sitio q̃ fosse mais saudavel, e dezejando naõ menos os Religiosos a dita trasladaçaõ, fallàraõ nella com algumas pessoas principais daquelle povo, as quais todas approvàraõ a eleiçaõ, sendo esta no sitio a que chamaõ *Berlè*, o qual fica em muito pouca distancia da Villa para a parte do Sul. Para esta obra se effeituar, logo com brevidade tomàraõ por sua conta Antaõ Mogo de Mello, Fidalgo da Casa de sua Magestade, e sua mulher a famosa (pelas suas insignes prendas) Angela Sigéa de Velasco, Dama que foy da Senhora Infante D. Maria filha delRey D. Manoel (da qual Dama em outro capitulo daremos mais larga noticia) darem aos ditos Padres huma terra que possuiaõ no mesmo sitio; cuja doaçaõ foy feita aos tres dias do mez de Janeiro, anno de 1589. Diogo Figueira, que tambem era fidalgo (e quando nòs o naõ soubessemos pelas noticias que temos, bastavaõ os seos heroicos lances, para por elles ser conhecida a sua fidalguia) e sua mulher Maria de Revoredo; os quaes consórtes compràraõ hum cazal que existia neste dito sitio de Berlè, e o deraõ aos Religiosos, para fundarem nelle o Convento; a qual fazenda constava de casas, terra, pomar, e olival, com huma fonte de

agoa

agoa nativa, e se fes doaçaõ ao Convento, juridicamente aos vinte e tres dias do mez de Março no anno de 1590.

Estas terras que jà possuiaõ os Padres Arrabidos por data dos sobreditos devotos, era bastante terreno para se fundar o Convento, porèm entendeo o Guardiaõ, chamado Fr. Fabiaõ da Columna, que para esta fundaçaõ ficar com mais commodo, e ter melhor assento o edificio, era muito preciso comprarse hum olival, que estava mistico com as mesmas terras, o qual era de Paulo Gonçalves, e de sua mulher Anna de Payva, os quais consórtes eraõ taõ devotos de Santo Antonio, e dezejáraõ tanto esta trasladaçaõ, que naõ quizeraõ vendello, mas logo espontaneamente o deraõ por esmola aos Padres para obra taõ pia, e devota. Era neste tempo Padroeiro do Convento, que athê entaõ existia, o Duque D. Alvaro de Lancastro, ao qual tinha fundado seu tio, o Duque D. Joaõ de Lancastro, como jà fica dito, a cuja pessoa de D. Alvaro, dava o Provincial desta penitente familia, conta de tudo o que se movia nesta materia, porque elle Duque quiz ser tambem Padroeiro do novo Convento; e como assim, ordenou logo ao seu Almoxarife fizesse condusir com brevidade todos os materiais para a obra. O seu generoso animo era, que o novo Convento excedesse nas officinas ao antigo. Para este fim mandou, que os officiais estivessem em tudo à disposiçaõ dos Frades

des, que o Provincial nomeaſſe, com o Guardiaõ do Convento. Eſtando pois todas as couſas preparadas, lançouſe a primeira pedra no fundamento da Igreja em dezaſeis do mez de Fevereiro do anno de 1591, e ſe lhe poz a invocaçaõ de *Santo Antonio*, titulo ſempre felice para a naçaõ Portugueza. E com tanto fervor ſe trabalhou neſta devotiſſima obra, que dentro em dous annos ſe vio acabada: pois conſta do Cartorio do meſmo Convento, e da Chronica da meſma Provincia da Arrabida, que lançando-ſe a primeira pedra no anno de 1591, no de 1593, fizeraõ os ditos Padres deixaçaõ do Convento velho, e veyo a Communidade para eſte novo.

Fr. Ant. da Pied. Chronic. da Arrabid. p. 1. liv. 4. cap. 26. fol. 716.

Ficáraõ os Religioſos com mais alivio no commodo das officinas, e com mais ſaude, pela melhora do ſitio, porèm naõ excedendo nunca a ſua fábrica os limites da pobreza, porque neſta eſclarecida familia ſempre realça eſta virtude para com Deos no ſacrificio das humildades, elegendo por vontade propria, arderem ſeos coraçoens nos holocauſtos de ſeos ſantos, e apertados eſtatutos. Com elles viviaõ neſte Convento muito obſervantes no ſerviço de Deos, mas como foy feito com tanta preſſa, por eſta cauſa ficou menos fórte, para reſiſtir às inclemencias, e combates do tempo; e com os receyos de mayores ruinas, no anno de 1639, o reedificou quaſi todo o Guardiaõ delle Fr. Antonio da Mouta, mudando o coro, que eſtava nas coſtas da Capel-

la

la mayor, para cima da porta principal da Igreja; o claustro que era forrado de madeira o mandou fazer de abobedas, renovando tambem os dormitorios, e as mais officinas. Para estas obras concorreo a Duqueza da mesma Villa, a Senhora Dona Anna Maria, e mais algumas pessoas devotas com copiosas esmolas, e se deu fim a tudo deixando-o na ultima perfeiçaõ, e com capacidade de assistirem nelle mais de vinte Frades, por cujo commodo a Provincia o nomeou para nelle se ler, e ser casa de estudos, estribando-se para o sustento de tantas pessoas nas esmolas que este Convento recebe dos devotos moradores da Villa, porque todos commumente conservaõ extremosa devoçaõ com Santo Antonio, desde que o Ceo os despertou com os brados de hum especial prodigio, do qual aqui faremos recordada memoria.

Em hum Lugar do Termo desta Villa, vivia huma mulher de taõ humilde esféra, como era baixo o seu espirito, e juizo, para vir no conhecimento da grandeza de Deos, e no poder que o mesmo Senhor pode dar aos seus Santos com que obrem maravilhosos prodigios. Era ella neste particular taõ incredula dos milagres, que obrava Santo Antonio, nas pessoas, que imploravaõ o seu patrocinio, os quaes milagres sempre voavaõ na fama por portentosos; que lhe negava o culto de guardar o seu dia; vendo-se nesta a opiniaõ do sexo, verdadeiramente adulterada.

 Che-

Chegou em fim o dia deſte glorioſo Santo, dia em que ſe coſtumou ſempre neſta Villa guardar com pompoſos feſtejos, e devendo-o tambem ſolemnizar como catholica, o deſprezou obſtinada na ſua incredulidade. Quiz fazer mais publico o ſeo deſprezo, pondo ſobre a ſua cabeça huma grande porçaõ de trigo, e foy com elle caminhando para hum moinho, com a tençaõ de o fazer em farinha. Neſte tempo ſe voltou no caminho repentinamente, huma ſerpentina de vento, com tanta vehemencia, que naõ podendo reſiſtir-lhe, ſe lhe torceo o peſcoço, e cahio logo morta em terra. Foy levada para a Villa, envolta nos ſeos proprios veſtidos, com ſentimento de todos, por taõ laſtimoſo ſucceſſo. Algumas peſſoas ainda eſperavaõ que ſe lhe tornaſſem a reſtituir os alentos da vida, porèm paſſado o tempo em que naturalmente jà naõ podia ſer, tratavaõ de dar ſepultura ao cadaver deſemparado dos impulſos vitaes. Levaraõ-no para a Igreja, aonde concorreo muito povo, que poderia ſer inſpirado pela Divina Omnipotencia, para q̃ houveſſe oculares teſtemunhas do grande prodigio, que o Ceo quiz patentear a tanta gente, dando a conhecer por eſte meyo os merecimentos do ſeo grande ſervo e valido, Santo Antonio.

Eſtava jà a defunta junto à cova, em que a pouco eſpaço de tempo a haviaõ de ſepultar; quando na prezença de todos os que ali eſtavaõ,

ſe

ſe levantou no esquife em que jazia morta, reſtituida a vida, ſem moleſtia alguma; e fazendo ſuſpender os aſſombros com que aquelle povo ſe alterava, confeſſou em voz alta o ſeo erro, reconhecendo a morte, que tivera por caſtigo da ſua culpa, dizendo que naquelle tempo em que eſpiràra, hum Anjo por mandado de Deos, levára ſua alma a parte donde vira as penas do Inferno, e lhe moſtràra as que ella merecèra padecer, pelo deſprezo com que tratava a ſantidade do glorioſo Santo Antonio; e que de outro lugar admiràra, a grande ſolemnidade, e alegria com que ſe feſtejava no Ceo o dia deſte Santo, por cujos merecimentos Deos Senhor Noſſo foy ſervido, que ella outra vez vieſſe ao corpo para fazer penitencia da ſua culpa, e prègar aos catholicos as virtudes do Santo, para que ſe entendeſſe por eſte cazo o quanto todos deviaõ ſer ſeus devotos. O Padre Meſtre Frey Damiaõ Cornejo na ſegunda parte da ſua Chronica Serafica nos diz que o inſigne Marcos de Lisboa refere eſte ſucceſſo da Chronica antiga, que ſe eſcreveo em Lisboa da vida, e milagres de Santo Antonio (diz q̃ o Author he anonimo) o qual conheceo a eſta mulher, e que ella meſma lhe narrou toda a ſerie do cazo, debaixo de juramento. E diz mais o Padre Cornejo, que eſta Chronica he manuſcrita, e antiquiſſima, e ſe guarda com muyta eſtimaçaõ no Arquivo da Cidade. E tornando nòs a reflectir neſte milagre, naõ duvidàmos, que con-

Cornejo 2. part. liv. 3. cap. 41.

conſervando-ſe na memoria dos moradores naturaes deſta Villa, perſuadiriaõ ao Provincial dos Padres Arrabidos puzeſſe ao novo Convento a invocaçaõ de *Santo Antonio*, para mayor incentivo da ſua devoçaõ.

Senhoreada eſta famoſa Villa pelos Mouros, deſpois dos Godos; do ſeu dominio a livrou o ſempre invicto, ſempre libertador da Chriſtandade ElRey D. Affonſo Henriques, no anno de 1148, e no de 1190 a veyo demolir com hum poderoſiſſimo exercito Miramolim Aben Jozè, que fazendo timbre da ſua inhumana crueldade, naõ perdoando, nem ao mais humilde edificio, poz por terra aquelles levantados coloſſos, que eraõ perpetuos pregoeiros da immortal fama dos ſeos edificadores. Compadecido das ſuas laſtimoſas ruinas ElRey D. Sancho primeiro, a mandou reedificar, renovando-lhe as onze torres, que jà antigamente tinha, e cercar toda de muros, ficando outra vez com o meſmo ſer antigo. ElRey D. Diniz a deu à Rainha Santa Izabel, na occaſiaõ primeira que ſe aviſtou com ella em S. Bartholomeu de Trancozo: deſpois foy dos Infantes de Portugal, e paſſando ao Infante D. Jorge de Alencaſtro filho baſtardo delRey D. Joaõ ſegundo, ſe conſervou athè hoje na Caza de Aveiro, que ſaõ os Duques de Torres Novas.

Eſta Villa he do Arcebiſpado Oriental de Lisboa no Eccleſiaſtico, e no Secular da Prove-

doria

doria de Santarem, ſuppoſto naõ ſer das do numero da Comarca. Nella entra em correiçaõ o Ouvidor de Montemòr o Velho: tem hum Juiz de fóra, tres Vereadores, hum Procurador do Concelho, hum Eſcrivaõ da Camera, tem Juiz dos Orfaõs, com ſeu Eſcrivaõ, hum Alcayde, e mais Officiaes de juſtiça, e no ſeu Termo ſincoenta e ſete Juizes de Vintena. Ha neſta Villa hum Sargento mòr da Ordenança, com onze Companhias: tem abundancia de paõ, admiravel vinho, e azeite, para cujas fabricas ſe lhe contaõ ſincoenta e ſinco lagares, boas frutas, muitos gados, e baſtante caça. He ſem dúvida, que ſe em toda a parte as terras grandes ſe jactaõ de honroſas, por terem em ſi, e nos ſeus moradores eſclarecidas familias, naõ pòdem negar, que eſta encerra em ſi grande numero de nobreza, e muitas caſas com opulentos morgados, os quais ſaõ o dos Vaſconcellos, o dos Pimenteis, e dos Meſquitas, dos Pimentas, dos Avellezes, dos Gouveas, dos Barretos, e dos Mellos, que neſte ſe inclue, Mogos, Carrilhos, Velaſcos, e Caſtanhedas; e naõ menos a nobiliſſima familia dos Freires, e Gameiros, que hoje ſaõ Capitães móres da meſma Villa, naõ ſó eſclarecidos no ſangue, como tambem opulentos nas rendas do ſeu morgado, e pelo conſeguinte os Carneiros, Cottas, Pintos, e tambem os Galvoens. Eſtes fidalgos deſtas familias deſcendem de illuſtres baronias, principalmente de Antaõ Mogo de

Mel-

Mello, e Carrilho, Fidalgo da Casa de sua Mageſtade, ao qual se passárão os brazoens, e armas de seus antepassados. Este Cavalheiro foy cazado com a erudita Angela Sigéa de Velasco, filha de Diogo Sigéo de Toledo, e de Dona Francisca de Velasco, sendo estes consórtes de illustres prosápias em Castella; aquelle dos fidalgos Sigéos de Toledo, esta da esclarecida familia dos Velascos, e pelas suas extremadas prendas, e fidalguia, foy Dama muito querida da Senhora Infanta Dona Maria, filha delRey D. Manoel, e da Duqueza de Bragança, a Senhora Dona Catharina: como tambem foy muito estimado seu marido, da dita Senhora Infanta, e Casa de Bragança. Seu pay Diogo Sigéo foy Mestre delRey D. Joaõ o terceiro, do Infante D. Duarte, do Duque de Bragança D. Theodosio, das Senhoras Dona Catharina, e Dona Maria, que cazou com o Principe de Parma Alexandre Farnesio; e finalmente athè ao tempo que falleceo teve Diogo Sigéo a seu cargo dar a boa educaçaõ a todos os filhos, e netos delRey D. Manoel.

Teve tambem este fidalgo outra filha chamada Luiza Sigéa de Velasco, taõ doutamente discreta, como versada nas lingoas, Latina, Grega, Hebraica, Caldaica, e Syriaca, àlem das duas, a que chamamos *Vulgares*, que saõ *Portugueza*, e *Castelhana*. Corria por toda a parte a fama do talento que Deos lhe quiz dar; e era tal a sua discriçaõ, que muitos Principes da Europa a correſ-

pon-

pondiaõ por cartas, ſó por terem o goſto de lerem a erudiçaõ dos ſeos eſcritos. O Sũmo Pontifice Paulo terceiro lhe eſcrevia para admirar nas reſpoſtas o levantado eſtylo de ſua elegancia. Pelo conſeguinte fazia o meſmo ElRey D. Filippe ſegundo, e outras peſſoas grandes daquelle tempo. Teve por berço Luiza Sigèa em o ſeu naſcimento a Real Cidade de Toledo, e na Hiſtoria que deſta Corte eſcreveo o Doutor Piza, brevemente trata deſte raro ſugeito pelas palavras que aqui ſe ſeguem: *De Luiza Sigéa a Donzella Toledana, fas elegante memoria Joaõ Vazeu em a ſua Chronica de Heſpanha, dizendo, que naõ ſómente póde Heſpanha fazer oſtentaçaõ de Varoens excellentes em erudiçaõ, ſenaõ tambem de mulheres inſignes.* Diogo Sigéo ſeu pay a trouxe de Toledo para Portugal tendo ella poucos annos; e eſtando na flor da ſua idade, teve logo por diſcipula a referida Infanta Dona Maria, em cujo Palacio foy Dama baſtantes annos, e dali ſe cazou com o fidalgo de Burgos chamado D. Joaõ, dos quais procedeo D. Jozè Ronquilho ſeu terceiro neto, Viſconde que foy de Villar, Gentil-homem da Camera de S. Mageſtade.

O Author que eſcreveo a Hiſtoria de Palencia fazendo lembrança das mulheres inſignes de toda a Heſpanha, diz della o que ſe ſegue: *Luiza Sigéa, cujo pay Francez de naçaõ, cazou em Toledo, e com eſta filha, que ali lhe naſceo foy a Portugal, e a meteo em Palacio, em ſerviço da Senhora Infanta*

santa Dona Maria filha delRey D. Manoel. A esta Sigéa ensinou seu pay algumas letras, e ella depois se deu tanto a ellas, que se fes muy sciente na Filosofia, Oratoria, Poesia, e principalmente em as lingoas, Latina, Grega, Hebraica, Syriaca, Arabiga, e Caldaica; as quais fallava taõ facilmente, como a propria lingoa materna; pelo que era conhecida em a mayor parte da Europa. Assim fallou della este Author, e nós somos testemunhas de ver hum livro que compoz em fórma de Dialogo, em que fallaõ as Damas, o qual trata de differençar a politica que hà entre a vida cortezãa de Palacio, da solitaria da aldea, e campo, cousa discretissima. No anno de 1596, por mandado de sua ama (a dita Senhora Infanta) a quem dedicava as suas obras; fes a descripçaõ da Villa de Cintra, que naquelle tempo era a propria Casa de campo dos Reys de Portugal; tambem obra digna do seu talento.

Fr. Miguel Pacheco na Vida da Senhora Infãta D. Maria cap. 3. liv. 2. fol. 65.

Sendo Luiza Sigéa admirada no mundo por todas estas sublimes prendas, que a sua fortuna lhe quiz dar; a ella era tambem igual nas mesmas partes sua irmãa Angela Sigéa de Velasco, sendo juntamente taõ singular na musica, que era assombro a todos os musicos, e musicas daquelle tempo. Seu corpo jaz em sepultura particular na Capella do Bom JESUS crucificado, na Paroquial Igreja do Salvador desta Villa de Torres Novas, Imagem muito milagrosa, chamada antigamente dos *Lavradores*; cujo jazigo foy sempre, e he dos Mellos, e Mogos, naturaes da

mesma

meſma Villa. Deſta grande Senhora por todos os titulos Angela Sigéa, ſe lembraõ em ſuas memorias varios Nobiliarios deſte Reyno. Neſte povo ſe achaõ ainda alguns retratos ſeus, principalmente em caſa de ſeu terceiro neto Joaõ de Mello Carrilho de Velaſco, com muitos livros, que doutamente compôs: e tambem ali ſe vê o retrato de ſua irmãa Luiza Sigéa, com a noticia de huma honrada carta, gravada toda de eſpeciais laudatorias, que lhe mandou o Papa Paulo terceiro, envolta com muitas graças de Indulgencias, ſendo iſto no anno decimo-terceiro de ſeu Pontificado, paſſada em Roma a outo do mez de Janeiro de 1547, de cuja carta ſaõ eſtas as primeiras palavras: *Dilecta in Christo, filia ſalutem &c.* Deſtas duas famigeradas irmãas, fazem mençaõ nobiliſſimos Eſcritores; e o grande Antonio de Souſa de Macedo ſe lembra dellas, nas ſuas Flores de Heſpanha, e Excellencias de Portugal, cap. 8. fol. 69. Excel. 11. Vazeu. tom. 1. cap. 9. Textor. *in Officiis cap. de Mulieribus devotis.* Franciſco Soares Toſcano nos Parallelos de Varoens illuſtres, Rezende, e Duarte Nunes de Leaõ, na Deſcripçaõ de Portugal, com outros muitos que aqui naõ lançamos, por naõ moleſtar os leitores. O Anno em que falleceo Luiza Sigéa, ſabemos que foy no de 1569, e que jaz ſepultada no Convento dos Padres Carmelitas deſta Villa que jà apontámos, no jazigo de ſeos pays, Diogo Sigéo de Toledo, e D. Franciſca de Velaſco; porèm

Agiol. Luſitan. 3. tom. a 10. de Junho fol. 625. l A. no Comment.

o tempo do fallecimento de ſua irmã Angela Sigéa ignoramos. De muitas mais peſſoas naturais deſta nobre Villa, inſignes em muitas artes, e virtudes, puderamos aqui com mais difuſaõ fazer lembrança, mas como em diverſas eſcrituras cõ outra elegancia ſe tem jà patenteado ao mundo, naõ ſerà juſto, q̃ com eſtas noſſas de eſtilo mais humilde, demos cauſa a q̃ ſe enfaſtiem os diſcretos, e curioſos leitores. Tem eſta Villa voto em as Cortes, que ſe fazem no Reyno, tendo o ſeu aſſento no banco ſexto: as ſuas armas que ſe eſtaõ vendo abertas em pedra, ſobre huma porta antiga deſta famoſa povoaçaõ, cifraõ-ſe em huma Torre, com huma maõ por cima della, apertando huma maça de ferro.

CAPITULO XII.

Em que ſe deſcreve a Villa da Gollegaã, e o que em ſi inclue.

FIca eſta Villa ſituada na Provincia da Eſtremadura, huma legoa de Torres Novas, para a parte do Suduèſte, e quatro de Santarem ao Nordèſte, em hum lugar razo, ficando o ſeu aſſento contiguo com dilatadas campinas; as quaes a fazem abundante de muito paõ, vinho, azeite, legumes, e grande copia de diverſo gado. He da Coroa, e tem ao prezente tempo em que eſtamos, ſeiscentos e trinta e dous mora-

moradores, que todos saõ freguezes de huma só Igreja Paroquial, cujo titulo, e Orago, he, *Nossa Senhora da Conceyçaõ*, a qual Igreja he fundaçaõ delRey D. Manoel: tem hum Vigario, que Sua Mageſtade apreſenta, com hum Cura, e Theſoureiro. Ha neſta Villa huma Caza da Miſericordia, com ſete Capellaens, e ſeis delles tem a obrigaçaõ de dizerem todos os dias Miſſa na Capella de Noſſa Senhora dos Anjos, a qual foy inſtituida por Fernaõ Lourenço. Tem mais quatro Ermidas, as quaes ſaõ das invocaçoens ſeguintes: *O Salvador, o Anjo S. Miguel, S. Joaõ, Santo Antonio*, e diſtante da Villa hum quarto de legoa, para a parte do Nordèſte, eſtà ſituado hum pequeno Convento de Frades Franciſcanos da Religioſa Provincia de Portugal, com a invocaçaõ de *Santo Inofre*, em o qual aſſiſtem dez ou doze Religioſos: porèm do ſeo principio naõ dizemos alguma couza, porque naõ temos as noticias, nem achamos que fallem na ſua fundaçaõ os Padres Chroniſtas da meſma Provincia nas ſuas eſcrituras, principalmente na Hiſtoria Serafica, que por eſta razaõ entendemos, que ou ſerà demaſiadamente antigo, ou muito moderno.

Militaõ no governo Civil deſta Villa da Gollegaã hum Juiz de Fóra, tres Vereadores, hum Eſcrivaõ da Camera, e hum Procurador do Concelho, e dous Eſcrivaens do Judicial. Ha ali hum Juiz dos Orfaõs, o qual tem ſeu Eſcrivaõ, outro da Portagem, e hum das Siſas, outro Eſcrivaõ

das Notas, hum Alcayde, e hum Enqueredor. No Ecclesiastico, tem hum Vigario da Vara com seu Escrivaõ, e dous Meyrinhos. E no que toca ao Militar tem duas Companhias da Ordenança, que estaõ sobordinadas ao Sargento mòr da Villa de Santarem, aonde reside. Ha nesta Villa huma grandiosa feira, e taõ grande, que se regula pela mayor do Reyno, em a qual fazem os moradores entre si pagamentos geraes das fazendas de que se encarregaõ; nella concorre muyta gente de todo este Reyno, e de Castella, e he a onze do mez de Novembro, começa em o dia de S. Martinho, continuando-se o tempo de outo dias. O Termo desta terra tem duas legoas de comprido, e pouco menos de largura: nelle ha quatro grandiozas quintas, as quais saõ; a *Labruja*, que he dos Padres da Companhia de Santarem; e a da *Cardiga*, que tem doze Torres, he dos Religiosos de Thomar da Ordem de Christo; a terceira he a que chamaõ dos *Alemos*, que he do Conde de Santiago, e a quarta he a do *Paul*; e no districto do mesmo Termo ha estas Ermidas, S. Sebastiaõ, e S. Caetano. Ha nesta terra algumas familias muy esclarecidas, as quais saõ dos seguintes Appelidos, Guimaraens, Feyjos, Pintos, Carneiros, Coutinhos, Gameiros, Mellos, Rebellos, Sotìs, Carrolas, e Vàsconsellos, e Gouveas. As armas, que tem esta Villa, naõ constaõ mais que de huma mulher com huma infuza na maõ, que dizem fora a sua fundadora; a qual fabri-

fabricou neste distrito huma estalagem, para nella dar de comer aos viandantes, e por esta mulher ser Galega, e concorrer àquella sua pouzada grande numero de pessoas, no principio do Reyno desta palavra *Galega*, que todos lhe chamavaõ, se corrompeo o vocabulo à Villa dizendose *Gollegaã*, que he o nome que athè hoje conserva.

CAPITULO XIII.

Das noticias da Villa de Alcanede.

A Antiga Villa de Alcanede, fica em distancia de Santarem quatro legoas entre o Noroèste, e o Norte. Està situada ao pè da Serra de Ayre, mas ainda na sua fralda, com seu Castello antigo, que he obra dos Romanos, e a Villa a mandou povoar de novo o nosso Rey D. Affonso Henriques, pelos annos de 1163, dando poder a hum fidalgo, chamado Gonçalo de Sousa para o mando, e disposiçaõ desta obra; e para a edificaçaõ do Ecclesiastico a encarregou ao Real Convento de Santa Cruz da Cidade de Coimbra. Despois no anno de 1187, El-Rey D. Sancho o primeiro, fez mercè della à Ordem Militar de Aviz. Tem trezentos visinhos com pouca diferença, que todos saõ freguezes de huma Paroquial Igreja, da qual he Orago N. Senhora da Purificaçaõ, e o Prior della he Frey-

re

re da Ordem de Aviz, com quatro Beneficiados, os quaes saõ todos Curados, e tambem o he o Thesoureiro. Ha nesta terra huma Caza de Misericordia, hum Hospital, e as seguintes Ermidas. Nossa Senhora da Conceyçaõ, Santo Antonio, e S. Silvestre. A Ordem de Aviz fes ElRey D. Diniz doaçaõ desta Villa, e de todo o seu Termo, com a Igreja Paroquial no anno de 1337. Temos na memoria a noticia, que foy esta Villa Cabeça de Condado, cujo titulo deu ElRey D. Filippe o terceiro, a hum fidalgo dos mais illustres de Portugal, chamado D. Francisco de Alencastre, Commendador mòr de Aviz. Desta mesma Villa, foy Alcayde mòr, e juntamente Cõmendador, o Conde de Villa Nova de Portimaõ D. Luiz de Alencastre. Ha nella dous Juizes, que saõ ordinarios, tres Vereadores, com seo Escrivaõ da Camera, hum Procurador do Concelho, ha Juiz dos Orfaõs, com seu Escrivaõ, hum Escrivaõ dos direitos Reaes, outro das Sisas, seis Tabaliaens do Judicial, e Notas, e hum Alcayde. No que toca ao Militar, tem hũ Capitaõ mòr, hum Sargento mòr, que governa cinco Companhias da Ordenança, e ha mais duas de Auxiliares.

Para mayor credito daquelles, que verdadeiramente saõ servos de Deos, e para que mais seja patente ao mundo, o quanto o mesmo Senhor acode pelo credito da innocencia, expenderemos aqui hum maravilhoso caso, por ser prodigio

digio, ſuccedido neſta Villa em prezença de todos os ſeus moradores, e foy com pouca diferença e em ſumma (para abreviarmos palavras) na fórma ſeguinte. Do famoſo, e Religioſiſſimo Convento de Aviz, para a Igreja Paroquial deſta Villa de Alcanede, foy ſer Prior o Padre Frey Lopo Vaz Folgado natural de Lisboa, Padre de letras, e virtudes. E quando deſta Cidade foy para o Priorado, levou comſigo ſua Irmãa Anna Cerqueira do Avellar, que ambos eraõ filhos de Marçal do Avellar Folgado, e de ſua mulher Catharina Cerqueira. Era eſte perfeito, e virtuoſo Paroco, muyto vigilante, e zeloſo do bem eſpiritual dos ſeus freguezes, e juntamente eſmerado na perfeiçaõ do culto, que a Deos ſe devia dar na ſua Igreja. He ſem duvida que para mayor gloria ſua teve logo naquella Villa huns inimigos, os quaes obſtinadamente com teſtemunhas falſas lhe imputàraõ aleivoſamente crimes, pelos quaes foy prezo para Lisboa, e deſpois de ſofrer muyto tempo com paciencia o aperto da prizaõ, ſabida, e bem juſtificada ſua innocencia, ſahio para o mundo ſolto e livre, e para Deos mais purificada a ſua virtude: mas para os coraçoens ferinos, muitas vezes naõ lhes baſta o conhecimento da verdade, porque della meſma lhe fórma o demonio materia à ſua ſevicia: pois neſte caſo ſuccedeo, que vendo-o ſeus inimigos livre da prizaõ, o matàraõ com veneno, ſendo para iſto medianeira huma mulher que lhe mini-

ſtrava

ſtrava o ſuſtento, a qual elles compràraõ por muito dinheiro. Porèm, oh que inexcrutavel he a grandeza de Deos, quando quer moſtrar aos homens os ſeos prodigios, pois deſde a hora em que o Santo Padre expirou em Lisboa, athè o tempo que lhe encerràraõ o corpo na ſepultura, os ſinos da ſua Igreja de Alcanede eſtiveraõ dobrando por ſi ſós, ſem para iſſo peſſoa alguma lhe pôr maõ, ou outro impulſo de algum inſtrumento: e ſó ſe deve entender que quiz o Ceo que aquelles bronzes inſenſiveis foſſem pregoeiros para acordarem bradando nos ouvidos dos mortais, eſpecialmente de ſeos inimigos, a fereza, e deſumanidade da ſua tirania, executada na pura innocencia deſte juſto, para confuſaõ da malicia, e temor dos animos perverſos. E aonde paſſa mais adiante o noſſo reparo he, que os ſinos ſe dobràraõ com tanta violencia, que todos ſe quebràraõ, ſem algum delles ficar inteiro. Todo o referido caſo antes de o acharmos na Corografia Portugueza, o lemos em hum tratado manuſcrito, que com erudiçaõ admiravel compoz Simaõ Froes, natural da meſma Villa, peſſoa erudita, e de eſclarecidas familias, parente por ſucceſſiva deſcendencia do dito Prior; por quem Deos obrou eſta grande maravilha.

Corografia Portugueza tom. 3. fol. 256.

CAPI-

CAPITULO XIV.

Da Villa da Azambugeira.

DEsta Villa temos muito pouco que dizer, porque naõ pudemos descobrir alguma noticia da sua antiguidade; porèm ainda que a sua povoaçaõ seja limitada por ter poucos moradores, e estes serem de nobrezas naõ muito conhecidas, e ignorarmos o principio do tempo em que foy fundada, precizo he fazer aqui memoria do que della temos na lembrança. De Santarem duas legoas para a parte que fica entre o Noroèste, e o Norte, tem o seu assento a Villa da Azambugeira, cujo nome dizem lhe deu o povo daquelles Lugares circumvisinhos, por estar antigamente cercada de muitas arvores de Azambujos, e ainda hoje se estaõ vendo ali muitos delles. Tambem sabemos, que antigamente sendo só Lugar, e naõ Villa, foy annexo à Igreja de S. Joaõ da Ribeira, cuja Paroquia existe no limite do Termo de Santarem. ElRey D. Joaõ o quarto, fes este Lugar Villa pelos annos de 1654, sendo Senhor della Lourenço Pires de Carvalho, Provedor que foy das obras Reaes do Paço, com hum Ouvidor posto ali por elle, e hoje he seu donatario o Conde de Soure, por descendencia do sobredito fidalgo Lourenço Pires. Tem esta Villa huma só Igreja Paroquial, com quarenta e qua-

quatro visinhos, isto he fallando daquelles que moraõ dentro della, porèm com os que moraõ mais distantes, consta de cento e treze moradores, que todos saõ freguezes da dita Paroquia: esta he Vigairaria collada, da apresentaçaõ dos Arcebispos de Lisboa, com duas Ermidas annexas; e tem mais annexo o Lugar da Louriceira, e o de Alfouvez, com varios cazais, e quintas, que tudo comprehende o seu Termo. He abundante de azeite, vinho, paõ, legumes, gados, e bastante caça. No que toca à Justiça desta terra, sabemos que tem dous Juizes Ordinarios, tres Vereadores, com hum Escrivaõ da Camera, hũ Procurador do Concelho, hum Juiz dos Orfaõs com seu Escrivaõ, hũ Tabaliaõ, e hum Alcaide, e no Militar, huma Companhia da Ordenança.

CAPITULO XV.

Da Villa de Alcoentre.

EM hum sitio baixo, quatro legoas da nossa Villa de Santarem para a parte do Noroèste, tem o seu assento esta Villa de Alcoentre na marge de huma frondosa, e amena ribeira, que lhe banha os pès com suas agoas, e a ferteliza de diliciosas frutas, paõ, vinho, e azeite. Compoem-se o numero dos seus moradores com os do seu Termo, de mais de duzentos e setenta: ha nella huma Igreja Paroquial com o altissi-

altiſſimo titulo de Noſſa Senhora da Encarnaçaõ; cujo Priorado apreſentaõ as Freiras de Villa de Conde. Tem hum Hoſpital, e quatro Ermidas, que ſaõ: N. Senhora do Populo, o Eſpirito Santo, Santo Antonio, e S. Roque. O ſeu Termo tem os ſeguintes Lugares: Tagarro, que lhe fica em pouca diſtancia, em o qual ha huma fermoſa Ermida do glorioſo S. Pedro com Sacrario em que eſtà o SANTISSIMO SACRAMENTO de morada, a cuja Ermida aſſiſte hum Capellaõ Curado, que dali adminiſtra os Sacramentos aos enfermos do meſmo terreno. O Lugar das Quebradas, ſitio aonde chamaõ a *Quinta da Retorta*, com duas Ermidas, huma do Martyr S. Sebaſtiaõ, e outra de Santo Antonio, e o Lugar de Alcoentrinho. Deſte Villa foraõ antigamente Senhores, os Marquezes de Villa Real, que dizem a vendèraõ a hum Fidalgo chamado *Martim Affonſo de Souſa*, Governador que foy da India, o qual fundou nella hum Palacio com huma notavel Torre, à imitaçaõ da de Dio, que ſe celebra no Oriente por couſa admirada: della trouxe eſte fidalgo o reſcunho, e no dito Palacio que fes neſta Villa ainda hoje exiſte, ſendo agora Senhor delle, e da Villa o Conde de Vimieyro. Achaõ-ſe junto a eſta Villa, e ſeu Termo grandioſas quintas, as quaes ſaõ, a da Murteira, que foy ſempre da familia dos Salemas Almeidas, outra que he Cabeça de Morgado dos Carvalhos Pachecos, a quinta chamada da *Ferraria*, que poſſuem os

Gomes Correas Barbas, e outras mais de diversos donos, de grandes rendimentos.

CAPITULO XVI.

Da Villa de Almeirim.

DAs Villas que comprehende esta grande Comarca de que vamos dando noticias, a primeira que encontràmos da banda dàlem do Tejo, he Almeirim. E porque della fazemos caminho para as mais que existem na dilatada campina transtagâna, desta parte serà ella a primeira em que hiremos torcendo o fio à ordidura destas memorias. De Santarem huma legoa passando o celebrado Tejo, para a parte do Suèste, na estremadura do seu fermoso campo, e charneca (que huma couza, e outra dali domina) se descobre em plano terreno a nobre, e règia Villa de Almeirim, deliciosa recreaçaõ que sempre foy das nossas Magestades Portuguezas, assim pela abundancia de toda a variedade de caça, como pelas divertidas pescarias do rio de Alpiaça; o qual como cinta de prata em vagarosa corrente, offerece grato à Villa pela sua margem, os saborosos peixes, que com especialidade aos mais rios em si cria; e por consequencia toda a volataria que em seu largo campo habita. Querem dizer alguns antiquarios do nosso Reyno, que foy fundada pelo magnanimo Rey D. Joaõ o pri-

o primeiro. Porém temos noticias muito provaveis que jà no tempo em que os Mouros ſenhoreavaõ Portugal havia neſte ſitio alguma povoaçaõ, pois os meſmos Mouros lhe déraõ o nome que hoje tem, e bem ſe eſtà vendo que na lingoagem Arabiga todos os nomes de terras ſempre principiaõ por *Al*, como Alenquer, Almada, Alfiziraõ, e as mais a que elles déraõ os nomes. E pelos annos de 1411. o dito Rey D. Joaõ, a mandou novamente povoar, e a fez Villa como hoje a vemos. ElRey D. Manoel lhe fez hum Palacio Real, que em numero de cazas, e fabricas Règias, excede a todos os mais que as Reaes Peſſoas tem neſte Reyno; com huma dilatada horta, a qual encerra em ſi hum tal laberintho de ruas, tecidas de altiſſimos buxos, enlaçando-ſe em partes por cima em cópa taõ fechada, que os rayos do Sol lhe naõ penetraõ nunca as eſtancias de ſeus pavimentos: repartindo-ſe em regulares quadros, aonde ſe vê em diverſas partes, com delicia da viſta o argenteado elemento por artificio humano, elevar-ſe gracioſamente à regiaõ aéria para nella deplorar em criſtallinas perolas, a liberdade que perdéraõ as ſuas nevadas correntes: fazendo tudo huma perſpectiva armonioſa, e agradavel ao emprego dos olhos, que dà ſummo recreyo à vida humana, e para a meditaçaõ virtuoſa, tem ali na ſolidaõ dos boſques propria, e adequada eſtancia para o exercicio contemplativo.

Tanto apreço faziaõ os noſſos Reys deſte Palacio,

lacio, e tanto estimavaõ esta Villa de Almeirim, que nella nasceo aos 28. do mez de Março anno de 1541. o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte, filho delRey D. Manoel, e de Dona Isabel, filha do Duque de Bragança D. Jayme. Foy Duque de Guimaraens, e Condestavel deste Reyno, e ainda mais a illustrou com o seu nascimento o Cardeal D. Henrique no ultimo dia de Janeiro de 1512, Rey que foy deste Reyno, filho outavo delRey D. Manoel, e setimo de sua segunda mulher a Rainha Dona Maria, e a hi pelos annos de 1579 fez Cortes, tratando da successaõ do Reyno, depois que succedeo a lastimosa perda do nosso exercito em Africa. Ao qual posto que alguns o façaõ nascido em Lisboa, e morto em Almeirim, tenho por certo lhe tiraõ a terra verdadeira de seu nascimento, e a ella a gloria de ser patria de hum tal Heroe, o que brevissima, e evidentemente mostrarey para naõ defraudar ao Termo da Villa de Santarem desta ventura.

Faria Epitome das Historias Portuguezas. cap. 18. fol. 236.

O Senhor Rey D. Manoel foy filho sexto do Infante D. Fernando Duque de Viseo, que o era segundo do Senhor D. Duarte, e da Senhora D. Beatriz filha do Infante D. Joaõ sexto filho do Senhor Rey D. Joaõ o primeiro &c. *Vide* Epitome de las Historias Portuguezas de Faria part. 3. cap. 15. f. 190. O mesmo na sua Europ. Portugueza tom. 2. part. 4. cap. 1. fol. 491. Epitome Chronologico, Genealogico, e Historico de Bonucci. liv.

liv. 4. §. 15. fol. 517. & alib.

Do ſegundo matrimonio com a Senhora D. Maria filha dos Reys Catholicos teve primeiro ao Princepe D. Joaõ que lhe ſuccedeo em os Reynos, e o terceiro do nome. Segundo a Dona Iſabel que caſou com o Emperador Carlos quinto Rey de Eſpanha. Terceiro, a Infanta D. Beatriz que caſou com Carlos Duque de Saboya. Quarto, o Infante D. Luiz Pay do Senhor D. Antonio Prior de S. Joaõ do Crato. Quinto, o Infante D. Fernando que foy caſado com Dona Guiomar, herdeira da Caſa de Marialva, e morreo ſem deixar filhos. Sexto, o Infante D. Affonſo que foy Cardeal, e Arcebiſpo de Lisboa. Septimo, o Infante D. Henrique que tambem foy Cardeal, e veyo a ſer Rey de Portugal, primeiro do nome de quem aqui tratamos. Outavo, o Infante D. Duarte que ſendo caſado com D. Iſabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e da Duqueza D. Leonor filha do terceiro Duque de Medina Sidonia, teve deſte deſpoſorio ao Senhor D. Duarte, que morreo moço, e a Senhora D. Maria que caſou com o Principe de Parma Alexandre Farneſio, e a Senhora D. Catharina que caſou com D. Joaõ Duque de Bragança. Teve mais o Senhor D. Manoel deſte matrimonio. Nono, o Infante D. Antonio. Decimo, a Infanta D. Maria, que morrèraõ de pouca idade. *Vide.* Reys de Portugal, e Emprezas Militares de Luſitanos. liv. 8. fol. 180. O P. Antonio de Vaſconcellos

cellos Anacephaleosis. 18.fol.263. O Ceo Aberto na terra do P. Francisco de Santa Maria. liv. 1. cap. 3. fol. 195. do mesmo o Anno Historico, e Diario Portuguez dia 31. de Janeiro fol. 138. Epitome de las Historias Portuguezas de Faria. part. 3. cap. 15. fol. 205. e cap. 18. fol. 236. do mesmo Europa Portugueza tom. 2. part. 4. cap. 1. fol. 555. E no 3. tom. part. 1. cap. 2. fol. 37. Benedictina Lusitana. trat. 2. Prelud. 2. part. 6. §. 1. fol. 385. Epitome de Bonucci. *Ibid.* liv. 4. §. 18. fol. 520. Vida do Serenissimo Principe Eleitor Wilhelmo. Arvore 2. da Genealogia dos Reys de Portugal. fol. 282.

Nasceo o Senhor Cardeal Rey em Almeirim a 31. de Janeiro de 1512. Epitome de Faria. *Ibid.* cap. 18. fol. 236. E na sua Europa Portugueza. trat. 3. part. 1. cap. 2. fol. 17. Epitome de Bonucci. liv. 4. §. 18. fol. 320. Vida do Serenissimo Principe Eleitor Wilhelmo na Arvore da Genealogia dos Reys de Portugal. fol. 282. Alcobaça Illustrada. tit. 16. fol. 476.

O virtuoso Bispo de Coimbra D. Jorze de Almeida foy que bautisou ao nosso Cardeal Rey. Anno Historico, e Diario Portuguez. dia 31. de Janeiro §. 2. fol. 138. Faria Europa Portugueza. t. 2. part. 4. cap. 1. fol. 529. &c.

Foy creado Cardeal do titulo dos Santos quatro coroados no anno de 1546. por Paulo terceiro com privilegios de Legado *à Latere* neste Reyno. Foy Arcebispo das tres Igrejas Metropolitanas,

nas, Braga, Lisboa, e Evora. Abbade de Alcobaça, Prior de Santa Cruz de Coimbra em o lugar de seu irmaõ D. Affonso por causa de ser assumpto à dignidade de Cardeal. O P. Antonio de Vasconcellos Anacephaleosis. 21. §. 2. fol. 328. §. 5. fol. 330. §. 15. fol. 336. Anno Historico, e Diario Portuguez dia 31. de Janeiro. §. 3. fol. 138. 139. Epitome de Bonucci liv. 4. §. 18. fol. 236. Na sua Europa Portugueza Faria t. 3. cap. 2. f. 37. Vida do Serenissimo Principe Eleitor Wilhelmo. Arvore 2. da Genealogia dos Reys de Portugal. fol. 282.

Pela perda de ElRey D. Sebastiaõ na infelice jornada de Africa, e por a falta de succeſsaõ nesta Coroa foy aclamado Rey seu tio o Senhor Cardeal Rey de que fallamos a 22. de Agosto de 1578. com 76. de idade mais para a tumba que para o sétro. Faria Europa Portugueza. t. 3. cap. 2. part. 1. fol. 38. Anno Historico. §. 3. fol. 139, e 140. Do mesmo, Ceó Aberto na terra. liv. 1. cap. 4. fol. 197. Alcobaça Illustrada. tit. 16. f. 473. Vida do Serenissimo Principe Eleitor Wilhelmo. Arvore 2. da Genealogia dos Reys de Portugal. fol 282. Epitome de Bonucci. liv. 4. §. 18. f. 521. Memorias Historicas de Frey Monoel de Sà cap. 5. §. 14. fol. 12.

Fazendo hum circulo perfeito a 31. de Janeiro de 1580. entregou sua alma ao Creador com 78. de idade, e hum e meyo de reynado na Villa de Almeirim, proprio Lugar onde nasceo,

ceo, ſendo nelle meſmo depoſitado. Faria Europa Portugueza. t. 3. part. 1. cap. 2. fol. 60. E no ſeu Epitome part. 3. cap. 18. f. 247. Epitome de Bonucci. liv. 4. §. 18. fol. 521. Theſouro dos Prudentes. liv. 1. Catalogo dos Reys de Portugal. fol. 44. Vida do Sereniſſimo Princepe Eleytor Wilhelmo. Arvore 2. da Genealogia dos Reys de Portugal. fol. 282. Alcobaça Illuſtrada. tit. 16. fol. 476. Collecçaõ dos Documentos da Academia Real da Hiſtoria Portugueza de 1724. Catalogo dos Biſpos de Coimbra. §. 7. fol. 159. Benedictina Luſitana. trat. 2. prelud. 2. part. 6. §. 2. fol. 486.

No anno de 1582. por Ordem de Filippe o Prudente foy ſeu corpo trasladado para o Real Moſteiro de Belem onde exiſte, e neſta occaſiaõ ſe achou ſeu corpo inteiro, e incorrupto. Epitome de Bonnucci liv. 4. §. 18. fol. 521. Epitome de las Hiſtorias Portuguezes de Faria. part. 3. cap. 18. fol. 242. & alibi.

O P. M. Franciſco de Santa Maria Conego Secular no ſeu Anno Hiſtorico, e Diario Portuguez no dia 31. de Janeiro. §. 2. fol. 138. E Manoel de Faria, e Souza na ſua Europa Portugueza. t. 2. part. 4. cap. 1. §. 70. fol. 529. E o Padre Antonio de Vaſconcellos, Anacephaleoſis. 21. §. 1. fol. 327. dizem que o Cardeal Rey naſcera em Lisboa, concordando com os mais Authores no dia, mez, e anno: ſó ſe diferençaõ no lugar, e como ſaõ Authores que pela ſua penna ſe fizeraõ

benemeritos do credito que hoje todos os Eſcritores lhes tributaõ; preciſo ſe faz, que com alguma attençaõ vejamos o que narraõ procurando ſaber o motivo que tiveraõ para aſſim o eſcreverem.

Diz o P. M. Franciſco de S. Maria que o Cardeal Rey naſcéra em Lisboa, o que encontra a verdade; porèm evidentemente ſe moſtra que naõ errou em dizer que naſcèra em Lisboa, antes procurando Authores de nota ſegundo ſeu coſtume, expoz quanto elles lhe enſinavaõ (ainda q̃ os naõ cite) cõ tudo claramẽte ſe conhece q̃ ſeguio a Manoel de Faria e Souſa na ſua Europa Portugueza. t.2. em que trata da vida delRey D. Manoel, onde affirma que naſcèra o Cardeal Rey em Lisboa, e com as mais circunſtancias que o dito P. M. delle tirou; e como a Hiſtoria naõ admitte compoſiçaõ nova, porque he ſó narrar o que os Authores mais graves dizem deſte, ou daquelle modo, que iſſo fica ao diſcurſo do Author conforme o ſeu intento, porèm o eſſencial, o hade tirar de outrem, que naõ pòde ſer proprio. Cauſa porque nos enſina o P. M. o meſmo que de Faria colheo, e naõ he erro de quem para o ſeu ramalhete procura roſas, lhas ponha com os eſpinhos que ellas comſigo trazem; e como ſeguio a Faria, naõ podia dizer ſenaõ o que elle lhe inſinuava, eſtilo que nos Hiſtoriadores naõ ſó he commum, mas preciſo, por naõ poder ſer o contrario, e aſſim naõ podemos imputar culpa ao P. M., nem ſeguir o

que elle neste lugar diz, sem averiguarmos a causa que teve quem elle seguio, para dizer que o seu nascimento fora em Lisboa. De que seguio a Faria naõ faz duvida, e veja-se com attençaõ na parte citada.

Diz Manoel de Faria e Sousa, que o Cardeal Rey nascéra em Lisboa, o que he inadvertencia, e esta nascida do lugar aonde o traz, que he na vida delRey D. Manoel seu pay, onde o seu principal fundamento he só narrar a Vida delRey D. Manoel, e naõ a de seu filho D. Henrique, e só para a de que tratava havia de procurar os principais fundamentos, e naõ para a de D. Henrique, por muy brevemente fallar delle em hum só parrafo, em que lhe naõ era preciso para o ponto da sua narraçaõ, pôr o dia, mez, e anno, e parte donde nasceo o nosso Cardeal Rey, pois naõ era aquelle o seu lugar proprio; e como das cousas feitas por demais se naõ fas caso, como as que saõ obradas de proposito, passou Faria adiante com o seu intento, sem fazer reparo no que tinha dito. E a razaõ se conhece quando elle trata especialmente da vida do Cardeal Rey, para a qual precisamente havia de procurar os melhores Authores, que sobre a sua Historia fallassem, e delles tirar o que lhe parecesse mais certo, e procurar desfazer as dúvidas que se lhe offerecessem: logo he certo que nesta parte se lhe deve dar mayor attençaõ; e como nella diga que nasceo em Almeirim, como se vê na sua Europa

pa Portugueza 3. t. na parte jà citada, naõ póde haver razaõ para que deixe de ſeguir eſta parte, que trata eſpecialmente da ſua vida, e naõ aquella onde naõ he o ſeu intento fallar da vida de D. Henrique, ſenaõ da vida de ſeu pay. E quando a dúvida ſó conſiſtiſſe em qualquer deſtas partes, ſó ſe devia dar mais credito ao que eſtà jà decidido: veja-ſe o meſmo Author no ſeu Epitome jà citado, em que diz, que naſcèra em Almeirim; e aſſim claro eſtà que foy engano em dizer que naſceo em Lisboa, e ſó ſe deve ſeguir o contrario, como o meſmo declara, e os mais Authores, por ſer a parte onde havia de procurar as noticias mais ſólidas, para com mais pura verdade nos noticiar o ſeu intento; e podia naſcer tambem eſte engano de pôr ſó o que na ſua mente ſe lhe fazia muy preſente, ſem fazer mais diligencia, em attençaõ do lugar, a que ſe lhe naõ póde chamar erro, e ſó eſte teria lugar ſe quando trataſſe da vida do Cardeal Rey, puzeſſe ſem mais diligencia, o que ſe lhe repreſentava, que tinha naſcido em Lisboa, mas como elle diga o contrario, que naſcéra em Almeirim, claro eſtà, que ſó iſto devemos ſeguir como tratado na parte mais principal, e a que ſe deve dar mais attençaõ.

Diz o P. M. Antonio de Vaſconcellos, que o Cardeal Rey naſcéra em Lisboa. Naõ poſſo verdadeiramente conhecer a cauſa, nem achar Author que o ſiga, nem a quem elle ſiga neſta mate-

materia, e só me parece ser o motivo, que como Author mais antigo, se fiasse de algum manuscripto, que estivesse viciado, ou de noticia de pessoa (que naõ fosse muy certa em este lugar) que lhe parecesse fidedigna, e com isto sómente escrevesse, motivado de naõ haver ainda Escritores publicos da vida do nosso Cardeal Rey, como por estar neste tempo ainda a lembrança fresquissima, que o motivou a naõ fazer diligencia de saber se a noticia q̃ se lhe participàra era verdadeira, e assim muy facilmente se enganaria; o que naõ deixa de succeder aos homens mais doutos; e como se naõ ache fundamento para dizer, que nasceo em Lisboa, nem Author que o affirme, devemos seguir a parte contraria de que nasceo em Almeirim, como da sua mesma Religiaõ o affirmaõ os Authores da Vida do Serenissimo Principe Eleitor Wilhelmo, e o P. M. Antonio Maria Bonucci, como acima escrevemos, os quaes dizem nascéra em Almeirim.

Pelo mencionado se verifica, que naõ devemos attender ao que nesta parte diz o P. M. Francisco de Santa Maria, por seguir a Manoel de Faria e Sousa; nem seguir a Manoel de Faria e Sousa, por estar provado o seu engano; e muito menos ao Padre Antonio de Vasconcellos, por naõ haver razaõ que o affirme, nem quem o siga nesta materia, e ter Authores que affirmaõ o contrario, e especialmente da sua Religiaõ, que naõ haviaõ deixar de ter noticia da sua doutrina; e ex-

e exceptuados estes, naõ sey quem mais affirme, que nasceo em Lisboa, e por isso disse pelas razoens jà expostas, que nascéra em Almeirim, o que naõ fas dúvida, nem neste tempo a tenho pelo que pertence ao seu nascimento, nem se me offerece em o lugar seu transito, só sim faço algum reparo em ver, que em Henrique acabou a direita successaõ do Reyno, a q̃ tinha dado principio outro Henrique que falleceo em 1112, para que neste anno entrasse a governar, ou resplandecer o primeiro Rey de Portugal, e agora vemos que no de 1512 nasceo, principiando outro Henrique para ser o ultimo, assim no nome, como no numero de 12, morrendo o Rey, e o Reyno: o Rey no lugar onde nasceo, e o Reyno na pessoa do Rey, fazendo-me trazer à memoria o Imperio Romano, que teve principio em hum Augusto, e fim em outro Augusto; e o dos Emperadores Latinos em Balduino, e acabou em outro Balduino; e o Reyno de Granada em Mahomet, e espirou em outro Mahomet. E finalmente Constantinopla, que foy edificada por Constantino filho de Elena, e perdida por outro Constantino filho de outra Elena. Estas correspondencias, principiando bem pelos primeiros, vem a acabar mal em os ultimos; mas Deos que tudo poem, e dispoem por seus altos juizos, devemos crer, que tudo he por melhor, e conformarmonos com a sua santa vontade, pedindo-lhe que se lembre de nòs pela sua miseri-

cordia,

cordia, como cantou David: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam.*

He tambem grande honra desta Villa, nella nascer o P. Gonçalo da Silveira, illustrissimo Martyr da Companhia de JESUS.

Emnobressem tambem esta Villa trezentos e quatro visinhos, sendo muita parte delles pessoas nobres. Todos estes moradores saõ freguezes de huma só Igreja Paroquial, de que he Orago o Glorioso S. Joaõ: o Paroco della he Vigario, cuja Vigairaria he do Padroado Real, a qual rende pouco mais de cem mil reis, com hũ Coadjutor da mesma apresentaçaõ, q̃ tem 12000 reis em dinheiro, dous moyos de trigo, hũ de cevada, e a quarta parte das offertas. Tem hũ Thesoureiro do mesmo Padroado com a renda de doze mil reis, hũ moyo de trigo, e mais hũa parte das offertas. Hà nesta Villa huma Casa de Misericordia, hum Hospital com boa renda, fundado por El Rey D. Joaõ o III. Tem dous Juizes ordinarios, tres Vereadores, Escrivaõ da Camera, hum Procurador do Concelho, Juiz dos Orfaõs com seu Escrivaõ, hum Alcaide, hũ Tabaliaõ, e naõ muito longe da Villa està hum Convento de Religiosos Dominicos, do qual daremos a seguinte noticia.

Conformando-nos com as venerandas authoridades do Bispo de Monopoli, do Padre Mestre Fr. Joaõ de Villa-Senhor nas Excellencias que escreveo da Ordem dos Prégadores, e de outros graves escritores, diremos a antiquissima origem,

Villa-Senh. cap. 1.

e prin-

e principio que houve para se fundar o Convento de Nossa Senhora da Serra de Almeirim, casa que he da esclarecida Ordem de S. Domingos neste Reyno. No tempo pois, que jà com mais descanço reynava em Portugal o Conquistador delle, ElRey D. Affonso Henriques, huns pastores que apascentavaõ o seu gado no circuito de huma naõ muito levantada Serra, que fica perto de Almeirim, cujo distrito, se ainda hoje he huma charneca dezerta, entaõ só se via, que era ali o centro das mais fragosas penhas, com alta espessura de embrenhados matos: ali víraõ hum dia os ditos pastores na ladeira de hum monte, entre aspera penedia, onde só as féras habitavaõ, sendo lugar incognito aos homens, os reflexos de humas resplandecentes luzes, as quais dizem, que continuáraõ assim por successivos dias. Demarcáraõ os pastores de longe o sitio, e guiados (sem dúvida pela altissima Providencia) entráraõ em huma cova, e nella achá-raõ huma devotissima Imagem da Virgem MARIA Senhora Nossa, Rainha dos Anjos. Teve esta ventura a singela devoçaõ montanheza, e como joya de grande preço, soube estimar o achado. Com grande alegria se mostráraõ estes primeiros descobridores de mina taõ excellente, e com tanta veneraçaõ a estimáraõ, que excedendo aos limites da sua pobreza, logo lhe fabricá-raõ ali huma Ermidinha, que supposto era cousa muito pequena, e rusticamente ornada: o ca-

tholico zelo dos moradores de Santarem, e dos Lugares circumvisinhos a fizeraõ rica de ornamentos, e lhe edificáraõ mayor Casa no alto do monte, do q̃ tanto a singular Mãy de misericordia se mostrou obrigada às devotas demonstraçoens do culto que lhe davaõ, que foy servida fazer prodigiosas maravilhas ao fieis, que nas suas tribulaçoens com viva fé a buscavaõ, implorando para com Deos o seu patrocinio.

Naõ temos certeza do anno em que a Senhora foy achada, nem ficou lembrança de quando se edificàraõ as Ermidas: só sabemos, q̃ reinando ElRey D. Joaõ o segundo, jà a primeira Casinha era frequentemente visitada de muitos devotos da Senhora. Despertou com os prodigios de seus milagres a devoçaõ aos nossos Monarcas, pois quando continuavaõ a estancia de Almeirim para o divertimento da caça (que naquelle sitio hà muita) visitavaõ muitas vezes esta Ermida da Mãy de Deos, humas por causa do exercicio da montaria, outras por especial devoçaõ. O mesmo Rey D. Joaõ o segundo vendo, que para tanto concurso de gente que ali com a sua devoçaõ concorria a venerar a Senhora pelas mercés recebidas, era pequena a Casa, fes tençaõ de edificar outra com grandeza, e melhor fórma, em parte onde custasse menos passos aos romeiros, porque o monte era trabalhoso de subir. E naõ obstante atalhar a morte do Rey este bom pensamento, naõ lhe tirou deixalo declarado em seu

Sãtuar. Marian. tom. 2. liv. 2. cap. 23. fol. 313.

ſeu teſtamento, e encomendando a ſeu primo, cunhado, e ſucceſſor, o feliciſſimo Rey D. Manoel, particularizandolhe, que ſe edificaſſe a Igreja junto à fonte, e com bom commodo para aſſiſtir nella hum Ermitaõ. He ſem dúvida, que foy a encommenda feita ao peito mais generoſo, que mereceo a corôa da noſſa Monarquia; pois naõ ſó poz em execuçaõ a obra, mas para dar mais a conhecer a devoçaõ, e goſto com que a fazia, lhe deu hum retabolo com admiravel pintura, que ainda hoje exiſte; em o qual ſe mandou retratar, e a Rainha Dona Maria ſua ſegunda mulher, e a todos os ſeus filhos, e filhas. Depois fazendo a Senhora de novo prodigioſos milagres, quiz o devoto Rey, que houveſſe ali perpetuos Sacerdotes para mais veneraçaõ da Senhora, e pompoſo culto de ſua Sagrada Imagem, e juntamente ſer conſolaçaõ dos fieis que a viſitavaõ. Com eſte ſanto intento, fes doaçaõ daquella grande Ermida à Ordem de S. Domingos, com a obrigaçaõ de aſſiſtirem nella de morada tres Religioſos Sacerdotes, para celebrarem todos os dias Miſſa, ſendo huma infallivelmente quotidiana, o que conſta da Hiſtoria da meſma Ordem Dominicana de Fr. Luis de Souſa, que traz a Proviſaõ Real do dito Rey.

Fr. Luis de Souſa, Hiſt. de S. Dom. part. 2. liv. 6 cap. 16.

Aceita pela dita Ordem a Proviſaõ, tomáraõ poſſe os Religioſos no anno de 1500, os quaes logo foraõ ſatisfazendo a obrigaçaõ; e paſſados alguns annos, indo ElRey viſitar a Senhora com

a devoçaõ que coſtumava, ſeu filho, o Principe D. Joaõ, que o acompanhava, tendo doze annos de idade, lhe pedio, que deixaſſe fazer ali hum Convento à meſma Ordem, porque diſſo tinha muyto goſto. Naõ deixou ElRey de reparar na boa inclinaçaõ do filho, tendo taõ tenros annos, pois na ſua indole, e por eſte dezejo jà começava a ver nelle, que ſuccedendolhe na Coroa (como ſuccedeo) havia ſer bemfeitor das ſagradas Religioens; e pelos repetidos rogos com que o Principe inſtou, de boa vontade lhe deu o Rey a licença que pedia. Com grande fervor ſe empenhou o Principe em dar principio à obra, e naõ eraõ para ella deficultoſos os diſpendios; porque jà naquelle tempo corriaõ como rios neſte Reyno, o ouro, e a prata, nas eſpeciarias que chegavaõ dos theſouros Orientaes. ElRey, e a Rainha igualmente concorriaõ para o goſto do Principe, com o gaſto da obra; porèm era com tal moderaçaõ, que acordava os dezejos que o Principe tinha de ver creſcer o edificio, e para o ver logo mais adiantado, ainda que naõ era obra de muyto cuſto, com a ſingeleza, e facilidade de ſeus tenros annos, lhe deu lugar a puericia, a valer-ſe dos ſeus fidalgos, pedindo-lhes parte das ſuas moradias, para que com ellas ajudaſſem a fazer os apozentos, que lhe podiaõ ſervir quando fatigados ſe retiraſſem da caça, (como ao depois aſſim ſe vio ſucceder muitas vezes achando ali nos Religioſos, alivio no trato da

corte-

cortesia, e douta conversaçaõ de virtuosos letrados.) Todos estes documentos, e deligencias do Principe foraõ incentivos para que o Convento crescesse com todo o cõmodo de officinas, cerca, e horta. Naõ se contentou ainda o Principe com ver este seu Convento acabado no material, mas tambem lhe procurou renda commoda para se sustentarem os Religiosos, a qual seu Pay lhe deu com grande vontade, e despois que succedeo na Coroa, a augmentou em fazendas, com capacidade de se manterem vinte Padres. E naõ o devertindo desta santa devoçaõ os poucos annos, lhe impetrou do Papa Leaõ decimo muytas graças, e indulgencias, para com ellas se continuar com mais fervor a devoçaõ, que os Catholicos tinhaõ com a Senhora da Serra: foy passada a Bulla em Roma a dez de Mayo de 1514.

Nos tempos passados obrava esta Senhora muitas maravilhas, que assim foy ficando por tradiçaõ das pessoas antigas; porèm agora só hum milagre temos com especialidade na memoria, e foy por causa de hum legado, que hum lavrador chamado *Francisco Pires*, de alcunha o *Gago*, deixou a esta Mãy de Deos. Tinha este homem perdida de todo a vista, o qual encomendando-se à Senhora da Serra a cobrou, e em reconhecimento deste grande beneficio, lhe deu a fazenda que possuia, que era huma vinha que hoje logràõ os Religiosos daquelle Convento. Com a grande devoçaõ que todas as pessoas grandes

des deste Reyno tinhaõ com a Senhora, assim os Reys, como as Raynhas, e Princezas, todos procuravaõ sinalar-se em a servir: e nem só os Reys referidos acima, mas tambem ElRey D. Sebastiaõ, o Cardeal Rey D. Henrique, e ElRey D. Filippe o segundo de Castella, quando era Senhor deste Reyno de Portugal, teve tanta devoçaõ com a Senhora da Serra de Almeirim, que para que a sua casa mais se augmentasse, lhe offereceo 150 escudos de ouro annuaes para perpetua renda. Esta sagrada Imagem da Rainha dos Anjos, he de perfeita escultura, e tem tres palmos de alto.

CAPITULO XVII.

Da Villa de Salvaterra de Magos.

POuco mais de tres legoas de Santarem para a parte do Sul, e huma da Villa de Benavente para o Norte na banda dàlem do Tejo, em vistosa campina, està situada esta celebrada, e nobre Villa de Salvaterra; povoaçaõ que pelos annos de 1295, mandou fazer ElRey D. Diniz. Ao Bispo de Lisboa D. Joaõ Martins de Soalhaes, deu licença o dito Rey no anno de 1296. para nella levantar a Igreja Paroquial, ennobrecendo-a com o titulo de S. Paulo, e ao Bispo acrescentou-lhe a renda com a mercê que della lhe fez, para se seguir em seus successores, e a apresentarem,

ſentarem, ſendo Vigayraria. Occupa-ſe a povoaçaõ deſta Villa com pouco mais de trezentos viſinhos. ElRey D. Manoel lhe deu foral, o qual ſe paſſou em Lisboa aos vinte dias do mez de Agoſto, no anno de 1517. Tem huma caſa de Miſericordia, hum Hoſpital, àlem da Capella Real, que tem a invocaçaõ do *Bom JESUS*, com hum Prior, que apreſentaõ os Illuſtriſſimos Condes da Atalaya, os quais foraõ antigamente Senhores deſta Villa, pela qual lhe deu o Infante D. Luiz (filho quinto delRey D. Manoel, e de ſua ſegunda mulher a Rainha D. Maria) em troca, a Villa da Aſſeiceira, e mais outros Lugares. Tem huma Ermida de Santo Antonio, e outra de S. Sebaſtiaõ. Ha neſta terra duas fontes, huma he do Concelho, e outra eſtà junto ao Paço Real, chamada de *Santo Antonio*. Eſte Palacio he ſumptuoſo cõ boa fórma regular, fundou-o o dito Infante D. Luis, porèm ao deſpois o mandou acreſcentar com mais commodos de caſas ElRey D. Pedro ſegundo, e com jardins para o recreyo das Peſſoas Reaes, quando ali aſſiſtem nos mezes de Inverno com o divertimento da caça, aonde tem huma extenſa coutada. O Sereniſſimo Rey D. Joaõ o quarto de glorioſa memoria lhe mandou abrir o Paul que dali eſtà perto, chamado de *Magos*, o qual deu o appellido à terra; e contèm o ſeu Termo os Montes ſeguintes: O da Miſericordia, o dos Coelhos, o Bilrete, o das Figueiras, e o Colmieiro. Tem eſta Villa Juiz de Fó-

ra,

ra, com outras tantas justiças, que tem a Villa de Almeirim, como já fica escrito.

Perto desta Villa de Salvaterra, encaminhando-se os passos para a de Benavente, existe hum Convento da sempre venerada Provincia da Arrabida; fundação que foy dos virtuosos costumes, e generoso animo do referido Infante D. Luis, tendo o seu principio (o Convento) pela fórma que aqui diremos. Era o Veneravel Padre Fr. Martinho (fundador desta sagrada Provincia) pelas suas grandes virtudes, muito estimado delRey D. João o terceiro, e por consequencia de toda a Casa Real. Como o Senhor D. Luis naquelle tempo assistia o mais do anno nesta sua Villa, dezejava ter communicação com os companheiros deste Veneravel Padre; e querendo-lhe verificar com as obras o encarecimento das palavras, com que muitas vezes proferia a grande vontade q̃ tinha de se effeituar este seu designio, em terras suas, fundando hũa Casa destes Religiosos, mandou chamar Fr. Martinho, e lhe communicou sua final resolução, aceitou o Veneravel Padre a offerta, escolhérão o sitio no meyo do campo que medeia entre as duas mencionadas Villas, pouco menos distante de Salvaterra, que assim foy contente o Padre, julgando, que só desta sorte poderião os seos Frades evitar a frequencia do estado secular, não se impossibilitando tambem a communicação dos que os buscassem para o remedio de suas almas. Não havia

outra

outra visinhança senaõ a de hum cazal, que chamavaõ o do *Joanico*, pelo possuir hum homem a quem davaõ este diminutivo de seu nome (que era *Joaõ*) por ser de curta estatura; e querem dizer, que no mesmo lugar das suas casas se fundára o Convento, por cujo motivo, corrupto o vocabulo pelas lingoas da gente rustica, se lhe foy chamando *Jenicò*, e outros dizem hoje *Jericò*.

Quando acabou o anno de 1542, começou a nascer naquelle campo a pobreza desta nova planta nas mãos da mayor liberalidade, qual era a de seu Règio Fundador. Cresceo o edificio em breve tempo, pelo summo dezejo com que este Principe o queria ver acabado. Dedicou a Igreja à Virgem Rainha dos Anjos, com a invocaçaõ da *Piedade*, Senhora de quem era muito devoto. Perseverou o Convento nesta sua primeira fundaçaõ dilatados annos, e chegado o de 1619, em que Filippe terceiro fes neste Reyno a sua pomposa entrada em Lisboa, a vinte e nove de Junho, e gozando neste dia o mais plausivel triunfo, que jà mais viraõ os seculos, pela grandeza dos artificiosos apparatos, que obrigou a este Monarca a dizer: *Só hoje me considero o mayor Rey, que tem todo o mundo.* Foy esta palavra taõ fundamental, como digna do seu juizo, porque entaõ o era da naçaõ Portugueza; cuja valerosa soberania com imperiosas acçoens, sempre generosa, dominou nas quatro partes da terra, que por todas dilata guerreira Lusitania, a sua magnifi-

cencia. Era neste tempo Ministro Provincial da Provincia da Arrabida, o Padre Fr. Fernando de Santa Maria, o qual dezejoso de dar remedio pelo modo possivel aos Frades, que mal viviaõ no Convento de Jericò por causa dos vapores das vallas daquelle campo, e reconhecendo na benignidade delRey a estimaçaõ que fazia de ser seu Padroeiro, pelas razoens que jà ficaõ ditas, lhe representou em hũa petiçaõ, fosse servido mandarlhe mudar o dito Convento para melhor sitio, onde os seus Frades pudessem louvar, e servir a Deos com melhor saude, do que a que logravaõ naquelle em que ao presente estavaõ. Naõ lhe esqueceo ao Rey de despachar a seu tempo as supplicas, supposto naõ defirio logo à petiçaõ por certas razoens dos seus Valídos.

Quando este Monarca fez a sua retirada para Castella foy pela Villa de Salvaterra aonde assistio huns dias nos Paços Reaes, que ali fundou o Infante D. Luis; e divertindo-se no exercicio da caça com a sua comitiva, matou elle só hum veado, e hum javali no penultimo dia da sua partida, e nesse dia à noute os mandou de presente aos Religiosos, juntamente com a mercê de quatro mil cruzados pagos na casa da India, para o effeito de se melhorarem de sitio, que por taõ grandiosa esmola lhe foy logo o Provincial com os seus Frades beijar a maõ. Despois passados sete annos em que se faziaõ completos depois do Nascimento de Christo 1626. aos outo dias do

mez

mez de Junho, ſendo Provincial o Padre Frey Martinho dos Reys, ſe lançou a primeira pedra na Igreja, e ſe deu principio ao novo Convento no ſitio em que agora o vemos, que he em hum lugar mais alto, junto à *coutadinha*, que vulgarmente chamaõ das *Rainhas*, e ficando-ſe ſervindo da meſma cerca, que o outro tinha, e a nova Igreja exiſte com o meſmo titulo da Senhora da Piedade. O numero dos Religioſos, que aſſiſtem neſte Convento, he de doze athé treze; porêm quando as Mageſtades ali ſe vaõ divertir com a recreaçaõ da caça, neſſa occaſiaõ aſſiſte o Provincial com o Difinitorio, e mais outros Religioſos graves, que neſſes dias todos, como os mais Capellaens do Paço, tem reçaõ da oxaria real.

Neſte Convento ſe conſerva huma miraculoſa Reliquia do Bemaventurado Martyr S. Báco, companheiro de S. Sergio no martyrio. Huma das grandes couſas que o inclyto Infante D. Luiz em ſua vida teve, e de que fazia mayor eſtimaçaõ, foy poſſuir todo o caſco da cabeça deſte Santo. Diz o Padre Meſtre Fr. Antonio da Piedade (Chroniſta) no ſeu Eſpelho de Penitentes, que o dito Infante lhe mandou fazer hum meyo corpo ricamente eſtofado, e na cabeça pôs a Reliquia, que com a Imagem collocou no altar collateral da Igreja do Convento antigo à parte da Epiſtola, e para o meſmo altar do Convento novo ſe transferio, e ſe conſerva hoje em hum Sacrario, por ſe mandar fazer outra Ima-

Chronic. da Arrab. tom. 1. part. 1 liv. 1. cap. 28. f. 132.

gem ſem o dito artificio. O meſmo Padre Chroniſta dà a noticia (e nós o ſabemos) que a ſete de Outubro, dia que he da ſua feſta, concorria antigamente muita gente a feſtejallo, e ſe lhe fazia huma grandioſa feira, porêm hoje eſtà diminuta a feſta, e acabada a feira, porque o tempo tudo conſóme, e as devoçoens afroxaõ. Afroxáraõ-ſe aquellas devoçoens, que com fervoroſos applauſos o deviaõ buſcar, mas no Santo naõ ſe diminuio a interceſſaõ poderoſa, com que muitas vezes vemos os prodigioſos milagres que Deos por elle obra aos que imploraõ o ſeu valimento. Principalmente he advogado contra as maleitas, que ſeria impoſſivel reduzir a numero certo as peſſoas, que pelo meyo de ſeu patrocinio ſe livráraõ da teimoſa repetiçaõ deſte mal; principalmente aquellas que bebem a agua pela meſma Reliquia, ou tocada nella. Outra grande virtude tem eſte Santo, a qual he contra o danno que fas o pulgaõ nas vinhas, e todo o mais genero de bichinhos que damnificaõ os frutos da terra, que por eſta cauſa vaõ com muita fé os povos, ainda das terras mais diſtantes, procurar os Religioſos que aſſiſtem moradores neſte Convento, para q̃ com os exorciſmos que manda a Igreja, e dizendo no fim a oraçaõ do Santo, logo ſe experimenta o prodigio de ſe verem livres as plantas da praga que as maltratavaõ.

CAPI

CAPITULO XVIII.

Da Villa de Mugem.

DE Santarem para o Sul, em diſtancia de duas legoas, e huma de Salvaterra para a parte do Norte, na banda dàlem, junto ao Tejo, em lugar plano de campina ſe vê ſituada eſta Villa de Mugem, de cujo nome naõ ſabemos outra etymologia, mais que dizer-ſe que he aſſim chamada dos muitos *peixes muges*, de que ſe faz abundante huma Valla que do Tejo ſahe a fazer-lhe myſtica viſinhança; a qual lhe fica ao Naſcente fazendo-lhe huma viſtoſa Ribeira, povoada de frondoſos arvoredos, cujas agoas daõ lugar a ſe fazerem com ellas varios engenhos de moinhos. Dizem que deſta Villa foraõ antigamente Senhores os Abbades de Alcobaça, e que elles a fizeraõ povoar. ElRey D. Diniz lhe deu foral, que foy paſſado em Santarem aos ſeis dias do mez de Dezembro de 1304, e agora he Senhor della o Duque do Cadaval aonde tem ſeu Palacio. Tem hoje com pouca diferença duzentos viſinhos, que todos ſaõ freguezes de huma Paroquia que ha na Villa, com a invocaçaõ do Bemaventurado S. Joaõ Baptiſta, cuja Igreja, he Priorado, e nella ſe venera huma milagroſa Imagem de Noſſa Senhora da Curça, tendo ali o ſeu principio na fórma que aqui diremos.

A no-

A noticia que da Imagem desta Senhora podemos dar, jà a tem dado o Padre Frey Agostinho de Santa Maria Religioso da observante Provincia de Santo Agostinho dos Descalços em este Reyno de Portugal, no seu Santuario Mariano, tom. 2. liv. 2. tit. 21. fol. 310, e daqui mesmo referiremos o que nelle achàmos escrito, para que em mais estampas se possa venerar a gloria desta Mãy de Deos, pois naõ achámos disto diversas noticias, nem outros provaveis documentos. Primeiramente diz o referido Author, que em quanto à etymologia da Curça, a naõ pòde descobrir. E a origem desta Santa Imagem se refere assim. Dizem que vindo da India pelos annos de 1666, dous Religiosos Eremitas da Ordem de seu Patriarca Santo Agostinho; hum delles natural da mesma Villa de Mugem, e outro de Lisboa; o de Mugem trazia comsigo esta Santa Imagem, por ter com ella grande devoçaõ, e experiencia dos bens que tinha na sua companhia; adoeceo este na viagem gravemente, e vendo que morria, recomendou ao companheyro de Lisboa que se encarregasse da Santa Imagem, e que chegando a Portugal, fizesse della entrega aos Padres da sua Freguesia de Mugem, com outras pèças mais de Igreja, em que entrava hum Calix, e huma Cruz, e que namorado o Religioso companheiro da fermosura da Senhora, a retivera em suas maõs athé o anno de 1690, no qual tempo estando gravemente enfermo, e vendo

vendo que morria, levado jà do escrupulo, mandàra fazer entrega, assim da Santa Imagem, como das mais pèças. Collocàraõ os Padres da dita Freguesia de Mugem a Santa Imagem na referida Capella, e logo começou a obrar por ella o Senhor notaveis maravilhas, e milagres, que era aquella casa huma perenne piscina de saude, aonde concorria, e concorre de todas as partes a gente em grande numero, huns a veneralа, outros a dar-lhe graças pelos favores recebidos. Està esta Senhora collocada em hũ nicho de vidraças, aos pès de huma grande, e devota Imagem de seu Santissimo Filho crucificado. Tem esta Imagem tres palmos de altura, he de madeira estofada ao antigo, com as roupas tomadas debaixo do braço esquerdo, e mostra duas túnicas, a interior, he de cor vermelha, e a de fóra verde, està cingida com huma correa tambem estofada; no braço esquerdo tem o Menino JESUS vestido com huma túnica branca, e na maõ esquerda o mundo.

CAPITULO XIX.

De tres Villas situadas no Alentejo, as quais ainda pertencem à Comarca de Santarem, que saõ Montargil, a Erra, e a Lamarosa das Enguias.

A Villa de Montargil fica situada no Alentejo seis legoas de Santarem para a parte do Lès-Suèste, e tres das Galveyas para o Poente. Tem o seu

o ſeu aſſento em Lugar levantado. Pela banda do Oriente lhe calça o pè a corrente do Rio Sor, cuja Ribeira fertiliza a Villa do melhor paõ, e azeite. Senhores della foraõ ſempre os fidalgos da Illuſtre Caſa dos Rolins Mouras: hà nella huma Igreja Paroquial da invocaçaõ de *Santo Ildefonſo*, com Prior, e hum Beneficiado, que he Freire da Ordem de Aviz: exiſtem dentro da Villa pouco mais de trezentos viſinhos. Tem o ſeu Termo ſinco legoas de comprido, e quatro de largo com dilatadas matas, onde ſe acha abundancia de toda a variedade de caça, e criaçoens de colmeas, grandes montados, e muyto gado. Ha neſta Villa Juizes Ordinarios, naõ tem Lugares annexos, mas ſim muytos montes, e cazaes. Foy fundaçaõ delRey D. Diniz, que lhe deu foral no anno de 1315. Tem Vereadores, Procurador do Concelho, Eſcrivaõ da Camera, Juiz dos Orfaõs com hum Eſcrivaõ, hum Tabaliaõ, e Alcayde, e para o Militar huma Companhia da Ordenança.

A Villa da Erra, fiça de Santarem aõ Suèſte ſeis legoas, e huma de Coruche ao Naſcente em lugar alto, goza da freſcura de huma Ribeira, que lhe corre pela parte do Occidente, porèm ainda que ſe faz apraſivel pela freſcura, naõ deixa de ſer nociva à ſaude, porque ſempre he agoa de lagoas, e brejo: e pela parte do Sul, confina com a Ribeira da Sorraya. Tem com pouca diferença duzentos fogos, com huma Igreja Paroquial

quial da invocaçaõ do Evangelista S. Mattheos, he Priorado, que rende mais de novecentos mil reis, cujo Paroco apresentaõ os Condes da Atalaya, os quais saõ Senhores desta Villa. O tempo da sua fundaçaõ naõ o achàmos, e só sabemos, que ElRey D. Manoel lhe deu foral em Lisboa no anno de 1514. a dez do mez de Julho. Tém dilatadas campinas, que lhe fazem grande circunferencia, de donde se colhe muito paõ, e legumes, com extensas terras, e matos para pastos dos gados, dos quaes matos se tira tambem muita caça. Ha nesta Villa hum regular Convento de Religiosos Terceiros de S. Francisco, o qual foy fundado pelos annos de 1582, assistem nelle mais de vinte Religiosos com muita utilidade daquelle povo, que os buscaõ para os pulpitos, e confessionarios.

Segue-se nestas nossas memorias a Villa da Lamarosa, ou das Enguias, que he a ultima das que comprehende a Comarca de Santarem. Fica esta situada da Villa da Erra para o Norte huma legoa. Tem o seu assento em hum valle, o qual lhe faz huma circunferencia de montes, em cujas baixas ha diversas lagoas, que he sem dúvida naõ pòdem fazer boa visinhança no tempo do Veràõ aos moradores desta terra, que fazem o numero de pouco mais de sincoenta. Ha nella huma Igreja Paroquial, que tambem he Priorado, a qual se leva por concurso. Tem esta Villa dous Juizes Ordinarios, tres Vereadores, Procurador

do Concelho, Escrivaõ da Camera, e mais officiais de justiça. Naõ tem Lugares, nem Aldeyas annexas, mas no seu Termo, que he grande, ha varios montes, e cazaes; naõ saõ estas terras abundantes de trigo, porém daõ bastante centeyo, ha nellas caça, e pastos para os gados, e desta Villa he hoje Senhor donatario Braz Telles de Menezes, por morte de seu Pay Manoel Telles de Menezes.

CAPITULO XX.

Em que se dà huma breve noticia do grande Servo de Deos Frey Antonio de Santarem, natural desta mesma Villa.

DEste Capitulo por diante, para crescido realce desta nossa Historia, daremos noticias em seus Capitulos separados, de algumas pessoas veneraveis em virtude, que foraõ naturaes desta notavel Villa de Santarem; porque se as nobres pátrias pòdem engrandecer os seus filhos, como abreviados Sóis de quem participàraõ os influxos das luzes, desde os seus nascimentos, assim tambem se deve entender destas mãys, ou destas pátrias, que na honra de seus filhos se funda a sua gloria, e que os filhos as pòdem honrar com os progressos das suas heroicas virtudes. Com muita razaõ se pòde logo gloriar Santarem de ter por filho o grande Servo de Deos

Frey Antonio com o cognome desta Pátria, por onde se fez mais conhecido para merecer catholicas veneraçoens: os seus virtuosos procedimentos na vida, lhe davaõ o titulo de Santo, e as suas obras o acclamàraõ milagroso na posteridade. Nasceo, e floreceo em Santarem de nobres Pays (cujos nomes naõ achámos escritos.) Sendo mancebo passeava a huma Senhora natural da mesma Villa, dotada de singulares prendas, com firmissimo intento de se cazar com ella, pois eraõ iguais na qualidade da nobreza. Era este mancebo Antonio, falto de gentileza: ella excedendo os limites de bem parecida, pizava as balizas de fermosa; e como a natureza os poz em extremos taõ diversos, tinha Antonio no objecto da fermosura tanto de si o dezejo, quanto della o repudio; que quando em dous coraçoens milita esta contrariedade, naõ se pòdem vincular bem as virtudes nos amorosos laços de consórtes. E vendo esta querida Senhora; que elle continuava no seu desvelado requerimento, pelo desenganar lançando-o de si, lhe disse estas graciosas palavras: *Despois, que vòs no rio Jordaõ vos lavares muyto bem, entaõ sereis meu marido.* Ainda naõ chegou esta deficuldade a desvanecer a constancia do amor ao abrazado amante, porque aceytou por condiçaõ verdadeira de desposorios, o que só era dito de zombaria. E porque o amor que só he verdadeiro amor, nasce de hum impulso vehemente, que domina as liberdades; este de Antonio por se

acreditar mais nos arrojos dos impossiveis, acrisolando finezas, sem mais dilaçaõ fez partir o namorado mancebo para a Syria, e depois de se lavar no dito rio, encheo nelle huma redoma de agoa, trazendo com ella autenticado o extremo de seu amoroso desvelo, para com mayor razaõ solicitar as nupciaes vodas que tanto desejava. Restituido à sua pátria achou em sua querida prompta resoluçaõ de o aceitar por esposo à vista de taõ rara fineza, e conseguindo seus amorosos intentos, naõ quiz Deos que os lograsse por muytos dias, pelo ter jà destinado para eficaz instromento de suas inexcrutaveis misericordias, pois em breve tempo lhe faleceo a esposa. Desenganado Antonio com este engano do mundo, vendo quam brevemente se acabaõ os seus gostos, deu logo principio em amar o summo bem, o qual só tràs comsigo os deleites eternos, que nunca tem fim. Deixou entregue às saudades os parentes, e amigos: renunciou a fazenda, as honras, e passatempos da pátria, e desterrado de todo o divertimento terreno por amor de JESUS Christo, se foy para Reynos de Castella, onde professou a Regra dos peregrinos de S. Francisco, que com o penitente modo de vida esperaõ, e devem suspirar pelas eternas moradas do Ceo.

Vendo-se jà Frey Antonio de Santarem no perfeito estado de Religioso, deu-se com tanta applicaçaõ ao estudo das Divinas Letras, e oraçaõ, que sahio consumado prègador evangeli-

co.

co. Eſtando neſte eſtado, quiz Deos que ſe traſladaſſe a Portugal, e à pátria, para lhe pagar com eſte theſouro de virtudes, o naſcimento, e criaçaõ que lhe déra. Veyo morador para o Convento de S. Franciſco de Santarem eſte Varaõ Apoſtolico, onde começou a romper matos incultos, e bravos, com o agudo arado da prègaçaõ Evangelica, vencendo dos pulpitos com a graça da ſanta Doutrina, a rebeldia das culpas, plantando virtudes, e infundindo nos coraçoens mais agreſtes, verdadeira contriçaõ. As ſuas palavras eraõ ſetas penetrantes, que feriaõ as almas mais obſtinadas, com que fazia nos ouvintes firmiſſimas converſoens, movendo-os à penitencia, e melhor vida, e muytos que eſtavaõ inimigos, deſterrou-lhe os odios antigos, reduzindo-os a boa amiſade com Deos, e com o proximo, em confirmaçaõ das verdades que dizia. Em huma occaſiaõ encontrou duas mulheres que viviaõ em odio, huma dellas ſe converteo reduzida com efficacia das ſuas palavras; a outra com rebeldia naõ quiz obedecer aos ſeus ſantos conſelhos. Arrebatado Frey Antonio do zelo da ſalvaçaõ das almas, lhe diſſe eſtas palavras: *Perdida, e deſalmada mulher: Queres dar mais goſto ao demonio, que ao Filho de Deos; que perdoou a quem o pregou na Cruz? pois eu tambem em virtude do nome de JESUS Chriſto te entrego ao meſmo demonio, para que te atormente no corpo, e alma ſeja ſalva.* Mas oh que grande caſo foy eſte

para

para a resoluçaõ das nossas conversoens; pois no mesmo instante entrou nella o espirito maligno, e a foy logo afligindo com crueldade; ella jà reconhecendo a culpa, pedio a Deos perdaõ, e a Fr. Antonio que fosse seu intercessor, porque queria fazer pazes com a outra mulher (como logo verdadeiramente fez,) e ficou livre do demonio pela graça do Senhor.

Outro notavel caso encontrámos na sua vida, e foy que tendo com os demonios continuas batalhas, estava hum metido no corpo de certo pastor, o qual fazia tais prodigios, que por elles lhe davaõ os povos acclamaçoens de santo milagroso. Porèm como Frey Antonio pela sua virtude mereceo ter o valimento de Deos, por divina inspiraçaõ conheceo, e lhe descobrio a sua falsidade, e embuste, e mandando da parte de Deos com voz imperiosa ao espirito maligno, que logo sahisse daquelle corpo, no mesmo instante foraõ vistos manifestos sinais de que o deixava, constando a todas as pessoas, que estavaõ presentes, ser taõ sólida esta virtude quaõ apparentes, e vans aquellas que eraõ tidas em conta de milagrosas maravilhas. Outro maravilhoso prodigio se vio que obrou este Santo Padre: soube por inspiraçaõ do Ceo, que tinhaõ metido em grilhoens na cadeya de Santarem a hum homem sem culpa, accusado por hum grave delito; entrou dentro na dita cadeya sem encontrar portas fechadas, foy-se aos ferros com que estava en-

leado

leado o innocente prezo, e com hum leve tacto das ſuas maõs, cahiraõ os grilhoens deſpedaçados, e no meſmo ponto ſe viraõ ambos livres no meyo da praça. Vendo a juſtiça eſte prodigioſo ſucceſſo, fez novas diligencias por averiguar a verdade, e ſe achou que o homem naõ tinha ſombras de culpa, no crime que lhe imputavaõ. Deſtes caſos, e outras muytas maravilhas ſe viraõ na vida deſte Santo Padre, acreditando o Senhor ſua grande ſantidade pelos ſeus eximios merecimentos. Neſte Convento de Santarem ſubio ſua alma ao deſcanço da eterna Bemaventurança, aos deſanove dias do mez de Fevereiro conforme o Martirologio da meſma Religiaõ Serafica. Jaz ſeu corpo ſepultado na mageſtoſa Capella, que chamaõ das Almas, debaixo do Altar que tem o Sacrario, aonde eſtà ſempre o SANTISSIMO SACRAMENTO. O ſeu nome ſe refere, e anda contado entre os mais Santos beatificados da dita Ordem. Deſte Bemaventurado ſe lembraõ nas ſuas memorias eſcritas, o Padre Frey Manoel da Eſperança na Hiſtoria Serafica tom. 1. livr. 4. cap. 28. fol. 454. Agiolog. Luſitan. a dez de Janeiro letra C. Frey Marcos. pag. 2. liv. 4. cap. 15, e 17. Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa. pag. 2. cap. 49. n. 10. O Martirologio da Ordem a dez de Fevereiro. Gonzag. pag. 800. O Padre Frey Lucas anno 1270. n. 35. O Padre Franciſco de Santa Maria no Anno Hiſtorico tom. 1. n. 8. fol. 224, e mais outros Authores.

CAPI-

CAPITULO XXI.

Da vida, e morte do Beato Frey Domingos de Cuvo.

EM Santarem, berço ſempre fecundo, e glorioſo de Varoens inſignes, que ſouberaõ adquirir com os triunfos do mundo glorioſos applauſos do Ceo, naſceo o grande Servo de Deos Frey Domingos de Cuvo. O principio que delle ſabemos, para venerarmos os progreſſos da ſua vida he, que recebeo o hábito da dita Ordem, das maõs do Beato Soeyro, primeiro Provincial de toda a Heſpanha; e que por eſte grande Prelado foy mandado neſte Reyno exercitar o miniſterio da prégaçaõ, e que por meyo de ſeus exemplos, e amoeſtaçoens ſe fizeraõ grandes refórmas nas vidas, deixando muytas peſſoas o ſeculo pela vida religioſa, e merecendo pelo ſeu eſpirito, e dom de converter almas, ſer chamado pelas pennas dos Eſcritores, o *Apoſtolo de Portugal.* Em Santarem ſua pátria, fundou o Convento de S. Domingos dos Frades, cuja obra foy a baſe, e fundamento donde ſahìraõ tantos heroes, com portentos de Santidade, que ſervìraõ de admiraçaõ àquelles ſeculos. Empregava-ſe Frey Domingos com tanto fervor nos Sermoens, que prêgava para o bem das almas, que ſe naõ pòdem em breves clauſulas referir

rir os ſeus effeitos: com elles confundia o demonio, deſarmava o inferno, e convencia o mundo; com elles fazia admirar os Anjos, compungir os homens, eſtremecer a terra, e alegrar o Ceo; reduziraõ-ſe quaſi infinitas almas ao eſtado da penitencia, pedindo publicamente perdaõ a ſeus inimigos, trocando os odios em caricias, e doces abraços. Faziaõ-ſe muitas reſtituiçoens de honra, e de fazenda; cortavaõ-ſe muytas amiſades eſcandaloſas, reformavaõ-ſe muitas vidas depravadas, e frequentavaõ-ſe os Templos ſagrados, buſcando os Catholicos nelles as agoas da graça nas miſericordioſas fontes do Salvador. Porèm ainda que eſte ſanto Varàõ Apoſtolico fazia tantos prodigios de milagres, ſocorrido pela maõ poderoſa do Altiſſimo pelos ſeus merecimentos, naõ faltou quem ſe lhe quizeſſe oppor contrariando a ſua ſantidade, e foy o caſo da maneira ſeguinte, aſſim como o achámos eſcrito.

Achava-ſe eſte grande Servo de Deos exercitando o officio de prègador Apoſtolico nos Reynos de Heſpanha, com notavel eſtimaçaõ do povo, e dos Monarcas; invejoſas algumas peſſoas, que eſtavaõ tidas em grande opiniaõ de virtude, fizeraõ que huma mulher taõ fermoſa, como depravada publicaſſe que elle naõ era taõ ſanto como o imaginavaõ, e ſe offereceſſe a El-Rey para o fazer cahir em peccado. Com effeito intentou ella o facto, repugnou ElRey ao principio concorrer para taõ grande abſurdo; e ven-

do-a taõ empenhada, e constante, lhe disse, que lhe havia mandar tirar a vida senaõ executasse o que prometia. Sahio-se da presença delRey, e foy ouvir hum sermaõ de Frey Domingos, fingindo que se movèra à penitencia com suas espirituaes palavras: começou logo a disfarçar-se, vertendo de seus olhos rios de lagrimas, dizendo que queria pedir a Deos perdaõ de suas culpas. Alegrou-se muito o Santo Prègador por ver a sua reduçaõ, empregou-se em a confessar por muitos dias, fazendo-lhe mudar os trages profanos, reduzindo-a (a seu parecer) ao estado de verdadeiro arrependimento; porèm ella continuando no diabolico fingimento naõ cessava de chorar, sem admittir consolaçaõ. Disse-lhe o bom Padre que puzesse termo nas lágrimas, e cobrasse animo, que elle lhe segurava o perdaõ, e fazer pela sua salvaçaõ tudo o que lhe recomendasse. Inferio a depravada mulher desta promessa, que o tinha jà prezo nos laços da sua maldade, e para se segurar mais, lhe disse, que só ficaria satisfeita, se lho affirmasse com juramento, e despois com o rostro abrazado, e os olhos postos no chaõ, continuou dizendo: *Ouvime Padre, que vos quero declarar huma couza que em meu peito rezervo, e me causa custozissimo pezo, e se a passo em silencio, infalivelmente morro desesperada.*

Ainda a este tempo naõ acabou o Santo Padre de entender a pura maldade, mas sim cuidou que era algum peccado taõ secreto, que por certo moti-

motivo ſenaõ atreveria a confeſſalo; mas elle com ſemblante alegre, a animou, e com doces palavras doutrinaes lhe foy dizendo, que advertiſſe, que elle como homem ſe havia de compadecer da ſua fragilidade, nem ſe havia eſcandalizar das mais abominaveis culpas: porque bem conhecia as miſerias da natureza humana, e ſabia que era grande a miſericordia de Deos. Que para ſegurar a ſalvaçaõ da ſua alma naõ ocultaſſe culpa alguma: *O que vos quero dizer* (reſpondeo ella) *he que ſó ficarey contente, e ſatisfeita, ſe cahires comigo em huma culpa, mas que ſeja huma ſó vez, quando naõ morrerey deſeſperada.* Reveſtio-ſe o ſanto Padre Frey Domingos de grande animo, e reſpondeo-lhe as ſeguintes palavras: *Suppoſto vos permeti com juramento quanto me pediſſeis, naõ poſſo deixar de deſempenhar a minha palavra; vinde deſpois de paſſarem quatro dias, e entaõ ſatisfarey o voſſo deſejo.* Foy logo a mà mulher dali dar conta a ElRey, e lhe pedio mandaſſe com ella naquelle dia aſſignado, algumas peſſoas para ſerem teſtemunhas do delicto. O Servo de Deos gaſtou aquelles dias em continua oraçaõ. Chegado o dia deſtinado, fez elle na caſa aonde eſtava huma grande fogueira, chegou a mulher, e tanto que a vio, eſtendeo a fogueira pelos ladrilhos, e deitando-ſe em cima das brazas, e chamas dellas, à viſta da laſciva mulher, lhe diſſe: *Eſte he o leito aonde determino cumprir a minha promeſſa, naõ pòde haver outro mais proprio para obra taõ*

diabolica. Abſorta a miſeravel à viſta deſte horroroſo eſpectaculo, com hum grande grito cahio atemoriſada em terra. Acodíraõ as peſſoas eſcondidas, que hiaõ para ſerem teſtemunhas; e vendo o noſſo Fr. Domingos no meyo do fogo ſem ſe queimar, e a mulher cahida como morta, eſpavoridos ficàraõ extáticos; porèm tornando em ſi ſe lançàraõ logo aos pès do Servo de Deos, reconhecendo a ſua ſantidade, pedindo-lhe perdaõ do ſeu atrevimento. Elle ſe levantou das intenſas chamas ſem moleſtia alguma no corpo, nem os ſeus habitos padecèraõ ſombras de queimadura. Vendo os criados do Rey taõ grande prodigio, com furioſa paixaõ pegáraõ na infame mulher para a queimarem viva na meſma fogueira, mas o Bemaventurado Domingos, que para fazer mais ſerviços a Deos eſtava prompto, das ſuas maõs a livrou, e tambem da ſentença de morte, que jà tinha contra ſi, por mandado delRey.

Muitos mais prodigios faria Deos por acreditar a ſantidade deſte ſeu bom ſervo, de que naõ temos noticia; porèm baſtantes exemplos temos nos deſcuidos, e ſinceridades dos noſſos antepaſſados, em nos naõ deixarem memorias daquillo que devia andar eſcrito com letras de ouro, nos annais da fama. Sabemos porèm que a gloria da alma do Beato Frey Domingos de Cuvo foy revelada a huma devota, e veneravel Matrona, natural da meſma Villa, chamada *Elvira Paez*, a qual no dia do tranſito da alma de

S. Fr. Gil, eſtando em oraçaõ na Igreja do meſmo Convento de S. Domingos, vio ella deſcer do Ceo huma fermoſa eſcada, a qual com huma extremidade ſe ſuſtentava na terra, e com a outra ſe encoſtava nas nuvens; e logo no meſmo inſtante vio diante de ſi dous velhos venerandos veſtidos de purpura bordada de ouro, que conheceo ſerem os Beatos Frey Domingos, e Frey Gil, e olhando mais para a eſcada, vio que dous Anjos veſtidos de luzes deſciaõ por ella, e chamavaõ aos dous Bemaventurados, dizendo: *Vinde, vinde amigos, ſubi irmaõs, que o Senhor vos chama.* E logo foraõ ſubindo acompanhados dos celeſtiaes eſpiritos, athè entrarem com elles no mageſtoſo Palacio da Gloria. Toda eſta viſaõ contava com copioſas lágrimas a Santa Matrona aos Santos Religioſos, que naquelle tempo viviaõ no dito Convento, por cuja teſtemunha ſe qualificou mais a pureza da alma do ditoſo, e Beato Frey Domingos. Eſta meſma viſaõ ſe vê eſtar pintada em hum quadro, que ainda exiſte na Capella onde eſtà ſepultado o corpo do Bemaventurado Frey Gil. Foy o tranſito do noſſo Santo Frey Domingos, confórme as mais approvadas opinioens, no anno de 1263, e a tradiçaõ faz ſer ſeu corpo trasladado do cemiterio para eſta Capella na parte inferior onde eſtà o de Frey Gil, pois foraõ taõ bons companheiros nas almas, acertado era que o foſſem tambem nos corpos, e ali ſaõ venerados de todo o povo catholico. De

Frey

Frey Domingos de Cuvo, fallaõ delle como Santo e Beato os Escritores seguintes. Frey Thomàs Malvenda, no primeiro tomo dos Annaes da Ordem anno 1218. cap.38. Frey Luis de Souza, primeira parte. liv. 2. cap. 12. Dom Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica de Lisboa, part. 2. cap.64. Sena in Chr. Ord. pag.34. Castillo 1. part. liv. 2. cap. 76. Rezende in vita Beat. Egidii, lib. 1. pag. 15. & lib. 2. pag. 69. Lopes na 5. part. liv. 2. cap. 32. S. Payo in Stem. Ord. pag. 223. Cardoso. Agiolog. Lusit. tom. 1. fol. 291. lib. 6. a 30. de Janeiro, e o Agiolog. Dominico tom. 1. fol. 203.

CAPITULO XXII.

Da vida, e morte do Veneravel Irmaõ leigo, Frey Romaõ, Religioso de S. Francisco, professo na Provincia de Portugal, natural desta Villa de Santarem.

O Veneravel Irmaõ leygo Frey Romaõ, nasceo nesta Villa de Santarem na povoaçaõ de Alfange, que està situada junto ao Rio Tejo. Do nome de seu pay naõ temos noticia, mas sabemos que era homem mareante da carreira de Lisboa, e este seu filho seguio alguns annos o mesmo rumo, ligado com os laços do matrimonio. Em breves tempos vio que a morte lhe arrebatou dos olhos a luz que muito amava na vida da sua consórte; cheyo de saudades re-

parou

parou na pouca duraçaõ dos goſtos deſta vida temporal, e levado de huma reſoluçaõ ſuperior, largou ao mundo o officio que levava o vento, e ſeguio outra melhor carreira, aliſtando-ſe valeroſo Soldado na celeſtial milicia de Chriſto, tomando o hábito de Religioſo converſo no Convento de S. Franciſco dos Obſervantes que exiſte na meſma Villa; e como entrou em máres mais altos, com firme devoçaõ, começou logo a navegar vento em poppa da terra para o Ceo, no baixel da mortificaçaõ. Entrou Fr. Romaõ noviço leigo, e pobre de tudo o que eraõ letras; porque apenas ſabia ler, e eſcrever, mas elle a poucos dias de noviciado, inſpirado por Deos, e atrahido do amor da virtude, ſoube manejar entre todas as ſciencias a mayor, e mais importante de todas, que he a da ſalvaçaõ, a qual ſe chama por antonomaſia a *Sciencia dos Santos*, cujo principio he o temor de Deos, e o fim he o ſeu amor. Neſta arte, que he meſtra de todas as artes, eſcola da perfeiçaõ, aproveitou com ventagem taõ conhecida, q̃ era para todos juntamente a idea, admiraçaõ, e exemplo. As ſuas palavras eraõ eſpelhos do ſeu coraçaõ; porque dellas nos ſeus reflexos, ſó ſe deſcobriaõ pela ſua boca os éccos que pronunciavaõ as ſeguintes palavras: *Ceo*, *Inferno*, *Juizo*, *e Morte*. Naõ fallava em outra couza, mais que na certeza, e incerteza da morte, no rigor do Juizo, nas penas do Inferno, e nas glorias do Ceo.

Ama-

Amava em ſummo gráo a vida Religioſa, e por iſſo com deſprezo de ſi meſmo ſe reconhecia indigno della, e como por natureza era ſincero, ſempre lhe parecia que pouco ſacrificio fazia a Deos de ſe empregar todo em actos de mais profunda humildade. Em hum dia que ſe celebravaõ as Veſperas cantadas do Naſcimento de Chriſto, nomeádo elle para ſer hum dos Acólitos, quando lhe diſſeraõ, que puzeſſe o amito, e veſtiſſe a alva, rogou com muitas lágrimas, que o eſcuzaſſem daquelle miniſterio, porque ſe reconhecia indigno de pôr em ſua cabeça as inſignias ſagradas de que uſavaõ os Sacerdotes no Altar, mas vendo que o Prelado por preceito da ſanta obediencia o mandava, o meſmo que antes recuſava por ſe conſiderar indigno, logo promptamente obedecendo, cativou a vontade nas aras do ſacrificio. Reſignava-ſe tanto na vontade dos ſeus Superiores, por amar com extremo eſta grande virtude da obediencia, que tendo-lhe jà os annos, e os achaques poſto grande pezo à vida, que ſe lhe oppunha ao deſembaraço de caminhar, ſe o Vigario da caſa a quem iſto pertencia o mandava no Domingo à eſmola de Almeirim, que diſta de Santarem huma legoa, no meſmo inſtante abaixava humildemente a cabeça, tomava o alforge, e tirando das fraquezas forças, caminhava com alegria. Se o Guardiaõ compadecido, ou compadecendo-ſe da vexaçaõ que lhe fazia a muita idade, ordenava que naõ foſſe, com

a meſ-

a mesma alegria ficava, entregando-se sempre alegre no parecer dos Prelados. Neste Convento de Santarem foy muitos annos porteiro, e com este officio ganhou o titulo de Pay dos pobres, e muitos merecimentos para adquirir os bens do Ceo. Todos os necessitados achavaõ nelle amparo, e consolaçaõ. Nesta occupaçaõ lhe succedeo o cazo seguinte. Por ser mais asseado na limpeza das esmolas, entrou na cosinha para lavar a panella do caldo dos pobres, e vendo o noviço cosinheiro opprimido, em tirar huma tanaz, que lhe tinha cahido no fogaõ, lhe disse estas palavras: *Como haveis vòs Irmaõ de sofrer o fogo do Purgatorio, se vòs naõ vos atreveis a tirar essa tanaz?* a cujas palavras o Noviço lhe respondeo algum tanto irado; mas o Servo de Deos meteo a maõ no fogo, e a tirou para fóra, e disse mais: *Se importar ao serviço de Deos, meter o braço nesse caldeiraõ que està fervendo, eu o farey*, e logo meteo nelle o braço todo, e o tirou sem lhe fazer damno algum.

He tradiçaõ constante na mesma Ordem, que teve esse Santo Varaõ merecimentos para ver os resplandores do Ceo, os quais cercavaõ hum Religioso, que estava no Convento de Lisboa em oraçaõ. Tambem se diz foy Frey Romaõ taõ penitente na vida, que muitos annos naõ comia peixe, nem carne, e usava tanta aspereza com seu corpo, que sempre trazia vestido hum colete de rigoroso cilicio, e as bragas eraõ do mesmo; e ultimamente, todas as noutes fazia disciplina taõ dila-

dilatada , e com tanta força e ancia, que em terra ſe miſturava o ſangue das veas, com as lagrimas dos olhos, ſacrificando a Deos ſeu abrazado eſpirito, no fogo da eximia devoçaõ. Na Igreja deſte Convento de Santarem ſe recolhia todas as noutes na Capella das Almas, aonde deſatando à ſua em ſaudoſos ſuſpiros, do intimo do coraçaõ, com tanta ancia chorava as auzencias de Deos no ſeu deſterro, que ainda na mayor diſtancia do Convento ſe ouviaõ os ſeus clamores: iſto lhe ſuccedia elevado, por ſentir no coraçaõ maravilhoſos effeitos do meſmo amor Divino; e finalmente , quando o noſſo venturoſo Frey Romaõ tinha enchido o tempo da ſua vida, com muitos annos de aſperas penitencias, a da diſciplina lhe apreſſou a viagem que tanto deſejava; porque ſe lhe começou a corromper a carne pizada, e feridas dos açoutes, e por occultar a virtude, naõ quiz deſcobrir a enfermidade ; mas proſtrados de todo os eſpiritos vitaes, quando lhe quizeraõ acodir com os remedios, jà naõ admitia cura o achaque. Recebendo os ultimos Sacramentos, paſſou das penalidades temporaes aos goſtos infinitos da eterna Gloria no anno de 1611. Seu corpo deſcança ſepultado no Convento deſta Villa de Santarem. Fazem lembrança deſte Servo de Deos, a Hiſtoria Serafica 1. part. liv. 4. cap. 28. fol. 464. Agiolog. Luſit. 1. part. no decimo ſexto dia de Fevereiro fol. 449. let. M. O liv. intitulado *Pequenos na Terra, e grandes no Ceo.* 1. part. f. 451.

CAPI-

CAPITULO XXIII.

Vida e morte do Veneravel Padre Antonio de Quadros, natural desta Villa de Santarem.

NAsceo o Padre Antonio de Quadros nesta nobre Villa de Santarem, nella bebeo as primeiras luzes da vida, logrando juntamente a ventura de ser bem nascido, e bem criado: bem nascido pela nobreza do sangue, bem criado pela vigilante educaçaõ de seus pays. Com justissima razaõ se podiaõ jactar de ter hum tal filho, em merecimentos mais illustre que elles, e nas mayores virtudes, mais sublime, sendo por todos os titulos benemerito de veneravel memoria, dignissimo heroe de immortal fama. A docilidade, e brandura do seu genio se deixou taõ facilmente lavrar do boril dos bons documentos, que em poucos annos se viraõ nelle esculpidas as mais singulares flores das virtudes, os mais finos rasgos da melhor policia. Seu Pay se chamou André de Quadros, Provedor das Vallas, e Lizirias na mesma Villa, e sua Mãy Dona Izabel Pereira, pessoas illustres: entrou na veneravel Religiaõ da Companhia no anno de 1544, e deixando no mundo as esperanças, só levou para a vida religiosa os desenganos; porque no mundo podia luzir muito com a pessoa, e com o engenho do seu talento; mas fóra delle tanto

mais, quanto vay do eterno ao temporal, da certeza da verdade à hum bem que naõ he certo, e do tudo do bem perduravel, ao nada do transitorio. Passou virtuosissimamente os primeiros annos de Religiaõ, em que lançou firmissimos fundamentos a huma vida perfeitissimamente justificada; logo na Ordem entrou em estudos mayores na Universidade de Coimbra, nos quais mostrou, que se naõ constituia o seu talento de menos engenho, que espirito; este para vencer tentaçoens, aquelle para penetrar dificuldades. No primeiro Domingo de Outubro de 1553, fes nas maõs do Padre Jeronimo Nadal, Cõmissario Geral de Hespanha a profissaõ solemne de quatro votos, que Santo Ignacio ainda vivo naquelle tempo concedia à muito poucos dos seus Religiosos, ainda sendo jà provectos na idade, mais exercitados nas virtudes, e nas sciencias. A Igreja onde fes esta profissaõ foy a Ermida de S. Roque na dita Universidade, da qual Ermida tomou pósse a Companhia no mesmo dia, prègando nella S. Francisco de Borja. Neste tempo eleito em Patriarca de Ethiopia o Padre Joaõ Nunes Barreto, escreveo logo a Santo Ignacio pedindo-lhe dous companheiros para seus coadjutores, que fossem doutos, e prudentes, e hum dos dous que pedia, e lhe foy concedido, era o Padre Antonio de Quadros.

Partíraõ estes grandes Padres para a India, no anno de 1555, e depois de grandes perigos, e

traba-

trabalhos, deu a Náo fundo no rio de Goa a dez de Setembro no anno referido; na viagem tratava dos enfermos, e com tal cuidado, que nem para rezar lhe vagava huma hora do dia, e de noute se escondia para satisfazer esta obrigaçaõ. Poucos mezes eraõ passados depois de chegar a Goa, quando os Padres da India o elegèraõ Provincial, tendo entaõ de idade vinte e seis annos, e sendo assim Prelado hia à cosinha ajudar ao cosinheiro, exercitando tambem no Hospital a caridade de lavar os pês aos enfermos. Nesta Cidade leo com grande applauso, Filosofia, e Theologia, e explicou com maravilhosa erudiçaõ as Constituiçoens de seu santo Fundador. Escreveo a esta Provincia de Portugal algumas cartas, que correm impressas, taõ cheyas de erudiçaõ, como de inflamado espirito de Varàõ Santo. Na prêgaçaõ se inflamou tanto na conversaõ do Gentilismo, que ainda hoje se lhe reconhecem por tradiçaõ de pays para filhos, devedores da sua Christandade os povos das terras de Salcete, e Baçaim, em as quais levantou famosos Templos a Deos verdadeiro, introduzindo nelles infinito numero de almas a seu conhecimento. A' Coroa de Portugal chegáraõ os eccos desta felicidade, e ElRey D. Joaõ o terceiro por lhe honrar mais a pessoa, lhe insinuou em huma carta, pois lhe naõ podia pagar os serviços que correm pela conta de Deos, quizesse para com o mesmo Senhor merecer mais, votando nos Concelhos de Estado,

Fa-

Fazenda, e Guerra; cujo decreto aceitou como leal Portuguez, e Varaõ Santo, tendo-se sempre o seu voto em toda a India pelo mais bem acertado. Quatorze annos successivos occupou o cargo de Provincial, em cujo governo foy taõ suave, que naõ houve em tempo algum pessoa que delle se queixasse, ou fosse Religioso, ou secular.

Presente temos na memoria hum notavel caso, que neste tempo lhe succedeo, o qual aqui servirà para exemplo de combatidos, e para próva da pureza, e castidade deste grande Servo do Senhor. Na dita Cidade de Goa, vivia huma mulher de nobreza conhecida; em certo dia fingio, q̃ lhe sobreviera hum accidente repentinamente mortal; tinha ordenado a pessoa sua domestica, que naquella occasiaõ lhe chamasse este Padre, para se confessar com elle, e que assim que elle entrasse na sua camera lhe fechasse a porta, ficando o companheiro de fóra; assim o fizeraõ, e assim succedeo; declarou-lhe ella seus lascivos intentos contra a castidade, querendo effeituar logo a culpa com forçosas, e agradaveis caricias, pois entendeo, que por este caminho o teria já involto na rede do seu depravado appetite. Neste caso taõ perigoso, tratou o casto Varaõ de a dissuadir de taõ abominavel desatino, com efficazes razoens, e santos conselhos: e vendo ella que se lhe desvanecia a sua céga desenvoltura, o desenganou dizendo, que se naõ cometesse com ella o pecca-

peccado, havia de bradar ſobre elle, que no ſagrado acto da confiſſaõ a ſolicitára, e ficaria com notoria infamia a ſua Religiaõ, e com dezar a ſua peſſoa; pois violentava huma mulher taõ principal como ella, ſendo caſada. No aperto de taõ grande perigo, fluctuava o bom Padre nas mayores ondas da tribulaçaõ, e corriaõ-lhe tantos penſamentos, que ſe elevavaõ huns com outros, ſem poder achar firmeza para conſeguir victoria daquella infernal furia. Porèm confiando em Deos, que lhe havia acodir, uſou de hum projecto nunca jà mais ouvido, q̃ lhe ſolicitou o dezejo da virtude da caſtidade, e fôy enlodar ſeu gentil roſtro com immundicia humana q̃ vio eſtar em hum vaſo debaixo de hum leito na meſma caſa, ficando a ſua veronica com huma màſcara taõ medonha, e disfórme, que a deſatinada tentadora logo o mandou ſahir daquella caſa, e que ſe foſſe da ſua preſença, o que elle fez com muita preſſa. Oh que victoria nunca executada, e digna dos mayores elogios, pois eſte grande defenſor da pureza, por naõ macular eſta virtude, ſe arrojou a contaminar ſeu roſtro, ſacrificando-ſe no que mais lhe podia repugnar a natureza, e por purificar muito a ſua alma nas chamas do amor Divino em que ardia.

Do grande ſuſto que teve neſte ſucceſſo, temos a noticia que ſe abreviou a vida a eſte ſuave lirio da caſtidade, porque logo que ſe recolheo ao ſeu Collegio, cahio enfermo, e conhecido pelo

Me-

Medico ser a doença mortal; aparelhou-se para a jornada, recebendo logo os Sacramentos; foy toda a Communidade dos seus Padres, e Irmaõs à enfermaria para se despedirem no termo da ultima sociedade, que lhe fazia hum taõ bom Prelado. Naõ houve coraçaõ entre aquella veneranda familia, que se naõ derretesse pelos olhos em lagrimas, e naõ exhalasse da boca saudosos suspiros; mas o perfeito Religioso, como pay os consolava proferindo-lhes aquellas misteriosas palavras, que Christo Senhor Nosso disse aos seus Discipulos: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem.* Logo entregou a alma ao seu Creador, cuja morte pareceo somno, e o seu rostro parecia angelico. Foy este seu transito aos 21. de Setembro de 1572. no seu Collegio de S. Paulo em Goa (dia da Apresentaçaõ de Nossa Senhora no Templo,) tendo de idade quarenta e sinco annos naõ completos. Escrevéraõ delle, Mapheo in Hist. de Reb. Indic. liv. 16. pag. 755. Orlandino in Histor. Societat. Telles na 2. part. da mesma Provincia liv. 6. Cap. 13. Cardoso no 2. tom. dos Agiologios Lusitanos, vigesimo tercio de Abril.tom.2. a fol. 685. O Padre Francisco de Sousa da Companhia, no Oriente Conquistado. 2. part. Conquist. 1. D. 1. §. 48. fol. 65, e outros Authores que mais se podiaõ alegar.

CAPI-

CAPITULO XXIV.

Vida do Santo Padre Frey Bernardo, natural desta Villa de Santarem.

NEsta famosa Villa, vivia pelos annos de 1340 hum illustre, e gentil mancebo, chamado *Bernardo*, pessoa taõ perfeita, com tantos dotes da natureza, que dizem as suas memorias, eraõ nelle mais as prendas que os annos; entre ellas era huma o primor e galhardia com que ayrosamente montava, e domava os cavallos; e porque desta parte fazia grande gosto, os mais dos dias gastava no seu exercicio; sahio em huma occasiaõ ao campo, que chamaõ o *Chaõ da Feira*, com outros mancebos seus iguais, todos acavallo, e para o nosso Bernardo mostrar mais a sua destreza, ali montou em hum ginete alheyo para o trabalhar, e como naõ era seu, ignoravalhe o genio, que tinha de traidor; logo começando nelle huma carreira, foy taõ descompassado o impeto com que o feroz bruto a ella se arremeçou, que perdidos os estribos, e arrancado da cella, visivelmente se vio hir pelo ar cahindo ao chaõ; a carreira se encaminhava para o Convento de S. Domingos, com o pensamento impetrou a protecçaõ deste Santo, que o socorresse, e logo miraculosamente com admiraçaõ dos companheiros, e circunstantes, se achou fir-

me na cella, ficando ſenhor do cavallo, e ſem dezar algum. Chegou ao fim da carreira, aonde parou bem concertado, ayroſo, e gentil cavalleiro. Deſpois deſte ſucceſſo fazendo o mancebo Bernardo repetidas reflexoens, e vendo o evidente perigo de que Deos o livràra, e que ſeria pelos merecimentos de S. Domingos, começou a entrar em penſamentos, pezando a leviandade do mundo, e a ſua inconſtancia. Conſiderava o fruto que ſe tira de ſervir ſó a Deos, e o pouco que ultimamente ſe ganha em luzir entre os homens, que ſempre traz conſigo na pompa a vaidade: *Que bens* (dizia) *póſſo adquirir neſta vida ſecular, por mais que chegue a merecer? Eſtimaçoens, cargos, e riquezas? Bem póſſo lograr tudo iſto, mas naõ tenho eſſa certeza; ſe tiver amiſade com os illuſtres, e lograr o valimento dos Princepes, tambem naõ he couza firme; antes nos poderoſos he mais certa, e vulgar a ingratidaõ, porque a cobrem com a ſoberania, querendo ſe entenda que nunca devem, e que tudo lhe he devido; e ainda dandome eſſa chamada ventura de eſtimaçoens, quais ſaõ as que naõ ſejaõ incentivo da inveja, e ſe lhe naõ ſigaõ perigos a quem as logra? ſe eu conſeguir lugares honroſos, e dignidades grandes, que dignidades póde haver que nellas ſe naõ dem paſſos para os precipicios, e ſobreſaltos para a vida, com riſcos da ſalvaçaõ. Mas ainda dando-ſe por certeza, ou por acaſo, que todas eſtas couzas eu as pudeſſe lograr, com goſto, e com ſocego livre de perigos, que me importa, ſe ſobre eſtas felicidades, ſempre vay arriſcada a ſalvaçaõ,*

çaõ, que he a mayor de todas, e verdadeira felicidade. Oh que bem acertada acçaõ ferà a minha fe eu deixar de fervir o mundo, que fó fe compoem de fantafticas vaidades, e fó fervir a Deos, por cujo meyo fe alcança o Ceo, que he o melhor premio, e o bem de todos os bens que naõ fe acaba.

Enlevado o ditofo Mancebo com eftes toques da Divina graça, e levado deftes penfamentos, entendeo que fó com a vida Religiofa podia atropellar o mefmo mundo, livrando-fe da fua inconftancia, e defenganar-fe ultimamente, triunfando dos feus enganos. Lembrando-fe affim de quem era devedor, pois S. Domingos o livrára daquelle taõ grande perigo, quando fe vio defpenhado do cavallo, refoluto fe foy ao Convento do mefmo Santo na dita Villa, pedio o hábito, que logo fem dilaçaõ lho concedéraõ, porque reconhecéraõ o feu defengano, e conheciaõ as fuas qualidades. Logo feito noviço começou efte noffo Bernardo a moftrar ao mundo, e à Religiaõ, que efta fua mudança fora foberano impulfo da maõ do todo Poderofo, porque, com o efpirito levantado ao Ceo, fe poz pelo meyo da oraçaõ, e continua meditaçaõ, na prefença de Deos: entregou-fe todo nas maõs do Prelado, pela total obediencia, e refignaçaõ da vontade, com as mais potencias da alma; poz-fe aos pès de todos os Religiofos, pela humiliaçaõ, e abatimento de fi mefmo: dedicou-fe todo a fervir, obedecer, e a amar; amar a Deos, fervir ao pro-

proximo, e obedecer aos ſeus Superiores, ſem dar entrada a outros deſejos, ou eſperanças da terra. Deſpois de profeſſo, e mais creſcido nos annos, ſempre ſe entregou aos ſantos exercicios da Religiaõ, por mais abatidos que foſſem, como ſe naõ naſcéra para outra couza: eſtimava a pobreza como ſe elle nunca fora rico; com tanta promptidaõ obedecia, como quem naõ tinha ſabido, que couza era mandar. Era rigoroſo no jejum, conſtante no ſilencio, continuo na oraçaõ, prompto no recolhimento, eſquecendo-ſe valeroſamente dos parentes, e amigos, que no mundo tivera. Vendo o inimigo cõmum a preſſa com que Frey Bernardo de Santarem caminhava para Deos pela eſtrada do Ceo, começou a combater a ſua paciencia com huma diabolica tentaçaõ, e foy apagar-lhe as lampadas do dormitorio, e da Igreja, porque elle diſſo eſtava encarregado, com o cargo de Sacriſtaõ mayor, e menòr, pois tudo fazia bem com muito cuidado, e limpeza. Arguindo-o algũas vezes os Frades deſta parecida culpa, entendendo ſer deſcuido ſeu; procurou elle com diligencia fazer-lhe o remedio poſſivel, provendo as lampadas com bom azeite, deixando-as em tal fórma, que pudeſſem durar acezas dobradas horas, porèm nada diſto baſtava. Multiplicáraõ-ſe as queixas dos Frades, foy reprehendido pelo Prelado na caſa do Capitulo, e repetidas vezes penitenciado: com paciencia recebia os caſtigos; ſentia na alma o eſcanda-
lo

lo da Communidade, ainda mais que o ſeu deſcredito: doia-ſe da pena que no Prelado via de o caſtigar, tendo em menos preço o proprio cuſto das penitencias, porque mais lhe cuſtavaõ outras que occultamente fazia por amor de Chriſto.

Ha neſte Convento huma tradiçaõ conſtantiſſima, que nove annos completos lhe durou eſte combate, trazendo o commum inimigo aflicto a eſte Servo de Deos, ſem o deixar dormir, levantando-ſe cada inſtante, para pôr luz nas lampadas, com incançavel fadiga, e grande ſofrimento. E quando huma noute tinha acabado de concertar, e acender a lampada do Altar mòr, em elle voltando as coſtas, no meſmo inſtante tornou a olhar para ella, e vio que jà eſtava apagada. E porque naquella accaſiaõ naõ fazia vento algum, entaõ acabou de entender, e conheceo que de propoſito fora aquillo feito pelo eſpirito maligno. Proſtrado logo por terra pedio com lagrimas ao SANTISSIMO SACRAMENTO lhe quizeſſe declarar o ſeu perſeguidor. Tendo acabada a oraçaõ, foy buſcar luz, tornou a acender a lampada, vê logo diante de ſi hum horrivel animal, com o feitio de hum grande bóde no pello, barbas, e armaçaõ. Entendendo logo quem podia ſer o tal maſcarado, lhe mandou da parte de Deos com grande animo, que ſe naõ moveſſe daquelle lugar em que eſtava, nem mudaſſe a figura. Foy-ſe logo com muita preſſa à Sacriſtia, trouxe

huma

huma corda, atou-o com ella pelas grandes barbas, e para deſafogar a ſua paixaõ deu-lhe huma larga, e rija diſciplina, que naõ ſeria pouco ſentida do horrivel infernal eſpirito. Ainda naõ ſatisfeito Frey Bernardo com eſta execuçaõ, puxou por elle, levando-o arraſtado pelo dormitorio, que por todo elle hia dando horroroſos e medonhos brados, athè que o precipitou de hum eyrado abaixo, em hum lugar immundo. Com eſte favor de Deos ſe acabàraõ as queixas dos Frades, porque jà ſe naõ apagavaõ as lampadas, ficando todos com muito pezar das continuas moleſtias que tinhaõ dado ao ſanto Sacriſtaõ, ainda que foraõ para mais merecimentos ſeos.

Em todo o tempo de nove annos, que preſiſtiraõ eſtas tentaçoens, com que o inimigo o perſeguia, foy Frey Bernardo aſſiſtido de muitos favores do Ceo. Quiz Deos dar-lhe tanta virtude, que a muitos enfermos a quem os remedios humanos naõ davaõ vida, com o valimento das ſuas oraçoens os livrava do poder da morte, dando-lhe perfeita ſaude. Deu viſta a cégos, ſarou aleijados, e o que mais he reſuſcitou mortos. Para deſempenharmos eſta ultima palavra, referiremos aqui hum caſo ſó, e ſervirà para abono dos mais que podia contar, e em que ſe moſtra o requinte da ſua ſantidade. No tempo em que eſte bom Servo de Deos exiſtia vivo, ſuccedeo em hum dia de manhaã levar a juſtiça hum pobre homem a enforcar; depois de eſtar feita a execu-

çaõ,

çaõ, e deixado o cadaver no patibulo, permitio Deos que ſobre a tarde paſſaſſem por aquelle lugar huns homens, os quais ouvíraõ chamar da forca por elles, ficáraõ atemoriſados, cheyos de medo, porèm animando-ſe huns com outros, chegáraõ junto à forca onde aquelle corpo eſtava pendurado, o qual fallando lhes diſſe, que chegaſſem ſem receyo a elle, e jà que Deos os levâra por ali, uzaſſem com elle de miſericordia, pois eſtava com vida. Tiráraõ-no do ſupplicio, e deſpois que o puzeraõ em terra, perguntaraõ-lhe, qual fora o motivo de taõ notavel ſucceſſo, pois o tinhaõ viſto morto, e agora nem o viaõ desfallecido, tendo-ſe paſſado tantas horas que eſtava pendurado. O venturoſo homem lhe reſpondeo, que Frey Bernardo Sacriſtaõ de S. Domingos o acompanhára ſempre na aflicçaõ da morte, e depois o livrára ſuſtentando-o athè o tempo que elles da forca o tiráraõ. Depois deſta maravilha ſuccedida, ſoube-ſe que a mãy do padecente era muito devota deſte Padre, e que ſe fora com grande afflicçaõ valer delle, quando leváraõ ſeu filho a morrer. Eſtas maravilhas, e outras mais, obrava o noſſo Frey Bernardo ſanto, por ſer pela ſua ſanta vida muito valido do todo Poderoſo. Tendo-ſe paſſado alguns annos depois deſte grande caſo referido, vivendo ſempre com rigoroſas penitencias, o chamou Deos para a Bemaventurança com hũa morte precioſa a dous de Março de 1371. Deuſe-lhe ſepultura como a

San-

Santo, junto à parede da Capella mòr, a qual està alta, sendo de boa pedra, e bem lavrada no dito Convento. Escrevem delle com titulo de Santo, o Author do Agiologio Dominico. tom. 1. fol. 422. O Mestre Frey Jeronymo de Padilha, e mais outros Escritores.

CAPITULO XXV.

Descreve-se a vida do Veneravel Padre Frey Pedro Fernandes.

ESte grande Servo de Deos, o Padre Frey Pedro Fernandes, chamado na posteridade vulgarmente o *Galego*, por naõ haver equivocaçaõ com outro de naçaõ Castelhano do mesmo nome, que tambem floreceo em virtudes, nasceo nesta Villa de Santarem, sendo das pessoas mais nobres della. Sacrificou nas aras da Religiaõ as primicias da idade, tomando o hábito de S. Domingos no Convento de Nossa Senhora das Neves da Serra do Monte-junto no Termo de Alenquer, que foy o primeiro que esta sagrada Religiaõ teve neste Reyno de Portugal, como jà fica dito no livro primeiro desta segunda parte c. 4. o qual Convento depois se mudou para Santarem. Ali deu principio a hũa vida mais de Anjo, que de homem: negou-se todo ao mundo, e a si proprio, por se dar inteiramente a Deos. Fezse venerado pela pureza, e admirado pela santidade.

dade. Mandaraõ-no os Prelados eſtudar, e conſtrangido pela obediencia ſacrificou-ſe a deixar o retiro daquella Serra que tanto amava: com tanto fervor, e felicidade ſe applicou às letras, que em pouco tempo aproveitou muito, principalmente na intelligencia da ſagrada Eſcritura em que ſe fez ſcientiſſimo, naõ ſendo o ſeu intento, mais que ter nella as luzes para o exercicio da oraçaõ. Fez-ſe com ventagem a muitos ſeus condiſcipulos conſumado letrado nas ſagradas noticias; por cuja cauſa foy mandado pela ſanta obediencia ler Theologia em varios Conventos da ſua Ordem. Eſcreveo com grande diligencia, e erudiçaõ a vida de ſeu Patriarca S. Domingos, cuja obra em ſua vida naõ vio eſtampada. Foy muito amado do Santo Padre Frey Gil, e alguns annos ſeu filho de confiſſaõ, que ſemelhante virtude logo ſe faz reciproca nos coraçoens para ſe amarem em Deos.

Foy o noſſo Fr. Pedro mandado para o Convento de Ç,amóra, o qual ſe tinha edificado havia pouco tempo, aonde pelos ſantos inſtrumentos do pulpito, e confeſſionario, fez grande fruto nas almas. Succedeo por ali paſſar S. Frey Gil, quando hia para hum Capitulo geral, e aſſim que entrou no Convento perguntou dizendo: *Aonde eſtà o noſſo Frey Pedro?* Reſpondeo-lhe hum Religioſo de boa opiniaõ entre os mais daquella caza: *Noſſo Padre Frey Pedro eſtà cheyo de achaques, companheiros da velhice, e fazendo eu oraçaõ por elle,*

como pessoa taõ necessaria à Ordem, representouse-me huma visaõ, à qual naõ sey dar congruente significado; porque vi a Frey Pedro no cume de hum monte, com o rostro do mesmo Sol, acompanhado de dous mancebos, cuja gentileza excedia toda a da terra. Desta visaõ miraculosa inferio logo S. Frey Gil, que o Santo velho Pedro acabava o desterro desta vida transitoria, e caminhava para a eterna da Bemaventurança; entrou a visitalo, e lhe disse: *Alviçaras amigo, sabey que he chegada a hora de partires para o Ceo; peço-vos que quando vos vires nelle saudeis da minha parte a Virgem Mãy, e a nosso Padre S. Domingos.* O enfermo com todo o impulso do coraçaõ alvoroçado, e com alegre semblante, respondeo as seguintes palavras: *Irmaõ Frey Gil; digame isso outra vez; que naõ ha gosto semelhante a esse.* Logo se começou a prevenir para a jornada com os Sacramentos, recebendo-os das proprias maõs do seu grande amigo, e pay, com notaveis mostras de compunçaõ; e chamando-o depois o velho moribundo, lhe communicou com derretidas lagrimas, que depois de lhe dar os Sacramentos o visitára a Rainha dos Anjos, e o Discipulo amado de Christo, pondo-lhe cada hum na cabeça huma brilhante coroa, e que naõ podia acabar de entender donde lhe procediaõ taes favores, sendo elle hum peccador taõ indigno delles. S. Fr. Gil, que reconhecia a bondade, e firme consciencia do Santo velho, lhe disse com segura liberdade: que ambas as coroas lhe pertenciaõ; a

da

da Virgem Senhora, pela pureza Angelica, que toda a vida conſervàra; e a de S. Joaõ pela dignidade de Doutor, adquirida com os trabalhos da cadeira, do pulpito, e do confeſſionario. Convocou-ſe toda a Cõmunidade, que o Santo moribundo mandou chamar, edeſpedio-ſe della, proferindo com ternuras do coraçaõ eſtas profeticas palavras: *Ah, Padres, ſabey certo, que tem Deos particular amor a eſta Ordem, e ſe agrada muito do ſerviço que nella ſe lhe faz: eſtimaya, e amaya com caridade, e obſervancia; muito grande inimigo tendes no Inferno, muyto aborrece eſte monte de Siaõ, mas naõ ha que temer, porque naõ ha de faltar o ſocorro do Ceo.* Acabadas eſtas palavras, entregou a alma nas maõs do ſeu Creador com tanta ſuavidade, que duvidavaõ os Religioſos ſe o corpo eſtava ainda animado ou naõ. Foy o ſeu glorioſo tranſito aos vinte e dous de Junho de 1255. Eſta noticia corre eſcrita no Agiologio Dominico. tom. 2. fol. 657.

CAPITULO XXVI.

Da prodigioſa vida do Glorioſo Martyr de Chriſto S. Narciſo, natural deſta Villa de Santarem.

POr irrefragaveis, e convenientes raſoens, de graviſſimos Authores, achámos clara noticia da vida, e morte deſte protento de ſantidade, o glorioſo S. Narciſo, gloria da naçaõ Portugueza, e honra ſingular da Eſcalabita-

na ſua Patria. E fundandonos nas mais verdadeiras, e ſolidas opinioens, eſcreveremos aqui as glorioſas memorias dos ſeus principais progreſſos. Naſceo o noſſo Santo Narciſo neſta illuſtre Villa de Santarem, de pays nobiliſſimos, que foraõ aparentados com as mais illuſtres familias de toda a Heſpanha. Deſde menino começou a moſtrar-ſe taõ alheyo das vaidades, taõ amigo das virtudes, taõ modèſto, e devoto, taõ recolhido, e eſtudioſo, que mais parecia naſcido para Deos, que gerado para o mundo. Mandou-o ſeu Pay eſtudar letras humanas, e divinas, em as quaes ſe fez taõ inſigne, que era cobiçoſa inveja dos ſeus condiſcipulos. A paſſo ſolto foraõ ſeus Meſtres deſcobrindo nelle hum genio de tanta virtude, que correſpondia a copia do fruto, à bondade do terreno: naõ lhe achàraõ que arrancar hervas inuteis, ou que reprehender tempo ocioſo, porque naõ viaõ nelle vicios, nem diſtracçoens; mas jà naquelles tenros annos podiaõ todos, em lugar de lhe beneficiarem plantas, recolherem odoriferas flores de virtudes, e frutos de ſantidade, porque em breve tempo eſtando ainda na freſca primavera dos annos, quando a puericia o podia deſafiar a divertimentos vaõs, jà o veſtiaõ entaõ as ſuas obras com apparencias de Santo.

Creſcida pois em os annos eſta flor Narciſo, exhalava por toda a parte, precioſo cheiro de virginal pureza, florecendo de dia em dia em

ſan-

ſantidade, e letras da verdadeira ſciencia. Vagou por morte do Biſpo Calidonio, a Primaz Cadeira de Braga, achàraõ os ſoberanos, que ſó elle era digno de ſer provido em taõ grave lugar. Collocada eſta brilhante luz no candieiro da Igreja, e tomando póſſe da nova dignidade, moſtrou que ſempre era o meſmo, e vendo-ſe paſtor de taõ numeroſo rebanho, com os olhos na ſalvaçaõ das almas, ſempre era vigilante, ſempre ſuave, ſempre prudente, e por todos os titulos ſempre digno do reſpeito da obediencia, e da geral eſtimaçaõ dos ſubditos, reſplandecendo cada vez mais com rutilantes rayos de purificadas virtudes, alumiando a huns com repetida doutrina, e edificando a outros com ſua ſanta, e reformada vida; em cujas heroicas acçoens, todos à competencia, deſejavaõ imitalo. Neſtes virtuoſos exercicios, vivia o Santo Prelado, com o governo Paſtoral, venerado, e obedecido das ſuas ovelhas, tendo todas nelle pay, remedio, amparo, exemplo, e conſelho; quando lhe ordenou o Ceo, por alta providencia, que deixaſſe aquellas que eſtavaõ bem recolhidas no gremio da Igreja, e caminhaſſe para Alemanha, a convocar para Deos, as que totalmente careciaõ da efficacia da ſua evangelica doutrina. Illuſtrado o Santo, e reſignado com a Divina vontade, logo ſe poz a caminho, acompanhado do grande Servo de Deos Felis ſeu Arcediàgo, e natural da meſma Villa, como em ſeu lugar diremos, e chegando

à Ci-

à Cidade de Augusta (que naquelle tempo era Metropoli, e çabeça daquella Provincia) ali pedio pousada, e descançou em humas cazas aonde vivia Hilaria Rainha que tinha sido de Chipre, que perdido seu imperioso estado, se retirou a esta Cidade, trazendo comsigo sua filha, chamada *Afra*, mulher taõ depravada na sensualidade, como he bem sabido das Historias humanas.

Para esta caza de Hilaria se deve entender guiou Deos ao nosso Santo Narciso para tirar sua filha do profundo abismo de torpezas, em que vivia, e lhe dar vida espiritual, arrancando-lhe juntamente as raizes da idolatria, e desfazendo-lhe as escuras sombras da morte, e as trevas em que sua alma jazia, por seus feyos peccados, os quaes lhe foraõ a causa de naõ conhecer a sua desgraça. E como vio ao Santo Narciso dentro em sua casa, entendeo seria daquelles, ou como aquelles homens, que para torpes intentos, costumavaõ buscala das portas a dentro. Porèm vendo que elle toda a noute passava em oraçaõ, cercado de luzes celestiaes, rompendo o ar com suaves cantos de hymnos, e divinos louvores, ficou attonita, e confusa, sem se atrever a solicitalo para a sua torpeza. O Santo Prelado alumiado com a soberana luz da Divina graça, como entendesse que ella jà estava temendo o rigor do castigo, que merecia por suas culpas, começou elle com fervoroso espirito, e fogo de santidade a exhortala; afeando-lhe com o evidente perigo da sua sal-

ſalvaçaõ o caſtigo que lhe eſtava aparelhado, pois vivia em taõ máo eſtado, lembrando-lhe os repetidos eſcandalos, que dava a toda aquella Cidade, e intimou-lhe eſta prática com taõ atractivas razoens, e efficazes palavras, que Afra ſem deixar paſſar mais tempo, cahio com tanto pezo de juizo, ſobre as ſuas culpas, que ſendo taõ grande peccadora, fizeraõ nella tanta impreſſaõ as palavras de S. Narciſo, que de publica mulher caminhou com verdadeiro deſengano para o Ceo, pelo meyo mais glorioſo, entregando a vida por Chriſto ao martirio, arrependida de ſuas paſſadas culpas. Acabada a exhortaçaõ do noſſo Santo, no meſmo inſtante deu Afra de maõ às mundanas galas, e pompoſos enfeites, veſtindo-ſe de ſaco penitente, compondo-ſe ſó com todos os adornos de contriçoens, e penitencias. Lançou-ſe convertida em lagrimas aos pès de Narciſo, pedindo-lhe o ſanto baptiſmo, o qual recebeo depois, que jejuou ſete dias juntamente com ſua mãy Hilaria, na qual tambem obráraõ prodigioſos impulſos da Divina graça, acompanhadas de Eunomea, Digna, e Eutropia, ſuas criadas, porque quiz o Ceo, que eſtas aſſim como foraõ companheiras de Afra nas torpezas, lhe fizeſſem tambem companhia na converſaõ; e congregadas em hum corpo, e com a meſma reſoluçaõ, no intimo das ſuas almas, abraçáraõ todas a ley, e mandamentos de JESUS Chriſto.

Com

Com estes principios taõ maravilhosos, se armou o Santo de ardentissimo zelo, e sabendo que naquella Provincia andava a perseguiçaõ menos furiosa contra o Christianismo, sahio com seu companheiro a propugnar constante; as verdades catholicas, e a confundir as impiedades hereticas, naõ só pelas ruas, e praças daquella Cidade, mas tambem por quasi todas as terras da mesma Provincia. Confortava os vacilantes, animava os firmes, e ao mesmo passo confundia, e convertia os herejes; confirmando a nova doutrina que prègava, com notaveis maravilhas, e estupendos milagres, resgatando muitas almas para o Ceo do cativeiro das culpas; por cujo motivo lhe ficàraõ chamando o Apostolo, e Mestre das Gentes daquelles dilatados povos. Depois de ter reduzido innumeraveis pessoas à nossa Santa Fé, começou a levantar Templos, erigir Altares, ordenar Sacerdotes, e nomear Bispos, que sustentassem a creaçaõ daquella nova christandade (hum destes foy hum tio de Afra, irmaõ de Hilaria, chamado *Dionisio*, ao qual em sua auzencia deixou encomendada a dita Cidade de Augusta, ficando Bispo della) em cujo trabalho Apostolico gastou o Santo Prelado nove mezes; e porque a semente do sagrado Evangelho q̃ prègava jà naquellas terras tinha creado raizes; lembrado de que as suas ovelhas que deixàra em Braga, estavaõ sem o seu abrigo, com saudades dellas voltou a Hespanha, fazendo caminho por

Ca-

Catalunha, que por todas as partes hia pregando a ſanta doutrina de Chriſto, como fizeraõ os ſagrados Apoſtolos; e na Cidade de Girona ſe deteve tres annos, porque eſtava aquella terra muito inficionada com a peſte dos erros gentilicos. E vendo a grande falta que ali faziaõ os Miniſtros Evangelicos, porque naõ ſofria perder-ſe taõ grande parte da vinha do Senhor, por falta de cultores; com grande animo, e alegre impulſo, veſtido de ardentiſſimo zelo, começou de novo a adquirir innumeraveis almas para Deos. E conhecendo os Gentios hirem perdendo com as exhortaçoens do Santo Prelado os ſeus hereticos coſtumes, e depravadas leys, com que viviaõ, para atalharem logo eſte ſeu mal por elles mal entendido, aſſentando, q̃ ſe o naõ obviaſſem, em breve tempo todos os ſeus moradores abraçariaõ o Chriſtianiſmo, dèraõ conta diſto ao Preſidente Ceſonio Macro, o qual mandou hir o Santo à ſua preſença, e ſendo perguntado, pelas ſuas conſtantes repoſtas, e grande fortaleza da noſſa Santa Fé, o mandàraõ pôr no equuleo, ſendo atormentado com diverſos martirios. Depois de paſſarem grandes tribulaçoens, eſtando celebrando aos Chriſtaõs o Sacrificio da Miſſa, os ſeus perſeguidores com furioſo impeto, lhe deſcarregáraõ tres penetrantes feridas, por confeſſar a Santiſſima Trindade, as quais feridas foraõ huma no hombro direito, outra na perna eſquerda, e a terceira na garganta, com aqual ca-

hio morto. E logo aquelles tiranos derão a mesma sacrilega morte ao seu Arcediago S. Felis, que parece quiz a Divina Magestade, que naõ entrasse esta flor Narciso no Ceo, sem hir matizada com o purpureo sangue de seu ditoso companheiro, padecendo tambem o martirio pela Fé de Christo.

Das Cidades Girona, e Augusta, he o nosso glorioso S. Narciso inclito Patrono; de Augusta, porque della foy o seu primeiro Apostolo, prègando-lhe a Fè com a verdadeira doutrina. De Girona; porque ali foy o theatro glorioso, na fortaleza, e constancia com que recebeo o triunfo do martirio, ficando nella suas miraculosas reliquias, e deixando-lhe a possessaõ do seu corpo incorrupto. Agora entenda o orbe se com justa razaõ se pòde jactar Santarem, de ter procreado hum alumno, que deu ao mundo tantas felicidades, e ao Ceo mais numero de bemaventurados: da nossa Braga tambem a gloria de o ter por Prelado, com a primazia daquella mitra, cinco annos, e huns poucos de mezes, para o devido culto a Deos, e ventura de tantas almas. E devese entender assim, que honrou S. Narciso a Santarem com seo nascimento, Braga com sua assistencia na Prelazia, a Augusta com sua prègaçaõ, e a Girona com o sagrado deposito do seu corpo, a qual Cidade teve a gloria de voar dali sua ditosa alma para as eternas moradas da Bemaventuça pelo triunfo do martirio. Este seu martirio

foy

foy no anno de 277. imperando Aureliano, e ſendo Conſul, Julio Capitolino, confórme dizem nas ſuas Hiſtorias, Euſebio, e Oroſio; e em Girona na Igreja Cathedral, no ſepulchro deſte noſſo Santo, ſe lè a ſeguinte inſcripçaõ.

Anno Domini CC.LXXVII.
IV. Kal. Nov. B. Narciſus
Epũs. dum Miſſam celebrat,
paſſus fuit Gerundæ, in loco ubi
nunc jacet Eccl.Cathedral. cum
Diacono Felice.

Pelos annos de 1116. abrindo-ſe eſte ſepulchro, ſe achou ſeu corpo incorrupto, (confórme diz o ſummario da Chronica Auguſtunenſe, referida pelo Author dos Agiologios Luſitanos, tom. 2. no dia 18. de Março. let. A. fol. 222. no Cõmentario) com hum cilicio cingido, tendo o ſeu roſtro alegre, vendo-ſe expreſſamente em ſeu venerando corpo, os tres ſinaes das feridas, que taõ depreſſa lhe déraõ a perpetua coroa na Gloria. Depois paſſados muitos annos, abrindo-ſe ſegunda vez o meſmo ſepulchro, ſe vio na meſma fórma, que a primeira; porèm eſtava com a maõ direita, como quem lança huma bençaõ. E neſta occaſiaõ achando-ſe ali certo Abbade em preſença de muitas peſſoas, querendo tirar-lhe hum dedo do pè, para o ter por ſingulàr reliquia, o Santo com muita ligeireza antes que lhe fizeſſe a execuçaõ, recolheo o meſmo pé para dentro da mortalha. Por eſte portentoſo Santo he ſabido que

tem obrado Deos muitos, e grandes milagres depois de seu corpo jazer sepultado, que se os expenderamos aqui todos, seria necessaria dilatada escritura; porém faremos aqui sómente memoria de hum, por ser digno de recordada lembrança, o qual foy succedido em o mez de Setembro de 1286. referido por diversos Authores, e como o relata Gaspar Barreiros na Chrog. pag. 137, e he da maneira seguinte. Nas assinaladas guerras que houve entre Carlos Rey de Sicilia, e Filippe de França com D. Pedro Rey de Aragaõ, quando já os Francezes, e Sicilianos tendo entrado em Girona à força de armas, como para soldados furiosos com a ambiçaõ de saquearem as couzas que achaõ nas terras em que entraõ, naõ ha para elles attençaõ, nem respeito aos lugares sagrados, entràraõ pela Igreja aonde estava sepultado o corpo de S. Narciso; e sacrilegamente sem reverencia a Deos, roubáraõ os vasos sagrados. Quando repentinamente sahîraõ de dentro da sepultura do Santo, (assim como valerosos soldados, que defendiaõ aquelle Castello sagrado) innumeraveis esquadroens de moscardos de extraordinaria grandeza, os quais acometiaõ os narizes, e orelhas dos soldados, que os naõ deixavaõ se naõ depois de cahirem mortos, assim huns como outros. A relaçaõ disto diz que o numero daquelles passava de quarenta mil, e o destes de trinta mil. A' vista deste grande, e miraculoso castigo, os mais desempararaõ a Cidade fugindo,

do, naõ tornando mais a ella, e recolhido El-Rey de França a Perpinhaõ, logo repentinamente morreo.

He o nosso S. Narciso prodigioso contra os rayos das tempestades, em cujas tribulaçoens a elle recorrem os afflictos para lhes valer, pois no anno de 1581. em hum dia do mez de Fevereiro, cahio hũ rayo no campanario da sua Igreja em Girona, que o derrubou todo, e descobrindo-se logo o seu sepulchro, foy achado nelle o Santo com as maõs levantadas ao Ceo; por cuja acçaõ, se julga ter tomado à sua conta proteger os seus moradores. He advogado contra o terrivel mal da peste geralmente este Santo, pois ardendo com elle Catalunha, e seus povos circumvisinhos, pelos merecimentos de S. Narciso, só Girona ficou sempre livre deste terrivel contagio, e em mais occasioens tem defendido do mesmo mal a muitas terras, que a elle recorrem com viva fé no seu valimento. E finalmente, se quizessemos aqui escrever todos os maravilhosos prodigios deste nosso Santo, que andaõ dispersamente escritos nas diffusas elegancias de tantos Authores, sería processo infinito, e os que delle escrevèraõ, e de q̃ temos a noticia, saõ os seguintes. Santo Antonino 2. part. Hist. tit. 8. cap. 1. §. 18. Surio tom. 4. de Sanct. ad 5. Truxillo in Thes. Concionat. tom. 2. col. 708. Padilha na Histor. Ecclesiast. de Hesp. Cent. 3. cap. 17. Domenec. nos Santos de Catalunha. pag. 68. e 150. Vaseu

in

in Chron. Ad an. 260. Sigismundo in Chron. Augustana. cap. 6. Zurita em os Annaes de Aragaõ. 1. part. liv. 4. cap. 69. Bruschio in Catalogo Episcop. August. cap. 8. Brandaõ no Disc. gratulator. pag. 124. O Mariscal de Pappenhein in Summario antiquo Chro. August. ad an. 1116. Dom Rodrigo da Cunha na Hist. Ecclesiastica de Braga. 1. part. cap. 39, e àlem destes Authores referidos, e outros mais trataõ de S. Narciso os Breviarios de Braga, os de Augusta, Girona, Valença, e Barcelona. Os Flós-Sanctorum de Vilhégas, Ribadaneira, Marieta, e Basilio. Adverte-se mais que o corpo do Bemaventurado Martyr S. Felis, natural desta Villa de Santarem, que vay referido neste capitulo, Arcediago, e companheiro inseparavel de S. Narciso, supposto que padeceo, e ganhou a coroa do martyrio em Girona, em companhia do dito Santo, seu sagrado corpo està sepultado na Cidade de Pariz, Corte de França, aonde he venerado dos Catholicos, com devotissimo culto, porque se Girona logrou o matiz de seu purpureo sangue, Pariz se honra com a possessaõ de seu sagrado corpo, para onde foy tresladado depois que padeceo martirio huns poucos de seculos, por Carlos Magno Rey de França. Celebra-se a sua festa em Braga com grande solemnidade aos vinte e quatro de Março, sendo que consta dos Martirologios, e Santoraes, que acima vaõ citados, ser o dia do seu martirio aos desaseis do mesmo mez.

CAPI-

CAPITULO XXVII.

Da prodigiosa vida de S. Joaõ Godo, natural de Santarem.

AInda Santarem nos offerece a noticia de outro Santo Prelado seu natural, para obrar maravilhosos prodigios em Girona depois de lhe dar aquellas duas flores de heroicas virtudes, Narciso, e Felis, que agora acabàmos de escrever; as quaes sempre estaõ exhalando da terra Escalabitana, que as produzio, soberanos aromas de santidade, e para que esta patria mais realçasse na sua grandeza, permitio o Ceo, que a Girona désse outra naõ menos cheirosa flor, qual foy o prodigioso S. Joaõ Godo, a quem acrescentaõ mais que o appelido de Godo, o titulo de *Gerundense*; o de Godo porque sem duvida descendia com o sangue Palatino destes Reys assim chamados, e o de Gerundense por ser meritissimo Bispo da dita Cidade. Nesta nossa famosa, e antiquissima Villa de Santarem, entaõ chamada *Scalabis* esclarecido emporio desta nossa Lusitania pelo motivo que jà dissemos no principio desta Historia. tom. 1. cap. 21. nasceo este nosso Santo Joaõ, como assim o escreveo Santo Isidoro na vida que delle compoz, cap. 31, e nòs o temos lido nas canoras elegancias de outros escritores. Com o grande desejo que tinha de

de se dar aos estudos, e adquirir fama por elles, logo nos annos da sua adolescencia deixou a Escalabitana patria, transplantando-se em Toledo, em cuja Cidade floreciaõ mestres de muitas sciencias; ahi com grande fervor aprendeo a latinidade, que he o fundamental ensayo para enriquecer o juizo com o cabedal das letras humanas e divinas, às quais ajuntou, sobre estar consummado Theologo, as virtudes com que veyo a ser singular historiador, valeroso defensor da fé, prêgador Apostolico, e supremo Prelado da Cathedral Catalunense. Mas vendo-se Joaõ Godo em Toledo, taõ aventajado no seu talento, cujo cabedal comprou pelo custo do seu estudo, considerando os intervalos, ou infortunios, que sempre pela mayor parte experimentaõ os seculares no mundo, resoluto a pizar as suas pompas, e faustos, com repetidos rogos, pedio o hábito da cógula Beneditina, o qual lhe foy lançado no Convento Agaliense. Com o prodigioso desprezo das vaidades, e estimaçoens do seculo acompanhava seu grande espirito huma profundissima humildade, com que resplandeciaõ nelle as virtudes em summo grào. Estando jà crescido em mayores annos, parecia no trato, e nos exercicios noviço: naõ admittia outrem que o servisse, antes tinha por gloria o servir a todos. E sendo notorio aos mais Monges do mesmo Convento, o grande empenho, e sutileza de juizo, o seu Abbade lhe deu licença para hir estudar mais

mais letras a Conſtantinopla, que entaõ era cabeça do Imperio Oriental, e univerſal eſcola de todas as faculdades; là aprendeo mais no circulo de deſaſete annos, ſahindo taõ verſado nas lingoas, Grega, e Latina, e taõ erudito na liçaõ da ſagrada Eſcritura, e na intelligencia dos Santos Padres, como bem dos ſeus eſcritos ſe póde colligir, e admirar.

De Conſtantinopla para Heſpanha, voltou eſte Santo Monge, ao tempo que o pernicioſo Leovigildo empunhava o Gotico cétro, por cujo mando fervia por todas aquellas partes dos ſeus eſtados a peſtifera ſeyta Arriana, e por fugir deſte contagioſo mal, ſe retirou à patria, aonde com felicidade converteo logo â fé de JESU Chriſto, a ſeus pays, parentes, e amigos, obrando em todos a efficaz excellencia da graça divina. Chegáraõ os éccos deſtas obras de Deos aos ouvidos de Leovigildo, o qual como eſtava obſtinado em ſua propria cegueira, com extraordinarias oppreſſoens, perſeguia aos que eraõ Catholicos, dando-lhes rigoroſos deſterros. E querendo vulgarizar eſtes ſeus erros com peſſoas grandes, para acreditar ſeus deſatinos, emprendeo para iſto grangear ao noſſo Joaõ Godo, ſuppondo que por ſer peſſoa de taõ illuſtre geraçaõ, e mancebo, facilmente o reduziria à ſua parcialidade, promettendo-lhe honorificos lugares; e que com caricias, ou ſeveras ameaças de o deſterrar, por eſte caminho lhe torceria a ſua

 incli-

inclinaçaõ. Tudo iſto fez o rigoroſo Monarca; porèm nada conſeguio, nem foraõ baſtantes eſtes exceſſos, para fazerem abalar o invencivel peito do Bemaventurado Monge. Atalhados os máos intentos delRey, com a perſeverança do Santo Padre, arrebatadamente o deſterrou para Barcelona, e com tanta aſpereza o quiz maltratar, levado da ſua inſania, que nem reparou ter ſido Meſtre de ſeu filho, o inviƈtiſſimo Principe, e Martyr S. Hermenegildo. Mas devemos entender, que todas eſtas determinaçoens vieraõ do Ceo, ordenadas pela Divina Providencia, para que o Santo prègaſſe em toda aquella Provincia a Fé Catholica, e nella encaminhaſſe muitas almas para Deos, como o tinha feito nas mais terras de Heſpanha. Ali em Barcelona aſſiſtio por eſpaço de dez annos, prègando com incanſavel zelo, ſervindo aos hereges de flagello, e aos Catholicos de refugio; em cujas fadigas padecia com firme conſtancia muitas perſeguiçoens dos que ſeguiaõ a maldita ſeita de Arrio, os quais por varias vezes lhe maquináraõ a morte, injuriados com as glorioſas viƈtorias, que contra elles alcançava nos publicos certames, e diſputas geraes, no que tocava aos ineffaveis miſterios de noſſa Santa Fè.

No diſcurſo deſte tempo, fundou o noſſo Santo Joaõ o famigerado Convento de Val-clara povoando-o logo de Monges da ſua Religiaõ Benediƈtina, agregando-lhe à ſua Regra conſti-

tuiçoens

tituiçoens perfeitiſſimas, com grande utilidade da Religioſa vida Monaſtica, donde ſahíraõ prodigioſos Varoens em virtudes, e ſantidade. Governando eſtava S. Joaõ eſte Convento, ſendo delle Abbade, com grande obſervancia dos ſeus ſubditos, e applauſos de todos os Catholicos, quando chegou o felice termo da infelice morte delRey Leovigildo; tomou póſſe do Cetro, ſeu filho o Chriſtianiſſimo Recharedo; o qual com acçaõ piedoſa, e regia grandeza, logo levantou o degredo aos Catholicos deſterrados. No terceiro Concilio Toledano ſe achou eſte perfeitiſſimo Principe, aonde elle com toda a ſua Corte proteſtou a noſſa Santa Fé, obrigandoſe a defendella athè dar por ella a vida: lembrado da muita virtude, e letras de ſeu Santo Meſtre Joaõ Godo, e conhecida ali a ſua ſólida doutrina, e conſtante fortaleza por eſtar vaga a Cadeira Epiſcopal de Girona por morte de Alapio, o provéraõ nella. Como vigilante Paſtor apaſcentou as ſuas ovelhas com tanta doçura, e ſuavidade que em breves tempos ſe viraõ nellas perfeitas refórmas nas vidas; acabando de arrancar de todo algumas peçonhentas raizes, que erradamente julgavaõ por boas as conſtituições Arrianas; livrando aſſim aquelles povos da miſeravel loucura com que athé ali viviaõ, e plantando por todas as terras a firmeza de noſſa ſanta, e verdadeira Religiaõ; para o que foy a todos os Concilios que ſe convocáraõ em ſeu tempo, relu-

zindo em todos com manifesta virtude sua perclara sciencia.

Com todos os beneficios espirituaes, que sem descanço algum fez à Igreja de Deos, nunca deixava de ser vigilantissimo na guarda da sua Religiaõ, pondo-a em perfeita, e observante Regra Monacal, resplandecendo sempre em sua vida cada vez mais com manifestos, e gloriosos milagres. Tendo pois obrado portentosas maravilhas em serviço de Deos com grande credito da sua patria, e chegado finalmente o ultimo prazo da sua vida, o chamou Deos por meyo de hũa morte felicissima ao logro da coroa eterna, em seis de Mayo de 631. Este Santo, e doutissimo Prelado, escreveo compondo excellentissimas obras, das quaes Santo Isidoro (que foy seu Chronista) jà se queixava que naõ appareciaõ algumas dellas. Escreveo hum utilissimo volume digno de muita estimaçaõ, que trata da Historia de Hespanha, proseguindo as Chronologias de Prospero Aquitanico, Victor Tunense, que principia no primeiro anno do Menor Justino, e acaba no oytavo de Mauricio, Principe que foy do Imperio Romano. E ainda hoje se lé huma instrucçaõ que o mesmo Santo compoz para os seus Monges de Val-Clara, couza muito douta, e santa. No tumulo do seu sepulchro se lé hum epitafio, que começa desta maneira: *Pignora sacra tegit, sub marmore Sancte Joannes.* E por ser dilatado o escrevemos só aqui em Portuguez.

Aqui

Aqui debaixo deste marmore (oh S. Joaõ) cobre a terra tuas sagradas reliquias, sejate ella leve. Tu es a delicia da tua Patria, e o amor da ley Divina. Tú a fermosura de Hespanha. Assim andaste solicito na vida, que o coraçaõ todo empenhaste na fé. Em Santarem foste gerado ao mundo de pays Godos Lusitanos. Depois Toledo te deu grandes prebendas, e Constantinopla a suprema arte de suas Gregas sciencias. Tornaste para tua Patria cheyo de affeiçaõ da gente Goda, que reduziste à fé Catholica. Mas como Leovigildo te naõ podesse trazer por mal, nem por bem, à profissaõ da sua damnada seyta, te desterrou para Barcelona, e como infiel te perseguio, onde padeceste muitos trabalhos. Aqui logo oh inclito Joaõ edificaste o Mosteiro de Val-Clara, para morada de muitos Monges. Finalmente reduziste os Godos à fé Catholica, com que mereceste a alta dignidade de Girona, e exercitaste o officio Pastoral excellentemente, athè, que esclarecido em doutrina, e illustre em piedade, passaste pela morte, e a mesma te foy grangearia.
Este epitafio que se gravou no seu sepulchro, he sem duvida hum abreviado rezumo da sua vida, e nos abona tudo o que delle acima fica relatado. O grande Doutor Joaõ Tamayo Salazar, o traz escrito no terceiro tom. do Anamnesi Hisp. pag. 85. e o refere em portuguez o Agiologio Lusitano no terceiro tom. a seis de Mayo let. C. fol. 103. no Commentario.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

Dos Padres Frey Diogo Vieira, Frey Antonio da Conceiçaõ, e Frey Gaspar da Maya, todos Religiosos Trinitarios, e naturaes desta Villa de Santarem.

O Grande Padre Frey Diogo Vieyra, nascido nesta Villa de Santarem, foy Religioso Trinitario da esclarecida Provincia deste Reyno de Portugal; delle naõ achàmos que escrever, no que toca ao seu nascimento, e estado secular, nem jà queremos repetir queixas contra os nossos antepassados em permittirem que o tempo sepultasse nas cinzas do esquecimento, o que mais se devia eternizar em bronzeádos padroens, para a nossa admiraçaõ: pois os poucos cazos que sabemos da vida deste perfeitissimo Religioso, nos certificaõ quaes seriaõ as suas virtudes: sabemos porèm, que foy observantissimo das suas constituiçoens, e pontualissimo em todos os actos da vida regular. Era taõ amante, e zeloso da sua Religiaõ, que se precisou ir a Roma com grande discommodo da sua pessoa, para a pôr em paz, e apagar o fogo das discordias que naquelle tempo nella ardia. Em cuja cabeça do mundo, crescendo os negocios a que foy, vio que era forçosamente necessario para os concluir com a felicidade que desejava, de ter-se

ter-se lá mais tempo. Nesta occasiaõ occupava a suprema cadeira dos Vigarios de Christo na terra S. Pio quinto; e como elle era verdadeiramente pio, e santo, communicando a Frey Diogo, soube, e conheceo a sua virtude, e talento, e achou o Santissimo Padre que era capaz dos mayores empregos da sua Ordem. E voltando despachado para Portugal, o dito Summo Pontifice lhe concedeo por authoridade Apostolica, o Ministrado do seu Convento de Santarem.

Chegado pois a este seu Convento, costituido Prelado delle, e ainda que isto naõ foy bem aceito de alguns Frades, por ser contra os seus estatutos, com tudo, em tal fórma se soube haver com elles, temperando a sevéra reverencia com a satisfaçaõ da brandura, que tudo ficou em serena tranquilidade; fazendo-se neste lugar taõ perfeitamente conservador dos preceitos religiosos, que deu altissimos documentos aos Ministros futuros: porque foy huma prodigiosa idea de hum Prelado, que alcança semelhante dita; pois assim como naõ ha couza geralmente mais dezejada, tambem a naõ ha mais dificultosa, qual he governar homens. Esta sciencia he aprendida de muytos, mas comprehendida de poucos, ou de nenhum. Aquillo mesmo que he meyo entre o rigor, e a brandura, a que responde o temor, e amor do subdito, ponto he taõ indivizivel, e traz comsigo tanta cegueira, que athè agora ninguem o achou, nem deu com elle. Huma

ma rigorosa alternativa que ha de encorrer, ou no desagrado de Deos, ou de cahir no odio dos homens, por mais que se retrate na imaginaçaõ, nenhum Prelado della se livrou na realidade. Se se poem em pontos de fazer guardar as leys, quebraõ com elle os subditos, e primeiro que todos os que tinha por mais amigos; se a deixa quebrar, lá vay a consciencia; se castiga, he tirano; se perdoa compassivo, he remisso; finalmente, ou largue as rèdeas à natureza, ou lhas aperte, sempre na intençaõ dos subditos, ou elle se fez insofrivel, ou elles se fazem insolentes.

Porèm foy tal a virtude do nosso Frey Diogo em quanto Prelado, que se naõ achou nelle militarem estes contraditorios, ou os avessos destas contrariedades; porque vestindo o severo rigor, com amorosa fraternidade, confessavaõ depois todos os subditos, que era realmente verdadeiro Prelado, e digno dos mais sublimes lugares de governo. Assim conservou a authoridade pastoral, sendo igualmente temido, e de todos amado, conservando-se cuidadoso pay, imprimindo com o conselho, e com o exemplo, nos coraçoens dos subditos, a agilidade para o serviço de Deos, e juntamente o proveito das almas, fazendo-lhes com os exercicios do Ceo, aborrecer os vicios da terra, aonde elles nascem, e se criaõ: porque se o viver reportado nasce de entendimentos maduros, os moços que de sua natureza podiaõ ser pouco considerados, e faceis, para o mal,

mal, com taõ boa doutrina da modeſtia religioſa, ſe recolhiaõ dentro em ſi, julgando jà qualquer ſoltura do mundo, por inimiga da alma, de cujas ponderaçoens ſobiaõ com os dictames do juizo as couzas, que ſó ſaõ proveitoſas, creſcendo em merecimentos, para alcançarem os delicioſos dotes da graça. Tendo jà pois eſte virtuoſo, e perfeitiſſimo Padre conſummado maravilhoſos progreſſos na caſa de Deos, aonde ſe trabalha na vinha do meſmo Senhor, tendo creado nella com a ſua doutrina, e exemplos, grandes ſojeitos de vidas eſpirituaes, paſſou dos trabalhos deſta vida, neſte Convento de Santarem, a lograr (como devemos entender) o premio que Deos lhe terà jà dado na Bemaventurança. No terceiro tomo dos Agiologios Luſitanos, a fol. 586. let. E; achámos que falleceo a outo do mez de Junho, porèm em que anno foſſe, naõ temos noticia.

Outro eſpecial Varàõ de grande virtude ſe offerece à leitura deſta Hiſtoria, para gloria de Santarem ſua patria, eſmalte da eſclarecida Religiaõ Trinitaria, e credito do Divino poder. Eſte perfeito Servo do Senhor, foy o Padre Fr. Antonio da Conceiçaõ, natural deſta Villa. Seus Pays ſe chamàraõ Sebaſtiaõ Rodrigues, e Maria Paes, peſſoas muito honradas; os bens que a fortuna lhes deu, eraõ de mediana riqueza, e quanto aos da graça foraõ de clara eſtimaçaõ para a ſua nobreza; porque eraõ muy devotos,

e bem procedidos, gastando quasi toda a sua vida em santos exercicios. Entre outros filhos que tiveraõ com boa educaçaõ, offerecèraõ a Deos o nosso Frey Antonio, tomando o candido habito da Santissima Trindade, e professou com grande gosto seu, e da Religiaõ no Convento da sua patria a trinta e hũ de Dezembro de 1567. No mesmo Convento estudou a Filosofia com o Padre Mestre Frey Luiz Soares, em cuja faculdade se fez scientissimo: e sendo jà sacerdote, a santa obediencia o mandou para o Collegio de Coimbra a estudar Theologia, fazendose tambem nesta sagrada sciencia eminentissimo.

No Collegio daquella Universidade existio alguns annos com superior espirito, sólida santidade, muito exercicio de oraçaõ, humildade profunda, ardente caridade: e muito zeloso da regular observancia. Nos negocios da salvaçaõ das almas, foy incansavel, acommodando-se com santo intento ao genio dos que tratava, por grangealos todos para o Ceo. Prègava com notavel fervor, acompanhado de tanta suavidade, e doçura, que arrebatava os coraçoens. No confessionario era continuo, e ninguem chegou afflicto aos seus pès, que se naõ auzentasse com espirituaes consolaçoens.

Quando succedeo a infelice batalha que El-Rey D. Sebastiaõ foy dar a Africa, destruido o nosso exercito, pelo do barbaro Mahometano, ficou lá grande numero dos nossos Christaõs,

entre-

entregues ao cativeiro dos meſmos barbaros. Ordenou a Divina Providencia, que foſſem de Portugal os Padres de familia Trinitaria (como coſtumaõ, e tem por inſtituto) a Barbaria, para os reſgatar, curar, conſolar, e ſacramentar. Entre os Religioſos que foraõ a eſta ſanta empreza, foy hum delles o noſſo Padre Frey Antonio da Conceiçaõ; que era ſempre fiel companheiro nos trabalhos, miſerias, e redempçoens, do veneravel Padre Frey Ignacio Tavares, filho do meſmo Convento de Santarem, e Redemptor geral dos cativos em Africa; com o qual ſe achou confortando aos ſete Martyres de Marrocos Portuguezes, que ali padecéraõ o martyrio por Chriſto, no anno de 1585; a cujo triunfo compoz Frey Antonio hum livro, que dedicou ao Eminentiſſimo Cardeal Alberto, Arquiduque de Auſtria, Governador entaõ de Portugal, e aſſiſtente neſte Reyno. Eſcreveo mais hum tratado doutiſſimo, no qual muito ſe laſtima do miſeravel eſtado da eſcravidaõ em que ſe via, dando a ſaber nelle a valeroſa conſtancia, e ſocegada paciencia, com que ſe portou, paſſando tantos trabalhos, para que ſerviſſe de exemplo aos ſeus Religioſos, quando ſe viſſem no teatro daquellas tragedias; moſtrando-lhes naquelles voluntarios ſacrificios, a ſegura eſtrada por onde com firmes, e velozes paſſos ſe caminha para o Reyno do Ceo.

Naquella Africana Cidade de Marrocos, pe-

lago de torpiſſimos vicios, reſgatou eſte Varaõ Apoſtolico com a ſua grande caridade, innumeraveis cativos, de hum e outro ſexo, em diverſas redempçoens, padecendo com notavel fortaleza muitas afrontas, priſoens, e fómes extraordinarias, athè que o meteraõ manitado, e carregado de ferros em huma horroroſa maſmorra; por naõ poder logo pagar grande quantia de dinheiro que pedio empreſtado ſobre ſua palavra, a fim de reſgatar com elle muita gente que via hir a pique perdendo a fé. Eſte empenho, que podemos chamar felicidade, foy glorioſo motivo com que a morte lhe deſempenhou no tranſito do eſpirito, ir ſua alma poſſuir o premio de ſua penoſa vida, nas delicioſas moradas da Bemaventurança; ficando na terra numerado entre os illuſtres Martyres da ſua ſagrada Religiaõ. Falleceo encarcerado aos vinte do mez de Mayo de 1586, e na ſua ordem ſe tem jà feitas as diligencias, que ſaõ neceſſarias para a ſua Beatificaçaõ, com aquellas ſolemnidades que ſe coſtumaõ fazer em direito. Eſcrevem deſte Veneravel Varaõ, Frey Bernardino no Epitome das Redempçōes. liv. 2. cap. 9. §. 2. Oſorio na Pancarpia. liv. 3. fol. 132, e outros muitos Authores.

Tambem o Veneravel Padre Frey Gaſpar da Maya foy natural deſta Villa de Santarem, e recebeo o hàbito da Ordem Trinitaria no Convento que della ha na meſma Villa; o qual logo em noviço deu moſtras, do que havia de ſer para o

futu-

futuro : pois era taõ composto, e taõ modêsto, que o trazer os olhos no chaõ, mais parecia nelle natureza, que preceito do estado que tomàra; porque foy o uso que observára toda a vida: era muito humilde, com summa obediencia, e muito amigo de todos os exercicios da virtude. Depois de professar no dito Convento, por certas conveniencias da Ordem se passou à Provincia de Castella, vivendo em Aragaõ largos annos, com raros exemplos da mais perfeita vida religiosa, e observancia de ambas as Constituiçoens. Voltou em fim para Portugal a buscar o primeiro asilo aonde se retirou do mundo, buscando a Deos; e naõ se achando jà no Convento memoria da sua profissaõ, se lhe ratificou de novo. E se athè aquelle tempo gastou a vida com grande espirito em serviço do Senhor, dali por diante cresceo nelle mais o abrazado fogo do amor Divino, como bem se vio no seu glorioso transito; e foy como aqui diremos.

Andando este Veneravel Padre sem achaque algum, mais que o da velhice, em o misterioso dia da Ascensaõ de Christo, depois de ter dito Missa, e rendido as devidas graças ao Ceo, com a especial devoçaõ que costumava, foy à cella do Ministro, e prostrando-se a seus pès, vertendo compungidas lagrimas, lhe disse estas seguintes palavras: *Lanceme vossa Paternidade sua bençaõ, porque quero partir desta vida, que assim o dispoem meu Senhor JESU Christo.* Admirado o Ministro

tro daquella novidade, que parecia feria effeyto da velhice, lhe refpondeo affim: *Veja Padre naõ feja iffo alguma tentaçaõ, ou demafiada aprehenffaõ do juizo.* Porém fempre lhe lançou a bençaõ; porque fempre efta tem virtude, fendo da maõ dos Prelados. E logo dali foy bufcando a todos os feus Irmaõs Religiofos, abraçando-os com faudofo amor, e brandas caricias, como quem fazia jornada para naõ fe tornarem a ver, de que todos fe admiravaõ. Depois difto recolheo-fe à fua cella, compoz-fe com o manto, e encoftado fobre huma taboa, a qual fempre lhe fervia de cama, nella deu a fua alma ao Creador; fendo ifto no tempo em que os Religiofos eftavaõ no coro cantando Noa. A efta hora correo pela portaria dentro huma pouca de gente gritando com grande alarido, dizendo, que no dormitorio fe eftava abrazando huma cella, porque pela janella fóra fahiaõ chamas de fogo. Sobrefaltáraõ-fe os Frades com a noticia, fahíraõ à preffa pelo coro fóra, foraõ com prefteza correndo as cellas, e naõ achando final algum de fogo, entràraõ na do fanto Velho, a cujo corpo jà naquelle inftante a fua alma o tinha deixado, voando para o Ceo; cujas teftemunhas eraõ os refplandores que adornavaõ aquellas fimples paredes, e o fuave cheiro que exhalava o feu venturofo cadaver. Foy efte feu preciofo tranfito tendo outenta e quatro annos de idade, no de 1598, como fe acha efcrito no livro dos

Obi-

Obibitos do Convento de Lisboa, a folhas duzentas. cap. 1. E foy ſepultado no cemiterio commum do dito Convento em que falleceo.

CAPITULO XXIX.

Da vida do Beato Frey Pedro, natural deſta Villa de Santarem.

NAſceo o Beato Frey Pedro neſta antiquiſſima, e nobre Villa; foraõ ſeus progenitores de nobilliſſima geraçaõ. Seus Pays o creàraõ com muito cuidado; deſvelando-ſe com bons exemplos em enxertar no tenro coraçaõ do filho, as plantas da devoçaõ, com todas as virtudes chriſtaãs, que firmando-ſe com profundas raizes, vieraõ depois a produzir maravilhoſos frutos. Na ſua puericia eraõ os vagaroſos paſſos da natureza ligeiros voos da graça; e entre os brincos dos primeiros annos, jà ſe lhe viaõ luzir os reſplandores da devoçaõ. Depois de mais creſcido, chegou à idade em que a luz da razaõ illuſtra o ſer, e dá ſer às acçoens: porque ſem clareza de entendimento, nem as acçoens merecem louvor, nem vituperio. Deſcobrio-lhe o genio huma indole dociliſſima, e taõ facil para tudo o que era fazer boas obras, que para as ſeguir pareciaõ ocioſos os deſvellos nos dictames da doutrina; baſtava a propenſaõ que lhe naſcia da natureza. Inclinou-ſe finalmente eſte noſſo Pedro ao eſtudo

do da Logica, luz de todas as ſciencias, e nas muitas dificuldades que tem a ſua comprehenſaõ, moſtrou ter taõ vivo o engenho, que mais parecia ſer Meſtre, que diſcipulo. Eſtudou toda a Filoſofia, e della paſſou com grande fervor aos eſtudos da Medicina (ſciencia que naquelles tempos ſe dignavaõ muito os Principes, e grandes Senhores de ſaberem, e a exercitarem) e em poucos annos nella ſe graduou, naõ devendo neſta honra couza alguma ao patrocinio, tudo ao merecimento. Conſtituido inſigne Medico, creſciaõ nelle as obrigaçoens da caridade em ſer perfeito nas curas, e ao meſmo paſſo os dezejos de deixar o mundo, por lhe repugnar a virtude os applauſos populares. Com eſte penſamento, que continuamente lhe pulſava no coraçaõ, e com eſte prodigioſo deſprezo das vaidades, pompas, e eſtimaçoens do mundo, deixando as curas dos corpos, tratou da de ſua alma recolhendo-ſe Religioſo com o habito de S. Domingos no Convento que ha deſta Ordem em Santarem ſua patria.

No eſtado de Religioſo, em breve tempo foy hum eſpelho de virtude. No anno em que foy noviço, ſe naõ vio nelle falta, que pareceſſe defeito, ou que mereceſſe aquelles caſtigos, que nas Religioens ſe coſtumaõ dar pelas mais leves culpas: ſe algũa penitencia fazia, ſó era por exercicio da paciencia, nunca ſatisfaçaõ da culpa: deſta ſorte deu principio à vida Religioſa; aſſim principiou,

cipiou, assim seguio, e assim acabou, crescendo cada vez mais em todas as virtudes. Na obediencia foy singular, naõ só satisfazendo aos votos, a que se obrigára, mas resignando-se sempre na vontade do Prelado. Era singularmente caritativo para com o proximo; na enfermaria se empregava todo em servir aos enfermos Religiosos do Convento, curando-os com notavel diligencia, e fraternal affecto, animando-os, e consolando-os com huma continua assistencia. Todo o tempo que vagava despois de assistir no Coro, e aos doentes, empregava em oraçaõ, que tanto se desvelava com este santo exercicio, por meyo do qual mereceo singularissimos favores do Ceo, pois por muitas vezes o achavaõ arrebatado em doces extasis, adquirindo por estas continuadas repetiçoens, o nome de Religioso extatico. Em huma occasiaõ estando este bom servo de Deos na enfermaria doente, soube que os mais Religiosos estavaõ no Coro em oraçaõ despois de terem rezada a Noa, arrebatado de huma santa inveja tambem elle se poz a orar na cama, e com taõ fervorosa ancia o fez, e com tal vehemencia do espirito, que ficou o corpo em hum extasi em tal fórma levantado no ar, que levou comsigo as mantas que o cobriaõ no leyto; e com tanto impeto se elevou, que só o tecto da casa o deteve para naõ sobir mais. A este tempo estava ali hum Religioso leigo, de vida santissima, que vio este maravilhoso rapto, chamado Frey Mar-

tinho, o qual se achava convalecente na mesma enfermaria; logo deu conta disto que vira ao Santo Frey Gil (que no primitivo tempo daquelle convento nelle estava morador) e informando-se do mesmo Servo de Deos Frey Pedro, elle lhe confessou o caso, assim como lhe tinha sucedido, e lhe descobrio outros celestiaes segredos, que na mesma hora lhe foraõ revelados; pedindo-lhe juntamente com grande humildade lhe guardasse o segredo que convinha.

Depois de estar jà livre da doença, e convalecido, deu-se com mayor fervor em servir a Deos, sendo muy frequente, e austero em jejuns, e penitencias, crescendo cada vez mais de virtude, em virtude pelo caminho da perfeiçaõ, de que nasceo ser perseguido, e vexado do demonio, prova de que era justo; porque contra estes he a sua ira à medida da sua inveja: quando os vè mais convertidos, e mais chegados a Deos, entaõ se empenha mais em os apartar, e perverter. Cheyo de rayva appareceo hum dia a este Servo do Senhor, estando na Capella mayor orando; e pegando-lhe pelos pès o levou arrastado por toda a Igreja dando-lhe com o corpo e cabeça nas lages, ferindo-o, e pizando-lhe todo o corpo; e depois por ultimo remate, lhe deu hum grandissimo couce em hũa perna, em a qual lhe abrio huma grande ferida; e deixando-o sem sentidos quasi morto, se foy pelos ares dando grandes alaridos. A este estrondo acodìraõ os

Re-

Religiosos, e achàraõ o Servo de Deos na fórma referida, parecendo estar morto. Pegáraõ nelle levando-o nos braços para a enfermaria, que de lá tinha sahido havia poucos dias: ali esteve por tempo de muitos mezes novamente enfermo padecendo grandes e excessivas dores, as quaes passava com muyta paciencia, mas sempre alegre, pois via que se empenhàra o demonio em o maltratar, e que o mesmo inimigo lhe apressára o seu mayor dezejo de hir mais sedo lograr a perpetua coroa, na suprema delicia do Ceo. Cada vez mais se lhe foy agravando a chaga da ferida que o venenoso dragaõ lhe fez na perna, em tal fórma, que della veyo a morrer. E foy Deos servido que na terra se manifestasse a sua gloria: porque depois de espirar, ficou o seu rostro com resplandor taõ claro como o do Sol; com huma luz taõ viva, que sendo noute pode o Prelado sem outra, ler e beneficiar todo o Officio, que em semelhante occasiaõ se deve fazer. Foy este seu transito aos doze dias de Janeiro de 1262. Faz mençaõ delle neste dia o Agiologio Dominico, tom. 1. a fol. 104. De outros muitos Santos, e Varoens veneraveis, que foraõ naturaes desta Villa de Santarem, podiamos nesta escritura intimar as suas vidas aos devotos leitores, para mayor esplendor da sua mesma patria; porèm como dos que neste papel faltaõ (que saõ muitos) naõ temos ainda cabais noticias, e por outros andarem taõ vulgarisados pelas pennas de graves

escritores, saõ estas as razoens, porque a nossa aqui se encurta, e se embóta; poderà vir tempo, em que se manifestem todos à publica luz em hum tomo.

CAPITULO XXX.

Das noticias do singular Heroe D. Payo Peres Correa, e do grande Padre Frey Basilio de S. Francisco, ambos naturaes desta Villa de Santarem.

O Grande escritor, e grande Prelado, o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na sua Historia Ecclesiastica de Lisboa, a folhas 851, nos affirma ser o invicto D. Payo Peres Correa, nascido e creado nesta nossa Villa de Santarem, e nòs nella temos viva tradiçaõ, que nascèra, e morára na freguezia de Santiago, nas cazas que hoje saõ da residencia dos Vigarios da Paroquial Igreja de Santa Iría, as quaes conservaõ ainda hoje hum torreaõ, que denota grande antiguidade, e da sua vida diremos o que aqui se segue. Foy D. Payo, filho de Pedro Pires Correa, e de D. Dordea Pires, pessoas illustrissimas deste Reyno. Foy decimo sexto Graõ Mestre da Ordem de Santiago em toda Hespanha, e sem controversia grande Capitaõ entre os mayores, sendo igualmente famoso em virtudes, victorias, e conquistas, redimindo em Portugal, e Castella muitas praças que gemiaõ debaixo do jugo

jugo Mauritano. Pelos annos de 1242. dominava Aben Afan Rey Mouro, a mayor parte do Reyno do Algarve, com grande poder em numero da ſua gente Africana, e no dia nove de Janeiro do referido anno, ſahio eſte Rey barbaro da Cidade de Sylves, (que era aonde tinha a ſua Corte) acompanhado de muita gente de guerra, com numeroſas trópas, para nos combater, e tomar a Villa de Eſtombar; porèm como o noſſo valeroſiſſimo, e vigilante General D. Payo a tinha guarnecida com bons Portuguezes, que valeroſamente a defenderiaõ ſem grande ſuſto, ſubitamente deu ſobre Sylves, e a levou à força de armas. E quando chegàraõ as triſtes novas ao Rey, acodio-lhe com grande preſteza, mas por mais esforços que fez para recuperar o perdido, foy tal a oppoſiçaõ do brio, e valor Portuguez, que ultimamente veyo a ficar o Mouro ſem Cidade, ſem Villa, e ſem vida; porque ainda que ſe quiz auzentar fogindo, pelo ſeguirem os Portuguezes, foy taõ grande o ſeu deſacordo na preſſa da fugida, que precipitado ſe afogou em hum pêgo, o qual ainda hoje conſerva o nome do meſmo Rey padecente.

Logrou eſte famoſo Heroe, por ſuas grandes virtudes, com o zelo da noſſa ſanta Fé, notaveis favores do Ceo: na occaſiaõ da batalha chamada de *Lerena*, vendo que entrava a noute em favor dos barbaros infieis, os quaes jà começavaõ a ſer vencidos, implorou, e alcançou de

Deos,

Deos, que se extendesse, e dilatasse o dia, o que foy bastante para romper os inimigos, e os desbaratou inteiramente; por cujo maravilhoso successo lhe ficou o mundo dando o titulo de *Josuè Portuguez.* A este prodigio, se seguio obrar Deos pelos seus merecimentos, outro que naõ foy menos portentoso, porque na mesma occasiaõ padecendo os soldados do seu exercito grande falta de agoa, pegou em huma lança, e batendo com ella em hum duro penhasco, sahio logo delle tanta agoa, taõ clara, e taõ copiosa, que ficàraõ todos satisfeitos, e com abundancia saciados; que se na primeira acçaõ imitou a Josuè, na segunda renovou a memoria de Moyses. Depois disto, naõ cabendo o seu valor em toda a Hespanha, passou a Constantinopla, a soccorrer Balduino, aonde por suas gloriosas acçoens, mereceo com geraes encomios os applausos Imperiaes, e as gratulações Pontificias. E retirandose a buscar a patria, acabou a vida em santa velhice carregada de heroicos merecimentos, no decimo dia do mez de Janeiro, anno de 1275. Delle escrevem, àlem de D. Rodrigo da Cunha, que acima fica referido, o Author da Historia Tripartita a fol. 240. O Mestre Francisco de Santa Maria no seu Anno Historico. tom. 1. fol. 180. e outros muitos.

Pelos annos de 1604, o Padre Frey Basilio de S. Francisco, natural desta Villa, entrou com mais companheiros, todos Religiosos Carmeli-

tas

tas deſcalços, chamados de S. Joaõ, no Reyno da Perſia, logrando ſingulariſſimos favores do Papa Clemente oitavo, e levando grandes indulgencias por elle concedidas, logo fundàraõ de novo naquelles territorios muitas cazas, e vendo que os Armenios eſtavaõ em termos de claudicarem na fé de JESU Chriſto, com os martirios, que nelles mandava fazer o Xà, ſendo naquelle tempo acerrimo deſtruidor dos noſſos Chriſtaõs contra os ſeus erros. Na Cidade, e termos de Baçorà obrou o noſſo Frey Baſilio o que pode obrar o mayor zelo da Religiaõ Catholica. Tendo ſó ſeis mezes de reſidente naquellas partes, prègava em tres idiomas bem dificultoſos, que ſaõ Perſiano, Arabio, e Turqueſco, o que naturalmente ſe faz dificil à comprehenſaõ, e parecia haver-lhe o Eſpirito Santo communicado com eſpecialidade alguma couza daquelle dom das lingoas, que ſó foraõ concedidas inteiramente aos Apoſtolos. Neſte ſagrado exercicio adquirio tanto fruto para Deos, e pela graça divina ſe fez taõ bem quiſto com todos, que muitos Reys circumviſinhos o admittiaõ com boa vontade, para que entraſſe nas ſuas terras; e a muitas foy, aonde levantou ſagrados Templos, diſcorrendo por ellas com tanto fervor de eſpirito, e ſe vio com taes eſperanças de ſeu trabalho Apoſtolico, que jà lhe naõ faria duvida hir edificar Conventos, e fixar o eſtendarte de Chriſto na Caza Mèca; com que de

todo

todo ficaſſem deſtituidos de forças as venenoſas ſerpentes de taõ inficionadas leys, e malditas ſeytas. Deſte grande Varaõ Apoſtolico, faz mençaõ o famoſo eſcritor Manoel de Faria, e Souſa no terceiro tomo das ſuas Aſias Portuguezas. 4. parte cap. 2. fol. 399. verſ. affirmando ſer o dito Padre natural de Santarem.

CAPITULO XXXI.

De outras peſſoas naturaes deſta Villa, que ſaõ dignas de memoria.

FOy o Padre Manoel Pimenta digniſſimo filho da eſclarecida Religiaõ da Cõpanhia de JESUS, e natural deſta notavel Villa de Santarem. Entrou no Noviciado do ſeu Collegio da Cidade de Evora, no anno de 1560. aos deſaſete dias do mez de Agoſto. Depois de acabar o ſeu tempo de Noviço ſe fez excellente Latino. Enſinou publicamente ſeis annos letras humanas, logrando grandes louvores dos que o viaõ enſinar, e adquirindo juntamente muita gloria do fruto que tirava da doutrina com que fazia ſcientes aos diſcipulos. Tendo jà paſſados os ditos annos deſtas leituras, o fez a obediencia (por ſer talento de relevantes empregos) Perfeito dos eſtudos que a Companhia tem em Coimbra, e depois teve a meſma occupaçaõ na Univerſidade de Evora, em cujo lugar ſe havia
com

com tal rectidaõ, e ſcientifica prudencia que o julgavaõ, como Areopagita, e o attendiaõ como a Rhadamatho no reſpeito. Foy geralmente admirado por hum dos mayores Poetas do ſeu tempo. Nunca em ſua vida quiz que ſe imprimiſſem as obras q̃ compunha, julgando-as ſempre por parcas na elegancia, e aſſim ſe conhecia por indigno de ſemelhantes applauſos. Taõ obſervante foy das virtudes Religioſas, que a muytos ſervio de eſpelho, a todos de exemplo, ſendo por todos os titulos venerado como homem juſto. Ultimamente cheyo de merecimentos, que adquirio nos pulpitos, e confeſſionarios com grande zelo da ſalvaçaõ das almas, falleceo no ſeu Collegio de Evora, no primeiro dia de Outubro de 1603. Depois de ſua morte ſe imprimíraõ dous tomos dos ſeus Poemas em Coimbra, na Officina de Diogo Gomes de Loureiro, anno de 1622, os quaes ſaõ merecedores de muita eſtimaçaõ, pois nelles ſe obſervaõ os mais delicados primores que ſe pòdem achar na poeſia da lingoa Latina: e tambem compoz huns admiraveis Epigrammas, que o Padre Vaſconcellos imprimio com o ſeu Anacephaleoſis dos Reys deſte Reyno. Deixou mais eſcrita huma elegia muito digna do prèlo, que conſta do ſoberano miſterio da Purificaçaõ de Noſſa Senhora; ſendo parafraze de hiſtoria do Evangelho. Faz lembrança deſte perfeito Religioſo, o Padre Antonio Franco da meſma Companhia de JESUS no Livro que

compoz intitulado: *Imagem da Virtude*, tratando dos sogeitos que sahíraõ do seu Noviciado de Evora; impresso na Officina Deslandesiana, no anno de 1714 em Lisboa, a folhas 876.

No mesmo livro acima allegado, diz o dito Padre escritor, que o Padre Ayres de Almeyda Religioso tambem seu, foy natural de Santarem (e nos nossos dias o conhecemos) entrou na Companhia a vinte e quatro de Março do anno de 1649, tendo vinte de idade. Cresceo tanto nos estudos das letras, que era conhecido por hum dos mayores Theologos deste Reyno. Leo no seu Collegio de Coimbra com grande nome, e universal applauso, athè à cadeira de Prima de Theologia; foy Qualificador do Santo Officio, imprimio hum Sermaõ do Auto da Fè, que prègou na mesma Universidade, fazendo-se ali o dito Auto no anno de 1697. Falleceo santamente, em idade provecta no mesmo Collegio de Coimbra, no anno de 1704. padecendo muitos tempos graves molestias, sofrendo-as sempre com grande paciencia resignado na vontade de Deos. Na ultima hora em que acabou a vida, naõ quiz pedir ao Prelado licença para daquillo que era de seu uso dar couza alguma, mas tudo deixou nas maõs de seu Superior.

CAPI-

CAPITULO XXXII.

Em que se faz memoria de dous fidalgos naturaes desta Villa, dignos de perpetua memoria, Joaõ Affonso, e Fernaõ Besteiro.

JOaõ Affonso de Santarem, de cuja esclarecida pessoa jà dêmos noticia no 2.liv.da 1.part. desta Historia, cap. 11. aonde se expoem a erecçaõ do Hospital de JESU Christo, sito na freguesia de S. Nicolao; que elle instituio, e dotou; foy cavalleiro em fidalguia das primeiras qualidades de Portugal, e em acçoens, dos primeiros heroes do mundo, felicissimo igualmente em armas e virtudes. Dotou-o a natureza e a graça de excellentissimas partes e prendas, todas dignas de seu illustrissimo sangue: porque era grande catholico, muito pio, continuo esmoler, amantissimo do nome de JESU, singular venerador das pessoas Ecclesiasticas, e ainda mais daquelles que via com sinais de virtuosos. Neste tempo, que foy o anno de 1424, se moveraõ as guerras com Castella, pelas discordias que houve em Portugal, entre a Raynha D. Leonor Telles de Menezes, e seu cunhado o Mestre de Aviz D. Joaõ, que despois foy preclarissimo Rey deste Reyno, e primeiro do nome. Por esta causa (que pedia larga escritura) se retirou a Raynha de Lisboa para Alenquer, e da-

dahi ſe paſſou a Santarem, aonde vivia o noſſo Joao Affonſo, para dahi com mais conveniencia dar ordem aos ſeus projectos contra o Meſtre; e dizem que achava ſer-lhe de grande proveito ter a Joaõ Affonſo da ſua parte, por ſer peſſoa poderoſa no Reyno, e de grande juizo, para as diſpoſiçoens dos melhores acertos. Porèm elle ſe houve com tanta prudencia, como prevendo os futuros, que nem a Raynha achava nelle motivo para algum eſtimulo, nem D. Joaõ clauſula alguma em que o podeſſe arguir. Neſta occaſiaõ ſe achava o Meſtre em Coimbra com os mais, e mayores fidalgos da Corte, e todos concordàraõ o mandaſſe chamar o Meſtre a Santarem, por huma carta ſua; em a qual com honroſas inſtancias lhe dizia, quizeſſe achar-ſe com elle naquelle conclave; porque ſó da ſua authoridade, zelo, prudencia, e conſelho, fiavaõ todos os acertos para os augmentos do Reyno. He ſem duvida, que foy eſta carta o mais honrado elogio que ſe pode formar ao mais illuſtre varàõ, pois para o acerto de hum Reyno, ſe confeſſou a Corte dependente do talento de hum ſó homem. Deſejou eſte fidalgo hir com a ſua peſſoa dar complemento à carta, mas naõ o podia fazer ſem licença da Raynha, e a Raynha lha naõ quiz dar. Finalmente a Raynha o naõ queria apartar de ſi, e ao meſmo tempo a Corte de Portugal, e o Meſtre Infante o queria ter na ſua companhia. E que faria o bom talen-

to,

to, e virtude de Joaõ Affonſo, vendo-ſe taõ dezejado da Corte, e das ſoberanas peſſoas Reaes? Encheo-ſe de alguma vaidade das eſtimaçoens do mundo? Sem duvida que naõ; o que logo fez, foy tratar da ſua ſepultura; chamou officiaes (havidas primeiro as licenças neçeſſarias) foy-ſe à Igreja de S. Nicolao (Paroquia de donde era freguez, e fora bautiſado), e no principio della à maõ direita a quem entra pela porta principal, mandou fabricar huma Capella funda para dentro, e nella fez meter na parede a ſua ſepultura, feita de pedra marmore, em a qual jaz ſeu corpo enterrado, naõ querendo que ſe lhe gravaſſem outras armas, ou inſcripçaõ algũa, mais que a do Santiſſimo Nome de JESUS; em cuja Capella tambem eſperaõ o dia final os corpos de ſeus pays, e o de ſua mulher Iría Affonſo. Verdadeiramente q̃ naõ cabe nem na admiraçaõ, nem na penna para o elogio, taõ heroico deſengano, mas aquelle coraçaõ ardentiſſimo, aquelle juizo illuſtrado, fazia eſtimaçaõ das pompas da terra, como ſe nella as naõ houvera, e ſó a da ſepultura era o emprego que fazia da ſua memoria; porque della renaſcia a ſua conſideraçaõ, elevando-ſe com ſanta idea à permanencia da eternidade; attendendo que depois da vida ſó duraõ as penas, ou as glorias para ſempre ſem fim.

Deſterrada finalmente a Raynha para o Moſteiro de Tordezillas em Caſtella por mandado

delRey

D.Fernando de Menezes, Conde da Ericeira na vida del-Rey D.João I.liv.2.f.138

delRey D. Joaõ o primeiro do nome, ſeu genro, Senhor da meſma Monarquia, aonde paſſou o reſto da vida; e porque Joaõ Affonſo foy vendo que eſte noſſo Reyno ſe hia pondo em grande conſternaçaõ, em perigo de ſer conquiſtado pelos Caſtelhanos, vendeo toda a ſua fazenda empreſtando a mayor parte do dinheiro ao Meſtre (jà entaõ acclamado Rey de Portugal) para ſuſtentar a guerra; e empregando o mais dinheiro nas deſpezas da ſua comitiva com que aſſiſtio ao ſeu Rey nacional, na campanha pelejando valeroſamente contra os inimigos na memoravel batalha de Aljubarrota. E depois de conſumada a victoria pelos Portuguezes, ſe retirou a Santarem ſua patria, taõ exhauſto de cabedaes, como cheyo de merecimentos; aonde na ſua fregueſia de S.Nicolao em exercicios de virtude augmẽtou a gloria q̃ nas armas em ſerviço do ſeu Rey tinha alcançado, aſſinalando-ſe eſpecialmente no amor ao nome de JESUS Chriſto, na caridade para com os pobres, a quem deixou tudo quanto poſuhia. E como ſempre dezejou ſazer ſemelhante obra de miſericordia, permittio Deos influir no generoſo animo delRey (que o tinha jà feito ſeu conſelheiro, com diſtinçaõ dos mais) recuperar-lhe a perda dos ſeus cabedaes, nos gaſtos que fizera na guerra em que o acompanhou, e pagar-lhe o dinheiro que lhe havia empreſtado; para o que mandou o dito Senhor confiſcar todas as fazendas dos que em Santarem ſeguiraõ as

partes

partes de Caſtella, e dellas lhe fez doaçaõ. Com as quaes propriedades (que eraõ muitas) Joaõ Affonſo inſtituio o grande Hoſpital que ha neſta Villa, como já o temos dito no ſegundo livro da 1. part. deſta Hiſtoria cap. 11.

Fernaõ Beſteiro, naſceo neſta Villa de Santarem de pays illuſtres; fidalgo da Caſa Real, por alvará paſſado em deſouto do mez de Fevereiro, no anno de 1531. Deſde a ſua mocidade, renunciou para ſempre as eſperanças das mayores opulencias, retirando as memorias das vaidades: a oraçaõ, e a mortificaçaõ começáraõ a ſer os dous polos da ſua vida; e delles nunca jà mais ſe retirou. Na longa carreira que o chegou à ultima velhice, o ſeu exercicio era empregar-ſe em obras de devoçaõ para com Deos, e de hum ardente deſejo de caridade para com os proximos, ſendo homem que nunca profeſſou letras, aprendeo na eſcola da oraçaõ taõ altos documentos da vida miſtica, que confundia as peſſoas mais ſabias que o converſavaõ. Com extremoſo cuydado amou a pobreza, reverenciando os pobres aonde quer que os encontrava, e naõ paſſava a diante ſem lhes dar eſmola; para ſi parecia naõ queria nada, para elles tudo. Toda a ſua vida, ou a mayor parte della gaſtou nos Hoſpitaes, em dar de comer pelas ſuas proprias maõs aos enfermos, e com eſta devota occupaçaõ ſe podia dizer que vivia mais tempo nas enfermarias dos doentes, que em ſua propria caſa, ou que os Hoſpi-

Hospitaes eraõ seus palacios, que elle convertia em illustres teatros da sua caridade. Todas as suas delicias eraõ tratar ali com os mendigos, a elles socorria com maõ taõ liberal, que naõ faltava a voz do povo em dizer que ali andava a maõ de Deos. Ultimamente, foy imitador do grande Joaõ Affonso em deixar todos os seus bens ao Hospital de JESUS Christo; viveo sempre na freguesia de S. Nicolao desta Villa, em cazas suas proprias. Fez seu testamento em desasete de Janeiro de 1571, e nelle instituio huma Capella de Missa quotidiana, que paga o dito Hospital, por ser huma das obrigaçoens do testamento, e tambem huma Missa cantada em dia da Commemoraçaõ de todos os fieis defuntos. Falleceo em longa velhice, cheyo de boas obras, e jaz sepultado na Capella mayor da dita Igreja donde era freguez, à parte do Evangelho.

CAPITULO XXXIII.

De varios Heroes, que escrevèraõ, e imprimíraõ varias obras, assim em prosa, como em verso, naturaes desta Villa de Santarem.

SEja o primeiro desta noticia, neste capitulo, o grande escritor Frey Luiz de Sousa da esclarecida Ordem dos Prègadores neste Reyno de Portugal, chamado primeiramente no mundo, Manoel de Sousa Coutinho. Foy este

per

perfeitissimo Varaõ, filho quinto de Lopo de Sousa Coutinho, e de D. Maria de Noronha, pessoas iguais no sangue da mayor fidalguia do Reyno, estes nobilissimos consórtes depois de Lopo de Sousa ter feito prodigiosos serviços à coroa Portugueza, nas Conquistas (por naõ sey que estimulaçaõ) se foraõ viver retirados para esta Villa de Santarem; e aqui lhe nascéraõ seus filhos, que entre todos foraõ seis, sabendo-os ali ensinar, como soube na morte ser bom christaõ; porque morreo sem embaraços, tendo ajustado em sua vida as diposiçoens que servem para ter descanço na outra; escolheo para seu jazigo a Capella mayor da Paroquial Igreja do Salvador, donde era freguez, e onde seus ossos esperaõ o juizo final.

Logo desde os primeiros annos de idade, seu filho Manoel de Sousa Coutinho foy mostrando o que depois veyo a ser. A boa creaçaõ que teve, lhe ajudou o bom natural, foy crescendo nos annos, e juntamente occupando-os nos estudos da santidade, na poesia, e em as noticias das historias, nas antiguidades do mundo, nos termos da discriçaõ, e muy douto nas verdadeiras letras de toda a Filosofia Christaã; parecia em taõ poucos annos ter illustraçaõ no juizo, por isso era de todos bem visto, applaudido, e dezejado, e pela sua conversaçaõ ser singularmente doutissima. Sendo pois dotado de taõ singulares prendas de juizo, tambem as teve de valor para as armas,

porque para ellas tendo em ſeu pay exemplo, achou em ſi inclinaçaõ para lhe herdar as proezas: e como invejoſo de lograr mais applauſos por todas as eſtradas da fama, vendo-ſe ainda nos freſcos annos da mocidade, entrou noviço na Religiaõ de S. Joaõ do Hoſpital de Malta, porta por onde o Militar da Chriſtandade entra a defender a fé Catholica. Porèm Deos que o tinha decretado para outra milicia em que melhor o ſerviſſe, o deſviou deſte caminho, dando-lhe outro muito differente, enſayando-o primeiro com os exercicios da paciencia, para com a experiencia alcançar melhor o que tinha adquirido pela liçaõ, e foy, que antes de eſtar profeſſo, o cativàraõ os Turcos, os quaes o tratàraõ com grandes deſprezos, tormentos, e tiranias. Mas permittio o Ceo que foſſe reſgatado, e por forçoſas razoens naõ lhe foy poſſivel acabar o noviciado, de cujos motivos entregando nas maõs do diſtino a ventura, veyo buſcar a ſua patria (que ſempre eſta nas afflicçoens ſe faz lembrada.) E como tinha eſpirito generoſo, que lhe communicava o brio do illuſtre ſangue, começou de novo a ſervir nas guerras ao ſeu Rey nacional, paſſando às Indias Orientaes, e às Occidentaes, moſtrando em todas as occaſioens acreditar a honra do ſeu valor, inſtruindo-ſe perito na ſciencia militar.

Reſtituido à patria Manoel de Souſa Coutinho, continuou ſeus honeſtos exercicios; e ajuſtan-

tandose-lhe o estado do matrimonio casou com D. Magdalena de Vilhena, viuva de poucos annos, que ficou de D. Joaõ de Portugal; cujo fidalgo com seu Pay D. Manoel de Portugal, filho do primeiro Conde de Vimioso Dom Francisco de Portugal, acompanhàraõ a ElRey D. Sebastiaõ na batalha de Alcacer em Africa. Com esta Senhora viveo cazado alguns annos, tendo della huma só filha, que morreo de tenra idade. E porque tiveraõ noticia com alguma probabilidade de ser certa, que o primeiro marido de D. Magdalena, Dom Joaõ, era vivo, ambos de commum consentimento fizeraõ hum santo divorcio, metendo-se D. Magdalena Religiosa no Mosteiro do Sacramento em Lisboa, novo espelho que era, e foy sempre da mais perfeita virtude; e Manoel de Sousa no Convento de Bemfica, jardim sempre florido, e estrada segura, para caminhar para o Ceo. Recebeo pois este fidalgo com grande gosto e alegria, o habito de S. Domingos em Bemfica; professou em dia da Natividade de N. Senhora a outo de Setembro de 1614. tomando o nome de Frey Luiz, nas maõs do Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, Prior que era do mesmo Convento, e juntamente Vigario do Mosteiro do Sacramento. E bem se póde com admiraçaõ louvar a perseverança que teve Frey Luiz de Sousa desde o dia em que tomou o habito, athè ao fim de sua vida, pelo que nos consta, e diz o Author que lhe escreveo

ſeus progreſſos, que andaõ impreſſos no ſegundo tomo da ſua Hiſtoria Dominica, em todo o tempo foy hum bem debuxado modelo da mais perfeita obſervancia religioſa. Nunca deu entrada ao ócio, e depois de ſe occupar no Convento em varias obras de caridade, ſendo continuo no coro a todas as horas canonicas e oraçaõ, aceitou por ordem da ſanta obediencia, eſcrever a Hiſtoria da Ordem, e Provincia de Portugal, e outtas obras mais que compoz admiraveis; e pòde ſer que aceitaſſe com muito goſto eſta incumbencia por fazer mais guerra ao deſcanço.

Eſcreveo eſte doutiſſimo Varaõ as obras ſeguintes. A Chronica de S. Domingos particular do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas, repartida em três partes. Por mandado delRey Filippe quarto de Caſtella quando era Senhor deſte noſſo Reyno, eſcreveo a Chronica delRey D. Joaõ o terçeiro do nome neſte meſmo Reyno, em dous livros: cuja obra: deſpois da morte do Author, a pedio quem governava eſta Monarquia à Ordem, por mandado do dito Rey Caſtelhano, com o preſupoſto de ſe dar à eſtampa: porèm naõ ſabemos que ſe imprimiſſe, nem ſe pode deſcubrir, por mais diligencias que para iſſo fez a meſma Ordem. Compoz mais muitos verſos que ſe lem diſperſos, e ſe achaõ entre elles huns, que contèm hum reſumo da vida do Patriarca S. Domingos, os quaes ſe eſtaõ vendo eſcritos no clauſtro do ſeu Convento de Lisboa,

boa, muito elegantes, devotos, e ſentencioſos. Ultimamente compoz em proſa nos ultimos annos da ſua vida, a Hiſtoria do grande Servo de Deos Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, e Primaz das Heſpanhas, a qual obra ſe imprimio, ainda em ſua vida ſendo digna de ſeu Author, e de ſer eſtimada de todo o mundo.

O Padre Manoel Pimenta, natural deſta Villa de Santarem, e digniſſimo filho da Companpia de JESUS, de q̃ jà fallámos foy graviſſimo poeta, imprimio hum livro de Poeſias Latinas em Coimbra, na Officina de Diogo Gomes Loureiro, no anno de 1622.

Andrè de Macedo, natural deſta Villa, foy Religioſo da Ordem de Noſſa Senhora das Mercês, com o nome de Frey Andrè de Chriſto. Era peſſoa de grandes prendas, foy bom poeta, compoz de idade de doze annos hum livro de verſos, intitulado: *Amores Divinos*, que imprimio em Lisboa na Officina de Pedro Craesb. no anno de 1631.

O Padre Alvaro Pimenta da Companhia de JESUS, e da meſma patria natural, tambem peritiſſimo poeta, compoz hum livro com o titulo de *Luſitania Libera.* Em elegia, o qual principia: *Quam legis, unde venit transmiſſo litera ponto, unde tibi nuper ſcribere crimen erat.* Impreſſo em Lisboa na Officina de Lourenço de Anvers, no anno de 1641.

Leo-

Leonel da Costa, natural de Santarem, insigne poeta, compoz a vida, conversaõ, e morte de Santa Maria Egypciaca, em verso portuguez de redondilhas, que dedicou à Senhora D. Margarida de Vilhena, mulher de Dom Francisco Mascarenhas, Vice-Rey da India: impresso em Lisboa na Officina de Pedro Vancibecespel, no anno de 1674. Tambem compoz, e traduzio em verso solto portuguez, as Eclogas, e Georgicas de Virgilio, que imprimio na mesma Cidade, na Officina de Giraldo da Vinha, no anno de 1624.

Luiz Botelho Froes de Figueiredo, natural desta Villa, escreveo com muita elegancia varias obras, assim em prosa, como em verso; que saõ hum livro em autavo, todo ao Divino, com o titulo: *Queixas do Amor Divino, Sentimentos do Coraçaõ humano, na morte e Payxaõ de Christo*, offerecido à Virgem purissima do Monte do Carmo: e dado à estampa em Lisboa, por mandado da esclarecida Senhora D. Isabel Catharina Caetana de Menezes, e Faro. Na Officina de Antonio Pedroso Galraõ, anno de 1714. Duas impressoens athè hoje temos visto deste livro, sendo a primeira vez dado ao prèlo por maõ do excellentissimo Conde de Vimioso, hoje Marquez de Valença; e ainda poderemos em nossos dias ver outra, porque he obra muyto discreta, e por isso deleitavel a todo o genero de leitores; sendo juntamente proveitosa para o emprego das almas

mas contemplativas. Imprimio mais outro livro, em quarto, que intitulou: *Coro Celeste a quatro vozes, vida da Beata Rita Augustiniana* em verso de sylva: em Lisboa na Officina do mesmo Antonio Pedroso Galraõ, no dito anno de 1714. Alem disto, imprimio em outavo outro livro em prosa, que intitulou: *Ponte segura no estreito passo da Morte*, tambem couza muito discreta. Duas Comedias, que se imprimíraõ em Madrid, estando lá o mesmo Author, e outras obras que correm dispersas, impressas cà em Portugal, tudo couzas dignas deste grande talento, que se eu naõ parecéra sospeito, por natural, amigo, e condiscipulo na latinidade, estendéra o elogio pela grandeza do seu merecimento.

Manoel da Fonseca Borralho, tambem natural de Santarem, imprimio a Arte Poetica, que athè hoje naõ ha outra no nosso idioma portuguez, intitulada: *Luzes da Poesia*, dedicada a Thomàs Homem de Magalhaens, fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Academico Provincial da Academía Real na mesma Villa. Impressa em Lisboa Oriental, na Officina de Filippe Villela, anno de 1724.

O Padre Mestre Frey Antonio da Piedade, natural desta Villa, e preclarissimo ornato da veneranda Provincia de Santa Maria da Arrabida deste Reyno de Portugal, insigne Theologo, e grande Prègador, escreveo suavissimamente elegante, o primeiro Tomo da Chronica da sua

Or-

Ordem, ſendo eleito para eſte miniſterio pela meſma Provincia, Chroniſta geral della: cujo livro, (que he de meya folha, e alto volume) intitulou: *Eſpelho de Penitentes*, ſendo a primeira Chronica deſta Provincia; e ſe imprimio por mandado Regio, na Officina de Jozè Antonio da Silva, Impreſſor da Academia Real, da Hiſtoria Portugueza, anno de 1728.

E finalmente neſta famoſa Villa de Santarem florecèraõ ſempre, tanto as ſciencias de todas as faculdades, e os ſeus naturaes as amáraõ tanto por natural inclinaçaõ, que dezejoſos, de que eſte Reyno de Portugal tiveſſe hum bem commum, em liçoens literarias, ſe ajuſtàraõ os Parocos della para conſeguirem eſta louvavel obra, como de facto a conſeguíraõ: eſtes foraõ o Prior de Santa Maria de Alcaçova, o de S. Juliaõ, de S. Nicolao, de Santo Eſtevaõ, e o de Santa Iria, com as mais principaes peſſoas da meſma Villa; os quaes, de Montemor o novo, eſcrevèraõ huma carta ao Summo Pontifice, pedindo-lhe licença para das ſuas rendas ſe fazerem os gaſtos, que foſſem neceſſarios para a primeira Univerſidade, que ſe inſtituio neſte Reyno.

Alcobaça Illuſtrada tit. 6. pag. 110.

CAPI-

CAPITULO XXXIV.

Dos Bispos que athè aqui achàmos, que saõ naturaes desta Villa de Santarem.

ENtre os mais Bispos, que foraõ naturaes desta Villa, foy hum delles digno de perpetua memoria, Dom Frey Gaspar do Casal, Religioso Eremita da esclarecida Ordem de Santo Agostinho. Ignoraõ os escritores, que delle fazem lembrança os nomes de seus Pays; porèm sabemos dos manuscritos da sua Religiaõ, que era de familia nobilissima, e que foy primo de Vasco Fernandes do Casal, o qual era da creaçaõ do Infante Dom Duarte, a quem servio, e tambem primo de Maria Fernandes do Casal, mulher, que foy de Francisco Coelho de Campos, e neto de Martim Gonsalves do Casal, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Senhor dos Lugares de Germenidade, e Mouril. Foy este grande Prelado muito douto; tomou o hábito de noviço no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; cresceo tanto nos estudos das letras, que se graduou Doutor na sagrada Theologia, estando ainda a Universidade em Lisboa, e mudada depois para Coimbra, foy dos primeiros lentes, que nella houve, e o primeiro, que ali deu à estampa muitos e doutos escritos. Foy do Concelho del Rey Dom Joaõ o terceiro,

ſeu confeſſor, e do Principe Dom Joaõ ſeu filho, e o primeiro Preſidente da Meza da Conſciencia, e Ordens; dahi foy Biſpo do Funchal, com titulo de Arcebiſpo, no anno de 1551, e no de 1557, veyo ſer Biſpo de Leyria, e depois foy promovido na Mitra de Coimbra no de 1579: o que conſta da Bulla para iſſo paſſada pelo Papa Gregorio decimo terceiro, no primeiro dia de Dezembro do dito anno, a qual ſe acha no Archivo Real da Torre do Tombo, em hum maſſo 35. dos Breves Pontificios. Duas vezes foy Dom Frey Gaſpar ao Concilio de Trento; a primeira no anno de 1552. mandado por ElRey Dom Joaõ o terceiro, aonde moſtrou o ſeu grande talento, que por luzir mais com elle entre os outros, lhe chamavaõ lá o Biſpo Theologo; ſendo neſta occaſiaõ promovido à dignidade da dita Mitra Ultramarina, por Julio terceiro, aos tres dias de Fevereiro, anno de 1551. A ſegunda vez foy ao meſmo Concilio celebrado em Trento, mandado por ElRey Dom Sebaſtiaõ, no anno de 1563, e depois que em Almeirim falleceo o Cardeal Rey Dom Henrique, no ultimo dia de Janeiro de 1580, foy por Embaixador à Corte de Madrid, mandado pelos Governadores deſte Reyno, que ficàraõ nomeados por morte do dito Rey Cardeal. Sendo nomeado Biſpo de Leyria, erigio no tempo que governou o Biſpado, a Igreja Cathedral daquella Cidade no anno de 1577. a qual he hum dos mais ſumptuoſos Tem-

plos

plos deste Reyno. E logo edificou na mesma Cidade o Convento de Religiosos da sua Ordem. Promovido de Leyria ao Bispado de Coimbra, falleceo naquella Cidade no anno de 1585. a nove de Agosto. Depositou-se seu corpo no Collegio da sua Religiaõ, aonde esteve este anno de 1596, e no dia quinze de Mayo, o trasladàraõ para o dito Convento de Leyria, que tinha edificado aos seus Religiosos, e nelle descançaõ seus ossos em huma sepultura na Capella mayor.

Dom Garcia de Menezes, natural desta Villa de Santarem, foy filho de Dom Duarte de Menezes, terceiro Conde de Viana, e de sua segunda mulher D. Isabel de Castro, filha de Dom Fernando de Castro. Teve este fidalgo Dom Garcia huma notavel inclinaçaõ para as letras, e juntamente genio de querer saber com especialidade as couzas do mundo, para o que ainda na verdura de seus annos, se foy à Universidade de Pariz, aonde estudou com grande fervor humanidades, e com mayores dezejos de ver as couzas notaveis de que tinha noticia, correo as melhores Cortes da Europa, fazendo-se assim sciente nas lingoas estranhas, adquirindo por estes caminhos affluente erudiçaõ. Depois restituindo-se à patria, carregado de prendas, escolheo por vida o exercicio de soldado; porque para este naõ lhe faltava valor, e pelo patentear ao mundo o dedicou à disciplina militar: e depois de fazer nella bons serviços à Coroa, por amar juntamen-

te a vida ecclesiastica, se passou a ella. Vagando o Bispado de Evora por morte do Bispo D. Alvaro, o nomeou nesta Mitra ElRey Dom Affonso quinto no anno de 1471. E sendo Bispo se achou com o dito Rey na batalha de Toro, no de 1476. com seu Irmaõ Dom Joaõ Prior do Crato, depois primeiro Conde de Tarouca. O mesmo Rey Dom Affonso quinto no anno de 1480. o mandou a huma expediçaõ a Italia, que supposto era esta militar, era facçaõ, que só a quiz fiar da pessoa de Dom García de Menezes, hindo por commandante de huma esquadra, que com outras dos mais Principes Christaõs foraõ em socorro delRey de Napoles Dom Fernando, para reprimirem a desatinada furia dos Turcos, que jà tinha senhoreado Otranto, e entravaõ por força as mais terras da Calabria; cuja historia este taõ douto Ecclesiastico, como insigne soldado, escreveo em levantado, e elegante estilo Latino: a qual obra depois da sua morte quasi hum seculo, se imprimio em Coimbra.

Pela mesma occasiaõ destas acçoens, foy mandado pelo dito Rey, no anno de 1481. por Embayxador a Roma ao Papa Sixto quarto, em presença do qual, na Basilica de S. Paulo *In via ostiensi* em publico Consistorio fez, e proferio huma elegante, e doutissima oraçaõ, por onde acabàraõ de conhecer os juizos da Cabeça do mundo os elevados quilates de sua finissima eloquencia. O mesmo Summo Pontifice o nomeou logo

seu

ſeu aſſiſtente do ſolio Pontificio, e por dar ſatisfaçaõ a ElRey de Portugal, o fez perpetuo administrador do Biſpado da Guarda com retençaõ do de Evora. No fim do dito anno ſe recolheo a eſte Reyno deixando-o em Roma, bem acreditado com o talento da ſua peſſoa; no ſeguinte ſe retirou da Guarda para Evora. Depois reinando D. Joaõ o ſegundo, por certas acuzaçoens, que houve, em conſpiraçaõ contra a vida deſte Rey, foy prezo por ſua ordem em Setuval, no fim do mez de Agoſto, anno de 1484. E tranſplantado ao caſtello de Palmela, dentro da ſua ciſterna com brevidade infelizmente acabou aquella vida, que pelas ſuas prendas merecia mais attençaõ, do que hum fim taõ infauſto.

Dom Manoel de Quadros tambem foy natural de Santarem, e Biſpo da Guarda; filho de Andrè de Quadros, e de D. Iſabel Pereira, peſſoas illuſtres deſte Reyno, o qual Andrè de Quadros com grande ſatisfaçaõ ſe aſſinalou nos muytos ſerviços que fez a Dom Filippe o Prudente, quando injuſtamente ſe intitulava Rey de Portugal. Foy Manoel de Quadros irmaõ do Veneravel Padre Antonio de Quadros, de quem jà neſte livro fizemos lembrança, ſendo digniſſimo filho da Companhia de JESUS. Na Univerſidade de Coimbra eſtudou o Direito Canonico, em cuja faculdade ſe graduou Licenciado no anno de 1546 ſendo Collegial no Collegio de S. Miguel, que exiſtia na meſma Univerſidade;

po-

porèm jà hoje extinto por ſe edificar nelle o Tribunal do Santo Officio. Foy Inquiſidor na Inquiſiçaõ de Evora, nomeado pelo Cardeal Dom Henrique, ſendo Inquiſidor Geral deſte Reyno, que tomou juramento em vinte e ſinco do mez de Novembro, anno de 1559. O meſmo Inquiſidor Geral o transferio para a Inquiſiçaõ de Coimbra, entrando nella em ſinco de Abril de 1565, e ſendo dos primeiros Inquiſidores daquelle novo Tribunal. Depois deſtes empregos, foy promovido em hum dos lugares do Concelho Geral, reſidindo nelle com o meſmo Cardeal na Cidade de Evora, em cujo lugar entrou a quatorze de Dezembro, anno de 1570. Neſte dito anno, o proveo o Papa S. Pio quinto no Arcediagado do Bago da Sè de Evora, de que tomou poſſe a vinte e ſete de Mayo no meſmo anno: e no de 1572 o proveo ElRey Dom Sebaſtiaõ em hum lugar dos Deputados da Meza da Conſciencia, e Ordens, e no anno de 1583. governando jà eſte Reyno ElRey Filippe primeiro, por Proviſaõ ſua a nove de Março, foy nomeado quarto Reformador da Univerſidade de Coimbra no tempo, em que era Reytor della Dom Nuno de Noronha. Finalmente por depoſiçaõ de Dom Joaõ de Portugal, do Biſpado da Guarda, proveo o dito Rey Filippe primeiro aquella Mitra em Dom Manoel de Quadros no anno de 1585, e confirmado pelo Papa Sixto quinto, ainda que naõ falta quem diz, que por Gregorio treze, no meſmo

anno.

anno. Depois por certos dissabores se retirou para a sua patria de Santarem, aonde falleceo, no anno de 1593. na sua quinta de Bairro Falcaõ. A certeza donde seu corpo foy enterrado, naõ achámos nos nossos escritores, e só lemos nos estudos impressos da Academia Real da Historia Portugueza no Catalogo dos Bispos da Guarda, as seguintes, e formaes palavras, fallando da morte do dito Bispo: *Falleceo depois em Santarem na sua quinta de Bairro Falcaõ, aonde foy sepultado no anno de 1593. Foy Bispo sete annos, em que concorreo com os Summos Pontifices Sixto quinto, Urbano setimo, Gregorio quatorze, Innocencio nono, e Clemente oytavo.*

CAPITULO XXXV.

Segue-se a mesma materia.

DOm Jeronymo de Menezes natural desta Villa, e filho de Dom Henrique de Menezes, que foy Capitaõ de Tanger, e depois Governador da casa do Civel, e de sua mulher D. Brites de Vilhena, cujas pessoas por huma, e outra linha, eraõ das mais illustres familias deste Reyno, sendo pomposo ornato de Santarem. Foy Dom Jeronimo primeiramente Reytor da Universidade de Coimbra, lugar que administrou com grande cuidado e vigilancia, em ordem ao bom regimen della; foy Bispo de Miran-

Miranda, e depois do Porto, fazendo-se sempre em todas as occupaçoens digno de mayores empregos.

Dom Antonio de Matos, e Noronha, de illustre geraçaõ, natural de Santarem, foy muyto douto, o qual pelo seu grande talento, e nobilissima pessoa, servio de Inquisidor Geral de propriedade neste Reyno; no tempo que o governavaõ os Reys de Castella; Filippe primeiro o elegeo Bispo da Cidade de Elvas, e em dezasete do mez de Novembro de 1591. o sagrou o Illustrissimo, e Eminentissimo Senhor Cardeal Dom Gaspar de Quiroga, Arcebispo de Toledo, no Real Mosteiro das descalças de Madrid, fundaçaõ que foy da Princeza D. Joanna Mãy delRey Dom Sebastiaõ. Tomou Dom Antonio de Matos posse do Bispado a quinze do mez de Março de 1592, e o governou com grande zelo de aproveitar as almas. Falleceo na dita Cidade de Elvas a dezaseis de Novembro de 1610, jaz sepultado na Capella mayor da sua Cathedral.

Dom Frey Fernando de Tavora Religioso da esclarecida Ordem de S. Domingos, natural desta Villa, filho de Fernaõ Cardoso, pessoa muito conhecida, e estimada na Corte delRey D. Joaõ o terceiro; o qual foy dotado de grande agudeza de engenho, e claro juizo: teve este filho de sua legitima mulher Filippa de Brito, tambem pessoa principal da mesma Villa, a qual Senhora era irmãa de Manoel Serram de Brito. Era

Dom

Dom Frey Fernando de Tavora confeſſor del-Rey Dom Sebaſtiaõ, do qual Senhor foy muito eſtimado, e bem aceito pela ſua grave eloquencia, e particular graça no modo de fallar; fazendo-ſe aſſim adquirir com o ſeu docil genio a eſtimaçaõ de toda a Corte. Teve grande inclinaçaõ à famoſa arte da pintura, e como a eſtimava tanto, fez-ſe taõ perito nella, que excedia aos melhores pintores, que naquelle tempo havia neſte Reyno, de que ſaõ teſtemunhas algumas obras ſuas, que ſe guardaõ no Convento de Bemfica, de cuja caſa foy filho, tomando nella o hábito de noviço, ſendo ali diſcipulo daquelle Santo Varàõ Frey Bartholomeu dos Martyres, que neſta occaſiaõ era Prior do dito Convento. E chegando nelle a ſer Prior Frey Fernando de Tavora, neſte tempo pelas ſuas muitas letras, e virtudes, o nomeou ElRey Dom Sebaſtiaõ Biſpo do Funchal, e foy confirmado pelo Papa S. Pio quinto, a quatorze de Novembro de 1569. Porèm naõ chegou a ir à Ilha por lhe ſer o mar damnoſo pelos ſeus achaques, por cuja cauza renunciou o Biſpado. E recolhendo-ſe ao ſeu Convente de Azeitaõ, nelle falleceo no anno de 1577, no qual tempo jà o dito Rey Dom Sebaſtiaõ lhe tinha feito a mercê de ſeu Eſmoler mòr, e pelos ſeus grandes merecimentos lhe daria mayores empregos. Eſcreveo ſobre o Evangelho de S. Joaõ huns doutiſſimos Commentarios. E finalmente, no capitulo do Real Convento de S.

Domingos de Lisboa, jàz ſepultado ſeu corpo. Faz deſte grande Varaõ memoria Frey Luis de Souſa na ſua Hiſtoria de S. Domingos, ſegunda parte liv. 2. cap. 12. fol. 80. verſ. O Clauſtro Dominicano fol. 41. Joaõ dos Santos na Ethiopia part. 2. liv. 2. cap. 13.

Dom Frey Henrique de Tavora e Brito, natural deſta Villa, tambem foy Religioſo da dita Ordem dos Prègadores, e irmaõ do Illuſtriſſimo Biſpo do Funchal Dom Frey Fernando de Tavora, e filho dos meſmos Pays, cuja memoria acima acabàmos de eſcrever. Tomou Frey Henrique o habito no meſmo Convento de S. Domingos de Bemfica, onde o tomou o dito ſeu irmaõ. O Eminentiſſimo Cardeal Rey Dom Henrique, o perſuadio a ſer Religioſo, honrando-o com a ſua aſſiſtencia na ſua entrada, e por eſte reſpeito ſe vio o bom noviço para memoria deſta ſua felicidade obrigado a mudar o nome de Jeronimo (que aſſim ſe chamava no ſeculo) em Henrique. Juntamente com ſeu irmaõ recebeo a doutrina do grande ſervo de Deos Fr. Bartholomeu dos Martyres, a quem ſendo Arcebiſpo de Braga, acompanhou na jornada, que fez ao Concilio de Trento, aonde honrou a ſua patria, e a ſua Religiaõ, pela predica, e pelas ſuas muitas letras, com que grandemente avultou, e luzio entre aquelle doutiſſimo congreſſo. Foy Meſtre na ſagrada Theologia, e ſendo Prior do ſeu Convento de S. Domingos de Evora,

El-

ElRey D. Sebaſtiaõ o nomeou Biſpo de Cóchim, e a treze de Janeiro de 1567. foy confirmado em Roma pelo Papa S. Pio quinto. Partio de Lisboa para o dito Biſpado no anno de 1576. E havendo-ſe neſte cargo com grande fervor de eſpirito no ſerviço de Deos, e ſalvaçaõ das almas, vagando a Mitra da Metropoli de Goa, o dito Rey o mandou paſſar a ella, tendo a confirmaçaõ do Papa Gregorio decimo terceiro, a qual foy paſſada em Janeiro de 1578, e tomou poſſe a vinte e ſeis de Dezembro do meſmo anno. Viſitava ſempre peſſoalmente todas as terras, e Igrejas da ſua Dioceſe, trabalhando neſte exercicio com incançavel lida. Chegando ultimamente a viſitar a Cidade de Chaul, prègou ahi com notavel eſpirito na reprehenſaõ de abominaveis vicios; com temperada ſeveridade caſtigou aquelles, que na viſita achou mais culpados, e foy eſte o motivo para que hum delles lhe tiraſſe a vida; porque em hum jantar disfarçadamenre, fez que ſe lhe déſſe veneno, do qual logo no ſeguinte dia morreo, ſendo iſto no anno de 1582. Foy ſepultado na Igreja Matriz deſta Cidade, em ſepultura alta, junto ao Altar de Noſſa Senhora do Roſario. Eſcrevem delle Souſa na ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos liv. 2. cap. 12. fol. 82. E o Author do Clauſtro Dominicano, fol. 45.

Dom Frey Sebaſtiaõ de Menezes, natural deſta Villa, foy filho de nobiliſſimos pays, co-

mo o manifesta o seu sobrenome, e supposto que esses tivessem a sua casa em Lisboa, aonde viviaõ ordinariamente, com tudo a frequencia com que repetidas vezes vinhaõ a Santarem, e os muitos tempos, que se dilatavaõ na assistencia desta terra, os faziaõ quasi compatriotas della, isto lhes foy occasiaõ, de que ali nascesse, e se criasse este virtuoso filho. Tomou pois o habito da Ordem da Santissima Trindade Redemçaõ de Cativos no Convento da sua patria, e nelle se dedicou todo a Deos pela religiosa profissaõ. A obediencia o mandou morador para o Convento de Lisboa, e estudando as sagradas letras na Universidade que nella entaõ havia, pela ter tresladado de Coimbra ElRey D. Fernando, se graduou Doutor, e Mestre na sagrada Theologio; e o mesmo grào teve tambem na Universidade de Pariz, na qual se incorporou, quando foy mandado àquella Corte a negocios da Religiaõ, e para que assistisse, como assistio huns poucos de annos, ao Reverendissimo Padre Doutor Frey Thomàs Loquet, Ministro Geral de toda a candida familia da Santissima Trindade, o qual era esmoler delRey Christianissimo, e do seu Concelho, como de jure saõ todos os Geraes da dita familia; ajudando-o em tudo o que era conveniente, para a sua Ordem em toda a parte, ter mais bom regimen, e mayor augmento.

Saudoso porèm da patria, voltou para Portu-

gal: o illuſtre da ſua nobreza com a experiencia dos negocios, e o excellente da ſua litteratura, e maravilhoſa obſervancia dos eſtatutos, e regra da ſua profiſſaõ, lhe fizeraõ hum taõ grande lugar na Corte, que de todos era muy attendido, e reſpeitado, ſendo dos meſmos Principes ennobrecido, naõ por menos douto, e ſanto, que illuſtre.

ElRey D. Joaõ o primeiro o nomeou duas vezes ſeu Embaixador. A primeira a Carlos ſexto Rey de França, quando lhe deu conta da ſua eleiçaõ ao Trono de Portugal; para o qual fora primeiro acclamado Defenſor da Patria, e depois jurado Rey no anno de 1385. E a ſegunda ao Papa Joaõ vinte e tres, anno de 1410 a darlhe a meſma conta, e o parabem da exaltaçaõ do meſmo Pontifice à Cadeira de S. Pedro, com a obediencia, que lhe proteſtava, como verdadeiro filho da Igreja.

Recebeo o Papa ao Embaixador com as honras, que pedia o caracter da ſua peſſoa, e reconhecendo nelle a grande capacidade, e virtudes, de que era dotado, na Igreja de Santo Thomàs de Formis do Convento da Santiſſima Trindade, o ſagrou Arcebiſpo de Carthago, e Patriarca de Africa.

Conſtituido neſtes empregos, aſſiſtio alguns annos em Roma, e chegando àquella Curia o Papa Martinho quinto no anno de 1417. em nome delRey de Portugal lhe deu a devida obediencia,

encia, e juntamente a alegre noticia da grande victoria, que Deos concedèra a Sua Mageſtade na tomada de Ceuta contra os Mouros, por ſer couza tanto a favor de toda a Chriſtandade, cuja batalha ſe deu a quatorze de Agoſto de 1415. Querendo jà reſtituir-ſe a Portugal no anno de 1419. adoeceo gravemente, e diſpondo-ſe para aquelle unico tranſito que faz a morte com a vida, recebeo com grande conformidade na vontade de Deos todos os Sacramentos da Igreja, a ſete de Agoſto do ſobredito anno: falleceo em Roma com eſpecial ſentimento de toda a Curia, com conhecidas demonſtraçoens da ſua predeſtinaçaõ. Foy ſeu corpo ſepultado na referida Igreja de Santo Thomàs de Fórmis, no lado direito junto à Capella mayor, em cuja ſepultura, ſobre huma grande pedra ſe abrio o ſeguinte epitafio:

Illuſtriſſimus, ac Reverendiſſimus D.D. Sebaſtianus à Menezes Luſitanus Orator D. Joannis Portugaliæ Regis in hac ſacra Curia. A D.N. Joanne 23. P. M. Creatus, & Conſecratus Archiepiſcopus Carthaginenſis, & Patriarcha Africanus. Sanctitate admirabilis, virtute laudabilis, in ſcientia, & doctrina mirandus. Ordinis Sanctiſſimæ Trinitatis Ornamentum, & Religioſiſſimus Præsbiter. Hîc jacet tumulatum corpus, reſpectabilis anima per miſericordiam Dei requieſcat in pace. Amen. Septimo idus Auguſti. Anno Domini. MCCCCIX.

Deſte grande Prelado, trataõ Frey Marcos de Moura na Chronica m. ſ. da Provincia de Portugal,

gal, liv.2.cap.63. Frey Paulo Cabral na Chronica da Ordem m. f. liv. 2. cap. 6. Frey Bernardino de Santo Antonio, no liv. dos Obitos part. 2. cap. 8. O Meſtre Avila, no Compendio Hiſtorico a fol. 55. Altuna na Chronica geral da Ordem liv. 4. fol. 619. Figueiras no Chronicon fol. 176. O Biſpo Dom Damiaõ Lopes de Haro no liv. da Vida de S. Felix de Valois, no Catalogo dos Prelados fol. 262. Frey Antonio da Trindade, e Torre no Martirologio Trinitario, a ſete de Agoſto fol. 246, e o Meſtre Frey Antonio Correa no Tratado da Vida, e fama poſtuma do Veneravel Padre Frey Antonio da Conceyçaõ, natural de Lisboa, cap. 5 fol. 280.

CAPITULO XXXVI.

De outros venerandos Padres, que pertencem à Ordem da Santiſſima Trindade naturaes deſta Villa de Santarem.

SEja o primeiro deſtes referidos Padres neſte capitulo, o Reverendiſſimo Frey Paulo Cabral, Chroniſta que foy da Ordem da Santiſſima Trindade. Neſta Villa de Santarem, junto à Ermida de Noſſa Senhora do Monte, de pays muito honrados naſceo eſte perfeitiſſimo Religioſo. Tomou o hábito deſta eſclarecida Familia no Convento da ſua patria; e como jà era Religioſo alguns annos antes da Reformaçaõ

formaçaõ geral das Religioens, em tempo del-Rey Dom Joaõ o terceiro, quando chegou o Breve Apostolico com liberdade para se poderem sahir da Ordem, e vestirem o hábito de S. Pedro aquelles Religiosos, que por sua vontade quizessem: porque naõ tendo professado tanto rigor, se naõ poderiaõ acomodar à aspereza da nova vida, a qual forçosamente havia de trazer comsigo a mesma refórma. Este Padre perseverou nella com tanta firmeza, e fervor de espirito, que resistindo a todas as instançias dos seus parentes e amigos, para que deixasse o santo hábito, soube-se haver neste particular com tal constancia, que a todos prègava penitencia, amor de Deos, e desprezo do mundo. E naõ só sacrificou o seu espirito nas aras do merecimento; mas com o exemplar da sua vida, infundio valor, e animou a muitos tibios para que voluntariamente com devoto impulso abraçassem o rigor dos novos estatutos, ficando na Religiaõ, e se sojeitassem à sua observancia.

Depois que com firmes raizes vio estabelecida a refórma por ordem do dito Rey, e da sua Religiaõ, foy mandado com outros Religiosos a Coimbra, na qual Cidade tomàraõ casas junto à Sè; porque ainda lá naõ tinhaõ Collegio; dellas hiaõ à Universidade a estudar as Artes, e a Theologia. Nestas sciencias sahio este prodigioso Padre Frey Paulo, taõ grande letrado, que foy hum dos mais assinalados Theologos, escriturarios,

turarios, e prêgadores do ſeu tempo. Foy muitas vezes Prelado nos ſeus Conventos, e todo o tempo que tinha livre das urgentes occupaçoens do ſeu officio, a que nunca faltava, empregava curioſamente no eſtudo: dizendo nos annos jà da ſua decrepita idade, que ſempre tinha que aprender de novo. Era taõ grande o talento, que o Ceo lhe deu para o temporal e eſpiritual governo dos Conventos, que foy a cauſa de lhe tirar o ſeguir as cadeiras, e o obrigou a ſervir aſſim à Religiaõ em muitos Miniſtrados. Ultimamente foy Provincial, eleyto no anno de 1567. Cuidando ſempre com grande fervor em todo o tempo, no augmento, e conveniencias da Ordem; alcançou Proviſaõ de ſua Mageſtade para ſe tirarem da Torre do Tombo por certidaõ autentica, todos os papeis que pertenciaõ à ſua Provincia. Era devotiſſimo da Virgem Senhora noſſa, e a impulſo da ſua devoçaõ fez inſtituir algumas Confrarias na Igreja do ſeu Convento de Lisboa para o ſeu mayor culto e veneraçaõ: dizia ſempre a ſua Miſſa votiva nos dias, que lho permitiaõ as rubricas do Miſſal, e Breviario Romano. Falleceo em Santarem com mais de outenta annos de idade ſem doença, dor alguma, ou agonia, e ſómente por desfalecimento, e falta do calor natural. Mas com tal compoſtura, acordo, e conformidade, que bem ſe via nelle a pureza da ſua conſciencia, e certa confiança na miſericordia, e piedade de Deos. Para a ultima ho-

ra se preparou muitos tempos antes, com repetidas confissoens, e tendo ajustadas as contas para o tribunal Divino, passou sua alma desta vida temporal à eterna, a dez de Janeiro de 1597. Compoz este memoravel Padre a Chronica desta Provincia de Portugal, que por sua morte ficou para se imprimir; porèm naõ sey porque motivo naõ sahio à luz, sendo (como dizem as noticias da mesma Religiaõ) obra muito perfeita, e escrita com acerto, e verdade. Dizem que o tempo tem destruido a mayor parte della; mas que ainda se guardaõ muitos cadernos no cartorio do Convento de Lisboa. Deste Religioso trata o livro dos Obitos na primeira parte cap. 3 fol. 4. Frey Bernardino de Santo Antonio na Chronica m. s. liv. 1. cap. 14. §. 5. e o mesmo Autor no Epitome das Redempçoens geraes, liv. 2. cap. 8. §. 5.

Segue-se neste capitulo, o Reverendissimo Padre Frey Roque de Orta, Provincial q̃ foy da referida Provincia da Santissima Trindade. Foy este Religioso natural desta Villa de Santarem, seus pays foraõ pessoas de conhecida nobreza, e bons procedimentos. Tomou o hàbito, e professou no Convento da Trindade desta sua patria. Nelle estudou Filosofia, e Theologia no Collegio de Coimbra, de donde sahio com grande ventagem a muitos; porque foy excellente Theologo, e com relevancia grande prègador. Na observancia da Regra, e estatutos da Religiaõ era

promp-

promptiſſimo, e com tanto cuidado amava a ſanta pobreza, que ainda ſendo Prelado, tinha o ſeu limitado peculio no depoſito commum dos mais Religioſos; naõ ſe atrevia a gaſtar couza alguma ſem expreſſa licença dos Superiores, e no tempo em que elle o era, naõ gaſtava o que era neceſſario, ſe naõ com o conſentimento dos ſubditos; aos quaes primeiro dava conta, reconhecendo ſó em todos o verdadeiro dominio, e mais propria poſſeſſaõ. Foy ſempre admiravel, no aceyo, compoſtura, modeſtia, e gravidade reſpeitoſa da ſua peſſoa. Era brando de condiçaõ, tendo com toda a diverſidade de peſſoas ſingular cortezia. Na oraçaõ e penitencia, foy ſempre exemplariſſimo. No ſeu Real Convento de Ceuta foy Miniſtro, havendo-ſe neſte lugar com louvavel prudencia em toda a materia, e bom regimen da vida Religioſa. Foy Reitor do Collegio, que a meſma Ordem tem em Coimbra, Difinidor da Provincia, e ultimamente, porque a tanto merecimento jà lhe era pequeno qualquer cargo da Ordem, de commum beneplacito da meſma Religiaõ, ſahio Provincial eleito no anno de 1602.

No cartorio do Convento, que eſta Provincia tem em Lisboa, achàmos a noticia, que no meſmo anno, em que foy eleito Provincial eſte perfeito Religioſo, fez publicar huma ſentença contra os Religioſos de S. Domingos, na qual ſe declarava naõ eſtarem excommungados os da

Santissima Trindade, no que tocava às suas precedencias. Tambem na mesma parte se acha, que resistio à entrada, e aceitaçaõ de hum Visitador da Provincia de Castella, mandado pelo Reverendissimo Padre Geral, contra os Breves Apostolicos, e privilegios da Provincia de Portugal; e fez com que naõ tivesse effeito algum a deposiçaõ do dito Visitador. Era taõ recto na justiça, e zelozo do bom credito da sua Religiaõ, que castigou com justissima causa rigurosamente a hum Religioso, que por meyo de valías pertendia da Mesa da Consciencia e Ordens, ser nomeado Redemptor no primeiro resgate que se fizesse; e mostrou ao dito Tribunal a izençaõ que tinha delle em semelhante materia, e o como a nomeaçaõ dos Redemptores era privativa dos Provinciaes da Religiaõ Trinitaria, confórme ao contrato, que a mesma Ordem tinha celebrado com os Senhores Reys deste Reyno. Pouco tempo depois de acabar o seu governo, perdendo a memoria, cahio gravemente enfermo, ficando com grande esquecimento das couzas que eraõ necessarias para a conservaçaõ da sua vida: porèm poucos dias antes de fallecer, tornou a seu perfeito juizo, como era dantes, e com felicissimos sinais de arrependimento de suas culpas, pedio geral perdaõ aos Religiosos, e recebendo com dolorosa contriçaõ todos os Sacramentos, deu o fim à sua vida no Convento de Lisboa a vinte e quatro de Dezembro de 1612.

Ten-

Tendo de idade sessenta annos. Deste Religioso trata o livro dos Obitos 1. part. cap. 68. fol. 49. Frey Bernardino de Santo Antonio na Chronica m. s. da Provincia de Portugal. tom. 1. part. 1. cap. 15.

De Pays muito honrados e nobres, nasceo tambem nesta Villa o Padre Frey Antonio de S. Payo. Foy recebido noviço no Convento da Santissima Trindade da mesma Villa, com grande gosto dos seus Religiosos: porque o bom genio, e suave indole que nelle descobrírao, lhe assegurava, que havia de ser perfeitissimo Religioso. Naõ se enganàraõ, porque assim o mostrou o effeito, resplandecendo nelle por todo o tempo da sua vida heroicas, e admiraveis virtudes, que o fizeraõ primorosa idea de religiosas perfeiçoens. Neste Convento professou, e nelle estudou a Filosofia, sendo seu Mestre o Padre Presentado Frey Bartholomeu de Payva; e dahi foy estudar a Theologia ao Collegio que a Ordem tem em Coimbra. Em huma e outra Faculdade sahio perfeitamente consumado. Arguia com muita facilidade, e agudeza, e prègava com tanto engenho, como espirito. Na Poesia foy admiravel, como ainda mostraõ as muitas obras, que deixou escritas em Latim, Castelhano, e Portuguez: todas ao Divino, cheyas de tanta piedade, como erudiçaõ, e armonia. Teve o gràõ de Prègador Geral da Provincia. Foy Ministro do Convento de Lagos no Reyno do Algarve,

duas

duas vezes Difinidor, e Viſitador geral. Adoeceo no Convento de Lisboa de hum pleuriz maligno, e conhecendo na graveza da infirmidade as viſinhanças da morte, ſe preparou para ella, como perfeito Religioſo, e bom catholico, fazendo repetidos actos de verdadeira penitencia, e recebendo os Sacramentos da Igreja com grande devoçaõ e ternura. Tinha jà ſetenta e quatro annos de idade, quando o levou Deos para ſi: a vinte e ſeis de Dezembro de 1634. eſtá ſepultado no Cemiterio commum do Convento de Lisboa numero 36. Trataõ deſte Religioſo Padre, o livro antigo dos Obitos. part. 1. cap. 17. fol 88. e o moderno do Convento de Lisboa. fol. 142.

Na meſma Villa, de pays nobres, naſceo o Reverendiſſimo Padre Frey Antonio de Moraes, o qual tomou o hábito da meſma Provincia da Santiſſima Trindade no Convento da ſua patria, e nelle profeſſou. No de Lisboa eſtudou Artes, e a Theologia no ſeu Collegio de Coimbra; e ſaindo ſingular letrado neſtas faculdades, leo depois as meſmas com grande applauſo, e foy hum dos Meſtres mais celebrados do ſeu tempo. Fazia-ſe muito amado de todos, aſſim Religioſos, como ſeculares, pela cortezia com que a todos tratava; ſendo tal a affabilidade de genio, galantaria na converſaçaõ, promptidaõ na memoria, celebridade nos ditos, diſcriçaõ, e fineza no diſcurſo que a todos entretinha, e admirava.

Teve

Teve o grào de Meſtre jubilado na ſagrada Theologia, e foy eleito Provincial no anno de 1680. No tempo do ſeu governo fez muitas obras importantes à conſervaçaõ dos Conventos, e augmento dos ſeus edificios. Continuou com muito cuidado, as que tocavaõ ao Convento de Lisboa: governando a Provincia com muita paz. Depois de acabar o ſeu governo, e vendo-ſe jà muy carregado dos annos, ſe abſtrahio de toda a communicaçaõ e trato que tinha com muitas peſſoas, aſſim eccleſiaſticas, como ſeculares, e tratando ſómente do que convinha à ſalvaçaõ de ſua alma, ſe diſpoz para a morte, confeſſando-ſe geralmente, e repetindo muitas vezes a confiſſaõ ſacramental, ſe deſapropriou nas maõs do Prelado, e fez todos os mais actos, que naquella hora coſtuma fazer hum perfeito Religioſo. E vivendo ainda alguns tempos, quando chegou o de paſſar deſte mundo, ſe achou em tudo muy aliviado, alcançando por eſte meyo huma grande conformidade com a vontade de Deos. Foy a ſua morte a treze de Fevereiro de 1684 annos, tendo mais de outenta de idade. Eſtà ſepultado no Cemiterio commum do Convento de Lisboa, onde falleceó, numero 33. Faz mençaõ deſte Religioſo o livro moderno dos Obitos do dito Convento fol. 130.

Ultimamente ſeja luſtroſo remate deſtas memorias, para glorioſa ſatisfaçaõ dos dezejos

Sca-

Scalabitanos, e ferà coroa de todos, o que de todos foy coroa, luzindo entre os mais; assim como o Sol entre os planetas, e astros menores, o Reverendissimo Padre Doutor Frey Isidoro da Luz, ornamento singular daquella por todos os titulos sempre esclarecida Familia Trinitaria. Nesta Villa pois de Santarem, teve este doutissimo heroe seu nascimento, e ainda que seus pays naõ tiveraõ antiga nobreza, foraõ muito honestos, e virtuosos; criàraõ a este filho com especial cuidado, fazendo que aprendesse as primeiras letras e humanidades na mesma Villa: e como neste genero de estudo désse evidentes mostras de seu grande engenho, entrou na Ordem da Santissima Trindade; e tanto que professou no Convento da sua patria, logo foy admittido ao estudo de mayores sciencias. Em todas foy varàõ consumado, e tanto, que avantejando-se muito aos mayores letrados do seu tempo, de tal sórte sabia encobrir a dificuldade da pronuncia com a agudeza do engenho, que naõ obstante ser gago, elle era o unico na estimaçaõ, e a quem todos attendiaõ como oraculo. Na Ordem leo Filosofia, e Theologia, em cuja faculdade teve o grào de Mestre jubilado, e na Universidade de Coimbra se graduou Doutor Theologo, aonde obteve a cadeira de Prima de Controversias, na qual leo com igualaçaõ nas honras, e no premio à de Prima de Theologia. Na sua Ordem foy Secretario da Visita geral, Visitador

dor da Provincia, Miniſtro do ſeu Convento de Santarem, Comiſſario geral, e ultimamente Provincial eleito no anno de 1664. Governou com cuidado, reſoluçaõ, e acerto; e continuando ſempre os ſeus eſtudos, compoz varias obras, e ainda que todas doutiſſimas, nem todas tiveraõ a fortuna de ſahir à luz; porque ſómente ſe imprimíraõ quatro tomos, a ſaber, tres de *Controverſias*, e hum *de Actibus humanis*. O primeiro, que trata *de Sacris Traditionibus*, foy impreſſo em Paris na Officina de Joaõ Boulard, anno de 1646. O ſegundo *de Eccleſia Dei*, em Lisboa na Officina de Joaõ da Coſta o mais velho, anno de 1647. O terceiro *de Eccleſia Romana*, na meſma Officina, Cidade, e anno. E o quarto *de Actibus humanis*, em Pariz na Officina de Eſtevaõ Maucroy, anno de 1669. Imprimio tambem hum Officio particular de S. Joaõ Evangeliſta, de quem era devotiſſimo, na lingoa Latina, mas naõ ſe diz nelle, em que anno, e Officina foy impreſſo.

Tambem deixou para ſe imprimirem dous Tomos grandes de folha, que intitulou: *Diſcordia concors in Geneſim, & Exodum*, com applicaçoens a Noſſa Senhora, a quem teve ſempre eſpecial, e cordialiſſima devoçaõ. Deixou mais hum tomo tambem de folha: *De Permanente, & Intuitiva Viſione Beatæ Mariæ Virginis*. Outro *De Immaculata Conceptione*, contra Janſenio. Hum Cõmentario ſobre o Cantico da *Magnificat*, e hum volume grande, que intitulou: *Arius convictus*,

& Augustinus vindicatus. A mayor parte destas obras, foraõ levadas em treslados ao Reyno de França, para nelle se imprimirem com mais facilidade, e menos despeza; mas o Reverendissimo Padre Doutor Frey Pedro Mercier terceiro Ministro geral de toda a Ordem, a quem foraõ remetidas, e algumas dellas dedicadas, teve hum grande descuido na sua impressaõ, e vieraõ a ficar na mesma fórma, que tinhaõ hido de Portugal, excepto o tomo *de Actibus humanis.* Falleceo este Author em Coimbra a 22. de Julho de 1670. Està sepultado no Cemeterio commum do Collegio da sua Ordem, e sobre a sua sepultura se gravou o seguinte epitafio:

Hîc tenebrescit lux, obmutescit scientia, dum jacet hîc Reverendissimus Pater Magister Fr. Isidorus à Luce istius Provinciæ Minister Provincialis, Vicarius, & Comissarius generalis; In ista Conimbricensi Academia primus, & Primarius Sacræ Theologiæ Controversiarum Magister. Quatuor volumina reliquit edita, sex edenda. Obiit die 22. Julii, 1670.

No Convento de Lisboa està o seu retrato de corpo inteiro, sentado, como que està estudando e escrevendo, e na parte inferior do paynel se lem estes disticos em letras de ouro.

Lux tua præclarum fecit cognomen, & omen;
Sic certe ingenium claruit Orbe tuum.
Quis neget hîc solem nescit, nam solis ad instar,
Visitur in scriptis Lux Isidore tua.

Tra-

Trata deste Reverendissimo Padre, Frey Ignacio de Santo Antonio no *Micrologium Trinitarium* a fol. 305. Porèm vemos nelle errado o dia da sua morte: porque o poem o dito Author no dia decimo de Dezembro, sendo, como foy em 22. de Julho.

Suppostas as memorias, que ficaõ escritas dos Varoens que florecèraõ em letras: os quaes todos jà déraõ fim à carreira da vida temporal, sendo estes aquelles, de quem achey mais promptas noticias, que muitos calou a minha penna, por naõ ter ainda as individuaes certezas dos seus progressos; pois muitos mais saõ, os de que podera relatar as suas excellencias: mas o pouco tempo, que tive para o fazer, me atalhou expressalos aqui todos. Porèm sirvanos agora de objecto nesta escritura hum Varaõ, que ainda que existe nos nossos tempos com vida, sempre agora, e na posteridade serà grande entre os mayores sojeitos que professáraõ os empregos literarios nas regulares clausuras; cuja pessoa he o Padre Mestre Frey Joaõ de Azevedo dignissimo filho da preclarissima Religiaõ Eremitica de Sãto Agostinho, na Provincia deste Reyno, e natural da mesma Villa de Santarem.

Nasceo este heroe nesta Villa aos dous de Dezembro de 1667, de nobilissima geraçaõ, seu pay se chamou Antonio de Azevedo Pereira, nascido em Lisboa, baptizado na Freguesia de Santo Estevaõ, Paroquia sita no bayrro de Alfa-

ma, filho de Andrè Ribeiro de Faria, tambem naſcido na meſma Cidade, e baptizado na Paroquial Igreja de Santa Juſta. Pela parte Materna he filho de D. Iría de Abreu de Cordova, natural deſta Villa de Santarem, baptizada na Fregueſia de S. Martinho, filha de Antonio de Abreu de Cordova, e de D. Antonia de Goes; peſſoas da melhor nobreza da meſma Villa. Recebeo eſte grande Religioſo o Sacramento do Baptiſmo na Fregueſia de Noſſa Senhora de Marvilla, pelo Reverendo Prior da meſma Igreja o Padre Manoel Collaço, aos dous dias do mez de Janeiro do anno ſeguinte, ſendo ſeu padrinho o Conde da Torre, que ao depois foy o primeiro Marquez da Fronteira. Em o primeiro de Novembro entrou noviço na ſobredita Religiaõ de Santo Agoſtinho, e profeſſou no meſmo mez, e anno de 1687.

Profeſſo neſta eſclarecida Ordem, eſtudou nella Filoſofia, e Theologia com tanta agudeza na comprehenſaõ dos pontos mais dificultoſos, que logo ſe fez com ventagem a muitos condiſcipulos capaz de enſinar nas cadeiras publicas. Teve tres annos de paſſante, e outros tantos de ſubſtituto. Leo na dita ſua Ordem duas vezes Filoſofia, e muitos annos Theologia Eſpeculativa, e Moral, defendendo em huma, e outra faculdade graviſſimas concluſoens. Depois de jubilado, o mandou a Provincia à Cidade do Porto crear novos eſtudos, o que fez com grandes creditos

da ſua Religiaõ: he nella Meſtre doutorado na ſagrada Theologia, Examinador das tres Ordens Militares, Sinodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, e Theologo da Bulla da S. Cruzada, ſendo nas cadeiras, e pulpito eloquentiſſimo. Foy tres vezes Prelado nos Conventos da ſua Religiaõ, ſendo o ultimo o de Noſſa Senhora da Graça em Lisboa. Correm impreſſos dous tomos ſeus, hum intitulado: *Tribunal contra os confeſſores ſolicitantes*, na lingoa Latina; outro: *Tribunal de Deſenganos* no noſſo idioma Portuguez; e outro que eſtà para ſe imprimir com o titulo: *Tribunal de Panegyricos.* Tem compoſto mais, e eſtaõ por imprimir na lingoa Latina os tomos ſeguintes: hum *de Conſcientia*, outro *de Sacramento penitentiæ*, outro *de Reſervatis in communi*, outro *de Reſervatis in particulari*, de todos os cazos dos Arcebiſpados, e Biſpados de Portugal: outro *de Reſervatis* dos Regulares *Ad Breve de Clemente oytavo*, e nelle introduzido o tratado *de Statu Religioſo, & Tractatu de Regularibus itenerantibus*, o tratado *de Regularibus tranſeuntibus de una in aliam Religionem*, o tratado *de Epiſcopo Regulari*, e o tratado *de Horis Canonicis.* Todos eſtes tomos tem o titulo: *Tribunal Theologo-Morale.* E finalmente, em todas as faculdades, e relevantes materias das melhores ſciencias, he eſte grande Padre taõ eſpecial, que em quaesquer dos ſeus eſcritos o achamos ſempre douto, ſempre elegante, que ſe a idea me naõ advertira o poder

eſtra-

estranharse-me na escrita a efficacia de seus abonos, pelas estreitas correlaçoens que entre nòs ha, larga materia tinha eu para que sem ultrajar a verdade, fosse nimiamente extenso nos seus elogios; porèm pelas razoens referidas, jà neste papel suspendo os vòos à penna, por naõ pôr em perigo a modestia.

FIM

Da Historia de Santarem edificada.

INDEX

INDEX

DAS COUZAS MAIS NOTAVEIS,

Que ſe contèm neſta II. Parte da Hiſtoria de Santarem.

A

B

C

D

F

G

H

I

L

Ma-

S

T

V

FIM.